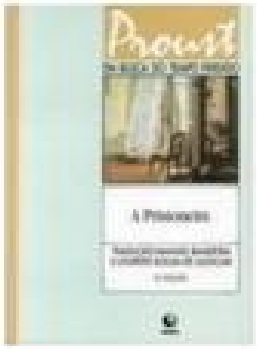
MARCEL PROUST

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

A PRISIONEIRA

volume 5



Romance francês
Tradução Fernando Py
Do original: *La prisionnere*
ISBN 85-00-00915-2
Brasil
ISBN 9721007250
Portugal

Este livro foi digitalizado por Raimundo do Vale Lucas, com a intenção de dar aos deficientes visuais a oportunidade de apreciarem mais uma manifestação do pensamento humano.

DIGITAL Source

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MARCEL PROUST

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

A PRISIONEIRA

volume 5

Romance francês

Tradução Fernando Py

Do original: *La prisionnere*

ISBN 85-00-00915-2

Brasil

ISBN 9721007250

Portugal

Este livro foi digitalizado por Raimundo do Vale Lucas, com a intenção de dar aos deficientes visuais a

oportunidade de apreciarem mais uma manifestação do pensamento humano.

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

PREFÁCIO

por Fernando Py

A Prisioneira

Quinto romance da série ***Em Busca do Tempo Perdido***, este ***A Prisioneira*** inaugura o chamado

"ciclo de Albertine", que continua e termina em *A Fugitiva.* É o primeiro dos três romances póstumos de

Marcel Proust e, embora não tenha sido deixado em versão definitiva pelo autor, está inteiramente

acabado quanto ao conteúdo. Sem ser dividido em capítulos, sua estrutura compreende, todavia, cinco

jornadas, ou séries de dias, estrutura que já foi comparada à de uma tragédia clássica.

A personagem de Albertine ganha aqui um relevo extraordinário, raiando pela obsessão.

Praticamente não há página em que seu nome não apareça ou em que não haja menção a ela, de tal

modo as análises psicológicas do Narrador têm como fundo o seu ciúme por ela, a quem mantém como

que seqüestrada em sua casa.

O mais importante, porém, é assinalar outro tipo de reflexões sobre literatura, onde, a partir de

comentários monologais quanto à obra musical de Vinteuil, Proust expõe, a grosso modo, o seu método

crítico e a maneira de empregá-lo embora não num sistema coeso, antes numa série de pequenas

notações que, no entanto, visam à generalidade e preparam as reflexões finais de *O Tempo Recuperado.*

Mas a maior marca deixada em *A Prisioneira* é a da morte: não só ocorrem as mortes de muitos

personagens do ciclo, especialmente as de Bergotte e de Charles Swann (a deste último, já previamente

assinalada em *Sodoma e Gomorra*, tem aqui um desenvolvimento emocionado por parte do Narrador),

como, especialmente na última jornada, ocupa uma posição de destaque nas reflexões e monólogos do

Narrador, desse modo antecipando a morte futura de Albertine e a noção de que o tempo, afinal, mais

uma vez, destrói todo amor. Por estas e outras considerações, *A Prisioneira* anuncia o final do ciclo e nele

acelera-se enormemente o tempo da narrativa, que progride vertiginosamente para o seu fim em ***O***

Tempo Recuperado.

Fernando Py

A PRISIONEIRA

Logo de manhã, a cabeça ainda virada para a parede, e antes de ter visto, acima das grandes

cortinas da janela, qual era o matiz da raia de luz, eu já sabia que tempo estava fazendo. Os primeiros

ruídos da rua já tinham informado, conforme chegassem amortecidos, desviados pela umidade ou

vibrantes como flechas na área ressoante e vazia de uma manhã espaçosa, gélida e pura; desde o rodar

do primeiro bonde, eu percebera se o tempo estava enregelado na chuva ou a caminho para o azul. E

talvez esses mesmos ruídos também tivessem sido precedidos por uma certa emanação mais rápida,

mais penetrante, que, deslizando através do meu sono, espalhasse nele uma tristeza anunciadora da

neve, ou fizesse entoar, a determinada personagenzinha intermitente, tão numerosos cânticos à glória do

sol, que estes acabavam por trazer até mim, que, ainda adormecido, principiava a sorrir e cujas pálpebras

fechadas se preparavam para o deslumbramento, um atordoante despertar em

música. Aliás, foi

sobretudo do meu quarto que, durante esse período, percebi a vida exterior. Sei que Bloch disse que,

quando vinha visitar-me à noite, ouvia o rumor de uma conversa; como minha mãe estava em Combray, e

ele jamais encontrava ninguém no meu quarto, concluiu que eu falava sozinho. Quando, muito mais tarde,

soube que Albertine então morava comigo, compreendendo que eu a escondera de todos, declarou que

via enfim o motivo pelo qual eu nunca desejava sair nessa época da minha vida. Enganava-se. Era, aliás,

bem desculpável, pois a realidade, mesmo se necessária, não é inteiramente previsível. Aqueles que

chegam a conhecer algum pormenor exato sobre a vida de outra pessoa, logo tiram dali conseqüências

que o não são, vendo no fato recém-descoberto, a explicação de coisas que precisamente não têm

nenhuma relação com ele.

Quando hoje penso que minha amiga fora morar, após o nosso regresso de Balbec, sob o mesmo

teto que eu, em Paris, que renunciara à idéia de fazer um cruzeiro, que tinha o seu quarto a vinte passos

do meu, no fim do corredor, no gabinete das tapeçarias de meu pai, e que todas as noites, bem tarde,

antes de me deixar, deslizava sua língua dentro da minha boca, como um pão diário, como um alimento

nutritivo e que tivesse a natureza quase sagrada de toda carne à qual os sofrimentos por que passamos

devido a ela acabam por conferir uma espécie de doçura moral, o que logo recordo, por comparação, não

é a noite que o capitão Borodino me permitiu que passasse no quartel, por um favor que, afinal, só curava

um incômodo passageiro, mas aquela em que meu pai dissera a mamãe que fosse dormir na cama junto

à minha. Desse modo, a vida, se mais uma vez deve livrar-nos de um sofrimento que parecia inevitável,

fá-lo em condições diversas, por vezes opostas, a ponto de que há quase um sacrilégio aparente em

constatar a identidade da graça outorgada!

Quando Albertine sabia por Françoise que, na noite de meu quarto de cortinas ainda cerradas, eu

não estava dormindo, não se incomodava de fazer um pouco de barulho ao se lavar no banheiro. Então,

com freqüência, em vez de esperar uma hora mais tardia, eu ia para um banheiro contíguo ao dela e que

era agradável. Outrora, um diretor teatral gastava centenas de milhares de francos para recamar de

esmeraldas verdadeiras um trono em que a diva representava o papel de imperatriz. Os Balés russos nos

ensinaram que simples jogos de luz, dirigidos aos pontos adequados, prodigalizam jóias tão suntuosas e

mais variadas. Todavia, essa decoração, mais imaterial já não é tão graciosa quanto aquela que, às oito

horas da manhã, o sol substitui à que tínhamos o hábito de ver quando só nos levantávamos ao meio-dia.

As janelas dos nossos dois banheiros, para que não nos vissem de fora, não eram lisas e sim

enrugadas por uma geada artificial e fora de moda. De repente o sol amarelava essa musselina de vidro,

dourava-a e, descobrindo suavemente em mim um rapaz mais velho que o hábito havia ocultado por

muito tempo, me embriagava de lembranças, como se eu me encontrasse em meio à natureza, diante

das folhagens douradas onde nem mesmo faltasse a presença de um pássaro. Pois ouvia Albertine

assobiar sem parar:

Les douleurs sont des folies

Et qui les écoute est encore plus fou.

["As dores são umas loucas,/ E quem as escuta mais louco ainda." (N. do T)]

Eu amava-a demais para não sorrir alegremente do seu mau gosto musical. Aliás, essa canção

tinha encantado a Sra. Bontemps no último verão; e esta, ouvindo dizer que se tratava de uma inépcia,

em vez de pedir a Albertine que a cantasse, quando estava com visitas, substituiu-a por:

Une chanson d'adieu sort des sources troublées

["Uma canção de adeus sai das fontes turvadas." (N. do T)]

Que por sua vez se tornou "uma chatice de Massenet com que a pequena nos martela os

ouvidos".

Uma nuvem passava, eclipsava o sol, e eu via extinguir-se e cobrir-se de grisalha a recatada e

folhuda cortina de vidro.

Os tabiques que separavam nossos banheiros (o de Albertine, todo igual, era um banheiro que

mamãe, tendo outro na parte oposta do apartamento, jamais utilizara para não me fazer barulho) eram

tão delgados que podíamos nos falar ao nos lavarmos cada qual no seu, prosseguindo uma conversa que

só o ruído da água interrompia, nessa intimidade que, num hotel, muitas vezes permite a exigüidade do

aposento e a aproximação das peças, mas que em Paris é bem rara.

De outras vezes, eu permanecia deitado, devaneando o tempo que quisesse, pois tinham ordem

de nunca entrar em meu quarto sem que eu tivesse tocado a campainha, o que, devido ao jeito incômodo

com que haviam colocado a pêra elétrica acima do meu leito, levava tanto tempo que, muitas vezes,

cansado de procurar alcançá-la e contente por estar sozinho, eu ficava alguns instantes quase que

readormecido. Não é que eu fosse absolutamente indiferente à estada de Albertine em nossa casa. A sua

separação das amigas conseguia aliviar meu coração de novos sofrimentos. Mantinha-o num repouso,

numa quase imobilidade, que o ajudavam a curar-se. Mas enfim essa

tranqüilidade que minha amiga me

proporcionava era antes apaziguamento da dor do que alegria. Não que não me permitisse gozar de

numerosas alegrias, às quais a dor muito viva me havia fechado, mas essas alegrias, longe de devê-las a

Albertine, que aliás eu já não achava bonita, com quem me aborrecia e a quem eu tinha a sensação nítida

de não amar, eu as gozava, ao contrário, quando Albertine não estava comigo. Assim, para começar a

manhã, não mandava que a chamassem logo, principalmente se fazia bom tempo. Durante alguns

momentos, e na certeza de que ele me fazia mais feliz do que Albertine, eu permanecia em colóquio

íntimo com a personagenzinha interior, cantante saudadora do sol e de que já falei. De todas as que

compõem o nosso indivíduo, não são as mais aparentes que nos são mais essenciais. Em mim, quando a

doença as tiver lançado uma por uma em terra, ficarão ainda umas duas ou três que terão vida mais dura

que as outras, notadamente um certo filósofo que só está feliz quando descobre uma porção comum

entre duas obras, entre duas sensações. Porém, às vezes tenho me perguntado se a última de todas não

seria o homenzinho, muitíssimo parecido a outro que o oculista de Combray havia colocado atrás de sua

vitrina para indicar o tempo que fazia, e que, tirando o capuz logo que fazia sol, voltava a pô-lo assim que

chovia. Eu conhecia o egoísmo desse homenzinho: posso estar sofrendo de uma crise de sufocação, que

só a queda da chuva acalmaria, mas ele pouco se importa e, às primeiras gotas tão impacientemente

aguardadas, perdendo sua alegria, repõe o capuz de mau humor. Em compensação, creio que, na minha

agonia, quando todos os meus outros "eus" estiverem mortos, se acontecer brilhar um raio de sol, a

personagenzinha barométrica, enquanto eu estiver exalando meus últimos suspiros, irá sentir-se bem à

vontade e retirará seu capuz para cantar: "Ah! finalmente faz bom tempo."

Eu chamava Françoise. Abria o *fígaro*. Procurava e acabava por verificar que nele não se

encontrava um artigo, ou tido como tal, que eu enviara a esse jornal e que nada mais era, um pouco

remodelada, do que a página, recentemente descoberta, outrora escrita no carro do doutor Percepied, ao

contemplar os campanários de Martinvil e. Depois, lia a carta de mamãe. Ela achava esquisito, chocante,

que uma moça morasse sozinha comigo. No primeiro dia, no momento de deixar Balbec, quando me vira

tão infeliz e se inquietara por deixar-me sozinho, talvez minha mãe se sentisse feliz ao saber que

Albertine viajaria conosco e ao ver que, com nossas malas, junto às quais eu passara a noite chorando no

hotel de Balbec, tinham posto no "tortinho" as de Albertine, estreitas e pretas, que me pareciam ter a

forma de ataúdes, sem que soubesse se iam trazer vida ou morte à minha casa. Mas nem havia pensado

nisso, tão contente que estava, naquela manhã radiosa, por levar Albertine comigo depois do medo de

ficar em Balbec. Mas a esse projeto, se no princípio minha mãe não lhe fora hostil (falando amavelmente

à minha amiga, como uma mãe cujo filho acaba de ser gravemente ferido, e que é reconhecida à jovem

namorada que dele cuidava com desvelo), passara a sê-lo desde que tal projeto se cumprira de todo e

que a estada da moça se prolongava em nossa casa, e na ausência dela e de meu pai. Todavia, não

posso dizer que minha mãe tenha me manifestado alguma vez essa hostilidade. Como antigamente,

quando deixara de ousar censurar-me o meu nervosismo e minha preguiça, agora sentia escrúpulos que

eu talvez não tenha adivinhado ou desejado adivinhar no momento em se arriscar, fazendo algumas

reservas acerca da moça com quem lhe dissera que ia me casar, a entristecer a minha vida, a me tornar

mais tarde menos devotado à minha mulher, a semear talvez, para quando ela própria já não existisse, o

remorso de a ter desgostado ao casar com Albertine. Mamãe preferia parecer aprovar uma escolha da

qual sentia não poder remover-me. Mas todos os que a viam por essa época disseram-me que, à dor de

ter perdido a mãe, acrescentava-se um ar de constante preocupação. Essa

contenção de espírito, essa

discussão interior, davam a mamãe um grande calor nas têmporas, e ela abria constantemente as janelas

para se refrescar. Mas não chegava a tomar qualquer decisão, por medo de me "influenciar" num mau

sentido e de estragar aquilo que julgava ser a minha felicidade. Nem mesmo podia resolver-se a impedir

que eu conservasse Albertine provisoriamente na casa. Não desejava mostrar-se mais severa que a Sra.

Bontemps, que era a maior interessada naquilo e não lhe via inconveniente algum, o que muito

surpreendia minha mãe. Em todo caso, lamentava ter sido obrigada a nos deixar ambos sozinhos,

partindo justo naquela ocasião para Combray, onde poderia ter de ficar (e de fato ficou) longos meses,

durante os quais minha tia precisou incessantemente dela dia e noite. Lá, tudo lhe foi facilitado graças à

bondade e ao devotamento de Legrandin que, não recuando diante de nenhum sacrifício, adiou semana

após semana o seu regresso a Paris, sem conhecer muito a minha tia, simplesmente, em primeiro lugar,

porque fora amiga de sua mãe, e depois porque sentiu que a enferma, condenada, gostava de seus

cuidados e não podia passar sem ele. O esnobismo é uma grave doença da alma, porém localizada, e

que não a estraga de todo. Entretanto, eu, ao contrário de mamãe, estava bem feliz com a sua ida para

Combray, sem a qual teria receado (sem poder dizer a Albertine que a ocultasse) que ela descobrisse a

sua amizade com a Srta. Vinteuil. Para minha mãe, isso teria sido um obstáculo absoluto não só a um

casamento, do qual, aliás, pedira-me que não falasse ainda em definitivo à minha amiga, e cuja idéia era-

me cada vez mais intolerável, mas também a que Albertine passasse algum tempo em nossa casa. A não

ser esse motivo tão grave e que ela ignorava, mamãe, pelo duplo efeito da imitação edificante e

libertadora de minha avó, admiradora de George Sand, para quem a virtude consistia na nobreza do

coração, e, por outro lado, de minha própria influência corruptora, era agora indulgente para com

mulheres sobre cuja conduta se mostrara severa antigamente, ou mesmo nos dias de hoje, se se tratasse

de suas amigas burguesas de Paris ou de Combray, mas de quem eu lhe gabava a grande alma e às

quais ela perdoava em grande parte porque gostavam muito de mim. Apesar de tudo, e mesmo sem falar

na questão das conveniências, creio que Albertine não teria tolerado mamãe, que conservara de

Combray, de minha tia Léonie, de todos os parentes, hábitos de ordem de que minha amiga não tinha a

menor noção. Não teria fechado uma porta e, em compensação, não ficaria mais constrangida que um

cão ou um gato de entrar quando uma porta estivesse aberta. Seu encanto um

pouco incômodo era,

assim, o de estar na casa menos como uma moça do que feito um animal doméstico que entra numa

sala; que sai, que se encontra em toda parte onde não é esperado, e que vinha; era para mim um

repouso profundo; jogar-se em minha cama a meu lado, arrumando um lugarzinho de onde não se mexia

mais, sem incomodar, como o teria feito uma pessoa. Entretanto, acabou por dobrar-se às minhas horas

de sono, e evitou não só entrar no meu quarto, mas fazer barulho antes que eu tivesse tocado a

campainha. Foi Françoise quem impôs essas regras. Era dessas criadas de Combray que conhecem o

valor do patrão e acham que o menos que podem fazer é exigir que tenham com ele todas as atenções

que julgam lhe serem devidas.

Quando um visitante estranho dava a Françoise uma gorjeta para que a dividisse com a criada de

cozinha, o doador mal tinha tempo de entregá-Ia, e já Françoise, com uma rapidez, uma discrição e uma

energia iguais, passara a lição à criada de cozinha, que vinha agradecer não com meias palavras, mas

francamente, em voz alta, como Françoise lhe havia dito que era necessário fazer.

O cura de Combray não era um gênio, mas ele também sabia o que se devia fazer. Sob sua

orientação, a filha dos primos protestantes da Sra. Sazerat se convertera ao catolicismo, e a família tivera

um comportamento exemplar para com ele, ao se tratar de um casamento com um nobre de Méséglise.

Os pais do rapaz escreveram, para pedir informações, uma carta bastante desdenhosa e onde era

depreciada a origem protestante da moça. O cura de Combray respondeu em tom tão enérgico, que o

nobre de Méséglise, curvo e prosternado, escreveu outra carta bem diferente, na qual solicitava, como o

mais precioso favor, unir-se à jovem.

Françoise não teve mérito em fazer respeitar o meu sono por Albertine. Estava imbuída da

tradição. Por um silêncio que manteve, ou pela resposta peremptória que deu a um pedido de entrar no

meu quarto ou de me perguntar alguma coisa, que inocentemente formulara Albertine, esta compreendeu,

com assombro, achar-se em um mundo estranho, de costumes desconhecidos, regulados por leis de vida

que ninguém podia pensar em transgredir. Já tivera um primeiro pressentimento daquilo em Balbec, mas

em Paris não tentou sequer resistir e esperou pacientemente, todas as manhãs, o meu toque de

campainha para ter coragem de fazer barulho.

Aliás, a educação que lhe deu Françoise foi salutar até mesmo para a nossa velha criada,

acalmando aos poucos os gemidos que, desde a nossa volta de Balbec, ela não deixara de soltar. Pois,

no momento de subir para o trem, percebera que havia esquecido de despedir-se da "governanta" do

hotel, criatura bigoduda que supervisionava os andares, mal conhecia Françoise, mas fora relativamente

cortês com ela. Françoise queria porque queria voltar, descer do trem, regressar ao hotel, fazer suas

despedidas à governanta e só partir no dia seguinte. O juízo e sobretudo o meu súbito horror a Balbec me

impediram de conceder-lhe essa graça, mas ela cultivara um mau-humor doentio e arrebatado que a

mudança de clima não fora bastante para fazer abrandar e que se prolongou em Paris. Pois, segundo o

código de Françoise, tal como está representado nos baixos-relevos de Saint-André-des-Champs, desejar

a morte do inimigo, e até matá-lo, não é proibido, porém é horrível não fazer o que se deve, não retribuir

uma gentileza, não despedir-se antes de partir, como uma perfeita grosseirona, de uma governanta de

hotel.

Durante toda a viagem, a lembrança, a cada instante renovada, de que não apresentara suas

despedidas àquela mulher, fazia subir às faces de Françoise uma vermelhidão que podia assustar. E, se

recusou beber e comer até Paris, foi mais talvez porque tal lembrança lhe dava um "peso" real "no

estômago" (cada classe social tem sua patologia) do que para nos punir.

Entre as razões por que mamãe me enviava todos os dias uma carta e uma carta onde nunca

estava ausente alguma citação da Sra. de Sévigné- havia a recordação de minha avó. Mamãe me

escrevia: "A Sra. Sazerat nos ofereceu um desses almoços de que ela possui o segredo e que, como

teria dito a tua pobre avó, citando a Sra. de Sévigné, nos retiram a solidão sem nos trazer a sociedade."

Em minhas primeiras respostas cometi a asneira de escrever a mamãe: "A essas citações, tua mãe te

reconheceria de imediato." O que me valeu, três dias depois, este bilhete: "Meu pobre filho, se era para

me falar de minha mãe, foste muito infeliz ao invocar a Sra. de Sévigné. Ela teria respondido como o fez à

Sra. de Grignan: 'Então ela não era nada sua? Pensei que fossem parentes."

No entanto, eu escutava os passos de minha amiga que saía ou entrava em seu quarto. Tocava a

campainha, pois era a hora em que Andrée ia chegar com o motorista, amigo de Morel e emprestado

pelos Verdurin, para buscar Albertine. Tinha lhe falado da longínqua possibilidade de nos casarmos;

porém jamais o fizera de modo formal; ela própria, por discrição, quando eu dissera:

"não sei, mas talvez fosse possível", sacudira a cabeça com um sorriso melancólico, dizendo:

- Não, não, não seria - o que significava: "sou pobre demais".

E então, apesar de dizer-lhe "nada é menos certo" quando se tratava de projetos para o futuro,

atualmente fazia tudo para distraí-la, tornando-lhe a vida agradável, procurando talvez também, de modo

inconsciente, fazê-la desse modo desejar casar comigo. Ela mesma ria de todo esse luxo.

- A mãe de Andrée é que vai fazer uma cara quando me vir transformada numa dama rica feito

ela, o que ela chama uma dama que tem "cavalos, carruagens, quadros". Como? Nunca lhe contei que

ela dizia isso? Oh! É uma figura! O que me espanta é que ela ergue os quadros à dignidade dos cavalos

e das carruagens.

Pois veremos mais tarde que, apesar dos modos estúpidos de falar que lhe haviam ficado,

Albertine se desenvolvera de forma assombrosa, o que me era de todo em todo indiferente, pois as

superioridades do espírito de uma mulher me haviam sempre despertado tão diminuto interesse que, se

as apontei a uma ou outra, tinha sido por pura cortesia. Somente o curioso gênio de Céleste talvez me

tivesse agradado. Contra a vontade, eu sorria durante alguns momentos quando, por exemplo, sabendo

que Albertine não se achava presente, ela me abordava com essas palavras:

- Divindade do céu deposta num leito! -

Eu dizia:

- Ora, Céleste, por que "divindade do céu"?

- Se o senhor imagina que se parece com esses que andam em nossa terra vil, está muito

enganado!

- Mas por que "deposto" num leito? Você vê muito bem que estou deitado.

- O senhor nunca está deitado. Alguma vez já se viu alguém deitado assim? O senhor veio pousar

aí. Neste momento o seu pijama, todo branco, e os movimentos de seu pescoço, dão-lhe o aspecto de

uma pomba.

Mesmo na ordem das coisas tolas, Albertine expressava-se de modo diverso da mocinha que era

poucos anos antes em Balbec. Chegava a ponto de declarar, a propósito de um acontecimento político

que reprovava:

- Acho isso formidável -, e não sei se foi por essa época que aprendeu a dizer, para indicar que

achava um livro mal escrito: - É interessante, mas, por exemplo, está escrito como se o fosse por um

porco.

Divertia-a bastante a proibição de entrar em meu quarto antes que eu tivesse tocado a campainha.

Como adquirira o nosso hábito familiar das citações, e utilizava para tanto as das peças que havia

representado no convento e que eu dissera que apreciava, comparava-me sempre a Assuero:

Et la mort est le prix de tout audacieux/ Qui sans être appelé se présente à ses yeux.

Rien ne met à /'abri de cet ordre fatal, Ni le rang, ni le sexe, et le crime est éga/.Moi même...

Je suis à cette foi comme une autre soumise, Et sans /e prevenir i/ Taut pour lui parler

Qu'il me cherche ou du moins qu'il me asse appeler.

[E a morte é a recompensa de todo atrevido/ Que sem ser chamado se apresenta a seus olhos.// Nada.

me livra dessa ordem fatal, / Nem a posição, nem o sexo; e o crime é igual./ / Eu mesma... / Como

qualquer outra estou submetida a essa lei, / E sem preveni-lo, se lhe quero falar/ É preciso que ele venha

ou me mande chamar." (Racine, Esther, ato I, cena III, v. 195-96 [Racine escreve "à leurs yeux 9, 199-200

e 201-204.) (N. do T)]

Fisicamente, ela também havia mudado. Seus longos olhos azuis mais alongados não tinham

conservado a mesma forma; possuíam a mesma cor, mas pareciam ter passado ao estado líqüido. De

modo que, ao fechá-los, era como quando a gente impede, com cortinas, a vista do mar. Era sem dúvida

dessa parte dela mesma que eu principalmente me lembrava, ao deixá-la todas as noites. Pois, por

exemplo, bem ao contrário, pelas manhãs, o crespo de seus cabelos me causou durante muito tempo a

mesma surpresa, como uma coisa nova que eu jamais tivesse visto. E, no entanto, acima do olhar risonho

de uma moça, o que existe de mais belo que essa coroa anelada de violetas negras? O sorriso propõe

mais amizade; mas os aneizinhos envernizados dos cabelos em flor, mais parentes da carne, da qual

pareciam a transposição em pequeninas ondas, captam melhor o desejo.

Mal entrava em meu quarto, ela saltava sobre a cama e às vezes definia o meu tipo de

inteligência, jurava, num transporte sincero, que preferiria morrer a me deixar: eram os dias em que eu

me barbeara antes de mandar chamá-la. Albertine era dessas mulheres que não sabem distinguir a razão

do que sentem. O prazer que lhes causa uma pele fresca, explicam-no pelas qualidades morais daquele

que lhes parece, para seu futuro, representar uma felicidade, aliás passível de diminuir e de tornar-se

menos necessária à medida que se deixa crescer a barba.

Perguntava-lhe aonde pensava ir.

- Creio que Andrée quer me levar aos Buttes-Chaumont, que não conheço.-

Claro que me era impossível adivinhar, entre tantas outras palavras, se por trás destas se

escondia uma mentira. Aliás, eu tinha esperança de que Andrée me dissesse todos os locais a que iria

com Albertine. Em Balbec, quando me sentia muito cansado de Albertine, pretendera dizer

mentirosamente a Andrée:

"Minha querida Andrée, se tivesse voltado a vê-la mais cedo! Era você a quem eu teria amado.

Mas agora o meu coração está preso alhures. Ainda assim, podemos ver-nos amiúde, pois meu amor por

outra me causa grandes aflições e você me ajudará a consolar-me."

Ora, essas mesmas palavras mentirosas tornaram-se verdadeiras três semanas mais tarde.

Talvez Andrée tivesse acreditado em Paris que se tratava de fato de uma mentira, e que eu a amava,

como sem dúvida o teria acreditado em Balbec; pois a verdade muda de tal maneira para nós que aos

outros custa muito reconhecerem-se nela. E, como eu sabia que ela haveria de contar-me tudo o que

teriam feito, ela e Albertine, eu lhe pedira, e ela concordara, que viesse buscá-la quase todos os dias.

Poderia desse modo, sem preocupações, ficar em casa. E esse prestígio de ser Andrée uma das moças

do "pequeno grupo" dava-me confiança de que ela obtivesse tudo o que eu queria de Albertine. Na

verdade, poderia dizer-lhe agora, com toda a sinceridade, que ela seria capaz de me tranqüilizar. Por

outro lado, a escolha de Andrée (que acontecia achar-se em Paris, tendo renunciado a seu projeto de

voltar a Balbec) como guia de minha amiga relacionava-se ao que Albertine me contara da afeição que

sua amiga sentira por mim em Balbec, num momento em que, pelo contrário, eu receava aborrecê-la, e,

se eu o tivesse sabido então, seria talvez Andrée aquela a quem teria amado.

- Como, não sabia? - indagou Albertine -, e todavia gracejávamos sobre isso entre nós. - Além do

mais, não reparou que ela tinha dado para imitar o seu modo de falar e raciocinar? Principalmente

quando acabava de deixá-lo, era assombroso. Ela não precisava dizer se o tinha visto. Quando chegava,

se tinha estado com você, isto se via no primeiro instante. Nós nos entre olhávamos e ríamos. Ela era

como um carvoeiro que gostaria que acreditassem que não é carvoeiro, embora esteja preto. Um moleiro

não precisa dizer que é moleiro, isto se percebe muito bem por toda a farinha que o cobre: ainda traz a

marca dos sacos que carregou. No caso de Andrée era a mesma coisa, ela franzia as sobrancelhas como

você, depois o longo pescoço; enfim, nem sei como explicar. Quando pego um livro que esteve em seu

quarto, posso ir lê-lo lá fora; ainda assim, todos sabem que procede de você, pois conserva algo de suas

horríveis fumigações. É uma coisa de nada, não sei lhe dizer, mas no fundo é um nada bastante

agradável. Toda vez que alguém falava de você com simpatia, ou dava a impressão de tê-lo em alta

consideração, Andrée ficava encantada.

Apesar de tudo, para evitar que houvesse algo preparado sem meu conhecimento, aconselhei-a a

abandonar naquele dia o passeio aos Buttes-Chaumont e ir de preferência à Saint-Cloud, ou a outro

lugar.

É certo que isso não queria dizer que eu amasse Albertine nem um pouco. O amor talvez não

passe da propagação desses redemoinhos que, em seguida a uma emoção, comovem a alma. Alguns

deles tinham remexido com minha alma inteira quando Albertine, em Balbec, me falara da Srta. Vinteuil,

mas agora estavam parados. Eu já não amava Albertine, pois não me restava mais coisa alguma do

sofrimento, agora curado, que eu tivera no trem, em Balbec, ao saber como fora a adolescência delas,

talvez com visitas à Montjouvain. Pensara demais em tudo isso, estava curado. Mas, por instantes, certos

modos de falar de Albertine me faziam supor - não sei porquê - que ela deveria ter recebido, em sua vida

ainda tão curta, muitos galanteios e declarações, e tê-los recebido com prazer, ou seja, com

sensualidade. Assim, dizia ela a propósito de qualquer coisa:

- É verdade? É verdade mesmo? -

Decerto, se houvesse dito como uma Odette:

- É verdade mesmo essa grande mentira? - eu não me inquietaria, pois o próprio

ridículo da

fórmula era explicado por uma estúpida banalidade de espírito feminino. Mas seu ar interrogativo: - É

verdade? dava, por um lado, a estranha impressão de uma criatura que não pode perceber as coisas por

si mesma, que apela para o nosso testemunho, como se não possuísse as mesmas faculdades que nós

(diziam-lhe: "Faz uma hora que partimos", ou "chove", e ela perguntava: "É verdade?"). Infelizmente, por

outro lado, essa dificuldade de se dar conta por si mesma dos fenômenos exteriores não devia ser a

verdadeira origem de "É verdade? É verdade mesmo?". Antes parecia que tais palavras teriam sido,

desde sua nubilidade precoce, respostas aos: "Sabe que jamais encontrei uma criatura tão linda como

você", "sabe que sinto um grande amor por você, que estou num estado de excitação terrível", afirmações

às quais respondiam, com uma modéstia faceiramente aprovadora, esses "É verdade? É verdade

mesmo?", os quais só serviam a Albertine, em suas relações comigo, para responder com uma pergunta

a uma afirmação do tipo:

-Você dormiu mais de uma hora. - É verdade?

Sem me sentir absolutamente enamorado de Albertine, sem contar no número dos prazeres os

momentos que passávamos juntos, continuara preocupado com o emprego de seu

tempo; certamente,

fugira eu de Balbec para estar seguro de que ela não poderia mais ver tal ou qual pessoa com quem eu

receava tanto que ela se comportasse mal, rindo-se, talvez rindo de mim, que havia tentado habilmente

romper de um só golpe, com minha partida, todas as suas más relações. E Albertine era dotada de uma

tal força de passividade, tão grande faculdade de esquecer e de se submeter, que essas relações de fato

tinham sido rompidas, curando a fobia que me atormentava. Porém esta pode se apresentar sob tantas

formas quanto o mal incerto que é o seu objetivo. Enquanto meu ciúme não se reencarnava em novas

criaturas, eu tivera, depois de passados os meus sofrimentos, um intervalo de calma. Mas o menor

pretexto serve para fazer renascer uma doença crônica, como aliás a menor ocasião pode servir para

que, após uma trégua de castidade, se exerça de novo, com criaturas diversas, o vício da pessoa que é a

causa deste ciúme. Eu conseguira separar Albertine de suas cúmplices e, desse modo, exorcizar minhas

alucinações; se era possível fazê-la esquecer as pessoas, tornar breves os seus relacionamentos, todavia

o seu gosto pelo prazer era igualmente crônico e talvez só esperasse uma oportunidade para saciar-se.

Ora, Paris fornece tantas ocasiões para isto como Balbec. Em qualquer cidade ela não precisaria

procurar, pois o mal não estava em Albertine apenas, mas em outras, para as quais toda ocasião de

prazer é boa. O olhar de uma, logo entendido pela outra, aproxima as duas famintas. E é fácil a uma

mulher sagaz dar a impressão de não ver, e cinco minutos depois dirigir-se à pessoa que a compreendeu

e a está esperando numa rua transversal, e, com duas palavras, marcar um encontro. Quem saberá

jamais? E era tão simples para Albertine dizer-me, para que aquilo continuasse, que desejava rever

determinado ponto de Paris que lhe agradara. Assim, bastava que ela regressasse muito tarde, que seu

passeio tivesse durado um tempo inexplicável, embora talvez bem fácil de ser explicado sem a ocorrência

de qualquer motivo sensual, para que meu mal renascesse, desta vez relacionado a representações que

não eram de Balbec, e que eu me esforçaria, como às precedentes, para destruir, como se a destruição

de uma causa efêmera pudesse carrear consigo a de um mal congênito. Eu não me dava conta de que

nessas destruições, onde tinha por cúmplice, em Albertine, a sua faculdade de mudar, a sua força de

esquecer, quase de odiar, o objeto recente de seu amor, causava por vezes uma dor profunda a tal ou

qual das criaturas desconhecidas com quem ela sucessivamente desfrutara o prazer, e que era debalde

que causava essa dor, pois essas criaturas seriam abandonadas porém

substituídas; e, paralelamente ao

caminho balizado por tantos abandonos que ela cometeria levianamente, outro prosseguiria implacável

para mim, apenas interrompido por muito breves intervalos; de modo que, pensando bem, meu sofrimento

não podia ter um fim senão comigo ou com Albertine.

Mesmo nos primeiros tempos da nossa chegada a Paris, insatisfeito com as informações que

Andrée e o motorista me haviam passado sobre os passeios que faziam com minha amiga, eu sentira os

arredores de Paris tão cruéis como os de Balbec e saíra em viagem por alguns dias com Albertine. Mas

em toda parte a incerteza sobre o que ela fazia era a mesma; as possibilidades de que fosse o mal,

igualmente numerosas, a vigilância ainda mais difícil, de forma que voltei com ela a Paris. Na verdade, ao

deixar Balbec, julgara abandonar Gomorra, arrancando Albertine de lá; ai de mim, Gomorra andava

espalhada pelos quatro cantos do mundo. E parte devido ao meu ciúme, parte por ignorância dessas

alegrias (caso que é bastante raro), eu havia regulado, sem o saber, esse jogo de esconde-esconde em

que Albertine me fugiria sempre.

Interrogava-a à queima-roupa:

- Ah, a propósito, Albertine, será que sonhei ou você me disse que conhecia Gilberte Swann?

- Sim, quer dizer, ela me falou no curso, porque possuía os cadernos de História da França, até foi

muito gentil e me emprestou os cadernos, que devolvi assim que tornei a vê-la.

- Será que ela é do tipo das mulheres de quem não gosto?

-Oh, de jeito nenhum; pelo contrário.

Mas, em vez de me entregar a esse gênero de conversas inquiridoras, dedicava-me com

freqüência a imaginar o passeio de Albertine, as forças que não empregava em fazê-lo, e falava à minha

amiga com esse ardor que os projetos irrealizados conservam inato. Expressava tamanha vontade de

rever determinado vitral da Sainte-Chapel e, tamanha pena de não poder fazê-lo sozinho em sua

companhia, que ela me respondia com ternura:

- Mas, meu querido, já que isso lhe agrada tanto, faça um pequeno esforço, venha conosco.

Esperaremos o tempo que você quiser até que fique pronto. Além disso, se lhe agrada mais estar sozinho

comigo, basta mandar embora Andrée, ela voltará em outra ocasião. -

Mas esses mesmos pedidos de sair aumentavam a tranqüilidade que me permitia ficar em casa.

Eu não imaginava que a apatia em descarregar desse modo sobre Andrée ou o motorista os

cuidados de acalmar a minha agitação, deixando-lhes a tarefa de vigiar Albertine, paralisasse em mim,

tornando inertes, todos esses movimentos imaginativos da inteligência, todas as

inspirações da vontade

que auxiliam a adivinhar e a impedir o que uma pessoa vai fazer. Era tanto mais perigoso, visto que, por

natureza, o mundo das possibilidades sempre me estivera mais aberto que o da contingência real. Isto

ajuda a conhecer a alma, porém a gente se deixa enganar pelos indivíduos. Meu ciúme nascia através de

imagens, devido a um sofrimento e não de acordo com uma probabilidade. Ora, pode haver na vida dos

homens e dos povos (e um dia deveria haver na minha) um momento em que seja necessário ter dentro

de si um chefe de polícia, um diplomata de larga visão, um delegado de segurança, que, ao invés de

pensar nos possíveis que estende aos quatro pontos cardeais, raciocina corretamente, dizendo consigo:

"Se a Alemanha declara isto, é que nos deseja fazer outra coisa, não uma outra coisa vaga, mas

precisamente esta ou aquela que talvez já esteja começada. Se determinada pessoa fugiu, não foi para

os locais a, b ou d, mas para o ponto c, e o local onde é necessário realizar nossas buscas é etc." Ai de

mim, essa faculdade, não muito desenvolvida em mim, eu a deixava entorpecer-se, perder suas forças,

desaparecer, ao me habituar a ficar sossegado no momento em que outros se ocupavam da vigilância por

mim. Quanto à razão desse desejo, ter-me-ia sido desagradável externá-la a Albertine. Dizia-lhe que o

médico me ordenara que permanecesse deitado. Não era verdade. E, mesmo que o fosse, suas

prescrições não me impediriam de acompanhar a minha amiga. Pedia a esta que me dispensasse de

acompanhá-la e à Andrée.

Direi apenas uma das razões, e que era uma razão de cautela. Quando saía com Albertine, por

um momento em que ela ficasse sem mim, eu me mostrava inquieto, imaginava que ela talvez falasse a

alguém ou apenas olhasse alguém. Se ela não estava de muito bom humor, eu logo pensava que a

estava fazendo perder ou adiar um projeto. A realidade não passa jamais de uma isca lançada a um

desconhecido em cujo caminho não podemos ir muito longe. É preferível não saber, pensar o menos

possível, não fornecer ao ciúme o menor detalhe concreto. Infelizmente, à falta da vida exterior, os

incidentes igualmente são causados pela vida interior; à falta dos passeios de Albertine, as

eventualidades encontradas nas reflexões que eu fazia sozinho forneciam-se às vezes esses pequenos

retalhos de realidade que atraem a si próprios, como um ímã, um pouco do desconhecido, que desde

então faz-se doloroso. Por mais que se viva sob o equivalente de uma campânula pneumática, as

associações de idéias e as lembranças continuam a agir.

Mas semelhantes choques internos não ocorriam de imediato; logo que Albertine saía para seu

passeio, eu me sentia revivescer, nem que fosse apenas por alguns segundos, pelas virtudes exaltantes

da solidão. Tomava a minha parte nos prazeres do dia que principiava; o desejo arbitrário a veleidade

caprichosa e puramente minha-de gozá-los não teria bastado para pô-los à minha disposição, se o tempo

especial que fazia não me tivesse não só evocado imagens passadas, como afirmado a realidade atual,

imediatamente acessível a todos os homens a que uma circunstância contingente (e, por conseguinte,

desprezível) não forçasse a ficar em casa.

Em alguns dias bonitos fazia tanto frio, estávamos em tão ampla comunicação com a rua que

parecia que haviam derrubado as paredes da casa, e cada vez que passava o bonde o seu timbre

ressoava como o teria feito uma faca de prata batendo numa casa de vidro. Mas era sobretudo em mim

que eu ouvia inebriado um som novo emitido pelo violino interior. Suas cordas são retesadas ou soltas

por simples diferenças de temperatura e da luz exteriores. Em nosso ser, instrumento que a uniformidade

do hábito fez silencioso, o canto nasce desses desvios, dessas variações, origem de toda música: o

tempo que faz em certos dias transporta-nos logo de uma nota a outra. Reencontramos a ária esquecida

cuja necessidade matemática poderíamos ter adivinhado e que nos primeiros instantes cantamos sem

conhecer. Somente essas modificações internas, conquanto vindas de fora, renovariam para mim o

mundo exterior. Portas de comunicação, desde há muito condenadas, reabririam-se em meu cérebro. A

vida de certas cidades, a alegria de certos passeios retomavam o seu lugar em mim. Fremindo todo

inteiro ao redor da corda vibrante, eu teria sacrificado minha mortiça vida de outrora e o meu porvir,

apagados pela borracha do hábito, por esse estado tão particular.

Se eu não tinha ido acompanhar Albertine em seu longo passeio, meu espírito vagabundeava

mais ainda e, por haver recusado desfrutar com os sentidos aquela manhã, gozava em imaginação todas

as manhãs parecidas, passadas ou possíveis, mais precisamente um gênero de manhãs de que as do

mesmo tipo não eram mais que a intermitente aparição, e que eu logo reconhecia; pois o ar vivo se

incumbia de virar as páginas necessárias, e eu achava bem indicado diante de mim, para poder segui-lo

do meu leito, o evangelho do dia. Essa manhã ideal enchia meu espírito de realidade permanente,

idêntica a todas as manhãs parecidas, e me comunicava uma alegria que meu estado de debilidade não

fazia diminuir; o bem estar resulta, para nós, muito menos de nossa boa saúde que do excedente não

empregado de nossas forças; podemos alcançá-lo tanto aumentando estas, como restringindo a nossa

atividade. A que transbordava em mim e que eu mantinha em potencial em meu leito, fazia-me

estremecer, saltar interiormente, como uma máquina que, impedida de mudar de lugar, gira sobre si

mesma.

Françoise vinha acender o fogo e, para fazê-lo, lançava nele alguns raminhos, cujo aroma,

esquecido durante todo o verão, descrevia em torno da lareira um círculo mágico, dentro do qual, vendo-

me a mim mesmo no ato de ler, ora em Combray, ora em Doncieres, sentia-me tão contente,

permanecendo em meu quarto em Paris, como se estivesse a ponto de sair em passeio para os lados de

Méséglise ou de reencontrar Saint-Loup e seus amigos em serviço no campo. Acontece muitas vezes que

o prazer que todos os homens sentem em rever as lembranças que sua memória colecionou é mais vivo,

por exemplo, naqueles a quem a tirania do mal físico e a esperança diária de cura privam, por um lado,

de ir buscar na natureza os quadros que se assemelham a tais lembranças e, por outro lado, deixam bem

confiantes de o poderem fazer em breve, para ficarem diante deles em estado de desejo, de apetite, e

não considerá-los apenas como lembranças, como quadros. Porém, mesmo que nunca mais devessem

ser senão isso para mim, e pudesse eu, ao recordá-los, revê-los somente, de súbito já se refaziam em

mim, totalmente de mim, pela virtude de uma sensação idêntica, a criança e o adolescente que os tinha

visto. Não houvera apenas mudança de tempo lá fora, ou modificação de aromas no quarto, mas, em

mim, diferença de idade, substituição de pessoa. No ar gelado, o aroma dos raminhos de árvore era como

um pedaço do passado, uma banquisa invisível destacada de um inverno antigo e avançando pelo quarto

adentro, aliás muitas vezes estriada por tal perfume, tal clarão, como por anos diferentes onde eu me

achava remergulhado, e até mesmo invadido, antes que os houvesse identificado pela alegria de

esperanças abandonadas há muito. O sol chegava até minha cama e atravessava o tabique transparente

de meu corpo adelgaçado, aquecia-me, tornava-me ardente como o cristal. Então, convalescente famoso

que já se repasta de todas as iguarias que ainda lhe recusam, eu me perguntava se casar com Albertine

não estragaria a minha vida, ou fazendo-me assumir o encargo, pesado demais para mim, de me

consagrar a outra criatura, ou forçando-me a viver ausente de mim mesmo por causa de sua presença

contínua, e privando-me para sempre das alegrias da solidão. E não somente dessas. Mesmo não

pedindo ao dia senão desejos, existem alguns-os que são provocados não mais

pelas coisas e sim pelas

criaturas-cuja natureza é serem individuais. Assim, se, saltando da cama, ia abrir por um instante as

cortinas da janela, não era apenas como um músico abre por um momento o seu piano, e para verificar

se, sobre o balcão e na rua, a luz do sol estava exatamente no mesmo diapasão que na minha

lembrança; era também para avistar alguma lavadeira carregando o seu cesto de roupa, uma padeira de

avental azul, uma leiteira com um babador e mangas de algodão branco, segurando o gancho em que

estão suspensas as garrafas de leite, alguma altiva jovem loura seguindo a sua governanta, uma imagem

enfim cuja diferença de linhas, talvez quantitativamente insignificantes, bastava para fazer tão diferente

de qualquer outra como, para uma frase musical, a diferença de duas notas, e sem cuja visão eu teria

empobrecido o dia dos objetos que ele podia propor a meus desejos de felicidade. Mas, se o excesso de

alegria, trazido pela visão das mulheres impossíveis de imaginara *priori*, fazia-me mais desejáveis, mais

dignas de serem exploradas, a rua, a cidade, o mundo, dava-me, por isso mesmo a sede de ficar curado,

de sair e, sem Albertine, de ser livre. Quantas vezes, no momento em que a mulher desconhecida com

quem eu ia sonhar passava diante de casa, ora a pé, ora a toda velocidade de seu automóvel, sofri

porque meu corpo não pôde seguir o meu olhar que a agarrava e, caindo sobre ela como que atirado do

vão da minha janela por um arcabuz, deter a fuga do rosto no qual me esperava a oferta de uma ventura

que eu, assim enclausurado, jamais poderia desfrutar!

Em compensação, nada mais me restava para descobrir de Albertine. A cada dia ela me parecia

menos bonita. Somente o desejo que excitava nos outros, quando, ao percebê-lo, eu começava a sofrer e

queria disputá-la aos demais, a elevava em meus sonhos a um alto patamar. Ela era capaz de me causar

sofrimento, mas de modo algum alegria. Só pelo sofrimento é que subsistia a minha tediosa ligação.

Quando ela desaparecia, e com ela a necessidade de acalmar essa ligação, exigindo toda a minha

atenção como uma distração atroz, eu sentia o nada que ela era para mim, que eu devia ser para ela.

Sentia-me infeliz com a duração desse estado e por momentos desejava conhecer algo terrível que ela

tivesse feito e que fosse capaz de nos deixar brigados até que eu me curasse, o que permitiria que nos

reconciliássemos, que reatássemos de modo diverso e mais flexível a corrente que nos una. Enquanto

esperava, encarregava mil circunstâncias, mil prazeres, de lhe proporcionarem junto a mim a ilusão dessa

felicidade que eu já não me sentia capaz de lhe oferecer. Logo que estivesse curado, gostaria de partir

para Veneza; mas como fazê-lo se me casasse com Albertine, eu tão ciumento dela que, mesmo em

Paris, quando me resolvia a mexer-me era para sair com ela? Mesmo quando ficava em casa a tarde

inteira, meu pensamento a seguia em seu passeio, descrevia um horizonte longínquo, azulado,

engendrava em torno ao centro que eu era uma zona móvel de incerteza e vaguidão.

- "O quanto Albertine", dizia comigo, "me pouparia as angústias da separação se, no decurso de

um desses passeios, vendo que não mais lhe falava de casamento, decidisse não regressar e partisse

com a tia, sem que eu precisasse de lhe dizer adeus!"-

Meu coração, desde que sua chaga cicatrizava, já principiava a não aderir ao da minha amiga; por

meio da imaginação, eu podia substituí-la, afastá-la de mim sem sofrer. Por certo, na falta de mim

mesmo, algum outro seria seu esposo e, livre, ela talvez tivesse dessas aventuras que me causavam

horror. Mas fazia um tempo tão lindo, eu estava tão seguro de que ela regressaria à noitinha, que, mesmo

se essa idéia de possíveis culpas me vinha ao espírito, eu podia, por um ato livre, aprisioná-la numa parte

de meu cérebro onde ela não tinha mais importância do que teriam para a minha vida real os vícios de

uma pessoa imaginária; fazendo ranger os suaves gonzos de meu pensamento, eu tinha, com uma

energia que sentia, na cabeça, ser a um tempo física e mental, como um movimento muscular e uma

iniciativa espiritual, ultrapassado o estado de preocupação costumeira a que estivera confinado até então,

e começava a mover-me ao ar livre, de onde tudo sacrificar para evitar o casamento de Albertine com um

outro e criar obstáculo ao seu gosto pelas mulheres parecia tão desarrazoado a meus próprios olhos

como aos de alguém que não a conhecesse. Aliás, o ciúme é uma dessas doenças intermitentes, cuja

causa é caprichosa, imperativa, sempre idêntica no mesmo doente, às vezes completamente diversa em

outro. Há os asmáticos que só acalmam suas crises abrindo as janelas, respirando o vento forte, o ar

puro das alturas; outros, refugiando-se no centro da cidade, num quarto cheio de fumaça. Existem poucos

ciumentos cujo ciúme não admite certas abolições. Este consente em ser traído, contanto que lhe

confessem a traição; este outro contanto que lhe ocultem, no que um não é menos absurdo que o outro,

visto que, se o segundo é mais verdadeiramente enganado, já que lhe dissimulam a verdade, o primeiro

reclama, nessa verdade, o alimento, a extensão e o renovar de seus sofrimentos.

Ainda mais, essas duas manias inversas do ciúme vão muitas vezes além das palavras, implorem

ou recusem as confidências. Vêem-se ciumentos que só o são dos homens com que sua amante se

relaciona longe deles, mas consentem que ela se dê a outro homem, com sua autorização, perto deles e,

se não à sua vista, ao menos sob o mesmo teto. Esse caso é bastante comum entre os homens idosos

apaixonados por uma moça. Sentem a dificuldade de agradá-la, às vezes a impotência de satisfazê-la e,

em vez de serem traídos, preferem deixar que venha à casa deles, num quarto próximo, alguém que

julgam incapaz de dar a ela maus conselhos porém não de lhe proporcionar prazer. Para outros, é

exatamente o contrário: não deixando a amante sair um minuto sozinha numa cidade que eles conhecem,

mantendo-a em verdadeira escravidão, permitem-lhe partir por um mês a um país que não conhecem,

onde não podem imaginar o que ela há de fazer. Em relação a Albertine, eu cultivava essas duas

espécies de mania apaziguadora. Não teria ficado com ciúmes se ela desfrutasse prazeres perto de mim,

encorajados por mim, todos mantidos inteiramente sob minha supervisão, poupando-me desse modo o

temor da mentira; também não me enciumaria se ela viajasse para um país bem desconhecido de mim, e

afastado, para que eu não pudesse imaginar, nem ter possibilidade e tentação de conhecer seu gênero

de vida. Em ambos os casos, a dúvida teria sido suprimida por uma ignorância ou por um conhecimento

igualmente completos.

O declínio do dia remergulhava-me pela recordação numa atmosfera antiga e fresca, e eu a

respirava com as mesmas delícias que Orfeu o ar sutil, desconhecido desta terra, dos Champs-Elysées.

Mas o dia já terminava, e eu era invadido pela desolação do entardecer. Olhando maquinalmente no

relógio de pêndulo quantas horas passariam antes que Albertine voltasse, eu via que ainda dispunha de

tempo para me vestir e descer a fim de pedir à minha proprietária, Sra. de Guermantes, algumas

indicações sobre certas coisas bonitas de toalete que pretendia dar à minha amiga. Às vezes eu

encontrava a duquesa no pátio, saindo para excursões a pé, mesmo se fazia mau tempo, com um chapéu

baixo e um casaco de pele. Eu bem sabia que, para grande número de pessoas inteligentes, ela não era

outra coisa senão uma dama qualquer, visto que o nome de duquesa de Guermantes não significava

nada agora que não há mais duques nem principados, mas eu adotara um outro ponto de vista em meu

modo de usufruir dos seres e dos países. Todos os castelos das terras de que ela era duquesa, princesa,

viscondessa, essa dama de casaco de pele, afrontando o mau tempo, parecia-me carregá-los consigo,

como as personagens esculpidas no dintel de um portal sustentam na mão a catedral que construíram, ou

a cidadela que defenderam. Porém esses castelos e essas florestas, somente os

olhos do meu espírito

podiam vê-los na mão enluvada da dama de casaco de pele, prima do rei. Os olhos de meu corpo ali não

distinguiam, nos dias em que o tempo se fazia ameaçador, senão um guarda-chuva de que a duquesa

não receara armar-se.

- Nunca se pode saber, é mais prudente, se me encontrar muito longe e um carro me pedir preços

caros demais para mim.-

As expressões "caros demais" e "exceder os meus meios" retornavam o tempo todo na conversa

da duquesa, bem como esta: "sou muito pobre", sem que se percebesse muito bem se ela falava assim

por achar divertido dizer que era pobre, sendo tão rica, ou porque julgasse elegante, sendo tão

aristocrática, isto é, afetando ser uma camponesa, fingisse não dar à riqueza a importância das pessoas

que são apenas ricas e que desprezam os pobres. Talvez antes fosse um hábito contraído numa época

de sua vida em que, já rica, porém insuficientemente, a julgar pelo custo da manutenção de tantas

propriedades, ela experimentava certas dificuldades de dinheiro que não desejava parecer estar

dissimulando. As coisas de que falamos na maioria das vezes em tom de gracejo são geralmente, pelo

contrário, as que aborrecem, mas das quais não queremos dar a impressão de

estarmos aborrecidos,

talvez com a inconfessa esperança de uma vantagem suplementar: a de que justo a pessoa com quem

conversamos, ao nos ouvir gracejar a respeito, creia que aquilo não é verdade.

Mas, na maioria das vezes, àquela hora, eu sabia que encontrava a duquesa em casa, e isso me

fazia contente, pois era mais comodo para lhe pedir as demoradas informações desejadas por Albertine.

E eu descia quase sem pensar o quanto era extraordinário que, à casa dessa misteriosa Sra. de

Guermantes da minha infância, eu comparecesse exclusivamente a fim de me valer dela para uma

simples comodidade prática, como fazemos com o telefone, instrumento sobrenatural, diante de cujos

milagres a gente se maravilhava outrora, e do qual nos servimos hoje sem nem pensar nisso, para

chamar o alfaiate ou encomendar um sorvete.

As ninharias do vestuário davam grande prazer a Albertine. Eu não sabia me recusar a dar-lhe,

todos os dias, um presente desse tipo. E cada vez que ela me falava com encantamento numa écharpe,

numa estola, numa sombrinha que, pela janela, ou passando pelo pátio, com seus olhos que percebiam

tão depressa tudo o que se relacionasse à elegância, ela avistara no pescoço, nos ombros, na mão da

Sra. de Guermantes, sabendo que o gosto naturalmente difícil da moça (ainda

marcado pelas lições de

elegância dadas pela conversação de Elstir) não se satisfaria de modo algum com um simples objeto de

imitação mesmo que fosse bonito, que substitui o verdadeiro aos olhos do vulgo, mas dele difere

inteiramente, eu ia em segredo perguntar à duquesa onde, como, a partir de que modelo fora

confeccionado aquilo que agradara a Albertine, como deveria proceder para obter exatamente aquilo, em

que consistia o segredo do fabricante, o encanto (que Albertine chamava "o chique", "o gênero") de seu

feitio, o nome exato a beleza da matéria tendo a sua importância e a qualidade dos tecidos que eu devia

pedir que fossem utilizados.

Quando eu dissera a Albertine, na nossa chegada de Balbec, que a duquesa de Guermantes

morava à nossa frente, no mesmo palacete, ela assumira, ao ouvir o grande título e o grande nome, esse

ar mais que indiferente, hostil, desdenhoso, que é o sinal do desejo impotente nas naturezas orgulhosas e

apaixonadas. Por magnífica que fosse a de Albertine, as qualidades que encerrava só podiam se

desenvolver no meio desses entraves que são os nossos gostos, ou esse luto dos gostos a que fomos

obrigados a renunciar-como, no caso de Albertine, o esnobismo-e a que chamamos ódios. O de Albertine

pela alta sociedade, aliás, guardava muito pouco espaço em seu espírito e me agradava por um aspecto

de "espírito de revolução"-quer dizer, amor infeliz pela nobreza-inscrito na face oposta do caráter francês

em que está o gênero aristocrático da Sra. de Guermantes. Albertine, pela impossibilidade de alcançá-lo,

talvez nem se preocupasse com ele, mas, lembrando-se que Elstir lhe falara da duquesa como sendo a

mulher que melhor se vestia em Paris, o desdém republicano quanto a uma duquesa cedera em minha

amiga a um vivo interesse por uma elegante.

Pedia-me freqüentemente informações sobre a Sra. de Guermantes e gostava que eu fosse

buscar com a duquesa conselhos de toalete para ela própria. Sem dúvida eu poderia pedi-las à Sra.

Swann e até lhe escrevi uma vez com essa finalidade. Mas a Sra. de Guermantes me parecia levar ainda

mais longe a arte de se vestir. Se, descendo por um momento à casa dela, depois de me haver

assegurado de que ela não saíra e tendo pedido que me avisassem logo que Albertine voltasse, eu

encontrasse a duquesa envolvida na bruma de um vestido de crepe da China cinzento, aceitava esse

aspecto que sentia dever-se à causas complexas e que não poderia ter mudado, deixava-me invadir pela

atmosfera que dele se desprendia, como o fim de certas tardes envoltas num cinza-pérola por uma névoa

vaporosa; se, pelo contrário, esse vestido caseiro era chinês, com flamas rubras e amarelas, eu a olhava

como a um poente que se esbraseia; essas toaletes não eram um cenário qualquer, substituível à

vontade, mas uma dada realidade poética, como o é a do tempo que faz, como o é a luz especial a uma

determinada hora.

De todos os vestidos ou chambres que a Sra. de Guermantes usava, aqueles que pareciam mais

corresponder a uma determinada intenção, ser dotados de um sentido especial, eram os vestidos que

Fortuny havia feito de acordo com desenhos antigos de Veneza. Será o seu caráter histórico, será antes o

fato de cada um deles ser único o que lhes dá um caráter tão particular, que a pose da mulher que os

veste enquanto nos espera, enquanto conversa conosco, adquire uma importância excepcional, como se

essa roupa tivesse sido o fruto de uma longa deliberação, e como se essa conversa se desprendesse da

vida cotidiana como uma cena de romance?

Nos romances de Balzac vêem-se heroínas pôr intencionalmente este ou aquele vestido, no dia

em que devem receber determinado visitante. Os vestidos de hoje não têm cunho tão pronunciado, com

exceção das roupas de Fortuny. Nenhuma imprecisão pode subsistir na descrição do romancista, já que

esse vestido existe de fato, e os seus menores desenhos são tão naturalmente determinados como os de

uma obra de arte. Antes de vestir este ou aquele, a mulher teve de escolher entre dois vestidos, não mais

ou menos parecidos, mas cada um profundamente individual, a que se poderia dar um nome.

Mas o vestido não me impedia de pensar na mulher. A própria Sra. de Guermantes me pareceu,

nessa época, mais agradável que no tempo em que eu ainda a amava. Esperando menos dela (pois não

ia mais vê-la por ela mesma) era quase com a tranqüila sem-cerimônia com que pomos, quando

sozinhos, os pés na grade da lareira, que eu a escutava como teria lido um livro escrito em linguagem de

outrora. Eu tinha bastante liberdade de espírito para apreciar, no que ela dizia, aquela graça francesa tão

pura que já não se encontra nem na maneira de falar, nem nos escritos de hoje. Escutava a sua

conversação como a uma canção popular deliciosamente francesa; compreendia que a tivesse ouvido

troçar de Maeterlinck (que aliás, agora, ela admirava por fraqueza de espírito de mulher, sensível a essas

modas literárias cujos raios chegam tardiamente), como compreendia que Mérimée troçasse de

Baudelaire, Stendhal de Balzac, Paul-Louis Courier de Victor Hugo, Meilhac de Mal armé. Entendia

perfeitamente que o trocista tivesse compreensão bem restrita em face daquele

de quem troçava, mas

também um vocabulário mais puro. O da Sra. de Guermantes, quase tanto como o da mãe de Saint-Loup,

era-o a tal ponto que encantava. Não é nos frios pastichos dos escritores de hoje, que dizem *au fait* (por

en realité), singulierement (por en particulier), étonné (por frappé destupeur) etc., etc. [*Au fait*, "de fato",

en realité, "na realidade"; *singulierement*, "singularmente"; *en parficulier,* "em particular"; *étonné*,

"espantado", "assombrado"; *frappé de stupeur*, "pasmo", "atônito". (N. do T)] Que se reencontra a antiga

linguagem e a verdadeira pronúncia das palavras, e sim conversando com uma Sra. de Guermantes ou

uma Françoise. Com esta, eu aprendera, desde os cinco anos, que não se diz o *Tarn*, mas o *Tar*, nem

Béarn, mas o *Béar*. O que fez com que aos vinte anos, ao freqüentar a sociedade, não precisei aprender

que não era necessário dizer, como o fazia a Sra. Bontemps, "Madame de Béarn".

Mentiria se dissesse que a duquesa não tinha consciência desse lado rural e quase camponês que

permanecia nela, e não pusesse uma certa afetação em exibi-lo. Mas de sua parte, era menos falsa

simplicidade de grande dama que se faz de camponesa, e orgulho de duquesa que zomba das senhoras

ricas desdenhosas dos camponeses a quem não conhecem, do que o gosto quase artístico de uma

mulher que conhece o encanto do que possui e não vai estragá-lo com uma pincelada moderna. Do

mesmo gênero era um restaurador normando que todo mundo conheceu em Dives, proprietário do

"Guilherme-o-Conquistador", que tinha evitado-coisa bem rara-dar à sua hospedaria o luxo moderno de

um hotel e que, sendo milionário, conservava a linguagem e a blusa de um camponês normando e

permitia que o vissem, ele próprio, a preparar na cozinha, como no campo, um jantar que nem por isso

deixava de ser infinitamente melhor e até mais caro do que nos maiores hotéis de luxo.

Toda a seiva local que existe nas velhas famílias aristocráticas não é o suficiente; é preciso que

nelas nasça uma criatura inteligente o bastante para não desdenhá-la, para não apagá-la sob o verniz

mundano. A Sra. de Guermantes, infelizmente espirituosa e parisiense, e que, quando a conheci, só

conservava de seu torrão o sotaque, ao menos, quando queria pintar sua vida de mocinha, achara para a

sua linguagem (entre o que teria parecido involuntariamente provinciano demais ou, pelo contrário,

artificialmente letrado) um desses compromissos que fazem o encanto de *La Petite fadette* de George

Sand ou de certas lendas relatadas por Chateaubriand nas *Memórias d'outre-tombe.* Meu prazer era,

sobretudo, ouvi-la contar alguma história acerca de camponeses com ela. Os

nomes antigos, os velhos

costumes, davam algo de muito saboroso a essa aproximação entre o castelo e a aldeia. Uma certa

aristocracia permanece regional por ter mantido contato com as terras onde é soberana, de modo que a

frase mais simples faz desenrolar-se diante de nossos olhos todo um mapa histórico e geográfico da

História da França. Se não havia naquilo afetação, nenhum desejo de fabricar uma linguagem para seu

próprio uso, então essa forma de pronunciar era um verdadeiro museu de História da França através da

conversação.

- Meu tio-avô Fitt-jam- nada tinha que espantasse, pois sabia-se que os Fitz-james proclamam de

bom grado serem grãos senhores franceses e não querem que pronunciem seu nome à maneira inglesa.

Aliás, é preciso admirar a tocante docilidade das pessoas que, até então, tinham julgado dever esforçar-

se por pronunciar gramaticalmente certos nomes e que, de súbito, após ter ouvido a duquesa de

Guermantes pronunciá-los diversamente, aplicavam-se à pronúncia que nem sequer haviam suposto.

Assim, a duquesa, que tivera um bisavô que assessorava o conde Chambord, para implicar com o marido

que se tornara orleanista, gostava de proclamar:

- Nós, os velhos de Frochedorf. - O visitante que até então julgara correto dizer

"Frohsdorf"

mudava de opinião o mais depressa possível e passava a dizer sem parar "Frochedorf".

Certa vez em que perguntava à Sra. de Guermantes quem era um jovem requintado que ela me

apresentara como seu sobrinho e de quem mal ouvira o nome, tal nome não o distingui melhor quando,

do fundo da garganta, a duquesa emitiu com força mas sem articular:

- É o é leonês, cunhado de Robert. Ele pretende ter a forma do crânio dos velhos galeses. -

Então compreendi que ela dissera: é o pequeno Léon (o príncipe de Léon, de fato cunhado de

Robert de Saint-Loup).

- Em todo caso, não sei se ele tem o crânio - acrescentou ela -, mas o seu modo de se vestir, que

aliás é bem chique, não tem muito o jeito daquele país.

Um dia em que, de Josselin, onde eu estava em casa dos Rohan, tínhamos saído em

peregrinação, vieram camponeses, um pouco de todas as partes da Bretanha. Um grandalhão leonês

olhava assombrado para as calças beges do cunhado de Robert.

- Que tem você que tanto me olha? Aposto que não sabe quem sou eu -, disse Léon. E, como o

camponês dissesse que não: - Pois bem, sou o teu príncipe.

- Ah! - respondeu o camponês se descobrindo e pedindo desculpas -, pensei que o senhor fosse

um *englische*. -

E, se, aproveitando esse ponto de partida, eu estimulava a Sra. de Guermantes a falar dos Rohan

(a quem sua família muitas vezes se aliara), sua conversação se impregnava um pouco do encanto

melancólico das romarias bretãs e, como diria aquele verdadeiro poeta que é Pampil e, "do acre sabor

dos crêpes de trigo preto cozidos num fogo de juncos"'.

[Pampil e era pseudônimo da Sra. Léon Daudet, autora de um livro de receitas. (N. do T)]

Do marquês de Lau (de quem se conhece o triste fim, quando, surdo, fazia-se levar à casa da Sra.

H***, cega), ela contava os anos menos trágicos, quando, depois da caça, em Guermantes, punha

chinelos para tomar o chá com o rei da Inglaterra, ao qual não se considerava inferior e com quem, como

se vê, não fazia cerimônia. Ela assinalava este fato com tanta graciosidade que lhe acrescentava o

penacho à mosqueteiro dos fidalgos um tanto gloriosos do Périgord.

Além disso, mesmo na simples qualificação de pessoas, ter o cuidado de diferenciar as províncias

era na Sra. de Guermantes, fiel a si própria, um grande encanto que uma parisiense de origem nunca

saberia possuir; e aqueles simples nomes de Anjou, de Poitou e do Périgord refaziam paisagens em sua

conversação. Para voltar à pronúncia e ao vocabulário da Sra. de Guermantes, é

por esse aspecto que a

nobreza se mostra verdadeiramente conservadora, com tudo o que esse termo carreia, ao mesmo tempo,

de um tanto pueril, um tanto perigoso, de refratário ao progresso, mas igualmente de divertido para o

artista. Eu queria saber como se escrevia antigamente o nome Jean. Fiquei sabendo ao receber uma

carta do sobrinho da Sra. de Vil eparisis, que se assina-conforme foi batizado e figura no Gotha-Jehan de

Vil eparisis, com o mesmo e belo *h* inútil, heráldico, tal como é admirado, colorido de vermelhão ou de

ultramar, num livro de horas ou num vitral.

Infelizmente, não dispunha de tempo para prolongar indefinidamente essas visitas, pois desejava

na medida do possível não voltar para casa depois de minha amiga.

Ora, era sempre a conta-gotas que podia obter da Sra. de Guermantes as informações sobre suas

toaletes, informações que eram úteis para mandar fazer toaletes do mesmo gênero para Albertine, na

medida em que uma moça possa usá-las.

- Por exemplo, senhora, no dia em que devia jantar na casa da Sra. de Saint-Euverte antes de ir à

casa da princesa de Guermantes, estava usando um vestido todo vermelho, com sapatos vermelhos;

estava extraordinária, parecia uma grande flor de sangue, um rubi em chamas; como se chamaria isso? E

uma moça pode usar um vestido assim?

A duquesa, dando ao rosto fatigado a radiosa expressão que possuía a princesa des Laumes

quando Swann lhe fazia cumprimentos outrora, olhou, rindo até as lágrimas, com ar zombeteiro,

interrogativo e deslumbrado, para o Sr. de Bréauté, sempre presente àquela hora, e que fazia amornar

sob o monóculo um sorriso indulgente para esse figura de intelectual por causa da exaltação física de

rapaz que ele parecia ocultar. A duquesa dava a impressão de dizer: "Que terá ele, estará louco?"

Depois, virando-se para mim com ar carinhoso:

- Eu não sabia que parecia um rubi em chamas ou uma flor de sangue, mas lembro-me de fato

que usei um vestido vermelho: era de cetim rubro como então costumava usar-se. Sim, uma moça pode,

a rigor, usar isso, mas você me disse que ela não saía à noite. É um vestido de festa de gala, não pode

ser usado apenas para fazer visitas.

O extraordinário é que daquele sarau, enfim não tão antigo, a Sra. de Guermantes só se

lembrasse de sua toalete e tivesse esquecido uma coisa que no entanto, conforme veremos, deveria ter

grande importância para ela. Parece que nas pessoas de ação, e os mundanos são pessoas de ação

(minúsculas, microscópicas, mas enfim pessoas de ação), o espírito esgotado

pela atenção naquilo que

há de ocorrer dentro de uma hora, só confia muito pouco à memória. Muitas vezes, por exemplo, não era

para despistar e parecer não ter se enganado, que o Sr. de Norpois, quando lhe falavam de prognósticos

que ele havia emitido a respeito de uma aliança alemã que nem sequer fora concluída, dizia:

- Devem estar enganados, não me recordo absolutamente, isto não parece coisa minha, pois

nesse tipo de conversa sou sempre muito lacônico e jamais teria predito o sucesso de golpes

espetaculares, que em geral não passam de cabeçadas e habitualmente degeneram em atos de

violência. É inegável que, num futuro remoto, poderia efetuar-se uma aproximação franco-alemã, a qual

seria muito vantajosa para os dois países, e dela a França não tiraria só desvantagens, creio; mas jamais

falei sobre tal assunto, porque o fruto ainda não está maduro e, se querem a minha opinião, penso que,

ao pedirmos a nossos velhos inimigos que convolem conosco em justas bodas, correríamos o risco de um

tremendo fracasso e só receberíamos bordoadas. -

Dizendo isto, o Sr. de Norpois não mentia, simplesmente se esquecera. De resto, a gente se

esquece depressa daquilo que não pensou com profundidade, do que nos foi ditado pela imitação e pelas

paixões circundantes. Elas mudam, e com elas modifica-se a nossa recordação. Ainda mais que os

diplomatas, os políticos não se lembram do ponto de vista que adotaram em certa ocasião, e algumas de

suas palinódias se referem menos a um excesso de ambição do que a uma falta de memória. Quanto às

pessoas mundanas, estas lembram-se de pouca coisa.

A Sra. de Guermantes afirmou-me que, no sarau ao qual comparecera de vestido vermelho, já não

se lembrava que ali estivera a Sra. de Chaussepierre, que certamente eu me enganava. Ora, sabe Deus

no entanto se, desde então, os Chaussepierre não ocuparam o espírito do duque e até da duquesa! Eis o

motivo. O Sr. de Guermantes era o mais antigo vice-presidente do Jockey quando o presidente faleceu.

Certos membros do clube que não têm relações e cujo único prazer é dar bolas pretas às pessoas que

não os convidam, fizeram campanha contra o duque de Guermantes, o qual, certo de ser eleito e bem

negligente quanto a essa presidência que valia muito pouco relativamente à sua posição mundana, não

cuidou de nada. Ressaltaram que a duquesa era dreyfusista (no entanto, o Caso Dreyfus já se encerrara

há muito tempo, mas vinte anos depois ainda se falava nele, e ela só o era havia dois anos), recebia os

Rothschild, que se favoreciam demais desde algum tempo dos grandes potentados internacionais, como

o duque de Guermantes, que era meio alemão. A campanha encontrou um terreno bastante propício, pois

os clubes invejam muito as pessoas em destaque e detestam as grandes fortunas. A de Chaussepierre

não era pequena, mas não dava para ofuscar ninguém; ele não gastava um tostão, o apartamento do

casal era modesto, a mulher andava vestida de lã preta. Louca por música, dava muitas reuniões

pequenas para as quais eram convidadas muito mais cantoras do que à casa dos Guermantes. Mas

ninguém falava nelas, tudo isso se passava sem refrescos, até o marido estava ausente, na obscuridade

da rua de Ia Chaise. Na ópera, a Sra. de Chaussepierre passava despercebida, sempre na companhia de

pessoas cujo nome evocava o meio mais "ultra" da intimidade de Carlos X, mas pessoas apagadas,

pouco mundanas. No dia da eleição, para surpresa geral, a obscuridade triunfou sobre o esplendor:

Chaussepierre, segundo vice-presidente, foi eleito presidente do Jockey, e o duque de Guermantes levou

carona, isto é, permaneceu como primeiro vice-presidente. Claro que ser presidente do Jockey não

representa muita coisa para os príncipes da mais alta estirpe como eram os Guermantes. Mas não sê-lo

quando chegou a vez, ver-se preterido por um Chaussepierre cuja mulher Oriane não só não

cumprimentava dois anos antes, como chegava a se mostrar ofendida de ser

cumprimentada por aquele

morcego desconhecido era duro para o duque. Ele pretendia estar acima desse fracasso, assegurando

aliás que era à sua velha amizade a Swann que o devia. Na realidade, sua cólera era interminável. Muito

curioso era o fato de jamais terem ouvido o duque de Guermantes servir-se da expressão *bel et bien*,

bastante trivial, no sentido de "inteiramente". Mas desde a eleição do Jockey, quando lhe falavam do

Caso Dreyfus, *bel et bien* surgia logo:

- Caso Dreyfus, Caso Dreyfus, é fácil de dizer e o termo é impróprio; não se trata de uma questão

de religião, mas *bel et bien* de uma questão política.-

Cinco anos podiam passar sem que lhe ouvissem dizer *bel et bien* se, nesse período, não lhe

falassem do Caso Dreyfus; mas se, passados cinco anos, o nome de Dreyfus voltava à conversa, logo o

bel et bien retornava automaticamente. Além disso, o duque não mais podia suportar que lhe falassem

desse Caso "que provocou", dizia, "tantas desgraças", embora na realidade só fosse sensível a uma

única, o seu fracasso na disputa da presidência do Jockey.

Assim, na tarde de que estou falando e na qual recordei à Sra. de Guermantes o vestido vermelho

que ela usava no sarau da sua prima, o Sr. de Bréauté foi muito mal recebido quando, querendo dizer

algo, por uma associação de idéias que permaneceu obscura e que ele não revelou, começou fazendo

manobrar a língua na ponta da boca em forma de cu de galinha:

- A propósito do Caso Dreyfus... - (por que do Caso Dreyfus? tratava-se apenas de um vestido

vermelho, e certamente o pobre Bréauté, que jamais pensara senão em fazer graça, não punha qualquer

malícia naquilo). Mas bastou o nome de Dreyfus para franzir as sobrancelhas jupiterianas do duque de

Guermantes.

- Contaram-me - disse Bréauté - um belo gracejo, na verdade muito fino, do nosso amigo Cartier

(avisamos o leitor que esse Cartier, irmão da Sra. de Vil efranche, não tinha a menor sombra de relação

com o joalheiro do mesmo nome), o que aliás não me espanta, pois ele tem espírito para dar e vender.

- Ah - interrompeu Oriane-, não seria eu quem compraria. Não sei lhe dizer o quanto o seu Cartier

sempre me enfadou, e jamais pude compreender o encanto infinito que Charles de Ia Trémoïl e e sua

mulher encontram nesse maçante que vejo todas as vezes que vou à casa deles.

- Minha *iara duiesa* - respondeu Bréauté, que dificilmente pronunciava os *cc*-, acho-a muito severa

quanto a Cartier. É verdade que talvez lhe dêem confiança demais na casa dos La Trémoïl e, mas enfim é

para eles uma espécie, como direi, uma espécie de fiel Acates, o que se torna um

pássaro bem raro nos

tempos que correm. Em todo caso, eis o que me contaram. Cartier teria dito que, se o Sr. Zola procurara

um processo e quisera ser condenado, fora porque desejava experimentar uma sensação que ainda não

conhecia, a de estar numa prisão.

- Por isso fugiu antes de ser preso - interrompeu Oriane. - Isto não tem pé nem cabeça. Aliás,

mesmo que fosse verossímil, acho o gracejo bem idiota. Se é isso que você chama de espirituoso...

- Meu Deus, minha iara Oriane -respondeu Bréauté que, vendo-se contestado, começava a

recuar-; o gracejo não é meu, eu o repito tal como me passaram; julgue-o pelo que vale. Em todo caso, foi

motivo para que o Sr. Cartier tenha sido severamente admoestado por este excelente La Trémoïl e, que,

com muita razão, não quer que se fale jamais em seu salão disso que chamarei, como dizer?, as

questões em curso, e que ficou tanto mais contrariado pois estava presente a Sra. Alphonse Rothschild.

- Cartier teve de sofrer da parte de La Trémoïl e uma verdadeira descompostura.

- Evidentemente - disse o duque de muito mau humor-os Alphonse de Rothschild, embora tenham

o tato de jamais falar desse caso abominável, são dreyfusistas até a alma, como todos os judeus. Isso é

até um argumento *ad hominem* (o duque empregava um pouco a torto e a direito

a expressão *ad*

hominem) que ainda não se fez valer o suficiente para mostrar a má-fé dos judeus. Se um francês rouba,

assassina, não me sinto obrigado a considerá-lo inocente por ser um francês como eu. Mas os judeus

nunca irão admitir que um de seus concidadãos seja traidor, embora saibam perfeitamente que o é, e

preocupam-se muito pouco com as terríveis repercussões (o duque naturalmente pensava na maldita

eleição de Chaussepierre) que o crime de um dos seus pode acarretar até... Vejamos, Oriane, você não

vai pretender que não é deprimente para os judeus o fato de que eles apóiam um traidor. Não vai me

dizer que não é porque são judeus.

- Meu Deus, claro que não - respondeu Oriane (sentindo com irritação um certo desejo de resistir

ao Júpiter tonante, e também de colocar um pouco de "inteligência" acima do Caso Dreyfus). - Mas talvez

seja exatamente porque, sendo judeus e conhecendo-se a si próprios, sabem que é possível ser judeu

sem ser forçosamente traidor ou antifrancês, como dizem que afirma o Sr. Drumont. Certamente se

Dreyfus fosse cristão, os judeus não se interessariam por ele, mas interessam-se porque vêem

perfeitamente que, se ele não fosse judeu, não o julgariam com tanta facilidade traidora *priori*, como diria

o meu sobrinho Robert.

- As mulheres não entendem nada de política - exclamou o duque encarando a duquesa. - Pois

esse crime horrível não é simplesmente uma causa judia, mas *bel et bien* um imenso caso nacional que

pode ter as mais tremendas conseqüências para a França, de onde deveriam ser expulsos todos os

judeus, embora eu reconheça que as sanções decretadas até agora o foram (de um modo ignóbil que

deveria ser revisto) não contra eles, mas contra seus adversários mais eminentes, contra homens de

primeira categoria, postos de lado para desgraça do nosso pobre país.

Senti que as coisas se azedavam e, precipitadamente, voltei a falar nos vestidos.

- A senhora se lembra - disse eu - da primeira vez que foi gentil comigo?

- A primeira vez que fui gentil com ele - repetiu ela, olhando risonha para o Sr. de Bréauté, cuja

ponta do nariz se afilava, cujo sorriso se enternecia por polidez para com a Sra. de Guermantes, e cuja

voz de faca ao ser amolada deixou ouvir alguns sons vagos e roucos.

- A senhora trajava um vestido amarelo com grandes flores negras.

- Mas, meu filho, é a mesma coisa, são vestidos de festa.

- E seu chapéu de *bleuets* que tanto apreciei! Mas enfim, tudo isso pertence ao passado. Gostaria

de mandar fazer para a moça em questão um casaco de pele como o que a senhora usava ontem de

manhã. Seria possível que eu o visse?

- Por ora, não. Hannibal vai ser obrigado a sair dentro de um instante. Porém volte aqui, e minha

camareira lhe mostrará tudo isso. Apenas, meu filho, tenho muito gosto em lhe emprestar tudo o que

desejar, mas, se mandar fazer os vestidos de Cal ot, de Doucet e de Paquin por costureirinhas, nunca

sairá a mesma coisa.

- Mas de modo algum pretendo ir à loja de uma costureirinha, sei perfeitamente que vai ser coisa

bem diversa; mas a mim interessaria compreender por que seria diferente.

- Mas você sabe que não consigo explicar nada, pois sou uma tola, falo como uma camponesa. É

uma questão de ter boa mão, de feitio; quanto às peles, pelo menos posso lhe dar um bilhete para o meu

fornecedor, que desse modo não há de roubá-lo. Mas saiba que mesmo assim isso lhe custará oito ou

nove mil francos.

- E aquele chambre que cheira tão mal, que a senhora usava outra noite e que é sombrio, felpudo,

mosqueado, estriado de ouro com uma asa de borboleta?

- Ah, aquilo é de Fortuny. A sua jovem poderia perfeitamente usá-lo em casa. Tenho muitos deles,

vou lhe mostrar; posso até lhe dar alguns, se lhe agrada. Mas gostaria principalmente que visse o da

minha prima Tal eyrand. Preciso escrever-lhe para que me empreste.

- Mas a senhora também estava de sapatos tão bonitos, ainda eram de Fortuny?

- Não, eu sei do que está falando, é um couro dourado de cabrito que descobrimos em Londres,

dando um passeio com Consuelo em Manchester. Era extraordinário. Nunca pude compreender de que

forma era dourado, dir-se-ia uma pele de ouro; era apenas isto, com um pequeno diamante no meio. A

pobre duquesa de Manchester está morta, mas, se lhe agrada, escreverei à Sra. de Warwick ou à Sra.

Marlborough para que elas tentem descobrir outros idênticos. Pergunto-me se eu mesma ainda não terei

dessa pele. Talvez seja possível mandar fazê-la aqui. Vou dar uma olhada esta noite e lhe mandarei

informar.

Como eu procurasse, na medida do possível, deixar a duquesa antes que Albertine regressasse,

ocorria muitas vezes que encontrava àquela hora no pátio, ao sair da Casa da Sra. de Guermantes, o Sr.

de Charlus e Morel, que iam tomar chá na casa de Jupien, favor supremo para o barão! Não cruzava com

eles todos os dias, mas eles ali compareciam diariamente. Aliás, é de se notar que a constância de um

hábito de ordinário está relacionada com o que existe de absurdo nele. As coisas brilhantes em geral só

são feitas de modo imprevisto. Mas as vidas insensatas, em que o próprio maníaco se priva de todos os

prazeres e se inflige os maiores males, estas vidas são as que menos mudam. A cada dez anos, caso

tivéssemos curiosidade para tanto, voltaríamos a encontrar o desgraçado dormindo às horas em que

poderia viver, saindo às horas em que não há quase outra coisa a fazer senão deixar-se assassinar nas

ruas, bebendo gelados quando está com calor, sempre se curando de uma gripe. Bastaria um pequeno

movimento de energia, um único dia, para mudar isto de uma vez por todas. Porém justamente essas

vidas são de hábito o apanágio de seres incapazes de energia. Os vícios são um outro aspecto dessas

existências monótonas, que a força de vontade bastaria para tornar menos atrozes. Ambos os aspectos

podiam ser igualmente considerados quando o Sr. de Charlus ia todos os dias, na companhia de Morel,

tomar chá na casa de Jupien. Uma única tempestade havia marcado esse costume cotidiano. Tendo a

sobrinha do coleteiro dito certo dia a Morel:

- Pois é, venha amanhã que eu lhe pagarei o chá.

O Sr. de Charlus achara com razão a frase bem vulgar para uma pessoa de quem contava fazer

sua quase nora; mas, como gostava de constranger e se embriagava com a própria cólera, em vez de

dizer simplesmente a Morel que desse à moça uma lição de boas maneiras, todo o regresso passou-se

em cenas violentas. No tom mais insolente, mais orgulhoso:

- O toque, pelo visto, não é forçosamente aliado ao "tato"; e portanto impediu em você o

desenvolvimento normal do olfato, já que tolerou que essa expressão fétida de pagar o chá, a quinze

cêntimos suponho, venha trazer-me às régias narinas o seu odor de dejetos! Quando, em minha casa,

terminou um solo de violino, alguma vez viu que o recompensavam com um peido em vez de um aplauso

frenético, ou com um silêncio ainda mas eloqüente, pois é feito do medo de não poder reter, não aquilo

com que sua noiva nos prodigalizou, mas o soluço que lhe sobe aos lábios?

Quando um funcionário se vê infligido de tais censuras pelo seu chefe, invariavelmente é demitido

no dia seguinte. Ao contrário, nada teria sido mais cruel ao Sr. de Charlus do que despedir Morel e,

receando mesmo ter ido um pouco longe demais, pôs-se a fazer, sobre a moça, elogios minuciosos,

cheios de gosto, involuntariamente semeados de impertinências.

- Ela é encantadora. Como você é músico, penso que ela o seduziu pela voz, que é muito linda

nas notas altas, onde parece esperar o acompanhamento do seu si sustenido. Seu registro grave me

agrada menos, e isto deve relacionar-se com o triplo recomeçar do pescoço estranho e fino, que parece

terminar mas continua a subir; nela, em vez de detalhes medíocres, o que me

agrada é antes a silhueta.

E, como ela é costureira e deve saber lidar com tesouras, é necessário que me dê um belo corte de si

mesma em papel.

Charlie pouca atenção dera a esses elogios, tanto mais que celebravam qualidades que sempre

lhe haviam escapado em sua noiva. Porém respondeu ao Sr. de Charlus:

- Está entendido, meu benzinho, eu lhe passarei um sabão para que não fale mais desse jeito. -

Se Morel dizia assim "meu benzinho" ao Sr. de Charlus, não é que ignorasse que mal teria um

terço da idade do barão. Também não dizia como o teria feito Jupien, mas com aquela simplicidade que,

em certas relações, postula que a supressão da diferença de idade tacitamente precedeu a ternura. A

ternura fingida em Morel, a ternura sincera em outros. Assim, por aquela época, o Sr. de Charlus recebeu

uma carta concebida nestes termos: "Meu caro Palamede, quando te verei? Estou muito aborrecido com

tua ausência e penso muito em ti etc. Todo teu, PIERRE."

O Sr. de Charlus quebrou a cabeça para descobrir quem era, dentre os parentes, que se permitia

escrever-lhe com tanta familiaridade, e que devia por conseqüência conhecê-lo bem, e do qual, apesar de

tudo, não reconhecia a escrita. Todos os príncipes a quem o *Almanaque de Gotha* dedica umas poucas

linhas desfilaram por alguns dias na cabeça do Sr. de Charlus. Por fim, bruscamente, um endereço

escrito no verso do envelope o esclareceu: o autor da carta era um moço de recados de um clube de jogo

aonde o Sr. de Charlus ia às vezes. Esse rapaz não se julgara impolido ao escrever naquele tom ao Sr.

de Charlus, que, ao contrário, gozava de grande prestígio a seus olhos. Mas imaginava não ser gentil não

tratar por tu a uma pessoa que o havia beijado várias vezes e que, desse modo- pensava ele em sua

ingenuidade-, dera-lhe a sua afeição. No fundo, o Sr. de Charlus ficou deslumbrado com aquela

familiaridade. Chegou até a acompanhar o Sr. de Vaugoubert a casa, certo dia, para poder lhe mostrar a

carta. E, no entanto, Deus sabe como o Sr. de Charlus não gostava de sair com o Sr. de Vaugoubert.

Pois este, de monóculo no olho, contemplava de todos os lados os rapazes que passavam. Mais ainda:

liberando-se quando estava com o Sr. de Charlus, fazia uso de uma linguagem que o barão detestava.

Punha todos os nomes de homem no feminino e, como era muito imbecil, julgava esse gracejo bastante

espirituoso e não deixava de rir às gargalhadas. Como, a par disso, era enormemente apegado a seu

posto diplomático, os modos zombeteiros e deploráveis que ostentava na rua eram interrompidos

constantemente pelo susto que lhe causava no mesmo momento a passagem de

pessoas da sociedade,

mas sobretudo de funcionários.

- Esta pequena telegrafista - dizia, cutucando o barão carrancudo-, já me dei bem com ela, mas a

velhaca resolveu mudar de vida! Oh! aquele entregador das Galerias Lafayette, que maravilha! Meus

Deus, aí vem passando o diretor dos Assuntos Comerciais. Tomara que não tenha notado o meu gesto!

Seria capaz de falar nisso ao ministro, que me poria em disponibilidade, tanto mais que também é "uma".-

O Sr. de Charlus explodia de raiva. Enfim, para abreviar aquele passeio que o exasperava,

resolveu mostrar a carta e pedir ao embaixador que a lesse, mas recomendou-lhe descrição, pois fingia

que Charlie estivesse com ciúmes, a fim de poder fazer crer que era amado.

- Ora - acrescentou, com um impagável ar de bondade -, devemos sempre tentar causar o mínimo

possível de sofrimento aos outros.

Antes de retornar à loja de Jupien, o autor faz questão de dizer o quanto ficaria entristecido se o

leitor se melindrasse com cenas tão estranhas. Por um lado (e é a menor parte da coisa), julgam que a

aristocracia parece, proporcionalmente, neste livro, mais acusada de degenerescência que as outras

classes sociais. Mesmo que assim fosse, não seria de admirar. As mais antigas famílias acabam por

confessar, num nariz grosso e vermelho, num queixo deformado, sinais específicos em que todos

admiram a "raça". Mas, em meio aos traços persistentes e sem cessar agravados, há os que não são

visíveis, e estes são as tendências e os gostos.

Uma objeção mais grave, se tivesse fundamento, seria dizer que tudo isso nos é estranho e que é

preciso extrair poesia da verdade bem próxima. A arte extraída do real mais familiar existe de fato e seu

domínio é talvez o maior. Mas não é menos verdade que um grande interesse, por vezes a beleza, pode

nascer de ações decorrentes de uma forma de espírito de tal modo distanciada de tudo o que sentimos,

de tudo em que acreditamos, que nem sequer podemos chegar a compreendê-Ias, e elas se apresentam

diante de nós como um espetáculo sem motivo. Que existe de mais poético do que Xerxes, filho de Dario,

mandando açoitar as águas que haviam engolido seus barcos?

É certo que Morel, usando dos poderes que seus encantos lhe davam sobre a moça, transmitiu-

lhe, tomando-os à sua conta, as observações do barão, pois a expressão "pagar o chá" desapareceu tão

completamente da loja do coleteiro, como desaparece para sempre de um salão determinada pessoa

íntima que era recebida todos os dias e com quem, por um motivo ou outro, brigou-se ou que convém

ocultar e só se freqüenta fora de casa. O Sr. de Charlus ficou satisfeito com a desaparição de "pagar o

chá", e viu naquilo uma prova de sua ascendência sobre Morel e o apagamento da única manchinha na

perfeição da moça. Por fim, como todos os da sua espécie, embora sendo sinceramente amigo de Morel

e de sua quase noiva, e ardente partidário da união deles, gostava muito do poder de criar à sua vontade

brigas mais ou menos inofensivas, acima e fora das quais se mantinha tão olímpico feito o seria seu

irmão.

Morel dissera ao Sr. de Charlus que amava a sobrinha de Jupien, queria desposá-la, e era doce

ao barão acompanhar seu jovem amigo às visitas, em que representava o papel de futuro sogro

indulgente e discreto. Nada lhe agradava mais.

Minha opinião pessoal é que "pagar o chá" vinha do próprio Morel, e que, por cegueira de amor, a

jovem costureira adotara uma expressão da criatura adorada, expressão que destoava, pela feiúra, na

linguagem bonita da moça. Essa linguagem, as maneiras encantadoras que se harmonizavam com ela, a

proteção do Sr. de Charlus, faziam com que muitos fregueses para quem ela trabalhara a recebessem

como amiga, convidando-a para jantar, mesclando-a às suas relações; aliás, a mocinha só aceitava esses

convites com a permissão do Sr. de Charlus e nas noites em que isto lhe convinha. "Uma costureirinha na

alta sociedade?", diriam. "Que inverossimilhança!" Pensando bem, não era menos inverossímil que

antigamente Albertine viesse ver-me à meia-noite, e agora vivesse comigo. E talvez fosse inverossímil

com outra, de modo algum com Albertine, sem pai nem mãe, levando uma vida tão livre que, no começo,

eu a tomara em Balbec pela amante de um ciclista, tendo por parente mais próximo a Sra. Bontemps que,

já na casa da Sra. Swann, só admirava na sobrinha os seus maus modos e agora fechava os olhos,

sobretudo se houvesse possibilidade de desembaraçar-se dela conseguindo-lhe um casamento rico, no

qual parte do dinheiro fosse para a tia (na mais alta sociedade, mães muito nobres e muito pobres, tendo

conseguido um casamento rico para o filho, deixam-se sustentar pelo jovem casal, aceitam casacos de

pele, automóveis, dinheiro de uma nora de quem não gostam e que fazem ser recebida na sociedade).

Talvez chegue um dia em que as costureiras, o que não me pareceria de modo algum chocante,

freqüentem a alta sociedade. A sobrinha de Jupien, sendo uma exceção, não pode ainda deixar prevê-lo,

pois uma andorinha não faz verão. Em todo caso, se a situação modestíssima da sobrinha de Jupien

escandalizou algumas pessoas, não foi a Morel, pois sob certos aspectos sua

estupidez era tão grande

que, não só achava "burrinha" aquela moça mil vezes mais inteligente que ele, talvez apenas porque o

amasse, mas também supunha serem aventureiras, sub-costureiras disfarçadas bancando damas, as

pessoas muito bem relacionadas que a recebiam e de que ela não se envaidecia. Naturalmente não eram

Guermantes, nem mesmo pessoas que os conhecessem, mas burguesas ricas e elegantes, de espírito

bastante livre para achar que não há desonra em receber uma costureira, e de espírito bastante escravo

para sentir algum contentamento em proteger uma moça que sua Alteza o barão de Charlus ia visitar

todos os dias com a melhor das intenções.

Ao barão, nada lhe agradava mais que a idéia desse casamento, pois pensava que assim Morel

não lhe seria roubado. Parece que a sobrinha de Jupien cometera, quase criança, uma "falta". E o Sr. de

Charlus, apesar dos elogios que fizera da moça a Morel, gostaria de contar essa "falta" ao amigo, que

ficaria furioso, desse modo semeando a cizânia. Pois o barão, conquanto tremendamente mau,

assemelhava-se a um sem-número de pessoas bondosas que elogiam esta ou aquela criatura para

provar a própria bondade, mas evitariam como ao fogo as palavras benfazejas, tão raramente

pronunciadas, capazes de fazer reinar a paz. Malgrado isto, o barão se absteve de qualquer insinuação, e

por dois motivos. -"Se lhe contar" dizia consigo - "que sua noiva não é imaculada, seu amor-próprio ficará

ofendido, e ele vai me querer mal. E depois, quem me diz que ele não está apaixonado por ela? Se não

digo nada, esse fogo de palha se extinguirá depressa, e eu hei de governar as relações deles à minha

moda, ele só haverá de amá-la na medida em que eu o desejar. Se eu lhe contar a falta passada da sua

prometida, quem me diz que meu Charlie não está ainda apaixonado o bastante para ficar ciumento?

Então, transformarei, por minha própria culpa, um flerte sem conseqüência, e que se conduz como bem

se quer, num grande amor, coisa difícil de governar". Por esses dois motivos, o Sr. de Charlus

conservava um silêncio que apenas aparentemente era discrição, mas que, por outro lado, era meritório,

pois calar-se é quase impossível às pessoas de sua espécie.

Além disso, a moça era deliciosa, e o Sr. de Charlus, em que ela satisfazia todo o gosto estético

que ele podia ter pelas mulheres, estimaria possuir centenas de fotografias dela. O barão, menos imbecil

que Morel, escutava com prazer o nome das senhoras elegantes que a recebiam e que seu faro social

situava bem. Evitava, porém (querendo manter o império) dizê-lo a Morel, o qual, perfeito idiota no

assunto, continuava a crer que, afora a "classe de violino" e os Verdurin, só existiam os Guermantes, as

poucas famílias quase régias enumeradas pelo barão, o resto não passando de uma "turba". Charlie

tomava ao pé da letra estas expressões do Sr. de Charlus.

Como é que o Sr. de Charlus, debalde esperado todos os dias do ano por tantos embaixadores e

duquesas, não jantando com o príncipe de Croy porque cede-se o passo a este, como é que o Sr. de

Charlus, o tempo inteiro que rouba a essas grandes damas e grãos-senhores, costuma passá-lo na casa

da sobrinha de um coleteiro? Em primeiro lugar, a razão suprema: Morel ali se achava. Não estivesse ele

presente, e eu não veria nenhuma inverossimilhança, ou então julguem-no como o teria feito um garçom

de Aimé. Não há como os garçons de restaurante para acreditar que um homem excessivamente rico usa

sempre roupas novas e deslumbrantes, e que um senhor que é o que existe de mais chique dá jantares

de sessenta talheres e só comparece de auto. Enganam-se. Na maioria das vezes, um homem

excessivamente rico usa o mesmo jaquetão puído. Um senhor que é o que existe de mais chique é um

indivíduo que, no restaurante, só fala com os empregados e, de volta a casa, joga cartas com seus

lacaios.

Isto não impede que ele se recuse a ficar atrás do príncipe Murat.

Dentre as razões que faziam feliz o Sr. de Charlus com o casamento dos dois jovens, havia esta: a

sobrinha de Jupien seria de algum modo uma extensão da personalidade de Morel e, assim, do poder e

ao mesmo tempo do conhecimento que o barão possuía acerca dele. O Sr. de Charlus não teria um

segundo sequer o menor escrúpulo de "enganar", no sentido conjugal do termo, a futura esposa do

violinista. Mas ter "um jovem casal" para dirigir, sentir-se o protetor temido e todo poderoso da mulher de

Morel, a qual considerando o barão como um deus provaria desse modo que o caro Morel lhe inculcara

essa idéia e assim conteria algo de Morel, fizeram variar o gênero de dominação do Sr, de Charlus e

nascer em sua "coisa", Morel, uma criatura a mais, o esposo, ou seja, conferiram-lhe algo a mais, algo

novo e curioso para amar nele.

Talvez até essa dominação fosse agora maior que nunca. Pois, naquilo em que Morel, sozinho por

assim dizer, resistia muitas vezes ao barão, a quem se sentia seguro de reconquistar, uma vez casado,

tremeria mais facilmente pelo seu lar, seu apartamento, seu futuro, e ofereceria às vontades do Sr. de

Charlus mais superfície e mais tomada. Tudo isto, e mais, em caso de necessidade, nas noites de tédio,

atear a guerra entre marido e mulher (o barão jamais detestara os quadros de batalha), agradava ao Sr.

de Charlus. Menos, entretanto, do que pensar na dependência em que viveria dele o jovem casal. O amor

do Sr. de Charlus por Morel reassumia uma novidade deliciosa quando ele dizia consigo: sua mulher

também será minha, tanto quanto ele é meu, eles só agirão de modo a não me contrariar, obedecerão

aos meus caprichos e, assim, ela será um sinal (até agora desconhecido para mim) do que eu quase

esquecera e que é tão sensível ao meu coração como para todo mundo, um sinal para aqueles que me

verão protegê-los, hospedá-los, e para mim mesmo, de que Morel é meu. Dessa evidência aos olhos dos

outros e a seus próprios, sentia-se o Sr. de Charlus mais feliz que de tudo mais. Pois a posse daquilo que

se ama é uma alegria maior ainda que a do amor. Freqüentemente os que escondem a todos essa posse

fazem-no apenas de medo que o objeto querido lhes seja roubado. E essa prudência de se calarem

diminui-lhes a felicidade.

Talvez sejam lembrados de que antigamente Morel dissera ao barão que seu desejo era seduzir

uma mocinha, especialmente esta, e que, para consegui-lo lhe prometeria casamento, mas, uma vez

realizada a violação, ele "daria o fora para bem longe". Porém isto o Sr. de Charlus havia esquecido,

diante das confissões de amor pela sobrinha de Jupien que Morel acabava de lhe fazer. Ainda mais, o

mesmo talvez tivesse ocorrido com Morel. Talvez houvesse uma verdadeira lacuna entre a natureza de

Morel, tal como a confessara de modo cínico e talvez mesmo habilmente exagerara e o momento em que

ela voltara a impor-se. Convivendo mais com a moça, agradara-se dela e amava-a. Conhecia-se tão

pouco que certamente imaginava estar amando, talvez mesmo para sempre. Claro, seu desejo inicial, seu

projeto criminoso, subsistiam, mas recobertos por tantos sentimentos superpostos que nada nos pode

afirmar que o violinista não fora sincero ao dizer que aquele desejo vicioso não era o verdadeiro móvel do

seu ato. Aliás, houve um período de curta duração em que, sem que ele propriamente o confessasse, tal

casamento lhe pareceu necessário. Naquele momento, Morel sofria de cãibras muito fortes na mão e via-

se obrigado a encarar a eventualidade de ter de deixar de tocar violino. Como, afora a sua arte, era de

uma preguiça incompreensível, impunha-se a necessidade de se fazer sustentar, e ele preferia sê-lo pela

sobrinha de Jupien do que pelo Sr. de Charlus, oferecendo-lhe aquela combinação maior liberdade, e

também uma grande escolha de mulheres diferentes, tanto pelas aprendizes sempre novas que ele

encarregaria a sobrinha de Jupien de corromper, como pelas senhoras ricas às

quais a prostituiria. Que

sua futura esposa pudesse recusar-se a condescender a tais complacências e fosse perversa a esse

ponto, nem por um instante entrava nos cálculos de Morel. Além disso, passaram ao segundo plano,

dando lugar ao amor puro, logo que as cãibras cessaram. O violino bastaria, com o que lhe dava o Sr. de

Charlus, e as exigências deste certamente diminuiriam uma vez que ele, Morel, estivesse casado com a

moça. O casamento era a coisa urgente, por causa de seu amor e no interesse de sua liberdade. Mandou

pedir a mão da sobrinha de Jupien, que a consultou. Afinal, não havia necessidade disto. A paixão da

moça pelo violinista jorrava em torno dela, como seus cabelos quando estavam soltos, como a alegria de

seus olhares esparsos. Em Morel, quase tudo que lhe era agradável ou proveitoso despertava emoções

morais e palavras do mesmo gênero, às vezes até lágrimas.

Portanto, era com sinceridade-se tal palavra pode aplicar-se a ele-que mantinha com a sobrinha

de Jupien conversas tão sentimentais (sentimentais são igualmente as que tantos jovens nobres,

desejando não fazer coisa alguma na vida, mantêm com a deslumbrante filha de um burguês riquíssimo)

como eram de uma baixeza sem disfarce as teorias que ele havia exposto ao Sr. de Charlus a propósito

da sedução e do defloramento. Só que o entusiasmo virtuoso a respeito de uma pessoa que lhe causava

prazer e os solenes compromissos que assumia para com ela tinham o seu reverso em Morel. Desde que

a pessoa já não lhe causasse prazer, ou até, por exemplo, se a obrigação de satisfazer as promessas

feitas lhe provocava desagrado, ela tornava-se logo, da parte de Morel, objeto de uma antipatia que ele

justificava aos próprios olhos, e que, após algumas perturbações neurastênicas, permitia-lhe provar a si

mesmo, uma vez reconquistada a euforia de seu sistema nervoso, que estava até mesmo considerando

as coisas de um ponto de vista puramente virtuoso, isento de toda obrigação.

Desse modo, no fim de sua temporada em Balbec, havia perdido em não sei o que todo o seu

dinheiro e, não tendo ousado dizê-lo ao Sr. de Charlus, buscava alguém a quem pudesse pedi-lo.

Aprendera com o pai (que, apesar de tudo, proibira-lhe tornar-se um "facadista") que, nesse caso, é

conveniente escrever, à pessoa a quem se deseja dirigir-se, "que se tem necessidade de lhe falar de

negócios". Esta fórmula mágica encantava de tal maneira Morel, que imagino tenha desejado perder

dinheiro apenas pelo prazer de solicitar um encontro "para negócios". Depois, na vida, viu que a fórmula

não possuía toda a virtude que lhe atribuía. Havia constatado que as pessoas a quem ele próprio não

teria escrito se não fosse para aquilo, não lhe tinham respondido cinco minutos após terem recebido a

carta "para tratar de negócios".

Se a tarde se escoava sem que Morel obtivesse uma resposta, não lhe passava pela cabeça que,

na melhor das hipóteses, o senhor solicitado não tivesse voltado para casa, pudesse ter outras cartas

para escrever, nem que estivesse viajando, ou se encontrasse enfermo etc. Se, por extraordinário acaso,

Morel recebia uma resposta marcando-lhe um encontro para a manhã seguinte, abordava o solicitado

com estas palavras: "Já estava surpreso de não ter recebido resposta e me perguntava se acontecia

alguma coisa, quer dizer que sua saúde vai sempre bem etc." Logo, em Balbec, e sem me dizer que

desejava falar-lhe de um "negócio", pedira que o apresentasse àquele mesmo Bloch com quem fora tão

desagradável no trem, uma semana antes. Bloch não vacilara em lhe emprestar- ou melhor, em conseguir

que o Sr. Nissim Bernard lhe emprestasse cinco mil francos. Desde aquele dia, Morel passara a adorar

Bloch. Perguntava a si mesmo, com lágrimas nos olhos, de que modo poderia prestar serviço a alguém

que lhe salvara a vida. Enfim, encarreguei-me de pedir, para Morel, mil francos mensais ao Sr. de

Charlus, dinheiro que este remeteria imediatamente a Bloch, que assim rapidamente seria reembolsado.

No primeiro mês, Morel, ainda sob a impressão da bondade de Bloch, enviou-lhe de imediato os mil

francos, mas, depois disso, achou sem dúvida que um emprego diverso dos outros quatro mil restantes

poderia ser mais agradável, pois começou a falar muito mal de Bloch. Bastava que o visse para ficar com

idéias negras e Bloch, tendo ele próprio esquecido exatamente o quanto havia emprestado a Morel e

reclamado três mil e quinhentos francos em vez de quatro mil, o que faria o violinista ganhar quinhentos

francos, este último respondeu que, diante de tamanha falsidade, não só não pagaria mais um tostão

como o seu credor devia julgar-se muito feliz que ele não o processasse. E dizendo isto seus olhos

chamejavam. Aliás, Morel não se contentou com dizer que Bloch e o Sr. Nissim Bernard não tinham

motivo para ter queixas dele, mas eles sim é que deveriam considerar-se felizes que não lhes guardasse

rancor. Enfim, tendo o Sr. Nissim Bernard, ao que parece, declarado que Thibaud tocava tão bem quanto

Morel, este julgou dever atacá-lo diante dos tribunais, pois tal afirmativa o prejudicava na profissão;

depois, como não existe mais justiça na França, sobretudo contra os judeus (o antisemitismo em Morel

fora o efeito natural do empréstimo de cinco mil francos por um israelita), passou a sair sempre com um

revólver carregado. Um tal estado nervoso, seguindo-se a uma viva ternura,

devia logo ocorrerem Morel

relativamente à sobrinha do coleteiro. É verdade que o Sr. de Charlus foi, talvez sem desconfiar, um

pouco responsável por essa mudança, pois muitas vezes declarava, sem acreditar no que dizia, e para

aborrecê-los, que, uma vez casados, ele não voltaria a vê-los e os deixaria voar com as próprias asas. Tal

idéia era em si mesmo absolutamente insuficiente para desprender Morel da moça; permanecendo no

espírito de Morel, estava pronta a se combinar um dia com outras idéias afins e capazes, uma vez que a

mistura se realizasse, de se tornarem um poderoso agente de ruptura.

Aliás, não era muito seguido que me ocorria encontrar o Sr. de Charlus e Morel. Muitas vezes eles

já tinham entrado na loja de Jupien quando eu deixava a duquesa, pois o prazer que sentia junto dela era

tanto que acabava por esquecer não só a espera ansiosa que precedia o regresso de Albertine, mas até a

hora desse regresso.

Colocarei à parte, dentre esses dias em que me atrasava na casa da Sra. de Guermantes, um que

para mim foi marcado por um pequeno incidente cujo cruel significado me escapou inteiramente e só o

compreendi muito tempo depois. Naquele fim de tarde, a Sra. de Guermantes me dera, pois sabia que as

apreciava, umas seringas vindas do Sul. [Siringa: Gênero de plantas arbustivas

da família das oleáceas,

muito comuns na Europa e na Ásia. (N. do T)] Quando, tendo deixado a duquesa, subi de volta para casa,

Albertine já tinha regressado, e cruzei na escada com Andrée, a quem o aroma excessivamente forte das

flores pareceu incomodar.

- Como, vocês já voltaram? -disse eu.

- Faz apenas um instante; mas Albertine tinha que escrever e me mandou embora.

- Acha que ela tem em mente algum projeto censurável?

- De modo nenhum. Ela está escrevendo à tia, creio. Mas ela, que não gosta de cheiros fortes, não

ficará nada contente com as suas siringas.

- Então eu tive uma péssima idéia! Vou dizer a Françoise que as ponha no patamar da escada de

serviço.

- Se pensa que Albertine não sentirá o cheiro da siringa em você! Este cheiro e o da angélica são

talvez os mais persistentes. Além disso, acho que Françoise foi fazer compras.

- Mas então, eu, que hoje estou sem minha chave, como é que poderei entrar?

- Ora, basta tocar a campainha, que Albertine lhe abrirá a porta. E depois, talvez Françoise tenha

voltado nesse meio tempo.

Despedi-me de Andrée. Logo no primeiro toque, Albertine veio me abrir a porta, o que foi bastante

complicado, pois, como Françoise havia saído, Albertine não sabia onde acender a luz. Por fim,

conseguiu fazer-me entrar, mas as flores de siringa a puseram em fuga. Coloquei-as na cozinha, de modo

que, interrompendo a sua carta (não entendi por quê), minha amiga teve de ir ao meu quarto, de onde me

chamou, e de estender-se em minha cama. Mais uma vez, no momento, não achei em tudo aquilo nada

que não fosse muito natural, no máximo um tanto confuso, em todo caso insignificante. Ela escapara de

ser surpreendida com Andrée e ganhara tempo apagando tudo, indo para o meu quarto para não deixar

ver a sua cama em desordem e fingira estar escrevendo. Mas veremos tudo isso mais tarde, tudo isso

que eu jamais soube se era verdadeiro.

Salvo este único incidente, tudo se passava normalmente quando eu voltava da casa da duquesa.

Ignorando Albertine se eu desejaria ou não sair com ela antes do jantar, encontrava eu de costume, na

antecâmara, o seu chapéu, seu casaco, sua sombrinha, que ela deixara para qualquer eventualidade.

Logo que os avistava, ao entrar, a atmosfera da casa tornava-se respirável. Eu sentia que, em vez de um

ar rarefeito, a ventura é que a enchia. Estava salvo da minha tristeza, a vista desses nadas me fazia

possuir Albertine, corria para ela.

Nos dias em que eu não descia à casa da Sra. de Guermantes, a fim de que o tempo me

parecesse menos longo, durante aquela hora que precedia o regresso da minha amiga, eu folheava um

álbum de Elstir ou um livro de Bergotte.

Então-como as próprias obras que parecem dirigir-se apenas à vista e ao ouvido exigem que, para

desfrutá-las, nossa inteligência desperta colabore estreitamente com esses dois sentidos-eu fazia, sem

perceber, que saíssem de mim os sonhos que Albertine suscitara outrora, quando não a conhecia ainda,

e que a vida cotidiana havia extinto. Eu os lançava na frase do músico ou na imagem do pintor como um

crisol, e deles alimentava a obra que estava lendo. E esta, sem dúvida, me parecia mais viva. Porém

Albertine não ganhava menos em ser desse modo transportada de um dos dois mundos a que temos

acesso e onde podemos situar alternativamente um mesmo objeto, em escapar assim à esmagadora

pressão da matéria para nos recrearmos nos fluidos espaços do pensamento. De súbito acontecia-me, e

por um instante, poder sentir pela tediosa moça ardentes afetos. Nesse momento, ela parecia uma obra

de Elstir ou de Bergotte, eu experimentava uma exaltação momentânea por ela, vendo-a no recuo da

imaginação e da arte.

Em breve, preveniam-me que ela acabava de regressar; ainda tinham ordem de não lhe

pronunciar o nome se eu não estivesse sozinho, se, por exemplo, estivesse comigo Bloch, a quem eu

obrigava a ficar mais um instante, de modo a que não se arriscasse a encontrar a minha amiga. Pois eu

escondia que ela morava comigo, e até que a recebia em casa, tamanho era o medo de que um de meus

amigos se enamorasse dela, fosse esperá-la fora, ou que, no instante de um encontro na antecâmara ou

no corredor, ela pudesse fazer um sinal e marcar um encontro. Depois eu ouvia o ruído da saia de

Albertine, que se dirigia para o quarto, pois por discrição e também, sem dúvida, por aquelas tentações

com que, no tempo dos nossos jantares na Raspeliere, esforçava-se para que eu não ficasse enciumado,

ela não vinha para o meu quarto, sabendo que não estava sozinho. Mas não era só por isto, eu a

compreendia logo. Lembrava-me, havia conhecido uma primeira Albertine; depois, bruscamente, ela se

mudara numa outra, a atual. E pela mudança não podia eu responsabilizar a ninguém, só a mim mesmo.

Tudo o que ela teria logo me confessado facilmente, de bom grado, quando éramos bons camaradas,

deixara de expandir-se desde que julgara que eu a amava, ou talvez sem pronunciar o nome do Amor,

adivinhara um sentimento inquisitorial que pretende saber, entretanto sofre ao

saber, e procura saber

ainda mais. Desde aquele dia ela me ocultara tudo. Desviava-se do meu quarto se pensava que eu

estava, nem mesmo, muitas vezes, com uma amiga e sim com um amigo, ela cujos olhos se

interessavam outrora tão vivamente quando lhe falava de uma moça:

- Convém tratar de convidá-la, gostaria de conhecê-la.

- Mas ela tem aquilo que você chama de maus modos.

- Justamente, seria bem mais divertido. -

Naquele momento, eu poderia talvez saber tudo. E mesmo quando, no pequeno cassino, ela

afastara os seios dos de Andrée, não creio que o fizesse devido à minha presença mas à de Cottard, o

qual lhe teria dado fama, segundo pensava sem dúvida, de má reputação. Entretanto, já então ela

começara a congelar-se, as palavras confiantes já não saíam de seus lábios, seus gestos eram

reservados. Depois afastara de si mesma tudo o que teria podido emocionar-me. Às partes de sua vida

que eu não conhecia, dava um caráter ao qual se fazia cúmplice a minha ignorância, para sublinhar o que

possuía de inofensivo. E agora, completada a transformação, ela ia diretamente a seu quarto, se eu não

estivesse sozinho, não só para não me incomodar, mas para me mostrar que era despreocupada em

relação aos outros. Havia só uma coisa que ela nunca mais faria para mim, que ela só teria feito no tempo

em que isso me fora indiferente, que teria feito facilmente por isso mesmo, era justamente confessar. Eu

estaria, para sempre, como um juiz, reduzido a tirar conclusões incertas de imprudências de linguagem

que não eram talvez inexplicáveis sem recorrer à culpabilidade. E ela sempre me sentiria ciumento e juiz.

Nosso noivado assumia uma condição de processo e dava-lhe a timidez de uma pessoa culpada.

Agora ela mudava de assunto quando se tratava de pessoas, homens ou mulheres, que não fossem

velhos. Quando ela ainda não desconfiava que lhe tinha ciúmes é que eu deveria ter indagado o que

desejava saber. É preciso aproveitar aquele tempo.

É então que nossa amiga nos fala dos seus prazeres e até dos meios que emprega para

dissimulá-los aos outros. Agora, já não teria me confessado como fizera em Balbec, um tanto porque era

verdade, um tanto para se escusar de não mostrar mais sua ternura por mim, pois eu já então a deixava

cansada, e ela havia percebido, pela minha amabilidade com ela, que não havia necessidade de me

agradar tanto quanto aos outros para obter de mim mais do que deles-ela já não teria me confessado

como então:

"Acho estúpido deixar ver que se ama; comigo, é o contrário: quando uma pessoa me agrada, finjo

não prestar atenção nela. Assim, ninguém fica sabendo de coisa alguma."

Como! Era a mesma Albertine de hoje, com suas pretensões à franqueza e a ser indiferente a

todos, que me dissera aquilo! Não teria me enunciado essa regra agora!

Ao conversar comigo, contentava-se em aplicá-la dizendo acerca de tal ou qual pessoa que podia

inquietar-se:

- Ah! Não sei, não olhei para ela, é insignificante demais.

E, de vez em quando, para antecipar-se às coisas que eu poderia acabar sabendo, fazia dessas

confissões cuja entonação, antes que se conheça a realidade que elas são encarregadas de deturpar, de

inocentar, já denuncia como sendo mentiras.

Escutando os passos de Albertine com o confortável prazer de imaginar que ela não voltaria a sair

aquela noite, admirava-me de que, para essa moça, com quem outrora acreditara jamais poder travar

relações, voltar todos os dias para casa significava exatamente entrar em minha casa. O prazer feito de

mistério e de sensualidade, que eu experimentara, fugitivo e fragmentário em Balbec, na noite em que ela

tinha vindo dormir no hotel, estava completo, estabilizado, enchia a minha casa, outrora vazia, de uma

permanente provisão de brandura doméstica, quase familiar, dispersa até pelos corredores, e na qual

todos os meus sentidos, ora de fato, ora nos momentos em que eu estava sozinho, em imaginação e pela

expectativa do regresso, se nutriam sossegadamente. Ao ouvir fechar-se a porta do quarto de Albertine,

caso eu estivesse na companhia de um amigo, apressava-me a fazê-lo sair, só o deixando quando estava

certo de que ele já se achava na escada, de que eu descia alguns degraus se fosse necessário.

No corredor, Albertine vinha ao meu encontro.

- Olhe, enquanto mudo a roupa, mando-lhe Andrée, ela subiu um momentinho para lhe dar boa-

noite. -

E, estando ainda envolvida no seu grande véu cinzento, que descia da touca de chinchila e que eu

lhe havia dado em Balbec, retirou-se e voltou para seu quarto, como se tivesse adivinhado que Andrée,

encarregada por mim de vigiá-la, ia, ao me contar numerosos detalhes, ao fazer menção ao encontro

delas com uma pessoa conhecida, trazer alguma precisão às regiões vagas em que se desenrolara o

passeio que haviam feito o dia inteiro e que eu não pudera imaginar.

Os defeitos de Andrée tinham se denunciado; ela não era mais tão agradável como quando a

conhecera. Havia nela, agora, à flor da pele, uma espécie de inquietação acre, prestes a recrudescer

como no mar uma rajada de vento, se por acaso eu lhe falasse de alguma coisa que fosse agradável para

Albertine e para mim. Isto não impedia que Andrée fosse melhor para mim, gostasse mais de mim e

muitas vezes tive a prova disso -do que de pessoas mais amáveis. Mas o menor ar de felicidade que se

tivesse, se não fosse causado por ela, produzia-lhe uma impressão nervosa, desagradável como o

barulho de uma porta fechada com muita força. Ela admitia os sofrimentos em que não tomasse parte,

não os prazeres; se me via doente, afligia-se, lastimava-se, teria cuidado de mim. Mas, se eu tivesse uma

satisfação, tão insignificante como espreguiçar-me com ar de beatitude, ao fechar um livro, e dizer:

- Ah, acabo de passar duas horas encantadoras a ler tal livro agradável -, estas palavras, que

teriam dado prazer a minha mãe, a Albertine, a Saint-Loup, excitavam em Andrée uma espécie de

reprovação, talvez simplesmente mal-estar nervoso. Minhas satisfações causavam-lhe uma irritação que

ela não podia ocultar. Esses defeitos eram completados por outros mais graves; um dia em que eu falava

daquele rapaz tão entendido em assuntos de corridas, jogos e golfe, e tão inculto quanto ao resto, que eu

encontrara com o pequeno grupo em Balbec, Andrée começou a fazer troça:

- Sabe? O pai dele cometeu um roubo, quase foi processado. Tornaram-se ainda mais petulantes,

mas eu me divirto contando o caso a todos. Gostaria que me processassem por denúncia caluniosa. Que

belo depoimento eu faria! -

Seus olhos faiscavam. Ora, eu soube que o pai não cometera nenhum ato desabonador, que

Andrée o sabia tão bem como qualquer um. No entanto, julgara-se desprezada pelo filho, havia procurado

algo que o pudesse prejudicar, cobri-lo de vergonha, inventara todo um romance de depoimentos que

imaginara e ela seria chamada a fazer e, à força de repetir os detalhes dessa invenção, talvez ela própria

ignorasse que tudo aquilo não era verdade.

Tal como se havia tornado (e até sem seus ódios curtos e doidos), não teria desejado vê-la, nem

que apenas fosse por causa daquela suscetibilidade malévola que rodeava de um cinturão acre e glacial

a sua verdadeira índole, mais calorosa e melhor. Porém as informações que só ela podia me dar sobre a

minha amiga interessavam-me demais para que eu desprezasse uma tão rara ocasião para sabê-las.

Andrée entrava, fechava a porta atrás de si; elas haviam encontrado uma amiga, e Albertine

jamais me falara dela.

- Que foi que conversaram?

- Não sei, pois aproveitei que Albertine não estava sozinha para ir comprar lã.

- Comprar lã?

- Sim, foi Albertine quem me pediu.

- Mais uma razão para não ir, era talvez de propósito para afastá-la.

- Mas ela me havia pedido antes de encontrar a amiga.

- Ah! - respondia eu, recobrando o fôlego. E logo a suspeita me assaltava de novo: - Mas quem

sabe se ela não tinha marcado um encontro de antemão com essa amiga e não combinara um pretexto

para estar segura de ficar sozinha quando quisesse?-Além disso, não estaria eu certo de que a velha

hipótese (a de que Andrée só me dizia a verdade) fosse a boa? Andrée talvez

estivesse mancomunada

com Albertine. Amor, dizia eu comigo em Balbec, a gente tem por uma pessoa cujos atos principalmente

nos despertam o ciúme; sentimos que, se ela no-los contasse todos, talvez nos curássemos facilmente de

amar. O ciúme, por mais habilmente dissimulado que seja por aquele que o sente, é bem depressa

descoberto por aquela que o inspira, e que por sua vez usa de habilidade. Ela procura nos iludir acerca

de que nos possa tornar infelizes, e o consegue, pois, àquele que não está prevenido, por que razão uma

frase insignificante revelaria as mentiras que ela esconde? Não a distinguimos das outras; dita com

temor, é ouvida sem atenção. Mais tarde, quando estivermos a sós, voltaremos àquela frase, e ela não

nos parecerá perfeitamente adequada à realidade. Mas essa frase, lembramo-nos bem dela? Parece

nascer em nós, espontaneamente, a seu respeito e quanto à exatidão de nossa lembrança, uma dúvida

do tipo daquelas que fazem com que, no decurso de certos estados nervosos, a gente nunca possa

lembrar se correu ou não o ferrolho, e isto tanto na qüinquagésima como na primeira vez; dir-se-ia que se

pode recomeçar indefinidamente o ato sem que ele jamais seja acompanhado de uma lembrança exata e

libertadora. Pelo menos podemos fechar a porta uma qüinquagésima primeira vez. Ao passo que a frase

inquietante está no passado, numa audição incerta, cuja renovação não depende de nós. Então,

exercemos nossa atenção sobre outras pessoas, que não escondem nada, e o único remédio, que

absolutamente não queremos, seria ignorar tudo para não ter o desejo de saber melhor. Logo que o

ciúme é descoberto, é considerado por aquela de quem é o objeto como uma desconfiança que autoriza a

traição. Além disso, para tentar saber alguma coisa, nós é que tomamos a iniciativa de mentir, de

enganar. Andrée e Aimé bem que nos prometem não dizer nada, mas o farão? Bloch não pôde prometer

nada, visto que nada sabia, e, por pouco que converse com cada um dos três, Albertine, com a ajuda do

que Saint-Loup teria denominado "cotejo", saberá que lhe mentimos quando pretendíamos ser

indiferentes a seus atos e moralmente incapazes de mandá-la vigiar. Assim ocorrendo-relativamente ao

que fazia Albertine-, à minha infinita dúvida habitual, indeterminada demais para não ser indolor, e que

era para o ciúme o que são para o desgosto esses começos de esquecimento em que o sossego nasce

do vago-o pequeno fragmento de resposta que me trazia Andrée colocava de imediato novas perguntas;

eu não conseguira, ao explorar uma parcela da grande zona que se estendia ao meu redor, mais que

afundar para dentro dela aquele incognoscível que é para nós, quando

procuramos efetivamente nos

representá-la, a vida real de uma outra pessoa. Continuava a interrogar Andrée, enquanto Albertine, por

discrição e para me deixar (tê-lo-ia adivinhado?) todo o lazer de questionar sua amiga, prolongava o ato

de despir-se no quarto.

- Creio que o tio e a tia de Albertine gostam muito de mim - disse eu estouvadamente a Andrée,

sem pensar no seu temperamento. E logo vi o seu rosto viscoso alterar-se como um xarope azedo,

parecendo turvar-se para sempre. Sua boca se fez amarga. Nada mais restava em Andrée daquela

alegria juvenil que, como todo o pequeno grupo e apesar de sua natureza enfermiça, ela ostentava no

ano de minha primeira temporada em Balbec, e que agora (é verdade que Andrée estava um pouco mais

velha) se eclipsava tão depressa nela. Mas eu ia fazê-la involuntariamente renascer antes que me

deixasse para ir jantar em casa.- Alguém me fez hoje um imenso elogio de sua pessoa - disse-lhe. E logo

um raio de alegria iluminou seu olhar, ela parecia amar-me de fato. Evitava olhar-me, mas ria no vago

com dois olhos subitamente bem redondos.

- Quem foi? - perguntou com um interesse ingênuo e glutão. Disse-lhe um nome e, fosse quem

fosse, ela estava feliz.

Depois, chegava a hora de ir embora, ela me deixava. Albertine voltava para junto de mim; tirara o

vestido e agora trazia um dos *peignoirs* de crepe da China, ou dos *chambres* japoneses, cuja descrição

havia pedido à Sra. de Guermantes e para vários dos quais eu recebera certos detalhes suplementares

da Sra. Swann, por meio de uma carta que principiava por estas palavras: "depois de seu longo eclipse,

julguei, ao ler a sua carta relativa aos meus *teagown*, receber notícias de uma alma do outro mundo."

Albertine calçava sapatos pretos, ornados de brilhantes, que Françoise, com raiva, chamava de

tamancos, semelhantes aos que, pela janela do salão, ela vira que a Sra. de Guermantes usava em casa

à noite, assim como, tempos depois, Albertine usou sandálias, umas de pele de cabrito, douradas, outras

de chinchila, e cuja vista lhe satisfazia porque umas e outras eram como sinais (que outros calçados não

seriam) de que ela morava comigo. Também possuía coisas que não provinham de mim, como um belo

anel de ouro, no qual eu admirava as asas abertas de uma águia.

- Foi presente da minha tia - disse ela. - Apesar de tudo, ela às vezes é gentil. Isto me envelhece,

pois ganhei-o quando fiz vinte anos.

Por todas essas lindas coisas, Albertine era de um gosto bem mais vivo do que a duquesa,

porque, como todo obstáculo aplicado a uma posse (como, para mim, a doença, que me tornava as

viagens tão difíceis e tão desejáveis), a pobreza, mais generosa que a opulência, concede às mulheres

bem mais do que o vestido que elas não podem comprar, o desejo desse vestido, e que é conhecimento

verdadeiro, detalhado e aprofundado dele. Ela, porque não pudera comprar essas coisas, eu, porque,

mandando fazê-las, procurava lhe dar prazer, éramos como esses estudantes que conhecem de antemão

os quadros que anseiam ver em Dresde ou em Viena. Ao passo que as mulheres ricas, no meio da

multiplicidade de seus chapéus e vestidos, são como esses visitantes a quem a ida a um museu, não

sendo precedida de qualquer desejo, dá somente uma sensação de entorpecimento, fadiga e tédio.

Aquela touca, aquela capa de zibelina, aquele *peignoir* de Doucet com mangas de forro cor-de-

rosa assumiam para Albertine, que os avistara, cobiçara e, graças ao exclusivismo e à minúcia que

caracterizam o desejo, os havia a um tempo isolado do resto num vazio sobre o qual se destacava às

maravilhas o forro ou a *écharpe*, e conhecido em todas as suas partes-e para mim, que fora à casa da

Sra. de Guermantes tentar fazer-me explicarem que consistia a particularidade, a superioridade e o

chique da coisa, e o feitio inimitável do grande fabricante -, uma importância,

um encanto que certamente

não tinham para a duquesa, saciada antes mesmo de estar com apetite, ou mesmo para mim se os

houvesse visto alguns anos antes, acompanhando esta ou aquela mulher elegante numa de suas

aborrecidas turnês pelas lojas de costureiras. Decerto, Albertine se tornava, aos poucos, uma mulher

elegante. Pois, se cada coisa que eu assim mandava fazer para ela era no gênero a mais bonita, com

todos os refinamentos que nela poriam a Sra. de Guermantes ou a Sra. Swann, dessas coisas ela

começava a ter muitas. Mas pouco importava, desde que ela as havia amado primeiro e isoladamente.

Quando nos apaixonamos por um pintor, depois por outro, podemos afinal ter por todo o museu uma

admiração que não é glacial, pois composta de amores sucessivos, cada qual exclusivo em seu tempo, e

que por fim se reuniram e se reconciliaram.

Aliás, ela não era frívola; lia muito quando estava sozinha e também lia para mim quando estava

comigo. Tornara-se extremamente inteligente. Dizia, aliás enganando-se:

- Fico assombrada ao pensar que sem você teria permanecido estúpida. Não negue; você me

abriu um mundo de idéias de que eu nem suspeitava, e o pouquinho em que me tornei devo-o apenas a

você.

Da mesma forma, aliás, referira-se à minha influência sobre Andrée. Uma ou outra sentiriam algo

por mim? E, em si mesmas, quem eram Albertine e Andrée? Para sabê-lo, seria preciso imobilizar-vos,

não viver nesta espera perpétua de vós em que passais sempre outras, seria preciso não mais amar-vos

para vos fixar, não mais conhecer vossa interminável e sempre desconcertante chegada, ó jovens, ó raio

sucessivo no turbilhão em que palpitamos ao tornar a ver-vos reaparecer, ao mal reconhecer-vos na

vertiginosa velocidade da luz. Talvez ignorássemos essa velocidade e tudo nos pareceria imóvel, caso

uma atração sexual não nos fizesse correr para vós, gotas de ouro sempre dissemelhantes e que sempre

ultrapassam a nossa expectativa. De cada vez, uma moça se assemelha tão pouco ao que era na vez

anterior (fazendo em pedaços, desde que a vemos, a lembrança que havíamos conservado e o desejo

que nos propúnhamos) que a estabilidade de natureza que lhe atribuímos é apenas fictícia e para a

comodidade da linguagem. Disseram-nos que uma jovem é terna, amorosa, dotada dos mais delicados

sentimentos. Nossa Imaginação acredita-o sob palavra e, quando nos aparece pela primeira vez, na

moldura ondulada dos cabelos louros, o disco do seu rosto rosado, quase chegamos a temer que essa

irmã excessivamente virtuosa nos arrefeça por sua própria virtude, e jamais

possa ser para nós a amante

com que havíamos sonhado. Pelo menos, quantas confidências lhe fazemos desde o primeiro momento,

fiados nessa nobreza de coração, quantos projetos feitos em conjunto! Porém, alguns dias depois,

lamentamos ter confiado tanto, pois a jovem rosada nos surge, da segunda vez, com expressões de

deslavada sensualidade. Nas faces sucessivas que, após a pulsação de alguns dias, apresenta-nos a

rósea luz interceptada, nem mesmo é garantido que um movimento exterior a essas moças não haja

modificado o seu aspecto, e isso poderia ter ocorrido com as minhas jovens de Balbec. Elogiam para nós

a doçura e a pureza de uma virgem.

Mas, depois disso, sentimos que algo mais apimentado nos saberia melhor e aconselhamo-la a se

mostrar mais picante. Em si própria, qual das duas ela era mais? Talvez nem uma nem outra, mas capaz

de aceder a tantas possibilidades diversas na corrente vertiginosa da vida. Com outra, cujo atrativo

residia em algo de implacável (que contávamos dobrar à nossa maneira), como, por exemplo, a terrível

saltadora de Balbec, que nos seus pulos passava raspando pelas cabeças dos velhos apavorados, que

decepção quando, na nova face mostrada por essa figura, no momento em que lhe dizíamos umas

ternuras exaltadas pela recordação de tantas durezas para com os outros, nós a ouvíamos dizer, para

início de conversa, que era tímida, que nunca sabia dizer nada sensato a alguém da primeira vez, de

tanto medo que tinha, e que só depois de quinze dias é que poderia conversar tranqüilamente conosco! O

aço se transformara em algodão, já não teríamos nada para tentar dobrar visto que por si mesma ela

perdera toda consistência. Por si mesma, mas talvez por culpa nossa, pois as palavras ternas que

havíamos dirigido à Dureza talvez lhe houvessem, mesmo que não o tivesse feito por cálculo interessado,

sugerido fazer-se meiga. (O que nos desolava, contudo, mas enfim não era tão desajeitado, pois o

reconhecimento por tanta doçura ia talvez nos forçar a mais que o enlevo diante da crueldade domada.)

Não digo que não há de chegar um dia em que, mesmo a essas moças luminosas, não atribuamos

caracteres tão marcantes, mas é que elas terão deixado de nos interessar, que a sua entrada já não será

para o nosso coração o aparecimento que ele aguardava fosse diferente e que o deixa perturbado a cada

vez por encarnações novas. Sua imobilidade decorrerá da nossa indiferença, que as entregará ao

julgamento do espírito.

Este, aliás, não decidirá de modo muito mais categórico, pois, após ter julgado que tal defeito

predominante numa, estava felizmente ausente da outra, verá que tal defeito possuía, em contrapartida,

uma qualidade preciosa. De modo que, do julgamento falso da inteligência, a qual só entra em jogo

quando deixamos de nos interessar, sairão definidas certas naturezas de moças, estáveis, mas que não

nos informarão mais que as surpreendentes fisionomias aparecidas a cada dia, quando, na velocidade

estonteante da nossa espera, nossas amigas se apresentavam todos os dias, todas as semanas,

diversas demais para nos permitir, visto que jamais se interrompe a corrida, classificar, estabelecer

posições. Quanto aos nossos sentimentos, já falamos demais deles para repetir que, muitas vezes, um

amor não passa da associação de uma imagem de moça (que sem isso se nos tornaria rapidamente

insuportável) às batidas de coração inseparáveis de uma vã espera interminável, e de um "bolo" que a tal

senhorita nos deu. Tudo isso é verdade apenas para os jovens imaginativos que lidam com moças

mutáveis.

Desde o tempo a que chegou a nossa narrativa, parece, soube-o depois, que a sobrinha de Jupien

havia mudado de opinião sobre Morel e o Sr. de Charlus. Meu chofer, vindo em reforço do amor que ela

sentia por Morel, gabara-lhe, como se de fato as houvesse no violinista, delicadezas infinitas nas quais,

de resto, ela estava bastante inclinada a acreditar. E, por outro lado, Morel não cessava de lhe comentar

o papel de carrasco que o Sr. de Charlus exercia sobre ele e que ela atribuía à malvadez, sem adivinhar

que era amor. Aliás, via-se obrigada a constatar que o Sr. de Charlus assistia tiranicamente a todas as

suas entrevistas. E, corroborando isto, ela ouvia as senhoras elegantes falarem da maldade atroz do

barão. Ora, não fazia muito que seu julgamento mudara completamente. Descobrira em Morel (sem por

isso deixar de amá-lo) abismos de maldade e de perfídia, aliás compensadas por uma doçura freqüente e

uma real sensibilidade, e, no Sr. de Charlus, uma insuspeitada e imensa bondade, mesclada a durezas

que ela não conhecia. Assim, não pudera fazer um juízo mais definido sobre o que eram, cada um em si

mesmo, o violinista e seu protetor, do que eu sobre Andrée, a quem no entanto via todos os dias, e sobre

Albertine, que morava comigo.

Nas noites em que esta última não me lia em voz alta, ela tocava piano para mim ou jogávamos

partidas de damas, ou conversávamos, jogo e conversa que eu interrompia para beijá-la. Nossas relações

eram de uma simplicidade que as tornava repousantes. O próprio vazio de sua vida conferia a Albertine

uma espécie de solicitude e de obediência para as únicas coisas que eu exigia dela. Por detrás dessa

jovem, como detrás da luz purpurina que caía aos pés de minhas cortinas em Balbec, enquanto

ribombava o concerto dos músicos, nacaravam-se as ondulações azuladas do mar. Com efeito, não era

ela (no fundo de quem residia de modo habitual uma idéia de mim tão familiar que, depois de sua tia, eu

era talvez a pessoa que ela menos distinguia de si mesma) a mocinha que eu vira pela primeira vez em

Balbec, sob sua boina achatada, com seus olhos insistentes e risonhos, desconhecida ainda, delgada

como uma silhueta recortada contra o fundo das ondas? Essas efígies que se conservam intactas na

memória, quando as reencontramos, espantamo-nos com sua dissemelhança da criatura que já

conhecemos; compreendemos então qual o trabalho de modelagem que o hábito cumpre diariamente. No

encanto que Albertine possuía em Paris, junto à minha lareira, vivia ainda o desejo que me inspirara o

séquito insolente e florido que se desenrolara ao longo da praia e, como Rachel conservava para Saint-

Loup, mesmo depois que ele a fez largar o palco, o prestígio da vida teatral, naquela Albertine

enclausurada em minha casa, longe de Balbec, de onde a trouxera precipitadamente, subsistiam a

emoção, a desordem social, a vaidade inquieta, os desejos fugidios da vida dos banhos de mar. Ela

estava tão bem engaiolada que até em certas noites eu não lhe mandava pedir

que trocasse o seu quarto

pelo meu, ela, a quem outrora todos seguiam, que me dava tanto trabalho para alcançá-la quando

disparava na sua bicicleta, e que o próprio ascensorista não lograva me trazer de volta, não me dando

qualquer esperança de que ela viesse, e que eu no entanto esperava a noite inteira. Pois não fora

Albertine, diante do hotel, como uma grande atriz da praia em chamas, excitando ciúmes quando

caminhava por aquele teatro da natureza, sem falar com ninguém, dando encontrões nos clientes

habituais, dominando as amigas, e não era essa atriz tão cobiçada que, retirada por mim de cena,

fechada em minha casa, a salvo dos desejos de todos, que de ora em diante podiam procurá-la em vão,

ora no meu quarto, ora no seu, onde ela se entregava a algum trabalho de desenho ou cinzeladura?

Sem dúvida, nos primeiros dias de Balbec, Albertine parecia estar num plano paralelo àquele em

que eu vivia, mas que se aproximara (quando eu estivera na casa de Elstir), até se juntarem ambos, à

medida que se estreitavam nossas relações, em Balbec, em Paris, depois de novo em Balbec. Além

disso, entre os dois quadros de Balbec, o da primeira e o da segunda temporadas, compostos das

mesmas vivendas de onde saíam as mesmas jovens diante do mesmo mar, quanta diferença! Nas

amigas de Albertine da segunda temporada, tão bem conhecidas de mim, de qualidades e defeitos tão

visivelmente gravados em suas fisionomias, conseguiria eu reencontrar aquelas frescas e misteriosas

desconhecidas que outrora não podiam, sem que me batesse o coração, fazer ranger na areia a porta de

seus chalés e roçar de passagem as tamargueiras frementes? Seus grandes olhos tinham se reabsorvido

desde então, sem dúvida porque haviam deixado de ser crianças, mas também porque essas

deslumbrantes desconhecidas, atrizes do romanesco primeiro ano e sobre quem eu não cessava de pedir

informações, não mais tinham mistérios para mim. Obedientes aos meus caprichos, haviam se tornado,

para mim, simples moças em flor, das quais não me sentia mediocremente orgulhoso de ter colhido,

escondido de todos, a mais bela rosa.

Entre os dois cenários de Balbec, tão diversos um do outro, havia o intervalo de vários anos em

Paris, sobre cujo longo percurso se colocavam tantas visitas de Albertine.

Eu a via, nos diferentes anos de minha vida, ocupando, em relação a mim, posições diversas que

me faziam sentir a beleza dos espaços interferidos, aquele longo tempo que se passara sem que eu a

visse, e sobre cuja profundeza diáfana a rósea pessoa diante de mim se modelava com misteriosas

sombras e poderoso relevo. Este, aliás, era devido à superposição não só das imagens sucessivas que

Albertine fora para mim, mas também das grandes qualidades de inteligência e coração, dos defeitos de

caráter, uns e outros insuspeitados de mim, que Albertine, numa germinação, numa multiplicação de si

mesma, numa florescência carnuda de cores sombrias, acrescentara a uma natureza antigamente quase

nula, e agora difícil de aprofundar. Pois as criaturas, mesmo as que, de tanto sonharmos com elas, nos

pareciam apenas uma imagem, uma figura de Benozzo Gozzoli que se destacasse sobre um fundo

esverdeado e cujas únicas variações estávamos dispostos a acreditar se referissem ao ponto em que nos

colocáramos para contemplá-la, à distância que nos afastava dela, à iluminação, essas criaturas, ao

passo que mudam em relação a nós, igualmente mudam em si mesmas; e houvera enriquecimento,

solidificação e acréscimo de volume na figura outrora simplesmente recortada contra o mar. De resto, não

era somente o mar do fim do dia que vivia para mim em Albertine, mas, por vezes, a sonolência do mar

na areia pelas noites de luar. De fato, algumas vezes, quando eu me levantava para procurar um livro no

gabinete de meu pai, minha amiga, que me pedira licença para se deitar durante a minha ausência,

achava-se tão cansada devido à longa excursão que fizera de manhã e de tarde,

ao ar livre, que, mesmo

se eu demorasse um instante apenas fora do quarto, ao voltar encontrava-a adormecida e não a

despertava. Estendida ao comprido em minha cama, numa atitude de um natural que não se teria podido

inventar, parecia-me uma longa haste em flor que tivessem colocado ali; e de fato assim era; o poder de

devanear, que eu só possuía em sua ausência, reencontrava-o nesses instantes junto dela, como se,

dormindo, ela se tornasse uma planta. Desse modo seu sono realizava, em certa medida, a possibilidade

do amor; sozinho, eu podia pensar nela, mas ela me faltava, não a possuía. Presente, eu lhe falava, mas

estava por demais ausente de mim mesmo para poder pensar.

Quando ela dormia, eu já não precisava falar, sabia que não era mais observado por ela, não tinha

mais necessidade de viver à superfície de mim mesmo. Fechando os olhos, perdendo a consciência,

Albertine se despojara, um após outro, de seus diferentes caracteres de humanidade que me haviam

decepcionado desde o dia em que a conhecera. Ela só estava animada da vida inconsciente dos vegetais

e das árvores, vida mais diversa da minha, mais estranha e que, no entanto, me pertencia mais.

Seu eu não fugia em todos os momentos, como quando conversávamos, pelas saídas do olhar e

do pensamento inconfesso. Recolhera a si própria tudo o que, lhe pertencendo, estava do lado de fora;

refugiara-se, enclausurada, resumida, em seu corpo. Tendo-a sob o meu olhar, em minhas mãos, tinha

eu aquela impressão de possuí-la por inteiro, o que não ocorria quando ela estava acordada. Sua vida

era-me submissa, exalava para mim o seu leve sopro. Eu escutava aquela murmurante emanação

misteriosa, suave como um zéfiro marinho, fascinante como esse luar que era o seu sono. Enquanto este

durava, eu podia sonhar com ela e todavia observá-la, e, quando ele se tornava mais profundo, tocá-la e

beijá-la. O que eu experimentava então era um amor diante de algo tão puro, tão imaterial, tão misterioso,

como se me encontrasse diante das criaturas inanimadas que são as belezas naturais. E, de fato, logo

que ela dormia um pouco mais profundamente, deixava de ser apenas a planta que fora; seu sono, à

beira do qual eu cismava com franca volúpia de que nunca me cansava, e de que poderia gozar

indefinidamente, era para mim toda uma paisagem. Seu sono punha junto a mim algo tão calmo, tão

sensualmente delicioso como essas noites de lua cheia na baía de Balbec, que se tornava suave como

um lago e onde os ramos mal se moviam; onde, estendidos na areia, escutaríamos sem fim o quebrar do

refluxo.

Entrando no quarto, eu ficara de pé na soleira sem ousar fazer barulho e não ouvia outro senão o

do hálito, que vinha expirar em seus lábios a intervalos intermitentes e regulares, como um refluxo, porém

mais brando e suave. E, no momento em que meu ouvido recolhia esse rumor divino, parecia-me que era,

nele condensada, toda a pessoa, toda a vida da cativa encantadora, estendida ali aos meus olhos.

Passavam carros barulhentos na rua; sua fronte, porém, permanecia imóvel, tão pura, sua respiração

bem leve, reduzida à simples expiração do ar necessário. Depois, vendo que seu sono não seria

perturbado, eu me adiantava com prudência, sentava-me na cadeira ao lado da cama e depois na própria

cama. Passei noites encantadoras conversando e brincando com Albertine, porém nunca tão doces como

quando a olhava dormir.

Por mais que ela tivesse tagarelando, jogando cartas, aquele ar natural que uma atriz não poderia

imitar, era uma naturalidade mais profunda, uma naturalidade de segundo grau o que me oferecia o seu

sono. A cabeleira, descendo-lhe ao longo do rosto corado, estava pousada a seu lado na cama e, às

vezes, uma mecha isolada e reta dava o mesmo efeito de perspectiva dessas árvores lunares, delgadas e

pálidas, que vemos nos quadros *rafaelescos* de Elstir. Se os lábios de Albertine estavam fechados, em

compensação, da maneira como eu me colocara, suas pálpebras pareciam tão pouco unidas que quase

me perguntava se ela estava dormindo de fato. Ainda assim, essas pálpebras baixas davam a seu rosto

aquela continuidade perfeita que os olhos não interrompem. Há pessoas cujo rosto assume beleza e

majestade desacostumadas quando não se lhes vê o olhar. Media com os olhos, Albertine estendida a

meus pés. Por instantes, ela era percorrida por uma agitação leve e inexplicável, como as folhagens que

uma brisa inesperada convulsiona durante alguns momentos. Tocava no cabelo, e depois, não o tendo

feito como desejava, estendia de novo a mão em movimentos tão seguidos, tão voluntários, que eu

estava certo de que ela ia acordar. De modo algum; tornava-se calma no sono, que não abandonara. Daí

em diante permanecia imóvel.

Pousara a mão sobre o peito num abandono do braço tão ingenuamente pueril, que eu era

obrigado, ao olhá-la, a conter o sorriso que, pela sua seriedade, inocência e graça, nos provocam as

criancinhas. A mim, que conhecia várias Albertines numa só, parecia-me ver muitas outras mais

repousando a meu lado.

Suas sobrancelhas, arqueadas como jamais as vira, cercavam os globos de suas pálpebras como

um ninho suave de alcíone. Raças, atavismos e vícios repousavam no seu rosto. De cada vez que movia

a cabeça criava uma nova mulher, freqüentemente não suspeitada por mim. Parecia-me possuir não uma,

mas inúmeras moças. Sua respiração, aos poucos mais profunda, agora erguia-lhe o colo regularmente e,

por sobre ele, as mãos cruzadas, as pérolas, deslocadas de modo diferente pelo mesmo movimento,

como esses barcos, essas correntes de amarração que o movimento das ondas faz oscilar. Então,

sentindo que ela estava em pleno sono, e que eu não iria ferir-me em escolhos de consciência agora

recobertos pela maré montante do sono profundo, deliberadamente saltava para a cama, deitava-me ao

comprido a seu lado, estreitava o seu talhe com um dos braços, pousava os lábios em seu rosto e no seu

coração, e depois sobre todas as partes do corpo lhe pousava a mão que ficara livre, e que também era

erguida como as pérolas pela respiração de Albertine; eu mesmo era levemente deslocado pelo seu

movimento regular. Embarcara no sono de Albertine.

Às vezes, tal sono me ofertava um prazer menos puro. Para tanto, eu não precisava fazer nenhum

movimento; apertava a perna contra a dela, como um remo que se deixa à toa e ao qual se imprime, de

vez em quando, uma leve oscilação parecida ao bater intermitente da asa, como fazem os pássaros que

dormem voando. Para olhá-la, eu escolhia aquela face de seu rosto que nunca se via e era tão linda.

Compreende-se, a rigor, que as cartas que alguém nos escreve sejam mais ou menos iguais entre si e

desenhem uma imagem bem diversa da pessoa que se conhece para que constituam uma segunda

personalidade. Porém, quanto é mais estranho que uma mulher seja colada, como Rosita e Doodica,

[Rosita e Doodica: gêmeas siamesas, a primeira de nome verdadeiro Radica (e não Rosita), separadas

em 1902 pelo professor Doyen. (N. do T)] a outra mulher, cuja beleza diversa leva a induzir um outro

caráter, e que para ver uma seja necessário colocarmo-nos de perfil, e para ver a outra, de frente. O

rumor de sua respiração, tornando-se mais forte, podia dar a ilusão do ofegante prazer e, quando o meu

chegava ao fim, podia beijá-la sem interromper o seu sono. Nesses momentos, parecia-me acabar de

possuí-la mais completamente, como uma coisa inconsciente e sem resistência da natureza muda. Não

me inquietavam as palavras que ela às vezes deixava escapar ao dormir; o seu sentido me fugia, e, além

disso, fosse qual a pessoa desconhecida a que se referissem, era sobre a minha mão, meu rosto, que

sua mão, por vezes animada de um leve estremecimento, crispava-se por um instante. Eu fruía o seu

sono com um amor desinteressado e calmante, assim como ficava horas a escutar

a arrebentação das

ondas. Talvez seja necessário que as criaturas se mostrem capazes de nos fazer sofrer muito, para que,

nas horas de remissão, nos proporcionem o mesmo alívio que a natureza. Não tinha de lhe responder

como quando conversávamos, e, mesmo que me calasse, como fazia também quando ela falava, ao ouvi-

la falar eu não penetrava tão profundamente nela. Continuando a ouvi-la, a recolher de instante em

instante o murmúrio tranqüilizador, como uma brisa imperceptível de seu hálito puro era toda uma

existência fisiológica que estava diante de mim e para mim; tanto tempo como antigamente ficava deitado

na praia, ao luar, teria ficado ali a contemplá-la, a escutá-la. Às vezes, dir-se-ia que o mar se encapelava,

que a tempestade se fazia sentir até na baía, e eu me punha, como ela, a escutar o ronco do seu sopro,

que rugia.

Às vezes, quando ela sentia muito calor, tirava, já quase dormindo, o seu quimono, e o atirava

numa poltrona. Enquanto ela dormia, eu dizia comigo que todas as suas cartas estavam no bolso interno

desse quimono onde as punha sempre. Uma assinatura, um encontro marcado seriam o bastante para

provar uma mentira ou dissipar uma suspeita. Quando sentia ser bem profundo o sono de Albertine,

afastando-me dos pés da sua cama onde a contemplava há muito sem fazer um só movimento, eu

arriscava um passo, tomado de ardente curiosidade, sentindo o segredo dessa vida oferecido, frouxo e

sem defesa naquela poltrona. Talvez também desse aquele passo porque contemplar sem se mexer

acaba por tornar-se cansativo. E assim, na ponta dos pés, voltando-me sem cessar para ver se Albertine

não acordava, eu ia até a poltrona. Ali parava, ficava longo tempo a olhar o quimono como tinha estado

longo tempo a contemplar Albertine. Mas (e talvez tenha sido um erro) nunca toquei no quimono, nem

coloquei a mão no bolso ou olhei as cartas. Por fim, vendo que não me resolvia, desandava o caminho

com passos de lã, voltava para junto da cama de Albertine e me punha de novo a olhá-la dormindo, ela

que não me dizia nada, ainda que eu visse no braço da poltrona aquele quimono que talvez me dissesse

muitas coisas. E, assim como as pessoas alugam, por cem francos diários, um quarto no hotel de Balbec

a fim de respirar o ar marinho, eu achava muito natural gastar mais do que isso com ela, pois tinha o seu

hálito junto à face, em sua boca, que contra a minha eu entreabria e onde pela minha língua passava a

sua vida.

Mas a este prazer de vê-la dormir, e que era tão bom quanto senti-la viver, um outro punha-lhe

fim, e era o de vê-la despertar. A um grau mais profundo e misterioso, era o próprio prazer de que ela

morasse em minha casa. Sem dúvida era-me doce tal prazer, à tarde, quando ela descia do carro, que

fosse ao meu apartamento que ela regressasse. Era-o mais ainda que, quando do fundo do sono ela

subisse os últimos degraus da escadaria dos sonhos, que fosse em meu quarto que ela renascesse para

a consciência e para a vida, que ela se indagasse por um instante "onde estou?", e, vendo os objetos de

que estava cercada, a lâmpada cuja luz fazia quase imperceptivelmente piscar os olhos, pudesse

responder que estava em sua casa ao constatar que despertava na minha. Nesse primeiro momento

delicioso de incerteza, parecia-me tomar de novo, mais completamente, posse de Albertine, visto que em

vez de ela, depois de ter saído, entrar em seu quarto, era o meu quarto, assim que fosse reconhecido por

Albertine, que ia encerrá-la, contê-la, sem que os olhos de minha amiga manifestassem qualquer

perturbação, permanecendo tão calmos como se ela não tivesse dormido. A hesitação de despertar,

revelada pelo seu silêncio, não o era pelo olhar.

Reencontrava a palavra, e dizia:

- Meu Marcel – ou - Meu querido-, ambos seguidos de meu nome de batismo, o qual, atribuindo ao

narrador o mesmo prenome do autor deste livro, daria: "Meu Marcel", "Meu querido Marcel". Desde então,

eu já não permitia que, em família, os parentes, chamando-me também "querido", tirassem às palavras

deliciosas que me dizia Albertine o privilégio de serem únicas. Ao dizê-las, ela fazia um pequeno trejeito

que logo se transformava em beijo. Tão depressa como adormecera ainda há pouco, com a mesma

rapidez despertava.

Esse enriquecimento real, esse progresso autônomo de Albertine não eram a causa importante da

diferença existente entre o meu modo de vê-la agora e o meu modo de vê-la a princípio em Balbec, como

não o eram também o meu deslocamento no tempo, e nem o fato de olhar uma moça sentada junto a

mim sob a lâmpada que a ilumina de modo diferente do que o sol quando ela vinha caminhando pela

praia. Muito mais tempo teria podido separar as duas imagens sem trazer uma mudança tão completa;

ela ocorrera, essencial e repentina, quando eu soubera que minha amiga praticamente fora educada pela

amiga da Srta. Vinteuil. Se antigamente eu me exaltara julgando perceber mistério nos olhos de Albertine,

agora sentia-me feliz apenas nos momentos em que desses olhos, e até dessas mesmas faces,

refletidoras como olhos, às vezes tão calmas mas rapidamente intratáveis, eu lograva expulsar todo

mistério. A imagem que eu buscava, em que descansava, contra a qual desejaria morrer, não era mais a

de Albertine de uma vida desconhecida, era a de uma Albertine tão conhecida de mim quanto possível (e

é por isso que este amor não poderia ser duradouro, a menos que permanecesse infeliz, pois por

definição não satisfazia a necessidade de mistério), uma Albertine que não refletisse um mundo distante,

que não desejasse outra coisa-de fato, havia instantes em que aquilo parecia ser assim-senão estar

comigo, inteiramente semelhante a mim, uma Albertine imagem do que precisamente era meu e não do

desconhecido. Quando é assim de uma hora angustiada relativa a uma criatura, quando é da incerteza de

poder ou não retê-la que nasceu um amor, este amor traz a marca da revolução que o criou, e lembra

muito pouco o que tínhamos visto até então quando pensávamos nessa mesma criatura. E minhas

primeiras impressões diante de Albertine, à beira das ondas, podiam subsistir numa pequena parte em

meu amor por ela; na realidade, tais impressões anteriores ocupam muito pouco lugar num amor desse

gênero; em sua força, em seu sofrimento, em sua necessidade de doçura e seu refúgio numa lembrança

tranqüila, apaziguadora, a que desejaríamos ater-nos, sem nada mais saber sobre aquela a quem

amamos, mesmo se houvesse alguma coisa odiosa a saber bem mais até, não

consultar senão essas

impressões anteriores -, um tal amor é feito de coisa bem diversa! Às vezes eu apagava a luz antes que

ela voltasse. Era na escuridão, mal guiada pela luz de um tição na lareira, que ela se deitava a meu lado.

Minhas mãos, minhas faces, eram os únicos que a reconheciam sem que meus olhos a vissem, meus

olhos que muitas vezes temiam encontrá-la mudada. De modo que, graças a esse amor cego, ela se

sentia talvez mais rodeada de carinho do que habitualmente.

Eu me despia, deitava-me, e, com Albertine sentada num canto da cama, recomeçávamos nossa

partida ou a conversação interrompida por beijos; e, no desejo, única coisa que nos faz achar interesse

na existência e no caráter de uma pessoa, ficamos tão fiéis à nossa natureza (se, em compensação,

abandonamos sucessivamente as diversas criaturas amadas por nós mesmos, uma após outra) que, uma

vez avistando-me no espelho no momento em que beijava Albertine chamando-a de "minha filhinha", a

expressão triste e apaixonada de minha própria fisionomia, semelhante à que teria sido outrora junto de

Gilberte, de que já não me recordava, à que talvez fosse um dia junto de outra se alguma vez devesse

esquecer Albertine, fez-me pensar que, acima das considerações pessoais (querendo o instinto que

considerássemos a atual como a única verdadeira), eu preenchia os deveres de uma devoção ardente e

dolorosa, dedicada como uma oferenda à juventude e à beleza da mulher. E contudo, a esse desejo que

honrava com um ex-voto a juventude, bem como às lembranças de Balbec, misturava-se, à minha

necessidade de assim conservar todas as noites Albertine junto a mim, alguma coisa que até então fora

estranha à minha vida, pelo menos à vida amorosa, se não fosse inteiramente nova em minha vida. Era

um tamanho poder de alívio como eu jamais havia experimentado desde os dias longínquos de Combray,

quando minha mãe, debruçada sobre meu leito, vinha me trazer o repouso num beijo. Por certo eu ficaria

bem espantado, naquela época, se me houvessem dito que eu não era inteiramente bom e sobretudo que

tentaria alguma vez privar alguém de um prazer. Sem dúvida, eu me conhecia bem mal então, pois meu

prazer de ter Albertine morando em minha casa era muito menos um prazer positivo do que o de ter

retirado do mundo, onde cada um poderia desfrutá-la por seu turno, a moça em flor que, se pelo menos

não me dava muita alegria, também não a dava aos outros. A ambição e a glória teriam me deixado

indiferente. Mais ainda, eu era incapaz de sentir ódio. E, no entanto, para mim, amar carnalmente era o

mesmo que triunfar sobre numerosos concorrentes. Nunca será demais repetir:

era acima de tudo um

alívio.

Antes que Albertine regressasse, por mais que tivesse duvidado dela, por mais que a tivesse

imaginado no quarto de Montjouvain, tão logo ela se sentava de *peignoir* diante de minha poltrona, ou se,

como era mais freqüente, eu ficara deitado nos pés da cama, logo lhe transmitia as minhas dúvidas,

confiava-as, para que ela as dissipasse, na abdicação de um crente que faz a sua oração. Durante todo o

serão ela pudera, maliciosamente enrodilhada na minha cama, brincar comigo feito uma grande gata; seu

narizinho róseo, que ela fazia ainda mais diminuto na ponta com um olhar faceiro que lhe dava a finura

privilegiada de certas pessoas um tanto gordas, conseguira dar-lhe uma aparência rebelde e inflamada;

pudera deixar cair uma mecha de seus longos cabelos negros sobre o rosto de cera rosada e,

semicerrando os olhos, descruzando os braços, parecera dizer-me: "Faze de mim o que quiseres."

Quando, no momento de me deixar, aproximava-se de mim para me dar boa-noite, era a doçura

quase familiar que eu beijava dos dois lados do seu pescoço firme, que então eu nunca achava por

demais moreno nem de granulação suficientemente grossa, como se tais sólidas qualidades estivessem

relacionadas em Albertine com alguma bondade leal.

- Virá conosco amanhã, grande malvado? - perguntava antes de me deixar.

- Aonde vai?

- Isto dependerá do tempo e de você. Ao menos escreveu alguma coisa esta tarde, queridinho?

Não? Então não adiantou de nada não ter vindo passear. A propósito, agora há pouco, quando cheguei,

você reconheceu meu jeito de andar, adivinhou que era eu?

- Naturalmente. Como poderia me enganar? Como não reconheceria entre mil o andar da minha

gatinha? Que ela me permita descalçá-la antes que vá deitar-se, isto me daria muito prazer. Você é tão

gentil e tão rosada em toda essa brancura de rendas.

Tal era a minha resposta; no meio das expressões carnais, reconhecer-se-ão outras que eram

próprias à minha mãe e à minha avó. Pois aos poucos eu ia começando a me parecer com todos os

parentes, com meu pai que de um modo bem diverso de mim, é claro, pois se as coisas se repetem, é

com grandes variações se interessava tanto pelo tempo que fazia; e não apenas com ele, mas cada vez

mais com a tia Léonie. Sem isso, Albertine não teria podido ser para mim senão um motivo para sair, para

não deixá-la ir só, sem meu controle. Minha tia Léonie, inteiramente beata, e com a qual eu teria jurado

não ter um só ponto em comum, eu tão apaixonado por prazeres, totalmente

diverso na aparência

daquela maníaca que jamais conhecera nenhum e rezava o terço o dia inteiro, eu que sofria por não

poder realizar uma vida literária, ao passo que ela tinha sido a única pessoa da família que ainda não

pudera compreender que o ato da leitura era algo diverso de passar o tempo e de "divertir-se", o que

tornava, mesmo no tempo da Páscoa, a leitura permitida no domingo, quando toda ocupação séria é

proibida, a fim de que eu seja santificado unicamente pela oração. Ora, apesar de encontrar todos os dias

a causa disso numa indisposição particular, o que me fazia tantas vezes permanecer deitado era uma

criatura (não Albertine, não uma mulher que eu amava), uma criatura com mais força sobre mim do que

um ser amado, era, transmigrada em mim, despótica a ponto de fazer calar às vezes as minhas

ciumentas suspeitas, ou pelo menos ir verificar se eram fundadas ou não, era a minha tia Léonie. Não

bastava que eu me parecesse exageradamente com meu pai, a ponto de não me contentar em consultar

o barômetro como ele, mas de tornar-me eu próprio um barômetro vivo, não era bastante que me

deixasse comandar pela tia Léonie para ficar observando o tempo, mas do quarto e até da minha cama?

Eis que também agora falava a Albertine, ora como a criança que eu fora em Combray falando a minha

mãe, ora como a minha avó me falava. Quando ultrapassamos uma certa idade, a alma da criança que

fomos e a alma dos mortos de que saímos vêm jogar-nos, às mancheias, suas riquezas e seus maus

destinos, exigindo colaborar nos novos sentimentos que experimentamos e nos quais, apagando sua

antiga efígie, nós os refundimos em uma criação original. Assim todo o meu passado, desde os anos mais

remotos, e para além deles o passado de meus pais, misturavam ao meu amor impuro por Albertine a

doçura de um carinho a um tempo filial e maternal. Devemos receber, a partir de um dado momento,

todos os nossos parentes chegados de tão longe e assentados ao nosso redor.

Antes que Albertine me obedecesse e me deixasse tirar-lhe os sapatos, eu lhe entreabria a

camisa. Os dois pequenos seios, empinados, eram tão redondos que pareciam menos fazer parte

integrante de seu corpo do que terem amadurecido ali como dois frutos; e seu ventre (dissimulando o

lugar que no homem se enfeia, como numa estátua desvendada, o grampo que ficou gravado) fechava-se

na junção das coxas por duas valvas de uma curvatura tão suave, tão repousante, tão claustral, como a

do horizonte quando o sol já desapareceu. Ela tirava os sapatos e se deitava perto de mim. Ó grandes

atitudes do Homem e da Mulher, em que se procura juntar, na inocência dos primeiros dias e com a

humildade da argila, o que a Criação separou, em que Eva fica admirada e submissa diante do Homem,

ao lado de quem ela desperta, como ele próprio, ainda só, diante de Deus que o formou. Albertine

cruzava os braços atrás dos cabelos pretos, os quadris bojudos, a perna caída numa inflexão de pescoço

de cisne que se alonga e se recurva para voltar sobre si mesmo. Só quando ela estava inteiramente de

lado, é que se via um certo aspecto de seu rosto (tão bom e tão bonito de frente) que eu não podia

suportar, adunco feito em certas caricaturas de Leonardo da Vinci, parecendo revelar maldade, avidez

pelo lucro, artimanhas de uma espiã cuja presença em minha casa me teria horrorizado, e que parecia

desmascarada por esses perfis. E logo eu tomava o rosto de Albertine entre as mãos e a repunha de

frente para mim.

- Seja bonzinho, prometa-me que, se não sair amanhã, há de trabalhar - dizia a minha amiga

recolocando a camisa.

- Sim, mas não ponha ainda o seu *peignoir*. -

Às vezes eu acabava dormindo ao lado dela. O quarto esfriara, era preciso lenha. Eu tentava

encontrar a campainha às minhas costas; não a alcançava, tateando todos os varões de cobre que não

eram os dois entre os quais ela ficava pendurada e, a Albertine, que saltara da

cama para que Françoise

não nos visse lado a lado, eu dizia:

- Não, volte para aqui por um instante; não consigo achar a campainha.

Instantes doces, alegres, na aparência inocentes e onde, no entanto, acumula-se a possibilidade

do desastre, o que faz da vida amorosa a mais contrastada de todas, aquela em que a chuva imprevisível

de enxofre e pez tomba após os mais risonhos momentos, e em que, a seguir, sem ter coragem de tirar

uma lição da desgraça, reconstruímos imediatamente sobre os flancos da cratera, de onde só poderá

sobrevir a catástrofe. Eu tinha a despreocupação daqueles que julgam duradoura a sua felicidade.

Justamente porque foi necessária essa doçura para engendrar a dor -e aliás ela voltará para acalmá-la a

intervalos -é que os homens podem ser sinceros com outrem, e até consigo mesmos, quando enaltecem

a bondade de uma mulher para com eles, embora, feitas as contas, na intimidade de sua ligação circule

constantemente, de modo secreto, inconfessado aos outros ou involuntariamente revelado por perguntas

e inquéritos, uma dolorosa inquietação. Esta, porém, não poderia ter nascido sem a doçura prévia;

mesmo a seguir, a doçura intermitente é necessária para tornar suportável o sofrimento e evitar rupturas;

e a dissimulação do inferno secreto que é a vida em comum com essa mulher, até

a ostentação de uma

intimidade que fingimos ser doce, exprime um ponto de vista verdadeiro, um nexo geral de causa e efeito,

uma das formas segundo as quais a produção da dor se tornou possível.

Já não me admirava de que Albertine ali se encontrasse e só devesse sair no dia seguinte comigo

ou sob a proteção de Andrée. Tais hábitos de vida em comum, essas grandes linhas que delimitavam a

minha existência e em cujo interior não podia penetrar ninguém exceto Albertine, e também (no plano

futuro, ainda desconhecido de mim, de minha vida ulterior, como o que é traçado por um arquiteto quanto

aos monumentos que só se erguerão bem mais tarde) as linhas distantes, paralelas a essas, e mais

amplas, com as quais se esboçava em mim, como uma ermida isolada, a fórmula um tanto rígida e

monótona de meus amores futuros, na verdade tinham sido traçadas naquela noite em Balbec, onde,

depois que Albertine me revelara, no trenzinho, quem a havia educado, eu desejara a todo preço subtraí-

la a certas influências e impedi-la de estar longe da minha presença durante alguns dias. Os dias tinham-

se sucedido uns aos outros, os hábitos tornaram-se maquinais, mas, como esses ritos de que a História

busca descobrir o significado, eu poderia dizer (e não o desejaria) a quem me houvesse perguntado o

que significava essa vida de retiro na qual me seqüestrava, a ponto de não ir mais ao teatro, que ela se

originava na ansiedade de uma noite e na necessidade de provas a mim mesmo, nos dias seguintes, que

a moça cuja infância deplorável eu acabara de conhecer, não teria a possibilidade, se o quisesse, de se

expor às mesmas tentações. Não pensava senão muito raramente nessas possibilidades, mas elas

deviam entretanto permanecer vagamente presentes na minha consciência. O fato de destruí-las-ou de

tentá-lo -dia após dia era sem dúvida o motivo pelo qual era-me tão doce beijar aquelas faces que não

eram mais bonitas que muitas outras; sob toda doçura carnal um pouco profunda, existe a permanência

de um perigo.

Eu havia prometido a Albertine que, se não saísse com ela, haveria de entregar-me ao trabalho.

Mas, no dia seguinte, como se aproveitando de nosso sono a casa tivesse miraculosamente viajado,

despertei num tempo diferente, sob diverso clima. Não se trabalha no momento de desembarcar num

novo país, a cujas condições é preciso adaptar-se.

Ora, todo dia era para mim um país diferente. Minha própria preguiça, sob as formas novas de que

se revestia, como a teria eu reconhecido? Logo, dir-se-á que, em dias de mau tempo irremediável,

somente a residência na casa, situada no meio de uma chuva igual e contínua, tinha a deslizante doçura,

o silêncio calmante, o interesse de uma navegação; noutra ocasião, em um dia claro, ficando imóvel na

cama, era deixar rodar as sombras em torno a mim, como à volta de um tronco de árvore. De outras

vezes ainda, aos primeiros toques dos sinos de um convento próximo, raros como as devotas matinais,

mal embranquecendo o céu sombrio com sua saraiva incerta que o vento morno fundia e dispersava, eu

discernira um desses dias tempestuosos, desordenados e agradáveis, em que os telhados, batidos por

pancadas intermitentes que uma brisa ou um raio de sol logo secam, deixam deslizar, aos arrulhos, uma

gota de chuva e, enquanto o vento não recomeça a rodopiar, alisam ao sol momentâneo, que as irisa,

suas ardósias furta-cor; um desses dias cheios de tantas mudanças de tempo, de incidentes aéreos, de

tempestades, que o preguiçoso não os dá por perdidos, pois se interessou pela atividade que a atmosfera

tem desenvolvido em vez dele, agindo de certo modo em seu lugar; dias semelhantes a esses tempos de

rebelião ou de guerra que não parecem vazios ao estudante que não vai à escola, porque, nos arredores

do Palácio da Justiça ou lendo os jornais, tem a ilusão de achar, nos acontecimentos ocorridos, à falta da

tarefa que não pôde cumprir, um proveito para a sua inteligência e uma desculpa

para sua ociosidade;

enfim, dias aos quais se podem comparar aqueles em que ocorre, na nossa vida, uma crise excepcional e

da qual o que nunca fez nada pensa que vai extrair, se tudo termina bem, hábitos de trabalho: por

exemplo, a manhã em que ele sai para um duelo que vai se dar em condições especialmente perigosas;

então lhe aparece, de súbito, no momento em que talvez lhe vá ser tirada, o preço de uma existência de

que poderia ter aproveitado para iniciar uma obra ou simplesmente desfrutar prazeres, e da qual não

soube gozar nada. "Se pudesse escapar com vida" pensa ele, "como começaria logo a trabalhar e

também como haveria de me divertir!". De fato, a vida assumiu de repente, a seus olhos, um valor bem

maior, pois ele põe nela tudo o que lhe parece que ela pode lhe oferecer, e não o pouco que ele lhe faz

dar habitualmente. Vê-a segundo o seu desejo, não como sua experiência lhe ensinou que ele sabia

torná-la, isto é, tão medíocre. Num instante, sua vida se encheu de labores, de viagens, de excursões a

montanhas, de todas as belas coisas que ele imagina poderão ficar impossíveis com o desfecho funesto

desse duelo, sem pensar que já o eram antes que se tratasse do duelo, devido aos maus hábitos que,

mesmo sem duelo, teriam permanecido. Ele volta para casa sem sequer ter sofrido um ferimento. Mas

encontra os mesmos obstáculos aos prazeres, às excursões, às viagens, a tudo de que há pouco receara

por um momento ficar despojado para sempre pela morte; basta para isso a vida. Quanto ao trabalho-

tendo as circunstâncias excepcionais por efeito exaltar o que de antemão existia no homem, no

trabalhador o trabalho e no preguiçoso a preguiça-, resolve tirar férias.

Eu fazia como ele e como sempre fizera desde que tomara resolução de me pôr, a escrever,

assumida outrora, mas que me parecia datar de ontem, porque havia considerado cada dia, um após

outro, como não tendo chegado. Procedia da mesma forma com este, deixando passar, sem nada fazer,

seus aguaceiros e estiadas, e prometendo a mim mesmo começar a trabalhar no dia seguinte. Porém,

nele eu já não era mais o mesmo sob um céu sem nuvens; o som dourado dos sinos não continha

somente luz, como o mel, mas a sensação de luz (e também o sabor enjoativo dos doces, porque em

Combray muitas vezes ele se demorava, como uma vespa, sobre nossa mesa depois de retirados os

pratos, talheres e toalha). Nesse dia de sol deslumbrante, ficar o dia inteiro de olhos fechados era uma

coisa permitida, comum, salubre, agradável e própria da estação, como manter as janelas fechadas

devido ao calor. Eram em dias assim que, no começo da minha segunda temporada em Balbec, eu ouvia

os violinos da orquestra por entre as massas de água azuladas da maré montante. Como eu possuía

mais Albertine hoje! Dias havia em que o rumor de um sino que dava as horas trazia sobre a esfera de

sua sonoridade uma placa tão fresca, tão poderosamente cortada de umidade ou luz, que era como uma

tradução para cegos, ou, se quiserem, como uma tradução musical do encanto da chuva ou do encanto

do sol. De modo que, nesse momento, de olhos fechados em meu leito, eu dizia comigo que tudo pode

ser transposto, e que um universo somente audível poderia ser tão variado como o outro. Remontando

preguiçosamente o correr do tempo como numa barca, e vendo sempre aparecer à minha frente novas

recordações encantadas, que eu não escolhia, que no instante anterior me eram invisíveis e que minha

memória me apresentava, uma após outra, sem que pudesse escolhê-las, eu prosseguia

preguiçosamente, naqueles espaços uniformes, o meu passeio ao sol.

Aqueles concertos matinais de Balbec não eram antigos. E, no entanto, naquele momento

relativamente próximo, eu pouco me importava com Albertine. Mesmo nos primeiros dias após a chegada,

não tivera conhecimento de sua presença em Balbec. Por quem o soubera então? Ah, sim! Por Aimé.

Fazia um dia lindo como este. Bom Aimé! Estava contente de me rever. Mas ele não gosta de Albertine.

Nem todos podem gostar dela. Sim, foi ele quem me informou que ela estava em Balbec. Como sabia

disso? Ah, ele a tinha encontrado, e lhe achara umas maneiras estranhas. Neste momento, abordando o

relato de Aimé por outro ângulo que não o que ele me apresentara no instante em que o fizera, meu

pensamento, que até então navegara sorridente sobre aquelas águas bem-aventuradas, estourava de

súbito, como se houvesse dado de encontro a uma mina invisível e perigosa, insidiosamente colocada

naquele ponto da minha memória. Ele me dissera que a tinha encontrado, que lhe achara umas maneiras

estranhas. Que pretendera dizer com maneiras estranhas? Eu tinha entendido maneiras vulgares, pois,

para antecipadamente contradizê-lo, havia declarado que ela possuía distinção. Mas não, talvez ele

quisesse dizer maneiras de Gomorra. Ela estava com uma amiga, talvez se abraçassem pela cintura e

olhassem para outras mulheres, talvez de fato tivessem um "jeito" que eu jamais vira em Albertine na

minha presença. Quem seria a amiga? Onde Aimé tinha encontrado essa odiosa Albertine? Eu tentava

lembrar-me exatamente do que Aimé havia dito, para ver se aquilo podia se referir ao que imaginava, ou

se ele quisera falar apenas de maneiras vulgares. Porém, por mais que indagasse, a pessoa que fazia a

pergunta e aquela que podia oferecer a lembrança eram infelizmente uma só e a

mesma pessoa, eu, que

momentaneamente me duplicava, mas sem nada acrescentar. Eu questionava debalde, era eu quem

respondia, não ficava sabendo mais nada. Já não pensava na Srta. Vinteuil. Nascido de uma suspeita

nova, o acesso de ciúme que me assaltava era igualmente novo, ou melhor, não passava do

prolongamento, da extensão de tal suspeita; tinha o mesmo cenário, que já não era Montjouvain, mas o

caminho em que Aimé havia encontrado Albertine; e, por objeto, algumas amigas, das quais uma ou outra

poderia ser a que estava com Albertine naquele dia. Talvez fosse uma certa Élisabeth, ou então, as duas

moças que Albertine olhara pelo espelho no cassino, quando parecia não vê-las. Sem dúvida, mantinha

relações com elas, e aliás também com Esther, a prima de Bloch. Tais relações, caso me fossem

reveladas por um terceiro, teriam bastado para que eu ficasse meio morto, mas como era eu que as

imaginava, tinha o cuidado de acrescentar bastante incerteza para amortecer o sofrimento. Sob a forma

de suspeitas, chega-se a observar diariamente, em doses enormes, essa mesma idéia de que se é traído,

de que uma quantidade bem pequena poderia ser mortal, inoculada pelo pico de uma palavra lancinante.

E é por isso, sem dúvida, e por um derivado do instinto de conservação, que o mesmo ciumento não

hesita em formular suspeitas atrozes acerca de fatos inocentes, com a condição, diante da primeira prova

que lhe tragam, de se recusar à evidência. Além disso, o amor é um mal incurável, como essas diáteses

em que o reumatismo só dá um pequeno descanso para ceder lugar a enxaquecas epileptiformes.

Serenada a suspeita ciumenta, eu ficava agastado com Albertine por não ter sido carinhosa, quem sabe

por ter zombado de mim com Andrée. Pensava com terror no juízo que ela formaria se Andrée lhe

repetisse todas as nossas conversas; o futuro me parecia atroz. Essas tristezas só me deixavam se uma

nova suspeita ciumenta me lançava em outras buscas, ou ia se, pelo contrário, as manifestações de

ternura de Albertine tornassem insignificante a minha felicidade. Quem poderia ser essa moça? Era

necessário que eu escrevesse a Aimé, que procurasse vê-lo, e a seguir verificaria suas palavras

conversando com Albertine, pondo-a em confissão. Enquanto esperava, julgando que se tratasse da

prima de Bloch, pedi a este, que absolutamente não entendeu com que objetivo, que me mostrasse uma

só fotografia dela, ou, bem mais, que me fizesse encontrá-la casualmente.

Quantas pessoas, cidades, estradas, o ciúme assim nos faz tão ávido para conhecê-las! Ele é

uma sede de saber graças à qual, sobre pontos isolados uns dos outros, acabamos por ter

sucessivamente, todas as noções possíveis, salvo a que desejaríamos. Não se sabe nunca se uma

suspeita não nascerá, pois de repente a gente se recorda de uma frase que não era clara, de um álibi que

não fora dado sem segundas intenções. No entanto, não voltamos a ver a pessoa, porém existe um

ciúme posterior que nasce apenas depois que a deixamos, um ciúme retardatário. Talvez o hábito de

guardar no fundo de mim mesmo alguns desejos que eu adquirira, desejo de uma moça da sociedade

como as que eu via passar da minha janela seguidas da sua governanta, e mais particularmente daquela

de que me falara Saint-Loup, que freqüentava os bordéis, desejo das belas camareiras e especialmente

daquela da Sra. Putbus, desejo de ir ao campo, no começo da primavera, a fim de rever os espinheiros-

alvos, as macieiras em flor, as tempestades, desejo de Veneza, desejo de me pôr, a trabalhar, desejo de

levar a vida de toda a gente, talvez o hábito de conservar em mim, insaciavelmente, todos esses desejos,

contentando-me com a promessa feita a mim mesmo de não me esquecer de satisfazê-los um dia, talvez

esse hábito, antigo de tantos anos, do adiamento perpétuo, daquilo que o Sr. de Charlus estigmatizava

com o nome de procrastinação, se tivesse tornado tão geral em mim que também se apropriava de

minhas suspeitas ciumentas e, fazendo-me tomar nota mentalmente de um dia

não deixar de ter uma

explicação com Albertine a respeito da moça (talvez das moças, esta parte da narrativa era confusa,

apagada, quer dizer, indecifrável, na minha memória) com a qual ou as quais - Aimé a encontrara, fazia-

me atrasar essa explicação. Em todo caso, não falaria disso naquela noite com a minha amiga, para não

me arriscar a parecer ciumento e aborrecê-la. Todavia, quando, no dia seguinte, Bloch me enviou a

fotografia de sua prima Esther, eu me apressei a fazê-la chegar às mãos de Aimé. E no mesmo instante,

lembrei-me que Albertine recusara-me, de manhã, um prazer que de fato poderia tê-la cansado. Seria

então para reservá-lo para outrem, talvez naquela tarde? A quem? Assim é que é interminável o ciúme,

pois mesmo que o ser amado, por exemplo estando morto, não pode mais provocá-lo com seus atos,

ocorre que as lembranças, posteriormente a todo acontecimento, comportam-se de repente em nossa

memória como outros tantos acontecimentos, lembranças que não tínhamos esclarecido até então, que

nos tinham parecido insignificantes, e às quais basta a nossa própria reflexão sobre elas, sem nenhum

fato exterior, para conferir um sentido novo e terrível. Não precisamos ser dois, basta estarmos sozinhos

no quarto, pensando, para que se produzam novas traições de nossa amante, mesmo que esteja morta.

Assim, não se deve temer no amor, como na vida comum, apenas o futuro, mas também o passado, que

muitas vezes só se realiza para nós depois do futuro; e não falamos somente do passado de que ficamos

sabendo muito tarde, mas daquele que conservamos desde longo tempo em nós e que de súbito

aprendemos a decifrar.

Não importa, eu me sentia bem feliz, a tarde findava, e já não tardava a hora em que ia pedir a

Albertine o sossego de que precisava. Infelizmente, a noitada que chegou foi uma dessas em que tal

sossego não me foi trazido, em que o beijo que Albertine me daria, ao me deixar, bem diferente do beijo

habitual, não me acalmaria mais do que outrora o de minha mãe quando estava zangada, e quando eu

não tinha coragem de chamá-la de novo, mas sentia que não poderia adormecer. Essas noites agora

eram aquelas em que Albertine formara, para o dia seguinte, algum projeto que não queria que eu

conhecesse. Se me houvesse confiado, eu teria posto em assegurar a sua realização um ardor que

ninguém senão Albertine poderia me inspirar. Mas ela não me dizia nada e, aliás, não tinha necessidade

de dizer coisa alguma: logo que regressava, mesmo à porta do quarto, como ainda estivesse de chapéu

ou de gorro, eu já vira o desejo desconhecido, rebelde, encarniçado, indomável. Ora, era muitas vezes

nas noites em que eu havia esperado o seu regresso com os mais ternos pensamentos, em que contava

saltar-lhe ao pescoço com a maior ternura. Ai de mim, como tivera tantas vezes esses desentendimentos

com meus pais, a quem achava frios ou irritados no momento em que corria para junto deles

transbordando de ternura; não era nada diante dos desentendimentos que ocorrem entre dois amantes. O

sofrimento neste caso é bem menos superficial, é bem mais difícil de suportar, tem por sede uma camada

bem mais profunda do coração. Naquela noite, Albertine no entanto foi obrigada a me dizer uma palavra

acerca do projeto que havia formado; compreendi imediatamente que ela, no dia seguinte, queria ir fazer

uma visita à Sra. Verdurin, visita que, em si mesma, absolutamente não teria me contrariado. Mas com

certeza era para ter lá algum encontro, preparar algum prazer. Se não fosse isto, não faria tanta questão

dessa visita. Quer dizer, não teria repetido que não se empenhava por ela. Em minha existência, eu havia

seguido um caminho inverso ao dos povos que só se utilizam da escrita fonética depois de terem

considerado os caracteres apenas como uma seqüência de símbolos; eu, que durante tantos anos só

buscara a vida e o pensamento reais das pessoas no enunciado direto que deles me forneciam elas

voluntariamente, chegara pelo contrário, por culpa delas, a só dar importância

aos testemunhos que não

são expressão racional e analítica da verdade; as próprias palavras só me informam sob a condição de

serem interpretadas como um afluxo de sangue ao rosto de uma pessoa que se perturba, ou ainda, à

maneira de um súbito silêncio. Determinado advérbio (por exemplo, empregado pelo Sr. de Cambremer

quando ele julgava que eu era "escritor" e que, não tendo ainda me falado, ao contar uma visita que havia

feito aos Verdurin, voltara-se para mim, dizendo:

- Estava lá justamente Borrel i- lançado numa conflagração pela proximidade involuntária, por

vezes perigosa, de duas idéias que o interlocutor não exprimia, e da qual eu podia extraí-las por certos

métodos de análise ou de eletrólise apropriados, dizia-me mais coisas que um discurso. Às vezes

Albertine deixava escapar, em suas frases, um ou outro desses preciosos amálgamas que eu me

apressava a "tratar" para transformá-los em idéias claras.

De resto, é uma das coisas mais terríveis para o enamorado que, se os fatos particulares que só a

experiência, a espionagem, entre tantas realizações possíveis, fariam conhecer- são tão difíceis de achar,

em compensação, a verdade seja tão fácil de perceber ou apenas de pressentir. Muitas vezes eu a vira,

em Balbec, fixar sobre as moças que passavam um olhar brusco e prolongado,

semelhante a um contato,

e após o qual, se eu as conhecia, indagava-me:

- E se as convidássemos? Gostaria de lhes dizer uns desaforos. -

E desde algum tempo, desde que sem dúvida me adivinhara o pensamento, nenhum pedido para

convidar ninguém, nenhuma palavra, nem mesmo um desvio de olhar, que se tornara silencioso e sem

finalidade, e com a fisionomia distraída e vaga de que eram acompanhados, tão revelador como outrora a

sua magnetização. Pois bem, não me era possível censurá-la ou fazer perguntas a propósito de coisas

que ela teria declarado ser tão ínfimas, tão insignificantes, que eu conservara na memória só pelo prazer

de "esmiuçar". Já é difícil dizer "por que olhou para aquela moça?" e mais ainda "por que não olhou para

ela?" E no entanto eu bem sabia, ou pelo menos teria sabido, se tivesse desejado acreditar, não nas

afirmações de Albertine, mas em todos os nadas incluídos em um olhar, provados por ele e por tal ou

qual contradição nas palavras, contradição da qual muitas vezes só me dava conta muito tempo depois

de tê-la deixado, que me fazia sofrer a noite inteira, na qual não tinha mais coragem de voltar a falar, mas

que nem por isso deixava de honrar minha memória de vez em quando com suas visitas periódicas.

Muitas vezes, naqueles simples olhares furtivos ou desviados na praia de Balbec,

ou nas ruas de Paris,

eu podia indagar-me se a pessoa que os provocava não era somente um objeto de desejos no momento

em que passava, mas uma conhecida antiga, ou então uma moça de quem lhe haviam falado e da qual,

quando eu vinha a sabê-lo, ficava estupefato de que lhe houvessem falado, de tão fora que a julgava de

todos os conhecimentos possíveis de Albertine. Mas a Gomorra é um *puzzle* feito de pedaços que vêm de

onde menos se espera. Foi assim que, em Rivebel e, compareci a um grande jantar, onde por acaso

conhecia, ao menos de nome, as dez convidadas, tão dissemelhantes quanto possível, e todavia

perfeitamente ajustadas, de forma que jamais vi um jantar tão homogêneo, muito embora tão composto.

Para retornar às jovens passantes, Albertine jamais teria olhado para uma senhora idosa ou um

velho com tanta fixidez ou, pelo contrário, com reserva e como se não os visse. Os maridos enganados

que não sabem de nada, ainda assim sabem de tudo. Mas é necessário um *dossiê* mais materialmente

documentado para estabelecer uma cena de ciúme. Além disso, se o ciúme nos ajuda a descobrir, na

mulher que amamos, uma certa propensão a mentir, ele centuplica essa propensão quando a mulher já

descobriu que somos ciumentos. Ela mente (nas mesmas proporções em que nunca nos mentiu antes),

seja por piedade ou medo, ou se furta instintivamente por uma fuga simétrica às nossas investigações.

Decerto existem amores em que, desde o começo, uma mulher leviana afetou ser virtuosa aos olhos do

homem que a ama. Mas quantas outras compreendem dois períodos perfeitamente contrastantes! No

primeiro, a mulher fala quase com facilidade, com simples atenuantes, sobre o seu gosto pelo prazer pela

vida galante que ele lhe proporcionou, coisas essas que negará inteiramente a seguir, com a máxima

energia, ao mesmo homem, mas porque o percebeu enciumado dela e a espiona-la. Ela chega a ter

saudades do tempo daquelas primeiras confidências, mas cuja lembrança o tortura. Se a mulher ainda as

fizesse lhe forneceria, quase por si mesma, o segredo das culpas que ele persegue inutilmente todos os

dias. E depois, que entrega não provaria isso, que confiança, que amizade! Se ela não pode viver sem

engana-lo, pelo menos o enganaria como amiga, relatando-lhe seus prazeres, associando-o a eles. E ele

lamenta semelhante vida que os começos de seu amor pareciam esboçar, que a sua continuação tornou

impossível, transformando esse amor em algo atrozmente doloroso, que tornará uma separação,

conforme o caso, inevitável ou impossível.

Às vezes a escrita em que eu decifrava as mentiras de Albertine, sem ser ideográfica, necessitava

simplesmente ser lida às avessas; foi assim que naquela noite ela me lançara com ar negligente esta

mensagem destinada a passar quase despercebida:

- É possível que amanhã eu vá à casa dos Verdurin, não sei absolutamente se irei,

não tenho muita vontade.-

Anagrama infantil desta confissão: "Amanhã irei à casa dos Verdurin, é absolutamente certo, pois

dou muita importância a isso." Esta aparente hesitação significava uma vontade resolvida e tinha por

finalidade diminuir a importância da visita pelo fato de me anuncia-la. Albertine sempre usava o tom dúbio

para as resoluções irrevogáveis. A minha não o era menos: eu trabalharia para que a visita à Sra.

Verdurin não se realizasse. Muitas vezes, o ciúme não passa de uma necessidade inquieta de tirania

aplicada às coisas do amor. Sem dúvida eu herdara de meu pai esse brusco desejo arbitrário de ameaçar

as criaturas que eu mais amava nas esperanças em que se embalavam com uma segurança que eu

queria mostrar-lhes ser ilusória; quando eu via que Albertine havia combinado, à minha revelia, ocultando

de mim, o plano de um passeio que eu teria feito tudo no mundo para torna-lo mais fácil e mais agradável

se ela me houvesse confidenciado, eu dizia com negligência, para fazê-la tremer, que esperava sair

nesse dia.

Pus-me a sugerir a Albertine outros objetivos de passeio que teriam tornado impossível a visita

aos Verdurin, em palavras carregadas de uma fingida indiferença sob a qual eu tentava disfarçar meu

nervosismo. Mas ela já a havia despistado. E meu sentimento encontrava nela a força elétrica de uma

vontade oposta que o repelia com vivacidade; nos olhos de Albertine, eu via essa força soltar suas

faíscas. De resto, de que adiantava cuidar do que diziam as pupilas naquele instante? Como é que eu

não havia percebido há muito que os olhos de Albertine pertenciam à família dos que (mesmo numa

pessoa medíocre) parecem feitos de vários pedaços, por causa de todos os lugares onde ele deseja

encontrar-se e ocultar que quer achar-se nesse dia? Olhos, por mentira sempre imóveis e passivos, mas

dinâmicos, mensuráveis pelos metros e quilômetros que é preciso transpor para chegar ao local do

encontro marcado, implacavelmente marcado, olhos que sorriem menos ainda ao prazer que os seduz do

que se aureolam da tristeza e do desânimo de que talvez existam obstáculos para ir a esse encontro.

Entre nossas próprias mãos, tais seres são criaturas em fuga. Para compreender as emoções que

causam e que outros seres até mais belos não causam, e preciso calcular que eles estão, não imóveis,

mas em movimento, e acrescentar à sua pessoa um sinal correspondente ao que

em física é o sinal que

indica velocidade.

Se perturbamos o seu dia, eles nos confessam o prazer que nos tinham ocultado: "Queria tanto ir

tomar chá às cinco horas com tal pessoa amiga!" Pois bem, se seis meses depois acabamos conhecendo

a pessoa em questão, saberemos que nunca a moça, cujos projetos transtornáramos, e que, apanhada

em flagrante nos confessara, para que a deixássemos livre, o chá que assim tomava com uma pessoa

querida todos os dias à hora em que não a víamos, saberemos que essa pessoa nunca a recebeu, que

elas jamais tomaram chá juntas, que a moça dizia viver muito presa exatamente por nossa culpa.

Assim, a pessoa com quem ela confessara que ia tomar chá, com quem ela suplicara que a

deixássemos tomar chá, essa pessoa, razão confessada pela necessidade, não era aquela mas outra, e

não se tratava de chá mas de outra coisa! Outra coisa, o quê? Uma outra, quem? Ai de nós, os olhos

fragmentados, tristes, partindo para longe, talvez permitissem medir as distâncias, mas não indicam as

direções. Estende-se o campo infinito das possibilidades e se, por acaso, o real se apresentava diante de

nós, estaria de tal modo tão fora dos possíveis que, num súbito aturdimento, cairíamos para trás, indo

bater contra essa parede inesperada. O movimento e a fuga verificados nem sequer são indispensáveis,

basta que os induzamos. Ela nos havia prometido uma carta, estávamos tranqüilos, já não a amávamos.

A carta não chegou, nenhum correio a trouxe, "que se passa?", a ansiedade renasce e com ela o amor.

São principalmente tais seres que nos inspiram o amor, para nosso tormento. Pois cada nova ansiedade

que sentimos por causa deles, rouba-lhes aos nossos olhos um pouco de sua personalidade. Estávamos

resignados ao sofrimento, crendo amar fora de nós, e nos damos conta de que nosso amor é uma função

da nossa tristeza, que nosso amor é talvez nossa tristeza, e que o objeto dele só em parte diminuta é a

moça de cabeleira negra. Mas enfim, são principalmente tais seres que nos inspiram o amor. Na maioria

das vezes, o amor não tem por objeto um corpo, a não ser quando nele se fundem uma emoção, o medo

de perdê-lo, a incerteza de reencontrá-lo. Ora, esse tipo de ansiedade tem muita afinidade pelos corpos.

Ela acrescenta-lhes uma qualidade que ultrapassa a própria beleza, o que é um dos motivos por que

vemos homens, indiferentes às mulheres mais belas, amarem apaixonadamente algumas que nos

parecem feias. A essas criaturas, a essas criaturas de fuga, sua natureza e a nossa inquietação

emprestam asas. E até junto a nós o seu olhar parece dizer que vão alçar vôo. A

prova dessa beleza, que

excede a beleza acrescentada pelas asas, é que, muitas vezes, para nós, uma mesma criatura é

sucessivamente alada e sem asas. Basta recearmos perdê-la para esquecermos todas as outras. Certos

de conservá-la, comparamo-la a essas outras, que logo preferimos a ela. E, como essas emoções e

certezas podem alternar-se de uma semana para outra, uma criatura pode, numa semana, ver

sacrificarem-lhe tudo o que lhe agradava, na semana seguinte ser sacrificada, e assim por diante durante

muito tempo. O que seria incompreensível, se não soubéssemos pela experiência que todo homem tem

de ter em sua vida, ao menos uma vez, deixado de amar, esquecido uma mulher, o pouco em si mesma

que é uma criatura quando já não o é mais, ou não é ainda permeável às nossas emoções. E ficamos

bem entendidos que o que dizemos dessas criaturas de fuga é igualmente verdadeiro para as criaturas

em prisão, mulheres cativas que julgamos jamais poder possuir. Desse modo, os homens detestam as

alcoviteiras, pois elas facilitam a fuga, fazem brilhar a tentação; mas, se amam uma mulher enclausurada,

procuram de bom grado as alcoviteiras para fazê-las saírem de sua prisão e conduzi-las a eles. O motivo

pelo qual as uniões com mulheres raptadas são menos duradouras que outras, é que o medo de não

chegarmos a obtê-las ou a inquietação de vê-las fugir compõe todo o nosso amor e que, uma vez

roubadas a seu marido, arrancadas a seu teatro, curadas da tentação de nos abandonar, numa palavra,

dissociadas de nossa emoção, seja qual for, elas são apenas elas próprias, ou seja, quase nada e, tão

longamente cobiçadas, são logo abandonadas por aquele mesmo que tanto temera ser abandonado por

elas.

Eu disse: "Mas como é que não adivinhei?" Mas não o adivinhara desde o primeiro dia em

Balbec? Não adivinhara em Albertine uma dessas meninas sob cujo envoltório carnal palpitam mais

criaturas ocultas, já não digo que num baralho ainda na caixa, que numa catedral fechada ou num teatro

antes que entremos, porém mais do que na multidão imensa e renovada? Não apenas tantas criaturas,

mas o desejo, a lembrança voluptuosa, a busca inquieta por tantas criaturas. Em Balbec, eu não ficara

perturbado, pois nem sequer supusera que um dia haveria de seguir pistas mesmo falsas. Não importa,

para mim aquilo dera a Albertine a plenitude de um ser cheio até as bordas pela superposição de tantas

criaturas, de tantos desejos e de lembranças voluptuosas de criaturas. E agora que ela me dissera um

dia:

- Srta. Vinteuil -, eu desejaria, não arrancar-lhe o vestido para ver seu corpo, mas, através do

corpo, ver toda a sua agenda de recordações e de seus próximos e ardentes encontros marcados.

Como as coisas provavelmente mais insignificantes assumem de repente um valor extraordinário

quando uma criatura a quem amamos (ou a quem só falta aquela duplicidade para que a amemos) no-las

esconde! Em si mesmo, o sofrimento não nos causa obrigatoriamente sentimentos de amor ou ódio pela

pessoa que o provocou: um cirurgião que nos causa dor nos deixa indiferente. Mas uma mulher que nos

afirmou durante algum tempo que éramos tudo para ela, sem que ela própria fosse tudo para nós, uma

mulher que temos prazer em ver, beijar, em ter sobre os nossos joelhos, muito admirados ficamos ao

descobrir, por uma súbita resistência, que não dispomos dela.

A decepção acorda então às vezes em nós a lembrança esquecida de uma velha angústia, que no

entanto sabemos não ter sido provocada por essa mulher, mas por outras cujas traições se escalonam

sobre o nosso passado. E, além disso, como se tem a coragem de desejar viver, como se pode fazer um

movimento para se preservar da morte num mundo em que o amor só é causado pela mentira e consiste

apenas em nossa aspiração de ver acalmadas nossas dores pela criatura que nos fez sofrer? Para sair

do acabrunhamento que sentimos ao descobrir essa mentira e essa resistência, há o triste remédio de

procurar agir, contra a vontade dela, com a ajuda de pessoas que sentimos serem mais ligadas à sua

vida do que nós próprios, sobre aquela que nos resiste e nos mente, usar de astúcia nós também, fazer-

nos detestar. Mas o sofrimento de um tal amor é desses que invencivelmente levam o enfermo a

procurar, numa mudança de posição, um bem-estar enganoso. Tais meios de ação não nos faltam, ai de

nós! E o horror desses amores, que somente a inquietude gerou, decorre de que viramos e reviramos

sem cessar dentro em nós frases insignificantes; sem contar que raramente as criaturas pelas quais os

sentimos nos agradam fisicamente de maneira completa, visto que não é o nosso gosto deliberado, mas o

acaso de um minuto de angústia, minuto indefinidamente prolongado pela nossa fraqueza de caráter, a

qual refaz todas as noites as experiências e se rebaixa aos calmantes, que fez a escolha por nós.

Sem dúvida o meu amor por Albertine não era o mais miserável daqueles até onde, por falta de

vontade, a gente pode decair, pois não era inteiramente platônico; ela concedia-me satisfações carnais, e

além disso era inteligente. Porém tudo isto era supérfluo. O que me ocupava o espírito não era o que ela

pudesse dizer de inteligente, mas certa frase que acordava em mim uma dúvida

sobre seus atos. Eu

tentava me lembrar se ela dissera isto ou aquilo, com que ar, em que momento, em resposta a que

palavras, reconstituir toda a cena de seu diálogo comigo, em que momento ela quisera ir à casa dos

Verdurin, que palavra minha dera o ar contrariado a seu rosto. Se se tratasse do mais importante

acontecimento, eu não teria me dado a tanto trabalho para restabelecer a verdade, para lhe recompor a

atmosfera e o colorido exatos. Tais inquietudes, é evidente, depois de terem atingido um grau em que nos

são insuportáveis, conseguimos por vezes acalmá-las de todo por uma noite. A festa a que deve

comparecer a amiga que amamos, e sobre cuja verdadeira natureza o nosso espírito vinha trabalhando

há dias, somos também convidados a ela; nossa amiga só tem olhos e palavras para nós, levamo-la de

volta para casa, e conhecemos então, dissipadas as inquietações, um sossego tão completo, tão

reparador, como o que se observa por vezes no sono profundo que ocorre após as longas caminhadas.

Mas, na maioria das vezes, apenas mudamos de inquietação. Uma das palavras da frase que devia nos

acalmar põe nossas suspeitas em outra pista. E sem dúvida um repouso desses merece que o paguemos

bem caro. Mas não teria sido mais simples não comprarmos nós mesmos, voluntariamente, a ansiedade,

e mais caro ainda? Além disso, sabemos muito bem que, por mais profundos possam ser esses

desafogos momentâneos, a inquietação ainda assim será mais forte. Muitas vezes até, ela é renovada

pela frase cujo fim era nos trazer repouso. As exigências do nosso ciúme e a cegueira da nossa

credulidade são maiores do que o podia imaginar a mulher que amamos. Quando, espontaneamente, ela

nos jura que determinado homem só é um amigo, deixa-nos transtornados ao nos informar coisa de que

não suspeitávamos que para ela tratava-se de um amigo. Enquanto nos conta, para mostrar sua

sinceridade, de que modo eles tomaram juntos o chá naquela mesma tarde, a cada palavra que ela diz, o

invisível, o insuspeitado adquire forma à nossa frente. Ela confessa que ele lhe pediu que se tornasse sua

amante e nós sofremos o martírio de que ela tenha podido ouvir as suas propostas. Recusou-as, diz ela.

Mas dali a pouco, lembrando-nos de seu relato, nós nos indagaremos se a recusa é de fato verdadeira,

pois entre as diversas coisas que ela nos disse há aquela ausência de nexo lógico e necessário que, mais

do que os fatos contados, é o sinal da verdade. E, além disso, ela usou daquela terrível entonação

desdenhosa:

- Eu lhe disse não, - de modo categórico que se encontra em todas as classes da sociedade

quando uma mulher mente. Cumpre no entanto agradecer-lhe por haver recusado, encorajá-la pela nossa

bondade a continuar no futuro a nos fazer confidências tão cruéis. Quando muito, fazemos uma objeção:

- Mas se ele já fizera propostas, por que aceitou tomar chá em sua companhia?

- Para que ele não se aborrecesse comigo nem dissesse que eu não fora amável.- E não temos

coragem de lhe dizer que, se recusasse, teria sido talvez mais amável conosco.

Aliás, Albertine me assustava declarando que eu tinha razão de dizer, para não prejudicá-la, que

não era seu amante, pois na verdade, acrescentava, "o fato é que você não o é". Com efeito, eu talvez

não fosse inteiramente seu amante, mas então seria necessário pensar que todas as coisas que fazíamos

juntos, será que ela também as fazia com todos os homens de quem me jurava não ter sido amante?

Querer conhecer a todo custo o que Albertine pensava, o que ela via, o que ela amava-como era estranho

que eu sacrificasse tudo a tal necessidade, pois havia experimentado a mesma necessidade de saber, a

respeito de Gilberte, nomes próprios e fatos que hoje me eram tão indiferentes! Eu percebia muito bem

que em si mesmas as ações de Albertine já não tinham interesse. É curioso que um primeiro amor, se,

pela fragilidade que deixa em nosso coração, abre caminho aos amores seguintes, não nos dê, ao menos

pela identidade mesma dos sintomas e das dores, a maneira de curá-los. Além disso, há necessidade de

se conhecer um fato? Pois, de um modo geral, não conhecemos logo a própria mentira e discrição dessas

mulheres que têm algo a esconder? Existe aí alguma possibilidade de erro? Elas acham que é uma

virtude ficarem caladas, ao passo que gostaríamos tanto de fazê-las falar. E sentimos que elas afirmaram

a seu cúmplice:- Nunca digo nada. Não é por mim que se há de saber alguma coisa, eu nunca digo nada.

Damos a nossa fortuna, a nossa vida, por uma criatura, e no entanto sabemos muito bem que,

com dez anos de intervalo, mais cedo ou mais tarde, negaríamos a essa criatura tal fortuna, preferiríamos

conservar a vida. Pois já então essa criatura estaria desligada de nós, sozinha, isto é, seria nula. O que

nos une às criaturas são essas mil raízes, esses fios inumeráveis que formam as lembranças do sarau da

véspera, as esperanças da vesperal do dia seguinte; é essa trama contínua de hábitos de que não

podemos nos livrar. Da mesma forma que existem os avarentos que economizam por generosidade, nós

somos pródigos que gastamos por avareza, e é menos a uma criatura que sacrificamos nossa vida, do

que a tudo o que ela pôde prender a si mesma de nossas horas, de nossos dias, daquilo em comparação

do que a nossa vida ainda não vivida, a vida relativamente futura, nos parece

uma vida mais longínqua,

mais desligada, menos íntima e menos nossa. Necessário seria desfazermo-nos desses laços que de fato

têm muito mais importância que a pessoa, mas cujo efeito é criar em nós deveres momentâneos para

com ela, deveres que nos levam a não ter coragem de deixá-la por medo de sermos mal interpretados, ao

passo que mais tarde ousaríamos, pois, livre de nós, ela não seria mais nós e a verdade é que só criamos

deveres para nós mesmos (ainda que estes possam, por uma aparente contradição, nos levar ao

suicídio).

Se eu não amava Albertine (coisa de que não estava certo), este lugar que ela ocupava junto a

mim nada tinha de extraordinário: nós só vivemos com o que não amamos, com o que só fizemos viver

conosco para matar o insuportável amor, trate-se de uma mulher, de um país, ou ainda de uma mulher

que em si mesma encerra todo um país. E teríamos muito medo de recomeçar a amar se ocorresse de

novo a ausência. Quanto a Albertine, eu ainda não chegara a tal ponto. Suas mentiras e confissões

deixavam-me por acabar a tarefa de esclarecer a verdade. Suas mentiras, tão numerosas porque ela não

se contentava em mentir como toda criatura que se julga amada, mas porque, fora isso, ela era por

natureza mentirosa, e aliás tão mutável que, mesmo dizendo-me de cada vez a verdade sobre o que, por

exemplo, pensava das pessoas, de cada vez teria dito coisas diferentes; suas confissões, porque de tão

raras, de tão interrompidas, deixavam entre elas, no que se referia ao passado, grandes lacunas

inteiramente em branco, e sobre cuja extensão era-me preciso traçar, e para isso primeiro conhecer, a

sua vida. No que respeita ao presente, tanto quanto eu podia interpretar as palavras sibilinas de

Françoise, não era apenas sobre pontos particulares mas sobre todo um conjunto que Albertine me

mentia, e eu veria "num belo dia" aquilo que Françoise aparentava saber, o que ela não queria dizer-me,

o que eu não ousava lhe perguntar. Aliás, era sem dúvida por causa do mesmo ciúme que tivera outrora

em relação a Eulalie, que Françoise falava as coisas mais incríveis, de tal modo vagas que se poderia ver

nelas, quando muito, a insinuação bastante inverossímil de que a pobre cativa (que amava as mulheres)

preferia um casamento com alguém que não parecia de modo algum ser eu. Se assim era, como, apesar

de suas radio-telepatias, o teria sabido Françoise? Certamente os relatos de Albertine não podiam de

maneira nenhuma esclarecer-me, pois eram todos os dias tão opostos como as cores de um pião quase

parado. Além disso, parecia que era sobretudo o ódio que fazia falar Françoise.

Não passava um dia sem

que me dissesse, e eu não suportasse na ausência de minha mãe, palavras como estas:

- Decerto, o senhor é amável e eu jamais esquecerei o reconhecimento que lhe devo (isto

provavelmente para que eu criasse títulos à sua gratidão). Mas a casa está empestada desde que a

amabilidade instalou aqui a trapaça, e que a inteligência protege a pessoa mais cretina que já se viu,

depois que a finura, as boas maneiras, o espírito, a dignidade em todas as coisas, a aparência e a

realidade de um príncipe se deixaram dominar e enganar, permitindo que eu, que há quarenta anos estou

na família, fosse humilhada pelo vício, pelo que há de mais vulgar e mais baixo.

A aversão de Françoise por Albertine decorria principalmente do fato de receber ordens de alguém

que não fosse nós, de um aumento do trabalho de casa e de um cansaço que, alterando a saúde de

nossa velha criada (que apesar disso não queria ser auxiliada no trabalho, não se julgando "uma pessoa

sem serventia"), bastaria para explicar esse nervosismo, essa cólera odiosa. Decerto, ela gostaria que

Albertine-Esther fosse banida. Era o voto de Françoise. E isto, consolando-a, já teria sossegado nossa

velha criada. Mas, na minha opinião, não se tratava só disso. Um ódio dessa natureza só poderia ter

nascido num corpo exausto. E, mais ainda que de cuidados, Françoise precisava de sono.

Enquanto Albertine ia mudar de roupa, eu, para providenciar o mais depressa possível, peguei o

receptor do telefone, invoquei as divindades implacáveis, mas não fiz mais que excitar a sua fúria, que se

traduziu por estas palavras:

- Está ocupado. -

De fato, Andrée estava conversando com alguém. Enquanto aguardava que ela terminasse a

ligação, eu me perguntava por que motivo, já que tantos pintores buscam renovar os retratos femininos

do século XVIII, em que a engenhosa encenação é um pretexto para as expressões da espera, do arrufo,

do interesse e do devaneio, por que motivo nenhum dos nossos modernos Boucher ou Fragonard pintou,

em vez de *La Lettre* ['A Carta'] ou o *Clavecin* ['Cravo'], etc., esta cena, que poderia chamar-se: Diante do

telefone, e na qual nasceria espontaneamente nos lábios da ouvinte um sorriso tanto mais verdadeiro por

saber que não era visto. Finalmente, Andrée me ouviu:

- Você vem buscar Albertine amanhã? e, ao pronunciar este nome de Albertine, pensava eu na

inveja que me havia inspirado Swann quando me dissera, no dia da festa na casa da princesa de

Guermantes:

- Venha ver Odette - e eu ficara pensando no que, apesar de tudo, havia de forte num prenome

que aos olhos de todos, e da própria Odette, somente na boca de Swann possuía aquele sentido

absolutamente possessivo.

E como semelhante embargo-resumido num vocábulo-sobre uma existência inteira me havia

parecido, de cada vez que eu estava apaixonado, dever ser tão doce! Mas na realidade, quando se é

possível dizê-lo, ou isto se tornou indiferente, ou então o hábito não embotou a ternura, mas ela mudou

as doçuras em mágoas. A mentira é muito pouco, vivemos no meio dela não fazendo mais que sorrir,

praticamo-la julgando não fazer mal a ninguém, mas o ciúme sofre por causa dela e enxerga mais do que

ela oculta (muitas vezes a nossa amiga se recusa a passar a noite conosco e vai ao teatro simplesmente

para que não lhe vejamos a fisionomia abatida), assim como freqüentes vezes se mostra cego ao que

esconde a verdade. Mas o ciúme não pode obter coisa alguma, pois aquelas que juram não mentir

recusariam, até o último instante, confessar o seu caráter. Sabia que somente eu podia dizer daquele

modo "Albertine" a Andrée. E no entanto, para Albertine, para Andrée e para mim mesmo, eu sentia que

não era nada. E compreendia a impossibilidade em que tropeça o amor. Imaginamos que ele tenha por

objeto uma criatura que pode estar deitada diante de nós, fechada num corpo. Infelizmente ele é a

extensão dessa criatura a todos os pontos do espaço e do tempo que ela ocupou e ocupará. Se não

possuímos o seu contato com determinado lugar, com determinada hora, não a possuímos. Ora, não

podemos tocar todos esses pontos. Ainda se nos fossem designados, talvez pudéssemos estender-nos

até eles. Porém tateamos sem encontrá-los. Daí a desconfiança, o ciúme, as perseguições. Perdemos um

tempo precioso a seguir uma pista absurda e passamos sem desconfiar ao lado da verdade. Porém já

uma das divindades irascíveis, de servas vertiginosamente ágeis, irritava-se não mais porque eu falava,

mas porque não dizia nada.

- Mas fale, está livre! Há tempos que está em comunicação; se não falar, desligo. -

Mas ela não fez nada e, ao mesmo tempo que suscitava a presença de Andrée, envolveu-a,

grande poeta que é sempre uma telefonista, da atmosfera peculiar à casa, ao bairro, à própria vida da

amiga de Albertine.

- É você? - disse Andrée, cuja voz era projetada até mim com uma velocidade instantânea pela

deusa que tem o privilégio de tornar os sons mais rápidos que o relâmpago.

- Escute - respondi - vá aonde quiser, menos à casa da Sra. Verdurin. É preciso a

todo custo

amanhã afastar Albertine de lá.

- Mas é que justamente ela deve ir lá amanhã.

- Ah!

Mas eu era obrigado a me interromper por um instante e fazer gestos ameaçadores, pois, se

Françoise continuava como se se tratasse de coisa tão desagradável como a vacina ou tão perigosa

como o aeroplano a não querer aprender a telefonar, o que, se nos teria aliviado das comunicações de

que ela poderia ficar sabendo sem inconveniente, em compensação entrava imediatamente no meu

quarto quando me dispunha a dar telefonemas bastante secretos para que fizesse questão de lhes

ocultar.

Por fim, quando ela saiu do quarto, não sem demorar-se apanhando vários objetos que ali

estavam desde a véspera e onde poderiam ter permanecido uma hora a mais sem incomodar ninguém

por nada neste mundo, e para recolocar uma acha de lenha no fogo, medida totalmente inútil devido ao

calor abrasador que me davam a presença da intrusa e o medo de ter a ligação cortada:

- Perdão - disse eu a Andrée -, fui atrapalhado. Tem certeza absoluta de que ela devia ir amanhã à

casa dos Verdurin?

- Absoluta, mas posso dizer a ela que isto o aborrece.

- Não, pelo contrário, é possível que eu vá com vocês.

- Ah! - fez Andrée com voz contrariada e como que surpresa pela minha audácia, que aliás não fez

mais que se afirmar.

- Então, deixo-a, e desculpe por tê-la incomodado por nada.

- De modo algum - disse Andrée, e (como agora o uso do telefone se tornara comum, em torno

dele desenvolvera-se o adorno de frases especiais, como antigamente ao redor dos "chás") acrescentou:

-Tenho grande prazer em ouvir a sua voz.

Eu poderia dizer outro tanto, e mais verdadeiramente que Andrée, pois acabara de ficar

infinitamente sensível à sua voz, não tendo até então reparado que era tão diferente das outras. Então,

lembrei-me de outras vozes mais, sobretudo vozes de mulheres, umas vagarosas por causa da precisão

de uma pergunta e devido à atenção do espírito; outras sufocadas, até mesmo interrompidas, pela onda

lírica do que estão contando; lembrei-me, uma a uma, das vozes das moças que havia conhecido em

Balbec, depois da de Gilberte, depois da de minha avó, depois da Sra. de Guermantes, achei-as todas

dissemelhantes, moldadas numa linguagem particular a cada uma, tocando todas um instrumento

diverso, e disse comigo que pífio concerto devem dar no Paraíso os três ou

quatro anjos músicos dos

velhos pintores, quando eu via elevar-se para Deus, às dezenas, às centenas, aos milhares, a

harmoniosa e multissonora saudação de todas as Vozes. Não desliguei o telefone sem agradecer, com

algumas palavras propiciatórias, àquela que reina sobre a velocidade dos sons, por ter querido usar em

favor de minhas humildes palavras, de um poder que as tornava cem vezes mais rápidas que o trovão.

Mas minhas ações de graça não tiveram como resposta senão o serem cortadas.

Quando Albertine voltou para o meu quarto, usava um vestido de cetim preto que contribuía para

torná-la mais pálida, fazer dela a parisiense lívida, ardente, estiolada pela falta de ar, pela atmosfera das

multidões e talvez pelo hábito do vício,e cujos olhos pareciam mais inquietos porque não os animava o

rubor das faces.

- Adivinhe - disse eu - a quem acabo de telefonar: a Andrée.

- A Andrée?! - exclamou Albertine em tom estridente, surpreso, emocionado, que uma notícia tão

simples não comportava. - Espero que ela pensou em lhe dizer que tínhamos encontrado a Sra. Verdurin

outro dia.

- A Sra. Verdurin? Não me lembro - respondi, parecendo estar pensando em outra coisa, a um

tempo para mostrar-me indiferente a tal encontro e para não trair Andrée, que me

dissera aonde Albertine

iria no dia seguinte. Mas quem sabe se a própria Andrée não me trairia, se amanhã não contaria a

Albertine que eu lhe pedira que evitasse, seja a que preço fosse, que ela comparecesse aos Verdurin, e

se ela já não lhe revelara que várias vezes eu lhe tinha feito recomendações análogas? Ela me garantira

jamais tê-las repetido, mas o valor dessa afirmação era contrabalançado em meu espírito pela impressão

de que já não via mais no rosto de Albertine a confiança que durante tanto tempo ela tivera em mim.

No amor, o sofrimento cessa por instantes, mas para assumir um aspecto diverso. Choramos ao

ver a mulher a quem amamos já não ter para conosco aqueles impulsos de simpatia, aqueles avanços

amorosos do princípio; sofremos ainda mais ao ver que, não os tendo mais conosco, tenha-os com

outros; depois somos distraídos desse sofrimento por um novo mal, mais atroz, a suspeita de que ela nos

mentiu sobre a noite da véspera, onde ela sem dúvida nos traiu; tal suspeita igualmente se dissipa, a

gentileza demonstrada por nossa amiga nos acalma; mas então uma frase esquecida nos volta ao

espírito, disseram-nos que ela era ardente no gozo, e todavia sempre a conhecêramos tranqüila;

tentamos imaginar o que teriam sido os seus frenesis com outros, percebemos o pouco que somos para

ela, reparamos num ar de tédio, de nostalgia, de tristeza, enquanto falamos, reparamos, como se fossem

um céu negro, nos vestidos descuidados que ela põe quando está conosco, guardando para os outros

aqueles com que procurava a princípio deslumbrar-nos. Se, ao contrário, ela é carinhosa, que alegria por

um instante! Mas, vendo essa lingüinha esticada como para um chamado dos olhos, pensamos naquelas

a quem tantas vezes era dirigido esse chamado, que, mesmo talvez junto a mim, sem que Albertine

pensasse nelas, tinha persistido como um sinal maquinal, por causa de um longo hábito. Depois, retorna

a sensação de que a aborrecemos. Mas, subitamente, tal sofrimento se reduz a bem pouco ao

pensarmos nos maus procedimentos desconhecidos de sua vida, nos lugares, impossíveis de conhecer,

em que ela esteve, aonde vai ainda nas horas em que não estamos a seu lado, se mesmo ela não

tenciona viver definitivamente nesses lugares, lugares em que está longe de nós, não é nossa, e sente-se

mais feliz do que conosco. Tais são as eventualidades do ciúme.

O ciúme é também um demônio que não pode ser exorcizado, e sempre reaparece, encarnado

sob uma nova forma. Mesmo que chegássemos a exterminar todas elas, a guardar perpetuamente aquela

a quem amamos, o Espírito do Mal tomaria então uma outra forma, ainda mais patética, o desespero de

não ter obtido a fidelidade senão pela força, o desespero de não ser amado.

Entre Albertine e mim havia muitas vezes o obstáculo de um silêncio feito sem dúvida de agravos

que ela calava, pois julgava-os irreparáveis. Por mais terna que se mostrasse em certas noites, Albertine

já não possuía aqueles movimentos espontâneos que eu lhe conhecera em Balbec quando ela me dizia:

- Mas como você é gentil! -e o fundo do seu coração parecia vir até mim sem a reserva de nenhum

desses agravos que ela tinha agora, e que calava, pois sem dúvida julgava-os irreparáveis, impossíveis

de esquecer, inconfessados, mas que, nem por isso deixavam de erguer entre nós a significativa

prudência de suas palavras ou o intervalo de um silêncio intransponível.

- E pode-se saber por que telefonou a Andrée?

- Para perguntar se não ficaria contrariada se eu me juntasse à vocês amanhã e, assim, fazer aos

Verdurin a visita que lhes prometo desde a Raspeliere.

- Como quiser. Mas previno-o de que há um terrível nevoeiro esta noite e que certamente haverá

outro amanhã. Digo isto porque não gostaria que você passasse mal. Sabe muito bem que, por mim,

prefiro que venha conosco. Aliás - acrescentou com ar preocupado - não sei absolutamente se irei à casa

dos Verdurin. Fizeram-me tantas gentilezas que, no fundo, eu deveria ir. Depois de você, foram as

pessoas que me trataram melhor, mas há umas coisinhas que me desagradam na casa deles. É

absolutamente necessário que eu vá ao Bon Marché ou aos Trois Quartiers para comprar um lenço

branco para o pescoço, pois este vestido é escuro demais.

Deixar Albertine ir sozinha à uma grande loja percorrida por tantas pessoas em quem a gente se

esfrega, dotada de tantas saídas que se pode alegar que não se encontrou o carro, que esperava um

pouco além, era coisa que eu estava resolvido a não consentir, mas sobretudo sentia-me infeliz. E no

entanto, não percebia que de há muito deveria ter cessado de ver Albertine, pois para mim, ela havia

entrado naquele período lamentável em que uma criatura, disseminada no espaço e no tempo, já não é

para nós uma mulher, mas uma série de eventos sobre os quais não podemos fazer luz, uma série de

problemas insolúveis, um mar que ridiculamente procuramos, como Xerxes, chicotear para puni-lo pelo

que engoliu. Uma vez principiado esse período, estamos forçosamente derrotados. Felizes aqueles que o

compreendem logo para não prolongar uma batalha inútil, exaustiva, cercada de todas as partes pelos

limites da imaginação e onde o ciúme se debate tão vergonhosamente que o mesmo homem que outrora,

se os olhares da que estava sempre a seu lado se dirigiam para um outro, imaginava uma intriga e

experimentava tantos tormentos, resigna-se depois a deixá-la sair sozinha, às vezes com aquele que

sabe ser seu amante, preferindo, ao que não pode conhecer, essa tortura ao menos conhecida! É uma

questão de ritmo a adotar e que é seguido por hábito. Nervosos que não poderiam faltar a um jantar e

que bem depois fazem curas de repouso nunca suficientemente longas; mulheres, ainda recentemente

levianas, vivem na penitência; ciumentos que, para espionar a mulher amada, privam-se do sono, do

repouso, sentindo que os desejos dela, o mundo tão vasto e tão secreto, e o tempo são mais fortes que

eles, deixam-na sair sem a sua companhia, e depois viajar, e depois se separam. Assim, o ciúme acaba

por falta do que alimentar-se e só durou tanto devido a tê-los reclamado sem parar. Eu estava bem longe

desse estado.

É claro que o tempo de Albertine me pertencia em quantidades superiores que em Balbec. Agora

eu era livre para passear com ela quantas vezes quisesse. Como não demorara que se construíssem

campos de aviação ao redor de Paris, e que são para os aeroplanos o que os portos representam para os

navios, e como, desde o dia em que, perto da Raspeliere, o encontro quase mitológico com um aviador,

cujo vôo fizera encabritar o meu cavalo, tinha sido para mim como uma imagem da liberdade, eu gostava

muitas vezes que, ao entardecer, o fim das nossas jornadas - aliás agradável à Albertine, apaixonada por

todos os esportes -fosse um desses aeródromos. Íamos para lá, atraídos ambos por essa vida incessante

de partidas e chegadas que conferem tanto encanto aos passeios pelo cais ou apenas pela praia para

aqueles que apreciam o mar, e às andanças em torno de um centro de aviação, para os que gostam do

céu. A todo instante, por entre o descanso dos aparelhos inertes e como que ancorados, víamos um

deles sendo tirado penosamente por vários mecânicos, como é arrastado sobre a areia um barco pedido

por um turista que deseja dar um passeio no mar. Depois o motor era posto em funcionamento, o

aparelho corria, tomava impulso e por fim, de repente, em ângulo reto, elevava-se lentamente no êxtase

rígido, como que imobilizado, de uma velocidade horizontal súbito transformada em majestosa ascensão

vertical. Albertine não podia conter o júbilo e pedia explicações aos mecânicos que regressavam, agora

que o aparelho se pusera a voar. Entretanto, o passageiro não tardava a transpor quilômetros, e o grande

esquife sobre o qual não cessávamos de fixar os olhos não era mais no azul do que um ponto quase

indistinto, o qual, aliás, ia retomando aos poucos a sua materialidade, sua grandeza, seu volume, quando,

aproximando-se do fim o tempo do passeio, chegava o momento de voltar a seu

porto. Albertine e eu

olhávamos com inveja, no instante em que saltava em terra, o passeante que desse modo fora desfrutar

ao largo, naqueles horizontes solitários, o sossego e a limpidez da tarde. Depois, fosse do aeródromo,

fosse de algum museu ou igreja que tivéssemos ido visitar, voltávamos juntos para a hora do jantar. E

todavia eu não regressava calmo, como me sentia em Balbec, depois dos passeios mais raros de que me

orgulhava durassem toda uma tarde, e que contemplava a seguir, destacando-se em belos maciços de

flores sobre o resto da vida de Albertine como sobre um céu vazio diante do qual a gente sonha

suavemente, sem pensar. O tempo de Albertine, por essa época, não me pertencia em quantidades tão

amplas como hoje. No entanto, parecia-me então muito mais meu, porque eu só levava em consideração

o meu amor regozijando-se como se fosse uma dádiva as horas que ela passava comigo; agora o meu

ciúme procurando nelas, com inquietude, a possibilidade de uma traição; eu só levava em conta as horas

que ela passava sem mim. Ora, amanhã ela iria desejar que houvesse tais horas. Seria preciso escolher

entre cessar de sofrer e deixar de amar. Pois, assim como no princípio é formado pelo desejo, o amor,

depois, só é mantido pela ansiedade dolorosa. Sentia que uma parte da vida de Albertine me escapava.

O amor, tanto na ansiedade dolorosa como no desejo feliz, é a exigência de um todo. Ele só nasce, só

subsiste se resta uma parte a conquistar. Só se ama aquilo que não se possui completamente. Albertine

mentia ao dizer que certamente não iria visitar os Verdurin, como eu mentia ao dizer que desejava ir à

casa deles. Ela procurava somente impedir-me de sair em sua companhia, e eu, devido ao brusco

anúncio desse projeto, que de modo algum contava pôr em execução, queria ferir nela o ponto que

adivinhava ser o mais sensível, atacar o desejo que ela ocultava e forçá-la a confessar que minha

presença junto dela amanhã, a impediria de satisfazê-la. Em suma, ela o fizera ao deixar bruscamente de

querer ir à casa dos Verdurin.

- Se você não quer ir visitar os Verdurin -disse eu -, há no Trocadero uma representação magnífica

de caráter beneficente.-

Ela ouvia a minha sugestão com ar dolente.

Voltei a ser duro com ela, como em Balbec, nos tempos do meu primeiro ciúme. Seu rosto refletia

uma decepção e empreguei para censurar a minha amiga os mesmos motivos que tantas vezes me

haviam sido dados por meus pais quando eu era criança e que me tinham parecido desinteligentes e

cruéis à minha infância incompreendida.

- Não. - apesar do seu ar triste dizia eu à Albertine - não posso lamentá-la; lamentaria se você

estivesse enferma, se lhe houvesse acontecido uma desgraça, se tivesse perdido um parente; o que

talvez não lhe desse nenhum pesar, devido ao desperdício de falsa sensibilidade que você faz por um

nada. Além disso, não aprecio a sensibilidade de pessoas que tanto pretendem nos amar, sem serem

capazes de nos prestar o menor serviço e cujo pensamento, ao se voltar para nós, as deixa tão distraídas

que se esquecem de levar a carta que lhes confiamos e da qual depende o nosso futuro.

Tais palavras, pois uma grande parte do que dizemos não passa de um recitativo, eu as ouvira

pronunciar todas por minha mãe, a qual (explicando-me de bom grado que não convinha confundira

verdadeira sensibilidade, o que, dizia ela, os alemães, cujo idioma admirava bastante, apesar do horror

de meu pai por aquele país, denominavam *Empfindung*, com o sentimentalismo, *Empfindelei*) chegara

certa vez a ponto de dizer, quando eu estava chorando, que Nero talvez fosse nervoso e não era melhor

por causa disso. Na verdade, como essas plantas que se desdobram ao crescer, havia agora, diante da

criança sensitiva que eu exclusivamente fora, um homem completamente diverso, cheio de bom senso,

severo para com a sensibilidade doentia dos outros, um homem parecido com o

que meus pais tinham

sido para mim.

Sem dúvida, visto que cada um deve fazer continuar em si a vida dos seus, o homem ponderado e

zombeteiro, inexistente em mim no começo, juntara-se ao sensível, e era natural que eu por minha vez

fosse igual ao que meus pais tinham sido. Ademais, no momento em que este novo eu se formava,

encontrava a sua linguagem já pronta na lembrança da outra, irônica e rabugenta, que empregaram

comigo e que eu agora usava com os outros, e saía muito naturalmente da minha boca, seja porque a

evocasse por mimetismo e associação de lembranças, seja também porque as delicadas e misteriosas

incrustações do poder genésico tivessem desenhado em mim, sem que o soubesse, como sobre a folha

de uma planta, as mesmas entonações, os mesmos gestos, as mesmas atitudes que tinham tido aqueles

de quem me originara. Pois, às vezes, bancando o homem prudente quando falava a Albertine, parecia

estar ouvindo minha avó. De resto, não sucedera a minha mãe (de tantas obscuras correntes

inconscientes refletirem em mim, até aos menores movimentos dos meus dedos para arrastá-los nos

mesmos ciclos que meus pais) acreditar que se tratava de meu pai entrando, de tal modo eu tinha a

mesma forma de bater que ele? Por outro lado, o acoplamento de elementos contrários é a lei da vida, o

princípio da fecundação e, conforme veremos, a causa de muitas infelicidades. De hábito, detestamos o

que nos é semelhante, e nossos próprios defeitos vistos de fora nos exasperam. Ainda mais quando

alguém, que passou da idade em que os expressamos ingenuamente e que, por exemplo, assume um ar

glacial nos momentos mais ardentes, execra os mesmos defeitos se se trata de outro, mais jovem ou

mais ingênuo, ou mais bobo, que os exprime! Há pessoas sensíveis para quem a visão, nos olhos

alheios, de lágrimas que eles próprios contêm, é exasperadora.

É a máxima semelhança que faz com que, apesar da afeição, e às vezes quanto maior é a

afeição, reine a divisão nas famílias. Talvez em mim, e em muitos, o segundo homem em que eu me

tornara era simplesmente uma face do primeiro, exaltado e sensível ao lado de si mesmo, sábio Mentor

para os outros. Talvez o mesmo ocorresse com meus pais, conforme fossem considerados em relação a

mim ou em si mesmos. E, quanto a minha avó e minha mãe, era bastante visível que a severidade delas

comigo era proposital e até mesmo lhes custava, mas talvez até no meu pai não

seria a frieza apenas um

aspecto exterior de sua sensibilidade? Pois não era talvez a verdade humana desse duplo aspecto,

aspecto da vida interior e aspecto da vida das relações sociais, o que se expressava nestas palavras que

outrora me pareciam tão falsas em seu sentido quanto plenas de banalidade em sua forma, quando se

dizia, falando de meu pai:

- Sob sua frieza glacial, esconde uma sensibilidade extraordinária; o que ele possui, acima de

tudo, e o pudor de sua sensibilidade. -

No fundo, não ocultava incessantes e secretas tempestades, aquela calma semeada, se preciso,

de reflexões sentenciosas, de ironia pelas manifestações desastradas da sensibilidade, calma que era a

sua, mas que agora também eu afetava diante de todos e de que não me afastava, em certas

circunstâncias, diante de Albertine?

Creio que, naquele dia, eu verdadeiramente ia decidir a nossa separação e seguir para Veneza. O

que me prendeu de novo à minha ligação disse respeito à Normandia, não que Albertine manifestasse

alguma intenção de viajar àquela região, onde eu tinha tido ciúmes dela (pois, por sorte, os seus projetos

nunca tocavam nos pontos dolorosos das minhas recordações), mas porque, tendo-lhe dito:

- É como se eu lhe falasse da amiga de sua tia que mora em InfreviIle-, ela respondera,

encolerizada, feliz como toda pessoa que discute e que deseja para si o maior número possível de

argumentos, para mostrar que eu estava errado e ela certa:

- Mas minha tia jamais conheceu alguém em Infrevil e, e eu mesma nunca estive lá. -

Havia esquecido a mentira que me dissera uma noite acerca da dama suscetível em cuja casa era

de todo necessário que fosse tomar chá, ainda que, indo visitar essa dama, corresse o risco de perder

minha amizade e ter de se matar. Não lhe recordei a mentira. Mas fiquei acabrunhado. E adiei o

rompimento para outra ocasião. Não é necessária a sinceridade, e nem mesmo a destreza na mentira,

para ser amado. Aqui, chamo de amor uma tortura recíproca. Nessa noite, eu não achava de modo algum

repreensível falar-lhe como minha avó, tão perfeita, fizera comigo, nem, para lhe dizer que a

acompanharia à casa dos Verdurin, ter adotado a maneira brusca de meu pai, o qual jamais nos

comunicava uma decisão a não ser do jeito que nos pudesse causar o máximo de uma agitação

desproporcionada, nesse grau, à própria decisão. De modo que estava coberto de razão quando nos

achava absurdos de mostrarmos tanta angústia por tão pequena coisa, angústia que de fato correspondia

à comoção que nos causara. E como (da mesma forma que o bom senso inflexível de minha avó) essas

veleidades arbitrárias de meu pai viessem completar em mim a natureza sensível a que tinham

permanecido por tanto tempo alheias, e a qual durante toda a minha infância fizeram sofrer tanto, essa

natureza sensível informava-se bem exatamente sobre os pontos que deviam visar com eficácia: não

existe melhor delator que um antigo ladrão, ou do que um súdito da nação que se guerreia. Em certas

famílias mentirosas, um irmão que vem visitar outro irmão sem motivo aparente e lhe pede casualmente,

à porta da rua, ao sair, uma informação que nem sequer parece ouvir, por isso mesmo dá a entender ao

irmão que tal informação era a finalidade de sua visita, pois o irmão bem conhece aquele ar desligado,

aquelas palavras ditas como que entre parênteses no último minuto, pois ele próprio as empregou várias

vezes. Ora, existem igualmente famílias patológicas, sensibilidades aparentadas, temperamentos

fraternos, iniciados nesse tácito idioma que faz com que em família as pessoas se compreendam sem

falar. Assim, quem mais que um nervoso pode ser enervante? E além do mais, talvez houvesse na minha

conduta, nesses casos, uma causa mais geral, mais profunda. É que, nesses momentos breves, porém

inevitáveis, quando se detesta a quem se ama-esses momentos que duram às

vezes toda a vida com as

pessoas de quem não se gosta-, não desejamos parecer bons, para que não tenham pena de nós;

queremos ao mesmo tempo ser malvados e cruéis o mais possível para que nossa felicidade seja

verdadeiramente odiosa e ulcere a alma do nosso inimigo ocasional ou duradouro. Diante de quantas

pessoas não fui eu mentirosamente caluniado, apenas para que meus "êxitos" lhes parecessem imorais e

os encarniçassem ainda mais contra mim! Seria preciso seguir o caminho inverso, mostrar sem orgulho

que temos bons sentimentos, em vez de os esconder tanto. O que seria fácil se soubéssemos jamais

odiar, amar sempre. Pois então seríamos tão felizes por só dizer as coisas que podem dar alegria aos

outros, enternecê-los, fazer com que nos amem!

Decerto eu sentia um pouco de remorso por ser tão irritante para com Albertine, e dizia comigo:

"Se não a amasse, ela me teria maior reconhecimento, pois eu não seria ruim com ela; mas não, isto se

compensaria, pois eu também seria menos amável." E, para me justificar, poderia lhe dizer que a amava.

Mas a confissão desse amor, além de não trazer novidade alguma a Albertine, talvez a deixasse mais fria

a meu respeito do que as durezas e ardis de que justamente o amor era a única desculpa.

É tão natural ser duro e ardiloso com quem se ama! Se o interesse que demonstramos aos outros

não nos impede de sermos doces com eles e complacentes com aquilo que desejam, é que esse

interesse é uma mentira. O próximo nos é indiferente, e a indiferença não convida à maldade.

A noite passava; antes que Albertine fosse deitar-se, não havia tempo a perder se quiséssemos

fazer as pazes e recomeçar com os beijos. Nenhum de nós ainda tomara a iniciativa.

Sentindo que ela estava realmente zangada, aproveitei para lhe falar de Esther Lévy.

- Bloch me disse (o que não era verdade) que você conhecera muito bem a sua prima Esther.

- Eu nem sequer a reconheceria - disse Albertine com ar vago.

- Vi a fotografia dela - acrescentei furioso. Ao dizer isto, não encarava Albertine, de modo que não

vi sua expressão, que teria sido a única resposta, pois ela não disse nada.

Já não era o sossego do beijo de minha mãe em Combray o que eu sentia junto de Albertine

nessas noites, mas, ao contrário, a angústia daqueles dias em que minha mãe mal me dava boa-noite, ou

até nem subia para o meu quarto, ou porque estivesse zangada comigo ou porque a retivessem os

convidados. Essa angústia, não a sua transposição para o amor, não, essa própria angústia, que por

algum tempo se especializara no amor, que se destinara unicamente a ele, depois de operada a partilha,

a divisão das paixões, agora parecia de novo estender-se a todas, tornada outra vez indivisa, assim como

na minha infância, como se todos os meus sentimentos, que estremeciam à idéia de não poder conservar

Albertine junto ao meu leito, a um tempo como amante, como irmã, como filha, como mãe igualmente, de

cujo boa-noite cotidiano eu recomeçava a sentir a necessidade pueril, tivessem começado a reunir-se, a

se unificar na noite prematura da minha vida, que parecia ser tão breve como um dia de inverno. Mas, se

eu experimentava a angústia de minha infância, a mudança da criatura que me fazia senti-la, a diferença

de sentimento que ela me inspirava, a própria transformação do meu caráter, tornavam impossível

reclamar-lhe o alívio como outrora à minha mãe. Eu já não sabia dizer: "Estou triste."

Com a morte na alma, limitava-se a falar de coisas indiferentes que não me adiantavam em nada

para uma solução feliz. Repisava em dolorosas banalidades. E com aquele egoísmo intelectual que, por

menos que uma verdade insignificante se refira ao nosso amor, nos faz ter em grande conta aquele que a

encontrou, talvez tão casualmente como a cartomante que nos anunciou um fato banal mas que desde

então se cumpriu, eu não estava muito longe de acreditar Françoise superior a

Bergotte e a Elstir, porque

me dissera em Balbec:

- Essa moça lhe dará desgostos.

Cada minuto me aproximava do boa-noite de Albertine, que por fim ela me dava. Mas naquela

noite o seu beijo, de onde ela própria estava ausente e que não me encontrava, fazia-me tão ansioso que,

o coração palpitante, eu a contemplava ir até a porta, pensando: "Se quero achar um pretexto para

chamá-la, retê-la, fazer as pazes, preciso apressar-me, ela só precisa de mais alguns passos para sair do

quarto, mais dois, mais um, ela gira a maçaneta, abre, é tarde, já fechou a porta." Talvez não fosse tarde

demais, apesar de tudo. Como antigamente em Combray, quando minha mãe me havia deixado sem me

sossegar com seu beijo, eu queria lançar-me no encalço de Albertine, sentia que não teria sossego

enquanto não a visse de novo, que o fato de revê-la iria tornar-se algo imenso como ainda não ocorrera

até ali, e que, se não conseguisse me livrar sozinho dessa tristeza, talvez adquirisse o hábito vergonhoso

de ir mendigar aos pés de Albertine; saltei da cama quando ela já estava em seu quarto, andava para cá

e para lá no corredor, esperando que ela saísse e me chamasse; permanecia imóvel diante de sua porta,

para não me arriscar a não ouvir um débil chamado, entrava por um instante em

meu quarto para ver se

minha amiga por felicidade não tinha esquecido um lenço, uma bolsa, alguma coisa que eu pudesse fingir

recear que lhe fizesse falta e que me desse o pretexto de ir a seu quarto. Não, nada. Voltava a postar-me

diante de sua porta. Mas na frincha desta já não havia luz, Albertine já a apagara, estava deitada, eu

ficava lá, imóvel, esperando não sei que oportunidade que não vinha; e muito tempo depois, gelado,

tornava a me deitar sob os cobertores e chorava a noite inteira.

Assim, às vezes, em certas noites, recorria um ardil que me proporcionava o beijo de Albertine.

Sabendo o quanto era rápido o seu adormecimento logo que se estendia na cama (ela também o sabia,

pois instintivamente, quando se deitava, descalçava as sandálias que eu lhe dera, e o anel, que punha a

seu lado, como fazia em seu quarto ao se acomodar), sabendo o quanto era profundo o seu sono e

carinhoso o seu despertar, agarrava-me a um pretexto para ir buscar alguma coisa, fazia-a estender-se

em minha cama. Quando voltava, ela adormecera, e eu via diante de mim aquela outra mulher em que se

transformava quando estava inteiramente de frente. Mas ela mudava depressa de personalidade, pois eu

me estendia a seu lado e a reencontrava de perfil. Podia pôr a minha mão na sua, nos seus ombros, no

seu rosto, que Albertine continuava a dormir. Podia segurar sua cabeça, virá-la, encostá-la nos meus

lábios, rodear meu pescoço com seus braços, e ela continuava a dormir como um relógio de bolso que

não pára, como um bicho que continua vivendo qualquer que seja a posição que lhe dêem, como uma

trepadeira, uma ipoméia que continua a estender seus ramos, seja qual for o arrimo de que disponha.

Apenas o seu arfar se modificava a cada um dos meus contatos, como se ele fosse um instrumento que

eu tocasse e ao qual fizesse executar modulações, tirando notas diferentes de uma, depois de outra de

suas cordas. Meu ciúme se acalmava, pois sentia que Albertine transformada num ser que respira, que

não é outra coisa, como o indicava o sopro regular pelo qual se exprime essa pura função fisiológica, a

qual, inteiramente fluida, não possui a espessura da palavra nem do silêncio e, em sua ignorância de todo

mal, ofegar extraído antes de um caniço oco que de um ser humano, realmente paradisíaco para mim,

que naqueles momentos sentia Albertine subtraída de tudo, não só material mas moralmente, era o puro

cântico dos anjos. No entanto, por aquele hálito eu de súbito considerava que talvez muitos nomes

humanos, trazidos pela memória, deveriam passar.

Às vezes, até a voz humana se acrescentava a essa música. Albertine pronunciava algumas

palavras. Como desejaria obter-lhes o sentido! Acontecia que o nome de uma pessoa de quem tínhamos

falado e que excitava o meu ciúme, subia-lhe aos lábios, mas sem me fazer infeliz, pois a recordação que

trazia parecia ser apenas a das conversas que ela tivera comigo sobre o assunto. Entretanto, certa noite,

de olhos fechados, meio que acordada, disse carinhosamente dirigindo-se a mim: "Andrée." Dissimulei

minha emoção.

- Estás sonhando, não sou Andrée - retruquei rindo. Ela também sorriu:

- Não, eu queria te perguntar o que te disse Andrée há pouco.

- Pensei que já tinhas deitado assim junto dela.

- Não, nunca. - disse Albertine.

Unicamente, antes de responder isto, escondera por um instante o rosto nas mãos. Logo, seus

silêncios eram apenas véus, seus carinhos superficiais no fundo somente retinham milhares de

lembranças que teriam me dilacerado sua vida, portanto, era repleta desses fatos cuja narrativa trocista e

cuja crônica risonha constituem nossos mexericos diários a respeito dos outros, dos indiferentes, mas

que, enquanto uma criatura permanece extraviada em nosso coração, nos parecem um esclarecimento

tão precioso de sua vida que, para conhecer esse mundo subjacente, daríamos de bom grado a nossa.

Então o seu sono me surgia como um mundo maravilhoso e mágico, onde por

instantes se eleva, do

fundo do elemento apenas translúcido, a confissão de um segredo que não se compreenderá. Mas em

geral, quando Albertine dormia, parecia-me que reencontrava sua inocência. Na atitude que eu lhe

atribuíra mas que em seu sono ela depressa tornava sua, dava a impressão de confiar-se a mim. Sua

fisionomia perdera toda e qualquer expressão de manha ou de vulgaridade, e entre ela e mim, para quem

erguia o braço, sobre quem descansava a mão, parecia haver um abandono completo, um elo

indissolúvel. Aliás, o seu sono não a separava de mim, deixando subsistir nela a noção de nossa ternura,

tendo antes por efeito abolido o resto; eu a beijava, dizia que ia dar alguns passos lá fora, ela entreabria

os olhos e me dizia, com ar espantado -e de fato já era noite:

- Mas aonde vais desse jeito, meu querido?-e, chamando-me pelo meu prenome, logo voltava a

adormecer.

Seu sono era apenas uma espécie de apagamento do resto da vida, um silêncio uniforme onde,

de vez em quando, erguiam vôo palavras familiares de carinho. Aproximando-as umas das outras, teria

sido possível compor a conversação sem mistura, a secreta intimidade de um amor puro. Este sono tão

calmo encantava-me como encanta à mãe, que o considera uma qualidade, o

bom sono de seu filho. E

com efeito o sono de Albertine era o de uma criança. Outrossim o seu despertar, e é tão natural, tão

carinhoso, antes mesmo que ela se desse conta de onde estava, que às vezes eu me perguntava, com

terror, se ela tivera o hábito, antes de viver comigo, de não dormir sozinha e de encontrar alguém a seu

lado ao abrir os olhos. Mas sua graça infantil era mais forte. Tal uma mãe, ainda maravilha-me que

sempre acordasse de bom humor. Ao cabo de alguns instantes, ela readquiria a consciência, dizia

palavras encantadoras, sem relação umas com as outras, um pipilar apenas. Por uma espécie de

contradança, o seu pescoço, habitualmente pouco notado, e agora quase belo demais, tomara a

importância enorme que seus olhos fechados pelo sono haviam perdido, seus olhos, meus habituais

interlocutores e aos quais já não podia me dirigir desde o cerrar das pálpebras. Da mesma forma que os

olhos fechados conferem uma beleza inocente e grave ao rosto, suprimindo tudo o que os olhares

expressam demais, nas palavras, não sem sentido, mas entrecortadas de silêncio, que Albertine

pronunciava ao despertar, havia uma beleza pura que não é a todo instante manchada, como o é a

conversação, de hábitos verbais, de lenga-lengas, de vestígios de defeitos. Além disso, quando me

decidia a acordar Albertine, podia fazê-lo sem medo, pois sabia que seu despertar não estaria de modo

algum relacionado com a noite que acabáramos de passar, mas sairia do seu sono como da noite sai a

manhã. Logo que ela entreabria os olhos sorrindo, estendia-me os lábios e, antes que dissesse alguma

coisa, eu já lhe saboreara o frescor, calmante como o de um jardim ainda silencioso antes do despontar

do dia.

No dia seguinte àquela noite em que Albertine me dissera que talvez fosse à casa dos Verdurin, e

depois que não iria, eu acordei cedo e, ainda meio adormecido, minha alegria informou-me que era,

interpolado no inverno, um dia de primavera. Lá fora, temas populares finamente escritos por

instrumentos variados, desde a buzina do consertador de porcelana, ou a corneta do empalhador de

cadeiras, até a flauta do cabreiro que parecia num dia lindo ser um pastor da Sicília, orquestravam de

leve o ar matinal numa "Abertura para um dia de festa". A audição, este sentido delicioso, traz até nós a

companhia da rua, da qual retraça todas as linhas, desenha todas as formas que passam, mostrando-nos

o seu colorido. As cortinas de ferro da padaria, da leiteria, que haviam abaixado a noite anterior sobre

todas as possibilidades de ventura feminina, erguiam-se agora como as leves polés de um navio que

aparelha e vai zarpar, cruzando o mar transparente, sobre um sonho de jovens empregadas. Este rumor

da cortina de ferro que está sendo erguida talvez fosse o meu único prazer num bairro diferente. Neste

meu, cem outros formavam a minha alegria, e nem um só eu quisera perder dormindo até mais tarde. O

encanto dos velhos bairros aristocráticos é serem igualmente populares. Como às vezes os tiveram as

catedrais, não longe das portadas (às quais ocorreu mesmo conservarem-lhes o nome, como o da

catedral de Ruão, chamada dos "Livreiros", porque junto a ela expunham estes a sua mercadoria ao ar

livre), diversos pequenos ofícios, mas ambulantes, passavam diante do nobre palacete de Guermantes, e

por vezes faziam pensar na França eclesiástica de outrora. Pois o apelo que lançavam às pequenas

residências vizinhas nada possuía com raras exceções, de uma canção. Diferia dela tanto quanto da

declamação-mal colorida por variações insensíveis de Boris Godunov e de Pél eas; mas, por outro lado,

lembrava o salmodiar de um padre no decurso dos ofícios, dos quais estas cenas de rua são apenas a

contrapartida ingênua, forânea, todavia meio litúrgica. Eu jamais sentira tanto prazer com elas desde que

Albertine morava comigo; parecia-me um alegre sinal de seu despertar e, interessando-me pela vida lá

fora, faziam-me sentir melhor a virtude calmante de uma presença querida, tão

constante como a

desejava.

Certos alimentos gritados na rua, e que eu pessoalmente achava detestáveis, eram muito do gosto

de Albertine, de modo que Françoise os mandava comprar pelo seu jovem lacaio, que talvez se sentisse

humilhado por se ver confundido na multidão plebéia. Naquele bairro tão tranqüilo (em que os rumores já

não eram um motivo de tristeza para Françoise e haviam se tornado a razão de doçura para mim)

chegavam-me, cada qual com sua modulação diversa, os recitativos declamados por aquelas pessoas do

povo, como o seriam na música, tão popular, de Boris, onde uma entonação inicial quase não se altera

pela inflexão de uma nota que sobre outra se debruça, música da multidão que antes é uma linguagem do

que uma música. Era: "Olha o marisco, olha o marisco por dez tostões!", atraindo a freguesia para os

cestos onde eram vendidas essas horríveis conchinhas que, não fosse Albertine, teriam me causado

repugnância, assim como os caramujos que eu ouvia serem vendidos à mesma hora. Aqui, ainda era na

declamação apenas lírica de Mussorgsky que fazia pensar o vendedor, mas não somente nela. Pois,

após ter quase "falado": "Os caramujos estão fresquinhos, estão bonitos", era com a tristeza e a vaguidão

de *Maeterlinck,* musicalmente transpostas por Debussy, que o vendedor de caramujos, num desses

dolorosos finais com que o autor de *Pél eas* se parece com Rameau ("Se devo ser vencida, serás tu o

meu vencedor?"), acrescentava com sua melancolia cantante: "A trinta tostões a dúzia..."

Sempre me foi difícil compreender porque aquelas palavras tão claras eram suspiradas num tom

tão pouco adequado, misterioso, como o segredo que faz com que todos tenham a fisionomia triste no

velho palácio a que Mélisande não conseguiu levar a alegria, e profundo como um pensamento do velho

Arkel, que busca proferir em palavras muito simples toda a sabedoria e o destino. As próprias notas em

que se eleva com doçura crescente a voz do velho rei de Al emonde, ou a de Golaud, para dizer: "Não se

sabe o que acontece aqui. Isto pode parecer estranho. Talvez não existam ocorrências inúteis", ou então:

"Não precisas te assustar... Era uma pobre criaturinha misteriosa, como todo mundo", eram as que

serviam ao vendedor de caramujos para repetir, numa cantilena indefinida: "A trinta tostões a dúzia..."

Porém essa lamentação metafísica não tinha tempo de expirar à beira do infinito; era interrompida por

uma forte trombeta. Desta vez não se tratava de comidas, as palavras do libreto eram: "Tosamos

cachorros, cortamos gatos, as caudas e as orelhas."

Certo, a fantasia e o espírito de cada vendedor ou vendedora introduziam, com freqüência,

variantes nas frases de todas essas músicas que eu ouvia da cama. Entretanto, uma parada ritual, pondo

um silêncio em meio a uma frase, sobretudo quando era repetida duas vezes, evocava constantemente a

lembrança de velhas igrejas. Em seu pequeno carro, conduzido por uma burrinha que ele fazia parar

diante de todas as casas para entrar nos pátios, o vendedor de roupa, segurando um chicote, salmodiava:

"Roupas, vendem-se roupas, rou... pas" com a mesma pausa, entre as duas sílabas de "roupas", com

que teria entoado em cantochão: "Per omnia saecula saeculo... rum" ou: "Requiescat in pa... ce", embora

não acreditasse na eternidade de suas roupas e nem tampouco as oferecesse como sudário para o

supremo repouso na paz. E da mesma forma, como os motivos principiavam a cruzar-se desde aquela

hora matinal, uma vendedora de hortaliças, empurrando o seu carrinho, usava para a sua ladainha a

divisão gregoriana: As hortaliças, as hortaliças Alcachofras macias e bonitas Alca-chofras embora ela

fosse provavelmente ignorante do antifonário e dos sete tons que simbolizam, quatro as ciências do

quadrívio e três as do trívio.

Tirando de uma flautinha, de uma gaita de foles, as melodias de sua região meridional, cuja luz

combinava bem com os dias claros, um homem de blusa, tendo à mão um vergalho e na cabeça uma

boina basca, parava diante das casas. Era o cabreiro com dois cães e, à sua frente, o rebanho de cabras.

Como vinha de longe, passava bem tarde no nosso bairro; e as mulheres acorriam com uma tigela para

recolher o leite que devia fortalecer os seus filhinhos. Mas às melodias pirenaicas daquele pastor

benfazejo misturava-se já a campainha do amolador, que gritava: "Facas, tesouras, navalhas." Com ele

não podia lutar o amolador de serrotes, pois, destituído de instrumento, contentava-se em chamar: "Quem

tem serrotes para amolar? Olha o amolador!", ao passo que, mais alegre, o funileiro, depois de ter

enumerado os caldeirões, as caçarolas, tudo quanto ele soldava, entoava o refrão: Tão, tão, tão Conserto

até o chão/ Ponho fundo em tudo/ E tapo buracos/ Raco, raco, raco e italianinhos, carregando grandes

caixas de ferro pintadas de vermelho, onde estavam marcados os números perdedores e ganhadores-, e

tocando matraca, convidavam:

"Venham, venham, minhas senhoras, eis a grande diversão." Françoise me trouxe o *Fígaro*.

Bastou um só olhar para ver que o meu artigo ainda não fora publicado. Ela me disse que Albertine

indagava se podia vir ao meu quarto e me mandava dizer que, em todo caso, desistira de fazer uma visita

aos Verdurin e esperava ir, como eu lhe aconselhara, à vesperal "extraordinária" do Trocadero (o que

hoje chamaríamos, para coisa muito menos importante, uma vesperal de gala) depois de um

passeiozinho a cavalo que faria com Andrée. Agora que eu sabia que ela renunciara a seu desejo, talvez

perverso, de ir visitar a Sra. Verdurin, respondi rindo:

- Que venha! - e disse para mim mesmo que ela podia ir aonde bem quisesse, pois para mim seria

indiferente. Sabia que, no fim da tarde, quando chegasse o crepúsculo, eu sem dúvida seria um outro

homem, triste, dando às menores idas e vindas de Albertine uma importância que elas não tinham

naquela hora matinal, e quando o dia era tão lindo. Pois a minha despreocupação era seguida pela noção

bem clara de sua causa, mas sem ser alterada por ela.

- Françoise me assegurou que você estava acordado e que eu não incomodaria - disse Albertine

entrando. E, como aquele de me causar frio abrindo a janela num momento mal escolhido, o maior medo

de Albertine era o de entrar no meu quarto quando eu cochilava:

- Espero não ter feito mal - acrescentou. - Receava que você me dissesse: Que mortal insolente

vem procurar a morte?'

E ela riu com aquele riso que tanto me perturbava. Respondi-lhe no mesmo tom gracejador:

- Foi para vós que se deu ordem tão severa?

E de medo que ela a infringisse alguma vez, acrescentei:

- Embora ficasse furioso se você me acordasse.

- Eu sei, eu sei, não tenha medo - disse Albertine.

E, para suavizar, acrescentei, continuando a representar com ela a cena de Esther, ao passo que

na rua prosseguiam os apelos que ficavam confusos devido à nossa conversa:

- Somente em vós encontro uma tal ou qual graça. Que me deslumbra sempre, mas jamais me

cansa. (e comigo mesmo dizia: "Sim, ela me cansa muitas vezes"). E lembrando-me do que ela dissera

na véspera, e agradecendo-lhe com exagero por ter renunciado ir aos Verdurin, para que de outra vez me

obedecesse da mesma forma nisso ou naquilo, observei:

- Albertine, você desconfia de mim, que muito a amo, e tem confiança em pessoas que não

gostam de você (como se não fosse natural desconfiar das pessoas que nos amam e são as únicas que

têm interesse em nos mentir para saber, para nos opor obstáculos).

E acrescentei estas palavras mentirosas:

- No fundo, você não acredita que eu a ame, é engraçado. De fato, não a adoro. -

Ela por sua vez mentiu, dizendo que só confiava em mim, e a seguir foi sincera, garantindo que

sabia muito bem que eu a amava. Mas tal afirmação não parecia implicar que ela não me julgasse

mentiroso e capaz de espioná-la. E parecia perdoar-me, como se visse aí a conseqüência insuportável de

um grande amor, ou como se ela mesma se achasse menos bondosa.

- Peço-lhe, minha querida, nada de cabriolas como fez outro dia. Pense, Albertine, se lhe ocorre

um acidente! -

Mas é claro que não lhe desejava nenhum mal. Mas que bom seria se, com seus cavalos, ela

tivesse a boa idéia de partir não sei para onde, onde se sentisse feliz, e de nunca mais voltar para a

minha casa! Como tudo se simplificaria se ela fosse viver feliz algures, e nem mesmo me importava saber

onde!

- Oh, sei muito bem que você não sobreviveria quarenta e oito horas, acabaria se matando!

Assim, trocávamos palavras mentirosas. Mas uma verdade mais profunda do que essa que

proferiríamos se fôssemos sinceros pode às vezes ser expressa e prenunciada por outro meio que o da

sinceridade.

- Esses barulhos todos na rua não o incomodam? - perguntou ela-; pois eu os adoro. Mas você

que tem o sono tão leve?-

Ao contrário, eu o tinha às vezes bem profundo (como já disse, mas como o episódio que se

segue me obriga a recordá-lo) e sobretudo quando só adormecia pela manhã.

Como tal sono foi em

média quatro vezes mais repousante, parece ter sido quatro vezes mais longo àquele que dormiu, quando

de fato foi quatro vezes mais curto. Magnífico erro de uma multiplicação por dezesseis que confere tanta

beleza ao despertar e na vida introduz uma verdadeira inovação, semelhante àquelas grandes mudanças

de ritmo que, na música, fazem com que uma colcheia, no andante, tenha a mesma duração que uma

mínima num prestissimo, e que são desconhecidas no estado de vigília. A vida aí é quase sempre a

mesma, de onde as decepções da viagem. No entanto, bem parece que o sonho é feito às vezes da

matéria mais grosseira da vida, mas tal matéria aí é tratada, amassada de tal modo, com um

alongamento devido a que nenhum dos limites horários do estado de vigília a impede de desprender-se a

tão enormes alturas, que ninguém mais a reconhece. Nas manhãs em que esta boa sorte me ocorria, em

que a esponja do sono apagara do meu cérebro os sinais das ocupações diárias que nele são traçadas

como num quadro-negro, eu precisava fazer reviver a minha memória; à força de vontade, pode-se reaver

o que a amnésia do sono ou de um ataque fez olvidar e que renasce aos poucos, à medida que os olhos

se abrem ou que a paralisia desaparece. Eu vivera tantas horas em alguns minutos que, desejando falar

a Françoise, a quem chamara, numa linguagem conforme a realidade e de acordo com a hora, era

obrigado a empregar todo o meu poder interno de compreensão para não dizer: "Ora, Françoise, já são

cinco horas da tarde e não vejo você desde ontem à tarde." E para repelir os meus sonhos, em

contradição com eles, mentindo para mim mesmo, eu dizia atrevidamente, e reduzindo-me com todas as

minhas forças ao silêncio, palavras opostas:

- Françoise, já são dez horas! -

Eu nem dizia dez horas da manhã, mas simplesmente dez horas, para que essas dez horas, tão

incríveis, dessem a impressão de ser pronunciadas no tom mais natural. Todavia, dizer essas palavras

em vez daquelas que continuava a pensar, mal desperto, o dormidor que eu era ainda, exigia o mesmo

esforço de equilíbrio que a alguém que, saltando de um trem em movimento e correndo por um instante

ao longo da linha, consegue entretanto não cair. Corre por um instante porque o meio que abandona é

um meio animado de grande velocidade, e muito diverso do solo inerte ao qual seus pés têm alguma

dificuldade de se adaptar. Pelo fato de que o mundo do sono não é o mundo da vigília, daí não se segue

que o mundo da vigília seja menos verdadeiro, pelo contrário. No mundo do sono as nossas percepções

são de tal forma sobrecarregadas, cada qual engrossada por outra, superposta, que a reduplica e

inutilmente a deixa cega, que nem sequer sabemos distinguir o que se passa no aturdimento do

despertar; Françoise é quem viera ou fora eu que, cansado de chamá-la, tinha ido ao seu encontro? O

silêncio naquele instante era o único meio de nada revelar, como no momento em que somos presos por

um juiz instruído de circunstâncias que nos dizem respeito, mas das quais não temos conhecimento.

Viera Françoise ou fora eu quem a chamara? Talvez Françoise é que dormia e eu a tinha despertado.

Ainda mais, não estaria Françoise encerrada no meu peito, e a distinção das pessoas e sua interação

existindo apenas nessa parda escuridão em que a realidade é tão pouco translúcida como no corpo de

um porco-espinho, e onde a percepção quase nula talvez possa dar a idéia da de certos animais? Além

disso, mesmo na límpida loucura que antecede esses sonos mais pesados, flutuam-se luminosamente

alguns fragmentos de sabedoria, se os nomes de Taine e de George Eliot ali não são ignorados, nem por

isso resta menos, para o mundo da vigília, aquela superioridade de ser possível continuar a cada manhã,

o que não sucede a cada noite com o sonho. Mas talvez haja outros mundos mais reais que o da vigília.

Aliás, temos visto que mesmo este é transformado a cada revolução nas artes, e

muito mais, ao mesmo

tempo, pelo grau de aptidão ou de cultura que diferencia um artista de um tolo ignorante.

E muitas vezes uma hora de sono a mais é um ataque de paralisia após o qual é preciso

reencontrar o uso dos membros, reaprender a falar. A vontade não o conseguiria.

Dormiu-se demais, não se é mais. O despertar é apenas sentido mecanicamente e sem

consciência, como o pode ser num tubo o fechamento de uma torneira. Sucede-se uma vida mais

inanimada que a da medusa, na qual bem que se poderia imaginar que se está sendo retirado do fundo

do mar ou voltando do banho, caso fosse possível pensar alguma coisa. Mas então, do alto dos céus, a

deusa *Mnemotecnia* se inclina e nos confere, sob a forma "hábito de pedir o café com leite", a esperança

da ressurreição. [Mnemotecnia: arte e técnica de desenvolver a memória. Aqui o termo é empregado em

vez do nome da deusa da memória entre os gregos, Mnemósine. (N. do T)]

E mesmo o dom súbito da memória nem sempre é tão simples. Temos muitas vezes junto a nós,

nesses primeiros minutos em que nos deixamos deslizar para fora do sono, uma gama de realidades

diversas onde julgamos poder escolher como num jogo de cartas. É manhã de sexta-feira e voltamos do

passeio, ou então é a hora do chá à beira-mar.

A idéia do sono e de que estamos deitados de camisola é muitas vezes a última que se nos

apresenta. A ressurreição não chega de imediato, pensamos ter tocado a campainha e não o fizemos,

agitamos palavras loucas no cérebro. Só o movimento é que nos devolve o raciocínio e, quando

efetivamente tocamos a campainha, podemos dizer devagar mas com nitidez:

- Já são dez horas. Françoise, traga-me o café com leite.

Ó milagre! Françoise não pudera imaginar o oceano de irrealidade que ainda me banhava todo e

através do qual eu tivera a energia de fazer passar minha estranha pergunta. De fato, ela me respondeu:

- São dez e dez - o que me dava uma aparência razoável e me permitia não deixar perceber as

conversas esquisitas que me haviam acalentado interminavelmente, nos dias em que não fora uma

montanha do Nada que me cancelara a vida. A força de vontade eu me reintegrara no real. Desfrutava

ainda dos destroços do sono, ou seja, da única invenção, do único renovo que existe no modo de contar,

não comportando todas as narrativas em estado de vigília, ainda que embelezadas pela literatura, essas

misteriosas diferenças de onde deriva a beleza. É fácil falar da que o ópio originou. Mas, para um homem

habituado a só dormir sob o efeito de drogas, uma hora inesperada de sono natural desvendará a

imensidão matinal de uma paisagem tão misteriosa e de maior frescura. Fazendo variar a hora, o local

onde se adormece, provocando o sono de modo artificial, ou, pelo contrário, retornando por um dia ao

sono natural o mais estranho de todos para qualquer pessoa que tenha o hábito de dormir tomando

soporíferos-, chega-se a obter variedades de sono mil vezes mais numerosas do que as variedades de

cravos e de rosas que obteríamos se fôssemos jardineiros. Estes obtêm flores que são deliciosos sonhos

e outras também que se parecem a pesadelos. Quando eu adormecia de certo modo, despertava

tiritando, julgando estar com sarampo ou, coisa bem mais dolorosa, que minha avó (em quem já nunca

pensava) sofria porque eu zombara dela no dia em que, em Balbec, acreditando que ia morrer, ela

quisera que eu tivesse uma fotografia sua. E depressa, apesar de acordado, queria explicar-lhe que ela

não me havia compreendido. Porém já me reaquecia. O diagnóstico de sarampo estava afastado e minha

avó se distanciava de mim a tal ponto que não mais fazia doer meu coração.

Por vezes, abatia-se uma súbita escuridão sobre esses diferentes sonos. Eu sentia medo ao

prolongar o meu passeio numa avenida completamente às escuras, onde ouvia passarem os

vagabundos. De repente, erguia-se uma discussão entre um policial e uma dessas mulheres que muitas

vezes exerciam a profissão de cocheiro e que, de longe, tomamos por um rapaz. Na sua boléia cercada

de trevas eu não a enxergava, mas ela me falava e na sua voz eu lia as perfeições do seu rosto e a

juventude do seu corpo. Caminhava na sua direção, dentro do negror, para subir no seu cupê antes que

ela fosse embora. Estava longe. Felizmente, a discussão com o guarda se prolongava.

Alcançava o carro, ainda parado. Este pedaço da avenida era iluminado por lampiões. A pessoa

na boléia tornava-se visível. Era mesmo uma mulher, porém velha, alta e corpulenta, com cabelos

brancos que lhe fugiam por debaixo do boné, e uma lepra vermelha no rosto. Afastava-me pensando: "É

isso o que acontece com a mocidade das mulheres? Aquelas que encontramos, se de repente desejamos

revê-las, tornam-se velhas? A jovem que desejamos será como um emprego de teatro, em que, pela

decadência das criadoras de um papel, somos obrigados a confiá-lo a novas estrelas? Mas então já não é

a mesma."

Depois uma tristeza me invadia. Assim, temos em nosso sono numerosas Piedades, como as

Pietà do Renascimento, mas não como elas executadas no mármore, mas pelo contrário, inconsistentes.

Todavia, elas têm a sua utilidade, que é a de nos lembrar um certo ponto de vista mais enternecido e

mais humano das coisas, que somos por demais tentados a esquecer no bom senso gelado da vigília, por

vezes cheio de hostilidade. Assim me foi lembrada a promessa, que eu me fizera em Balbec, de sempre

ser compassivo para com Françoise. E, ao menos durante toda aquela manhã, eu saberia me esforçar

para não irritar-me com as rixas de Françoise e do mordomo, ser carinhoso com Françoise, a quem os

outros tratavam com tão pouca bondade.

Somente naquela manhã; e precisaria tentar estabelecer para mim um código mais estável; pois,

assim como os povos não são governados durante muito tempo por uma política de puro sentimento, os

homens não o são pela recordação de seus sonhos. Este já principiava a evolar-se. Buscando lembrá-lo

para o descrever, fazia-o fugir ainda mais depressa. Minhas pálpebras já não estavam seladas com tanta

força sobre meus olhos. Se tentava reconstituir meu sonho, elas se abririam totalmente. A todo instante é

preciso escolher entre a saúde e a lucidez, de um lado, e os prazeres espirituais, de outro. Sempre tive a

covardia de escolher a primeira. Aliás, o perigoso poder ao qual eu renunciava era-o ainda mais do que

imaginamos. As Piedades e os sonhos não se dissipam sozinhos. Variando assim as condições em que

adormecemos, não são apenas os sonhos que se dissipam, mas durante muitos dias, anos às vezes, a

faculdade não só de sonhar mas de adormecer. O sono é divino, mas pouco estável; o mais leve choque

deixa-o volátil. Amigo dos hábitos, estes o retêm cada noite, mais fixos do que ele, em seu lugar

consagrado, preservam-no de todo choque. Mas, se o mudarmos de lugar, se não o mantivermos

submisso, ele se desfaz como um vapor. Assemelha-se à juventude e aos amores, não o encontraremos

mais.

Nestes sonos diversos, ainda como na música, era o aumento ou a diminuição do intervalo que

criava a beleza. Eu desfrutava dela, mas, em compensação, tinha perdido naquele sono, conquanto

breve, uma boa parte dos pregões em que se nos torna sensível a vida circulante dos ofícios e dos

alimentos de Paris. Assim, de hábito (sem prever, infelizmente, o drama que tais despertares tardios e

minhas leis draconianas e persas de Assuero raciniano deviam em breve me acarretar), eu me esforçava

por acordar cedo a fim de não perder coisa alguma daqueles pregões.

Além da satisfação de conhecer o gosto de Albertine por eles e de sair de casa sem me erguer da

cama, ouvia neles como o que o símbolo da atmosfera exterior, da perigosa vida turbulenta em cujo seio

não a deixava circular sem minha tutela, num prolongamento exterior do seqüestro, e de onde a retirava à

hora que quisesse a fim de fazê-la voltar para junto de mim.

Portanto, foi com a maior sinceridade do mundo que pude responder a Albertine:

- Pelo contrário, eles me agradam porque sei que você gosta deles.

'Olha as ostras fresquinhas!'

- Oh, as ostras! Tenho tanta vontade de comê-las! -

Felizmente Albertine, meio inconstância, meio docilidade, esquecia depressa o que desejara e,

antes que eu tivesse tempo de dizer que ela encontraria melhores ostras na casa Prunier, ela queria

sucessivamente tudo o que ouvia ser apregoado pela vendedora de peixes: "Olha os camarões, os bons

camarões, olha a arraia viva, vivinha!"-"Pescadas para fritar, para fritar!"-"Está chegando a cavala, cavala

nova, cavala fresquinha!"-"Chegou a cavala, senhoras, é boa a cavala"-"Olha os mexilhões, bons e

fresquinhos, os mexilhões!" - Contra a minha vontade, o pregão: "Está chegando a cavala" me fazia

estremecer. Mas, como tais palavras não podiam aplicar-se ao nosso motorista," eu só pensei no peixe

que detestava e minha inquietação logo se dissipou.

- Ah, os mexilhões - disse Albertine -, gostaria tanto de comer os mexilhões.

- Minha querida, isso era bom em Balbec, aqui não presta; peço que se lembre do que lhe disse

Cottard a respeito dos mexilhões. -

Porém a minha observação era tanto mais desastrada, pois a vendedora seguinte

anunciava algo

que Cottard proibia ainda mais: Alface romana, a boa alface! Não se vende, dá-se!

Todavia Albertine consentiu-me o sacrifício da alface romana, contanto que lhe prometesse

mandar comprar dali a uns dias à vendedora que apregoa: "Olha o belo aspargo de Argenteuil, olha o

belo aspargo!" Uma voz misteriosa, e da qual seria de esperar as frases mais estranhas, insinuava:

"Tonéis, tonéis!" Éramos obrigados a sentir a decepção de que se tratava apenas de tonéis, pois essa

palavra era quase inteiramente abafada pelo pregão: "Vidrá, vidraceiro, vidraças quebradas, aqui está o

vidrá, vidraceiro!", divisão gregoriana que, entretanto, lembrou-me menos a liturgia do que o fizera o grito

do vendedor de roupas velhas, que reproduzia, sem o saber, uma dessas bruscas interrupções de

sonoridades, no meio de uma prece, tão freqüentes no ritual da Igreja: *Praeceptis salutaribus moniti et*

divina institutione fomarti audemus dicere - ["Do latim: "Instruídos em seus preceitos salvadores e

formados pelo seu ensinamento divino, ousamos dizer..." Fórmula ritual que na missa precede o

Paternoster ('Padre-nosso') (N. do T)] - diz o padre, concluindo vivamente no *dicere*. Sem irreverência,

como o piedoso povo da Idade Média, na própria igreja, representava as farsas e as *soties*, é nesse

dicere que faz pensar o vendedor de roupas velhas, quando, depois de arrastar a voz por todas as

palavras, diz a última sílaba com uma precipitação digna do acento regulado pelo grande papa do século

VII: [" Papa Gregório I Magno (590-604). Deu ao ritual da missa a forma que se mantém até hoje. (N. do

T)] : "Trapos, ferro-velho pra vender!" (tudo isto salmodiado lentamente, bem como as duas sílabas

seguintes, ao passo que a última acaba mais vivamente que *dicere*), "peles de coê-lhos."-"Olha a laranja

fresquinha, a Valência, a boa laranja de Valência!", os próprios alhos-porros modestos: "Olha os bonitos

alhos-porros", as cebolas: "Oito tostões a minha cebola!", ressoavam para mim como um eco das vagas

onde, livre, Albertine poderia perder-se, assumindo desse modo a doçura de um suave *mari magno*."

"Olha as cenouras! só dois vinténs o molho!"

- Oh! - exclamou Albertine-, couves, cenouras, laranjas. Só coisas que tenho vontade de comer.

Mande Françoise comprá-las. Ela fará cenouras com creme. E além do mais, será muito bom comer tudo

isso junto. Serão todos os ruídos que ouvimos transformados numa boa refeição. Oh, peço-lhe, diga a

Françoise para preparar de preferência uma arraia frita na manteiga queimada. É tão gostoso!

- Meu benzinho, está combinado. Não demore mais, senão vai querer tudo o que essas mulheres

estão vendendo.

- Está feito, vou indo, mas de agora em diante só quero para os nossos jantares as coisas que

tivermos ouvido apregoar. É bem divertido. E dizer que precisamos ainda esperar dois meses para ouvir:

"Ervilhas macias, ervilhas, olha a ervilha!". Como fica bem dizer "ervilhas macias"! Sabe que gosto delas

finas, bem fininhas, escorrendo molho de vinagre, nem se diria que as estamos comendo, macias como o

orvalho. Ai de mim! É o caso dos requeijõezinhos, estão mais longe ainda: "Olha o requeijão fresquinho, o

requeijão!", e as uvas brancas de Fontainebleau: "Tenho belas uvas brancas." - E eu pensava com pavor

em todo aquele tempo que teria de ficar com ela até à época das uvas brancas. - Escute, estava dizendo

que só queria as coisas que tivermos ouvido apregoar, mas é claro que faço algumas exceções. De modo

que não será impossível que você passe no Rebattet para encomendar sorvete para nós dois. Você vai

dizer que ainda não é tempo, mas tenho tanta vontade! -

Fui agitado pelo projeto sobre Rebattet, tornado mais certo e suspeito para mim devido a estas

palavras: "Não será impossível." Era no dia em que os Verdurin recebiam e, desde que Swann lhes

dissera que era a melhor casa, era no Rebattet que eles encomendavam sorvetes e bolinhos.

- Não faço qualquer objeção a um sorvete, minha querida Albertine, mas deixe-o por minha conta,

não sei mesmo se o encomendarei no Poiré-Blanche, no Rebattet, no Ritz, enfim, vou ver.

- Então vai sair? - perguntou Albertine com ar desconfiado. Sempre dizia que ficaria encantada se

eu saísse mais, mas se uma palavra minha podia deixar supor que eu não ficaria em casa, seu ar inquieto

fazia pensar que a satisfação que ela teria em me ver sair com freqüência talvez não fosse sincera.

- Talvez saia, talvez não, você sabe perfeitamente que nunca faço projetos antecipados. Em todo

caso, os sorvetes não são coisa que se apregoe, que se venda pelas ruas; por que você os deseja então?

- E aí ela me respondeu com estas palavras que me provaram o quanto, de fato, a inteligência e o gosto

latente se haviam bruscamente desenvolvido nela desde Balbec, com estas palavras do tipo daquelas

que ela pretendia serem devidas unicamente à minha influência, à constante coabitação comigo, palavras

que no entanto eu jamais teria dito, como se me tivesse sido feita alguma proibição, por um

desconhecido, de empregar na conversa formas literárias. Talvez o futuro não devesse ser o mesmo para

Albertine e para mim. Tive quase o pressentimento disso, ao vê-la apressar-se a empregar, falando,

imagens tão escritas e que me pareciam reservadas para outro uso mais sagrado e

que eu ainda

ignorava. Ela me disse (e apesar de tudo fiquei profundamente enternecido, pois pensei: "Com certeza

não falaria desse modo, sofreu profundamente a minha influência, portanto ela não pode me amar, é obra

minha"):

- O que eu amo nessas comidas apregoadas é uma coisa ouvida, como uma rapsódia, muda de

natureza às refeições, e se dirige ao meu paladar. Quanto aos sorvetes (pois espero que você os

encomende naquelas formas fora de moda que têm todas as configurações possíveis de arquitetura),

todas as vezes que os tomo, templos, igrejas, obeliscos, rochedos, é como uma geografia pitoresca que

olho primeiro e, a seguir, converto seus monumentos de framboesa ou de baunilha em frescor na minha

garganta. -

Eu achava que aquilo era um tanto bem enunciado demais, porém ela sentiu que eu achava que

estava bem dito e continuou, parando por um momento quando obtinha uma comparação feliz, para rir

com seu belo riso que me parecia tão cruel por ser tão voluptuoso:

- Meu Deus, no hotel Ritz receio muito que você encontre colunas *Vendôme* de sorvetes, sorvete

de chocolate ou de framboesa, e então será preciso vários para que se pareçam à colunas votivas ou

pilares erguidos numa alameda à glória do Frescor. Fazem também obeliscos de framboesa que se

levantarão de sítio em sítio no deserto ardente de minha sede e cujo granito róseo irei derreter no fundo

da garganta e que eles irão desalterar melhor do que os oásis (e aqui estalou o riso profundo, fosse pela

satisfação de falar bem, fosse por zombaria consigo mesma por expressar-se em imagens tão

continuadas, fosse, ai de mim, pela volúpia física de sentir em si própria algo de tão bom, tão viçoso, que

lhe causava o equivalente de um orgasmo). Esses picos de sorvete do Ritz lembram às vezes o monte

Rose, e até, se o sorvete é de limão, não desgosto que não tenha forma monumental, que seja irregular,

abrupto, como uma montanha de Elstir. Então, não é necessário que seja muito branco, mas um tanto

amarelado, com aquele aspecto de neve suja e embaçada das montanhas de Elstir. O sorvete pode não

ser grande, ser meio sorvete apenas, se quiser; mesmo assim, esses sorvetes de limão são montanhas

reduzidas a uma escala bem pequena, mas a imaginação restabelece as proporções como no caso

daquelas arvorezinhas japonesas anãs que se percebe muito bem serem cedros, carvalhos, mancenilhas,

de modo que, pondo algumas delas ao longo de um pequeno sulco no meu quarto, eu teria uma imensa

floresta descendo para um rio e onde as criancinhas poderiam perder-se. Da

mesma forma, junto ao meu

sorvete amarelado de limão, vejo perfeitamente postilhões, viajantes, seges de posta, sobre os quais a

minha língua se encarrega de fazer desabar glaciais avalanches que os engolirão (a cruel volúpia com

que ela falou isto excitou o meu ciúme); da mesma forma - acrescentou ela- encarrego-me de destruir com

meus lábios, coluna por coluna, essas igrejas venezianas de um pórfiro que é morango, e de fazer cair

sobre os fiéis o que eu tiver poupado. Sim, todos esses monumentos hão de passar de sua praça de

pedra para o meu peito, onde já palpita o seu frescor que se derrete. Mas, olhe, mesmo sorvetes, nada é

tão excitante nem dá sede como os anúncios de fontes termais. Em Montjouvain, na casa da Srta.

Vinteuil, não existia um bom sorveteiro nas redondezas, mas nós fazíamos no jardim a nossa excursão

pela França, bebendo a cada dia uma água mineral gasosa e diferente, como a água de Vichy, que, ao

ser servida, levanta logo das profundezas do copo uma nuvem branca, que se abranda e se dissipa se

não bebemos depressa. -

Mas ouvir falar de Montjouvain era penoso demais para mim, de modo que a interrompia.

- Estou sendo aborrecida, adeus querido. -

Que mudança desde Balbec, onde duvido que o próprio Elstir pudesse ter

adivinhado essas

riquezas de poesia em Albertine. De uma poesia menos estranha, menos pessoal que a de Céleste

Albaret, por exemplo, que ainda na véspera viera visitar-me e, encontrando-me deitado, exclamara:

- Ó majestade do céu deposta numa cama!

- Por que do céu, Céleste?

- Oh, porque o senhor não se parece com ninguém, está enganado se julga ter algo desses que

viajam sobre essa nossa terra vil.

- Em todo caso, por que "deposto"?

- Porque o senhor nada tem de um homem-deitado, o senhor não está na cama, não se move, os

anjos é que parecem ter descido para depô-lo aí. -

Albertine jamais teria tido esse achado, mas o amor, mesmo quando parece a ponto de acabar, é

parcial. Eu preferia a "geografia pitoresca" dos sorvetes, cuja graça excessivamente fácil me parecia um

motivo para amar Albertine e uma prova de que eu tinha poder sobre ela, que ela me amava.

Logo que Albertine saiu, senti como era cansativa para mim essa presença perpétua, insaciável de

vida e movimento, que perturbava o meu sono com seus movimentos e me fazia viver num constante

resfriado devido às portas que deixava abertas, forçava-me para achar pretextos que justificassem não

acompanhá-la, sem todavia parecer muito enfermo, e por outro lado, para fazê-la acompanhar- a inventar

cada dia mais artimanhas que Sherazade. Infelizmente, se por uma artimanha igual a narradora persa

adiava a sua morte, eu apressava a minha. Assim, há na vida certas situações, nem todas criadas, como

esta, pelo ciúme amoroso e por uma saúde precária que não permite compartilhar da vida de uma criatura

ativa e jovem, mas em que, mesmo assim, o problema de continuar a vida em comum ou de retornar à

vida separada de antes, coloca-se de uma forma quase médica: à qual das duas espécies de repouso é

necessário sacrificar-se (continuando a estafa diária, ou regressando às angústias da ausência): à do

cérebro ou à do coração?

De qualquer modo, sentia-me bem satisfeito que Andrée acompanhasse Albertine ao Trocadero,

pois recentes e aliás minúsculos incidentes faziam com que, mesmo tendo é claro igual confiança na

honestidade do motorista, sua vigilância ou pelo menos a perspicácia da sua vigilância já não me parecia

tão boa como antes. Assim é que, ultimamente, tendo eu mandado Albertine sozinha com ele a

Versalhes, Albertine me dissera ter almoçado nos Reservatórios. Como o motorista me falara do

restaurante Vatel, no dia em que percebi essa contradição, arrumei um pretexto para descer e falar ao

chofer (sempre o mesmo, aquele que vimos em Balbec) enquanto Albertine se vestia.

- Outro dia você me disse que havia almoçado no Vatel; a Srta. Albertine me fala dos

Reservatórios. Que significa isso? -

O chofer respondeu:

- Ah, eu disse que tinha almoçado no Vatel, mas não posso saber onde a senhorita almoçou. Ao

chegar a Versalhes, ela me deixou para tomar um fiacre puxado a cavalo, o que ela prefere quando não é

para andar na estrada.

- Já me enfureci pensando que ela ficara sozinha; enfim, fora apenas para almoçar. Você não

poderia - disse eu com ar gentil (pois não queria parecer estar positivamente mandando vigiar Albertine, o

que teria sido humilhante para mim, e duplamente, pois aquilo significaria que ela me ocultava as suas

ações) - almoçar, não digo com ela, mas no mesmo restaurante?

- Mas ela me havia pedido que só às seis da tarde estivesse na Praça de Armas. Eu não deveria

ir buscá-la à saída do seu almoço.

- Ah - disse eu, procurando dissimular meu abatimento.

E subi de novo.

Assim, Albertine estivera sozinha mais de sete horas, entregue a si mesma. É verdade que eu

bem sabia que o fiacre não fora um simples expediente para se desembaraçar da vigilância do chofer.

Na cidade, Albertine preferia passear de fiacre, dizia que se via bem, que o ar era mais puro. Apesar

disso, ela passara sete horas sobre as quais eu nunca saberia coisa alguma. E não ousava imaginar no

modo como ele as empregara. Achei que o motorista fora muito inábil, mas minha confiança nele, daí em

diante, foi completa. Pois, se ele estivesse de combinação com Albertine, jamais teria me confessado que

a deixara livre das onze da manhã às seis da tarde. Só haveria outra explicação, porém absurda, para a

confissão do motorista. É que uma briga entre ele e Albertine lhe tivesse dado o desejo de, fazendo-me

uma pequena revelação, mostrar à minha amiga que era homem capaz de falar e que, se depois da

primeira advertência, feita de modo benigno, Albertine não andasse direito conforme ele queria, iria

denunciá-la abertamente. Mas tal explicação era absurda; era preciso primeiro supor uma desavença

inexistente entre ele e Albertine, e depois atribuir uma natureza de vigarista àquele bom chofer, que

sempre se mostrara tão afável e tão bom rapaz. Aliás, dois dias depois eu percebi que, mais do que

supusera; por um momento em minha loucura suspicaz, ele sabia exercer sobre Albertine uma vigilância

aguda e discreta. Pois, tendo podido lhe falar particularmente a respeito do que

me contara acerca de

Versalhes, dizia-lhe com ar amistoso e natural:

- Aquele passeio a Versalhes, de que me falou anteontem, era perfeito, e você foi perfeito como

sempre. Apenas, como uma pequena recomendação, aliás sem importância, tenho tal responsabilidade

desde que a Sra. Bontemps pôs a sua sobrinha sob a minha guarda, que sinto muito medo de acidentes;

e me censuro tanto por não acompanhá-la que prefiro que seja você, tão seguro, tão maravilhosamente

hábil, que leve a Srta. Albertine a toda parte. Assim, não receio nada.-

O encantador chofer apostólico sorriu com finura, com a mão no volante em forma de cruz de

consagração. Depois disse-me estas palavras que (expulsando as inquietudes do meu peito, onde logo

foram substituídas pelo júbilo) me deram vontade de lhe saltar ao pescoço:

- Não tenha medo - disse. - Nada pode lhe acontecer, pois, quando o meu volante não a leva, o

meu olhar a segue por toda parte. Em Versalhes, como quem não quer nada, visitei a cidade por assim

dizer com ela. Dos Reservatórios ela foi ao Château, do Château aos Trianons, e sempre eu na sua cola

sem que parecesse vê-la, e o melhor é que ela não me viu. Oh, se ela me visse, não tinha importância.

Era natural que, tendo o dia inteiro à minha frente sem fazer nada, eu também visitasse o Château. Tanto

mais que a senhorita certamente já percebeu que tenho alguma leitura e que me interesso por todas as

velhas curiosidades (era verdade, eu teria até ficado surpreendido se soubesse que ele era amigo de

Morel, de tanto que ultrapassava o violinista em gosto e finura). Mas enfim, ela não me viu.

- Aliás, deve ter encontrado amigas, pois tem muitas delas em Versalhes.

- Não, estava sempre sozinha.

- Devem observá-la então; uma jovem deslumbrante e sozinha!

- É certo que a olhem, mas ela quase não dá atenção, pois tem os olhos no guia o tempo todo, e

depois ergue-os para os quadros. -

A narrativa do motorista me pareceu tanto mais exata quanto fora, de fato, um cartão-postal

representando o Château e um outro representando os Trianons, que Albertine me mandara no dia de

seu passeio. A atenção com que o gentil chofer a seguira passo a passo muito me comoveu. Como

poderia supor que essa retificação, sob a forma de um vasto complemento às suas palavras da

antevéspera, derivasse de que, no decurso desses dois dias, Albertine, alarmada com a idéia de que o

chofer me falasse, fizera as pazes com ele? Tal suspeita nem mesmo me ocorreu.

É certo que o depoimento do motorista, tirando-me todo o medo de que Albertine me enganasse,

esfriou-me muito naturalmente em relação à minha amiga, tornando menos

interessante o dia que ela

passara em Versalhes. Todavia, creio que as explicações do chofer que, inocentando Albertine, fazia-a

ainda mais aborrecida a meus olhos, não teriam talvez bastado para me acalmar tão depressa. Duas

pequenas espinhas que minha amiga teve na testa durante alguns dias conseguiram, talvez melhor ainda,

modificar os sentimentos do meu coração. Por fim, tais sentimentos se desviaram dela, a ponto de eu só

me lembrar de sua existência quando a via, devido à confidência singular que me fez a camareira de

Gilberte, encontrada por acaso. Fiquei sabendo que, quando eu ia diariamente à casa de Gilberte, ela

amava um rapaz a quem via muito mais que a mim. Por um instante eu suspeitara disso, à época, e até

mesmo interrogara a respeito esta mesma camareira. Mas, como ela sabia que eu estava apaixonado por

Gilberte, havia negado o fato, jurando que a Srta. Swann nunca vira aquele rapaz. Mas agora, sabendo

que meu amor estava morto há tanto tempo, que há muito eu deixara sem respostas as cartas de GiIberte

(e talvez também porque já não estava a serviço da moça), espontaneamente contou-me por extenso o

episódio amoroso que eu não tinha sabido. Isso lhe parecia muito natural. Lembrando-me de seus

juramentos de então, julguei que ela não estivesse a par. Absolutamente; era ela mesma que, sob as

ordens da Srta. Swann, ia prevenir o rapaz logo que aquela a quem eu amava estava a sós. Que eu

amava então... Mas não me perguntei se meu amor de outrora estava tão morto quanto o julgava, pois

essa narrativa me foi penosa. Como não creio que o ciúme possa ressuscitar um amor morto, imaginei

que minha triste impressão era devida, ao menos em parte, ao meu amor-próprio ferido, pois várias

pessoas de quem eu não gostava e que naquela época, e até mesmo um pouco depois isto mais tarde

mudou-, afetavam a meu respeito uma atitude de desprezo, sabiam perfeitamente, enquanto eu estava

tão apaixonado por Gilberte, que me portava como um iludido. E tal constatação me fez até indagar,

retrospectivamente, se no meu amor por Gilberte não houvera uma parcela de amor-próprio, visto que

sofria tanto agora por verificar que todas as horas de ternura que me haviam feito tão feliz, eram

conhecidas como uma verdadeira traição de minha amiga à minha custa, pelas pessoas de quem eu não

gostava. Em todo caso, amor ou amor-próprio, Gilberte estava quase morta em mim, porém não de todo,

e esse aborrecimento acabou por impedir que eu me preocupasse demais com Albertine, que ocupava

uma faixa tão estreita em meu coração. Não obstante, para voltar a ela (depois de um parêntese tão

longo) e a seu passeio a Versalhes, os cartões-postais de Versalhes (pode-se,

então, ter assim o coração

simultaneamente consumido por dois ciúmes entrecruzados, cada qual se referindo a uma pessoa

diferente?) me davam uma impressão um tanto desagradável, cada vez que, arrumando papéis, meus

olhos caíam sobre eles. E eu pensava que, se o motorista não fosse um homem correto, a concordância

de seu segundo depoimento com os cartões-postais de Albertine não teria significado muita coisa, pois o

que é que nos mandam de Versalhes senão o Château e os Trianons, a menos que o cartão seja

escolhido por um sujeito requintado, amoroso de uma determinada estátua, ou por algum idiota elegendo

como vista a estação de bondes a cavalo ou a gare dos Chantiers?

E ainda erro dizendo um idiota, pois esses cartões-postais nem sempre foram comprados por um

deles ao acaso, pelo interesse de vir de Versalhes. Durante dois anos, os homens inteligentes e os

artistas acharam Siena, Veneza, Granada uma chatice, e diziam de qualquer ônibus e de todos os

vagões:

- Isto é que é belo. -

Pois esse gosto passou, como os outros. Nem mesmo sei se não se voltou ao "sacrilégio de

destruir as coisas nobres do passado". Em todo caso, um vagão de primeira classe deixou de ser

considerado *a priori* como mais belo que São Marcos de Veneza. Entretanto, dizia-se:

- Ali é que está a vida, a volta para trás é uma coisa artificial -, mas sem tirar disso uma conclusão

clara. Para estar mais seguro, e embora tendo toda a confiança no chofer e para que Albertine não

pudesse livrar-se dele sem que ele ousasse recusar por medo de passar por espião, não a deixei mais

sair sem o reforço de Andrée, ao passo que por algum tempo o chofer me bastara.

Eu até a deixara então (o que não teria ousado fazer desde aí) ausentar-se durante três dias,

sozinha com o chofer, e ir até as vizinhanças de Balbec, de tanta vontade que ela havia mostrado de

rodar pela estrada em simples *chassis* a toda velocidade. Três dias em que eu ficara bem tranqüilo,

embora a chuva de cartões-postais que ela me enviara só me houvesse chegado às mãos, devido ao

detestável funcionamento do correio bretão (bom no verão, mas muito desorganizado no inverno), oito

dias depois do regresso de Albertine e do chofer, tão corajosos que na própria manhã do regresso

retomaram, como se nada tivesse havido, o passeio cotidiano. Mas desde o incidente de Versalhes eu

tinha mudado. Estava entusiasmado que Albertine fosse hoje ao Trocadero, àquela vesperal

"extraordinária", mas, sobretudo, tranqüilo por sabê-la na companhia de Andrée.

Abandonando esses pensamentos, agora que Albertine saíra, fui colocar-me por um momento à

janela. Primeiro houve um silêncio, em que o apito do vendedor de tecidos e a buzina do bonde fizeram

ressoar o ar em oitavas diferentes, como um afinador de piano cego. Depois, aos poucos, tornaram-se

distintos os motivos entrecruzados aos quais se juntavam outros novos. Havia também em outro apito,

chamamento de um vendedor de quem nunca soube o que vendia, apito que era exatamente igual ao de

um bonde, e como não fosse levado pela velocidade poder-se-ia dizer um só bonde, não dotado de

movimento, ou que estivesse com uma pane, imobilizado, gemendo a curtos intervalos como um animal

agonizante.

E parecia-me que, se jamais devesse deixar esse bairro aristocrático a menos que me mudasse

para outro inteiramente popular-, as ruas e as alamedas do centro (onde a frutaria, a peixaria, etc.,

estabilizada em grandes casas de gêneros alimentícios, tornavam inúteis os gritos dos vendedores, que

aliás não teriam conseguido fazer-me ouvir) me dariam a impressão de serem bem tristes, bem

inabitáveis, despojadas, filtradas de todas aquelas ladainhas dos pequenos ofícios e das comedorias

ambulantes, privados da orquestra que vinha me encantar desde a manhã. Na calçada, uma mulher

pouco elegante (ou obediente a uma moda feia) passava, clara demais num paletó saco de pêlo de cabra;

mas não, não era uma mulher, era um motorista que, enfiado no seu casaco de pele, voltava a pé para a

garagem. Saindo dos grandes hotéis, os *grooms* alados, de tons cambiantes, curvados sobre o guidom

das bicicletas, corriam velozmente para as gares, a fim de alcançar os viajantes do trem da manhã.

O ressôo de um violino era causado às vezes pela passagem de um automóvel, às vezes por eu

não ter posto água suficiente no meu saco elétrico. Em meio à sinfonia destoava uma ária fora de moda:

substituindo a vendedora de bombons que de costume acompanhava sua melodia com uma matraca, o

vendedor de brinquedos, em cuja flauta de cana estava preso um boneco, que ele fazia mover em todos

os sentidos, ia levando outros bonecos de engonço e, sem se preocupar com a declamação ritual de

Gregório o Grande, com a declamação reformada de Palestrina e com a declamação lírica dos modernos,

entoava a plenos pulmões, partidário atrasado da melodia pura:

Vamos, papais, vamos mamães/ Satisfaçam seus filhinhos: Eu mesmo os faço, eu mesmo os vendo/ E eu

mesmo recolho o dinheiro. Tra-lá-lá-lá, trá-lá-lá-lé/ Trá-lá-lá-lá-lá-lá-lá Vamos, crianças!

Italianinhos de gorro na cabeça não tentavam resistir àquela aria vivaz, e, sem dizer nada,

ofereciam suas pequenas estatuetas. Enquanto que um pequeno pífaro obrigava o vendedor de

brinquedos a afastar-se e a cantar de modo mais confuso, embora presto: "Vamos papais, vamos

mamães." Seria o pequeno pífaro um daqueles dragões que eu ouvia de manhã em Doncieres? Não, pois

o que se seguia eram estas palavras:

- Aqui está o consertador de faianças e de porcelana. Conserto vidros, mármores, cristais, ossos,

marfins e objetos de antigüidades. Aqui está o consertador. -

Num açougue, onde à esquerda havia uma auréola de sol e à direita um boi inteiro pendurado, um

açougueiro muito alto e magro, de cabelos louros, com o pescoço saindo de um colarinho azul-celeste,

separava, com rapidez vertiginosa e uma religiosa consciência, de um lado os filés mais escolhidos e de

outro a pior alcatra, colocava-os em deslumbrantes balanças superadas por uma cruz, de onde pendiam

belas correntes e (embora a seguir só se ocupasse em arrumar no mostrador os rins, turnedôs e

entrecostos) dava na realidade muito mais impressão de um belo anjo que no Dia do Juízo Final irá

preparar para Deus, conforme suas qualidades, a separação dos Bons e dos Maus, e a pesagem das

almas. E novamente o pífaro agudo e esguio subia nos ares, anunciador não mais das destruições que

Françoise temia, cada vez que desfilava um regimento de cavalaria, mas de "reparações" prometidas por

um "antiquário" ingênuo ou zombeteiro, e que, de qualquer modo bastante eclético, longe de se

especializar, tinha por objeto de sua arte as mais diversas matérias. As pequenas entregadoras de pão se

apressavam a empilhar em seus cestos os pãezinhos destinados ao almoço, e, a seus ganchos, as

leiteiras rapidamente penduravam as garrafas de leite. A nostálgica visão que eu tinha dessas meninas,

podia considerá-la exata? Não seria uma outra caso eu pudesse conservar imóvel, junto a mim, por

alguns instantes, uma dessas que, das alturas da minha janela, eu só enxergava na loja ou de fugida?

Para avaliar a perda que me causava a reclusão, isto é, a riqueza que me ofertava o dia, seria preciso

interceptar, no longo desenvolvimento da frisa animada, alguma garota que levasse leite ou roupa lavada,

fazê-la passar por um momento, como uma silhueta de cenário móvel, entre os batentes, pelo vão da

minha porta, e retê-la sob meus olhos, não sem obter a seu respeito algumas informações que me

permitissem reencontrá-la um dia, semelhantes à ficha sinalética que os ornitólogos ou os ictiólogos

pregam, antes de devolver-lhes a liberdade, no ventre dos pássaros ou dos peixes, cujas migrações

desejam poder identificar.

Assim, disse a Françoise que, para um recado que eu queria enviar, mandasse-me ela uma

dessas meninas que vinham freqüentemente levar e trazer a roupa, o pão ou as garrafas de leite, e que

ela muitas vezes mandava à rua em pequenas comissões. Nisso eu me parecia a Elstir, que, obrigado a

ficar trancado em seu ateliê, em certos dias de primavera, quando, sabendo que os bosques estavam

cheios de violetas, sentia um desejo violento de vê-las, mandava a porteira lhe comprar um buquê; então,

comovido, alucinado, não era a mesa sobre a qual depusera o pequeno modelo vegetal, mas todo o

tapete de vegetação rasteira, onde vira outrora, aos milhares, hastes serpentinas se dobrando sob seu

bico azul, que Elstir pensava ter sob os olhos como uma zona imaginária, encerrada em seu ateliê pelo

límpido aroma da flor evocadora.

Num domingo não era de esperar que viesse uma lavadeira. Quanto à padeirinha, por um acaso

infeliz ela havia tocado a campainha num momento em que Françoise estava ausente, deixara os pães no

cesto, no patamar da escada, e escapulira. A vendedora de frutas só viria bem mais tarde. Uma vez eu

tinha entrado na leiteria para encomendar um queijo e, no meio das empregadinhas, havia reparado

numa moça, verdadeira extravagância loura, de porte alto embora pueril, e que, no meio das outras

vendedoras, parecia sonhar, numa atitude bem altiva. Eu só a vira de longe e passando tão rápido que

não poderia dizer como era, a não ser que devia ter crescido depressa demais e sua cabeleira dava muito

menos idéia das particularidades capilares que de uma estilização escultural dos meandros isolados de

nevados paralelos. Fora tudo o que eu distinguira, bem como um nariz muito desenhado (coisa rara numa

criança) num rosto magro, e que lembrava o bico dos filhotes de abutres. Além disso, o grupo das

companheiras a seu redor não fora a única coisa a me impedir de observá-la bem, mas igualmente a

incerteza dos sentimentos que eu poderia lhe inspirar à primeira vista e a seguir, fossem de altivez

indomável, ou de ironia, ou de um desdém que mais tarde exprimisse às amigas. Tais suposições

alternativas que eu fizera em um segundo a seu respeito tinham espessado em torno dela a atmosfera

perturbadora em que ela se ocultava, como uma deusa na nuvem que o raio faz tremer. Pois a incerteza

moral é uma causa maior de dificuldades para uma exata percepção visual do que o seria um defeito

material do olho. Naquela jovem magra demais e que também chamava demais a atenção, o excesso do

que um outro talvez qualificasse de encantos era justamente o que me desagradava, mas, ainda assim,

tivera como resultado impedir-me de perceber alguma coisa e, pela mais forte

razão, de não me lembrar

nada das outras empregadinhas, que o nariz arqueado desta, o seu olhar, algo tão pouco agradável,

pensativo, pessoal, dando a impressão de julgar, tinham mergulhado na noite à maneira de um

relâmpago louro que entenebrecesse a paisagem circundante. E assim, da minha visita para encomendar

um queijo na leiteira, eu só me lembrara (se é que se pode dizer "lembrar-se" a propósito de um rosto, tão

mal observado que adaptamos dez vezes ao nada do rosto um nariz diferente), eu só me lembrara da

moça que me havia desagradado. Isso foi o bastante para fazer começar um amor. No entanto, eu teria

esquecido a extravagância loura e jamais desejaria revê-la, se Françoise não me houvesse dito que,

embora muito nova, essa garota era espertíssima e ia abandonar sua patroa porque, demasiado coquete,

fizera dívidas no bairro. Diz-se que a beleza é uma promessa de felicidade. Inversamente, a possibilidade

do prazer pode indicar um princípio de beleza.

Pus-me a ler a carta de minha mãe. Através das citações da Sra. de Sévigné ("Se meus

pensamentos não são inteiramente negros em Combray, são pelo menos de um cinzento-escuro; penso

em ti a todo instante; desejo a tua presença; tua saúde; teus assuntos, tua ausência; que pensas que

tudo isso pode fazer no luscofusco?") eu sentia que ela estava aborrecida por ver que a temporada de

Albertine em nossa casa se prolongava, e se afirmavam, embora ainda não declaradas à noiva, as

minhas intenções de casamento.

Ela não me dizia mais diretamente por temer que eu largasse suas cartas em qualquer lugar. E

ainda me censurava, por mais veladas que elas fossem, por não avisá-la imediatamente do recebimento

de cada uma: "Sabes muito bem que a Sra. de Sévigné dizia: 'Quando se está distante, já não se zomba

das cartas que principiam por: recebi a sua.'" Sem falar do que mais a inquietava, ela se dizia zangada

com minhas grandes despesas: "Em que se vai todo o teu dinheiro? Já me atormenta bastante que tu,

como Charles de Sévigné, não saibas o que queres e que sejas 'dois ou três homens ao mesmo tempo',

mas pelo menos trata de não ser como ele nos gastos e que eu não possa dizer de ti: 'Ele achou um meio

de gastar sem parecer, de perder sem jogar e de pagar sem ficar quites.'"

Eu acabava de ler a carta de mamãe quando Françoise voltou para me dizer que ali estava

justamente a pequena leiteira, um tanto ousada demais, da qual me havia falado.

- Ela poderá muito bem levar a carta do senhor e dar algum recado desde que não seja para muito

longe. O senhor vai ver, ela parece um Chapeuzinho Vermelho, - Françoise foi

buscá-la e ouvi que a

conduzia, dizendo:

- Ora vamos, estás com medo porque há um corredor, sua fingida, pensava que fosses menos

acanhada. Será que vou precisar segurar a tua mão? -

E Françoise, como boa e honesta empregada que acha dever em respeitar o patrão como ela

própria o respeita, revestia-se daquela majestade que enobrece as alcoviteiras nesses quadros dos

velhos mestres, onde ao lado delas se dilui quase à insignificância o casal de amantes.

Elstir, quando as olhava, não tinha de se preocupar com o que faziam as violetas. A entrada da

pequena leiteira logo me tirou a calma de contemplador; só pensei em tornar verossímil a fábula da carta

que ela haveria de levar e me pus a escrever com rapidez, sem ousar encará-la senão às furtadelas, para

não parecer tê-Ia feito entrar só para aquilo. Para mim, ela estava ornada com o encanto do

desconhecido, que eu não poderia ver acrescentado a uma bonita moça nessas casas em que elas nos

esperam. Não estava nem nua nem disfarçada, mas era uma legítima empregadinha de leiteria, dessas

que imaginamos tão bonitas quando não temos tempo de nos aproximar delas; era um pouco do que

constitui o eterno desejo, a eterna tristeza da vida, cuja dupla corrente por fim é

desviada e trazida para

junto de nós. Dupla, pois trata-se do desconhecido, de uma criatura que adivinhamos dever ser divina,

por causa da sua estatura, das suas proporções, seu olhar indiferente, sua tranqüila altivez; por outro

lado, queremos que essa mulher seja bem especializada em sua profissão, permitindo-nos a evasão para

esse mundo que um costume particular nos faz romanticamente julgar diverso. De resto, se procuramos

enquadrar numa fórmula a lei das nossas curiosidades amorosas, seria preciso buscá-la no afastamento

máximo entre uma mulher avistada e uma mulher que se aborda e acaricia. Se as mulheres daquilo que

antigamente se chamava casas de tolerância, se as próprias meretrizes (desde que as saibamos

meretrizes) nos atraem tão pouco, não é que sejam menos bonitas que as outras, é que elas estão

inteiramente a nosso dispor; é que o que se busca exatamente atingir elas já no-lo ofertam; é que não são

conquistas. O afastamento aí é mínimo. Uma prostituta já nos sorri na rua como o fará junto a nós. Somos

escultores. Queremos obter de uma mulher uma estátua inteiramente diversa da que ela nos apresentou.

Vimos uma jovem indiferente, mal-educada, à beira-mar; vimos uma caixeira ativa e séria, no seu balcão,

que nos responderá com secura, ainda que seja apenas para não se tornar objeto das zombarias das

companheiras, uma vendedora de frutas que mal nos responde. Pois bem, não sossegamos enquanto

não pudermos experimentar se a jovem altiva de beira-mar, se a caixeira que pouco se importa com o

que dizem dela, se a distraída vendedora de frutas não são suscetíveis, depois de manobras sagazes de

nossa parte, de concordarem dobrar sua atitude retilínea, de rodear-nos o pescoço com esses braços que

trazem frutas, de inclinar sobre nossa boca, num sorriso que consente, os olhos até então glaciais ou

distraídos; beleza dos olhos severos nas horas de trabalho, em que a operária receava tanto a

maledicência das companheiras, olhos que se furtavam aos nossos olhares obsessivos e que agora, que

estamos a sós, baixam as pupilas ao peso ensolarado do riso quando falamos de fazer amor).

Entre a caixeira, a lavadeira atenta a passar roupa, a vendedora de frutas, a moçada leiteria-e esta

mesma garota que vai se tornar nossa amante-, atinge-se o máximo de afastamento, levado a seus

limites extremos, e variado por esses gestos habituais da profissão, que fazem dos braços, enquanto dura

o trabalho, algo tão diferente quanto possível, como arabesco, desses elos suaves que todas as noites já

enlaçam nosso pescoço ao passo que a boca se apresta para o beijo. Assim, passamos toda a nossa

vida em inquietas manobras, incessantemente renovadas, junto às jovens sérias e

cujo mister parece

afastá-las de nós. Uma vez em nossos braços, elas já não são o que eram, está suprimida a distância

que sonhávamos franquear. Porém recomeçamos com outras mulheres, com tais empreendimentos

gastamos todo o tempo de que dispomos, todo o dinheiro, todas as forças, explodimos de raiva contra o

cocheiro demasiado lento que talvez nos faça perder o primeiro encontro, temos febre. Esse primeiro

encontro, sabemos todavia que acarretará o desvanecimento de uma ilusão. Não importa; enquanto durar

a ilusão, queremos ver se podemos mudá-la em realidade, e então pensamos na lavadeira em cuja frieza

reparamos. A curiosidade amorosa é como a que em nós excitam os nomes de países; sempre

decepcionada, renasce e permanece sempre insaciável.

Ai de mim! Uma vez junto comigo, a loura leiteira de mechas estriadas, destituída de tanta

imaginação, de tantos desejos despertados em mim, achou-se reduzida a si própria. A nuvem fremente

de minhas suposições já não a envolvia de vertigem. Ela assumia um ar todo envergonhado de só ter um

nariz (em lugar dos dez, dos vinte, de que me lembrava sucessivamente, sem poder fixar a lembrança),

mais redondo do que o imaginara, que lhe dava um ar de estupidez e, de qualquer modo, perdera a

faculdade de se multiplicar. Esse vôo capturado, inerte, aniquilado, incapaz de acrescentar coisa alguma

à sua pobre evidência, já não dispunha da minha imaginação para colaborar com ele. Caído no real

imóvel, tentei reagir; as faces, não percebidas na loja, pareceram-me tão lindas que fiquei intimidado e,

para recobrar a naturalidade, disse à garota:

- Poderia me fazer o favor de me alcançar o *Fígaro* que está aí; preciso ver o nome de um lugar

aonde quero mandá-la.-

Imediatamente, pegando o jornal, ela descobriu até o cotovelo a manga rubra da sua jaqueta e me

estendeu o diário conservador com um gesto hábil e gentil que me agradou pela rapidez familiar, pela

aparência macia e a cor escarlate. Enquanto eu abria o *Fígaro*, para dizer algo e sem erguer os olhos,

perguntei à menina:

- Como se chama esse seu casaco de tricô vermelho? É muito bonito. -

Ela respondeu:

- É o meu golfe. -

Pois, devido a uma degradação costumeira a todas as modas, as roupas e os ternos que, alguns

anos antes, pareciam pertencer ao mundo relativamente elegante das amigas de Albertine, eram agora

usados pelas operárias.

- Não se incomodará se eu a mandar a um recado um pouco longe? - disse-lhe, aparentando

procurar no *Fígaro*. Logo que achei penoso o serviço que me prestaria, ela começou de fato a pensar que

era um transtorno.

- É que devo passear daqui a pouco de bicicleta. Droga, só temos o domingo para isso.

- Mas não vai sentir frio, com a cabeça descoberta desse jeito?

- Ah! Mas não estarei de cabeça descoberta, e sim com a minha boina, e poderia até passar sem

ela por causa da minha cabeleira.-

Ergui os olhos para as mechas flavescentes e frisadas, e senti que seu turbilhão me arrastava, o

coração palpitante, na luz e nas rajadas de um furacão de beleza. Continuava a ler o jornal, mas, embora

fosse apenas para me recobrar e ganhar tempo, enquanto fingia ler ia compreendendo, apesar do sentido

das palavras que tinha diante dos olhos, e estas me deixaram atônito: "No programa da vesperal que

anunciamos e que será executada esta tarde no salão de festas do Trocadero, é necessário acrescentar

o nome da Srta. Léa, que aceitou comparecer em *Les Fourberies de Nérine*. ['As artimanhas de Nérine',

comédia em versos de Théodore de Banvil e (1823-1891)(N. do T).] Evidentemente, ela fará o papel de

Nérine, no qual é estonteante de vivacidade e de encantadora alegria."

Foi como se me tivessem arrancado brutalmente do coração o curativo sob o qual ele começara a

cicatrizar desde o meu regresso de Balbec. O fluxo de minhas angústias jorrou em torrentes. Léa era a

comediante amiga das duas moças que Albertine, sem parecer vê-las, havia em uma tarde observado

pelo espelho, no cassino. É verdade que, em Balbec, Albertine, ao nome de Léa, assumira um tom

particular de compunção para me dizer, quase chocada de que se pudesse suspeitar de pessoa tão

virtuosa:

- Oh não, não é de modo algum uma mulher desse tipo; é uma mulher muito correta. -

Infelizmente para mim, quando Albertine fazia uma afirmação desse gênero, isto nunca passava

do primeiro estágio de afirmações diferentes. Pouco depois da primeira, vinha esta segunda:

- Não a conheço.

Em terceiro lugar, depois de me ter falado de tal pessoa como "acima de qualquer suspeita", e

que, a seguir, afirmava não a conhecer, esquecia-se aos poucos, primeiro de haver dito que não a

conhecia, e, numa frase em que se contradizia sem querer, voltava a falar que a conhecia. Consumado

este primeiro esquecimento e tendo sido enunciada a nova afirmação, principiava um segundo

esquecimento, o de que a pessoa era insuspeitável.

- Será que essa fulana - indagava eu - tem esses hábitos?

- Ora, naturalmente, todo mundo sabe disso! -

Porém logo o tom compungido voltava para uma afirmação que era um vago eco, bastante

atenuado da primeira:

- Devo dizer que comigo sempre se mostrou muito correta. Naturalmente ela sabia que eu a teria

posto em seu lugar, e de que maneira. Mas, afinal, pouco importa. Sou forçada a lhe ser grata pelo

verdadeiro respeito que ela sempre testemunhou por mim. Vê-se que ela sabia com quem estava lidando.

Lembramo-nos da verdade porque ela tem um nome, raízes antigas; mas uma mentira

improvisada se esquece depressa. Albertine se esquecia dessa última mentira, a quarta, e, num dia em

que desejava ganhar minha confiança por meio de confidências, chegava a me dizer da mesma pessoa,

no começo tão distinta e que ela não conhecia:

- Teve uma quedinha por mim. Três, quatro vezes me pediu para acompanhá-la até em casa e

subir com ela. Eu não via mal nenhum em acompanhá-la, diante de todo mundo, em pleno dia, na rua.

Mas, logo que chegava à sua porta, achava sempre um pretexto e nunca subi.

Algum tempo depois, Albertine me fazia alusão à beleza dos objetos que se viam na casa da

mesma pessoa. De aproximação em aproximação, talvez se chegasse a fazê-la dizer a verdade, uma

verdade quem sabe menos grave do que eu era levado a crer, pois talvez, fácil com as mulheres, ela

preferisse um amante, e agora que eu era o seu, não mas teria pensado em Léa. Em todo caso, quanto a

muitas das mulheres, já teria me bastado apresentar numa síntese à minha amiga as suas afirmações

contraditórias para convencê-la de seus erros (erros que são bem mais fáceis de verificar pelo raciocínio,

como as leis astronômicas, do que de observar, de surpreender na realidade). Mas ela ainda teria

preferido dizer que mentira quando fizera uma de suas afirmações, cuja retirada faria desse modo

desmoronar todo o meu sistema, em vez de reconhecer que tudo o que havia contado desde o princípio

não passava de uma trama de histórias mentirosas. Há casos iguais nas *Mil e Uma Noites*, e que nos

encantam. Fazem-nos sofrer numa pessoa a quem amamos, e por causa disso nos permitem penetrar

um pouco mais fundo no conhecimento da natureza humana, em vez de limitar-nos à sua superfície. O

desgosto nos invade e obriga-nos pela curiosidade dolorosa a penetrar. Daí decorrem as verdades que

não nos sentimos com o direito de ocultar, de modo que um ateu agonizante que as descobriu, seguro do

Nada, despreocupado da glória, usa todavia suas horas derradeiras para tentar

fazer com que sejam

conhecidas.

Sem dúvida, eu estava ainda na primeira daquelas afirmações sobre Léa. Ignorava até se

Albertine a conhecia ou não. Pouco importa, dava no mesmo. Era preciso, a todo custo, impedir que

Albertine, no Trocadero, pudesse reencontrar essa conhecida, ou travar relações com essa

desconhecida. Disse que não sabia se ela a conhecia ou não; no entanto, é possível que o tivesse sabido

em Balbec, através da própria Albertine. Pois o esquecimento apagava tanto em mim quanto em Albertine

uma boa parte das coisas que ela me havia afirmado. Porque a memória, em vez de um exemplar em

dobro, sempre presente a nossos olhos, dos diversos fatos da nossa vida, é antes um Nada de onde, por

instantes, uma similitude atual nos permite extrair, ressuscitadas, lembranças mortas; mas existem ainda

mil pequenos fatos que não caíram nessa virtual idade da memória e que permanecerão para sempre

inverificáveis para nós. A tudo o que ignoramos relacionar-se à vida real da pessoa a quem amamos não

prestamos atenção, esquecemos logo o que ela nos disse a propósito de um determinado fato ou de uma

certa pessoa que não conhecemos, e o aspecto dela ao nos dizer tais coisas. Assim, quando a seguir o

nosso ciúme é excitado por essas mesmas pessoas, para saber se ele não se engana, se é precisamente

a elas que se deve relacionar uma certa pressa que a nossa amante tem de sair, certo descontentamento

de ter sido privada de fazê-lo porque voltamos cedo demais, o nosso ciúme, examinando o passado para

obter indicações, nada encontra nele; sempre retrospectivo, é como um historiador que tivesse de

escrever uma história para a qual não dispusesse de documento algum; sempre atrasado, ele se precipita

como um touro furioso para onde não se encontra a criatura brilhante e altiva que o irrita com suas

picadas e cuja magnificência e astúcia a multidão cruel admira. O ciúme se debate no vazio, indeciso,

como o somos nesses sonhos em que sofremos por não encontrar em sua casa vazia uma pessoa que

conhecemos muito bem na vida, mas que aqui talvez seja uma outra e apenas tenha assumido as feições

de outra personagem; indeciso, como o somos mais ainda quando, após o despertar, buscamos

identificar tal ou qual detalhe do nosso sonho. Que jeito seria o da nossa amiga ao nos dizer isso? Teria

um aspecto feliz, não estaria mesmo assobiando, coisa que ela só faz quando lhe ocorre um pensamento

amoroso e nossa presença a importuna ou irrita? Não nos terá dito uma coisa que se acha em

contradição com o que afirma agora, que conhece ou não conhece tal pessoa?

Não o sabemos, não

saberemos jamais, empenhamo-nos em procurar os destroços inconsistentes de um sonho, e durante

esse tempo a nossa vida com a amante continua, nossa vida distraída diante do que ignoramos ser

importante para nós, atenta ao que talvez o não seja, atormentada de pesadelos com criaturas que não

têm relações reais conosco, nossa vida cheia de esquecimentos, de lacunas, de ansiedades vãs, nossa

vida semelhante a um sonho.

Dei-me conta de que a garota da leiteria ainda estava ali. Disse-lhe que decididamente era muito

longe, que não precisava dela. E logo ela achou também que ia ser muito incômodo:

- Vai haver um bom *match* daqui a pouco, gostaria de não perdê-lo. -

Senti que ela já devia gostar de esportes e que dentro de alguns anos diria: viver sua vida. Disse-

lhe que decididamente não precisava dela e lhe dei cinco francos. Imediatamente, como se não

esperasse por isso, e considerando que se ganhara cinco francos para não fazer nada, poderia ganhar

muito mais pela comissão, começou a achar que seu *match* não tinha importância.

- Bem que eu poderia dar o seu recado. Sempre se consegue dar um jeito. -

Mas eu a impeli até a porta, precisava estar sozinho; tinha a todo custo de impedir que Albertine

encontrasse as amigas de Léa no Trocadero.

Precisava, precisava consegui-lo; para dizer a verdade, ainda não sabia como; e, durante aqueles

primeiros instantes, abria as mãos, olhava-as, fazia estalar as juntas dos dedos, ou porque o espírito que

não pode achar o que procura, tomado de preguiça, concorda em fazer uma parada durante um

momento, quando as coisas mais indiferentes lhe aparecem com nitidez, como essas pontas de capim

que do vagão vemos tremer nos taludes ao sopro do vento, quando o trem pára em campo raso;

imobilidade que nem sempre é mais fecunda que a do animal capturado, que, paralisado de medo, ou

fascinado, olha sem se mexer-, ou porque eu mantivesse o corpo inteiramente preparado com minha

inteligência dentro e, nela, os meios de ação sobre tal ou qual pessoa-como sendo apenas uma arma de

onde partiria o golpe que haveria de separar Albertine de Léa e de suas duas amigas. Decerto, na manhã

em que Françoise viera me dizer que Albertine iria ao Trocadero, eu havia pensado: "Albertine pode muito

bem fazer o que quiser" e acreditara que até a noite, naquele tempo radioso, os seus atos não teriam

importância perceptível para mim. Mas não fora apenas o sol da manhã, como pensara, que me fizera tão

despreocupado; era porque, tendo obrigado Albertine a renunciar aos projetos que ela podia talvez

preparar ou até mesmo realizar na casa dos Verdurin, e limitando-a a ir a uma vesperal que eu próprio

escolhera e em função da qual ela não pudera combinar coisa alguma, sabia que o que ela faria

forçosamente seria inocente. Da mesma forma, se Albertine dissera instantes depois:

- Se eu me matar, pouco me importa-, fora por estar convencida de que não se mataria. À minha

frente, à frente de Albertine, houvera aquela manhã (bem mais que a iluminação do dia) aquele meio que

não vemos, mas através de cujo intermédio translúcido e mutável nós víamos, eu as suas ações, e ela a

importância de sua própria vida, isto é, aquelas crenças que não percebemos mas que, como o ar que

nos rodeia, não são assimiláveis a um puro vácuo; compondo ao nosso redor uma atmosfera variável, por

vezes excelente, muita vez irrespirável, elas mereceriam ser destacadas e assinaladas com tanto cuidado

como a temperatura, a pressão barométrica e a estação, pois os nossos dias têm sua originalidade física

e moral. A crença, não notada por mim naquela manhã e na qual todavia estivera alegremente envolto até

o momento em que abrira o *Fígaro*, de que Albertine só faria coisas inofensivas, essa crença acabava de

desaparecer.

Eu já não vivia num dia lindo, mas num dia criado no seio deste pela inquietude de que Albertine

reatasse com Léa e mais facilmente ainda com as duas moças, caso estas fossem, como me parecia

provável, aplaudir a atriz no Trocadero, onde não lhes seria difícil, num entreato, reencontrar Albertine. Eu

não pensava mais na Srta. Vinteuil, o nome de Léa me fizera rever, para sentir ciúmes, a imagem de

Albertine no cassino perto das duas moças. Pois eu só possuía na memória séries de Albertine

separadas umas das outras, incompletas, perfis, instantâneos; desse modo, o meu ciúme se restringia a

uma expressão descontínua, a um tempo fixa e fugidia, e às criaturas que a tinham feito aparecer na

fisionomia de Albertine. Lembrava-me desta quando, em Balbec, era excessivamente olhada pelas duas

moças ou por mulheres desse tipo; lembrava-me do sofrimento que senti ao ver percorrido por olhos

ativos como os de um pintor que quer fazer um croqui, este rosto inteiramente coberto por eles e que,

devido, é claro, à minha presença, sofria esse contato sem dar a impressão de percebê-lo, com uma

passividade talvez clandestinamente voluptuosa.

E, antes que ela se recobrasse e me falasse, havia um segundo durante o qual Albertine não se

movia, sorrindo no vazio, com o mesmo ar de natureza fingido e de prazer dissimulado que teria se lhe

fossem tirar o retrato; ou até para escolher diante da objetiva uma pose mais picante-aquela mesma que

assumira em Doncieres quando passeávamos com Saint-Loup: rindo e passando a língua nos lábios,

fingia que estava irritando um cão. Decerto, nesses momentos não era de modo algum a mesma que se

interessava pelas garotas que passavam. Ao contrário, neste último caso o seu olhar estreito e aveludado

se fixava, colocava-se na passante, tão aderente, tão corrosivo, que parecia que, ao retirar-se, levaria

consigo a pele. Mas nesse momento aquele olhar, que pelo menos lhe dava um quê de seriedade,

fazendo-a até parecer doente, era-me suave em comparação com o seu olhar inerte e feliz junto das duas

moças, e eu teria preferido a sombria expressão do desejo que ela talvez sentia às vezes, à expressão

risonha causada pelo desejo que ela inspirava. Por mais que tentasse disfarçar a consciência que tinha

disso, esta a banhava e envolvia, vaporosa, voluptuosa, fazia surgir todo corado o seu rosto. Mas tudo o

que Albertine deixava em suspenso nesses instantes dentro de si mesma, e que irradiava à sua volta e

me fazia sofrer tanto, quem sabe se na minha ausência ela continuaria a manter em silêncio, se aos

avanços das duas moças, agora que eu já não estava ali, ela não corresponderia com audácia? É claro

que tais lembranças me causavam grande mágoa. Eram como uma confissão total dos gostos de

Albertine, uma confissão geral de sua infidelidade, contra o que não poderiam

prevalecer suas juras

particulares, nas quais eu gostaria de crer, os resultados negativos de minhas incompletas indagações,

as garantias de Andrée, talvez forjadas em conivência com Albertine. Esta podia negar suas traições

particulares; com palavras que lhe escapavam, mais fortes que as declarações contrárias, ou por simples

olhares, ela confessara o que desejava ocultar, muito mais do que fatos particulares: aquilo que preferia

matar-se a dar a conhecer, o seu vício. Pois nenhuma criatura deseja entregar a sua alma. Apesar da

mágoa que tais lembranças me causavam, poderia eu negar que era o programa da vesperal do

Trocadero que despertara a minha necessidade de Albertine? Ela era dessas mulheres em quem as

culpas poderiam, se preciso fosse, substituir os encantos e, tanto quanto as culpas, a bondade que lhes

sucede e nos devolve aquela doçura que com elas, como um enfermo que nunca se sente bem dois dias

seguidos, sempre somos obrigados a reconquistar. Aliás, mais até do que as culpas do tempo em que as

amamos, existem as culpas de antes que as conhecêssemos, e a primeira de todas: a sua natureza. De

fato, o que torna dolorosos tais amores é que preexiste a eles uma espécie de pecado original da mulher,

um pecado que faz com que a amemos, de modo que, quando o esquecemos, temos menos necessidade

dela e, para recomeçar a amar, é necessário recomeçar a sofrer. Neste momento, que ela não se

encontrasse com as duas moças e saber se ela conhecia ou não conhecia Léa era o que mais me

preocupava, embora a gente não devesse interessar-se por fatos particulares a não ser devido à seu

significado geral, e apesar da puerilidade que existe, tão grande como a da viagem ou do desejo de

conhecer mulheres, em fragmentar a curiosidade sobre aquilo que, da torrente invisível das realidades

cruéis que nos ficarão sempre desconhecidas, casualmente se cristalizou em nosso espírito. Além disso,

mesmo que chegássemos a destruir tal cristalização, ela seria logo substituída por outra. Ontem, eu temia

que Albertine fosse à casa dos Verdurin. Hoje só estava preocupado com Léa. O ciúme, que traz uma

venda nos olhos, não é só impotente para descobrir alguma coisa nas trevas que o cercam; é também um

dos suplícios em que a tarefa é recomeçar sem descanso, como a das Danaides, como a de Íxion.

Mesmo se as duas moças lá não estivessem, qual a impressão que poderia causar sobre ela a atriz Léa,

embelezada pela caracterização, glorificada pelo sucesso, quantas fantasias deixaria ela para Albertine,

quais os desejos que, mesmo refreados em minha casa, lhe dariam o desgosto de uma vida em que não

poderia satisfazê-los? Aliás, quem sabe se ela não conhecia Léa e não iria vê-la

em seu camarim, e até

que Léa não a conhecesse: quem me asseguraria que, tendo-a de qualquer modo avistado em Balbec,

não a reconheceria e não lhe faria um sinal desde o palco, o que autorizaria Albertine a mandar abrir a

porta dos bastidores? Um perigo parece muito evitável quando é conjurado. Este não o era ainda, eu

receava que não fosse possível evita-lo, e por isso ele me parecia tanto mais terrível. E no entanto esse

amor por Albertine, que eu sentia quase desvanecer-se quando tentava realiza-lo, parecia de algum modo

provado pela violência da minha dor nesse momento. Eu não me preocupava com outra coisa e só

pensava nas maneiras de impedir Albertine de ficar no Trocadero, teria oferecido qualquer quantia a Léa

para que lá não comparecesse. Se se demonstra a preferência de alguém pela ação que pratica mais do

que pelas idéias que defende, então eu estava amando Albertine.

Mas essa retomada do sofrimento não dava maior consistência à imagem de Albertine dentro de

mim. Provocava os meus males como uma divindade que permanece invisível.

Fazendo mil conjecturas, eu procurava remediar meu sofrimento sem por isso realizar o meu

amor.

Primeiro, era necessário ter certeza de que Léa iria de fato ao Trocadero. Depois de ter mandado

embora a garota da leiteria, dando-lhe cinco francos, telefonei para Bloch, também ligado a Léa, para

tomar informações. Não sabia de nada e pareceu espantado que aquilo pudesse interessar-me. Pensei

que era preciso apressar-me, que Françoise já estava pronta e eu não; e, enquanto me levantava,

mandei-a tomar um automóvel;18 ela devia ir ao Trocadero, comprar uma entrada, procurar Albertine por

todo o salão e lhe entregar um bilhete meu. Nesse bilhete eu dizia que estava transtornado por uma carta

recebida há pouco da mesma senhora por quem ela sabia que me sentira tão infeliz certa noite em

Balbec. Lembrava-lhe que no dia seguinte ela me censurara por não ter mandado chamá-la. Assim, dizia

eu, permitia-me pedir que sacrificasse a sua vesperal e viesse buscar-me para tomarmos juntos um

pouco de ar, a fim de tentar que eu melhorasse. Mas, como eu levaria muito tempo para me vestir e me

aprontar, ela me daria grande prazer aproveitando a presença de Françoise para ir comprar nos Trois

Quartiers (sendo menor, esta loja me inquietava menos que o Bon Marché) o lenço de tule branca de que

necessitava.

Meu bilhete provavelmente não era inútil. Para falar a verdade, eu nada sabia do que havia feito

Albertine desde que a conhecia, nem mesmo antes. Mas em sua conversação (Albertine poderia dizer, se

lhe tivesse falado nisso, que eu compreendera mal) havia certas contradições, certos retoques que me

pareciam tão decisivos como um flagrante delito, porém menos utilizáveis contra Albertine que, muitas

vezes, surpreendida em fraude como uma criança, de cada vez, graças a súbitas retificações

estratégicas, tornara baldados meus cruéis ataques e restabelecera a situação. Cruéis para mim. Ela

empregava, não por refinamento de estilo, mas para reparar suas imprudências, esses saltos bruscos de

sintaxe um tanto semelhantes ao que os gramáticos denominam anacoluto ou seja lá o que for. Deixando

escapar, ao falar de mulheres, estas palavras:

- Lembro-me que ultimamente, eu -, bruscamente, depois de uma "pausa de semicolcheia", "eu"

se transformava em "ela", era uma coisa que ela tinha avistado num passeio inocente, e não realizada.

Não era ela o sujeito da ação. Gostaria eu de me lembrar exatamente do começo da frase para concluí-la

por mim mesmo, já que ela se interrompera, qual teria sido o final. Mas, como havia esperado esse final,

mal me recordava do princípio, pois talvez o meu ar interessado a tivesse feito desviar-se, e eu ficava

ansiando pelo seu pensamento verdadeiro, pela sua recordação verídica. Infelizmente, com os começos

de uma mentira de nossa amante ocorre o mesmo que com os começos do nosso próprio amor, ou com

os começos de uma vocação. Eles se formam, conglomeram-se e passam despercebidos de nossa

própria atenção. Quando queremos nos lembrar de que modo começamos a amar uma mulher, já

estamos amando; dos devaneios de antes, não dizíamos: é o prelúdio de um amor, estejamos atentos; e

eles avançavam de surpresa, mal notados por nós. Da mesma forma, a não ser em casos relativamente

escassos, foi quase por comodidade da narrativa que muitas vezes opus aqui um dito mentiroso de

Albertine com (sobre o mesmo assunto) a sua afirmação primitiva. Essa afirmação primitiva, muitas

vezes, não lendo no futuro e não adivinhando qual afirmação contraditória lhe corresponderia mais tarde,

deslizara despercebida, com certeza escutada por meus ouvidos, mas sem que eu a isolasse da

continuidade das palavras de Albertine. Posteriormente, gostaria de me lembrar; era em vão; minha

memória não fora prevenida a tempo; havia julgado inútil guardar uma cópia.

Recomendei a Françoise que, quando tivesse feito Albertine sair do salão, avisasse-me por

telefone e a trouxesse de volta, contente ou não.

- Não faltava mais nada que ela não ficasse contente de vir para a companhia do senhor.

- Mas não sei se ela gosta tanto assim de estar comigo.

- Seria preciso que ela fosse bem ingrata - replicou Françoise, em quem

Albertine renovava,

depois de tantos anos, o mesmo suplício da inveja que outrora lhe causara Eulalie junto de minha tia.

Ignorando que a situação de Albertine junto a mim não fora procurada por ela mas por mim desejada (o

que por amor-próprio e para enraivecer Françoise eu punha tanto empenho em lhe ocultar), ela admirava

e execrava a sua habilidade e chamava-a, quando falava dela aos demais criados, de "comediante", de

"impostora", que fazia de mim o que queria. Não ousava ainda entrar em guerra aberta contra Albertine,

fazia-lhe boa cara, e valorizava-me os serviços que prestava em suas relações comigo, pensando ser

inútil dizer-me qualquer coisa e que não conseguiria nada, mas aguardando uma ocasião; e, se alguma

vez descobrisse uma fissura na situação de Albertine, prometia a si mesma alargá-la e separar-nos

completamente.

- Muito ingrata? Mas não, Françoise, eu é que me considero ingrato, você não sabe como ela é

boa para mim. (Era-me tão doce parecer ser amado!) Vá depressa.

- Vou chispando.

A influência de sua filha começava a alterar um pouco o vocabulário de Françoise. Assim todas as

línguas perdem a sua pureza por anexar novos termos. Aliás, eu era indiretamente responsável por essa

decadência do modo de falar de Françoise, que conhecera em sua bela época. A filha de Françoise não

teria feito com que degenerasse ao mais baixo calão a linguagem clássica da mãe, se se tivesse

contentado em falar o patoá com ela. Nunca se privara disso, e, quando as duas estavam juntas comigo,

se tinham coisas secretas a se dizer, em vez de irem fechar-se na cozinha, elas se faziam, bem no meio

do meu quarto, uma proteção mais intransponível que a porta mais bem trancada, falando o patoá. Eu

apenas supunha que mãe e filha não viviam sempre em boa harmonia, a julgar pela freqüência com que

se repetia o único vocábulo que eu podia distinguir: *m'esasperate* (a menos que o objeto dessa

exasperação fosse eu). Infelizmente, acabamos por aprender a língua mais desconhecida, desde que a

ouçamos falar sempre. Lamentei que fosse o patoá, pois cheguei a conhecê-lo e não teria aprendido

menos bem se Françoise tivesse o hábito de se exprimir em persa. Françoise, quando percebeu meu

progresso, tratou de falar o mais depressa possível, e a filha também, mas nada adiantou. A mãe ficou

desolada quando soube que eu compreendia o patoá, e depois contente ao me ouvir falá-lo. Na verdade,

esse contentamento era o da zombaria, pois, embora eu acabasse por pronunciá-lo mais ou menos como

ela, Françoise achava entre nossas pronúncias abismos que a encantavam, e

punha-se a lastimar não

ver mais pessoas da sua terra, nas quais há muitos anos que não pensava, e que, ao que parece, se

torceriam de um riso que ela desejaria ouvir, ao me escutarem falar tão mal o patoá. Bastava essa idéia

para enchê-la de alegria e de mágoa de não vê-la realizada, e nomeava este ou aquele camponês que

chegaria às lágrimas de tanto rir. Em todo caso, nenhuma alegria se misturou à tristeza de que, mesmo o

pronunciando mal, eu o compreendesse bem. As chaves tornavam-se inúteis quando aquele a quem

desejamos impedir de entrar pode se servir de uma gazua ou de uma chave-mestra. Reduzindo-se o

patoá a uma defesa sem valor, Françoise pôs-se a falar com a filha um francês que bem depressa se

tornou o das épocas mais baixas.

Eu já estava pronto. Françoise ainda não havia telefonado; seria preciso sair sem esperar? Mas

quem sabe se ela encontraria Albertine? E se esta não se encontrasse nos bastidores? E se até,

descoberta por Françoise, não se deixasse levar embora? Meia hora depois, ressoou o toque do telefone

e no meu coração bateram tumultuosamente o receio e a esperança. Era um esquadrão volante de sons

que, sob as ordens de um funcionário da companhia telefônica, com uma velocidade instantânea, me

trazia as palavras do telefonista, não as de Françoise, a quem uma timidez e uma melancolia ancestrais,

aplicadas a um objeto desconhecido de seus pais, a impediam de se aproximar de um receptor, mas que,

no entanto, não temia visitar doentes contagiosos. Havia encontrado Albertine sozinha no corredor, e

esta, tendo ido apenas avisar Andrée que não ficaria, logo se reunira a Françoise.

- Ela não estava zangada? Ah, perdão. Pergunte a esta senhora se a senhorita não estava

zangada.

- Esta senhora me diz para lhe dizer que não, absolutamente não, muito pelo contrário; em todo

caso, se ela não está contente isto não se percebe. Agora elas vão aos Trois Quartiers e estarão de volta

às duas horas. -

Compreendi que duas horas queria dizer três horas, pois já passava das duas. Mas era, em

Françoise, um dos defeitos particulares, permanentes e incuráveis, a que chamamos doentios, o de

nunca poder olhar nem dizer exatamente a hora. Jamais pude compreender o que se passava na sua

cabeça quando Françoise, tendo olhado o relógio, caso fossem duas horas dizia: é uma hora, ou são três

horas; jamais pude compreender se o fenômeno que ocorria então tinha por ser do olhar de Françoise, o

seu cérebro, ou a sua linguagem; o certo é que tal fenômeno ocorria sempre. A

humanidade é muito

velha. A hereditariedade e os cruzamentos deram uma força invencível a maus hábitos, a reflexos

viciosos. Algumas pessoas espirram e respiram com dificuldade porque passam perto de um arbusto,

outras têm erupções devido ao odor da tinta fresca; muitas têm cólicas se é preciso viajar, e netos de

ladrões que agora são milionários generosos não resistem à tentação de nos roubar cinqüenta francos.

Quanto a saber em que consistia a impossibilidade em que se achava Françoise de dizer a hora exata,

não foi dela que pude extrair qualquer esclarecimento a respeito. Pois, apesar da cólera que me davam

habitualmente suas respostas inexatas, Françoise não procurava desculpar-se pelo erro, nem explicá-lo.

Permanecia muda, dava a impressão de não me ouvir, o que acabava de me exasperar. Gostaria eu de

ouvir uma palavra de justificação, ainda que fosse apenas para rebatê-la, mas nada; um silêncio

indiferente. Em todo caso, quanto a hoje, nenhuma dúvida: Albertine ia voltar com Françoise às três

horas, Albertine não veria Léa nem suas amigas. Assim, estando conjurado o perigo que ela renovasse

suas relações com tais pessoas, esse perigo logo perdeu importância a meus olhos, e me espantei, ao

ver a facilidade com que fora evitado, de ter pensado que não conseguiria que o fosse. Senti um vivo

movimento de gratidão por Albertine, a qual, via bem, não fora ao Trocadero por causa das amigas de

Léa, e que me mostrava, deixando a vesperal e voltando para casa a um sinal meu, que ela me pertencia

para o futuro até mais do que eu imaginava. Maior ainda foi tal sentimento quando um ciclista me trouxe

um bilhete dela para que eu tivesse paciência, bilhete em que havia amabilidades que lhe eram comuns:

"Meu querido, meu caro Marcel, chego menos depressa que este ciclista, de cuja bicicleta gostaria de

utilizar-me para estar mais cedo com você. Como pode imaginar que eu possa ficar aborrecida e que algo

possa me agradar mais do que estar junto de você? Seria ótimo sairmos os dois juntos e melhor ainda

seria nunca sairmos senão juntos. Que idéia são as suas, então? Esse Marcel! Toda sua, Albertine."

Até os vestidos que lhe comprava, o iate de que lhe falara, os peignoirs de Fortuny, tudo isso,

tendo nesta submissão de Albertine não a sua compensação, mas o seu complemento, surgia-me como

outros tantos privilégios que eu exercia; pois os deveres e os encargos de um senhor fazem parte de sua

dominação e a definem e provam, tanto quanto os seus direitos. E esses direitos que ela me reconhecia

dava precisamente à meus encargos o seu verdadeiro caráter: eu tinha uma mulher à minha disposição, a

qual, ao primeiro recado que lhe enviasse de improviso, mandava-me telefonar,

com deferência, que

voltava, que se deixava reconduzir logo. Eu era mais senhor do que julgava. Mais senhor, isto é, mais

escravo. Eu já não tinha nenhuma impaciência de ver Albertine. A certeza de que ela estava fazendo

compras com Françoise, que regressaria com ela num momento próximo que eu de bom grado

prorrogaria, iluminava como um astro radioso e pacífico um tempo que agora eu gostaria muito mais de

passar sozinho. O amor por Albertine fizera erguer-me e me preparar para sair, mas me impediria de

desfrutar a minha saída. Imaginava que, nesse domingo, *operariazinhas, midinettes e cocotes* iam

passear no Bois. E com essas palavras, "midinettes", "operariazinhas" (como já me ocorrera muitas vezes

com um nome próprio, um nome de moça lido no noticiário de um baile), com a imagem de um corpete

branco, de uma saia curta, pois atrás disso eu punha uma criatura desconhecida e que poderia me amar,

eu criava sozinho mulheres desejáveis, e dizia comigo: "Como devem ser gostosas!" Mas de que me

serviriam que o fossem, visto que eu não saía só?

Aproveitando o fato de que ainda estava sozinho, e entrecerrando as cortinas para que o sol não

me impedisse de ler as notas, sentei-me ao piano e abri ao acaso a Sonata de Vinteuil que ali estava

posta, e comecei a tocar porque, estando ainda meio distante a chegada de Albertine, mas em

compensação sendo segura, eu dispunha de tempo e de paz de espírito. Banhado na espera, cheio de

segurança pelo seu retorno na companhia de Françoise e de confiança em sua docilidade, como na

beatitude de uma luz interior tão reaquecedora como a de fora, eu podia dispor do meu pensamento,

desprendê-lo de Albertine, aplicá-lo à Sonata. Mesmo nesta, não me empenhei em reparar o quanto a

combinação do motivo voluptuoso e do motivo ansioso respondia agora mais ao meu amor por Albertine,

do qual o ciúme estivera por tão longo tempo ausente que eu havia podido confessar a Swann a minha

ignorância de tal sentimento. Não, tomando a Sonata de um outro ponto de vista, encarando-a em si

mesma como sendo a obra de um grande artista, eu era conduzido pelo fluxo sonoro em direção aos dias

de Combray. Não quero dizer de Montjouvain e do lado de Méséglise, mas dos passeios pelos lados de

Guermantes -quando eu próprio desejara ser artista. Abandonando de fato tal ambição, renunciara eu a

alguma coisa real? Poderia a vida consolar-me da arte, haveria na arte uma realidade mais profunda em

que nossa personalidade verdadeira encontrasse uma expressão que não lhe conferem as ações da

vida? Todo grande artista parece de fato de tal modo diverso dos outros, e tanto nos dá aquela sensação

de individualidade que em vão buscamos na existência cotidiana! No momento em que eu pensava nisto,

um compasso da Sonata me impressionou, compasso que aliás eu conhecia bem; mas às vezes a

atenção ilumina diversamente coisas já conhecidas no entanto há muito, e nas quais assinalamos o que

nunca tínhamos percebido nelas. Tocando esse compasso, e conquanto Vinteuil estivesse exprimindo ali

um sonho que deveria permanecer de todo estranho a Wagner, não pude evitar murmurar: "Tristão!"-com

o sorriso que tem um amigo da família ao encontrar algo do avô numa entonação, num gesto do neto que

não o conheceu. E como então se olha uma fotografia que permite precisar a semelhança, instalei na

estante, por sobre a Sonata de Vinteuil, a partitura de Tristão, do qual tocavam, justamente naquela tarde,

alguns trechos no Concert Lamoureux. Na minha admiração pelo mestre de Bayreuth, eu não tinha

nenhum dos escrúpulos daqueles, como Nietzsche, a quem o dever lhes dita que fujam, na arte como na

vida, da beleza que os provoca, repudiando Tristão como renegam Parsifal e, por ascetismo espiritual, de

mortificação em mortificação, chegam, seguindo o mais sangrento dos caminhos da cruz, a elevar-se ao

puro conhecimento e à adoração perfeita do *Postilhão de Longjumeau*. [Ópera-cômica de Adolphe Adam

(1803-1856). (N. do T)]. Eu percebia tudo o que a obra de Wagner tem de real, revendo esses temas

insistentes e fugazes que visitam um ato, afastando-se apenas para retornar, e às vezes distantes,

entorpecidos, quase desligados, são, em outros momentos, mesmo sempre continuando vagos, tão

próximos e prementes, tão internos, tão orgânicos, tão viscerais, que se diria serem a retomada menos de

um motivo que de uma nevralgia.

A música, bem diferente nisto da companhia de Albertine, ajudava-me a descer ao fundo de mim

mesmo, e a descobrir aí coisas novas: a variedade que eu em vão buscara na vida, na viagem, cuja

nostalgia no entanto me era dada por esse fluxo sonoro que fazia morrer a meu lado suas ondas

ensolaradas. Dupla diversidade. Como o espectro exterioriza para nós a composição da luz, do mesmo

modo a harmonia de um Wagner e a cor de um Elstir nos permitem conhecer aquela essência qualitativa

das sensações de outrem, onde o amor por outra criatura não nos faz penetrar. Além disso, diversidade

no seio da própria obra, pelo único meio que há de ser realmente diverso: reunir várias individualidades.

Onde um músico qualquer julgaria estar pintando um escudeiro, ou um cavaleiro, ainda quando os fizesse

cantar a mesma música, Wagner, ao contrário, coloca, sob cada denominação, uma realidade diferente e,

cada vez que seu escudeiro aparece, trata-se de uma figura particular, a um tempo simplista e

complicada, que, com um entrechoque de linhas radiante e feudal, inscreve-se na imensidade sonora.

Decorre daí a plenitude de uma música de fato repleta de tantas músicas, cada uma das quais é um ser.

Um ser ou a impressão que nos dá um aspecto momentâneo da natureza. Mesmo aquilo que é mais

independente do sentimento que ela nos faz experimentar, conserva sua realidade exterior e inteiramente

definida, o canto de um pássaro, o som da trompa de um caçador, a canção tocada por um pastor na sua

flauta de cana, recortam no horizonte a sua silhueta sonora. Por certo Wagner ia fazê-la mais próxima,

aproveitar-se dela, colocá-la numa orquestra, submetê-las às mais altas idéias musicais, todavia

respeitando sua originalidade primitiva como um fabricante de arcas respeita as fibras, a essência

particular da madeira que esculpe.

Mas apesar da riqueza dessas obras em que a contemplação da natureza tem seu lugar ao lado

da ação, ao lado de indivíduos que não são mais que nomes de personagens, mesmo assim eu

imaginava o quanto essa obras participam do caráter de ser - ainda que maravilhosamente - sempre

incompletas, que é o caráter de todas as grandes obras do século XIX, cujos maiores escritores deixaram

em seus livros a marca de sua personalidade, mas, observando-se enquanto trabalhavam, como se

fossem a um tempo o operário e o juiz, extraíram dessa autocontemplação uma beleza nova, exterior e

superior à obra, impondo-lhe retroativamente uma unidade, uma grandeza que ela não possui. Sem nos

determos naquele que viu em seus romances, depois de concluídos, uma *Comédia Humana*, nem

naqueles que a poemas ou ensaios inconjuntos denominaram *A Lenda dos Séculos e A Bíblia da*

Humanidade, não podemos, no entanto, dizer que este último encarna tão bem o século XIX, que as

maiores belezas de Michelet devemos procurá-las menos na sua própria obra que nas atitudes que ele

assume em face da mesma, não na sua *História da França* ou na sua *História da Revolução*, mas em

seus prefácios a esses dois livros? Prefácios, ou seja, páginas escritas depois dos livros, onde ele os

examina, e às quais convém acrescentar, aqui e ali, algumas frases, começando de hábito por um "Devo

dizê-lo?" que não é uma cautela de sábio, mas uma cadência de músico. O outro músico, o que me

deslumbrava no momento, Wagner, tirando de suas gavetas um trecho delicioso para fazê-lo entrar como

tema retrospectivamente necessário em uma obra na qual não pensava no

momento em que a

compusera e, depois, tendo composto uma primeira ópera mitológica, depois uma segunda, depois ainda

outras, e de súbito percebendo que acabava de fazer uma Tetralogia, deve ter sentido um pouco da

mesma embriaguez de Balzac, quando este, lançando às suas obras um olhar a um tempo de um

estranho e de um pai, achando neste romance a pureza de Rafael, neste outro a simplicidade do

Evangelho, reparou bruscamente, ao lançar sobre eles uma iluminação retrospectiva, que ficariam mais

belos reunidos num ciclo em que as mesmas personagens reaparecessem e acrescentou à sua obra,

nesse ajustamento, uma pincelada, a derradeira e a mais sublime. Unidade ulterior, não artificial.

Senão seria reduzida a pó como tantas sistematizações de escritores medíocres que, com grande

reforço de títulos e subtítulos, desejam parecer que se deram ao esforço de perseguir um só e

transcendente desígnio. Não fictícia, talvez mais real até por ser ulterior, por ter nascido de um momento

de entusiasmo em que é descoberta entre pedaços que só precisam se unir, unidade que se ignorava,

portanto vital e não lógica, que não proscreveu a variedade nem ressecou a execução. Ela é (mas

aplicando-se desta vez ao conjunto) como determinado trecho composto à parte, nasceu de uma

inspiração, não exigida pelo desenvolvimento artificial de uma tese, e que vem integrar-se a resto. Antes

do grande movimento de orquestra que precede a volta de Isolda, foi à própria obra que atraiu para si a

ária meio esquecida da flauta de um pastor.

E, sem dúvida, assim como a progressão da orquestra, ao aproximar-se da nave, apodera-se

dessas notas da flauta, transforma-as, associa-as à sua embriaguez, quebra o seu ritmo, aclara-lhes a

tonalidade, acelera-lhes o movimento, multiplica-lhes a instrumentação, assim o próprio Wagner, sem

dúvida, alegrou-se ao descobrir em sua memória a ária do pastor, agregou-a à sua obra, deu-lhe todo seu

significado. De resto, semelhante alegria não o abandona jamais. Seja qual for a tristeza do poeta, ela é

consolada nele, superada - quer dizer, infelizmente um pouco destruída pela alegria do fabricante. Mas

então, tanto quanto pela identidade que eu havia notado há pouco entre a frase de Vinteuil e a de

Wagner, sentia-me perturbado por essa habilidade vulcânica. Seria essa habilidade que confere, nos

grandes artistas, a ilusão de uma originalidade intrínseca, irredutível, aparentemente um reflexo dê uma

realidade mais que humana, e de fato o produto de um labor industrioso?

Se a arte não passa disto, não é mais real do que a vida, e eu não tinha que lastimar o fato de não

ser artista. Continuava a tocar *Tristão*. Separado de Wagner pelo tabique sonoro, ouvia-o exultar,

convidar-me a partilhar da sua alegria, ouvia redobrar o riso imortalmente jovem e as marteladas de

Siegfried, em quem, aliás, mais maravilhosamente marcadas eram tais frases, a habilidade técnica do

operário só servindo para fazê-las mais livremente deixar a terra, pássaros idênticos não ao cisne de

Lohengrin, mas àquele aeroplano que eu vira, em Balbec, mudar sua energia em elevação, planar acima

das ondas e perder-se no céu. Talvez, como as aves que mais alto sobem, que voam mais depressa, têm

uma asa mais possante, fossem necessários aparelhos realmente materiais para explorar o infinito,

desses cento e vinte cavalos marca *Mistério*, nos quais entretanto, por mais alto que se voe, é-se um

tanto impedido de desfrutar o silêncio dos espaços devido ao potente ronco do motor!

Não sei por que o curso de meus devaneios, que até aqui havia seguido as recordações da

música, desviou-se para aqueles que foram, em nossa época, os melhores executantes, e entre os quais,

superestimando-o um pouco, eu situava Morel. E logo o meu pensamento fez um brusco desvio e foi

sobre o caráter de Morel, e certas singularidades desse caráter, que me pus a devanear. Aliás, isto podia

acrescentar-se mas não se confundir com a neurastenia que o atormentava-,

Morel tinha o hábito de falar

de sua vida, mas dando um retrato tão sombrio dela que era difícil distinguir alguma coisa. Por exemplo,

colocava-se à inteira disposição do Sr. de Charlus, com a condição de ter as noites livres, pois desejava

poder seguir o curso de álgebra depois do jantar. O Sr. de Charlus dava licença, mas pedia para vê-lo

depois.

- lmpossível, é uma velha pintura italiana-(este gracejo não faz qualquer sentido transcrito assim;

mas o Sr. de Charlus fizera Morel ler *A Educação Sentimental,* em cujo penúltimo capítulo Fréderic

Moreau diz esta frase; e, assim, Morel, de brincadeira, nunca dizia a palavra "impossível" sem fazê-la

seguir por estas: "é uma velha pintura italiana") -, o curso dura muitas vezes até bem tarde e já é um

grande incômodo para o professor, que naturalmente ficaria melindrado...

- Mas não há necessidade de curso, álgebra não é como a natação, nem mesmo como o inglês,

isto se aprende muito bem num livro - replicava o Sr. de Charlus, tendo logo adivinhado nesse curso de

álgebra uma dessas imagens em que não se podia destrinçar nada. Talvez se tratasse da cópula com

uma mulher, ou, se Morel procurava ganhar dinheiro por meios suspeitos e estivesse de combinação com

a polícia secreta, de uma operação com agentes de segurança, ou, quem sabe,

pior ainda, a espera de

um gigolô de quem se poderá precisar num bordel.

- Bem mais facilmente até pelos livros - respondia Morel ao Sr. de Charlus-, pois não se

compreende nada num curso de álgebra.

- Então por que não a estudas de preferência lá em casa, onde tens de fato todo o conforto?

-poderia ter respondido o Sr. de Charlus; evitou, porém, dizê-lo, sabendo que, imediatamente,

conservando apenas o mesmo caráter de necessidade para reservar as horas da noite, o curso de

álgebra se mudaria numa aula obrigatória de dança ou de desenho. No que o Sr. de Charlus pôde

perceber que se enganava, ao menos em parte: Morel, muitas vezes, na casa do barão, ocupava-se em

resolver equações. O Sr. de Charlus objetava que a álgebra não podia servir em nada a um violinista.

Morel retrucava que era uma distração para passar o tempo e combater a neurastenia. É claro que o Sr.

de Charlus poderia procurar saber o que eram na verdade aquelas misteriosas e fatais aulas de álgebra,

só ministradas à noite. Mas o Sr. de Charlus estava envolvido demais nas obrigações da sociedade para

se ocupar em deslindar o emaranhado das ocupações de Morel.

As visitas feitas ou recebidas, o tempo passado no círculo, os jantares na cidade e as noites no

teatro impediam-no de pensar nisso, bem como naquela malvadez, a um tempo violenta e sorrateira, que

Morel, dizia-se, fazia ao mesmo tempo brilhar e dissimular nos ambientes sucessivos, nas diferentes

cidades por onde passara, e onde só falavam dele com um arrepio, baixando a voz, e sem coragem de

contar coisa alguma. Infelizmente, foi a uma dessas explosões de nervosismo maldoso que tive ocasião

de assistir naquele dia, quando, tendo deixado o piano, desci ao pátio para ir ao encontro de Albertine

que ainda não tinha chegado. Passando em frente à loja de Jupien, onde Morel e aquela que eu julgava

vir a ser em breve sua mulher estavam sozinhos, ouvi Morel gritando com toda a força, o que fazia sair

dele uma entonação que não lhe conhecia, rude, habitualmente recalcada, e estranhíssima. As palavras

não o eram menos, erradas do ponto de vista da língua francesa, mas ele conhecia tudo imperfeitamente.

- Saia já daqui; sua grandessíssima puta, grandessíssima puta, grandessíssima puta- repetia ele à

pobre moça, que certamente no começo não entendera o que ele queria dizer; e depois, trêmula e digna,

permanecia imóvel diante dele. - Já lhe disse para sumir daqui, grandessíssima puta, grandessíssima

puta, vá procurar o seu tio para que eu lhe diga o que você é, sua puta. -

Justo naquele momento a voz de Jupien; que regressava conversando com um amigo, fez-se

ouvir no pátio, e, como eu sabia que Morel era um tremendo poltrão, achei inútil juntar minhas forças à de

Jupien e seu amigo, que num instante estariam dentro da loja, e voltei a subir, para evitar Morel, que,

embora tivesse tanto desejado que chamassem Jupien (provavelmente para aterrorizar e dominar a moça

com uma chantagem sem qualquer fundamento), apressou-se a sair logo que ouviu sua voz no pátio. As

palavras reproduzidas não são nada, nem explicariam o bater do coração com que subi.

Tais cenas a que assistimos na vida encontram um elemento de força incalculável no que os

militares denominam, em matéria de ofensiva, a vantagem da surpresa, e, por maior que fosse a minha

sensação de suave tranqüilidade por saber que Albertine, em vez de ficar no Trocadero, ia voltar para

junto de mim, nem por isso ressoava menos nos ouvidos o acento daquelas palavras dez vezes

repetidas: "grandessíssima puta, grandessíssima puta", que tinham me perturbado tanto.

Pouco a pouco minha agitação se acalmou. Albertine ia chegar. Eu a ouviria bater à porta dentro

de um instante. Sentia que minha vida não era mais a mesma como poderia ter sido; e que ter assim uma

mulher com a qual muito naturalmente, quando estivesse de volta, deveria sair, para cujo embelezamento

iam ser cada vez mais desviadas as forças e a atividade do meu ser, fazia de mim

como que uma haste

acrescida, mas vergada ao peso do fruto opulento pelo qual passam todas as suas reservas.

Contrastando com a ansiedade que eu experimentara uma hora antes, o sossego que me causava o

regresso de Albertine era mais vasto do que o que eu sentira de manhã, antes de sua partida.

Antecipando o futuro, de que a docilidade de minha amiga me tornava mais ou menos senhor, mais

resistente, como que repleto e estabilizado pela presença iminente, importuna, inevitável e doce, era o

sossego (dispensando-nos de buscar a felicidade em nós mesmos) que nasce de um sentimento familiar

e de uma ventura doméstica: foi isso ainda, não menos que o sentimento que me trouxera tanta paz

enquanto eu esperava Albertine, o que experimentei a seguir, passeando com ela. Ela tirou a luva por um

momento, fosse para tocar a minha mão, fosse para me deslumbrar, deixando-me ver no seu dedo

mindinho, ao lado daquele que recebera da Sra. Bontemps, um anel onde se estendia a larga e líqüida

toalha de uma clara folha de rubis:

- Um novo anel, Albertine? Sua tia é tão generosa!

- Não, este não veio da minha tia - disse ela, rindo. - Eu mesma é que o comprei, visto que, graças

a você, posso fazer grandes economias. Nem mesmo sei a quem pertenceu. Um

viajante que não tinha

dinheiro o deixou para o dono de um hotel onde estive em Mans. O homem não sabia o que fazer dele e

o teria vendido bem abaixo do seu valor. Mas ainda assim era muito caro. Agora que, graças a você, eu

me torno uma dama elegante, mandei lhe perguntar se ele o possuía ainda. E aí está.

- Tanto anel, Albertine. Onde vai pôr o que lhe vou dar? Em todo caso, este é muito bonito; não

consigo distinguir os lavores em torno aos rubis, dir-se-ia uma cabeça humana fazendo caretas. Mas não

tenho boa vista.

- Mesmo que a tivesse, não adiantaria muito. Eu também não distingo nada.

Antigamente, muitas vezes me ocorrera, ao ler um volume de memórias ou um romance, em que

um homem sempre sai com uma mulher, merendam juntos, desejar poder fazer o mesmo. Às vezes

julgara consegui-lo, por exemplo, levando comigo a amante de Saint-Loup, indo jantar com ela. Mas

debalde eu invocava a idéia de que, naquele momento, representava bem a personagem que havia

invejado no romance, essa idéia me convencia de que eu devia ter satisfação ao lado de Rachel e,

todavia, não me proporcionava.

É que, de cada vez que desejamos imitar alguma coisa, esquecemos que essa coisa foi produzida

não pela vontade de imitar, mas por uma força inconsciente, também real. Mas essa impressão particular

que não pudera me dar todo o meu desejo de sentir um prazer delicado ao passear com Rachel, eis que

agora o sentia sem o ter procurado de forma alguma, mas por motivos completamente diversos, sinceros,

profundos para citar um exemplo - porque meu ciúme impedia-me de estar longe de Albertine e, no

momento em que eu podia sair, de deixá-la passear sem mim. Só o sentia agora porque o conhecimento

é, não das coisas exteriores que desejamos observar, mas das sensações involuntárias; porque outrora

uma mulher, por mais tempo que estivesse no mesmo carro que eu, não estava na realidade junto a mim,

enquanto não a recriasse ali, a todo instante, uma necessidade dela como eu a tinha de Albertine,

enquanto a carícia constante do meu olhar não lhe devolvesse permanentemente as cores que exigem

ser perpetuamente refrescadas, enquanto os sentidos, mesmo apaziguados, mas que se recordam, não

pusessem sob aquelas cores o sabor e a consistência, enquanto, unido aos sentidos e à imaginação que

os exalta, o ciúme não mantivesse tal mulher em equilíbrio junto a mim por uma atração compensada, tão

poderosa como a lei da gravidade.

Nosso carro descia depressa pelos bulevares, pelas avenidas, cujos palacetes enfileirados, rósea

congelação de sol e de frio, recordavam-me as visitas à casa da Sra. Swann, docemente iluminadas

pelos crisântemos a esperada hora dos lampiões. Eu mal tinha tempo de avistar, tão separado delas atrás

do vidro do automóvel como o teria estado atrás da janela do meu quarto, uma jovem caixeira da casa de

frutas, uma moça da leiteria de pé diante da porta, iluminada pelo lindo dia como uma heroína que meu

desejo bastava para empenhar em peripécias deliciosas, no limiar de um romance que eu nunca haveria

de conhecer. Pois eu não podia pedir a Albertine que parássemos, e já não eram mais visíveis as moças,

de quem meus olhos mal distinguiram as feições e mal puderam acariciar a frescura no louro vapor em

que elas se banhavam. A emoção de que me sentia possuído ao avistar a filha de um comerciante de

vinhos ou uma lavadeira conversando na rua era a emoção que se tem ao reconhecer as Deusas. Desde

que o Olimpo já não existe, seus habitantes vivem na terra. E, quando, ao compor um quadro mitológico,

os pintores fizeram posar, como Vênus ou Ceres, moças do povo que exerciam os ofícios mais vulgares,

bem longe de cometer um sacrilégio, não fizeram mais que acrescentar-lhes, restituir-lhes a qualidade e

os atributos divinos de que se achavam despojadas.

- Como lhe pareceu o Trocadero, louquinha?

- Estou muito contente de o ter deixado para passear com você. É de Davioud, creio.

- Mas como a minha pequena Albertine é instruída! De fato, é de Davioud, mas eu o tinha

esquecido.

- Enquanto você dormia li seus livros, grande preguiçoso. Como monumento, é bem feio, não

acha?

- Menina, você está mudando com tamanha rapidez e se torna de tal modo inteligente (é verdade,

mas, além disso, gostava que ela tivesse a satisfação, à falta de outras, de pensar que pelo menos o

tempo que passava em minha casa não era totalmente perdido), que lhe diria, quando necessário,

algumas coisas que em geral seriam consideradas falsas e que correspondem a uma verdade que estou

procurando. - Você sabe o que é o impressionismo?

- Sei.

- Pois bem, veja o que pretendo dizer: lembra-se da igreja de Marcouvil e I'Orgueil euse, que Elstir

não apreciava porque era nova? Será que ele não está um tanto em contradição com o seu próprio

impressionismo, quando retira assim esses monumentos da impressão global em que estão situados,

leva-os para fora da luz onde estão dissolvidos e examina o seu valor intrínseco feito um arqueólogo?

Quando pinta, por acaso um hospital, uma escola ou um cartaz numa parede não têm o mesmo valor que

uma catedral inestimável que está perto, numa imagem indivisível? Lembre-se de como a fachada estava

queimada pelo sol, como o relevo daqueles santos de Marcouvil e sobrenadavam na luz. Que importa que

um monumento seja novo, se parece velho? E mesmo que não pareça! O que os velhos bairros têm de

poético foi extraído até a última gota, porém certas casas recentemente construídas para pequenos

burgueses endinheirados, nos bairros novos, onde a pedra muito branca mostra ter sido preparada há

pouco, não rompem elas o ar tórrido do meio-dia em julho, à hora em que os comerciantes voltam para o

almoço no subúrbio, com um grito tão ácido como o odor das cerejas, antes que a refeição seja servida

na sala de jantar penumbrosa, onde os prismas de vidro para descanso das facas projetam focos

multicores tão belos como os vitrais de Chartres?

- Como você é delicioso de ouvir! Se algum dia eu me tornar inteligente, será graças a você.

- Por que, num dia bonito, desviar os olhos do Trocadero cujas torres em forma de pescoço de

girafa fazem pensar na cartuxa de Pavia?

- Ele me lembrou também, dominando da mesma forma do alto da colina, uma reprodução de

Mantegna que você possui, creio que é São Sebastião, onde existe ao fundo uma cidade em anfiteatro e

onde se poderia jurar que fica o Trocadero.

- Você observa bem! Mas como é que viu a reprodução de Mantegna? Você é surpreendente.

Tínhamos chegado aos bairros mais populares, e a ereção de uma Vênus ancilar atrás de cada

balcão fazia dele uma espécie de altar suburbano ao pé do qual eu gostaria de passar a minha vida.

Como se faz às vésperas de uma morte prematura, eu recapitulava os prazeres de que me privava o

ponto final que Albertine punha na minha liberdade. Em Passy, foi no próprio leito da rua, por causa do

tráfego congestionado, que as moças, abraçadas pela cintura, deslumbraram-me com seu sorriso. Não

tive tempo de o perceber muito bem, mas era pouco provável que o superestimasse; de fato, em qualquer

multidão, em qualquer multidão de gente jovem, não é raro que se encontre a efígie de um nobre perfil.

De modo que essas balbúrdias populares dos dias de festa são para o indivíduo voluptuoso tão preciosas

como, para o arqueólogo, a desordem de uma terra onde uma escavação faz surgir medalhas antigas.

Chegamos ao Bois. Eu pensava que, se Albertine não tivesse vindo comigo, poderia naquele instante, no

Circo do Champs-Élysées, ouvir a tempestade wagneriana fazer gemer todos os instrumentos de corda

da orquestra, atrair para si como leve espuma a ária da flauta que eu havia tocado há pouco, fazê-la voar,

petrificá-la, deformá-la, dividi-la, arrastá-la num turbilhão crescente. Pelo menos, desejei que o nosso

passeio fosse curto e que voltássemos cedo, pois, sem nada falar a Albertine, eu decidira ir à noite à casa

dos Verdurin. Tinham-me ultimamente enviado um convite que eu jogara na cesta, como a todos os

anteriores. Mas resolvera reconsiderar aquela noite, pois queria tentar saber que tipo de pessoas

Albertine poderia esperar encontrar de tarde na casa deles. Para falar a verdade, eu chegara com

Albertine àquele momento em que (se tudo continua como está, se as coisas se passam normalmente)

uma mulher só serve para nós como transição para outra mulher. Ela ainda nos fala ao coração, mas

muito pouco; temos pressa de ir encontrar desconhecidas todas as noites, e sobretudo desconhecidas

que ela conhece, e que poderão nos contar a vida dela. Com efeito, já possuímos e esgotamos tudo o

que ela consentiu em nos entregar de si mesma. Sua vida é ainda ela mesma, mas justamente a parte

que não conhecemos, as coisas sobre as quais interrogamos em vão e que poderemos ouvir de lábios

novos.

Se minha vida com Albertine devia impedir-me de ir a Veneza, de viajar, pelo menos eu teria

podido, há pouco, se estivesse sozinho, conhecer as jovens *midinettes* espalhadas ao sol daquele belo

domingo e em cuja beleza eu colocava uma grande parte da vida desconhecida que as animava. Os

olhos que vemos não estão inteiramente penetrados por um olhar cujas imagens, lembranças,

expectativas, desdéns não conhecemos e dos quais não os podemos separar? Essa existência, que é a

da criatura que passa, não haverá de dar, conforme ela seja, um valor variável ao franzir das

sobrancelhas, à dilatação das narinas? A presença de Albertine me impedia de ir ter com elas e talvez,

desse modo, de cessar de desejá-las. Aquele que quer manter em si mesmo o desejo de continuar a viver

e a crença em algo mais delicioso que as coisas costumeiras, deve passear; pois as ruas e as avenidas

estão cheias de Deusas. Mas as Deusas não permitem que nos aproximemos delas. Aqui e ali, entre as

árvores, à entrada de qualquer botequim, uma criada velava como uma ninfa à entrada de um bosque

sagrado, enquanto que ao fundo três moças estavam sentadas junto ao imenso arco de suas bicicletas

colocadas a seu lado, como três imortais debruçadas da nuvem ou do fabuloso corcel sobre o qual

realizavam suas viagens mitológicas. Reparei que de cada vez que Albertine encarava aquelas moças

por um instante, com profunda atenção, logo se voltava para mim. Mas eu não

me atormentava muito

nem com a intensidade dessa contemplação, nem com a brevidade que a intensidade compensava; de

fato, quanto a esta última; ocorria muitas vezes que Albertine, fosse por cansaço, fosse por maneira de

olhar própria de pessoa atenta, considerava assim, numa espécie de meditação, seja meu pai ou seja

Françoise; e, quanto à sua rapidez em voltar-se para mim, podia ser motivada pelo fato de que Albertine,

conhecendo minhas suspeitas, podia querer, mesmo não sendo justificadas, evitar provocá-las. Aliás,

essa atenção, que teria me parecido culposa da parte de Albertine (e tanto quanto o seria se tivesse por

objeto os rapazes), eu a dava, sem me sentir absolutamente culpado - e achando que Albertine o era por

me impedir, com sua presença, de parar e descer-, a toda às *midinettes*. A gente acha inocente desejar e

atroz que o outro deseje. E esse contraste entre o que diz respeito, ou a nós ou então àquela a quem

amamos, não se refere unicamente ao desejo, mas também à mentira. Haverá coisa mais usual que ela,

quer se trate, por exemplo, de encobrir as fraquezas diárias de uma saúde que se deseja impingir como

boa, quer se trate de dissimular um vício, ou de ir, sem causar mágoa a outrem, à coisa que se prefere? A

mentira é o instrumento mais necessário de conservação, e o mais utilizado. Ora, justo ela que temos a

pretensão de banir da vida daquela a quem amamos, é ela que espionamos, é ela que farejamos, que

detestamos por todo canto. Ela nos perturba, é bastante para provocar um rompimento, parece esconder

as maiores faltas, a menos que não as esconda tão bem que não as suspeitemos. Estranho estado esse

em que ficamos de tal modo sensíveis a um agente patogênico que a sua difusão universal torna

inofensivo para os outros e tão grave para o infeliz que acaba por não ter mais imunidade contra ele! A

vida dessas lindas jovens (devido a meus longos períodos de reclusão, eu as encontrava tão raramente)

me parecia, como se dá com todos aqueles a quem a facilidade de realizações não amorteceu a potência

de conceber, algo tão diverso do que eu conhecia, tão desejável, como as mais maravilhosas cidades que

a viagem promete. A decepção causada pelas mulheres que eu conhecera, nas cidades aonde fora, não

me impedia de me deixar levar pela atração de outras e de crer na sua realidade.

Assim, da mesma forma que ver Veneza - Veneza, de quem eu sentia também a nostalgia

naqueles dias primaveris e que o casamento com Albertine me impediria de conhecer-ver Veneza num

panorama que Ski talvez tivesse declarado ser mais belo de tonalidade que a cidade real, em nada me

teria substituído a viagem a Veneza, viagem cuja distância, determinada sem minha participação, parecia-

me indispensável transpor da mesma forma, por mais bonita que fosse a *midinette* que uma alcoviteira

me obtivesse artificialmente, não poderia em nada substituir, para mim, aquela que, rebolando os quadris,

passava naquele instante sob as árvores, rindo com uma amiga. A que eu pudesse ter encontrado num

bordel, ainda que fosse mais bonita, não seria a mesma coisa, pois não olhamos para os olhos de uma

garota que não conhecemos como o faríamos para uma plaqueta de opala ou de ágata. Sabemos que o

pequeno raio de luz que os irisa ou os grãos de brilhante que os fazem cintilar são tudo o que podemos

ver de um pensamento, de uma vontade, de uma memória, onde residem a casa de família que não

conhecemos, os amigos queridos que invejamos. Chegara apossar-nos de tudo isso, que é tão difícil, tão

arisco, é o que dá ao olhar o seu valor, muito mais do que a simples beleza material (pelo que se pode

explicar que um rapaz desperte todo um romance na imaginação de uma mulher que ouviu dizer que ele

era o príncipe de Gales, e que não lhe dê mais atenção ao saber que se enganou); encontrar a *midinette*

no bordel é encontrá-la vazia dessa vida ignorada que a penetra, e que aspiramos possuir com ela, é nos

aproximarmos de olhos que de fato se tornaram simples pedras preciosas, de um nariz cujo franzir é tão

destituído de significado como o de uma flor. Não, essa *midinette* desconhecida

que ali passava, e da

qual me parecia tão indispensável, se eu quisesse continuar a crer na sua realidade, experimentar-lhe as

resistências adaptando-lhes o meu procedimento, arriscando-me a ouvir desaforos, voltando à carga,

obtendo um encontro, esperando-a à saída do emprego, conhecendo episódio por episódio tudo o que

compunha a vida dessa garota, atravessando aquilo de que se formava para ela o prazer que eu

procurava e a distância que seus hábitos diversos e sua vida especial colocavam entre mim e a atenção,

o favor que eu queria atingir e captar quanto fazer uma longa viagem de trem se eu quisesse acreditar na

realidade de Pisa, que eu veria e que não seria apenas um espetáculo de exposição universal. Mas as

próprias semelhanças que existem entre o desejo e a viagem fizeram com que eu prometesse a mim

mesmo penetrar um pouco mais fundo na natureza dessa força invisível mas tão poderosa como as

crenças, ou como, no mundo físico, a pressão atmosférica, que erguia tão alto as cidades, as mulheres,

enquanto eu não as conhecia, e que se ocultava debaixo delas logo que eu me aproximava, fazendo-as

desabar repentinamente no terra-a-terra da mais trivial realidade. Mais adiante, uma outra mocinha

estava de joelhos junto a sua bicicleta, consertando-a. Uma vez terminados os reparos, a jovem ciclista

montou na bicicleta, mas sem cavalgá-la como o teria feito um homem. Por um momento a bicicleta

balançou, e o jovem corpo parecia ter adquirido um véu, uma asa imensa, e logo vimos afastar-se a toda

velocidade a jovem criatura meio humana, meio alada, anjo ou *perl* prosseguindo a sua viagem.

Eis do que exatamente me privava a presença de Albertine, a minha vida com Albertine. Do que

me privava? Não deveria eu pensar do que, ao contrário, ela me gratificava?

Se Albertine não vivesse comigo, se ela fosse livre, eu teria imaginado, e com razão, todas essas

mulheres como objetos possíveis e prováveis do seu desejo, do seu prazer. Elas me apareceriam todas

como essas dançarinas que, num balé diabólico, representando as Tentações para uma pessoa, atiram

suas flechas no coração de outra. As *midinettes*, as moças, as atrizes, como as teria odiado! Objeto de

horror, seriam excluídas por mim da beleza do universo. O cativeiro de Albertine, permitindo-me não mais

sofrer por causa delas, restituía-as à beleza do mundo.

Inofensivas, tendo perdido o aguilhão que enfia no coração o ciúme; era-me permitido admirá-las,

afagá-las com o olhar, talvez mais intimamente em outro dia. Encerrando Albertine, eu ao mesmo tempo

devolvera ao universo todas aquelas asas reluzentes que sussurravam nas avenidas, nos bailes, nos

teatros, e que se tornavam tentadoras para mim porque ela já não podia sucumbir à sua tentação: Elas

compunham a beleza do mundo. Tinham feito antigamente a de Albertine. Porque a vira como um

pássaro misterioso, depois como uma grande atriz da praia, desejada, talvez conquistada, é que eu a

achara maravilhosa. Uma vez cativo em minha casa o pássaro que eu tinha visto uma tarde caminhar a

passos vagarosos sobre o molhe, cercado da congregação das outras jovens semelhantes à gaivotas

vindas não se sabe de onde, Albertine perdera todas as suas cores, com todas as chances que os outros

tinham de a possuir. Aos poucos perdera a sua beleza. Eram necessários passeios como este, em que eu

a imaginava sem mim, abordada por tal mulher ou tal rapaz, para que eu a revisse no esplendor da praia,

ainda que o meu ciúme estivesse num plano diverso do que o declínio dos prazeres de minha

imaginação. Mas, apesar desses bruscos sobressaltos em que, desejada por outros, ela se me tornava

bela outra vez, eu bem podia dividir sua temporada em minha casa em dois períodos: o primeiro, em que

ela era ainda, embora menos a cada dia, a reluzente atriz da praia; e o segundo, em que, transformada

na sombria prisioneira, reduzida a seu eu amortecido, eram-lhe precisos esses clarões, em que eu me

recordava do passado, para lhe restituir as cores.

Às vezes, nas horas em que ela me era mais indiferente, voltava-me a lembrança de um momento

longínquo em que, na praia, quando ainda não a conhecia, não longe de certa senhora com quem eu

estava em muito maus termos e com a qual agora estava quase seguro de que ela tivera relações,

Albertine desatava a rir, olhando-me de modo insolente. O mar, brunido e azul, sussurrava em torno; ao

sol da praia, Albertine, no meio de suas amigas, era a mais bela, era uma garota magnífica, que, no

quadro habitual de águas imensas, infligira-me aquela afronta, preciosa para a dama que a admirava. Tal

afronta era definitiva, pois a dama talvez voltasse a Balbec, talvez constatasse a ausência de Albertine na

praia luminosa e sussurrante. Ignorava, porém, que a moça vivia em minha casa, só para mim. As águas

imensas e azuis, o esquecimento das preferências que tinha por esta moça e que se dirigiam a outras,

haviam recaído sobre a afronta que me fizera Albertine, prendendo-a num deslumbrante e infrangível

escrínio. Então o ódio por aquela mulher me mordia o coração; também por Albertine, mas um ódio

mesclado de admiração pela bela jovem adulada, de maravilhosa cabeleira, e cujo estalar de riso na praia

era uma afronta. A vergonha, o ciúme, a recordação dos primeiros desejos e do quadro cintilante haviam

devolvido a Albertine a sua beleza, o seu valor de outrora. E assim alternava,

com o tédio um tanto

pesado que eu sentia junto dela, um desejo fremente, cheio de imagens magníficas e saudades,

conforme ela estivesse a meu lado no quarto, ou eu lhe restituísse a liberdade em minha memória, no

molhe, em seus alegres trajes de praia, ao sabor dos instrumentos de música do mar. Albertine, ora saída

desse ambiente, possuída e sem grande valor, ora mergulhada nele, escapando-me num passado que eu

não poderia conhecer, ofendendo-me junto àquela senhora, junto da amiga, tanto quanto o salpico das

ondas ou a ofuscação do sol, Albertine recolocada na praia ou reposta no meu quarto, numa espécie de

amor anfíbio.

Além, um grupo numeroso jogava bola. Todas essas meninas tinham querido aproveitar o sol, pois

esses dias de fevereiro, mesmo quando são tão brilhantes, não duram até tarde, e o esplendor de sua luz

não atrasa a vinda de seu declínio. Antes que este chegasse, tivemos um pouco de penumbra, porque,

depois de descer até o Sena, onde Albertine admirou -e com sua presença me impediu de admirar os

reflexos de velas vermelhas sobre a água azul e invernal, uma casa de telhas acocorada ao longe como

uma única papoula no claro horizonte de que Saint-Coud parecia, mais longe ainda, a petrificação

fragmentária, friável e cheia de pregas, saltamos do carro e caminhamos por muito tempo. Durante

alguns momentos eu até lhe dava o braço, e parecia-me que o anel que o seu braço fazia sob o meu unia

numa só criatura nossas pessoas e ligava nossos destinos um ao outro. A nossos pés, nossas sombras

paralelas, mais juntas e aproximadas, formavam um desenho encantador. Sem dúvida já me parecia

maravilhoso em casa que Albertine morasse comigo, que fosse ela quem se estendesse em minha cama.

Mas era como a exportação para fora, em plena natureza, que diante daquele lago de Bois, de

que eu tanto gostava, ao pé das árvores, que fosse justamente a sua sombra, a sombra pura e

simplificada de sua perna, de seu busto, que o sol tivesse de pintar numa aquarela, ao lado da minha,

sobre a areia da alameda. E eu achava um encanto, mais imaterial sem dúvida, porém não menos íntimo,

na aproximação, na fusão de nossas sombras do que na de nossos corpos. Depois voltamos para o

carro. E este tomou por pequenas alamedas sinuosas onde as árvores de inverno, vestidas de heras e de

sarças, como ruínas, pareciam levar à casa de um mágico. Mal saímos de sua cobertura ensolarada,

encontramos, para deixar o Bois; o dia claro, tão claro ainda que eu julgava ter tempo de fazer tudo o que

desejava antes de jantar, quando, só alguns instantes depois, no momento em que

nosso carro se

aproximava do Arco do Triunfo, foi com um brusco movimento de surpresa e pavor que avistei, sobre

Paris, a lua cheia e prematura, como o mostrador de um relógio parado que nos faz pensar que estamos

atrasados. Tínhamos dito ao cocheiro que voltasse para casa. Para Albertine, era também voltar para a

minha casa. A presença das mulheres que precisam nos deixar para regressar a casa, por mais amadas

que sejam, não nos dá essa paz que eu desfrutava na presença de Albertine, sentada no fundo do carro a

meu lado, presença que nos encaminhava; não ao vazio das horas em que se fica separado, mas à

reunião mais estável ainda e melhor definida dentro do meu lar, que também era o seu símbolo material

do meu poder sobre ela. É claro que, para possuir, é preciso ter desejado. Não passamos uma linha, uma

superfície, um volume, sem que nosso amor o ocupe. Mas Albertine não fora para mim, durante nosso

passeio, como Rachel o fora antigamente, uma poeira vã de carne e tecidos. A imaginação de meus

olhos, de meus lábios, de minhas mãos, tinha, em Balbec, tão solidamente construído e tão ternamente

cinzelado o seu corpo, que agora naquele carro, para tocar esse corpo, por contê-lo, eu não tinha

necessidade de me apertar contra Albertine, nem mesmo vê-la, bastava-me ouvi-la, e, se ela se calava,

sabê-la junto a mim; meus sentimentos retrançados envolviam-na inteirinha e, quando, chegando em

frente da casa, ela desceu com toda a naturalidade, eu parei um instante para dizer ao chofer que

voltasse para me buscar, mas meus olhares ainda a envolviam, enquanto ela desaparecia sob o arco, e

era sempre essa mesma calma inerte e doméstica o que eu desfrutava ao vê-la assim pesada, purpúrea,

opulenta e cativa, entrar naturalmente em casa comigo, como uma mulher que fosse minha, e, protegida

pelos muros, desaparecerem nossa casa.

Infelizmente, ela parecia sentir-se prisioneira e ser da opinião daquela Sra. de La Rochefoucauld,

que, como lhe perguntassem se não estava contente por viver numa residência tão bonita como

Liancourt, respondeu que "não existe uma bela prisão", a julgar pelo ar tristonho e cansado que exibiu

aquela noite durante o jantar, nós dois sozinhos no seu quarto. A princípio não reparei nisso; e eu é que

fiquei desolado ao pensar que, se não fosse Albertine (pois com ela eu teria de morrer de ciúmes num

hotel onde ela ficaria o dia todo em contato com tantas pessoas), poderia naquele instante estar jantando

em Veneza, numa daquelas pequenas salas de jantar de teto rebaixado como um porão de navio, e de

onde se vê o Grande Canal através de janelinhas arqueadas em molduras mouriscas.

Devo acrescentar que Albertine admirava muito, em nossa casa, um grande bronze de

Barbedienne, que com muita razão Bloch achava extremamente feio. Tinha-a menos talvez de se admirar

que eu o conservasse. Eu jamais buscara, como ele, fazer um conjunto de mobílias artísticas, compor

peças, era preguiçoso demais para isso, muito indiferente ao que estivesse habituado a ter diante dos

olhos. Já que o meu gosto não se preocupava, eu tinha o direito de não matizar os interiores. Apesar

disso, poderia talvez me desfazer do bronze. Mas as coisas feias e extravagantes são utilíssimas, pois

têm, junto às pessoas que não nos compreendem, que não têm o nosso gosto, e das quais podemos

estar enamorados, um prestígio que não teria uma peça ilustre que não revela a sua beleza. Ora, as

pessoas que não nos compreendem são justamente as únicas junto às quais pode nos ser útil usar de um

prestígio diante de criaturas superiores apenas por sermos inteligentes. Por mais que Albertine

principiasse a ter um certo gosto, ela ainda mostrava algum respeito por aquele bronze; e esse respeito

se refletia sobre mim numa consideração que, vindo dela, importava-me infinitamente mais do que

conservar um bronze um tanto desonroso, visto que amava Albertine.

Mas a idéia da minha escravidão cessou de repente de me pesar, e eu aspirava a prolongá-la

ainda mais, pois parecia-me perceber que Albertine sentia cruelmente a sua. Sem dúvida, cada vez que

eu lhe perguntava se não se aborrecia em minha casa, dizia-me sempre que não sabia onde poderia ser

mais feliz. Muitas vezes, porém, tais palavras eram desmentidas por um ar de nostalgia, de nervosismo.

Certamente, se ela tivesse os gostos que eu julgara que possuísse, esse impedimento de jamais

satisfazê-los deveria ser tão irritante para ela como tranqüilizador para mim; tranqüilizador a ponto de que

a hipótese de que a acusara injustamente teria me parecido a mais verossímil, se nela não encontrasse

muita dificuldade em explicar aquele cuidado extraordinário que Albertine punha em nunca estar sozinha,

nunca estar livre, em nunca parar um momento diante da porta ao entrar, em se fazer acompanhar

ostensivamente, cada vez que ia telefonar, por alguém que pudesse me repetir as suas palavras, por

Françoise, por Andrée, em me deixar sempre sozinho com esta última, sem dar a impressão que fosse de

propósito quando tinham saído juntas, para que eu pudesse obter um relatório minucioso de sua saída.

Com essa maravilhosa docilidade, contrastavam certos movimentos de impaciência, logo reprimidos, que

me fizeram especular se Albertine não teria formado o projeto de romper as cadeias. Alguns fatos

acessórios apoiavam minha suposição. Assim, um dia em que eu saíra sozinho,

tendo encontrado Gisele

perto de Passy, conversamos de uma coisa ou outra.

Em pouco, muito feliz de poder informá-la, disse-lhe que via Albertine constantemente. Gisele me

perguntou onde poderia encontrá-la, pois tinha justamente uma coisa a lhe dizer.

- O que é?

- Coisas das amiguinhas dela.

- Que amiguinhas? Eu podia talvez lhe informar, o que não impediria que você a procurasse

depois.

- Oh, amigas de antigamente; não me recordo os seus nomes - respondeu Gisele com um ar vago,

batendo em retirada.

Deixou-me, julgando ter falado com tanta prudência que tudo só me poderia parecer bem claro.

Mas a mentira é tão pouco exigente, necessita de tão pouco para se manifestar! Se se tratasse de

amiguinhas de antigamente, de quem ela nem mesmo recordava os nomes, por que precisaria

justamente falar delas a Albertine? Este advérbio, bem parecido a uma expressão cara à Sra. Cottard:

"isso vem a calhar" - só podia aplicar-se a uma coisa especial, oportuna, talvez urgente, referindo-se a

pessoas determinadas. Aliás, nada como a forma de abrir a boca, como quando se vai bocejar, com um

ar vago ao me dizer (e quase recuando com o corpo, desde que dava marcha a ré a partir daquele

momento na nossa conversa):

- Ah, não sei, não me lembro dos seus nomes - para fazer de seu rosto e, combinado com ele, da

sua voz, um rosto de mentira, da mesma forma que o ar bem diverso, conciso, animado, indiscreto do

"tinha justamente", significava uma verdade. Nada mais perguntei a Gisele. De que adiantaria? Certo, ela

não mentia da mesma maneira que Albertine.

E evidentemente as mentiras desta me doíam mais. Porém havia entre elas um ponto comum, o

próprio fato da mentira que, em certos casos, é uma evidência. Não da realidade que se oculta sob essa

mentira. Sabemos que, embora cada assassino em particular pense ter, realizado tão bem o seu trabalho

que nunca será descoberto, ele é quase sempre é capturado. Contrariamente, os mentirosos raramente

são apanhados e, entre eles; mais especialmente as mulheres que amamos. Ignoramos aonde ela foi, o

quê andou fazendo lá, mas, no momento mesmo em que ela fala, quando fala de outra coisa sob a qual

está o que ela não diz, a mentira é logo descoberta. E o nosso ciúmes redobra, pois percebemos a

mentira e não chegamos a conhecer a verdade. Em Albertine, a sensação da mentira era dada por

diversas particularidades que já vimos no decorrer desta narrativa, mas principalmente pelo fato de que,

ao mentir, o seu relato pecava ou por insuficiência, omissão, inverossimilhança, ou, ao contrário, por

excesso de pequenos fatos destinados a torná-lo verossímil. O verossímil, apesar do que o mentiroso

imagina, não é de modo algum a verdade. Quando, ao se ouvir alguma coisa verdadeira, escuta-se algo

que é apenas verossímil, que o é talvez mais que a verdade, que o é talvez demais, o ouvido um tanto

musical sente que não é exatamente aquilo, como se dá com um verso errado, ou uma palavra lida em

voz alta por outra pessoa. O ouvido o sente e, se amamos, o coração se alarma. Por que não

considerarmos então, quando mudamos toda a nossa vida por não sabermos se uma mulher passou pela

rua de Berri ou pela rua Washington, por que não considerarmos que esses poucos metros de diferença,

e a própria mulher, serão reduzidos a um centésimo milionésimo de seu tamanho (isto é, a uma grandeza

que não podemos distinguir), para isso bastando-nos ter a prudência de ficar alguns anos sem ver tal

mulher, e o que era um Gul iver, em bem maiores proporções, se tornará uma *liliputiana* que nenhum

microscópio-ao menos o do coração, pois o da memória indiferente é mais poderoso e menos frágil-terá

condições de perceber. Seja como for, se havia um ponto em comum -a própria

mentira-entre as de

Albertine e de Gisele, esta, contudo, não mentia da mesma forma que Albertine, tampouco da mesma

maneira que Andrée, mas suas respectivas mentiras se encaixavam tão bem umas nas outras,

apresentando sempre grande variedade, que o pequeno grupo exibia a solidez impenetrável de certas

firmas comerciais, de livraria ou de imprensa por exemplo, onde o infeliz autor jamais há de chegar a

saber, a despeito da diversidade das personalidades componentes, se está sendo logrado ou não. O

diretor do jornal ou da revista mente com uma atitude de sinceridade tanto mais solene quanto precisa

dissimular em várias ocasiões que faz exatamente a mesma coisa, e se entrega às mesmas práticas

mercantis que condena em outros diretores de jornal ou de teatro, em outros editores, quando tomou

partido, erguendo contra eles o estandarte da Sinceridade. O fato de ter proclamado (como chefe de um

partido político, como qualquer coisa) ser atroz mentir, obriga na maioria das vezes a mentir mais que os

outros, sem por isso abandonar a máscara solene, nem depor a tiara augusta da sinceridade. O sócio do

"homem sincero" mente de outra forma e de modo mais ingênuo. Engana o autor como engana a mulher,

com truques de *vaudeville*. O secretário da redação, homem honesto e grosseiro, mente com

simplicidade, como o arquiteto que nos promete que nossa casa ficará pronta numa ocasião em que ela

nem sequer estará começada. O redator-chefe, alma angélica, rodopia entre outros três, e, sem saber de

que se trata, leva-lhes, por escrúpulo fraterno e carinhosa solidariedade, o auxílio precioso de uma

palavra insuspeita.

Estes quatro personagens vivem em constantes dissensões que a chegada do autor faz cessar.

Acima das rixas particulares, cada qual se lembra do grande dever militar devida em ajuda ao "corpo"

ameaçado. Sem o perceber, eu há muito vinha exercendo o papel desse autor diante do "pequeno

grupo". Se Gisele havia pensado, ao dizer "justamente", em determinada amiguinha de Albertine disposta

a viajar com ela desde que minha amiga, sob qualquer pretexto, deixasse-me, e em avisar Albertine de

que era chegada a hora, ou que em breve chegaria, teria preferido deixar-se fazer em pedaços a dizê-lo.

Então, era de todo inútil fazer-lhe perguntas.

Encontros como os de Gisele não eram os únicos a acentuar as minhas dúvidas. Por exemplo, eu

admirava as pinturas de Albertine. E estas, distrações comoventes da cativa, impressionaram-me tanto

que lhe dei meus parabéns.

- Não, são muito ruins, e eu nunca tive uma aula sequer de desenho.

- Mas certa noite, em Balbec, você me disse que tinha ficado para ter uma aula de desenho.

Lembrei-lhe o dia e falei que entendera logo que não se davam lições de desenho àquela hora.

Albertine enrubesceu.

- É verdade -disse -, eu não tomava lições de desenho, menti muito para você a princípio, isto eu

reconheço. Mas não minto mais.-

Eu tanto quisera saber quais eram as numerosas mentiras do princípio! Mas de antemão sabia

que suas confissões seriam novas mentiras. Assim, limitei-me a beijá-la. Perguntei-lhe apenas qual era

uma dessas mentiras. Respondeu:

- Por exemplo: sim, que o ar marinho me fazia mal.-

Deixei de insistir diante daquela má vontade.

Toda criatura amada, e até, em certa medida, qualquer criatura, é para nós como o deus Jano,

apresentando-nos a fronte que nos agrada, se essa criatura nos abandona, e a fronte sombria se a temos

à nossa disposição permanente. Quanto a Albertine, a convivência duradoura com ela apresentava algo

penoso de outra forma que não posso contar nesta narrativa. É terrível ter a vida de outra pessoa ligada à

nossa como uma bomba que não podemos largar sem cometer um crime. Mas tomem-se como

comparação os altos e baixos, os perigos, a inquietude, o medo de ver

acreditadas mais tarde coisas

falsas e verossímeis que já não será possível explicar, sentimentos por que se passa quando se tem na

intimidade um louco. Por exemplo, eu sentia pena de que o Sr. de Charlus vivesse com Morel (logo a

lembrança da cena da tarde me fez sentir o lado esquerdo do peito bem mais pesado que o outro);

deixando de lado as relações que pudessem ter ou não juntos o Sr. de Charlus, no princípio, deveria

ignorar que Morel era louco. A beleza desta; sua chatice e arrogância, deveriam ter desviado o barão de ir

procurar tão longe, até aos dias de melancolia em que Morel acusava o Sr. de Charlus por sua tristeza,

sem poder dar explicações, insultava-o por sua desconfiança com o auxílio de arrazos dos falsos, porém

extremamente sutis, ameaçava-o com resoluções desesperadas - no meio das quais persistia a mais

velhaca intenção do interesse mais imediato. Tudo isto é apenas comparação. Albertine não era louca.

Para lhe fazer parecer menos penoso o seu jugo, o mais hábil se me afigurou fazê-la crer que eu

próprio ia rompê-lo. Em todo caso, não podia confiar-lhe naquele momento semelhante projeto mentiroso,

quando voltara tão amável do Trocadero, agora há pouco; o que eu podia fazer, muito longe de afligi-la

com a ameaça de um rompimento, era quando muito calar os sonhos de perpétua vida comum que meu

coração reconhecido formava. Olhando-a, esforçava-me por evitar desabafá-los, e talvez ela o

percebesse.

Infelizmente, a expressão deles não é contagiosa. O caso de um velho amaneirado como o Sr. de

Charlus, que, à força de só ver, na imaginação, um rapaz simpático, julga tornar-se ele próprio um rapaz

simpático e tanto mais quanto mais se torna amaneirado e ridículo, é o caso mais geral. E que desgraça

para um amante apaixonado não perceber que, ao passo que vê um belo rosto à sua frente, sua amante

está vendo o dele, que, ao contrário, não fica mais belo quando se deforma pelo prazer que nele faz

surgir a vista da beldade. E o amor nem mesmo esgota toda a generalidade desse caso; não vemos o

nosso corpo, que os outros vêem, e "seguimos" o nosso pensamento, objeto invisível aos outros que está

à nossa frente. Tal objeto, por vezes o artista o expõe em sua obra. Daí decorre que os admiradores

desta sentem-se desiludidos pelo autor, em cujo rosto essa beleza interior imperfeitamente se refletiu.

Guardando de meu sonho de Veneza apenas o que podia referir-se a Albertine e suavizar o tempo

que ela passava em minha casa, falei-lhe de um vestido de Fortuny que era necessário que

encomendássemos por aqueles dias. Eu procurava saber com que novos prazeres poderia distraí-la.

Gostaria de poder fazer-lhe a surpresa de lhe dar, se fosse possível achá-las, peças de velha prataria

francesa. De fato, quando tínhamos feito o projeto de possuir um iate, projeto julgado irrealizável por

Albertine-e por mim mesmo, cada vez que pensava que ela fosse virtuosa e a vida com ela principiava

logo a parecer-me tão ruinosa quanto impossível o nosso casamento-, tínhamos pedido conselhos a

Elstir, sem que ela no entanto acreditasse que eu compraria um.

Soube que naquele dia ocorrera um falecimento que me deu muita pena, o de Bergotte. Era

sabido que sua enfermidade vinha de muito tempo. Evidentemente, não a que o afligira no começo, e que

era natural. A natureza parece quase incapaz de produzir doenças que não sejam muito curtas. Mas a

medicina acrescenta-lhes a arte de prolongá-las. Os remédios, a remissão que oferecem, o mal-estar que

sua interrupção faz renascer, compõem um simulacro de doença que o hábito do paciente acaba por

estabilizar, por estilizar, assim como as crianças tossem regularmente por muito tempo depois de estarem

curadas da coqueluche. E depois os remédios agem menos, e aumentam-lhes sua dose, eles não fazem

mais nenhum bem, mas começaram a fazer mal graças a essa indisposição duradoura. A natureza não

lhes teria oferecido uma tão longa duração. É uma maravilha que a medicina, quase igualando a

natureza, possa forçar o doente a ficar de cama, a continuar tomando, sob pena de morte, o uso de um

medicamento. Desde então, a doença superficialmente fitada cria raízes, torna-se mal-estar secundário;

porém verdadeira, com a diferença de que as doenças naturais se curam, mas nunca as que a medicina

acredita, pois ela ignora o segredo da cura. Havia anos em que Bergotte já não saía de sua casa. Aliás,

ele jamais gostara da sociedade. Fazia estar nela apenas um dia, para despreza-la como tudo o mais a

sociedade que era a sua; não desprezar porque não podia obter, mas logo depois, por obtê-la. Vivia de

modo tão simples que não se suspeitava quão era rico; logo depois que alguém o soubesse, estaria

enganado julgando-o avaro; quando na verdade ninguém fora tão generoso. Era-o sobretudo com

mulheres, com as meninas, que ficavam envergonhadas, pois sabiam que nunca poderiam receber tanto

por tão pouco. Desculpava-se aos próprios olhos porque sabia que nunca podia produzir tão bem mesmo

na atmosfera de se sentir enamorado. O amor, melhor dizendo, o prazer tanto entranhado na carne,

auxilia no trabalho das letras; porque anula outros prazeres, por exemplo os prazeres da sociedade, que

são os que aniquilam o mundo. E, mesmo se esse amor traz desilusões, ao menos também agita a

superfície da alma, que sem isso se arriscaria a ficar estagnado. Desse modo o

desejo não é inútil para o

escritor, pois primeiro o afasta dos outros homens e de adaptar-se a eles; e em seguida restitui algum

movimento a uma máquina espiritual que depois de certa idade, tende a se imobilizar. Não se chega ser

feliz, entretanto conhece-se as razões que impedem de sê-lo e que sem as fendas bruscamente abertas

pela decepção permaneceriam invisíveis. Os sonhos, não são realizáveis, bem sabemos; não os

conceberíamos talvez sem o desejo, para os ver fracassarem e para que seu fracasso nos sirva de

consolo útil. Assim Bergotte dizia consigo: "Gasto com essas meninas mais que os multimilionários. Mas,

assim, os prazeres ou as decepções que me causam me fazem escrever livros e me dá dinheiro.” Do

ponto de vista econômico, tal raciocínio absurdo certamente encontrava Bergotte algum contentamento

em transmutar assim o ouro em carícias e as carícias em ouro. E depois, como antes da morte da minha

avó, sua velhice fatigada amava o repouso. E no mundo não existe mais que a conversação. Ali ela é

estúpida, mas tem o poder de suprimir as mulheres na sociedade; que se reduzem a perguntas e

respostas. Fora da sociedade, as mulheres voltam a ser de novo o que é tão repousante para o velho

cansado: um objeto de contemplação. Em todo caso agora já não se tratava de nada disso. Disse que

Bergotte não saía mais; quando se levantava por uma hora em seu quarto, ficava envolto em mantas,

tudo aquilo que serve para cobrir no momento em que está fazendo frio; ou ao subir para o vagão de um

trem. Desculpava-se com um sorriso expor-se; mostrando suas cobertas aos raros amigos que ainda

permitia que o visitassem e, dizia jovialmente: - Que se há de fazer, meu caro? Anaxágoras disse: a vida

é uma viagem. -

Assim, ele ia se resfriando progressivamente, pequeno planeta que oferecia uma imagem

antecipada dos últimos dias do grande, quando aos poucos se há de retirar da Terra o calor e depois a

vida. Então a ressurreição terá chegado ao fim, pois, por mais que brilhem as obras dos homens nas

gerações futuras, é necessário que os homens ainda existam. Se algumas espécies de animais resistem

por mais tempo ao frio invasor, quando não houver mais homens e supondo que a glória de Bergotte dure

até lá, vai extinguir-se bruscamente para sempre. Não serão os últimos animais que irão lê-lo, pois é

pouco provável que, como os apóstolos no Pentecostes, eles possam compreender a linguagem dos

diversos povos humanos sem a ter aprendido.

Nos meses que precederam a sua morte, Bergotte sofria de insônias e, o que é pior, de pesadelos

assim que adormecia, pesadelos que, se acordava, faziam com que evitasse voltar a dormir. Por muito

tempo gostara dos sonhos, mesmo os maus sonhos, pois graças a eles, graças à contradição que

apresentam com a realidade que temos diante de nós no estado de vigília, nos dão, o mais tardar logo

que despertamos, a sensação profunda de que dormimos. Mas os pesadelos de Bergotte não eram

assim. Quando ele falava de pesadelos, antigamente entendia por isso coisas desagradáveis que se

passavam no seu cérebro. Agora, era como vindas de fora que sentia uma mão munida de um esfregão

molhado que, passado em seu rosto por uma mulher malvada, esforçava-se por acordá-lo, intoleráveis

cócegas nos quadris, a raiva porque Bergotte havia murmurado do sono que ele conduzia mal de um

cocheiro louco furioso, que se atirava sobre o escritor e lhe mordia os dedos, e os serrava. Enfim, logo

que no seu sono a escuridão era suficiente, a natureza se encarregava de uma espécie de ensaio, sem

vestimenta, do ataque de apoplexia que o haveria de matar: Bergotte entrava num carro sob o pórtico do

novo palacete dos Swann, queria descer. Uma vertigem fulminante pregava-o no banco, o porteiro

tentava ajudá-lo a descer, ele ficava sentado sem poder se levantar e se firmar nas pernas. Procurava

arrimar-se ao pilar de pedra que estava à sua frente, mas não achava apoio

bastante para se pôr de pé.

Consultou os médicos que, lisonjeados por terem sido chamados por ele, viram em suas virtudes de

grande trabalhador (há vinte anos que ele já não fazia nada), no cansaço excessivo, a causa de seu mal-

estar. Aconselharam-no que não lesse contos de terror (ele não lia nada), a desfrutar mais do sol,

"indispensável à vida" (devia ao fato de viver enclausurado alguns anos de relativa melhora), a se

alimentar mais (o que o fez emagrecer e alimentou sobretudo os pesadelos). Sendo dotado do espírito de

contrariar e irritar o próximo, um dos médicos, quando Bergotte o recebia na ausência dos outros e, para

não constrangê-lo, submetia-lhe como idéias próprias o que os demais lhe haviam aconselhado, o

contradizia, achando que Bergotte procurava que lhe receitassem alguma coisa que lhe agradava, e logo

lhe proibia, muitas vezes com razões fabricadas tão depressa para as necessidades da causa que, diante

da evidência das objeções materiais opostas por Bergotte, o médico que o contradizia era forçado a

contradizer a si próprio na mesma frase, mas, por razões novas reforçava a mesma proibição. Bergotte

retornava a um dos primeiros médicos, homem metido a espirituoso, sobretudo diante de um dos mestres

da pena, e que; se Bergotte insinuava:

- Parece-me no entanto que o doutor X me havia dito (antigamente, é claro) que isto poderia

congestionar-me o rim e o cérebro...- sorria, malicioso, erguia o dedo e pronunciava:

- Eu disse usar, e não abusar. Fica entendido que todo remédio, se a gente exagera, torna-se uma

faca de dois gumes.-

Existe no nosso corpo um certo instinto daquilo que nos seja saudável, como no coração o do

dever moral, e que nenhuma autorização de um doutor em medicina ou em teologia pode substituir.

Sabemos que os banhos frios nos fazem mal; gostamos deles, achamos sempre um médico que os

aconselhe, e não para impedir que eles nos façam mal. De cada um desses médicos Bergotte obteve

licença para aquilo que, por cautela, abstivera-se durante anos. Ao fim de algumas semanas, os

acidentes de outrora haviam reaparecido, e os mais recentes tinham se agravado. Atormentado por um

sofrimento de todos os minutos, ao qual se acrescentava a insônia cortada de breves pesadelos, Bergotte

não mais chamou nenhum médico e tentou com êxito, mas com excesso, diversos narcóticos, lendo

confiantemente a bula que acompanhava cada um deles, bula que proclamava a necessidade do sono

mas insinuava que todos os produtos que o provocam (salvo o contido no frasco que ela envolvia e que

jamais causava intoxicação) eram tóxicos e por esse motivo faziam o remédio ficar pior que o mal.

Bergotte experimentou todos. Alguns são de família diversa daqueles a que estamos habituados,

derivados por exemplo da amila e do etilo. Não absorvemos o novo produto, de composição inteiramente

diversa, senão com a deliciosa expectativa da ignorância. O coração bate como num primeiro encontro.

Para que gêneros desconhecidos de sono, de sonhos, a recém-chegado vai nos levar? Está em nós

agora, possui a direção do nosso pensamento. De que maneira vamos adormecer? E, uma vez que

estivermos dormindo, por quais caminhos estranhos, sobre quais cimos, em que abismos inexplorados o

mestre todo-poderoso vai nos comandar? Que novo grupamento de sensações vamos conhecer nessa

viagem? Vai levar-nos ao mal-estar? À beatitude? À morte? A morte de Bergotte sobreveio na véspera

daquele dia, quando ele se confiara assim a um desses amigos (amigo? inimigo?) excessivamente

poderoso.

Morreu nas seguintes circunstâncias: uma crise de uremia bem leve fora motivo para que lhe

prescrevessem o repouso. Mas, tendo um crítico escrito que na *Vísta de Delft*, de Vermeer (emprestado

pelo museu de Haia para uma exposição holandesa), quadro que ele adorava e julgava conhecer muito

bem, havia um pequeno lanço de muro amarelo (de que não se lembrava) tão bem pintado que era, se

lhe fixassem o olhar, como uma preciosa obra de arte chinesa, de uma beleza que não bastava em si

mesma - Bergotte comeu algumas batatas, saiu da casa e foi à exposição. Logo aos primeiros degraus

que teve de subir, sentiu tonteiras. Passou diante de vários quadros e teve a impressão de secura e da

inutilidade de uma arte tão artificial, e que não valia as correntes de ar e os raios de sol de um palácio de

Veneza, ou de uma simples casa à beira-mar. Por fim chegou diante do Vermeer que ele recordava ser

mais cintilante, mais diverso de tudo o que conhecia, mas onde, graças ao artigo do crítico, reparou pela

primeira vez em pequenos personagens em azul, e que a areia era rósea, e, afinal, a preciosa matéria do

pedacinho bem pequeno de muro amarelo. Suas tonteiras aumentavam; não tirava os olhos do precioso

pedacinho de muro amarelo, como procede a criança com uma borboleta amarela a que pretende

agarrar.

- Assim é que eu deveria ter escrito – dizia.- Meus últimos livros são muito secos, seria preciso

passar-lhes diversas camadas de cor, tornar a minha frase preciosa em si mesma, como este pedacinho

de muro amarelo. - Entretanto, a gravidade de suas tonteiras não lhe escapava. Numa celeste balança

lhe aparecia, deposta num dos pratos, sua própria vida, ao passo que o outro continha o pedacinho de

muro tão bem pintado em amarelo. Sentia Bergotte haver dado imprudentemente a primeira pelo

segundo.- No entanto não gostaria - disse consigo - de ser para os jornais vespertinos a nota sensacional

desta exposição. - Repetia para si mesmo: "Pedacinho de muro amarelo com uma varanda, pedacinho de

muro amarelo." Nisso deixou-se cair num canapé circular; e subitamente parou de pensar que a vida

estava em jogo e, voltando ao otimismo, disse consigo: "É uma simples indigestão causada por aquelas

batatas mal cozidas, não é nada." Uma nova crise o derrubou, fazendo-o rolar do canapé para o chão;

acorreram todos os visitantes e guardas. Estava morto. Morto para sempre? Quem o pode afirmar? Certo,

as experiências espíritas, não mais que os dogmas religiosos, não provam que a alma subsiste. O que se

pode afirmar é que tudo se passa na nossa vida como se nela entrássemos com o fardo de obrigações

contraídas numa vida anterior; nas nossas condições de vida neste mundo, não há motivo algum para

que nos julguemos obrigados a praticar o bem, a ser delicados, ou mesmo corteses, e tampouco para que

o artista ateu se julgue obrigado a recomeçar vinte vezes um trabalho, cuja admiração que suscitará

pouco há de importar a seu corpo devorado pelos vermes, como o pedacinho de

muro amarelo que com

tanta ciência e requinte pintou um artista desconhecido para sempre, mal identificado pelo nome de

Vermeer. Todas estas obrigações, que não têm sanção na vida presente, parecem pertencer a um outro

mundo, fundado na bondade, no escrúpulo, no sacrifício, um mundo inteiramente diverso deste, e do qual

saímos para nascer nesta terra, antes talvez de voltar a viver nele sob o império dessas leis

desconhecidas, às quais temos obedecido porque trazíamos em nós o seu ensinamento, sem saber

quem as fizera, essas leis das quais nos aproximam todo trabalho profundo de inteligência e que apenas

são invisíveis -e ainda para os tolos. De modo que a idéia de que Bergotte não haja morrido para sempre

não é inverossímil.

Enterraram-no, mas durante toda a noite fúnebre, nas vitrinas iluminadas, seus livros, dispostos de

três em três, velavam como anjos de asas abertas e pareciam, para aquele que não existia mais, o

símbolo de sua ressurreição.

Como disse, soube naquele dia que Bergotte morrera. E me espantei com a falta de exatidão dos

jornais que reproduzindo uns e outros a mesma nota diziam que ele havia morrido na véspera. Ora, na

véspera Albertine se encontrara com ele, conforme contou-me na mesma noite, o

que até a atrasou um

pouco, pois ele havia conversado com ela por muito tempo. Sem dúvida fora com ela que Bergotte havia

tido a última conversa. Albertine o conhecia através de mim, que não o via há muito mais tempo, mas

como tivera a curiosidade de lhe ser apresentada, eu escrevera um ano antes ao velho mestre pedindo-

lhe autorização para levá-la à sua presença. Ele concordara com o pedido, embora um tanto magoado,

acho, por eu só ir revê-lo para agradar a outra pessoa, o que confirmava a minha indiferença por ele.

Esses casos são freqüentes; por vezes, aquele ou aquela que imploramos não pelo prazer de conversar

de novo com eles, mas por um terceiro, recusa de tal maneira obstinada que o nosso protegido julga que

nos vangloriamos de um falso poder; mais comumente, o gênio ou a beldade célebre consentem, mas,

humilhados em sua glória, feridos no seu afeto, só conservam por nós um sentimento diminuído,

doloroso, um pouco depreciativo. Adivinhei, muito depois, que acusara falsamente os jornais de

inexatidão, pois naquele dia Albertine de forma alguma se encontrara com Bergotte; porém no momento

não suspeitara de nada, porque ela me havia contado aquilo de modo tão natural, e só mais tarde percebi

a arte encantadora que ela possuía de mentir com simplicidade. O que ela dizia, o que confessava,

possuía de tal forma as mesmas características das coisas evidentes-do que vemos, do que aprendemos

de maneira irrefutável que ela semeava assim nos intervalos da vida os episódios de uma outra vida de

cuja falsidade então eu ainda não desconfiava. Aliás, haveria muito a discutir sobre essa palavra

falsidade. O universo é real para nós todos e dissemelhante para cada um. O testemunho dos meus

sentidos, se eu estivesse fora naquele momento, talvez me dissesse que uma certa senhora não dera

alguns passos em companhia de Albertine. Mas, se eu fosse informado do contrário, seria por um desses

encadeamentos de raciocínio (onde as palavras daqueles em que depositamos confiança inserem fortes

malhas) e não pelo testemunho dos sentidos. Para invocar tal testemunho, seria necessário que eu

tivesse estado precisamente lá fora, o que não ocorrera. No entanto, pode-se imaginar que uma tal

hipótese não é inverossímil. E então eu teria sabido que Albertine mentira. Mesmo assim, seria verdade?

O testemunho dos sentidos é igualmente uma operação do espírito onde a convicção cria a evidência.

Vimos muitas vezes o sentido da audição levar a Françoise não a palavra pronunciada, mas a que ela

julgava ser a verdadeira, o que bastava para que não ouvisse a retificação implícita de uma pronúncia

melhor. Nosso mordomo era feito da mesma massa. O Sr. de Charlus usava por

essa época pois mudava

muito calças demasiado claras e que seriam reconhecidas entre mil. Ora, o nosso mordomo, que julgava

que a palavra *pissotierez* (palavra que designa o que o Sr. de Rambuteau ficara indignado por ouvir o

duque de Guermantes denominar um "urinol Rambuteau") era *pistiere*, nunca ouviu em toda a vida uma

só pessoa dizer *pissotiere*, embora muitas vezes assim a pronunciassem diante dele. Mas o erro é mais

obstinado que a fé e não examina as próprias crenças. Constantemente o mordomo dizia:

[*pistieere*: mictório. N do T]

- Com certeza o Sr. barão de Charlus pegou uma doença para ficar assim tanto tempo numa

pistiere. Eis o que acontece com quem anda sempre atrás de mulheres. Acaba metido nessas calças.

Hoje de manhã, a patroa me mandou fazer compras em Neuilly. Na *pistiere* da rua de Bourgogne, vi

entrar o Sr. barão de Charlus. Voltando de Neuil y, uma boa hora mais tarde, vi suas calças amarelas na

mesma *pistiere*, no mesmo lugar, no meio, onde ele se põe sempre para que não o vejam. -

Eu não conhecia nada mais lindo, mais nobre nem mais jovem que uma certa sobrinha da Sra. de

Guermantes. Mas ouvi o porteiro de um restaurante aonde ia às vezes dizer à sua passagem:

- Olhem essa velha bruaca, que tipo! E tem pelo menos oitenta anos. -

Quanto à idade, parecia-me difícil que acreditasse no que dizia. Mas os criados que se agrupavam

em torno dele e que troçavam cada vez que ela passava diante do hotel para visitar tão longe dali as duas

tias-avós encantadoras, Sras. de Fezensac e de Bal eroy, viram na fisionomia dessa jovem beleza os

oitenta anos que, gracejando ou não, atribuíra o porteiro à "velha bruaca". Haveriam de se torcer de riso

se lhes dissessem que a moça era mais distinta que uma das duas caixeiras do hotel e que, embora roída

de eczemas, de uma gordura ridícula, parecia-lhes uma bela mulher. Talvez somente o desejo sexual

teria sido capaz de impedi-los de caírem no seu erro, caso ele houvesse agido à passagem da pretensa

"velha bruaca", e se aqueles criados tivessem de súbito cobiçado a jovem deusa.

Mas, por motivos ignorados e que provavelmente deviam ser de ordem social, tal desejo não se

manifestara.

Mas afinal eu poderia ter saído e ter passado na rua à hora em que Albertine me dissera, naquela

noite (sem me ter visto), que dera alguns passos em companhia da tal senhora. Uma obscuridade

sagrada se apoderou de meu espírito, eu teria posto em dúvida que a vira sozinha, mal teria procurado

compreender por que ilusão de ótica não havia percebido a senhora e não ficaria

mais espantado por me

haver iludido, pois o mundo dos astros é menos difícil de conhecer do que as ações reais dos seres,

sobretudo nos seres a que amamos, fortificados que são contra nossa dúvida por fábulas destinadas a

protegê-los. Durante quantos anos podem eles deixar que o nosso apático amor acredite que a mulher

amada tem no estrangeiro uma irmã, um irmão, uma cunhada que jamais existiram! De resto, se não

fôssemos obrigados, para a boa ordem da narrativa, a nos limitar a razões frívolas, quantas outras mais

sérias nos permitiriam mostrara insignificância mentirosa do princípio deste volume, onde, do meu leito,

ouço o despertar do mundo, ora num dia ensolarado, ora num dia chuvoso. Sim, fui obrigado a adelgaçar

a coisa e a ser mentiroso, mas não é só um universo, são milhões de universos que despertam todas as

manhãs, quase tão numerosos quantas são as pupilas e inteligências humanas.

Para voltar a Albertine, jamais conheci mulheres mais dotadas do que ela da engenhosa aptidão

para a mentira animada, colorida com os próprios matizes da vida, a não ser uma de suas amigas uma

das minhas moças em flor também, rósea como Albertine, mas cujo perfil irregular, reentrante aqui, além

proeminente, depois de novo reentrante, parecia-se exatamente a certos cachos de flores róseas de cujo

nome não me recordo e que têm, da mesma forma, longas e sinuosas reentrâncias. Esta moça era, do

ponto de vista da fabulação, superior a Albertine pois, naquilo que contava, não misturava nenhum dos

momentos dolorosos e subentendidos coléricos que eram freqüentes na minha amiga. No entanto, falei

que era encantadora quando inventava um relato que não deixava lugar a dúvidas, pois então víamos à

nossa frente a coisa - todavia imaginada - que ela dizia, servindo de vista a sua palavra. Era a minha

verdadeira percepção. Acrescentei: "o que ela confessava", e eis o motivo: às vezes certas aproximações

singulares me despertavam suspeitas ciumentas em que, ao lado delas figurava no passado ou, ai de

mim, no futuro, uma outra pessoa. Para ter certeza do que imaginava, dizia o nome e Albertine falava:

- Sim, encontrei-a há oito dias a poucos passos da casa. Por delicadeza, respondi ao seu

cumprimento. Dei alguns passos com ela. Mas nunca houve nada entre nós e jamais haverá.-

Ora, Albertine nem sequer se encontrara com essa pessoa, pela boa razão de que esta não vinha

à Paris há dez meses. Mas minha amiga achava que negar completamente era pouco verossímil. De

onde esse curto encontro fictício, narrado com tanta simplicidade que eu via a senhora, para dar-lhe bom-

dia, caminhar um pouco na sua companhia. Somente a verossimilhança havia

inspirado Albertine, de

modo algum o desejo de provocar ciúmes. Pois Albertine, talvez sem interesse, gostava que lhe fizessem

gentilezas. Ora, se no decorrer desta narrativa já tive e ainda terei muitas oportunidades de mostrar como

o ciúme reduplica o amor, foi no ponto de vista do amante que me coloquei. Porém, por menos brio que

este possua, mesmo que deva morrer após a separação, não responderá a uma traição suposta com uma

gentileza; ou se afastará ou, sem afastar-se, resolverá fingir indiferença. Portanto, é em pura perda para

si mesma que a amante o faz sofrer tanto. Ao contrário, se dissipar com uma palavra adequada e suaves

carinhos as suspeitas que o torturavam, embora bancasse o indiferente, sem dúvida o amante sentirá

aquele aumento desesperado do amor a que o eleva o ciúme, porém, deixando bruscamente de sofrer,

feliz, enternecido, acalmado como se é depois de uma tempestade, quando a chuva caiu e mal se

percebe ainda, sob os grandes castanheiros, pingarem a longos intervalos as gotas suspensas, coloridas

pelo sol que já reapareceu, não sabe ele como exprimir o seu reconhecimento àquela que o fez curar-se.

Albertine sabia que eu gostava de recompensá-la por suas gentilezas, e isso talvez explicava que ela

inventasse, para se inocentar, confissões naturais como essas histórias que eu não punha em dúvida, e

uma das quais fora o seu encontro com Bergotte quando ele já estava morto. Até então, das mentiras de

Albertine eu só conhecia aquelas que, por exemplo, contara-me Françoise em Balbec, a que não me

referi apesar de me terem feito muito mal.

"Como não queria vir, ela me disse: Será que não podia dizer a ele que não me encontrou, que eu

tinha saído?"

Mas os "inferiores" que nos amam, como Françoise me amava, têm prazer em ferir o nosso amor-

próprio.

Depois do jantar, disse a Albertine que desejava aproveitar o fato de haver deixado a cama para

visitar alguns amigos, a Sra. de Vil eparisis, a Sra. de Guermantes, os Cambremer, não sabia quantos,

mas aqueles que encontrasse em casa. Silenciei apenas os nomes a cuja residência pretendia ir, os

Verdurin. Perguntei a Albertine se não queria ir comigo. Alegou que não tinha vestido.

- E além disso, estou tão mal penteada. Você faz questão que eu continue a usar este penteado?

E, para se despedir, estendeu-me a mão com aquele modo brusco, de braço esticado, aprumando

os ombros, que tivera outrora na praia de Balbec, e que nunca mais mostrara. Este movimento esquecido

refez do corpo animado por ele o daquela Albertine que mal me conhecia ainda.

Devolveu a Albertine,

cerimoniosa sob a capa da brusquidão, a sua novidade primeira, o seu mistério, e até o seu ambiente.

Enxerguei o mar por detrás daquela moça a quem jamais vira cumprimentar-me daquele modo desde que

eu voltara de Balbec.

- Minha tia acha que isso me envelhece - acrescentou com ar de tédio. -

"Tomara que esteja certa", pensei. "Tudo o que a Sra. Bontemps deseja é que Albertine,

parecendo uma menina, a faça parecer mais jovem; e mais, que Albertine não lhe custe nada até o dia

em que, casando comigo, lhe traga vantagens." Mas que Albertine parecesse menos jovem, menos

bonita, fizesse voltarem-se menos na rua para vê-la, eis o que eu, pelo contrário, desejava. Pois a velhice

de uma aia não é tranqüilizadora para um amante ciumento como a velhice do rosto daquela a quem

ama. Só me incomodava que o penteado que lhe pedira que adotasse pudesse parecer a Albertine uma

reclusão a mais. E ainda foi este sentimento doméstico novo que não cessou de me ligar a Albertine,

mesmo longe dela.

Depois de dizer a Albertine, pouco disposta, segundo me confessara, a me acompanhar à casa

dos Guermantes ou dos Cambremer, que não sabia aonde iria, para a casa dos Verdurin. No momento

em que saía e que a idéia do concerto me recordou a cena da tarde: "grandessíssima puta,

grandessíssima que iria ouvir lá por despeitado, talvez do amor ciumento, mas desse modo tão bestial

como a que excetuadas as palavras, poderia fazer a uma mulher um orangotango enamorado dela. No

momento em que na rua ia chamar um fiacre, ouvi de um homem que estava sentado num frade-de-

pedra; soluços reprimidos, com o rosto nas mãos, parecia jovem e fiquei surpreendido à elegância; que

parecia, pela brancura que saía da capa, que estava vestindo. Ao ouvir-me, descobriu o rosto inundado

em lágrimas, havia me reconhecido e desviou a cara. Era Morel. Compreendeu que eu o reconhecia logo,

tentando estancar as lágrimas, disse que havia parado um momento porque estava desesperado.

- Hoje mesmo insultei grosseiramente - disse ele - uma pessoa que nutro sentimentos elevados.

Foi covardia, pois ela me ama.

- Talvez esqueça com o tempo - respondi, sem pensar, falando dessa maneira dava a entender

que ouvira a cena da tarde. Mas ele estava tão absorto em suas preocupações que nem lhe ocorreu que

eu pudesse saber de alguma coisa.

- Talvez mágoas que possa esquecer - Eu e que não poderei esquecer. Tenho e noção da minha

vergonha. Mas enfim está dito, nada pode fazer que não tenha sido dito. Quando tenho raiva, não sei

mais o que faço. E isso é tão ruim para mim. Quando sinto os nervos transtornados preocupo-me.

Pois Morel como todo neurastênico preocupava-se grandemente com a saúde.

Se, de tarde, eu vira um animal furioso cólera amor, agora, à noitinha, em poucas horas havia um

sentimento novo, um sentimento de vergonha, arrependimento; decorridos, todos entrecruzados uns

pelos outros pois, como todos mostrava que uma grande etapa fora vencida na evolução da besta a se

transformar em ser humano. Apesar de tudo, eu ouvia sempre besta desistir à "grandessíssima puta" e

temia uma recorrência próxima ao estado selvagem. Aliás, mal sabia o que se havia passado, e isto era

tanto mais natural quanto compreender; pois o Sr. de Charlus ignorava inteiramente que, desde alguns

dias em particular naquele dia vergonhoso, não se referia diretamente ao próprio, com o violinista. Morel

tivera nova crise de neurastenia. De fato, mesmo antes Morel havia apressado o quanto pudera, para o

mês anterior a sedução da sobrinha de Jupien, com que na qualidade de noivo, desejara que saísse a

seu gosto. Porém logo que fora um pouco longe demais em suas tentativas encontrara uma resistência

que o tinha exasperado; e sobretudo quando falara à noiva que se unisse a outras moças que o

proporcionariam. Fosse por que ela se mostrasse excessivamente casta, ou pelo contrário, se tivesse

cedido; seu desejo passou podia sair muito mais lentamente. Resolvera romper, receou que ela o

pusesse no olho do barão quando soubesse do rompimento. Pois o barão era mais moral, conquanto

vicioso, e talvez rompesse com ele. Assim, decidira há cerca de quinze dias não voltar a ver a noiva. De

repente sentindo que era melhor deixar que o Sr. de Charlus e Jupien se arranjassem e, antes de

anunciar a ruptura, resolvera sair pela rua sem destino. Fora sem dizer para onde.

O Amor, cujo desenlace o deixava um pouco triste; de modo que, embora a conduta que tivera

com a sobrinha de Jupien pudesse perfeitamente superpor-se, nos menores detalhes, àquela sobre a

qual teorizara diante do barão enquanto jantavam em Saint-Mars-le-Vêtu, é bem provável que fossem

muito diferentes e que sentimentos menos atrozes, e que não previra em sua conduta teórica, haviam

embelezado e tornado sentimental sua conduta verdadeira. O único ponto em que, ao contrário, a

realidade era pior que o projeto, é que no projeto não lhe parecia possível permanecer em Paris depois

de tamanha traição. Agora, "dar o fora" lhe parecia demais por uma coisa tão simples. Seria deixar o

barão, que certamente ficaria furioso, e sacrificar sua situação. Perderia todo o dinheiro que lhe dava o

Sr. de Charlus. A idéia de que isso era inevitável causava-lhe crises de nervos. Ficava chorando horas a

fio, e, para não pensar naquilo, tomava morfina com prudência.

Depois, de súbito, vinha-lhe ao espírito uma idéia que sem dúvida estava tomando vida e forma

fazia algum tempo; tal idéia era que a alternativa, a escolha entre o rompimento com a moça e a briga

total com o Sr. de Charlus talvez não fosse forçosa. Perder todo o dinheiro do barão era muito. Morel,

indeciso, mergulhou durante alguns dias em idéias negras, como as que lhe causavam a vista de Bloch.

Depois decidiu que Jupien e a sobrinha haviam tentado fazê-lo cair numa armadilha e deviam considerar-

se muito felizes por ter a coisa acabado assim. Em suma, achava que a moça era culpada por ter sido tão

desajeitada, por não ter sabido prendê-lo pelos sentidos. Não só lhe parecia absurdo o sacrifício de sua

situação junto ao Sr. de Charlus, como lamentava até os jantares dispendiosos que oferecera à moça

desde que estavam noivos, e cujo custo poderia saber, como filho que era de um criado de quarto que ia

todos os meses levar o seu "livro" a meu tio. Pois livro, no singular, que significa obra impressa para o

comum dos mortais, perde esse sentido para as Altezas e os criados de quarto. Para estes, significa o

livro de contas; para os primeiros, o registro em que as visitas inscrevem seu nome. (Em Balbec, num dia

em que a princesa de Luxemburgo me dissera estar sem livro, eu ia lhe emprestar o *Pescador da Islândia*

e Tartarin de Tarascon, quando compreendi o que ela queria dizer: não que passaria menos

agradavelmente o tempo, mas que eu teria mais dificuldade em deixar o meu nome ao visitá-la).

Apesar da mudança do ponto de vista de Morel quanto às conseqüências de sua conduta, embora

esta lhe tenha parecido abominável dois meses antes, quando amava apaixonadamente a sobrinha de

Jupien, enquanto que de uns quinze dias para cá não cessava de repetir a si mesmo que essa conduta

era natural e louvável, cada vez mais se lhe agravava o estado de nervosismo em que há pouco

anunciara o rompimento. E estava pronto a "descarregar a cólera", senão (a não ser num acesso

momentâneo) na moça para com quem conservava aquele resto de receio, derradeiro vestígio do amor,

pelo menos no barão. Contudo, evitou falar-lhe sobre isso antes do jantar. Pois, colocando acima de mais

nada o seu próprio virtuosismo profissional, quando tinha que tocar peças difíceis como naquela noite em

casa dos Verdurin; evitava (tanto quanto possível, e já era demasiada a cena da tarde), tudo o que podia

alterar sua execução. Assim como um cirurgião apaixonado por automobilismo, deixa de dirigir quando

tem que operar. Assim, Morel, em quanto falava comigo, movia os dedos um

após o outro para ver se

haviam readquirido sua flexibilidade. Se sentia uma certa dureza explicava que ainda permanecia um

pouco de nervosismo. Porém, Morel, distendia o rosto; sua fisionomia, o franzir de sobrancelhas que

parecia significar não aumentar, o rosto como alguém que procurasse não enervar-se com a insônia, ou

facilmente por uma mulher, com receio de que ainda retardasse o instante do sono ou do prazer. Assim,

desejando recuperar a serenidade como de costume. Gostaria de ter ido embora, entretanto era inútil a

partida pois, indo na direção quase da mesma casa, que a poucos minutos tendo ainda viva na lembrança

não podia deixar de sentir certo nojo em ter Morel por companhia. É bem possível que depois do amor, a

indiferença ou o ódio pela sobrinha de Jupien foram sinceros. Infelizmente não era a primeira vez que

procedia assim, e não seria a última; que ele "dava o fora" na moça a que tinha jurado amor eterno

chegando até lhe mostrar um revólver carregado e lhe dizer que daria um tiro se era o bastante covarde

para abandoná-la. Nem por isso deixava de abandoná-la em seguida e de sentir, em vez de remorso,

uma espécie de rancor. Não era a primeira vez que obrava assim nem ia ser a última, de sorte que muitas

cabeças de moças - menos esquecidas dele que delas mesmas sofreram -como sofreu muito tempo

ainda a sobrinha do Jupien, que continuou amando Morel sem deixar de lhe desprezar-,dispostas a

estalar sob o arrebatamento de uma dor interna, porque cada uma delas parecia no cérebro, como um

fragmento de uma escultura grega, um aspecto do rosto do Morel, duro como o mármore e belo como a

antigüidade, com seus cabelos em flor, seus olhos penetrantes, seu nariz reto - formando protuberância

em um crânio não destinado a recebê-la, e que não se podia operar-. Mas, à larga, estes fragmentos tão

duros acabam por cair num lugar onde não causam muitos estragos, de onde já não se movem; já não se

nota sua presença: é o esquecimento, ou o futuro indiferente.

Eu levava em mim dois produtos de minha jornada. Por uma parte, graças à calma produzida pela

docilidade de Albertina, a possibilidade e, em conseqüência, a resolução de romper com ela. Por outra

parte, resultado de minhas reflexões durante o tempo que passei esperando-a sentado ante o piano, a

idéia de que a arte, ao que procuraria dedicar; me esforçaria por consagrar a liberdade reconquistada,

não era algo que valesse a pena um sacrifício, algo exterior à vida, não participando de sua vaidade e de

seu vazio, pois a aparência de individualidade real obtida nas obras era devida apenas a uma ilusão

produzida pela habilidade técnica. Se a minha tarde deixara em mim outros resíduos, talvez mais

profundos, só deveriam subir bem depois à minha consciência. Quanto aos dois que eu nitidamente

sopesava, não iriam ser duradouros; pois, desde aquela mesma noite, minhas idéias sobre arte iam se

recompor da diminuição que tinham experimentado à tarde, mas em compensação, o sossego, e por

conseguinte, a liberdade que me permitiria dedicar-me a ela, ser-me-ia novamente retirado.

Como o meu carro, rodando ao longo do cais, se aproximasse da casa dos Verdurin, fi-lo parar.

Com efeito, acabava de ver Brichot descer do bonde na esquina da rua Bonaparte, limpar os sapatos com

um jornal velho e calçar luvas cor de pérola. Caminhei até ele. Fazia algum tempo que, tendo piorado sua

doença de olhos, fora dotado-tão suntuosamente como um laboratório-de novas lentes, as quais,

potentes e complicadas como instrumentos astronômicos, pareciam aparafusadas a seus olhos. Assestou

em mim aquelas luzes excessivas e me reconheceu. As lentes estavam em situação primorosa. Mas, por

detrás delas, percebi, minúsculo, pálido, convulsivo, expirante, um olhar longínquo colocado sob aquele

potente aparelho, como, nos laboratórios por demais subvencionados para os trabalhos que neles se

executam, se põe um mísero bichinho agonizante sob os aparelhos mais aperfeiçoados. Ofereci o braço

ao semicego para lhe amparar os passos.

- Desta vez não é perto da grande Cherburgo que nós nos encontramos disse ele-, mas ao lado do

Petit Dunkerque. [Dunkerque pequena loja de novidades em Paris, no começo do século (N .do T)]- frase

que me pareceu muito aborrecida, pois não entendi o que queria dizer; todavia não ousei fazer perguntas

a Brichot, por temer ainda mais o seu desprezo do que suas explicações. Respondi que estava bastante

curioso por ver o salão em que Swann outrora se encontrava todas as noites com Odette.

- Como, o senhor conhece estas velhas histórias? - exclamou ele. -

A morte de Swann me deixara transtornado na ocasião. A morte de Swann! Swann não

desempenha nesta frase o papel de um simples genitivo. Entendo por isso a morte particular, a morte

enviada pelo destino ao serviço de Swann. Pois dizemos a morte, para simplificar, mas são tantas as

mortes quantas as pessoas. Não possuímos sentidos que nos permitam ver, correndo a toda velocidade e

em todas as direções, as mortes, as mortes ativas dirigidas pelo destino para este ou aquele. Muitas

vezes são mortes que só serão liberadas inteiramente de sua tarefa dois ou três anos após. Correm

depressa para pôr um câncer nos flancos de um Swann, e depois saem para outras tarefas, só

regressando no momento em que; tendo sido a operação dos cirurgiões, é preciso recolocar o câncer.

Depois tendo o momento em que se lê no Le Gaulois que a saúde de Swann inspirou chega o ponto em

que sua indisposição está em franco processo de cura. Então, minutos antes do último suspiro, a morte,

como uma religiosa que nos tivesse assistido momentos antes; o destruir, chega para acompanhar

nossos últimos instantes, e coroa com uma auréola suprema a criatura para sempre enregelada cujo

coração cessou um dia de bater. Como uma dessas multiplicidade de mortes, o mistério de seus circuitos,

a cor de sua écharpe; e que conferem algo de tão impressionante às linhas dos jornais: "Acabamos de

saber com vivo pesar que o Sr. Charles Swann sucumbiu ontem em seu palacete, vítima de pertinaz

moléstia. Parisiense, cujo espírito era apreciado por todos, bem como a firmeza de suas relações

escolhidas, porém fiéis. Paris, em fremente lamenta a sua falta, tanto nos meios artísticos e literários, pela

esclarecida do seu bom gosto fazia com que se sentisse bem e fosso onde fosse, afinal por todos era

admirado, como no Jockey-Club, do qual era um dos membros mais influentes. Pertencia também ao

Círculo da União e ao Clube Agrícola onde era um dos mais antigos e apresentara a sua demissão ao

círculo da rua Royale. Sua fisionomia especial como sua notável notoriedade não deixavam de excitar a

curiosidade do público em todo *great event* da música e da pintura, notadamente

nas *vernissages* era

habitué fiel até seus últimos anos, quando só raramente saía de casa. Terão lugar os funerais, etc.'

Neste ponto de vista, se não somos "alguém", a ausência de título é mais rápida ainda a

decomposição da morte. Sem dúvida é de tal modo conhecido a distinção de individualidade, que se é

anônimo o duque de Uzes . Mas a coroa ducal por algum tempo os elementos como os daqueles espelho

mantêm unidos e mal desenhadas, apreciados por Albertine. Ao passo que os nomes de forma

ultramundanos, logo que eles morrem, desagregam-se, os moldes derretem-se. Vimos a Sra. de

Guermantes falar de Cartier como sendo burguês, sendo o melhor amigo do duque de La Trémoïl e, um

homem bastante solicitado nos meios aristocráticos. Na geração seguinte, Cartier se tornou algo tão

infortunado; ou melhor engrandecessem aparentando-o com o joalheiro Cartier, e no entanto nos meios o

pudessem ter confundido com o outro. Swann que talvez, ao contrário, era uma notável personalidade

intelectual e artística; não teria "produzido" nada, teve a oportunidade de durar um pouco mais Swann,

não Charles Swann, que conheci tão pouco quando ainda era tão jovem, embora perto do túmulo, é

justamente porque este, a quem você devia considerar todavia, um imbecil, fez de você o herói de um de

seus romances; e que por isso talvez você continue vivendo. Se a respeito do quadro um Tissot

representa a sacada do círculo da rua Royale, onde você está entre Gal ifet, Edmond de Polignac e Saint-

Maurice, fala-se tanto de você, é porque vêem que existem alguns traços seus na personagem de Swann.

[O quadro em questão representa, entre as pessoas mencionadas, a figura de Charles Haas (1832-1902),

O principal modelo de Charles Swann. (N. do T)]

Para retornar às realidades mais genéricas, foi dessa morte prevista e contudo inesperada de

Swann que ouvira o próprio Brichot falar à duquesa de Guermantes, na noite da festa na casa da prima

desta. Era a mesma morte cuja estranheza específica e impressionante me afastara na noite em que eu

folheara o jornal e a notícia me fizera estacar de súbito, como se traçada em misteriosas linhas

inoportunamente intercaladas. Haviam bastado para fazer de um vivo alguém que já não pode responder

ao que lhe dizem, um nome, um nome escrito, repentinamente passado do mundo real para o reino do

silêncio. Eram elas que me davam ainda neste momento o desejo de conhecer melhor a residência onde

outrora haviam morado os Verdurin e onde Swann, que então não era apenas algumas letras impressas

no jornal, jantara tantas vezes com Odette. É preciso acrescentar igualmente (e isto me tornou, por muito

tempo ainda, mais dolorosa do que qualquer outra a morte de Swann, embora esses motivos não se

relacionassem com a estranheza individual de sua morte) que eu não fora visitar Gilberte como lhe havia

prometido na casa da princesa de Guermantes; que ele, Swann, não me havia exposto aquela "outra

razão" a que aludira nessa noite, para a qual me escolhera como confidente de sua conversa com o

príncipe, que mil perguntas me vinham à cabeça (como bolhas que sobem do fundo da água) e que eu

desejaria fazer-lhe a respeito dos mais diversos assuntos: sobre Vermeer, sobre o Sr. de Mouchy, sobre

ele mesmo, sobre uma tapeçaria de Boucher, sobre Combray, perguntas - é claro de pouca urgência,

visto que as adiara dia após dia, mas que me pareciam capitais desde que, estando selados os seus

lábios, a resposta já não viria.

A morte dos outros é como uma viagem que nós próprios faríamos e durante a qual recordamos, a

cem quilômetros de Paris, ter esquecido de duas dúzias de lenços, de deixar uma chave para a

cozinheira, de nos despedirmos do tio, de perguntar o nome da cidade onde se acha a fonte antiga que

desejamos ver. Enquanto estes esquecimentos que nos acossam e que narramos em voz alta, por pura

formalidade, ao amigo que viaja conosco, têm por única resposta o começo da aceitação do banco

estofado, o nome da estação gritado pelo chefe do trem só faz afastar-nos ainda mais das realizações

dali em diante impossíveis, de maneira que, desistindo de pensar nas coisas irremediavelmente

olvidadas, desfazemos o embrulho das comidas e permutamos jornais e revistas.

- Mas não - replicou Brichot-, não era aqui que Swann se encontrava com sua futura mulher; ou,

pelo menos, só foi aqui nos últimos tempos, depois do sinistro que destruiu parcialmente a primeira

residência da Sra. Verdurin.

Infelizmente, com receio de ostentar aos olhos de Brichot um luxo que me parecia deslocado, visto

que o universitário não tomava parte nele, eu havia descido com muita precipitação do carro, e o cocheiro

não compreendera o que lhe recomendara às pressas para ter tempo de me afastar antes que Brichot me

avistasse. O resultado foi que o cocheiro veio ao nosso encontro e perguntou se devia voltar para me

apanhar; disse-lhe rapidamente que sim e redobrei de respeito para com o universitário, que chegara de

ônibus.

- Ah, o senhor está de carro - disse-me ele em tom grave. - Meu Deus, pelo maior dos acasos; isto

não acontece nunca, sempre ando de ônibus ou a pé. Porém, desse modo talvez tenha a grande honra

de levá-lo até em casa esta noite, se o senhor consentir em me acompanhar nesse

calhambeque;

ficaremos um pouco apertados. Mas o senhor é tão bondoso comigo. -

Ai de mim; propondo-lhe aquilo não me privo de nada, pensei, visto que serei obrigado da mesma

forma a regressar por causa de Albertine. Sua presença em minha casa, numa hora em que ninguém

podia visitá-la, permitia-me dispor tão livremente de meu tempo como de tarde, quando sabia que ela ia

voltar do Trocadero e eu não tinha pressa em revê-la. Mas afinal, também como de tarde, sentia eu que

tinha uma mulher e que, voltando para casa, não conheceria a exaltação revigorante da solidão.

- Aceito de coração - respondeu Brichot. - Na época a que o senhor alude,aos nossos amigos

moravam na rua Montalivet, num magnífico andar térreo com água furtada dando para um jardim, menos

suntuoso, é claro, e que no entanto prefiro ao palacete da Embaixada de Veneza. -

Brichot contou-me que naquela noite havia o "cais Conti" (era assim que os fiéis denominavam o

salão Verdurin desde que, se mudara para lá), um grande "tra-la-lá" musical, organizado pelo Sr. de

Charly, - Acrescentou que, no tempo antigo de que eu falava, o pequeno núcleo era outro; o tom bem

diferente, não só porque os fiéis eram muito jovens. Contou-me as farsas de Elstir (o que denominava

"puras patacoadas"), como num dia em que este, tendo fingido que roera a corda, viera disfarçado de

mordomo extra e, enquanto passava os pratos, dissera graçolas ao ouvido da muito pudica baronesa

Putbus vermelha de espanto e raiva; depois, desaparecendo antes do fim do jantar, mandara trazer ao

salão uma banheira cheia d'água, de onde, quando saíam todos da mesa, emergira completamente nu

soltando palavrões; e também das ceias onde todos apareciam em roupas de papel, desenhadas,

cortadas e pintadas por Elstir que eram obras-primas, tendo Brichot certa ocasião vestido a de um grande

fidalgo da corte de Carlos VII, com sapatos de bico revirado, e, de outra vez, a de Napoleão, para a qual

Elstir havia feito a grande insígnia da Legião de Honra com lacre. Em suma, recordando Brichot o salão

de outrora, com seus janelões, seus canteiros baixos comidos pelo sol do meio-dia e que fora preciso

substituir, declarava preferi-lo ao de hoje. Por certo, eu bem compreendia que, por "salão", Brichot queria

dizer-como o vocábulo "igreja" não indica apenas o edifício religioso mas a comunidade de fiéis não

apenas a água-furtada, mas as pessoas que a freqüentavam em busca de prazeres especiais que vinham

procurar ali e aos quais, em sua memória, tinham dado sua forma aqueles canapés, em que, quando

vinham visitar a Sra. Verdurin de tarde, esperavam que ela se aprontasse,

enquanto as flores róseas dos

castanheiros, lá fora, e os cravos nos vasos sobre a lareira pareciam, num pensamento de graciosa

simpatia pelo visitante, traduzido nas risonhas boas-vindas de suas cores rosadas, mirar fixamente a

chegada tardia da dona da casa. Mas se este "salão" lhe parecia superior ao atual, era talvez porque o

nosso espírito é o velho Proteu, não pode permanecer escravo de nenhuma forma e, mesmo no terreno

mundano, desprende-se subitamente de um salão, que chegou lenta e dificilmente a seu ponto de

perfeição, para preferir um salão menos brilhante, assim como as fotografias "retocadas" que Odette

mandara fazer no fotógrafo Otto, nas quais estava elegantíssima em seu rico vestido de princesa e

ondulada por Lenthéric, não agradavam tanto a Swann quanto um cartãozinho postal de Nice, onde,

numa capelinha de pano modesto, os cabelos mal toucados saindo para fora de um chapéu de palha

bordado de amores-perfeitos e com um laço de veludo negro (pois as mulheres em geral parecem mais

velhas quanto mais antigas forem as fotografias), vinte anos mais moça em elegância, parecia uma

criadinha vinte anos mais velha. Talvez Brichot também tivesse a satisfação de me gabar aquilo que eu

não havia conhecido, em mostrar-me que desfrutara de prazeres que eu não poderia ter. Conseguia-o,

aliás, pois, citando apenas os nomes de duas ou três pessoas que já não existiam e a cujo encanto

atribuía algo de misterioso por sua maneira de falar delas e dessas intimidades deliciosas, eu indagava a

mim mesmo sobre o que ele poderia ter sido, sentia que tudo aquilo que me haviam contado acerca dos

Verdurin era excessivamente grosseiro; e até Swann, que eu conhecera, censurava-me por não ter

prestado atenção nele, de não lhe ter prestado atenção com suficiente desinteresse, de não o ter

escutado bem quando, à espera de que sua mulher regressasse para o almoço, ele me recebia e me

mostrava belas coisas, agora que eu sabia que ele era comparável aos melhores conversadores de

antigamente.

No momento de chegar à casa da Sra. Verdurin, avistei o Sr. de Charlus que vinha navegando em

direção a nós com seu corpo enorme, arrastando atrás, sem querer, um desses apaches ou mendigos

que agora a sua passagem fazia infalivelmente surgir até mesmo dos cantos aparentemente mais

desertos, e dos quais aquele monstro poderoso era escoltado bem contra sua vontade, embora a certa

distância, como o tubarão pelo peixe piloto, afinal, contrastando de tal modo com o forasteiro altivo do

primeiro ano em Balbec, de aspecto severo e com sua afetação de virilidade, que me pareceu descobrir,

acompanhado de seu satélite, um astro num período totalmente diverso de sua revolução e que agora se

começa a ver em sua fase cheia; ou um enfermo invadido agora pelo mal que, anos antes, não passava

de uma leve borbulha que ele facilmente dissimulava e de cuja gravidade ninguém suspeitava. Embora

uma operação que Brichot sofrera lhe houvesse restituído um pouquinho da visão que para sempre tinha

perdido, não sei se perceberei, o vagabundo que seguia o barão. Aliás, pouco importava, pois desde La

Raspelier e apesar da amizade que o universitário tinha por ele, a presença do Sr. de Charlus lhe dava

um certo mal-estar. Sem dúvida para cada homem a vida de outrem prolonga na escuridão caminhos de

que não se tem qualquer idéia. A mentira, contudo; tantas vezes enganadora, e pasto de todas as

conversas, esconde menos perfeitamente um sentimento de inimizade ou de interesse, ou uma visita que

desejamos, dar a impressão que não foi feita, ou uma escapada com uma amante de um dia queremos

ocultar à nossa mulher-do que uma boa reputação o segredo dos maus costumes de que ninguém

desconfia. Esses maus costumes podem ficar ignorados a vida inteira; revela-os o súbito acaso de um

encontro à noite, num cais; mas esse acaso é muitas vezes mal compreendido e é preciso que um

terceiro, já, conhecedor do segredo, forneça-nos o seu sentido oculto, que todos

ignoram. Porém uma vez

conhecidos, eles impressionam, pois percebemos que raiam pela loucura muito mais do que por serem

imorais. A Sra. de Surgis não possuía um sentimento moral muito desenvolvido e teria admitido qualquer

comportamento; de seus filhos desde que aviltado e explicado pelo interesse, o que é compreensível em

todos os homens. Mas proibiu-lhes que continuassem a freqüentar o Sr. de Charlus quando soube que,

por uma espécie de relógio de repetição, o barão era fatalmente levado, em cada visita, a beliscar-lhes o

queixo e a fazer com que ambos, se beliscassem um ao outro. Experimentou aquela sensação de

inquietude do mistério físico, que faz com que nos indaguemos se o vizinho, com quem tem boas

relações, não estará atacado de antropofagia; e às repetidas perguntas ao barão:

- Quando é que verei de novo os rapazes? - respondeu, sabendo os furores que acumularia contra

a sua pessoa, que eles estavam ocupados com os estudos, os preparativos de uma viagem, etc. A

irresponsabilidade agrava as culpas e até os crimes, digam o que disserem. Landru (supondo que ele

tenha de fato matado as mulheres), se o fez por interesse, coisa a que se pode resistir, pode ser

perdoado; mas não se o fez por um sadismo irresistível.

[Henri Désiré Landru (1869-1922) foi preso e acusado da morte de dez

mulheres, a quem teria proposto

casamento, e que nunca mais foram vistas. Condenado, sofreu pena de morte na guilhotina sem jamais

ter confessado os crimes (1920). Dos episódios da vida real mencionados na *Em Busca do Tempo*

Perdido, este é o de data recente. (N. do T)]

Os pesados gracejos de Brichot, no começo de sua amizade com o barão, tinham dado lugar,

quando já não se tratava de dizer lugares-comuns mas de compreender, a um sentimento desagradável

que encobria o contentamento. Ele sossegava recitando páginas de Platão, versos de Virgílio, porque,

igualmente cego de espírito, não compreendia que então amar um rapaz era como hoje (os gracejos de

Sócrates revelam-no melhor do que as teriam de Platão) sustentar uma dançarina e depois arranjar um

bom casamento. O próprio Sr. de Charlus mal o teria entendido, ele que confundia a sua mania com a

amizade, que não se lhe parece a coisa alguma, e os atletas de Praxíteles com dóceis pugilistas. Não

queria ver que há mil e novecentos anos ("um cortesão devoto sob um príncipe devoto teria sido ateu sob

um príncipe ateu", disse La Bruyere) todo o homossexualismo de costume e dos rapazes de Platão como

o dos pastores de Virgílio desaparecera, que sobrenada e se multiplica apenas o involuntário, o nervoso,

o que se oculta aos outros e se disfarça aos próprios olhos. E o Sr. de Charlus teria errado em não

renegar francamente a genealogia pagã. Em troca de um pouco de beleza plástica, quanta superioridade

moral! O pastor de Teócrito que suspira por um rapaz, mais tarde não terá motivo algum para ser menos

duro de coração e mais fino de espírito que o outro pastor, cuja flauta ressoa por Amarílis. Pois o primeiro

não é atacado por um mal, apenas obedece à moda de seu tempo. É o homossexualismo sobrevivente,

apesar dos obstáculos, vergonhoso, desonrado, o único verdadeiro, o único a poder corresponder, num

mesmo indivíduo, um refinamento das qualidades morais. Assusta-nos a relação que o físico possa ter

com estas quando se pensa na pequena aberração de gosto puramente físico, na ligeira tara de um

sentido, que explicam por que o universo dos poetas e dos músicos, tão fechado ao duque de

Guermantes, entreabre-se para o Sr. de Charlus.

Que este demonstre gosto no arranjo de sua residência, como uma dona de casa colecionadora

de bibelôs, não é coisa que surpreenda; mas a estreita fenda que abre para Beethoven e Veronese! Nem

por isso, no entanto, as pessoas sãs de espírito deixam de ter medo quando um louco, que fez um poema

sublime, depois de lhes explicar pelos motivos mais justos que está internado por engano, pela maldade

de sua mulher, pede que intervenham junto ao diretor do asilo, queixando-se das promiscuidades que lhe

impõem, concluindo assim:

- Olhem, este que virá falar-me no pátio, cujo contato sou obrigado a suportar, acredita ser Jesus

Cristo. Ora, isto é o bastante para me provar com que espécie de alienados me prendem; ele não pode

ser Jesus Cristo, pois Jesus Cristo sou eu! -

Um momento antes, estavam prontos para denunciar o erro ao médico alienista. Diante dessas

últimas palavras, e mesmo levando em conta o admirável poema em que esse homem trabalha todos os

dias, as pessoas se afastam, como os filhos da Sra. de Surgis se afastavam do Sr. de Charlus, não que

este lhes tenha feito algum mal, mas devido ao luxo de convites dos quais a finalidade era lhes beliscar

os queixos. É de lamentar que o poeta, que não dispõe de nenhum Virgílio para guiá-lo, precise

atravessar os círculos de um inferno de pez e de enxofre, de se lançar a um fogo que desce do céu, para

dali trazer alguns habitantes de Sodoma. Nenhum encanto em sua obra; a mesma severidade na sua vida

que na daqueles que seguem a regra do mais casto celibato para que não possam atribuir o terem

largado a batina a outra coisa que não a perda da fé. Todavia, não ocorre sempre do mesmo modo com

esses escritores. Qual o médico de loucos que não terá tido, à força de assisti-los, sua crise de loucura?

Feliz ainda se pode afirmar que não se trata de uma loucura anterior e latente que o tivesse feito dedicar-

se a eles. O objeto de seus estudos, um psiquiatra, muitas vezes age de novo sobre ele. Mas antes disso,

esse objeta, que obscura inclinação, que terror fascinante o fizera escolhê-lo?

Fingindo não ver o indivíduo suspeito que ajustava seus passos pelos dele (quando o barão se

aventurava pelos bulevares ou atravessava a sala de espera da estação de Saint-Lazare, semelhantes

seguidores se contavam por dúzias que, na esperança de ganhar dinheiro, não o largavam) e com receio

de que, o outro se animasse a dirigir-lhe a palavra, o barão baixava em devotamento os cílios

enegrecidos que, contrastando com as faces cobertas de pó-de-arroz, faziam-no parecer-se a um grande

inquisidor pintado por El Greco. Mas tal padre causava medo e se assemelhava a um padre suspenso

das ordens, pois os diversos expedientes a que tivera de recorrer por necessidade, a fim de satisfazer o

seu vício e proteger seu segredo, tinham tido por efeito trazer à superfície do rosto precisamente aquilo

que o barão tentava ocultar, uma vida crapulosa atestada pela decadência moral. De fato, seja qual for a

sua causa, facilmente se lê, pois não demora a materializar-se, a proliferar sobre um rosto, especialmente

nas faces e ao redor dos olhos, tão fisicamente quanto o amarelo ocre numa pessoa que sofre do fígado

ou os vermelhos repugnantes de uma doença de pele. Aliás, não era apenas nas faces, ou melhor nas

bochechas desse rosto pintado, no peito de mamas salientes, nas nádegas proeminentes desse corpo

entregue à indolência e invadido pela gordura, que sobrenadava agora, espalhado como óleo, o vício

outrora tão intimamente resguardado pelo Sr. de Charlus no ponto mais secreto de si mesmo.

Transbordava agora de suas frases.

- Quer dizer, Brichot, que você anda passeando à noite com um belo rapaz? - disse aos abordar-

nos, enquanto que o tal tipo, desapontado, afastava-se - Muito bonito. Vou dizer aos seus alunozinhos da

Sorbonne que você não é tão sério assim. Aliás, a companhia da juventude lhe faz bem, senhor

professor, deixa-o fresco feito uma rosinha. E você, meu caro, como vai?- disse-me ele, abandonando

seu tom de gracejo. - Não é visto muitas vezes no cais Conti, bela juventude. Pois bem, e sua prima,

como está? Não veio com você. Lamentamos, pois é encantadora. Poderemos vê-la esta noite? Oh, ela é

bem bonita. E o seria mais ainda se cultivasse amiúde a arte, tão rara, que possui naturalmente, de bem

vestir-se. -

Aqui devo dizer que o Sr. de Charlus "possuía", o que o tornava o exato oposto, o antípoda de

mim, o dom de observar minuciosamente, de distinguir os detalhes tanto de vestido como de uma tela.

Quanto aos vestidos e chapéus, certas más línguas determinados teóricos radicais dirão que, num

homem, a inclinação pelos atrativos masculinos tem por compensação o gosto inato, o estudo e a ciência

da total feminina. E com efeito, isso ocorre às vezes, como se os homens, tendo açambarcado todo o

desejo físico, toda a profunda ternura de um Charlus, o outro sexo em troca se achasse gratificado com

tudo o que fosse gosto "platônico" (adjetivo bastante impróprio), ou *tout court*, de tudo que fosse gosto,

com os mais sábios e seguros requintes. Sob tal aspecto, o Sr. de Charlus teria merecido a alcunha que

lhe deram mais tarde, "a Costureira". Mas seu gosto e espírito de observação se estendiam a muitas

outras coisas. Na noite em que fui vê-lo depois de um jantar na casa da duquesa de Guermantes, vimos

que eu só percebera as obras-primas que ele possuía em casa à medida que ele as ia mostrando a mim.

Reconhecia de imediato aquilo a que pessoa alguma jamais prestara atenção, e isso tanto nas obras de

arte como nas iguarias de um jantar (e da pintura à cozinha todo o meio-termo ficava compreendido).

Sempre lamentei que o Sr. de Charlus, em vez de limitar seus dons artísticos à

pintura de um

leque oferecido de presente à cunhada (vimos a duquesa de Guermantes segurando-o na mão e abrindo-

o, menos para se abanar do que para gabar-se, fazendo ostentação da amizade de Palamede) e ao

aperfeiçoamento de sua execução pianística a fim de acompanhar sem erros o desempenho do violino de

Morel, repito, sempre lamentei, e lamento ainda, que o Sr. de Charlus nunca tenha escrito coisa alguma.

É claro que não posso extrair da eloqüência de sua conversação e até de sua correspondência a

conclusão de que ele teria sido um escritor de talento. Esses méritos não cabem no mesmo plano. Temos

visto obras primas escritas por enfadonhos alinhadores de banalidades, e reis da conversação

mostrarem-se inferiores ao mais medíocre quando tentam escrever. Apesar disso, creio que o Sr. de

Charlus teria experimentado a prosa, e, para começar com aqueles temas artísticos que ele conhecia

bem, o fogo teria irrompido, o clarão brilharia, e o homem mundano se tornaria um senhor escritor. Disse-

lhe isto várias vezes, e ele jamais quis tentar, talvez apenas por preguiça ou devido ao tempo ocupado

com festas brilhantes e divertimentos sórdidos, ou uma necessidade própria de Guermantes de prolongar

indefinidamente os falatórios. Tanto mais o lamento porque, em sua mais brilhante conversa, o espírito

nunca se separava do temperamento, os achados de um da insolência do outro. Se tivesse escrito livros,

em vez de detestá-lo mesmo admirando-o como se fazia num salão onde, em seus mais curiosos

instantes de inteligência, ele ao mesmo tempo espezinhava as fábulas, vingava-se de quem não o

insultara, procurava de maneira vil fazer que amigos brigassem se tivesse escrito livros, teriam todos

avaliado isoladamente o seu valor espiritual, decantado do mal; nada teria perturbado a admiração e

muitos aspectos despertariam a amizade.

Em todo caso, mesmo que eu me engane sobre o que ele teria podido realizar na menor página,

teria ele prestado um raro serviço escrevendo, pois, se distinguia tudo, de tudo o que ele distinguia

conhecia o nome. Certamente, conversando com ele, se não aprendi a ver (meu espírito e meu

sentimento tinham tendência a estar alhures), pelo menos vi coisas que, sem ele, teriam-me ficado

despercebidas, porém o nome delas, que me teria auxiliado a reencontrar o seu desenho, suas cores,

esse nome eu sempre esqueci bem depressa. Se tivesse escrito livros ainda que ruins; e não creio que o

fossem-, que delicioso dicionário, que repertório inesgotável! Afinal de contas, quem sabe? Em vez de pôr

no livro todo o conhecimento e seu gosto, talvez devido a esse demônio que muitas vezes contraria o

nosso destino, ele houvesse escrito folhetins desenxabidos, inúteis narrativas de viagens e de aventuras.

- Sim, ela sabe se vestir ou, mas exatamente, enfeitar-se - continuou o Sr. de Charlus a propósito

de Albertine. - Minha única dúvida é se ela se arruma em conformidade com sua beleza particular, e eu

talvez seja um tanto responsável por isso, por causa dos conselhos não muito ponderados que lhe dei. O

que muitas vezes lhe disse ao ir à Raspeliere e que era antes ditado talvez - e disso me arrependo pela

natureza da região e pela proximidade das praias do que pelo caráter individual de tipo da sua prima, fê-la

acentuar um pouco demais o gênero leve. Reconheço que a vi usar lindas tarlatanas, encantadoras

écharpes de gaze, uma determinada touca cor-de-rosa onde uma pequena pluma rósea não fazia má

figura. Mas acho que sua beleza, que é real e maciça, exige mais do que belos enfeites. Conviria a touca

a essa cabeleira enorme que um *kakochnyk* (penteado em diadema das mulheres russas) não faria mais

que ressaltar? Há poucas mulheres a quem convenham os vestidos antigos que dão um aspecto de

fantasia de teatro. Mas a beleza dessa moça, já mulher, abre uma exceção e mereceria um vestido antigo

de veludo de Gênova (logo pensei em Elstir - e nos vestidos de Fortuny) que eu não recearia tornar mais

pesado ainda com incrustações ou pingentes de maravilhosas pedras desusadas (é o mais belo elogio

que se pode fazer a tal respeito) como a olivina, a marcassita e a incomparável labradorita. Aliás, ela

mesma parece possuir o instinto do contrapeso, que exige uma beleza um tanto pesada. Lembre-se, para

ir jantar na Raspeliere, de todo esse acompanhamento de belos estojos, de bolsas pesadas, nos quais,

quando se caso ela poderá colocar mais do que a brancura do pó-de-arroz ou o carmim da pintura do

rosto, mas num cofrezinho de lápis-lazúli não muito cor de anil; também pérolas

e rubis não

reconstituídos, creio, pois ela pode fazer um casamento rico.

- Ora, ora, barão - interrompeu Brichot, temendo que eu me aborrecesse com essas últimas

palavras, pois tinha dúvidas sobre a pureza de minhas relações e a autenticidade do parentesco de

Albertine comigo -, aí está como você se ocupa com as senhoritas!

- Faça o favor de se calar diante deste menino, língua viperina - troçou o Sr. de Charlus

abaixando, num gesto para impor silêncio a Brichot, a mão que não deixou de apoiar em meu ombro.-

Incomodei-os; vocês pareciam divertir-se como duas louquinhas e não precisavam de uma velha vovó

desmancha-prazeres como eu. Não irei confessar-me por causa disso, pois vocês já estavam quase

chegando. -

O barão estava de muito bom humor, tanto mais que ignorava completamente a cena da tarde,

pois Jupien julgara mais útil proteger a sobrinha contra nova ofensiva de Morel do que ir prevenir o Sr. de

Charlus. Assim, este sempre acreditava no casamento e se regozijava com isso. Dir-se-ia que é um

consolo, para esses grandes solitários, conferir a seu trágico celibato o alívio de uma paternidade fictícia.

- Mas palavra de honra, Brichot - acrescentou ele, voltando-se a rir para nós -, que tenho

escrúpulos em vê-lo em tão galante companhia. Vocês pareciam dois namorados. De braços dados, que

liberdades são essas, hem Brichot? -

Seria preciso atribuir, como causa de tais palavras, o envelhecimento do intelecto, menos senhor

de seus reflexos que outrora e que em momentos de automatismo deixa escapar um segredo tão

cuidadosamente escondido durante quarenta anos? Ou então o desdém pela opinião dos plebeus que no

fundo anima todos os Guermantes e do qual o irmão do Sr. de Charlus, o duque, apresentava uma forma

diversa quando, pouco se importando que minha mãe pudesse vê-lo, fazia a barba à janela, de camisola

aberta? Teria o Sr. de Charlus contraído, nos trajetos sufocantes de Doncieres a Douvil e, o perigoso

hábito de se pôr à vontade e assim, como então colocava o chapéu de palha no alto da cabeça para

refrescar a testa enorme, de afrouxar, a princípio apenas por alguns instantes, a máscara havia tanto

tempo rigorosamente pregada a seu rosto verdadeiro? As atitudes conjugais do barão para com Morel

teriam com razão espantado a quem soubesse que o Sr. de Charlus já não o amava. Mas ocorrera com o

barão que a monotonia dos prazeres que seu vício lhe oferece acabara por fatigá-lo. Instintivamente, ele

havia procurado novas *performances* e, depois de se cansar dos desconhecidos que encontrava, passara

ao pólo oposto, àquilo que julgara que detestaria sempre: a imitação de uma "vida conjugal" ou de uma

"paternidade". Por vezes, nem isto o satisfazia mais, precisava de novidade, ia passar a noite com uma

mulher da mesma forma que um homem normal pode, uma vez na vida, ter desejado procurar um rapaz,

por uma curiosidade semelhante e inversa, e, em ambos os casos, igualmente malsã. A existência de

"fiel" do barão, não vivendo, por causa de Charlie, senão no "pequeno clã", tivera, para quebrar os

esforços que ele vinha fazendo há muito a fim de manter as aparências enganosas, a mesma influência

de uma viagem de exploração ou de uma temporada nas colônias sobre certos europeus que perdem lá

os princípios norteadores que os dirigiram na França. E no entanto, a revolução interna de um espírito,

ignorando a princípio a anomalia que carregava consigo, depois horrorizado diante dela ao reconhecê-la

e, por fim, familiarizando-se com ela a ponto de já não perceber que não podia sem perigo confessar aos

outros aquilo que se acabou por confessar a si mesmo sem pudor, fora mais eficiente ainda para libertar o

Sr. de Charlus dos últimos constrangimentos sociais do que o tempo passado na casa dos Verdurin. De

fato, não há exílio no pólo Sul ou no cimo do Monte Branco que nos afaste tanto dos outros como uma

estadia prolongada no seio de um vício interior, ou seja, de um pensamento

diferente do deles. Vício

(assim o Sr. de Charlus o qualificava antigamente) ao qual o barão atribuía agora a figura complacente de

um simples defeito, muito espalhado, simpático e quase divertido, como a preguiça, a distração ou a

gulodice. Percebendo a curiosidade que as peculiaridades de sua pessoa excitavam, o Sr. de Charlus

sentia um certo prazer em satisfazê-la, em atiçá-la, entretê-la. Da mesma forma que um certo publicista

judeu faz-se todos os dias o campeão do catolicismo, provavelmente não na esperança de ser levado a

sério, mas para não frustrar a expectativa dos leitores zombeteiros, o Sr. de Charlus castigava com

espírito os maus com o mesmo pequeno clã, como teria arremedado os ingleses ou imitado Mounet-Saint

sem esperar que lhe pedissem, e para contribuir com sua parte de bom grado exercendo na sociedade

um talento de amador; de modo que o Sr. de Charlus ameaçava denunciar Brichot à Sorbonne, dizendo

que agora ele passeava na companhia de rapazes, da mesma forma que o cronista circunciso alude, a

propósito de tudo, à "filha mais velha da Igreja" e ao "sagrado coração de Jesus", isto é, sombra de

hipocrisia, mas com uma ponta de cabotinismo. Não era apenas da mudança das próprias palavras, tão

diversas das que ele se permitia usar antigamente, que seria curioso procurar a explicação, mas também

da que sobreveio entonações e nos gestos, estes e aquelas agora singularmente semelhantes ao Sr. de

Charlus vergastava com toda a aspereza outrora; agora, soltando involuntariamente quase os mesmos

gritinhos tão involuntários quanto profundos que, voluntariamente, soltam os invertidos que se tratam por

"minha querida"; como se esse fricote intencional, a que o Sr. de Charlus sempre se mostrara tão avesso,

não passasse na realidade de uma genial e fiel imitação das maneiras que acabam por adquirir, queiram

ou não, os Charlus ao atingirem determinada fase de seu mal, como os doentes de paralisia geral ou de

ataxia acabam fatalmente por apresentar certos sintomas. Na verdade é o que todo aquele fricote

revelava não haveria entre o severo Charlus, todo vestido de preto, de cabelo escovinha, que eu

conhecera, e os rapazes arrebicados, cobertos de jóias; aquela diferença puramente superficial que há

entre uma pessoa agitada, que depressa e se remexe o tempo todo, e um neuropata que fala devagar,

com uma fleuma permanente, mas está atacado da mesma neurastenia aos olhos clínico que sabe que

este, como o outro, é devorado pelas mesmas angústias, marcado pelas mesmas taras. Aliás, via-se que

o Sr. de Charlus envelhecera; sinais bem diferentes, como a extraordinária extensão que haviam tomado

em conversa algumas expressões que tinham proliferado e agora voltavam a

instante (por exemplo: "o

encadeamento das circunstâncias") e às quais o barão se apoiava de frase em frase como a um tutor

necessário.

- Será, Charlie já chegou? - perguntou Brichot ao Sr. de Charlus quando avistamos chamar-lhe à

porta do hotel.

- Ah, não sei - disse o barão, erguendo os braços e semicerrando os olhos com o ar de pessoa

que não deseja ser acusada de indiscrição, tanto mais que provavelmente recebera censuras de Morel

por algo que havia dito, e que este, tão covarde quanto vaidoso, renegando o Sr. de Charlus com a

mesma facilidade com que dele se orgulhava, havia julgado graves embora fossem insignificantes. - Você

sabe que não tenho a mínima idéia do que ele anda fazendo. Não sei com quem está me enganando, e

quase não o vejo. - Se a conversa entre duas pessoas que têm uma ligação está cheia de mentiras,

nascem estas não menos naturalmente nas conversas que um terceiro tem com um amante acerca da

pessoa amada por este último, seja qual for o sexo dessa pessoa.

- Faz muito que o senhor não o vê? - perguntei ao Sr. de Charlus, para parecer não recear falar-

lhe de Morel e, ao mesmo tempo, fazer crer que ignorava completamente que vivessem juntos.

- Hoje de manhã ele apareceu casualmente durante cinco minutos, enquanto eu ainda estava

meio adormecido, sentando-se na beira da cama como se quisesse me violar. -

Tive logo a idéia de que o Sr. de Charlus estivera com Charlie uma hora antes, pois, quando

perguntamos a uma mulher quando viu ela certo homem que sabemos - ela imagina talvez que

desconfiamos ser seu amante, e se almoçou com ele, ela responde:

- Vi-o por um momento, antes do almoço.-

Entre esses dois fatos, a única diferença é que um é falso e o outro verdadeiro, mas um é tão

inocente, ou, se preferimos, tão culpado quanto o outro. Assim, não se compreenderia por que motivo a

amante (e aqui o Sr. de Charlus) escolhe sempre o fato mentiroso, se não se soubesse que tais respostas

são determinadas, à revelia da pessoa que as dá, por uma enormidade de fatores aparentemente em

tamanha desproporção com a insignificância do fato que seria inútil enumerá-los. Mas, para um físico, o

lugar que ocupa a menor bolinha do sabugueiro é explicado pela ação, conflito ou equilíbrio das leis de

atração e repulsão que governam mundos bem maiores. Mencionemos aqui, só para lembrar, o desejo de

parecer natural e animoso, o gesto instintivo de ocultar um encontro secreto, uma mescla de pudor e

ostentação, a necessidade de confessar o que é tão agradável e de mostrar que se

é amado, uma

penetração daquilo que o interlocutor sabe ou supõe, mas não diz, penetração que, indo além ou aquém

da sua, faz com que esta seja ora sobre ora subestimada, o desejo involuntário de brincar com fogo e a

vontade de fazer parte do fogo. Outras tantas leis diferentes, agindo em sentido oposto, ditam as

respostas mais gerais relativas à inocência, ao "platonismo", ou, pelo contrário, à realidade carnal das

relações que se têm com a pessoa que afirmamos ter visto pela manhã quando a vimos à noite. Todavia

de um modo geral, digamos que o Sr. de Charlus, apesar do agravamento de seu mal, e que o levava

permanentemente a revelar, a insinuar, às vezes simplesmente a inventar detalhes comprometedores,

procurava, nesse período de sua vida, afirmar que Charlie não era o mesmo tipo de homem que ele,

Charlus, e que entre os dois só existia amizade. Isto não impedia (mesmo que talvez fosse verdade) que

se contradissesse às vezes (como quanto à hora em que o vira pela última vez), ou porque então

dissesse a verdade por esquecimento, ou porque mentisse, para se gabar ou por sentimentalismo, ou por

achar espirituoso confundir o interlocutor.

- Você sabe que ele é para mim um bom rapazinho, pelo qual tenho o maior afeto, como tenho

certeza (duvidava, por acaso, para sentir essa necessidade de afirmar que tinha certeza?) que o tem por

mim, mas entre nós não existe outra coisa, nada disso, compreende. - Nada disso afirmou o barão de

modo tão natural como se falasse de uma dama. - Sim, ele veio esta manhã quando eu ainda estava na

cama. E no entanto ele sabe que eu detesto que me veja deitado. Você não? Oh, é um horror! Isso

incomoda, como somos feios nesse momento! Sei muito bem que já não tenho vinte e cinco anos, não

quero bancar a donzela, mas cada um tem a sua vaidade mesmo assim.

É possível que o barão falasse com sinceridade quando se referia a Morel como um bom

rapazinho e que talvez dissesse a verdade julgando mentir, ao afirmar:

- Não sei o que ele anda fazendo, não conheço a sua vida. -

De fato, digamos (para adiantar algumas semanas a narrativa, que retomaremos logo após esse

parêntese aberto; enquanto o Sr. de Charlus, Brichot e eu nos dirigimos para a casa da Sra. Verdurin),

digamos que, pouco tempo depois dessa reunião noturna, o barão mergulhou na dor e na estupefação

causadas por uma carta que abriu descuidado e que era endereçada a Morel. Essa carta, que por outro

lado me dá desgostos cruéis, era escrita pela atriz Léa, célebre pelo gosto exclusivo que possuía por

mulheres. Ora, sua carta a Morel (que o Sr. de Charlus nem sequer suspeitava

que a conhecesse) era

redigida no tom mais apaixonado. Sua baixeza impede que a reproduzamos aqui, mas podemos adiantar

que Léa só o tratava no feminino dizendo-lhe: "Sua grande porcalhona", "Minha queridinha, você pelo

menos é", etc. E nessa carta havia referência à várias outras mulheres que não pareciam ser mais

amigas de Morel que de Léa. Por outra parte, a zombaria de Morel em relação ao de Charlus e a de Léa

quanto ao oficial que a sustentava e de quem ela dizia: "Em suas cartas, ele me suplica que eu tenha

juízo! Puxa! Meu queridinho"-não revelavam ao Sr. de Charlus uma realidade menos insuspeitada dele do

que o eram as relações tão particulares de Morel com Léa. O barão ficou perturbado sobretudo pela

expressão "é". Depois de tê-la ignorado a princípio, ficara sabendo, após um tempo, que ele mesmo

"era". Eis que a noção adquirida se achava de novo a questão. Quando descobrira que "era", julgava

entender por aquilo que o seu gosto, como diz Saint-Simon, não se dirigia às mulheres. Ora, eis que, para

Morel, a expressão "era" adquiria uma extensão que o Sr. de Charlus não conhecera, visto que Morel

provara, por essa carta, que também "era", tendo os mesmos gostos que algumas mulheres sentem por

outras mulheres. Desde então, o ciúme do Sr. de Charlus já não tinha motivo para se limitar aos homens

que Morel conhecia, em estender-se às próprias mulheres. Assim, os seres que "eram" não seriam só

aqueles que ele julgara, mas toda uma enorme parcela do planeta, tanto composta de mulheres como de

homens, de homens que amavam não apenas os homens mas as mulheres. E o barão, diante do

significado novo de um termo que lhe era tão familiar, sentia-se torturado por uma inquietação da

inteligência tanto como do coração, em face desse duplo mistério onde, a um tempo, existiam o aumento

de seu ciúme e a súbita insuficiência de uma definição.

O Sr. de Charlus nunca passara de um amador na vida. Quer dizer, incidentes desse gênero não

lhe podiam ser de nenhuma utilidade. Descarregava a impressão penosa que lhe causassem, em cenas

violentas onde sabia ser eloqüente, ou em intrigas sorrateiras. Mas para uma criatura do valor de

Bergotte, por exemplo, tais incidentes poderiam ser preciosos. E talvez seja isto mesmo que explique em

parte (pois agimos às cegas, mas escolhendo como os animais a planta que nos é favorável) que

criaturas como Bergotte vivam em geral na companhia de pessoas medíocres, falsas e malvadas. A

beleza destas é bastante para a imaginação do escritor, exalta a sua bondade, mas não transforma em

nada a natureza de sua companheira, cuja vida, situada milhares de metros abaixo, as relações

inverossímeis, as mentiras impelidas adiante e sobretudo numa direção diversa da que se poderia

acreditar, aparecem de relance de quando em vez. A mentira, a mentira perfeita, sobre as pessoas que

conhecemos, as relações que tivemos com elas, nosso móbil em determinada ação que formulamos de

modo inteiramente diverso, a mentira sobre o que somos, sobre o que amamos, sobre o que sentimos em

relação à criatura que nos ama e que julga ter-nos modelado à sua semelhança porque nos beija o dia

inteiro-essa mentira é uma das únicas coisas neste mundo que pode nos abrir perspectivas para o novo,

para o desconhecido, que pode abrir nossos sentidos adormecidos para a contemplação de universos

que jamais teríamos conhecido. No que concerne ao Sr. de Charlus, é preciso dizer que, se ficou

estupefato ao conhecer acerca de Morel um certo número de coisas que este cuidadosamente lhe

ocultara, errou em concluir daí que é um engano ter uma relação com gente do povo e que revelações tão

penosas (a mais penosa para ele fora a de uma viagem que Morel fizera com Léa, ao passo que ele havia

assegurado ao Sr. de Charlus que, naquela ocasião, estava estudando música na Alemanha. Para

arquitetar sua mentira, Morel se havia servido de pessoas benévolas, que moravam na Alemanha, às

quais mandara suas cartas, que eram reexpedidas para o Sr. de Charlus; este,

aliás, estava de tal

maneira convencido de que Morel se achava na Alemanha que nem mesmo observara o carimbo do

correio.) Com efeito, veremos, no último volume desta obra, o Sr. de Charlus ocupado em fazer coisas

que teriam deixado os amigos e parentes ainda mais estupefatos do que ele o ficara com a vida revelada

por Léa.

Mas é tempo de alcançar o barão, que se adianta, comigo e com Brichot para a porta dos

Verdurin.

- E que fim levou - acrescentou ele voltando-se para Morel - o seu jovem amigo hebreu que

víamos em Douvil e? Tinha pensado que, se lhe agrada, poderíamos convidá-lo uma noite dessas. -

De fato, o Sr. de Charlus, tentando mandar espionar sem pudor o comportamento de Morel por

uma agência de detetives, exatamente como um marido ou um amante, não deixava de prestar atenção

aos outros rapazes. A vigilância que ele encarregava um velho criado de mandar exercer por uma

agência sobre Morel era tão pouco discreta, que os lacaios se julgavam perseguidos e uma arrumadeira

já não vivia direito, não ousava sair à rua, acreditando ter sempre um policial no seu encalço. E o velho

criado:

- Ela pode fazer o que quiser! Vejam só se a gente ia perder tempo e dinheiro em vigiá-la! Como

se o seu comportamento nos interessasse! - exclamava com ironia, pois era tão apaixonadamente

dedicado ao patrão que, embora de modo algum compartilhasse de seus gostos, acabava, de tanto ardor

caloroso que punha em servi-los, por falar deles como se fossem os seus.

- É a melhor das pessoas - dizia desse velho criado o Sr. de Charlus, pois a ninguém apreciamos

tanto como as criaturas que juntam às grandes virtudes essa de as pôr incondicionalmente) disposição de

nossos vícios. Aliás, era apenas dos homens que o Sr. de Charlus) podia sentir ciúme no que se referia a

Morel. As mulheres não lhe inspiravam nenhum. De resto, essa é a regra geral quanto aos Charlus.

O amor do homem a quem amam por uma mulher é algo totalmente diverso, passado em uma

outra espécie animal (o leão deixa os tigres sossegados), não os incomoda e até tranqüiliza. É verdade

que às vezes, entre os que fazem da inversão um sacerdócio, esse amor os desgosta. Então, querem mal

a seu amigo por ter se entregado ao amor, não como uma traição, mas como uma degradação. Outro

Charlus, que o barão ficaria indignado ao saber que Morel tinha relações sexuais com uma mulher, como

teria ficado se lesse num cartaz que ele, intérprete de Bach e Haend iria tocar Puccini. É por isso, aliás,

que os rapazes, que por interesse em condescender com o amor dos Charlus, afirmam que as mulheres

só lhes causam nojo, da mesma forma que diriam aos médicos que jamais bebem álcool e só apreciam a

água da fonte. Mas, sob esse aspecto, o Sr. de Charlus se afastava um pouco do habitual. Admirando

tudo em Morel, os êxitos femininos deste não o inquietavam, davam-lhe a mesma alegria que seus êxitos

no concerto ou no jogo. “Mas, meu caro, sabe ele anda com mulheres dizia em tom de revelação'

escândalo, talvez de inveja, e sobretudo de admiração. - Ele é extraordinário - acrescentava. - Em toda a

parte, as prostitutas mais procuradas só têm olhos nele. Chama a atenção em qualquer lugar, tanto no

metrô como no teatro. O negócio chega a ser enjoado! Não posso ir com ele ao restaurante sem que o

garçom traga recadinhos de pelo menos três mulheres. E sempre das mais bonitas. Ali não é de

estranhar. Eu o contemplava ontem, compreendendo-as, ele se tornou uma beleza tal, parece uma figura

de Bronzino. É verdadeiramente admirável.-

Mas o Sr. de Charlus gostava de mostrar que amava Morel, de persuadir os outros, talvez de

persuadir a si mesmo, de que era amado por ele. Punha em retê-lo junto a si o tempo todo, apesar do

prejuízo que aquele rapazinho podia acarretar à sua posição mundana, uma espécie de amor-próprio.

Pois (e o caso é freqüente entre os homens esnobes e bem situados, que, por vaidade, rompem todas as

relações para serem vistos em toda parte com uma amante de má fama ou uma senhora desacreditada,

que ninguém recebe, e à qual entretanto lhe parece ser lisonjeiro estar ligado) havia chegado àquele

ponto em que o amor-próprio põe todo o seu empenho em destruir os objetivos que atingiu, seja porque,

sob a influência do amor, descobrimos um prestígio, que somos os únicos a perceber, em relações

ostentatórias com quem amamos, seja porque, pelo enfraquecimento das ambições mundanas

alcançadas, e a maré montante das curiosidades servis, tanto mais absorventes quanto mais platônicas,

tenham estas não só atingindo como ultrapassado o nível onde a custo as outras se mantinham.

Quanto aos outros rapazes, o Sr. de Charlus achava que ao seu gosto por eles a existência de

Morel não era um obstáculo e que até a sua brilhante reputação de violinista ou sua fama nascente de

compositor e jornalista poderiam em certos casos lhe ser um atrativo. Se apresentavam ao barão um

jovem compositor de aparência agradável, era nos talentos de Morel que ele buscava a oportunidade

para fazer uma cortesia ao recém-conhecido.

- O senhor deveria - dizia-lhe - trazer-me suas composições para que Morel possa tocá-las no

concerto ou numa turnê. Existe tão pouca música agradável escrita para violino! É uma fortuna encontrar

uma nova composição. E os estrangeiros apreciam muito uma coisa dessas. Mesmo na província há

pequenos círculos musicais onde ama-se a música com um fervor e uma inteligência admiráveis. -Sem

mais sinceridade (pois tudo aquilo só servia de engodo e era raro que Morel se prestasse a realizações),

como Bloch lhe havia dito que era um tanto poeta, "quando lhe dava na telha", acrescentara com o riso

sarcástico que, de costume, fazia acompanhar uma banalidade quando não podia achar uma expressão

original, o Sr. de Charlus me disse: - Diga então àquele jovem israelita, visto que ele faz versos, que

deveria me trazer alguns para que os leve a Morel. Para um compositor, é sempre um problema encontrar

uma coisa bonita para musicar. Poderíamos até pensar num libreto. Não seria desinteressante e chegaria

a ter uma certa importância devido aos méritos do poeta, de minha proteção, de todo um encadeamento

de circunstâncias auxiliares, entre as quais o talento de Morel ocupa o primeiro lugar. Pois ele está

compondo muito atualmente, e escreve também e de modo lindo, vou conversar com você sobre isso.

Quanto ao seu talento de executante (você sabe que ele já é um mestre completo), irá ver esta noite

como esse menino toca bem a música de Vinteuil. Fico impressionado: na sua

idade, ter tamanha

compreensão e permanecer tão infantil, tão colegial! Oh, esta noite é um pequeno ensaio. O grande

recital vai ocorrer dentro de alguns dias. Mas será muito mais elegante que hoje. Assim, ficamos

encantados de que você tenha vindo - disse ele, empregando esse plural "ficamos", sem dúvida porque o

rei diz "queremos". - Por causa do magnífico programa, aconselhei a Sra. Verdurin dar duas festas. Uma

daqui a alguns dias, na qual estarão presentes todas as suas relações. Outra esta noite, em que a Patroa

ficará, como se diz no jargão judicial desapropriada. Fui eu que fiz os convites e convoquei algumas

pessoas agradáveis de outro ambiente, que podem ser úteis a Charlie e que os Verdurin terão prazer em

conhecer. Sim, pois está muito bem que sejam ouvidas as mais lindas obras executadas pelos maiores

artistas, mas a manifestação fica abafada como em algodão. O público é composto pela merceeira da

casa defronte e pelo comerciante da esquina. Sabe o que penso do nível intelectual das pessoas da

sociedade, mas elas podem desempenhar certos papéis muito importantes; entre eles, o papel que cabe

à imprensa nos acontecimentos públicos, e que é o de ser um órgão de divulgação. Compreende o que

quero dizer; por exemplo, convidei minha cunhada Oriane; não é certo que ela compareça, mas, em

compensação, é certo que, se comparecer, não compreenderá absolutamente nada. Mas ninguém lhe

pede que compreenda, o que está acima de seus meios, mas que fale, o que lhe fica admiravelmente

apropriado, e ela nunca deixa de fazer. Conseqüência: a partir de amanhã, em vez do silêncio da

merceeira e do comerciante, uma conversa animada na casa dos Mortemart, onde Oriane conta que

ouviu coisas maravilhosas, que um certo Morel etc. A raiva indescritível das pessoas não convidadas, que

dirão: "Sem dúvida Palamede julgou que éramos indignos; além disso, quem é essa gente em cuja casa

se realizou tal coisa", reverso tão útil como os louvores de Oriane, pois o nome de Morel retorna o tempo

todo e acaba por gravar-se na memória como uma lição que se lê dez vezes seguidas. Tudo isto forma

um encadeamento de circunstâncias que pode ter o seu lucro para o artista, para a dona da casa, e, de

algum modo, servir de megafone a uma manifestação que, assim, virá a ser ouvida por um público

longínquo. Na verdade, vale a pena. Você verá o progresso que ele fez. Além do mais, descobriram-lhe

um novo talento, meu caro, ele escreve como um anjo. Como um anjo, repito."Você que conhece

Bergotte, pensei que talvez pudesse, talvez refrescando-lhe a memória sobre a literatura desse

adolescente, em suma, colaborar em ajudar-me a criar um encadeamento de

circunstâncias capazes de

favorecer o duplo talento de músico e de escritor que um dia pode adquirir o prestígio de Berlioz". Veja o

que conviria dizer à Bergotte. Você sabe, as pessoas ilustres muitas vezes têm mais o que pensar, são

aduladas, só se interessam por elas mesmas. Porém Bergotte, que é verdadeiramente simples e serviçal,

deve mandar publicar no *Gaulois*, ou não sei mais onde, essas croniquetas, meio de humorista e meio de

músico, que são de fato muito bonitas, e eu ficaria na verdade bem contente que Charlie acrescente ao

violino essa peninha de Ingres. Sei muito bem que exagero facilmente quando se trata dele, como todas

as velhas mamães-corujas do Conservatório. Como, meu caro, não o sabia? Mas é que não conhece o

meu lado palerma. Canso-me de esperar de pé, durante horas, o resultado dos exames. Divirto-me

demais. E, quanto a Bergotte, ele me garantiu que a prosa de Charlie era de fato muito boa."

O Sr. de Charlus, que o conhecia há muito por intermédio de Swann, de fato o fora visitar e pedir-

lhe que conseguisse que Morel fosse escrever no jornal algumas crônicas meio humorísticas sobre a

música. Ao visitá-lo, o Sr. de Charlus sentira um pouco de remorso, pois, grande admirador de Bergotte,

percebia que jamais ia visitá-lo por ele mesmo, mas para, graças à consideração meio intelectual, meio

social, que Bergotte lhe tributava, poder fazer um grande obséquio a Morel, à Sra. Molé e a muitos outros.

Que já não se servisse da sociedade senão para isso não repugnava ao Sr. de Charlus, mas que agisse

desse modo com Bergotte não lhe parecia bem, pois sentia que Bergotte não era utilitário como as

pessoas da sociedade e merecia mais. Apenas, levava uma vida muito ocupada e não dispunha de tempo

senão quando desejava muito uma coisa, por exemplo, algo que se relacionasse a Morel. Além disso,

muito inteligente, a conversa de um homem inteligente era-lhe bem indiferente, sobretudo a de Bergotte,

que era por demais homem de letras para seu gosto, e de outro clã, não se colocando no ponto de vista

dele, Charlus. Quanto a Bergotte, percebia perfeitamente o utilitarismo das visitas de Charlus, mas não

lhe queria mal por isso; pois era incapaz de uma bondade continuada, mas desejoso de dar uma alegria,

compreensivo, indiferente ao prazer de dar uma lição. Quanto ao vício do Sr. de Charlus, não partilhava

dele em nenhum grau, achando-lhe antes um elemento de cor no personagem, o *fes et netas* para um

artista, consistindo não nos exemplos morais mas nas recordações de Platão ou do Sodoma.

[*Fes et netas* (latim): O lícito e o ilícito. Sodoma: nome pelo qual é conhecido o pintor italiano Giovanni

Antonio (c.1477-1549). (N. do T)]

O Sr. de Charlus não se lembrava de dizer que desde algum tempo, como aqueles grandes

senhores do século XVII, que desdenhavam assinar e até escrever os seus libelos, mandava Morel redigir

pequenos tópicos baixamente difamantes e dirigidos contra a condessa Molé. Parecendo já insolentes

aos que os liam, quanto mais cruéis não o seriam para a jovem senhora, que neles achava, tão

habilmente encaixados que ninguém senão ela percebia coisa alguma, passagens de carinho dela,

textualmente citadas porém tomadas num sentido em que podiam transtorna-la como a mais feroz

vingança. A jovem senhora acabou morrendo de desgosto. Mas, diria Balzac, é que se faz todos os dias

em Paris uma espécie de jornal falado mais terrível que o outro. Veremos depois que essa imprensa

verbal reduziu a nada o poder de um Charlus fora de moda e erigiu bem acima dele um Morel que não

valia a milionésima parte de seu antigo protetor. Será pelo menos ingênua essa moda intelectual e de

boa-fé acreditará na insignificância de um genial Charlus, autoridade incontestável de um estúpido Morel?

O barão era menos inocente e suas vinganças implacáveis. Daí sem dúvida esse amargo veneno na

boca, veneno cuja invasão parecia conferir-lhe às faces um tom amarelo quando ele se encolerizava,

- Gostaria muito que ele comparecesse esta noite, pois poderia ouvir as coisas

que ele na verdade

toca melhor. Mas parece que ele não sai de casa, nem quer que o aborreçam, e tem razão. Mas você,

bela juventude, ninguém o vê qual no cais Conti! Não abuse! - Informei que saía principalmente com

minha prima. Vejam só! Saindo com a prima, que pureza! - disse o Sr. de Charlus para Brichot -dirigindo-

se de novo a mim: - Mas não estamos lhe pedindo contas do que anda fazendo, meu filho. Você é livre

para fazer tudo o que lhe agradar. Apenas lamentamos não compartilhar de seus prazeres. De resto,

você tem muito bom gosto, sua prima é encantadora, pergunte a Brichot, ele não pensava noutra coisa

em Douville. Sentiremos a sua falta esta noite. Mas você talvez tenha agido bem em não trazê-la - É

admirável a música de Vinteuil. Mas soube por Charlie, esta manhã, que devem estar presentes a filha do

compositor e sua amiga, que são pessoas de reputação terrível. Sempre seria constrangedor para uma

moça. Até eu me sinto meio incomodado por causa dos convivas. Mas, como têm quase todos a idade

canônica, não terá o fato conseqüências para eles. Elas estarão lá, a menos que essas duas senhoritas

não tenham podido vir, pois deveriam sem falta estar presentes a tarde inteira num ensaio de estudos que

a Sra. Verdurin realizava hoje e para o qual só convida os importunos, a família, as pessoas que não

deviam vir à noite. Ora, há pouco antes do jantar, Charlie me disse que o que chamamos as duas

senhoritas Vinteuil, eram esperadas com toda a certeza, não tinham vindo. - Apesar da horrível dor que

sentia em aproximar subitamente do efeito, só este conhecido a princípio, a causar por fim descoberta, do

desejo que Albertine manifestara de vir, ou seja, a presença anunciada (mas que eu ignorava) da Srta.

Vinteuil e de sua amiga, conservei em liberdade de espírito de reparar que o Sr. de Charlus, que nos

dissera há pouco, ter visto Charlie desde a manhã, confessava irrefletidamente tê-lo visto antes do jantar.

Mas o meu sofrimento era visível.-Que está sentindo?-indagou o barão. Você está verde; venha,

entremos, você vai ficar resfriado, está muito abatido.-

Não era a primeira dúvida acerca da virtude de Albertine que as palavras do Sr. de Charlus

acabavam de despertar em mim. Muitas outras já me haviam assaltado; a nova dúvida a gente acha que

a medida está repleta, que não poderemos suportá-la, e depois lhe descobrimos um lugar de alguma

forma. E, uma vez que ela é introduzida em nosso meio vital, entra em concorrência com tantos desejos

de acreditar, com tantos motivos para esquecer, que bem depressa a ela nos acomodamos e acabamos

por não mais lhe prestar atenção. E permanece apenas como uma dor mal curada, uma simples ameaça

de sofrimento e que, sendo o avesso do desejo mas da mesma ordem que ele, e tornando-se como ele o

centro de nossos pensamentos, irradia neles, a distâncias infinitas, tristezas sutis, como prazeres de

origem irreconhecível, por toda parte onde alguma coisa pode se associar à idéia daquela a quem

amamos. Mas a dor desperta quando uma nova dúvida, inteira, penetra em nós; por mais que nos

digamos logo em seguida: "Vou me arranjar, haverá um sistema para não sofrer, isso não deve ser

verdade", houve todavia um primeiro instante em que sofremos como se acreditássemos naquilo. Se

possuíssemos apenas membros, como as pernas e os braços, a vida seria suportável. Infelizmente

trazemos em nós esse pequeno órgão a que chamamos coração, o qual está sujeito a certas

enfermidades em cujo decorrer ele se torna infinitamente impressionável a tudo que se refere à vida de

uma certa pessoa, e assim uma mentira-essa coisa tão inofensiva e no meio da qual vivemos tão

alegremente, quer seja dita por nós ou pelos outros-vinda dessa pessoa, dá a esse coraçãozinho, que

deveria poder ser extraído cirurgicamente, crises intoleráveis. Nem falemos do cérebro, pois nosso

pensamento, por mais que raciocinemos sem parar no decurso dessas crises, não as modifica em nada,

assim como a nossa atenção não alivia uma dor de dentes. É certo que tal pessoa

é culpada de nos

haver mentido, pois tinha jurado dizer-nos sempre a verdade. Mas sabemos por nós próprios, pelos

outros, o que valem tais juramentos. E desejáramos crer neles quando provinham dela, que tinha

justamente todo o interesse em nos mentir, e, por outro lado, não fora por nós escolhida por suas

virtudes. É verdade que posteriormente ela quase já não teria necessidade de nos mentir justamente

quando o coração se tornasse indiferente à mentira porque não nos interessaremos mais pela sua vida.

Sabemos disto e contudo sacrificamos de bom grado a nossa, ou porque nos matamos por essa pessoa,

ou porque nos fazemos condenar à morte ao assassiná-la, ou simplesmente porque gastamos em poucos

anos toda a nossa fortuna com ela, o que em seguida nos obriga ao suicídio, pois não temos mais nada.

Aliás, por mais tranqüilos que nos julguemos ao amar, sempre trazemos o amor no coração em estado de

equilíbrio instável. Uma coisinha de nada basta para colocá-lo em posição de felicidade, ficamos

radiantes, cobrimos de carinho não aquela a quem amamos, mas todos aqueles que nos fizeram valer a

seus olhos, que a resguardaram contra qualquer tentação moral; julgamo-nos tranqüilos e basta uma

frase: "Gilberte não virá", "A Vinteuil está convidada", para que se aniquile toda a felicidade preparada a

que nos lançávamos, para que o sol se esconda, para que gire a rosa-dos-ventos e se desencadeie a

tempestade interior a que um dia já não seremos capazes de resistir. Nesse dia, o dia em que o coração

se tornou tão frágil, amigos que nos admirara suportam que tais aniquilamentos, que certas criaturas

possam nos fazer é provocar a nossa morte. Mas o que podem fazer? Se um poeta está agonizando com

uma pneumonia infecciosa, será possível imaginar que seus amigos expliquem o pneumococo que esse

poeta tem talento e que ele deveria deixá-lo curar-se? A dúvida no que se refere à Srta. Vinteuil não era

absolutamente nova. Mas, mesmo sob esse aspecto, o meu ciúme da tarde, excitado por Léa e seus

amigos, a tinha abolido. Uma vez afastado esse perigo do Trocadero, eu sentira, julgara ter reconquistado

para sempre uma paz completa. Mas o que principalmente era novo para mim, era um certo passeio de

que Andrée me havia dito:

- Fomos a esse e àquele lugar, não encontramos ninguém -, e onde, ao contrário, a Srta. Vinteuil

evidentemente marcara um encontro com Albertine na casa da Sra. Verdurin. Agora, eu de bom grado

deixaria Albertine sair sozinha, fosse aonde quisesse ir, contanto que pudesse prender em algum lugar a

Srta. Vinteuil e sua amiga e ter certeza de que Albertine não as veria. É que o ciúme geralmente é parcial,

com localizações intermitentes, seja por tratar-se do doloroso prolongamento de uma ansiedade causada

ora por uma pessoa, ora por outra, que nossa amiga poderia amar, seja pela exigüidade do nosso

pensamento que só percebe aquilo que imagina, deixando o resto num território vago de que

relativamente não podemos sofrer.

No momento em que íamos entrar no pátio da casa, fomos alcançado por Saniette, que não nos

reconhecera de imediato.

- Eu já os olhava entretanto faz algum tempo - disse-nos com voz ofegante. - Não é curioso que

tenha hesitado? *Est-cepas curieux* - foi o que ele disse, pois *N'est-il pas curieux* lhe teria parecido um

erro, e ele tomava com as antigas formas de linguagem uma familiaridade exagerada. - No entanto vocês

são pessoas que se pode ter por amigos. - Seu rosto sombrio parecia iluminado pelo reflexo plúmbeo de

uma tempestade. Seu ofegar que até o verão anterior só ocorria quando o Sr. Verdurin o "espinafrava",

era agora constante. - Sei que uma obra inédita de Vinteuil vai ser executada por artistas excelentes, e

singularmente por Morel.

- Por que singularmente?- indagou o barão, que viu nesse advérbio uma crítica. -

- Nosso amigo Saniette - se apressou a explicar Brichot, que fez o papel de intérprete - prefere

falar, como excelente letrado que é, a linguagem de um tempo em que "singularmente" equivalia ao

nosso "muito particularmente".

Quando entrávamos na ante-sala da Sra. Verdurin, o Sr. de Charlus me perguntou se eu

trabalhava, e, como lhe dissesse que não, mas que me interessava muito, naquele momento, pelas

velhas baixelas de prata e de porcelana, ele falou que eu não poderia encontrar mais belas do que na

casa dos Verdurin, que além disso, eu poderia vê-las na Raspeliere, visto que, a pretexto de que os

objetos também são nossos amigos, eles cometiam a loucura de levar tudo consigo; seria menos cômodo

tirar tudo dos armários num dia de recepção, mas que todavia ele, Charlus, pediria que me mostrassem o

que eu quisesse. Roguei-lhe que não pedisse nada. O Sr. de Charlus desabotoou o sobretudo, tirou o

chapéu; vi que principiava, aqui e ali, a fazer-se prateado o alto de sua cabeça. Mas, assim como um

arbusto precioso que não só o outono colore, mas do qual se protegem certas folhas com envoltórios de

algodão em rama ou mediante aplicações de gesso, o Sr. de Charlus só recebia desses poucos cabelos

brancos, dispostos no alto do crânio, uns tons de pintura a mais, que se ajuntavam ao arrebique do rosto.

E todavia, mesmo sob as camadas de expressões diversas, de cosméticos e de hipocrisia que tão mal o

maquiavam, o rosto do Sr. de Charlus continuava a calar a quase todo mundo o segredo que ele me

parecia gritar. Sentia-me quase constrangido pelos seus olhos, onde eu receava que me surpreendesse a

lê-lo como a um livro aberto, por sua voz, que me parecia repetir tal segredo em todos os tons, com uma

incansável indecência. Mas os segredos são bem ocultos pelas criaturas, pois todos os que delas se

aproximam são feito cegos e surdos. As pessoas que sabiam da verdade por tê-la ouvido de um ou de

outro, pelos Verdurin por exemplo, acreditavam nela, mas somente enquanto não conheciam o Sr. de

Charlus. Sua fisionomia, longe de espalhar, dissipava os rumores maldosos. Pois, sobre certas entidades,

fazemos uma idéia tão alta que não poderíamos identificá-la com os traços familiares de uma pessoa de

nosso conhecimento. E dificilmente acreditamos nos vícios, assim como jamais acreditaríamos no gênio

de uma pessoa com quem tivéssemos ido à ópera na véspera.

O Sr. de Charlus estava entregando o seu sobretudo com as recomendações de conviva habitual.

Mas o lacaio a quem o entregava era um empregado novo, muito jovem. Ora, o Sr. de Charlus muitas

vezes agora perdia as estribeiras e já não percebia o que se faz e o que não se faz. O desejo louvável,

que possuía em Balbec, de mostrar que certos indivíduos não o assustavam, de não ter medo de

declarar, a propósito de alguém: "É um belo rapaz", em uma palavra, de dizer as mesmas coisas que

poderiam ser ditas por alguém que não fosse como ele, ocorria-lhe agora traduzir esse desejo dizendo,

pelo contrário, coisas que jamais teria podido dizer alguém que não fosse como ele, coisas para as quais

seu espírito se voltava tão constantemente que chegava a esquecer-se de que não faziam parte da

preocupação habitual de todas as pessoas. Assim, encarando o novo lacaio, ergueu o indicador

ameaçadamente e, pensando fazer um excelente gracejo:

- Proíbo-lhe piscar-me o olho desse modo - disse o barão e, voltando-se para Brichot: - Este

menino tem uma cara divertida, um nariz engraçado - e, completando a pilhéria, ou cedendo a um desejo,

abaixou o indicador horizontalmente, hesitou por um instante e depois, sem mais poder conter-se,

impeliu-o irresistivelmente para o criado, tocando-lhe a ponta do nariz dizendo: - Pif! e logo a seguir,

acompanhado de Brichot e de mim, e de Saniette, que nos informou que a princesa Sherbatoff havia

morrido às seis horas, entrou no salão.

- Que sujeito esquisito! - disse consigo o lacaio, que perguntou aos companheiros se o barão era

farsante ou maluco.

- São as maneiras dele - respondeu o mordomo, que achava o barão meio "tantã",

meio "gira"-,

mas trata-se de um dos amigos de Madame, que sempre apreciei; tem bom coração.

Nesse momento o Sr. Verdurin veio ao nosso encontro; só Saniette, não sem temer resfriar-se,

pois a porta exterior se abria constantemente, esperava resignado que lhe pegassem os agasalhos.

- Que é que faz aí nessa pose de cachorro perdigueiro? - perguntou-lhe o Sr. Verdurin.-Espero

que uma dessas pessoas que tomam conta das roupas possa pegar o meu sobretudo e me dar um

número. - Quis! e que está dizendo? - perguntou o Sr. Verdurin em tom severo:- "Qui surveil entaafx

vêtements." Será que está ficando caduco? A gente diz: "surveil erles vêtements"' Será que é preciso que

lhe ensinem de novo o francês, como se faz com as pessoas que sofreram um derrame?

- *Surveil erà quelque chose* é a forma correta - murmurou Saniette com voz entrecortada - o abade

Le Batteux...

- O senhor me irrita - exclamou o Sr. Verdurin com voz terrível. - Como está resfolegando! Por

acaso acaba de subir seis andares? -

A grosseria do Sr. Verdurin teve como resultado que os homens do vestiário fizessem passar

outras pessoas antes de Saniette e, quando este quis estender seus agasalhos,

responderam:

- Cada um por sua vez, senhor não seja tão apressado.

- Aí estão homens que apreciam a ordem, aí estão as competências; muito bem, meus rapazes-

disse o Sr. Verdurin com um sorriso de simpatia, a fim de animá-los em sua disposição de fazer passar

Saniette depois de todo mundo. -Venham - disse -, este animal quer nos matar na corrente de ar em que

se diverte. Vamos nos aquecer um pouco no salão. *Surveil eraux vêtements* - repetiu, quando entramos

no salão.

[Saniette diz "tomam conta das roupas", *surveifier aux vêtements*, em vez de *surveil er les ve* (N. do T)]

- Que imbecil!

- Ele se deixa levar pelo imprevisto, mas não é má pessoa - disse Brichot.

- Não disse que era má pessoa e sim que era um imbecil - replicou o Sr. Verdurin com azedume.

- O senhor volta este ano a Incarvil e? - perguntou-me Brichot.

- Creio a nossa Patroa tornou a alugar La Raspeliere, embora tenha estado brigando com os

proprietários. Mas tudo isso não é nada, são nuvens que se dissipam - acrescentou no mesmo tom

otimista dos jornais que dizem: "Houve erros, é claro, mas quem não os comete?" Ora, eu me lembrava

em que estado de sofrimento tinha deixado Balbec e não desejava de modo algum voltar lá. Adiava

sempre para o dia seguinte os meus projetos com Albertine. - Mas é evidente que ele há de voltar, nós o

queremos, ele nos é indispensável - declarou o Sr. de Charlus com o egoísmo autoritário e

incompreensivo da amabilidade.

O Sr. Verdurin, a quem apresentamos nossas condolências pela princesa Sherbatoff, observou:

- Sim, sei que ela está muito mal.

- Mas não, ela morreu às seis horas - exclamou Saniette.

- O senhor exagera sempre - retrucou brutalmente o Sr. Verdurin, que, já que a reunião noturna

não fora cancelada, preferia a hipótese da doença.

Entretanto a Sra. Verdurin estava em grande conferência com Cottard e Ski. Morel acabava de

recusar, porque o Sr. de Charlus não poderia comparecer, um convite para a casa de amigos aos quais

ela todavia prometera o concurso do violinista. O motivo da recusa de Morel em tocar na reunião dos

amigos dos Verdurin, motivo ao qual vamos ver em breve somarem-se outros mais graves, pudera

ganhar forças devido a um hábito próprio em geral aos ambientes ociosos, mas particularmente ao

pequeno núcleo.

Certo, se a Sra. Verdurin surpreendia entre um novato e um fiel uma palavra dita a meia voz e que

podia dar a entender que eles já se conheciam, ou tivessem vontade de estreitar

relações ("Então, na

sexta, na casa de Fulano" ou: "Vá ao ateliê quando quiser, estou lá sempre até às cinco horas, o prazer

será todo meu"), agitada, supondo que o novato dispunha de uma "situação" que podia transformá-lo

numa aquisição brilhante para o pequeno núcleo, a Patroa, parecendo sempre não ter ouvido coisa

alguma, e conservando em seu lindo olhar, onde o hábito de Debussy punha mais olheiras que a cocaína,

o aspecto extenuado que lhe davam apenas as puras delícias da música, revolvia, sob a bela fronte

arqueada por tantos *quatuors* e enxaquecas consecutivas, pensamentos que não eram exclusivamente

polifônicos; e, não agüentando mais, não podendo esperar um segundo sequer a sua picada, atirava-se

aos dois conversadores, arrastava os à parte, e dizia ao novato designando o fiel:

- Não quer vir jantar com ele, sábado, por exemplo, ou até no dia que lhe aprouver, com pessoas

amáveis? Não fale muito alto, pois não vou convidar toda essa turba - termo que por cinco minutos

designava o pequeno clã, momentaneamente desdenhado em favor do novato no qual se fundavam

tantas esperanças.

Porém essa necessidade de se entusiasmar por certas pessoas, de também fazer aproximações

entre outras, tinha a sua contrapartida. A assiduidade às quartas fazia nascer nos

Verdurin uma

disposição contrária. Era o desejo de causar brigas, de promover afastamentos. Desejo que se

fortalecera, tornara-se quase furioso durante os meses passados em La Raspeliere, onde as pessoas se

viam da manhã à noite. O Sr. Verdurin se empenhava em surpreender alguém em falta, em estender teias

por onde pudesse passar à aranha sua companheira alguma mosca inocente. À falta de agravos,

inventava ridículos. Quando um fiel saía por meia hora, troçavam dele diante dos outros, fingindo

surpresa de que nunca tivessem reparado que apresentava sempre dentes sujos, ou, pelo contrário, que

os escovava de modo maníaco vinte vezes por dia. Se alguém se permitia abrir a janela, essa falta de

educação fazia com que o Patrão e a Patroa trocassem um olhar de revolta. Ao cabo de um instante a

Sra. Verdurin pedia um xale, o que dava pretexto ao Sr. Verdurin dizer com ar furioso:

- Não, eu vou fechar a janela, e me pergunto quem foi que teve a desfaçatez de abri-la - diante do

culpado, que enrubescia até as orelhas. Indiretamente censuravam a quantidade de vinho bebido. - Por

acaso não lhe faz mal? É bom para um operário. - Os passeios a sós de dois fiéis que previamente não,

tinham pedido licença à Patroa, davam como resultado comentários infinitos, por mais inocentes que

fossem tais passeios. Os do Sr. de Charlus e de Morel não o eram. Apenas o fato de que o barão não

morava na Raspeliere (por causa da vida de caserna do violinista) retardou o momento da saciedade, dos

nojos, dos vômitos. Mas tal momento, todavia, estava prestes a chegar.

A Sra. Verdurin estava furiosa e decidida a "esclarecer" Morel acerca do papel odioso e ridículo

que o Sr. de Charlus o fazia viver.

- Acrescento -continuou ela (que, aliás, mesmo quando se sentia no dever de tributar a alguém

uma gratidão que ia lhe pesar e não podia matá-lo para se livrar dela, procurava descobrir-lhe um, defeito

grave que a dispensasse honestamente de testemunhá-la) -acrescento que ele assume, em minha casa,

uns ares que não me agradam. -

É que, na verdade, Sra. Verdurin tinha ainda uma razão mais grave para querer mal ao Sr. de

Charlus do que a recusa de Morel em tocar na casa dos amigos dela. O barão, convencido da honra que

dava à Patroa ao trazer ao cais Conti pessoas que, de fato, não compareceriam por causa dela, tinha,

desde os primeiros nomes propostos pela Sra. Verdurin, como os de pessoas que valeria a pena

convidar, pronunciado o veto mais categórico, num tom peremptório em que se misturava, ao orgulho

rancoroso do grão senhor rabugento, o dogmatismo do artista versado em

matéria de festas e que

retiraria a sua peça e recusaria o seu concurso antes de condescender em fazer concessões que,

segundo ele, comprometem o resultado do conjunto. O Sr. de Charlus só dera a sua permissão, embora

com reservas, a Saintine, com quem, para se livrar da sua mulher, a Sra. de Guermantes havia passado

de uma intimidade cotidiana a uma completa cessação de relações; mas o Sr. de Charlus, achando-o

inteligente, continuava a freqüentá-lo.

Certo, foi num ambiente burguês matizado da pequena nobreza, onde todos são muito ricos e

aparentados a aristocratas que a alta aristocracia não conhece, que Saintine, outrora a flor do meio

Guermantes fora buscar fortuna e, ao que pensava, obter um ponto de apoio. Mas a Sra. Verdurin

sabendo das pretensões nobiliárquicas do ambiente da mulher e não percebendo a situação do marido,

pois é quem está logo acima de nós que nos dá a impressão da altura e não aquele que nos é quase

invisível de tanto que se perde nos céus, julgou dever justificar um convite para Saintine encarecendo o

fato de que este conhecia muita gente da sociedade, "pois se casara com a Srta.***".

A ignorância que a Sra. Verdurin revelava com essa afirmativa, exatamente o oposto da realidade,

fez abrirem-se os lábios pintados do barão num sorriso de indulgente desprezo e de incompreensão.

Desdenhou responder diretamente, mas como, em matéria mundana, apreciava construir teorias onde a

gente encontrava a fertilidade de sua inteligência e a altivez de seu orgulho, mesclada à frivolidade

hereditária de suas preocupações, disse:

- Saintine deveria ter me consultado antes de se casar; existe uma eugenia social, assim como

existe uma eugenia fisiológica, e eu talvez seja o seu único médico. O caso de Saintine não levantava

nenhuma discussão, pois era evidente que, fazendo o casamento que fizera, ele amarrara a si próprio um

peso morto e tapava o sol com a peneira. Sua vida social estava acabada. Eu lhe teria explicado isso, e

ele o teria compreendido, pois é inteligente. Inversamente, sei de uma pessoa que possuía tudo o que

fosse necessário para ter uma posição elevada, dominante, universal; apenas um cabo terrível a prendia

à terra. Ajudei-a, meio por pressão, meio por força, a romper a amarra, e agora ela conquistou, com uma

alegria triunfal, a liberdade, o poder absoluto que me deve; foi preciso talvez um pouco de força de

vontade, mas que recompensa obteve! Quem sabe me ouvir é desse modo o próprio parteiro de seu

destino.

Era bem claro que o Sr. de Charlus não soubera agir sobre o seu; agir é coisa diversa de falar,

mesmo com eloqüência, e pensar, mesmo com engenhosidade.

- Mas, no que me concerne, sou um filósofo que assiste com curiosidade às reações sociais que

previ, mas que não ajudo. Assim, continuei a freqüentar Saintine, que sempre me demonstrou a calorosa

deferência que convinha. Cheguei até a jantar na sua nova residência, onde a gente se aborrece tanto, no

meio do maior luxo, como se divertia antigamente quando, comendo o pão que o diabo amassou, ele

parecia a melhor companhia numa pequena água-furtada. Portanto, pode convidá-lo, tem a minha

autorização. Porém mantenho o meu veto sobre todos os demais nomes que me propôs. E a senhora me

agradecerá por isso, pois se de fato sou entendido em matéria de casamentos, não o sou menos em

matéria de festas. Sei quais são as personalidades ascendentes que realçam uma reunião; e sei

igualmente o nome que a joga por terra, que a faz aplastar-se de todo. -

Essas exclusões do Sr. de Charlus nem sempre eram baseadas em ressentimentos de maníaco

ou em requintes de artista, mas em habilidades de ator. Quando ele lançava sobre alguém, ou alguma

coisa, uma tirada bem bolada, desejava que o maior número possível de pessoas a ouvisse, mas não

admitindo na segunda fornada convidados da primeira que pudessem constatar que o dito não mudara.

Renovava a sala, justamente porque não renovava o cartaz e, quando alcançava sucesso na

conversação, teria organizado turnês, caso necessário, e dado representações na província. Quaisquer

que fossem os variados motivos dessas exclusões, elas não só melindravam a Sra. Verdurin, que se

sentia atingida em sua autoridade de Patroa, como também lhe causavam prejuízo mundano, e isso por

duas razões. A primeira era que o Sr. de Charlus, ainda mais suscetível que Jupien, brigava, sem que

nem mesmo soubessem por quê, com as pessoas mais bem apropriadas para serem de sua amizade.

Naturalmente, uma das primeiras punições que se podia infligir-lhes era a de não deixar que fossem

convidadas a uma festa que ele dava na casa dos Verdurin. Ora, esses párias eram muitas vezes

pessoas de alta cotação, mas que, para o Sr. de Charlus, tinham deixado de sê-lo até o momento em que

rompera com elas. Pois sua imaginação era tão engenhosa em inventar agravos das pessoas para

romper com elas, quanto em retirar-lhes a importância desde que já não eram suas amigas. Se, por

exemplo, o culpado pertencia a uma família bem antiga, mas cujo ducado só datasse do século XIX,

Montesquiou por exemplo, no dia seguinte o que contava para o Sr. de Charlus

em a antigüidade do

ducado, a família não valia mais nada.

- Eles nem sequer são duques - exclamava. - Foi o título do abade de Montesquiou que passou

indevidamente a um parente, há menos de oitenta anos. O duque atual, se existe um duque, é o terceiro.

Falem-me de pessoas como os Uzes, os La Tremoil e, Luynes, que são o 104, o 144 duques, como meu

irmão que é o 124 duque Guermantes, e o 174 príncipe de Condom. Os Montesquiou descendem de uma

família antiga, e o que é que isso prova, mesmo se ficasse provado? São tão descendentes que estão no

décimo quarto andar abaixo do solo. -

Se, ao contrário estivesse brigado com um cavalheiro possuidor de um ducado antigo, tendo mais

magníficas alianças, aparentado às famílias soberanas, mas a quem o grande brilho tivesse vindo com

muita rapidez, sem que sua família remontasse muito longe, um Luynes, por exemplo, tudo mudava de

figura, só a família é que contava.

- Veja bem, o Sr. Alberti só tirou o pé da lama no tempo de Luís XIIII. Que nos importa que os

favores da corte lhe tenham permitido acumular ducados os quais não tinha o menor direito? -

Além do mais, no Sr. de Charlus a queda seguia bem de perto o favor por causa dessa disposição,

própria dos Guermantes, de exigirem da conversação e da amizade o que elas não podiam dar, e mais o

temor sintomático de serem objeto de maledicências. E a queda era tanto mais profunda quanto maior

tinha sido o favor. Ora, ninguém gozara junto ao barão de favor ao que ele ostensivamente mostrara ter a

condessa Molé. Por que sinal de indiferença evidenciara ela um dia ser indigna dele? A própria condessa

declarou sempre que jamais pudera descobri-lo. Sempre é certo que bastava seu nome para excitar, no

barão as mais violentas cóleras, as filípicas mais terríveis e eloqüentes. A Sra. Verdurin, para quem a Sra.

Molé fora muito gentil e que, como veremos, alimentara grandes esperanças nela, e antecipadamente se

regozijara com a idéia de queda; a condessa veria em sua casa as pessoas mais nobres, como a Patroa

dizia, França e de Navarra, propôs logo convidar a "Sra. de Molé".

- Ah, meu Deus, os gostos existem na natureza - respondera o Sr. de Charlus - e, se a senhora

gosta da conversa com a Sra. Pipelet, a Sra. Gibout e a Sra. Joseph Prudhom; não peço nada melhor;

mas então que seja numa noite em que eu esteja ausente. Desde as primeiras palavras, percebo que não

falamos a mesma língua, visto eu falava de nomes da aristocracia, e a senhora me cita o mais obscuro

dos nomes de pessoas da magistratura, de plebeus velhacos, maldizentes, prejudiciais, pobres damas

que se imaginavam protetoras das artes porque reproduzem, oitava abaixo, os modos de minha cunhada

Guermantes, assim como o gaio julga imitar o pavão. Acrescento que seria uma espécie de indecência

introduzir numa festa, que pretendo dar na casa da Sra. Verdurin, uma pessoa que, por motivos muito

sérios, excluí das minhas relações, uma estúpida mal nascida, desleal, sem espírito, que tem a loucura de

acreditar ser capaz de imitar as duquesas e princesas de Guermantes, acumulação que em si mesma é

uma tolice, pois não há nada mais oposto que a duquesa e a princesa de Guermantes. É como se uma

pessoa pretendesse a um tempo ser Reichenberg e Sarah Bernhardt. Em todo caso, mesmo se não fosse

contraditório, seria profundamente ridículo. Que eu possa sorrir às vezes dos exageros de uma e me

entristecer com as limitações da outra, é direito meu. Mas essa rãzinha burguesa querendo inchar-se

para se igualar à essas duas grandes damas que, de qualquer modo, sempre deixam transparecer a

incomparável distinção da raça é, como se diz, de fazer rir as galinhas. A Molé! Eis um nome que não

deve mais ser pronunciado, senão retiro-me - acrescentou com um sorriso, no tom de um médico que,

desejando o bem do seu doente contra a vontade deste, entende que não deve aceitar a colaboração de

um homeopata.

Por outro lado, certas pessoas, julgadas desprezíveis pelo Sr. de Charlus, podiam de fato sê-lo

para ele mas não para a Sra. Verdurin. O Sr. de Charlus, do alto de seu nascimento, podia passar sem as

criaturas mais elegantes, cuja freqüência teria feito do salão da Sra. Verdurin um dos primeiros de Paris.

Ora, esta começava a achar que já perdera muitas oportunidades, sem contar o enorme atraso que o erro

mundano do caso Dreyfus lhe infligira. Todavia, não sem lhe prestar algum serviço. Não sei se lhe disse o

quanto a duquesa de Guermantes tinha visto com desagrado pessoas do seu meio que, subordinando

tudo ao Caso Dreyfus, excluíam as mulheres elegantes e recebiam outras que não o eram, por causa do

revisionismo ou do anti-revisionismo, depois de, por sua vez, ser tachada por essas mesmas damas de

tíbia, mal pensante, de subordinar as etiquetas mundanas os interesses da pátria; poderia eu perguntar

ao leitor, como a um amigo a quem já não somos lembrados, após tantas conversas, se tivemos a idéia

ou a ocasião de pô-lo a par de uma certa coisa. Que eu o tenha feito ou não, a atitude da duquesa de

Guermantes naquele momento pode facilmente ser imaginada e até se em seguida nos reportarmos a um

período ulterior, parecer, do ponto de vista mundano, perfeitamente justa. O Sr. de Cambremer

considerava o Caso Dreyfus como uma trama estrangeira destinada a destruir o

Serviço de Informações,

a quebrar a disciplina, enfraquecer o exército, dividir os franceses, preparar a invasão. Sendo a literatura,

afora algumas fábulas de La Fontaine, estranha ao marquês, ele deixava à esposa o cuidado de

estabelecer que a literatura cruelmente observadora, criando o desrespeito, procedera a uma devastação

paralela.

- Os senhores Reinach e Hervieu são "da panelinha" - dizia ela. Não poderá acusar o Caso

Dreyfus de haver premeditado tão negros desígnios contra a Sociedade. Mas certamente nesse ponto

excedeu os limites.

Os mundanos que não querem deixar que a política se introduza na sociedade são tão previdente

como os militares que não querem deixar que a política penetre no exército. Ocorre com a sociedade o

mesmo que se dá com o apetite sexual, que não se sabe a que perversões pode chegar uma vez que se

deixa as razões estéticas ditarem as escolhas. O *Faubourg* Saint-Germain adquiriu o hábito de receber

damas de outra sociedade por serem nacionalistas; o motivo desapareceu com o nacionalismo, por, o

hábito subsistiu. A Sra. Verdurin, graças ao dreyfusismo, atraíra a sua casa escritores de valor que,

momentaneamente, não lhe foram de nenhuma utilidade mundana, pois eram

dreyfusistas. Mas as

paixões políticas são como as outras, não duram muito. Chegam novas gerações que já não as

compreendem; até mesmo geração que as sentiu mudar, experimenta paixões políticas que, não sendo

exatamente calcadas sobre as anteriores, reabilitam uma parte dos excluídos, por haver mudado a causa

do exclusivismo. Os monarquistas não se preocupam mais, durante o Caso Dreyfus, se alguém fosse

republicano, ou mesmo radical, ou anticlerical, desde que fosse anti-semita e nacionalista. Se alguma vez

rebentar uma guerra, o patriotismo assumiria uma outra forma e ninguém cuidaria se um escritor

chauvinista fora ou não partidário de Dreyfus. Fora assim que, a crise política, a cada renovação artística,

a Sra. Verdurin arrancara aos poucos como o pássaro faz seu ninho, fragmentos sucessivos,

provisoriamente inutilizáveis do que um dia seria o seu salão. O Caso Dreyfus já passara, restava-lhe

Anat France. A força da Sra. Verdurin era o seu sincero amor pela arte, o trabalho que tomava com os

fiéis, os magníficos jantares que preparava só para eles, sem que tivessem presentes pessoas da

sociedade. Cada um deles era tratado em sua casa, como Bergotte o fora na casa da Sra. Swann.

Quando um familiar dessa ordem torna-se um belo dia um homem ilustre, e a sociedade quer vir vê-lo,

sua presença na casa da Sra. Verdurin nada possui desse lado artificial, adulterado, de um banquete

oficial ou de Saint-Charlemagne feita por Potel e Chabot, mas um trivial delicioso que teriam achado tão

perfeito até num dia em que não houvesse visitas. Na casa da Sra. Verdurin o grupo era perfeito, bem

ensaiado, o repertório de primeira ordem, só faltava o público. E, quando o gosto deste começava a

afastar da arte racional e francesa de um Bergotte e se apaixonava principalmente pelas músicas

exóticas, a Sra. Verdurin, espécie de correspondente oficial em de todos os artistas estrangeiros, ia em

breve, ao lado da deslumbrante princesa Yourbeletieff, servir de velha fada Carabosse, mas todo-

poderosa, aos bailarinos russos. Essa invasão encantadora, contra cujas seduções só protestaram os

desprovidos de gosto, levou a Paris, como se sabe, uma febre de curiosidade menos áspera, mais

puramente estética, mas talvez tão viva como o Caso Dreyfus. Mesmo aí a Sra. Verdurin iria figurar na

primeira linha, mas para um resultado mundano inteiramente diverso. Bem como a tinham visto ao lado

da Sra. Zola no tribunal, nas sessões do júri, assim também, quando a nova humanidade, aclamados

balés russos, comprimiu-se na ópera, ornada de *aigrettes* desconhecidas, sempre viam num primeiro

camarote a Sra. Verdurin ao lado da princesa Yourbeletieff. E, como após as

emoções do Palácio da

Justiça ia-se à noite à casa da Sra. Verdurin para ver de perto Picquart ou Labori, e sobretudo para saber

das últimas notícias, tomar conhecimento do que se podia esperar de Zurlinden, de Loubet, do coronel

Jouaust, do Regulamento, da mesma forma, com pouca disposição para ir dormir depois do entusiasmo

desencadeado por Sherazade ou pelas danças do Príncipe Igor, ia-se à casa da Sra. Verdurin, onde,

presididas por ela e pela princesa Yourbeletieff, as ceias requintadas reuniam todas as noites os

dançarinos, que não tinham jantado para estarem mais ágeis, o diretor do espetáculo, os decoradores, os

grandes compositores Igor Stravinski e Richard Strauss, pequeno núcleo imutável em torno ao qual, como

nas ceias do Sr. e da Sra. Helvétius, as mais ilustres damas de Paris e as Altezas estrangeiras não

desdenhavam misturar-se. Mesmo os da alta sociedade que julgavam possuir bom gosto e faziam

distinções ociosas entre os balés russos, achando a apresentação das *Sílfides* um pouco mais “fina" que

a de *Sherazade*, em que não estavam longe de notar influências da arte negra, ficavam encantados de

verde perto aqueles grandes renovadores do gosto, do estilo teatral, que, numa arte talvez um tanto mais

artificial que a pintura, fizeram uma revolução tão profunda quanto o Impressionismo.

Voltando ao Sr. de Charlus, a Sra. Verdurin não teria ficado tão aborrecida se ele se tivesse

limitado a pôr no índex a Sra. Bontemps, que ela havia notado na casa de Odette por seu amor às artes e

que, durante o Caso Dreyfus, tinha vindo algumas vezes jantar na companhia do marido, a quem a Sra.

Verdurin chamava de água-morna porque não punha o processo em revisão, mas que, muito inteligente e

querendo relacionar-se com todos os partidos, estava encantado por mostrar a sua independência ao

jantar com Labori, que o escutava sem dizer nada de comprometedor, mas inserindo na ocasião própria

uma homenagem à lealdade de Jaures, reconhecida em todos os partidos. Mas o barão igualmente

proscrevera certas damas da aristocracia com as quais a Sra. Verdurin entrara recentemente em

relações, por ocasião de solenidades musicais, de coleções e de caridade, e que, fosse qual fosse o juízo

que o Sr. de Charlus tivesse acerca delas, teriam sido, muito mais que ele próprio, elementos essenciais

para formar, na casa da Sra. Verdurin, um novo núcleo, este aristocrático. A Sra. Verdurin havia

justamente contado para essa festa, à qual o Sr. de Charlus lhe traria senhoras da mesma sociedade,

para lhes acrescentar suas novas amigas, e gozara de antemão a surpresa que elas teriam em encontrar

no cais Conti as amigas ou parentas convidadas pelo barão. Estava decepcionada

e furiosa com a

proibição delas. Restava saber se a reunião noturna, nessas condições, se traduziria, quanto a ela, por

um ganho ou uma perda. Esta não seria muito grave se pelo menos as convidadas do Sr. de Charlus

viessem com disposições tão calorosas para com a Sra. Verdurin, que se lhe tornassem as amigas do

futuro. Nesse caso só haveria meio prejuízo e, num dia próximo, essas duas metades da alta sociedade,

que o barão quisera manter isoladas, seriam reunidas; conquanto sem a presença dele naquela noite. A

Sra. Verdurin, portanto, esperava as convidadas do Sr. de Charlus com certa emoção. Não ia demorar a

conhecer, estado de espírito com que vinham e as relações que poderia esperar ter com elas. Enquanto

esperava, a Sra. Verdurin se aconselhava com os fiéis; porém, vendo Charlus entrar com Brichot e

comigo, interrompeu-se de súbito. Para nosso grande espanto, quando Brichot lhe falou de sua tristeza

saber que a grande amiga dela passava tão mal, a Sra. Verdurin respondeu:

- Escute, sou obrigada a confessar que não sinto tristeza nenhuma. É inútil fingir sentimentos que

não temos... - Sem dúvida falava assim por falta de energia, pois sentia-se cansada à idéia de fazer cara

triste durante toda a recepção; por orgulho para não dar a impressão de estar procurando desculpas por

não ter cancelada a reunião; mas também por respeito humano e habilidade, pois a falta de pesar que

demonstrava era mais honrosa se devesse ser atribuída a uma antipatia especial, do súbito revelada,

quanto à princesa, do que a uma insensibilidade universal, e porque não se podia evitar de ficar

desarmado por uma sinceridade que não cabia suposta em dúvida: se a Sra. Verdurin não tinha sido de

fato indiferente à morte da princesa, iria, para explicar porque recebia, acusar-se de uma falta bem mais

grave? Esqueciam que a Sra. Verdurin confessara, ao mesmo tempo que o pesar, a falta de coragem de

renunciar a um prazer; ora, a dureza da amiga era algo mais chocante mais imoral, porém menos

humilhante e, assim, mais fácil de confessar, que a frivolidade da dona da casa. Em matéria de crime,

onde há perigo para o culpado o interesse que dita as confissões. Para as culpas sem sanção, é o amor-

próprio. Além disso, achando muito batido, sem dúvida, o pretexto das pessoas, que não se deixarem

interromper pelos pesares em sua vida de prazeres, repetem que lhe parece inútil pôr exteriormente um

luto que têm no coração, a Sra. Verdurin preferia imitar esses culpados inteligentes a quem repugnam os

clichês da inocência e cuja defesa- que é meia-confissão, sem que o percebam - consiste em dizem que

não teriam visto nenhum mal em cometer o que lhes é censurado, o que por

acaso, aliás, não tiveram

ocasião de fazer; fosse porque, tendo adotado, para explicar sua conduta, a tese da indiferença, achasse,

uma vez lançada na vertente do mau sentimento, que havia nele uma certa originalidade em experimentá-

lo, rara perspicácia em ter sabido desvendá-lo, e um tal ou qual desplante em proclama-lo dessa forma, a

Sra. Verdurin fez questão de insistirem sua falta de pesar, não uma certa satisfação orgulhosa de

psicólogo paradoxal e de audacioso drama.

- Sim, é engraçado - disse ela -, mas não senti quase nada. Meu Deus, não posso dizer que não

teria preferido que ela vivesse, não era má pessoa.

- Era, sim - interrompeu o Sr. Verdurin.

- Ah, ele não gosta dela porque achava que era prejudicial para mim o fato de recebê-la, mas

deixa-se cegar por isso.

- Faça-me a justiça - disse o Sr. Verdurin - de reconhecer que nunca aprovei essas relações.

Sempre te disse que ela era de má reputação.

- Mas eu nunca ouvi nada a esse respeito - protestou Saniette.

- Mas como? - exclamou a Sra. Verdurin - Era uma coisa universalmente conhecida. Era má, e

também de fama vergonhosa, infame. Mas não é por causa disso. Eu mesma não saberia explicar meu

sentimento; não a detestava, mas ela me era de tal modo indiferente que, quando soubemos que estava

muito mal, até meu marido ficou surpreso e me disse: "Parece que pouco te importas com isso". Mas

vejam, hoje ele me propôs adiar a festa e eu, pelo contrário, fiz questão de mantê-la, pois teria achado

uma comédia manifestar um desgosto que não sinto. -

Dizia aquilo porque achava ser curiosamente "teatro livre", e também por ser bastante cômodo;

pois a insensibilidade ou a imoralidade confessa simplifica tanto a vida como a moral fácil; faz das ações

censuráveis, e para as quais então não precisamos procurar desculpas, um dever de sinceridade. E os

fiéis ouviam as palavras da Sra. Verdurin com aquela mistura de admiração e mal-estar que certas peças

cruamente realistas e de observação penosa causavam antigamente; e maravilhando-se de ver a cara

Patroa exibir uma nova forma de sua retidão e sua independência, mais de um deles, dizendo consigo

que afinal de contas não seria a mesma coisa, pensava na própria morte e se perguntava se, no dia em

que ela ocorresse, chorariam ou dariam uma festa no cais Conti.

- Estou muito contente de que a festa de hoje não tenha sido adiada, por causa dos meus

convidados - disse o Sr. de Charlus, que não percebeu que, expressando-se desse modo, ofendia a Sra.

Verdurin.

Entretanto eu estava impressionado, como qualquer pessoa que nessa noite se aproximasse da

Sra. Verdurin, com um cheiro bem desagradável de rinogomenol. Eis aqui o motivo. Sabe-se que a Sra.

Verdurin jamais expressava suas emoções artísticas de maneira moral, porém física, para que

parecessem mais inevitáveis e profundas.

Ora, se lhe falassem da música de Vinteuil, sua predileta, ela permanecia indiferente, como se não

esperasse dela nenhuma emoção. Mas, após alguns minutos de olhar imóvel, quase distraído, ela nos

respondia num tom preciso, prático, quase descortês, como se nos houvesse dito: "pouco me importa que

o senhor fume, mas é por causa do tapete, ele é muito bonito, o que também pouco me importaria, mas é

muito inflamável, tenho muito medo do fogo e não gostaria de que todos se queimassem por causa de

uma ponta de cigarro mal apagada que deixasse cair no chão." O mesmo quando a Vinteuil. Se falassem

dele, ela não demonstrava nenhuma admiração, mas, ao cabo de um instante, expressava com frieza a

pena de que não o tocassem naquela noite: - Não tenho nada contra Vinteuil; no meu entender, é o maior

compositor do século, apenas não posso ouvir essas coisas sem parar de chorar um só instante (ela de

modo algum dizia "chorar" com jeito patético, teria dito "dormir" com o mesmo tom natural; certas más

línguas pretendiam até que esse último verbo teria sido mais verdadeiro, o que ninguém aliás poderia

decidir, pois ela escutava aquela música com a cabeça entre as mãos, e certos ruídos de ronco afinal

poderiam ser soluços). Chorar não me faz mal posso chorar à vontade; apenas, é que as lágrimas me

causam corizas de arrebentar. Isso me congestiona a mucosa e, quarenta e oito horas depois, fico

parecendo uma velha bêbada e, para que funcionem as minhas cordas vocais, sou obrigada a passar

dias fazendo inalações. Enfim um aluno de Cottard...-Oh! Mas a propósito não lhes dei os meus pêsames;

morreu bem depressa o pobre professor! Para bem, sim, que é que desejam, ele está morto, como todo

mundo, tinha matado muita gente e agora chegou a sua vez de desferir golpes contra si próprio. Pois

então eu lhes dizia que um de seus alunos, delicioso mestre, cuidara de mim. E professava um axioma

bastante original: "Mais vale prevenir que remediar." E passando-me uma pomada no nariz antes do início

da música. É radical. Posso chorar como não sei quantas mães que tivessem perdido seus filhos e sem a

menor coriza. Às vezes um pouquinho de conjuntivite, e é só. A eficácia é total. Sem isso, não poderia ter

continuado a escutar Vinteuil. Eu não fazia mais do que passar de uma bronquite

a outra.

Não pude evitar de falar na Srta. Vinteuil.

- Não veio a filha dele, nem uma de suas amigas? - perguntei à Sra. Verdurin.

- Não, acabo justamente de receber um telegrama - disse a Sra. Verdurin de modo evasivo. - Elas

foram obrigadas a ficar no carro. - E por um instante assaltou-me a esperança de que talvez nunca

cuidara de que elas viessem, e que a Sra. Verdurin somente anunciara aqueles representantes do

compositor para impressionar favoravelmente os intérpretes e o público.

- Como, quer dizer então que elas nem vieram ao ensaio da tarde? -indagou o barão com falsa

curiosidade, pois quis dar a entender não ter estado com Charlie. Este veio cumprimentar-me. Perguntei-

lhe ao ouvido acerca da desculpa da Srta. Vinteuil. Parecia estar mal informado sobre o assunto. Fiz-lhe

sinal para que não falasse alto, e o avisei de que voltaríamos a tratar daquilo. Inclinou-se e prometeu que

ficaria muito feliz por estar inteiramente à minha disposição. Reparei que comportava-se de maneira

muito mais cortês e muito mais respeitosa que antes. - elogio dele - dele, que poderia talvez ajudar a

esclarecer minhas suspeitas em parte o Sr. de Charlus, que respondeu:

- Não faz mais do que deve, pois não valeria a pena viver entre pessoas bem-educadas se não

aprendesse a ter boas maneiras. -E segundo o Sr. de Charlus, eram as velhas

maneiras francesas, sem

sombra de rigidez britânica. Assim, quando Charlie, regressando de uma turnê na província pelo

estrangeiro, chegava em roupa de viagem à casa do barão, este, se não havia muitas visitas, beijava-o

sem cerimônia em ambas as faces, talvez um pouco para, com tal ostentação, tirar à sua ternura toda

idéia de culpa, talvez para não furtar-se a um prazer, mas sem dúvida, principalmente por literatura, para

manter e ilustrar antigas maneiras da França, e como teria protestado contra o estilo muniquense ou o

estilo *art nouveau* conservando velhas poltronas de sua bisavó, opondo à fleuma britânica a ternura de

um pai sensível do século XVIII, que não dissimula sua alegria de rever um filho. Enfim, haveria uma

ponta de incesto nessa afeição paternal? É mais provável que a maneira como o Sr. de Charlus satisfazia

habitualmente seu vício, e sobre a qual mais tarde receberemos alguns esclarecimentos, não bastasse

para suas necessidades afetivas, que permaneciam em branco desde a morte da esposa; tanto é assim

que, depois de ter pensado várias vezes em casar de novo, era perseguido agora por um desejo maníaco

de adoção, e algumas pessoas de sua intimidade julgavam que tal desejo ia exercer-se em proveito de

Charlie. O caso não é extraordinário. O invertido que só pôde nutrir sua paixão com uma literatura escrita

para os homens que gostam de mulheres, que pensava nos homens ao ler *As Noites de Musset*, sente

também necessidade de exercer todas as funções sociais do homem que não é invertido, de sustentar

dançarinas como o amante, e, como velho freqüentador da ópera, de ter uma vida regrada, de casar ou

de se juntar a um homem, de ser pai.

Ele se afastou com Morel, ao pretexto de que este lhe explicasse o que iam tocar, sentindo

principalmente uma grande ternura, enquanto Charlie lhe mostrava sua música, em exibir assim

publicamente a intimidade secreta que havia entre ambos. Enquanto isso, eu me sentia encantado. Pois,

embora o pequeno clã comportasse poucas moças, em compensação muitas eram convidadas nos dias

das festas de gala. Havia grande número delas que eu conhecia, todas muito bonitas. De longe,

mandavam-me um sorriso de boas-vindas. Desse modo, a atmosfera se ornava a cada instante de um

belo sorriso de moça. É o ornamento múltiplo e esparso das noites como dos dias. A gente se lembra de

uma atmosfera porque havia moças sorridentes.

Aliás, causariam espanto, se tivessem sido notadas, as palavras furtivas que o Sr. de Charlus

trocara com diversos homens importantes daquela reunião. Tais homens eram dois duques, um eminente

general, um grande escritor, um grande médico e um grande advogado. Ora, as palavras tinham sido

estas:

- A Propósito, souberam se o lacaio... não, falo do rapaz que vai na boléia... E na casa da sua

prima Guermantes não há nada de novo?

- Atualmente não.

- Então diga, diante da porta da entrada, perto dos carros, havia uma pessoa jovem, loura, de

calças curtas, que me pareceu bastante simpática. Chamou muito graciosamente o meu carro, e de bom

grado eu teria estendido a conversa.

- Sim, mas julgo-a extremamente hostil, e além disso, faz tantos luxos; você, que gosta de obter as

coisas logo de saída, ficaria aborrecido. Aliás, sei que não há nada a fazer, um de meus amigos já tentou.

- É uma pena, pois achei o perfil muito fino e os cabelos magníficos.

- Acha-a na verdade tão linda assim? Creio que, se a tivesse visto pouquinho mais, teria ficado

desiludido. Não, no bufê é que há uns dois meses atrás teria visto uma verdadeira maravilha, um rapagão

de dois metros, um ideal, e além disso gostando da coisa. Mas foi-se embora para a Polônia.

- Ah, é pouco longe.

- Quem sabe? Talvez volte. A gente sempre torna a se encontrar vida.-Não existe grande sarau

mundano, se lhe fazemos um corte em profundidade bastante, que não seja igual a essas reuniões a que

os médicos convidam seus enfermos, os quais conversam com muito juízo, exibem excelentes modos; se

mostrariam doidos se não segredassem ao nosso ouvido, apontando um velha que passa: - É Joana

d'Arc.

- Acho que é do nosso dever esclarecê-lo - disse a Sra. Verdurin a Brichot - O que faço não é

contra Charlus, pelo contrário. Ele é agradável, e quanto a reputação, direi que é de um tipo que não

pode me dar prejuízo! Eu, que reuno nosso pequeno clã, para os nossos jantares de conversação,

detesto os namoricos; os homens dizendo asneiras à uma mulher num canto da sala, em vez de falar

coisas interessantes, com Charlus não preciso temer o que me aconteceu com Swann, com Elstir, com

tantos outros. Com Charlus eu me sentia sossegada, até a chegava para os meus jantares, podiam estar

presentes todas as mulheres da sociedade, mas eu tinha a certeza de que a conversa geral não seria

perturbada por namoros e cochichos. Charlus é um ser à parte, a gente com ele se tranqüiliza, é como se

fosse um padre. Apenas, é preciso que ele não se ponha a querer mandar nos rapazes que vêm aqui e

lançar a discórdia no nosso grupinho, senão será prior ainda que um sujeito mulherengo. - E a Sra.

Verdurin era sincera ao proclamar desse modo a sua indulgência em relação ao Charlismo. Como todo

poder eclesiástico, ela julgava as fraquezas humanas menos graves do que aquilo que pode enfraquecer

a autoridade do príncipe, prejudicar a ortodoxia, modificar o antigo em sua igrejinha. - Sem isso, ele vai se

haver comigo. Imaginem que impedir Charlie de comparecer a um ensaio porque não fora convidado.

Mas, dar-lhe uma advertência grave, espero que seja bastante, senão vai ter que sumir daqui. Ele

seqüestra o rapaz, palavra! - E, empregando exatamente as mesmas expressões que quase todo mundo

teria usado, pois que há algumas, pouco habituais, que determinado assunto particular, certa

circunstância especial, fazem quase obrigatoriamente à memória de quem está falando, e que pensa

expressar livremente suas idéias e não faz mais que repetir maquinalmente a lição universal ela

acrescentou: - Não se pode mais ver Morel sem que esteja escoltado por estar enfermo, por essa espécie

de guarda-costas.

O Sr. Verdurin propôs afastar ele próprio com Charlie por um instante para falar-lhe, sob o pretexto

de lhe perguntar alguma coisa. A Sra. Verdurin, porém, receou que o violinista ficasse perturbado e

tocasse mal.

- Era preferível atrasar essa execução até depois dos trechos da música. E quem sabe até adiar

para outro dia. - Pois a Sra. Verdurin, por mais que desejasse a deliciosa emoção que experimentaria

quando soubesse que o marido estava esclarecendo Charlie na sala vizinha, tinha medo, se o golpe

falhasse, que ele se zangasse e não comparecesse no dia 16.

O que perdeu o Sr. de Charlus naquela noite foi a má-educação tão freqüente neste mundo das

pessoas que ele havia convidado e principiavam a chegar. Vindas a um tempo por amizade ao Sr. de

Charlus e com a curiosidade de penetrarem semelhante reduto, cada duquesa ia direto ao barão como se

fosse ele quem estivesse recebendo e dizia, a dois passos da Sra. Verdurin, que a tudo ouvia:

- Diga-me onde está a tia Verdurin, acha ser indispensável que eu me apresente? Ao menos,

espero que ela não mande pôr o meu nome nos jornais amanhã, seria motivo de briga com toda a minha

gente. Como, é essa mulher de cabelos brancos? Mas ela não é tão feia assim.

Ouvindo falar da Srta. Vinteuil, aliás ausente, mais de uma dizia:

- Ah, a filha da Sonata? Mostrem-na e, encontrando muitas amigas, faziam grupo à parte,

observavam, faiscando de curiosidade irônica, a entrada dos fiéis e o máximo que achavam para apontar

com o dedo era o penteado um tanto singular de uma pessoa que alguns anos

depois iria pô-lo na moda

na mais alta sociedade, e, em suma, lamentavam não achar aquele salão muito diferente dos que já

conheciam, do que tinham esperado, sentindo o desapontamento das pessoas da alta sociedade que,

tendo ido à boate de Bruant na esperança de levar descompostura do cançonetista, são acolhidas à

entrada com um cumprimento correto, em vez do refrão esperado: -Ah, que focinho ela tem! Que tipo!

Olhem só que bocarra!

O Sr. de Charlus, em Balbec, havia criticado finamente, na minha presença, a Sra. de Vaugoubert,

que, apesar de muito inteligente, provocara, depois da fortuna inesperada, a irremediável desgraça do

marido. Os soberanos em cuja corte o Sr. de Vaugoubert estava credenciado, o rei Teodósio e a rainha

Eudóxia, tinham voltado a Paris, mas desta vez para uma temporada de maior duração; organizaram-se

festas diárias em homenagem a eles, durante as quais a rainha, relacionada havia dez anos com a Sra.

de Vaugoubert, a quem via sempre na sua capital, e não conhecendo nem a esposa do Presidente da

República nem as mulheres dos ministros, afastara-se destas para formar um grupo à parte com a

embaixatriz. Esta, julgando estar sua posição a salvo de todo risco pois o Sr. de Vaugoubert fora o autor

da aliança entre o rei Teodósio e a França-, sentira, com a preferência que lhe mostrava a rainha, uma

grande satisfação de orgulho, mas nenhuma inquietude pelo perigo que a ameaçava e que se realizou

meses depois com o acontecimento, que o casal, confiante em excesso, julgara erradamente impossível,

da brutal aposentadoria do Sr. de Vaugoubert.

O Sr. de Charlus, comentando no trenzinho de Balbec a queda do seu amigo de infância,

assombrava-se de que uma mulher inteligente não usasse, em semelhante circunstância, de toda a sua

influência sobre os soberanos para deles obter que ela parecesse não ter nenhuma e fazê-la transferir

para a esposa do presidente da república e dos ministros uma amabilidade pela qual se sentiriam elas

tanto mais lisonjeadas, isto é, pela qual ficariam mais perto, em seu contentamento, de ser gratas aos

Vaugoubert, quanto havíamos de pensar que essa amabilidade era espontânea e não ditada por eles.

Mas quem o erro dos outros, por pouco que o tonteiem as circunstâncias, muitas vezes nos incide. E o Sr.

de Charlus, enquanto seus convidados abriam caminho para felicita-lo, agradecer-lhe como se ele fosse o

dono da casa, não pensou em pedir-lhes que trocassem algumas palavras com a Sra. Verdurin.

Unicamente a rainha de Nápoles em cujas veias corria o mesmo sangue nobre de suas irmãs, a

imperatriz Élise a duquesa d'Alençon, pôs-se a conversar com a Sra. Verdurin como se tivesse vindo para

o prazer de vê-la mais do que pela música e em atenção ao Sr. de Charlus fez-lhe mil declarações, não

escondeu o antigo desejo que tinha de conhecê-la elogiou-lhe a casa e lhe falou dos assuntos mais

variados, como se estivesse em visita. Disse-lhe também que gostaria muito de ter trazido a sobrinha

Élisabeth que deveria em breve casar-se com o príncipe Alberto, da Bélgica, que sentia muita pena de

não ter vindo.

Calou-se ao ver os músicos instalarem-se e pediu que lhe mostrassem Morel. Não devia ter

muitas ilusões acerca dos que levavam o Sr. de Charlus a querer que cercassem o jovem virtuoso de tal

glória. Mas sua velha sabedoria de soberana em quem corria um dos mais nobres sangues da História,

mais ricos de experiência, de ceticismo e de orgulho, em considerar as taras inevitáveis das pessoas de

quem gostava, como seu primo Charlus (filho como ela de uma duquesa da Baviera), como infortúnios

que faziam mais precioso o apoio que podiam encontrar nela e, conseqüentemente, faziam com que ela

tivesse mais prazer ainda em lhe dar. Sabia que o Sr. de Charlus ficaria duplamente agradecido por ela

ter tomado o incômodo de vir em semelhante ocasião. Mas, tão bondosa como antes se mostrara cheia

de coragem, heróica mulher que, rainha-soldado, dera tiros pessoalmente nas muralhas de Gâ sempre

disposta a colocar-se cavalheirescamente do lado dos fracos, vendo a Verdurin só e abandonada, a qual

de resto ignorava que não deveria largar a rainha, buscara fingir que para ela, rainha de Nápoles, o centro

daquela reunião, o atrativo que a fizera vir era a Sra. Verdurin. Não cessou de desculpar-se por poder

ficar até o fim, devendo, ela que nunca saía, comparecer a uma outra recepção, e pedindo sobretudo que,

quando ela fosse embora, não se incomodando por ela, desse modo dispensando a Sra. Verdurin das

honrarias que esta ignorava que lhe devia.

Contudo, é preciso fazer esta justiça ao Sr. de Charlus, ou seja, que, se esqueceu completamente

da Sra. Verdurin e deixou que a esquecessem, e dolosamente, as pessoas "de seu meio" que ele havia

convidado, em compensação compreendeu que não devia permitir que elas mantivessem, diante da

própria “manifestação musical", os maus modos que exibiam face à dona da casa. Morel já subira no

estrado, os artistas se agrupavam, e ainda ouvia-se o rumor das conversas, e até risadas, frases como "é

preciso ser iniciado para compreender". E logo o Sr. de Charlus, empertigando para trás o busto, como se

tivesse entrado em outro corpo diferente daquele que eu tinha visto, havia pouco, chegar arrastando-se à

casa da Sra. Verdurin, assumiu uma expressão de profeta e olhou a assembléia com uma seriedade que

significava que aquele não era o momento de rir, e com isso fazendo corar bruscamente o rosto de mais

de um convidado surpreendido em falta como um aluno pelo professor em plena sala de aula. Para mim,

a atitude, aliás tão nobre, do Sr. de Charlus tinha algo de cômico; pois ora ele fulminava seus convidados

com olhares chamejantes, ora, a fim de lhes indicar como num *vademecum* o silêncio religioso que era

conveniente observar, a renúncia a toda preocupação mundana, ele próprio exibia, erguendo as mãos

enluvadas à bela testa, um modelo (ao qual deviam todos se assemelhar) de gravidade, quase de êxtase

até, sem corresponder aos cumprimentos dos retardatários, por demais indecentes para não

compreenderem que agora o momento era dedicado à grande Arte. Ficaram todos hipnotizados, ninguém

mais teve coragem de proferir um som, de mexer uma cadeira; o respeito pela música-de par com o

prestígio de Palamede -fora de súbito inculcado a uma multidão tão mal-educada quanto elegante.

Vendo enfileirar-se no pequeno estrado não só Morel e um pianista, mas também outros

instrumentistas, julguei que iriam começar pelas obras de outros compositores que não Vinteuil. Pois

pensava que não tinham dele mais que a sonata para piano e violino.

A Sra. Verdurin sentou-se à parte, magnificamente abaulados os hemisférios de sua testa branca

e ligeiramente rosada, os cabelos penteados para trás, um pouco para imitar um retrato do século XVIII,

um pouco exigido pela necessidade de frescor de uma criatura febril a quem o pudor impede de

manifestar seu estado, isolada, divindade que presidia às solenidade musicais, deusa do wagnerismo e

da enxaqueca, espécie de *Nomas* quase trágica, evocada pelo gênio no meio daquelas pessoas

aborrecidas, diante das quais, mais ainda que de costume, desdenharia exprimir suas impressões ao

ouvir uma música que conhecia melhor que eles.

[Nomas eram divindades do destino nas mitologias nórdica e germânica. Correspondem às Moiras

gregas, às Parcas romanas. (N. do T)]

O concerto começou, eu não conhecia o que se tocava; encontrava-me em região desconhecida.

Onde situá-la? Na obra de que autor eu me encontrava? Bem que desejaria sabê-lo e, não tendo junto a

mim pessoa alguma a quem perguntar, gostaria de ser um personagem daquelas *Mil e Uma Noites* que

eu relia sem cessar e onde, nos momentos de incerteza, surge de repente um gênio ou uma adolescente

de beleza encantadora, invisível para os outros, mas não para o herói embaraçado a quem ela revela

exatamente o que ele deseja saber. Ora, nesse momento: precisamente favorecido por semelhante

aparição mágica. Assim como, num que julgamos não conhecer e a que na verdade chegamos por um

lado; nem quando, após uma volta do caminho, sucede-nos desembocar de súbito em outro cujos

menores recantos nos são familiares, mas aonde não tínhamos a intenção de chegar por ali, dizemos de

repente:

- Mas é o caminho que leva à pequena porta do jardim dos meus amigos***; estou a dois minutos

da casa deles-; de fato ali está a filha, que veio nos dar bom-dia de passagem; assim também,

repentinamente, eu me reconheci no meio daquela música nova para mim, em plena sonata de Vinteuil; e

mais maravilhosa que uma adolescente, a pequena fraca envolta, coberta de prata, toda recamada de

sonoridades brilhantes, leves e suaves como *écharpes*, veio até mim, reconhecível sob esses novos

enfeites. Minha alegria por tê-la reencontrado era aumentada pela entonação tão carinhosamente

conhecida que ela assumia para dirigir-se a mim, tão persuasiva, tão simples; todavia sem deixar

esplender aquela beleza deslumbrante que a animava. Aliás, significava desta vez apenas mostrar-me o

caminho, o qual não era o da sonata, pois tratava-se de uma obra inédita de Vinteuil, onde ele se

divertira, por alusão que, nesse ponto, era justificada por umas palavras do programa, que o ouvinte

precisaria ter ao mesmo tempo diante dos olhos, em fazer surgir por um instante a pequena frase. Mal

recordada desse modo, ela desapareceu e encontrei-me num mundo desconhecido; mas agora sabia, e

tudo não cessou de me encantar, que esse mundo era um daqueles que eu nem sequer pudera imaginar

Vinteuil houvesse criado; pois quando, fatigado da sonata que era um universo esgotado para mim,

tentava idear outros tão belos, porém diversos, fazia apenas como esses poetas que preenchem o seu

pretenso Paraíso de campinas, defloram de regatos que são simples repetições dos que vemos na Terra.

O que estava à minha frente fazia-me sentir tanta alegria, quanto me teria dado a sonata se eu a

conhecesse, pois, sendo assim tão belo, era diferente. Ao passo que a sonata abria para uma aurora de

lírios, campesina, dividindo sua leve candura, mas se alçar ao emaranhamento leve e todavia consistente

de uma latada rústica madressilvas sobre gerânios brancos, era sobre superfícies unidas e planas como

do mar que, numa manhã de temporal, começava no meio de um acre num vazio infinito, a nova obra, e

era num róseo de aurora que, para se constar progressivamente diante de mim, esse universo

desconhecido era extraído do silêncio e da noite. Aquele rubro tão novo, tão

ausente da terna, campestre

e cândida sonata, tingia todo o céu, como o arrebol, de uma esperança misteriosa. E um e que já cortava

o ar, canto de sete notas, porém o mais desconhecido, o mais diverso tudo o que eu já tivesse imaginado,

a um tempo inefável e penetrante, não arrulho de pomba como na sonata, mas rasgando o ar, tão vivo

como a nua escarlate em que estava imerso o princípio, algo feito um canto místico do galo, um apelo

inefável mas super agudo da eterna manhã. A atmosfera fria, lavada de chuva, elétrica de uma qualidade

tão diversa, sujeita a pressões tão diferentes, num mundo tão afastado do outro, virginal e guarnecido de

vegetais, da sonata mudava a todo instante, apagando a promessa purpurina da Aurora. No entanto ao

meio dia, num ensolarado ardente e passageiro, ela parecia cumprir-se numa felicidade pesada, aldeã e

quase rústica, onde a vacilação dos sinos retumbantes e desencadeados (semelhantes aos que

incendiavam de calor a praça da igreja em Combray, e que Vinteuil, que os devia ter ouvido muitas vezes,

talvez tivesse encontrado naquele momento na memória, como uma cor que se tem ao alcance da mão

numa palheta) parecia materializar a mais espessa alegria. A falar a verdade, esteticamente esse motivo

de alegria não me agradava; achava-o quase feio, o ritmo ali se arrastava tão penosamente pelo chão

que seria possível imitar quase toda a sua essência apenas com os ruídos, batendo de certo modo com

as baquetas numa mesa. Parecia-me que, nesse ponto, Vinteuil carecera de inspiração e, em

conseqüência, faltou-me também um pouco de atenção ali.

Olhei a Patroa, cuja feroz imobilidade parecia protestar contra a marcação de compasso feita

pelas cabeças ignorantes das damas do *Faubourg*. A Sra. Verdurin não dizia:

"Vocês compreendem que eu conheço um pouco esta música, um pouco apenas! Se precisasse

exprimir tudo o que sinto, vocês teriam muito que ouvir!"

Não o dizia. Mas seu talhe ereto e imóvel, seus olhos sem expressão, as madeixas em desalinho,

falavam por ela. Falavam também da sua coragem, diziam que os músicos podiam continuar, sem

poupar-lhe os nervos, que ela não fraquejaria no andante, que não gritaria no alegro.

Olhei os músicos. O violoncelista dominava o instrumento, que apertava entre os joelhos,

inclinando a cabeça, à qual os traços vulgares davam, nos instantes de maneirismo, uma expressão de

desgosto; ele se inclinava sobre seu rabecão, apalpava-o com a mesma paciência doméstica com que

teria colhido couves, enquanto a seu lado a harpista (menina ainda), de saia curta, atravessada de todos

os lados pelos raios horizontais do quadrilátero de ouro semelhantes àqueles que,

na câmara mágica de

uma sibila, representariam arbitrariamente o éter segundo as formas consagradas, parecia procurar nele,

aqui e ali, no ponto exato, um som delicioso, da mesma forma que, pequena deusa alegórica, de pé junto

à latada de ouro da abóbada celeste, estivesse colhendo estrelas uma a uma.

Quanto a Morel, uma mecha até então invisível e confundida na sua cabeleira vinha destacar-se e

fazer um anel na sua testa. Imperceptivelmente, virei a cabeça para o público a fim de verificar o que o Sr.

de Charlus parecia pensar daquela mecha. Mas meus olhos somente encontraram o rosto, ou melhor, as

mãos da Sra. Verdurin, pois estas cobriam inteiramente aquele. Desejaria a Patroa, com essa atitude de

recolhimento, mostrar que se contentava, como estando na igreja e que não achava aquela música

diferente da mais sublime das orações? Desejaria ela, como certas pessoas na igreja, subtrair olhares

indiscretos, fosse por pudor, o fervor suposto, fosse por respeito humano, a distração culposa ou um sono

invencível? Esta última hipótese, julguei-a por momento ser a verdadeira, devido a um rumor que não era

musical, mas percebi que era produzido pelos roncos, não da Sra. Verdurin mas de sua cadeira.

Mas bem depressa, tendo sido expulso, disperso por outros sons triunfantes dos sinos, de novo fui

arrebatado por aquela música; e percebia que ao longo desse septeto, elementos diversos se expunham

sucessivamente para combinar no fim, da mesma forma a sonata de Vinteuil e, como soube mais tarde

todas as suas demais obras, não tinham sido, em relação ao septeto, mais que tímidos esboços,

deliciosos, porém frágeis, junto da obra-prima triunfal e completa que naquele instante me era revelada. E

eu não podia deixar de me lembrar, comparação, que, da mesma forma, eu pensara nos outros mundos

que Vinteuil podia ter criado como em universos fechados, como fora cada um dos meus amores; mas na

realidade, eu devia forçosamente confessar que, como neste último amor por Albertine; minhas primeiras

veleidades de a amar (em Balbec, logo no começo, a seguir após o jogo do anel, depois na noite em que

ela dormira no hotel, depois no domingo de nevoeiro em Paris, depois na festa em casa dos Guermantes;

depois de novo em Balbec, e afinal em Paris, onde minha vida estava estreitamente ligada à sua), os

meus outros amores, se eu considerava agora não mais o amor por Albertine, mas toda a minha vida, não

tinham sido mais que frágeis tímidos ensaios, apelos que preparavam, que reclamavam este mais vasto

am amor por Albertine. E deixei de seguir a música para de novo indagar a mim mesmo, se Albertine

havia visto ou não a Srta. Vinteuil por aqueles dias, como quando interrogamos

uma dor interna que a

distração nos faz esquecer por um momento; pois era em mim que aconteciam os possíveis atos de

Albertine. De todas as criaturas que conhecemos nós possuímos um duplo. Porém, habitualmente situado

no horizonte de nossa imaginação, de nossa memória, ele permanece relativamente exterior a nós, e o

que fez ou pudera fazer não comporta para nós elementos dolorosos do que um objeto colocado a certa

distância e que só causa as sensações indolores da vista. O que afeta essas criaturas nós o podemos de

modo contemplativo; podemos deplorá-lo em termos apropriados que aos outros a idéia do nosso bom

coração, mas de fato não o sentimos. Porém a partir do golpe de Balbec, era no meu coração, e a uma

grande profundidade de extrair, que se achava o duplo de Albertine. O que eu enxergava dela me fazia

como a um enfermo cujos sentidos estivessem tão lastimosamente transvertidos que a vista de uma cor

seria interiormente por ele sentida como uma incisão em plena carne. Por sorte eu não cedera à tentação

de romper com Albertine; aquele enfado de ter de encontrá-la dali a pouco ao voltar, como a uma mulher

de bem era quase nada perto da angústia que eu sentiria caso a separação se efetuasse naquele

momento, quando eu alimentava uma dúvida a seu respeito, antes que ela tivesse tido tempo de se tornar

indiferente. E, no momento em que a imaginava assim a esperar-me em casa, achando vagaroso o

tempo, tendo talvez cochilado um instante no quarto, fui afagado de passagem por uma terna frase

familiar e doméstica do septeto. Quem sabe-de tanto que todas as coisas se entrecruzam e superpõem

na nossa vida interior-tivesse ela sido inspirada a Vinteuil pelo sono de sua filha-sua filha, hoje fonte de

todas as minhas perturbações-quando tal sono envolvia em sua doçura, nas tardes pacíficas, o trabalho

do músico, essa frase que me acalmou tanto, pelo mesmo macio fundo de silêncio que pacifica certas

rêveries de Schumann, durante as quais, ainda quando "o poeta fala", adivinhamos que "a criança

dorme". Adormecida, desperta, eu a encontraria àquela noite, quando me aprouvesse voltar para casa,

Albertine, minha filhinha. E no entanto, disse comigo, algo mais misterioso que o amor de Albertine

parecia prometido no começo daquela obra, naqueles primeiros gritos de aurora. Eu tentava afastar o

pensamento da minha amiga para só pensar no músico. E assim tive bem a impressão de sua presença

ali. Dir-se-ia que, reencarnado, o autor vivia para sempre em sua música; sentia-se a satisfação com que

ele escolhia a cor de um dado timbre, adaptando-o a outros. Pois a dons mais profundos Vinteuil juntava

igualmente este, que poucos músicos, e até poucos pintores, possuíram: o de

utilizar cores não só tão

estáveis, mas tão pessoais que, não apenas o tempo não lhes altera o frescor, senão também que os

discípulos que imitam aquele que os descobriu e os próprios mestres que o ultrapassam não conseguem

empalidecer sua originalidade. A revolução que o seu aparecimento causou não vê seus resultados

assimilarem-se anonimamente às gerações seguintes; ela se desencadeia, estala de novo, mas só

quando voltam a executar as obras do inovador para todo o sempre. Cada timbre acentuava-se de uma

cor que todas as normas do mundo, aprendidas pelos mais sábios compositores, não poderiam imitar, de

modo que Vinteuil, conquanto vindo em seu tempo e fixado em seu lugar na evolução musical, o deixaria

sempre para se postar na dianteira toda vez que se tocasse uma de suas produções, que deveria a esse

caráter, em aparência contraditório e de fato enganador, de duradoura novidade, a impressão de parecer

posterior à obra de músicos mais recentes. Uma página sinfônica de Vinteuil, já conhecida ao piano e que

era ouvida em orquestra, como um raio de sol de verão que o prisma da janela decompõe antes de sua

entrada numa sala de jantar escura, desvelava, como um tesouro inesperado e multicor, todas as

pedrarias das *Mil e Uma Noites*. Mas como comparar a esse deslumbramento imóvel da luz aquilo que

era vida, movimento perpétuo e feliz? Aquele Vinteuil que eu conhecera tão tímido e tristonho, quando se

tratava de escolher um timbre, uni-lo a outro, possuía audácias e, em todo o sentido da palavra, uma

felicidade sobre a qual a audição de uma obra sua não permitia qualquer dúvida. A alegria que haviam

causado tais sonoridades, as forças multiplicadas que essa alegria lhe dera para descobrir outras,

levavam ainda o ouvinte de achado em achado melhor, era o próprio criador que o conduzia, bebendo

nas cores que acabavam de achar uma alegria desvairada, que lhe dava o poder de descobrir, de lançar-

se elas pareciam chamar, extasiado, estremecendo como ao choque de uma cena quando o sublime

nascia por si mesmo do encontro dos cobres, ofegante, e gado, louco, vertiginoso, enquanto ele pintava

seu grande afresco musical, Michelangelo amarrado à sua escada e lançando, de cabeça para baixo,

tumultuosas pinceladas no teto da Capela Sistina. Vinteuil morrera havia muitos anos, porém, no meio

desses instrumentos que ele havia amado, fora-lhe concedido prosseguir, por um tempo sem limites, ao

menos uma parte de sua vida. De sua vida de homem, apenas? Se a arte não fosse de fato mais que um

prolongamento, valeria a pena sacrificar-lhe alguma coisa, não seria ela tão irreal como a própria vida?

Para escutar melhor aquele septeto, eu não podia pensar assim. Sem o

ruborejante septeto diferia

singularmente da branca sonata; a tímida interrompida à qual respondia a pequena frase, da súplica

ofegante por achar o cumprimento estranha promessa, que, tão aguda, tão sobrenatural, tão breve,

fazendo um rubor ainda inerte do céu matinal, retinira sobre o mar. Entretanto essas frases diversas eram

compostas dos mesmos elementos, pois assim como havia certo universo, perceptível para nós em

parcelas dispersas aqui e ali, em tais museus, e que era o universo de Elstir, o que ele via, aquele em que

vivia; da mesma forma a música de Vinteuil desdobrava, nota por nota, pincelada por pincelada, as

colorações desconhecidas, inestimáveis, de um universo insuspeitado, fragmentado pelas lacunas que

entre si deixavam as audições de sua obra; duas interrogações tão dissemelhantes que comandavam o

movimento tão somente da sonata e do septeto, uma quebrando em curtos apelos uma linha contínua

pura, o outro consolidando os fragmentos esparsos em uma armadura individual uma tão calma e tímida,

quase desligada e como que filosófica, o outro tão interessado, ansioso, suplicante, era todavia uma

mesma prece, brotada diante de nós, nascerem de sol interiores e só refratada através dos meios

diferentes dos pensamentos, de pesquisas de arte em progresso no decurso de anos em que desejara

criar algo de novo. Prece, esperança que no fundo era a mesma, reconhecível sob seus disfarces nas

várias obras de Vinteuil, e que, por outro lado se encontravam. Tais frases, os musicógrafos bem

poderiam achar o seu palco, sua genealogia, nas obras de outros grandes compositores, mas unira por

motivos acessórios, por semelhanças externas, analogias antes engenhosamente descobertas pelo

raciocínio do que sentidas pela impressão direta. Assim, são dadas por essas frases de Vinteuil era

diferente de qualquer outra, como despeito das conclusões que parecem desprender-se da ciência,

existisse o dual. E era justamente quando este procurava poderosamente ser novo, conheciam, sob as

aparentes diferenças, as similitudes profundas; e as peças intencionais que havia no seio de uma obra,

quando Vinteuil retomava uma mesma frase em diversas passagens, diversificava-a, divertia-se em

mudar-lhe o ritmo, em fazê-la reaparecer sob sua forma primeira, tais semelhanças intencionais, fruto da

inteligência, forçosamente superficiais, nunca chegavam a ser tão impressionantes como essas

semelhanças dissimuladas e involuntárias, que estalavam sob cores diversas entre duas obras-primas

distintas; pois então Vinteuil, buscando poderosamente ser novo, interrogava a si mesmo com toda a

pujança de seu esforço criador, atingindo sua própria essência em profundezas

nas quais, seja qual for a

pergunta que se lhe faça, é com o mesmo acento, o seu próprio, que ele responde. Um acento, esse

acento de Vinteuil, separado dos acentos de outros compositores por uma diferença bem maior que a que

percebemos entre a voz de duas pessoas, até mesmo entre o bramido e o grito de duas espécies

animais; uma diferença verdadeira, a que havia entre o pensamento de um determinado músico e as

eternas investigações de Vinteuil, a pergunta que ele se fazia sob tantas formas, sua especulação

habitual, mas tão livre das maneiras analíticas do raciocínio como se se exercesse no mundo dos anjos,

de modo que podemos medir-lhe a profundidade, porém não mais traduzi-las em linguagem humana,

como ocorre com os espíritos desencarnados quando, evocados por um médium, este os interroga sobre

os segredos da morte; pois, mesmo levando em conta essa originalidade adquirida que me impressionara

de tarde, esse parentesco que os musicógrafos poderiam descobrir entre compositores, é de fato uma

entonação única a que se elevam, a que regressam malgrado seu esses grandes cantores que são os

músicos originais, e que é uma prova da existência irresistivelmente individual da alma. Embora Vinteuil

tentasse compor música mais solene, mais grandiosa, ou de fazê-la viva e alegre, fazer aquilo que via

refletindo-se de modo favorável no espírito do público, Vinteuil, malgrado seu, submergia tudo isso numa

onda vinda do fundo de si mesmo que torna o seu canto eterno e logo reconhecível. Esse canto, diferente

do canto dos outros e semelhante a todos os seus, onde o aprendera, onde o ouvira Vinteuil? Assim, todo

artista parece o cidadão de uma pátria ignorada, esquecida dele próprio, diversa daquela de onde virá

outro grande artista em direção à terra. Quando muito, em suas últimas obras, Vinteuil parecia ter se

aproximado dessa pátria. A atmosfera nelas já não era a mesma que na sonata, as frases interrogativas

faziam-se mais insistentes, mais inquietas, as respostas mais misteriosas; o ar desbotado da manhã e da

noitinha parecia influenciar até as cordas dos instrumentos.

Por melhor que Morel tocasse, os sons emitidos pelo seu violino me pareceram singularmente

rudes, quase gritantes. Essa atitude agradava e, como em certas vozes, sentia-se nela uma espécie de

qualidade moral e de superioridade intelectual. Mas isso podia chocar. Quando a visão do universo se

modifica, depura-se, torna-se mais adequada à lembrança da pátria interior, é perfeitamente natural que

isso se traduza por uma alteração geral de sonoridades no músico, como de cores no pintor. Aliás, o

público mais inteligente não se engana nesse ponto, visto que tarde as últimas obras de Vinteuil foram

consideradas as mais profundas, nenhum programa, nenhum assunto trazia um elemento intelectual de

juízo. Adivinhava-se, portanto, tratar-se de uma transposição, na ordem sonora, da profundidade. Essa

pátria perdida não é recordada por nenhum músico, mas todos permanecem inconscientemente afinados

num certo uníssono com ela; cada um delira de júbilo quando canta conforme sua pátria, traindo-a às

vezes por amor, glória, mas então, buscando a glória, afasta-se dela e é só ao desdenhá-la que encontra,

e quando o músico, seja qual for o assunto de que trata, entoa esse canto singular cuja monotonia,

qualquer que seja o assunto tratado, o artista permanece idêntico a si mesmo prova nele a fixidez dos

elementos constitutivos sua alma. Mas nesse caso, não é certo que esses elementos, todo esse resíduo

que somos obrigados a conservar para nós próprios, que a conversa não transmitir mesmo do amigo para

o amigo, do professor ao aluno, de um amante outro, esse inefável que diferencia qualitativamente o que

cada um sentiu e que é forçado a abandonar no limiar das frases, onde só pode comunicar-se com outro

limitando-se a pontos exteriores comuns a todos e sem interesse, não é certo que a arte, a arte de um

Vinteuil, como a de um Elstir, fá-lo surgir para nós, exteriorizando nas cores do espectro a composição

íntima desses mundos a que chamam indivíduos, e que sem a arte jamais

conheceríamos?

Asas, um outro aparelho preparatório, e que nos permitissem atravessar a imensidão, não nos

serviriam de nada, pois, se fôssemos a Marte e a Vênus conservando os mesmos sentidos, eles

reverteriam do mesmo aspecto que as coisas da Terra tudo aquilo que pudéssemos ver. A única viagem

verdadeira, o único banho de Juvência, seria, não partir em busca de novas paragens, mas ter outros

olhos, ver o universo com os olhos de outra pessoa, de cem outras, ver os cem universos que cada uma

delas vê, e isso podemos consegui-lo com um Elstir, com um Vinteuil; com seus pares verdadeiramente

voamos de estrela em estrela.

O andante acabava de terminar numa frase repleta de uma ternura à qual eu, todo inteiro, me

entregava; então houve, antes do movimento seguinte, um instante de repouso em que os executantes

depuseram os instrumentos e os ouvintes trocaram algumas impressões. Um duque, para mostrar que

entendia assunto, declarou:

- É muito difícil de se tocar bem. -

Pessoas mais agradáveis conversaram comigo por um instante. Mas o que eram suas palavras

que, com toda palavra humana exterior, deixavam-me tão indiferente, ao lado da celeste frase musical

com a qual eu acabava de conviver? Eu era de fato como um anjo expulso das delícias do Paraíso, cai na

mais insignificante realidade. E, assim como certas criaturas são as últimas testemunhas de uma forma

de vida que a Natureza abandonou, eu me indagava se a música não seria o exemplo único do que pode

ter sido - caso não tivesse havido a invenção da linguagem, a formação de palavras - se das idéias-a

comunicação das almas. É como uma possibilidade de não seguimentos; a humanidade enveredou por

outros caminhos, o da linguagem fadada e escrita. Porém esse retorno ao não-analisado era tão

embriagador que, ao sair desse paraíso, o contato dos seres mais ou menos inteligentes me parecia de

extraordinária insignificância.

Durante a execução da música eu pudera lembrar-me dos seres, associá-los a ela; ou melhor,

quase que só associara à música a lembrança de uma única pessoa, a de Albertine. E a frase que

encerrava o andante me parecia tão sublime que eu me dizia ser uma pena que Albertine não soubesse

-e se o tivesse sabido não compreendesse a honra que era para ela estar associada a essa coisa tão

grandiosa que nos reunia e da qual parecia que ela tomara emprestado a voz patética. Mas tão logo

interrompida a música, as pessoas que ali se achavam pareciam demasiadamente insossas. Ofereceram-

se alguns refrescos. O Sr. de Charlus, de vez em quando, interpelava um criado:

- Como vai? Recebeu meu recado? Poderá vir?-

Sem dúvida havia nessas interpelações a liberdade do grão senhor que crê lisonjear e ser mais

povo que o burguês, mas também a velhacaria do culpado que julga que tudo o que se ostenta por isso

mesmo é considerado inocente. E acrescentava, no tom Guermantes da Sra. de Villeparisis:

- É um bom rapaz, bom caráter, emprego-o muitas vezes em casa. -

Mas essas atitudes voltavam-se contra o barão, pois achavam incríveis as suas amabilidades tão

íntimas e seus bilhetes aos lacaios. Estes, aliás, ficavam menos lisonjeados que constrangidos diante dos

companheiros.

Entretanto o septeto, que havia recomeçado, caminhava para o fim; em diversas retomadas uma

ou outra frase de sonata regressava, mas mudada a cada vez, num ritmo e num acompanhamento

diferentes, sendo a mesma e no entanto outra, como regressam as coisas na vida; e era uma dessas

frases que, sem que se possa compreender que afinidade lhes atribui como única e necessária morada o

passado de um certo compositor, encontram-se apenas em sua obra, na qual aparecem constantemente

e da qual são as fadas, as dríades, as divindades familiares. A princípio eu havia discernido no septeto

duas ou três frases que me lembravam a sonata. Em breve banhada no nevoeiro violáceo que se elevava

sobretudo do último período da obra de Vinteuil, de modo que, mesmo quando ele introduzia uma dança

a certa altura, tal dança ficava presa numa opala; percebi uma outra frase da sonata, mas permanecendo

tão distante ainda que eu mal a reconhecia; hesitante, ela se aproximou, desapareceu como que

assustada, tornou a voltar, enlaçou-se a outras, provindas, como soube mais tarde, de outras obras,

chamou ainda outras que por sua vez se fizeram atraentes e persuasivas logo depois de domesticadas, e

entravam na ronda, na ronda divina, porém invisível para a maioria dos ouvintes, que, não tendo diante

deles senão um véu confuso através do qual nada viam, pontuavam arbitrariamente de exclamações

admirativas um tédio contínuo de que pensavam morrer. Depois, elas se afastaram, salvo uma que vi

tornar a passar umas cinco ou seis vezes sem que pudesse distinguir o seu rosto, mas cariciosa, tão

diferente -como sem dúvida a pequena frase da sonata - do que uma mulher alguma vez me tivesse feito

desejar, que essa frase, que oferecia com voz tão suave uma ventura que verdadeiramente teria valido a

obter, é talvez-essa criatura invisível cuja linguagem eu não conhecia e que compreendia tão bem a única

desconhecida que jamais me tenha sido dado encontrar. Depois essa frase se desfez, transformou-se,

como acontecia com a pequena frase da sonata, e tornou-se o misterioso apelo do

começo. Uma frase de

cantar doloroso a ela se opôs, mas tão profunda, tão vaga, tão interna, quase tão orgânica e visceral, que

já não se sabia, a cada uma de suas repetições, se eram as do tema ou de uma nevralgia. E logo os dois

motivos lutaram juntos num cor corpo onde às vezes um desaparecia completamente, em que a seguir só

se percebia um trecho do outro. Corpo-a-corpo de energias somente, na verdade; pois, tais criaturas se

enfrentavam, eram destituídas de seu corpo físico, de sua aparência, de seu nome, e encontravam em

mim um espectador interior igualmente despreocupado de nomes e do particular- que se interessava pelo

seu como imaterial e dinâmico e seguia-lhe com paixão as peripécias sonoras. Afinal o motivo jubiloso

triunfou; já não era um apelo quase inquieto lançado detrás de um vazio, era uma alegria inefável que

parecia provir do Paraíso; uma alegria tão diferente da alegria da sonata quanto, de um anjo doce e grave

de Bel ini, tocando *tiorba*; poderia ser, vestido de escarlate, um arcanjo de Mantegna soprando uma

trombeta.

[Tiorba: espécie de alaúde grande, de cordas dedilhadas e provido de dois braços, um comprido. Foi

muito usado nos séculos XVI e XVII. (N. do T)]

Eu sabia que esse novo matiz da alegria, esse apelo a uma alegria supra-terrestre

não o

esqueceria jamais. Seria, porém, alguma vez realizável para mim? Essa pergunta me parecia tanto mais

importante quanto aquela frase era o que poderia caracterizar como contraste com o resto da minha vida,

com o mundo invisível -essas impressões que a intervalos afastados eu encontrava em minha vida como

os pontos de referência, os estímulos para a construção de uma vida verdadeira: a impressão sentida

ante os campanários de Martinvil e, ante uma fileira árvores perto de Balbec. Em todo caso, para retornar

ao acento particular de frase, como era singular que o pressentimento mais diferente do que se contém

vida terra-a-terra, que a mais audaciosa aproximação das alegrias do além se materializasse justamente

no triste pequeno burguês bem-comportado que encontramos no mês de Maria em Combray! Mas, acima

de tudo, como acontecia que a revelação, a mais estranha que já ouvira, de um gênero desconhecido de

alegria, a pudesse ter recebido dele, já que, dizia-se, ao morrer não deixara mais que Sonata, que o

restante permanecia inexistente em anotações indecifráveis. Indecifráveis, mas que todavia, à força de

paciência, de inteligência e de respeito acabaram por ser decifrados pela única pessoa que convivera o

bastante com Vinteuil para conhecer muito bem o seu modo de trabalhar, para adivinhar as suas

indicações de orquestra: a amiga da Srta. Vinteuil. Já em vida do grande compositor, ela havia aprendido

com a filha deste o culto que nutria pelo pai. Por causa desse culto foi que, em momentos como aqueles

nos quais procedemos contrariamente às nossas verdadeiras inclinações, as duas moças tinham

conseguido achar um prazer demente nas profanações que já narramos. A adoração ao pai era a

condição mesma do sacrilégio da filha. E sem dúvida elas deveriam se recusar à volúpia desse sacrilégio,

mas tal volúpia não as exprimia por inteiro. E além do mais, aquelas profanações foram rareando até

desaparecerem de todo, à medida que essas relações carnais e doentias, o turvo e enfumaçado incêndio

da paixão, cedera lugar à chama de uma amizade alta e pura.

Às vezes, a amiga da Srta. Vinteuil era assaltada pela idéia importuna de que talvez tivesse

precipitado a morte de Vinteuil. Pelo menos, passando anos a decifrar o quebra-cabeças deixado por

Vinteuil, estabelecendo a leitura correta daqueles hieróglifos desconhecidos, a amiga da Srta. Vinteuil

teve o consolo de assegurar ao músico, de quem ensombrecera os últimos anos de vida, uma glória

imortal e compensadora. De relações que não são consagradas pelas leis decorrem laços de parentesco

tão múltiplos tão complexos, mais sólidos entretanto do que os que nascem do casamento. Sem mesmo

nos deter em relações de natureza tão particular, não vemos todos os dias que o adultério, quando está

fundado no amor verdadeiro, não abala os sentimentos de família, os deveres e parentesco e, ao

contrário, os revivifica? Portanto, o adultério introduz o espírito na letra que muitas vezes o casamento

deixou morta. Uma boa menina que por simples conveniência há de pôr luto pelo segundo marido da

mãe, não terá lágrimas suficientes para chorar o homem que sua mãe entre todos escolhera como

amante. De resto, a Srta. Vinteuil só agira por sadismo, o que não a desculpava, porém mais tarde achei

um certo alívio em pensar desse modo. Ela deveria perceber muito bem, pensava eu, no momento em

que profanava com a amiga a fotografia do pai, que tudo aquilo era apenas doentio, loucura, e não a

verdadeira e alegre maldade que ela teria desejado. Essa idéia de que se tratava apenas de uma

simulação de maldade estragava o seu prazer. Mas, se tal idéia lhe pôde retornar posteriormente, assim

como lhe estragara o prazer, deve ter minorado seu sofrimento. "Não era eu," devia ter pensado consigo,

"eu estava alucinada. Posso ainda rezar por meu pai, não desesperar da sua bondade." Unicamente, é

possível que essa idéia, que com certeza se lhe apresentou ao espírito durante o prazer, não se

apresentasse a ela no sofrimento. Gostaria eu de incuti-la em seu espírito. Tenho

certeza de que lhe teria

feito bem, de que poderia ter restabelecido entre ela e a lembrança do pai uma comunicação bastante

confortadora.

Como nos cadernos ilegíveis onde um químico de gênio, que ignora estar morte tão próxima,

anotou descobertas que talvez permaneçam desconhecidas para sempre, a amiga da Srta. Vinteuil havia

desentranhado, de papéis mais ilegíveis que papiros marcados de escrita cuneiforme, a fórmula

eternamente verdadeira, para sempre fecunda, dessa alegria desconhecida, a esperança mística do

escarlate da manhã. E eu, para quem, talvez menos no entanto que para Vinteuil; também fora causa e

acabava de sê-lo naquela mesma noite, despertando novo em mim o ciúme por Albertine, e haveria de

ser no futuro-de tantos sofrimentos, graças a ela, por compensação, tivera acesso ao estranho apelo que

jamais cessaria de ouvir, como a promessa de que existia outra coisa, sem dúvida realidade pela arte,

além do nada que eu havia encontrado em todos os prazeres e no amor, e que, se minha vida me parecia

tão vã, pelo menos ainda não tinha realizado tudo.

O que essa moça permitira, graças a seu trabalho, que se conhecesse Vinteuil, era na verdade

toda a obra do compositor. Além dessa peça para instrumentos, certas frases da

sonata, únicos trechos

conhecidos pelo público pareciam de tal modo banais que não era possível entender como tinham

ganhado tanta admiração. Assim é que ficamos surpresos que durante anos peças insignificantes como o

Romance da Estrela e a *Prece de Elisabeth* tenham podido levantar no concerto amadores fanáticos que

se cansavam de aplaudir e de pedir bis quando mal se encerrava o que no entanto não passa de pobreza

insossa nós que conhecemos *Tristão, O Ouro do Reno, Os Mestres Cantores.* É para supor, entretanto,

que essas melodias sem caráter continham já, em quantidade infinitesimais, e talvez por isso mesmo

mais assimiláveis, alguma coisa da originalidade das obras-primas que retrospectivamente são as únicas

importantes pra nós, mas cuja própria perfeição teria acaso impedido que fossem compreendidas

puderam elas abrir-lhes o caminho nos corações. Sempre é verdade que, se dá um pressentimento

confuso de belezas futuras, deixavam estas em ignorância completa. Acontecia o mesmo no caso de

Vinteuil; se ao morrer ele não tivesse deixado-excetuando certas partes da sonata-senão o que pudera

terminar, se teria conhecido dele valeria tão pouco diante de sua verdadeira grandeza, para Victor Hugo,

por exemplo, se tivesse morrido depois de " *O torneio do João*", "A Noiva do Timbaleiro" e "Sara, a

banhista", sem ter escrito nada da *des Siecles e das Contemplations*: o que é para nós a sua verdadeira

obra ter ficado puramente virtual, tão ignorada como esses universos que a percepção não consegue

atingir, sobre os quais nunca poderemos formar idéia.

De resto, esse contraste aparente, essa união profunda entre o gênio, o talento, e até mesmo a

virtude; e a gama de vícios onde, como ocorrera com Vinteuil, está ele tão freqüentemente contido,

conservado, eram legíveis, como uma alegoria vulgar, na própria reunião dos convidados, em meio aos

quais me encontrei quando a música terminou. Essa reunião, embora desta vez limitada ao salão da Sra.

Verdurin, assemelhava-se a muitas outras cujos ingredientes são ignorados do grande público, e que os

jornalistas filósofos, que são um pouco informados, denominam parisienses, ou panamistas, [eletivo

derivado de Panamá e relativo ao, escândalo financeiro francês naquela então colônia da Colômbia 1887.

(N. do T)] ou dreyfusistas, sem desconfiar que elas se podem ver também em São Petersburgo, em

Berlim, em Madri e em todos os tempos; se de fato o subsecretário de Estado das Belas-Artes, homem

verdadeiramente artista, bem-educado e esnobe, algumas duquesas e três embaixadores com suas

mulheres se achavam naquela noite em casa da Sra. Verdurin, o motivo próximo, imediato, dessa

presença residia nas relações existentes entre o Sr. de Charlus e Morel, relações que faziam o barão

desejar o maior arruído possível em torno aos sucessos artísticos de seu jovem ídolo e garantir para ele a

cruz da Legião de Honra; a causa mais remota que tornara possível aquela reunião era que uma moça,

mantendo com a Srta. Vinteuil relações semelhantes às de Charlie e do barão, dera a lume toda uma

série de obras geniais e que foram uma tal revelação que não tardaria a abrir-se uma subscrição, sob o

patrocínio do ministro da Instrução Pública, com o fim de erguer uma estátua a Vinteuil. Aliás, a essas

obras, tanto quanto às relações da Srta. Vinteuil com sua amiga, úteis haviam sido as do barão com

Charlie, espécie de atalho graças ao qual o mundo iria conhecer essas obras sem o atraso, senão de

uma incompreensão que persistiria por muito tempo, ao menos de uma ignorância total que poderia se

estender durante anos. Toda vez que se produz um acontecimento acessível à vulgaridade de espírito do

jornalista filósofo, isto é, em geral um acontecimento político, tais jornalistas filósofos são persuadidos de

que existe algo que mudou na França, que não mais serão vistos certos saraus, que Ibsen, Renan,

Dostoievski, d'Annunzio, Tolstoi, Wagner e Strauss serão mais admirados. Pois os jornalistas filósofos

fundam seus argumentos no que há de equívoco nessas manifestações oficiais,

para daí encontrar algo

de decadente na arte que tais manifestações glorificam e que muitas vezes é o que há de mais austero.

Pois não existe nome, entre os mais respeitados do jornalismo filósofo, que não tenha muito naturalmente

dado lugar a tais festas estranhas, conquanto a estranheza nesses casos fosse menos flagrante e mais

bem escondida. Para essa festa, os elementos impuros que aí se conjugavam me impressionavam sob

outro ponto de vista; certo, eu estava mais preparado que ninguém a dissociá-los, já que aprendera a

conhecê-los separadamente; ocorria, porém, que uns, que se relacionavam à Srta. Vinteuil e sua amiga,

falando-me de Combray, também me falavam de Albertine, quer dizer, de Balbec, visto que porque

antigamente eu conhecera a Srta. Vinteuil em Montjouvain e que sou da intimidade da amiga desta com

Albertine, é que iria dali a pouco, ao voltar casa, encontrar, em vez da solidão, Albertine que me

esperava; e outros, que referiam a Morel e ao Sr. de Charlus, falando-me de Balbec, onde eu vira, em

Doncieres, iniciarem-se as suas relações, falavam-me de Combray e de seus lados, pois o Sr. de Charlus

era um desses Guermantes, condes de Combray, moravam em Combray sem aí ter o seu domicílio, entre

o céu e a terra, corte de Gilberto, o Mau, em seu vitral, e Morel era o filho daquele velho lacaio que me

fizera conhecer a dama cor-de-rosa e permitira, tantos anos depois, nela reconhecer a Sra. Swann.

- Está bem executado, hein? - perguntou o Sr. Verdurin a Saniette.

- Receio apenas - respondeu este gaguejando - que o próprio virtuosismo de Morel ofusque tanto

o seu sentimento geral da obra.

- Ofuscar? Que quer dizer com isso? - uivou o Sr. Verdurin, enquanto alguns convidados se

aprestavam para devorar, como leões, o homem apavorado.

- Oh, eu não me refiro somente a ele...ele nem sabe mais o que diz.

- Referir-se a quê?

- Seria... preciso que... eu ouça ainda outra vez para fazer um juízo rigoroso.

- Rigoroso? Ele está louco! - exclamou o Sr. Verdurin segurando a cabeça com as mãos.

- Deviam acompanhá-lo. lsso quer dizer: com exatidão, o senhor... diz bbbem... com exatidão

rigorosa. Digo que não posso julgar rigorosamente.

- E eu, eu lhe digo que vá embora! - gritou Verdurin, fora de si pela própria cólera, mostrando-lhe a

porta com o dedo, o rosto chamejante. - Não tolero que falem desse jeito na minha casa. -

Saniette se descrevendo círculos como um homem embriagado. Algumas pessoas pensavam que

ele não fora convidado, visto que o punham assim para fora. E uma senhora muito amiga dele até então,

a quem na véspera ele havia emprestado um precioso, devolveu-o no dia seguinte sem uma palavra,

unicamente embrulhou num papel no qual mandou pôr pelo mordomo, secamente, o endereço de

Saniette não queria "dever nada" a alguém que, visivelmente, estava longe de desfrutar boas graças do

pequeno clã. Aliás, Saniette ignorou sempre essa impertinência; pois cinco minutos não eram decorridos

desde o ataque do Sr. Verdurin, quando um lacaio veio avisar ao Patrão que o Sr. Saniette sofrera um

ataque no pátio do palacete. Mas a reunião não havia terminado.

- Mandem levá-lo em casa, não há de ser nada - disse o Patrão, cujo prédio "particular", como

teria dito o gerente do de Balbec, foi desse modo assimilado aos grandes hotéis em que se apressam em

esconder os mortos súbitos para não assustar os fregueses, e onde guardam provisoriamente o defunto

na despensa até o momento em que, ainda que foi quando vivo, o mais brilhante e generoso dos homens,

o façam sair clandestinamente pela porta reservada aos "mergulhadores" (lava-pratos) e aos cozinheiros.

Aliás, morto Saniette não estava. Viveu ainda algumas semanas, mas só ligeiramente recobrou a

consciência.

O Sr. de Charlus recomeçou, no momento em que a música terminava e os convidados se

despediam dele, os mesmos erros que praticara ao chegar. Não lhes pediu que se dirigissem à Patroa,

que a associassem, e a seu marido, aos agradecimentos que lhe manifestavam. Foi um longo desfile,

mas um desfile apenas diante do barão, e não sem que ele o percebesse, pois falou deste modo minutos

após:

- A própria forma da manifestação artística se revestiu a seguir de um lado "sacristia" muito

divertido. -Chegavam a prolongar os agradecimentos com palestras diferentes, que permitiam que se

ficasse um instante a mais junto do barão, enquanto os que ainda não o haviam cumprimentado pelo

êxito da sua festa estagnavam, mexiam os pés.

Mais de um marido desejava ir logo embora; mas a esposa, esnobe ainda que duquesa,

protestava:

- Não, não, mesmo que a gente precise esperar uma hora, não podemos sair sem agradecer à

Palamede, que teve tanto trabalho. Só mesmo ele para dar nos dias de hoje semelhantes festas. -

Ninguém mais pensou em fazer-se apresentar à Sra. Verdurin assim como ninguém pede para ser

apresentado a uma empregada de teatro ao qual uma grande dama convidou por uma noite a aristocracia

inteira.

- Você esteve ontem na casa de Éliane de Montmorency, meu primo?- perguntava a Sra. de

Mortemart, desejando prolongar a conversa.

- Meu Deus, claro que não! Gosto muito de Éliane, mas não entendo o sentido dos seus convites.

Sem dúvida, sou meio burro - acrescentava o barão com um vasto sorriso derramado, enquanto a Sra. de

Mortemart sentia que ia ter os prelúdios de "alguma" de Palamede, como os tivera muitas vezes de

Oriane. - Há cerca de quinze dias recebi um cartão da agradável Éliane. Acima do nome contestado de

Montmorency, estava escrito este amável convite: Meu primo, dê-me a graça de pensarem mim na Sexta-

feira próxima, às nove e meia. Logo abaixo estavam escritas estas duas palavras menos graciosas:

Quarteto tcheco. Tais palavras pareceram-me ininteligíveis e, de qualquer modo, sem mais nenhuma

relação com a frase anterior do que essas cartas em cujo reverso a gente vê que o missivista havia

começado uma outra com as palavras: Caro amigo, faltando o restante, e não pegou outra folha, fosse

por distração ou por economia de papel. Gosto muito de Éliane: assim, não lhe quis mal por isso, e me

limitei a não levar em conta as palavras estranhas e deslocadas de *quarteto tcheco*; e, como sou um

homem organizado, coloquei em cima da minha lareira o convite para pensar na Sra. de Montmorency na

sexta às nove horas e meia. Embora conhecido por minha natureza obediente, pontual e suave, como

Buffon diz do camelo e o riso se espalha mais largamente em torno do Sr. de Charlus, que sabia que, ao

contrário, todos tinham pelo homem da mais difícil convivência-, atrasei-me por alguns minutos, tempo

necessário para tirar a roupa com que chegara da rua - e, sem muito repor à isso, pensando que nove e

meia representavam de fato dez horas; e ao bater dez, num belo chambre, os pés calçados em espessos

chinelos de lã, coloquei no canto da lareira a pensar em Éliane como ela me havia pedido, e com uma

intensidade que só começou a diminuir às dez e meia. Diga-lhe por obséquio, obedeci estreitamente ao

seu audacioso pedido. Penso que ela ficará contente.

A Sra. de Mortemart morreu de rir; e o Sr. de Charlus a acompanhou.

- Amanhã - acrescentou ela, sem pensar que havia excedido em muito o tempo se lhe podia

conceder - irá à casa dos nossos primos, os La Rochefoucauld?

- Isso é impossível, eles me convidaram, a mim como a você, vejo agora, para a mais incrível de

conceber e de realizar, e que se denomina, a crer no cartão, convite: *Chá dançante*. Eu passava por ser

muito ágil quando moço, mas duvidava que pudesse, sem faltar ao decoro, tomar chá enquanto dançava.

Ora, eu não apreciei comer, nem beber, sem asseio. Você dirá que hoje não

preciso mais, porém, mesmo

confortavelmente sentado a beber chá de cuja finalidade aí estou desconfiado, visto que se intitula

dançante-, eu receava que os convidados mais jovens que eu, e talvez menos ágeis do que eu era na

idade deles, derrama, na minha roupa a sua chávena, o que me interromperia o prazer de esvaziar a

minha - E o Sr. de Charlus nem sequer se contentava em omitir na conversa a Sra. Verdurin e de falar

dos mais variados assuntos (que parecia ter gosto em desenvolver pra variar, pelo cruel prazer que

sempre tivera de deixar indefinidamente "fazendo os amigos que esperavam com inesgotável paciência a

chegada de sua vez). Contava até toda a parte da reunião que era da responsabilidade da Sra. Verdurin a

propósito de chávena, que estranhas meias-tigelas eram as que se pareciam aquelas em que, quando eu

era rapaz, mandavam vir sorvetes da casa Poiré Blanc. Alguém há pouco me disse que eram para o "café

gelado". Mas em matéria de gelado, não vi nem café nem gelo. Que coisinhas curiosas, de emprego

maldoso! - Para dizer isso, o Sr. de Charlus colocara verticalmente sobre a boca as enluvadas de branco,

e circunvagara cautelosamente o olhar indicador, como se temesse ser ouvido e até visto pelos donos da

casa. Mas aquilo não passava de fingimento, pois dali a pouco ia externar as mesmas críticas à própria

Sra. Verdurin e, mais tarde, intimá-la com insolência: - E principalmente, nada de taças de gelado! Dê-as

a uma de suas amigas cuja casa a senhora queira enfear. Mas, tudo, que ela não as ponha na sala de

visitas, porque a gente poderia achar que se enganou de quarto, pois parecem direitinho uns urinóis.

- Mas, meu primo - dizia a convidada, também baixando a voz e olhando o Sr. de Charlus com ar

interrogativo, não por medo de aborrecer a Sra. Verdurin, mas de aborrecê-lo. - Talvez ela ainda não saiba

de tudo... -Nós lhe ensinaremos. - Ah! - ria a convidada - ela não pode achar melhor professor! Que boa

sorte! Com você pode-se ter a certeza de que jamais haverá uma nota em falso. - Em todo caso, não as

houve na música. - Oh, estava sublime! São alegrias que nunca se esquecem. A propósito desse

violinista de gênio - continuava ela, julgando em sua ingenuidade que o Sr. de Charlus se interessava

pelo violino "em si" -, conhece acaso um que ouvi outro dia tocar maravilhosamente uma sonata de

Fauré, chama-se Frank

- Ouvi. sim, é horrível - respondia o Sr. de Charlus, sem se incomodar pela grosseria de um

desmentido que implicava ser sua prima destituída de gosto. - Em matéria de violinista, aconselho-a a

limitar-se ao meu. -

Os olhares iam recomeçar a trocar-se entre o Sr. de Charlus e a prima, a um tempo abaixados e

espreitadores, pois, enrubescendo e buscando zelosamente reparar a gafe, a Sra. de Mortemart ia propor

ao Sr. de Charlus que desse uma reunião noturna para que ouvissem Morel. Ora, para ela essa reunião

não tinha por finalidade colocar em evidência um talento, finalidade que todavia ela iria pretender ser a

sua, e que de fato era do Sr. de Charlus. Ela só via naquilo uma oportunidade de dar uma reunião

particularmente elegante, e já calculava quem haveria de convidar e quem deixaria de lado. Essa triagem,

preocupação dominante das pessoas que dão festas (essas mesmas que os jornais mundanos têm o

topete ou a estupidez de chamar "a elite"), altera logo o olhar, e escrita - mais profundamente do que o

faria a sugestão de um hipnotizador. Antes mesmo de ter pensado no que Morel haveria de tocar

(preocupação tida como secundária, e com razão, pois mesmo que todo mundo, por causa do Sr. de

Charlus, tivesse a conveniência de ficar em silêncio durante a execução da música, em compensação

ninguém teria tido a idéia de escutá-la), a Sra. de Mortemart, tendo decidido que a Sra. de Valcourt não

seria das "eleitas", tomara por esse mesmo fato o ar de conspiração, de complô, que tanto rebaixa as

próprias senhoras da alta sociedade em melhores condições de não se importar

com a opinião pública.

- Não haveria um meio de eu dar uma reunião noturna para ouvirmos o seu amigo?- disse em voz

baixa a Sra. de Mortemart, que, dirigindo-se apenas ao Sr. de Charlus, não pôde evitar, como que

fascinada, lançar um olhar à Sra. de Valcourt (a excluída) a fim de se assegurar que ela estava a uma

distância suficiente para não ouvir suas palavras. "Não, ela não pode perceber o que eu digo", concluiu

mentalmente a Sra. de Mortemart, tranqüilizada pelo próprio olhar, o qual, por sua vez, tivera sobre a Sra.

de Valcourt um efeito bem diverso do que visava: "Ah," disse consigo a Sra. de Valcourt ao ver esse

olhar, "Marfe-Thérese prepara com Palamede alguma coisa de que não devo tomar parte".

- Você quer dizer o meu protegido - retificou o Sr. de Charlus, que não tinha mais piedade pelos

conhecimentos gramaticais do que pelos dotes musicais da prima. Depois, sem se importar com as

súplicas mudas desta, que se desculpava sorrindo: - Pois não... - disse ele com voz forte e capaz de ser

ouvida pelo salão inteiro - se bem que sempre haja perigo nesse tipo de exportação de uma

personalidade fascinante para um ambiente que forçosamente a sofrer uma diminuição de seu poder

transcendental e que, em todo caso, precisa ser convenientemente apropriado. -

A Sra. de Mortemart disse consigo que a voz, o pianíssimo de sua pergunta tinha sido pura perda

após o "vozeirão'", que fora dada a resposta. Enganava-se.

A Sra. de Valcourt nada ouviu, pela simples razão de não ter entendido uma só palavra. Suas

inquietações diminuíram e teriam sido rapidamente extintas se a Sra. de Mortemart, receando ver

descoberta a intenção, e ser obrigada a convidar a Sra. de Valcourt, a quem era muito ligada deixá-la de

fora se a outra soubesse "antes", não tivesse novamente erguido as pálpebras na direção de Édith, como

para não perder de vista um perigo de ameaça, não sem tornar a abaixá-las vivamente de modo a não se

comprometer em demasia. Contava escrever-lhe no dia seguinte uma dessas cartas, complementares ao

olhar revelador, cartas que são consideradas hábeis mas que não passam de confissão sem reticências e

assinada. Por exemplo: "Cara Édith, tenho saudades suas, mas não contava muito com você ontem à

noite (como contaria, como pensaria Édith, visto que não me convidara?), pois sei que detesta esse tipo,

reuniões que mais parecem aborrecê-la. Nem por isso ficaríamos menos honrados em tê-la conosco (a

Sra. de Mortemart jamais empregava o termo "honrados", a não ser nas cartas, onde procurava dar a

uma mentira a aparência de verdade). Aí você sabe que está sempre em casa na nossa casa. Além

disso, fez bem em não vir, pois a reunião foi um fracasso completo, como todas as coisas improvisadas

duas horas", etc. Porém já o novo olhar furtivo lançado sobre ela fizera Édith compreender tudo o que

ocultava a linguagem complicada do Sr. de Charlus. Esse foi mesmo tão forte que, depois de ter atingido

a Sra. de Valcourt, olvidado segredo e a intenção de mistério que ele continha ricochetearam sobre um

peruano que a Sra. de Mortemart, ao contrário, pretendia convidar. Mas desconhecendo, vendo até à

evidência os mistérios que faziam, sem se dar conta de que eram para ele, sentiu logo um ódio atroz pela

Sra. de Mortemart e jurou pregar mil partidas, como enviar cinqüenta cafés gelados para a casa dela num

dia em ela não estivesse recebendo, de mandar inserir, no dia em que ela recebesse, nota nos jornais

dizendo que a reunião fora adiada, e de publicar notícias mensais das seguintes, nas quais figurariam,

como tendo estado presentes, os nobres de todos conhecidos, de pessoas que, por motivos diversos,

ninguém pensa receber ou nem mesmo deixar-se apresentar.

A Sra. de Mortemart errava em preocupar-se com a Sra. de Valcourt. O Sr. de Charlus ia

encarregar-se de desnaturar, muito mais do que o teria feito a pressa dessa festa projetada.

- Mas meu primo - disse ela em resposta à frase "ambiente que precisaria ser convenientemente

apropriado", cujo sentido, o estado momentâneo de hiperestesia lhe permitira adivinhar - nós lhe

pouparemos todo trabalho. Encarrego-me de pedir à Gilberto que se ocupe de tudo.

- Não, principalmente porque ele não será convidado. Nada se fará sem mim. Acima de tudo,

trata-se de excluir as pessoas que têm ouvidos para não ouvir. -

A prima de Charlus, que havia contado com o atrativo de Morel para dar uma festa em que ela

pudesse dizer que, à diferença de tantos parentes, "tivera o apoio de Palamede", transportou

bruscamente o seu pensamento do prestígio do Sr. de Charlus para as numerosas pessoas com as quais

ele iria indispô-la se se metesse a excluir e a convidar. A idéia de que o príncipe de Guermantes (por

causa de quem ela em parte desejava excluir a Sra. de Valcourt, que ele não recebia) não seria

convidado, a aterrorizava. Seus olhos tomaram uma expressão inquieta.

- Será que esta luz um pouco forte lhe faz mal? - indagou o Sr. de Charlus com seriedade

aparente cujo fundo irônico não foi entendido.

- Não, absolutamente; eu pensava na dificuldade, não por minha causa naturalmente, mas pelos

meus, que isso poderá criar se Gilberto souber que dei uma festa sem convidá-lo, ele que nunca recebe

quatro gatos pingados sem...

- Mas justamente, pode-se começar por suprimir os quatro gatos pingados, que só poderiam miar;

creio que o rumor das conversas impediu-a de compreender que se tratava não de fazer gentilezas

graças a uma reunião noturna, mas de proceder aos ritos habituais a toda verdadeira celebração. -

Depois, julgando, não que a pessoa seguinte tivesse esperado demais, mas que não lhe seria

conveniente exagerar os favores feitos àquela que tivera em vista muito menos Morel do que suas

próprias "listas" de convidados, o Sr. de Charlus, como um médico que termina a consulta quando acha

ter ficado tempo suficiente, deu a entender à prima que se retirasse, não dizendo-lhe adeus, mas

voltando-se para a pessoa que vinha imediatamente após. - Boa-noite, senhora de Montesquiou; estava

maravilhoso, pois não? Não vi Hélene; diga-lhe que toda abstenção geral, mesmo a mais nobre, o que

significa a dela, comporta exceções, se são deslumbrantes, como era o caso esta noite. Mostrar-se rara

está bem, mas fazer passar antes o raro, que só é negativo, o precioso, é melhor ainda. Quanto à sua

irmã, de quem aprecio mais que ninguém a sistemática ausência nos lugares onde quem a espera não

tem o seu valor, ao contrário, a presença dela numa manifestação memorável como esta, teria sido uma

preeminência e teria dado à sua irmã, já tão prestigiosa, um prestígio

suplementar. - Depois, passou a

uma terceira pessoa.

Fiquei muito espantado ao ver ali, tão amável e lisonjeiro com o Sr. de Charlus quanto fora seco

outrora para com ele, fazendo-se apresentar a Charlie e dizendo a este que esperaria a sua visita, o Sr.

d'Argencourt, aquele homem tão terrível para o gênero de homens como o Sr. de Charlus. Pois agora

vivia rodeado deles. Certo, não é que tivesse se tornado um semelhante ao Sr. de Charlus sob tal

aspecto. Mas fazia algum tempo que mais ou menos abandonara a mulher por uma jovem senhora da

sociedade, a quem adorava. Inteligente, ela o fazia compartilhar de seu gosto pelas pessoas inteligentes

e desejava muito que o Sr. de Charlus fosse à sua casa. Mas sobretudo, o Sr. d'Argencourt, muito

enciumado e um tanto impotente, sentindo que satisfazia mal a sua conquista, e desejando a um tempo

presta-Ia e distraí-la, só podia fazê-lo sem perigo rodeando-a de homens inofensivos quem, assim,

atribuía o papel de guardiões do serralho. Estes achavam que ele se tornara muito amável, e o

declaravam muito mais inteligente do que o haviam julgado, coisa com que ele e a amante se mostravam

encantados.

As convidadas do Sr. de Charlus foram embora bem depressa. Muitas diziam:

- Preferia não ir à sacristia (o pequeno salão onde o Sr. de Charlus, tinha Morel a seu lado, recebia

as congratulações), mas convém que Palamede me veja para que saiba que fiquei até o fim.-

Nenhuma se ocupava da Sra. Verdurin. Nervosas fingiram não reconhecê-la e despedir-se por

engano da Sra. Cottard, falando da esposa do médico:

- Esta é mesmo a Sra Verdurin, não?

A Sra. d'Arpajon, perguntou, na cara da dona da casa:

- Será que um dia existiu mesmo um Verdurin?-

As duquesas que se atrasavam, não encontrando as extravagâncias esperavam naquela casa que

imaginavam ser diferente do que conheciam, desta espantavam-se, à falta de coisa melhor, estourando

em risos doidos ante os quadros Elstir; quanto ao resto, que elas achavam mais conforme do que haviam

pensado ao que já conheciam, atribuíam tudo ao Sr. de Charlus, dizendo:

- Como Palamede sabe arrumar bem as coisas! Se ele montasse uma *féerie* numa cocheira ou um

toalete, o espetáculo não ficaria menos encantador.

As mais nobres eram as que com mais fervor felicitavam o Sr. de Charlus pelo sucesso de uma

reunião de cujos motivos secretos algumas estavam a par, de resto sem se preocupar com isso, pois

essa sociedade - talvez pela recordação de certas épocas da História em que as famílias tinham já

alcançado um grau idêntico de impudor plenamente consciente - leva o desprezo dos escrúpulos quase

tão longe quanto o respeito à etiqueta. Várias delas ali mesmo convidaram Charlie para reuniões em que

ele iria tocar *septeto* de Vinteuil, mas nenhuma teve sequer a idéia de convidar a Sra. Verdurin. Esta

estava no auge da raiva quando o Sr. de Charlus, que, sentindo-se nas nuvens não podia percebê-lo,

quis por amabilidade convidar a Patroa a partilhar sua alegria. E talvez fosse mais para se entregar a seu

gosto pela literatura do que por transporte de orgulho, que esse doutrinador de festas artísticas disse à

Sra. Verdurin.

- Muito bem, está contente? Creio que qualquer um o estaria por muito menos. A senhora vê que,

quando me meto a dar uma festa, o sucesso é completo; não sei as suas noções de heráldica lhe

permitem avaliar exatamente a importância da manifestação, o peso que soergui, o volume de ar que

desloquei pela senhora. A senhora teve aqui a rainha de Nápoles, o irmão do rei da Baviera, os três Al

antigos pares de França. Se Vinteuil é Maomé, podemos dizer que deslocamos a causa dele às mais

amovíveis das montanhas. Imagine que, para assistir à festa, a rainha de Nápoles veio de Neuil y, o que

para ela é muito mais difícil do deixar as Duas Sicílias - disse ele com intenção de perfídia, apesar de sua

adoração pela rainha. - É um acontecimento histórico. Pense que ela talvez jamais teria saído desde a

tomada de Gaeta. É provável que nos dicionários ponham como datas culminantes o dia da tomada de

Gaeta e o da reunião noturna dos Verdurin. O leque que ela deixou para melhor aplaudir Vinteuil merece

ficar mais célebre que o que a Sra. Metternich quebrou porque assobiavam uma ária de Wagner.

- Ela até esqueceu o leque - disse a Sra. Verdurin, momentaneamente apaziguada pela lembrança

da simpatia que lhe testemunhara a rainha; e mostrou a Charlus o leque sobre uma poltrona.

- Oh, como é emocionante! - exclamou o Sr. de Charlus, aproximando-se com veneração da

relíquia.-Tanto mais tocante por ser muito feio; a violetinha é inacreditável! - Espasmos de emoção e de

ironia percorriam-no alternativamente. - Meu Deus, não sei se a senhora sente essas coisas como eu.

Swann ficaria simplesmente morto de convulsões caso visse isto. Bem sei que, por qualquer preço que

seja lançado, arrematarei este leque no leilão da rainha. Pois terá de ir a leilão, já que está sem vintém

-acrescentou com maledicência cruel, que no barão jamais deixava de misturar-se à mais sincera

veneração, embora elas partissem de duas natureza opostas, porém nele reunidas. Tais naturezas

podiam até se alternar sobre um mesmo fato. Pois o Sr. de Charlus, que no fundo

de seu bem-estar de

homem rico, troçava da pobreza da rainha, era a mesma pessoa que com freqüência exaltava essa

pobreza e que, quando se falava da princesa Murat, rainha das Duas Sicílias, respondia:

- Não sei de quem estão falando. Só existe uma rainha de Nápoles, que é sublime, e não tem

carro. Mas do alto do ônibus ela aniquila todas as carruagens, e todos se poriam de joelhos na poeira ao

vê-la passar. - Eu o legarei a um museu. Enquanto isso, é necessário mandar levar-lhe, para que ela não

tenha de pagar um fiacre para mandar buscá-lo. O mais inteligente, dado o interesse histórico de

semelhante objeto, seria roubar este leque. Mas isto iria deixá-la em apuros, pois é provável que ela não

possua outro - acrescentou, desatando a rir. - Enfim, a senhora viu que por minha causa ela veio. E este

não é o único milagre que eu haja feito. Não creio que ninguém, atualmente, tenha o poder de mobilizar

as pessoas que trouxe aqui. Aliás, é preciso dar a cada um a sua parte: Charlie e os músicos tocaram

como deuses. E, minha querida Patroa - acrescentou com condescendência-, a senhora também teve o

seu papel nessa festa. Seu nome nunca será esquecido. A História reteve o nome do pajem que armou

Joana d'Arc quando ela partiu em combate; em suma, a senhora serviu de traço de união permitindo a

fusão entre a música de Vinteuil e seu genial executante; a senhora teve a inteligência de compreender a

importância capital de todo o encadeamento de circunstâncias que faria o executante beneficiar-se de

todo o peso de uma personalidade considerável -se não se tratasse de mim, eu diria providencial -, a

quem teve a boa idéia de pedir que assegurasse o prestígio da reunião, e que pusesse diante do violino

de Morel os ouvidos diretamente ligados às línguas mais escutadas; não, não, não é nada. Não existe

nada que não tenha a sua importância numa realização tão completa. Tudo concorre para ela. A Duras

estava esplêndida, tudo; foi por isso -concluiu- pois gostava de repreender que me opus a que senhora

convidasse essas pessoas-divisores, que, diante das criaturas preponderantes que lhe trouxe, teriam feito

o papel de vírgulas numa cifra, as outras se reduzidas a não mais que simples décimos. Tenho o senso

exato dessas coisas. A senhora compreende, é preciso evitar as gafes quando damos uma festa que ser

digna de Vinteuil, de seu genial intérprete, da senhora e, ouso dizer, de melhor. A senhora teria convidado

a Molé, e tudo estaria prejudicado. Seria a pequena contrária, neutralizadora, que tira a eficiência de uma

poção. Teria faltado a eletricidade, os bolinhos não chegariam a tempo, a laranjada teria dado cólicas em

todo mundo. Era a pessoa que não convinha. Seu nome bastaria para que, como

num féerie, nenhum

som saísse dos cobres; a flauta e o oboé perderiam a voz subitamente. O próprio Morel, mesmo que

conseguisse tirar alguns sons, não obedeceria ao compasso e, em vez do *septeto* de Vinteuil, a senhora

teria ouvido a paródia - por Beckmesser, terminando sob vaias. Eu, que acredito muito na influência das

pessoas, senti perfeitamente, no desenvolvimento de um certo largo que se abriu, até o fundo como uma

flor, no aumento de satisfação do final, que não era apenas *al egro* mas incomparavelmente alegre, que a

ausência da Molé inspirava os músicos, dilatando de alegria até os próprios instrumentos. Aliás, no dia

em que, recebem todos os soberanos, não se convida a porteira. -Chamando-a de "a Mo (como dizia,

aliás simpaticamente, "a Duras"), o Sr. de Charlus lhe fazia justiça. Porque todas essas mulheres eram

atrizes da sociedade, e é certo que mesmo considerada sob esse ponto de vista -a condessa Molé não

estava à altura da extraordinária reputação de inteligência que lhe atribuíam, o que fazia pensar nesses

atores romancistas medíocres que em certas épocas desfrutam de uma reputação; gênios, seja devido à

mediocridade dos confrades, entre os quais nenhum ar superior é capaz de mostrar o que é o talento

verdadeiro, seja pela mediocridade do público, o qual, caso existisse uma extraordinária individualidade,

seria incapaz compreendê-la. No caso da Sra. Molé, é preferível, se não inteiramente exato, nos

detenhamos na primeira explicação. Sendo a sociedade mundana o reduto nada, não há entre os méritos

das diversas mulheres que a freqüentam senão grãs insignificantes, que só podem majorar doidamente

os rancores ou a imaginação do Sr. de Charlus. E certamente se ele falava, como acabava de fazer,

nessa linguagem que era uma mistura afetada de coisas da arte e da sociedade, era porque as cóleras

de mulher velha e sua cultura de mundano não forneciam à verdadeira eloqüência, que era a sua, mais

que temas insignificantes. Não existindo à superfície da terra, entre todos os países que a nossa

percepção uniformiza, o mundo de diferenças, com mais forte razão também não existe no mundo

elegante. Existe aliás em alguma parte? O septeto de Vinteuil parecera me dizer que sim. Mas como o Sr.

de Charlus gostasse de repetir a um tempo o que ouvira de o intrigar, dividir para reinar, acrescentou:

- Não a convidando, a senhora tirou à Molé a oportunidade de dizer: "Não sei por que essa tal de

Sra. Verdurin me convidou. Não sei quem é essa gente, não os conheço." Ela já disse, no ano passado,

que a senhora a importunava com seus convites. É uma tola, não a convide mais. Afinal, não é uma

pessoa tão extraordinária assim. Pode muito bem ir à sua casa sem luxos, pois eu

também vou. Em suma

-concluiu -, parece-me que a senhora pode me agradecer, pois as coisas correram muito bem, tudo

esteve perfeito. A duquesa de Guermantes não veio, mas nunca se sabe, talvez tenha sido melhor assim.

Não a levaremos a mal e lembrar-nos-emos dela para uma outra vez; aliás, é difícil esquecê-Ia, seus

próprios olhos nos dizem: "Não se esqueçam de mim", já que são dois miosótis. - (E eu pensava comigo

quanto era necessário que o espírito de Guermantes-a decisão de ir a um lugar e não a outro-fosse forte

para ter vencido, na duquesa, o temor a Palamede.) - Diante de um êxito de tal forma completo, somos

tentados, como Bernadin de Saint-Pierre, a ver em toda parte a mão da Providência. A duquesa de Duras

estava encantada. Ela própria me encarregou de dizer-lhe - acrescentou o Sr, de Charlus, acentuando as

palavras como se a Sra. Verdurin devesse considerar aquilo como honra suficiente. Suficiente e até

quase inacreditável, pois ele achou necessário dizer, para ser acreditado: - É verdade! levado pela

demência daqueles que Júpiter deseja perder. - Ela convidou Morel para tocar na sua casa, onde vão

repetir o mesmo programa, e estou até pensando em pedir um convite para o Sr. Verdurin. -

Essa cortesia, feita unicamente ao marido, era, sem que o Sr. de Charlus o percebesse, o mais

sangrento ultraje à esposa, que, julgando-se em relação ao executante, devido a uma espécie de decreto

de Moscou em vigor no pequeno clã, no direito de lhe proibir que tocasse em outro salão sem sua

autorização expressa, estava bem decidida a proibir sua participação no sarau da Sra. de Duras.

Só pelo fato de falar com aquela verbosidade, o Sr. de Charlus irritava a Sra. Verdurin, que não

gostava que fizessem grupo à parte no pequeno clã. Quantas vezes, e já na Raspeliere, ouvindo o barão

falar incessantemente a Charlie em vez de se contentar em desempenhar a sua parte no conjunto

concertante do clã, ela havia exclamado, apontando o barão:

- Que língua que ele tem! Que língua! Ah, para um Pederasta, é uma língua formidável!

[Trocadilho com dois sentidos da palavra francesa *tapette:* "língua" e "pederasta", ambos de gíria (N do T)

Mas desta vez era bem pior. Embriagado pelas próprias palavras, o Sr. de Charlus não

compreendia que, diminuindo o papel da Sra. Verdurin e impondo-lhe estreitos limites, estava

desencadeando aquele sentimento odioso que nela não passava de uma forma particular, uma forma

social de inveja. A Sra. Verdurin amava intensamente os *habitués*, os fiéis do pequeno clã, queria que

pertencessem inteiramente à sua Patroa. Contemporizando, como os ciumentos que aceitam ser traídos

desde que sob seu teto e até às suas vistas, ou seja, que não os traiam, ela permitia que os homens

tivessem uma amante, ou um amante, sem nenhuma conseqüência - com a condição de que tudo isso

não tivesse uma amante social fora de sua casa, nascesse e se perpetuasse ao abrigo das quartas-feiras.

Em outro tempo qualquer riso furtivo de Odette junto de Swann lhe roía o coração; fazia algum tempo que

sentia o mesmo diante de toda conversa particular entre Morel e o barão; achava apenas um consolo:

matar a felicidade alheia. Não havia consolo para seus desgostos, o de desmanchar ou suportar por

muito tempo a risada do barão. Eis que esse imprudente precipitava em seu próprio grupinho. Ele trazia

seu papel parecendo querer restringir o lugar da Patroa. Via Morel freqüentando a sociedade sem ela,

protegido pelo barão. Só havia um remédio: fazer Morel escolher entre ela e o barão; e, valendo-se da

ascendência que possuía sobre o violinista; por mostrar-se à seus olhos uma clarividência extraordinária;

por mentiras que inventava; e de que graças às informações que lhe davam, a perspicácia; enchia os

ouvidos como prova de que ele já estava inclinado a crer, e do que os ingênuos graças às armadilhas que

ela preparava e onde caiam; à evidência dessa ascendência, fazer com que ele a escolhesse e não ao

barão. Quanto às mulheres da sociedade que assistiram à sua cerimônia e que

nem mesmo se

apresentaram; logo que lhes compreendera as hesitações havia dito: “percebo o que são, umas velhas

prostitutas que não nos conhecem. - Ah, estão visitando este salão pela última vez.” - Pois preferia morrer

a confessar, tinham sido menos amáveis com ela do que esperara.

- Meu caro general! - exclamou bruscamente o Sr. de Charlus deixando a Sra. Verdurin, porque

avistava o general Deltour, secretário da presidência condecoração da República, o qual podia ter grande

importância depois de se aconselhar com Cottard, eclipsava rapidamente: - Boa-noite meu querido e

encantado amigo. Pois então vai saindo sem se despedir de mim? - disse o barão com pouco caso de

bonomia e suficiência, pois bem sabia que todos sorriam e se mostravam contentes em lhe falar um

momento a mais. E como no estado de exaltação em que se achava, fazia ele mesmo, em tom super-

agudo, as perguntas e as respostas:

- É certo que estava muito bonito, está satisfeito? Não ouvindo as respostas: - Muito bem,

andante? É que jamais escreveram nada tão comovente. Eu o desafio a escutá-lo até o fim sem lágrimas

nos olhos. É encantador que tenha vindo. Diga-me, de manhã recebi um belo telegrama de Frobervil e

que me anunciava que dificuldades estão aplanadas, como se diz na Chancelaria.

O Sr. de Charlus continuava a elevar-se, tão aguda, tão diversa de sua voz habitual, como a de

sua influência ordinária, dando ênfase a uma causa, como um advogado quando em amplificação vocal

por superexcitação e euforia nervosa análogo ao que, um diapasão tão alto não só a voz fazia elevar-se.

Nos jantares que ela dava, o olhar da duquesa de Guermantes.

- Eu contava lhe mandar, amanhã de manhã, por um guarda, um bilhete a fim de exprimir o meu

entusiasmo, pensava em falar de viva voz, mas você estava tão rodeado! O apoio de Frobervil e não será

de desprezar, mas, de minha parte, tenho a promessa do Ministro - disse o general.

- Ah, perfeito. Aliás, você viu que um talento igual bem o merece. Hoyos mostrava-se encantado,

não pude ver a embaixatriz; estava contente? Quem não estaria, a não ser aqueles que têm ouvidos para

não ouvir, o que não importa, desde que tenham língua para falar?

Aproveitando que o barão se afastara para falar ao general, a Sra. Verdurin fez sinal a Brichot.

Este, que não sabia o que a Sra. Verdurin ia dizer-lhe, quis diverti-la e, sem desconfiar o quanto fazia

sofrer, disse à Patroa:

- O Sr. de Charlus está encantado pelo fato de a Srta. Vinteuil e sua amiga não terem vindo. Elas

o escandalizam demais. Declarou que seus costumes eram de meter medo. A

senhora não imagina como

o barão é pudico e severo no terreno dos costumes. -

Ao contrário do que Brichot esperava, a Sra. Verdurin não se divertiu:

- Ele é imundo - respondeu. - Proponha-lhe fumar um cigarro em sua companhia, para que meu

marido possa levar sua *dulcinéia* sem que Charlus perceba, e esclarecer o rapaz acerca do abismo em

que está caindo. - Brichot parecia hesitar. - Digo-lhe - prosseguiu a Sra. Verdurin para vencer os últimos

escrúpulos de Brichot - que não me sinto segura com esse sujeito em minha casa. Sei que já se meteu

em sujeiras e que a polícia está de olho nele. - E como possuía um certo pendor para a improvisação,

quando a maledicência a inspirava, a Sra. Verdurin não ficou por aí: - Parece que já foi preso. Sim, sim,

pessoas muito bem informadas é que me disseram. Aliás, sei, por alguém que mora na sua rua, que não

se tem idéia dos bandidos que ele recebe em casa. - E como Brichot, que ia muitas vezes à casa do

barão, protestasse, a Sra. Verdurin, inflamando-se, gritou: - Mas dou-lhe certeza! Sou eu que estou

dizendo! - expressão com que, habitualmente, buscava amparar uma assertiva lançada um tanto ao

acaso. - Ele há de morrer assassinado um dia ou outro, aliás como todos os de sua igualha. Talvez nem

chegue a isso, pois está nas garras desse Jupien, que ele teve o topete de me

mandar e que é um antigo

forçado, como você e eu sabemos de modo positivo. Charlus está nas mãos dele por causa de umas

cartas que são terríveis, ao que parece. Sei disso por alguém que as viu, e me disse: 'Você se sentiria

mal se as lesse." É assim que esse tal de Jupien o comanda à vontade e o faz espirrar todo o dinheiro

que deseja. Prefiro mil vezes a morte a viver no terror em que vive Charlus. Em todo caso, se a família de

Morel não se decide a apresentar queixa contra o barão, não quero ser acusada de cumplicidade. Se ele

continuar, será por sua conta e risco, mas eu terei feito o meu dever. Que posso fazer? Isso não é

brincadeira. - E já agradavelmente animada pela expectativa da conversa que o marido ia ter com o

violinista, a Sra. Verdurin me disse: - Pergunte à Brichot se não sou uma amiga corajosa, e se não sei

devotar-me para salvar os camaradas. - Ela se referia às circunstâncias em que o fizera brigar com a

lavadeira, primeiro, em seguida com a Sra. de Cambremer, brigas após as quais Brichot se tornara quase

completamente cego e morfinômano.

- Uma amiga incomparável, perspicaz e valente - respondeu o universitário com ingênua emoção.-

A Sra. Verdurin impediu-me que eu fizesse uma grande asneira - disse Brichot, depois que ela se afastou

dele - Ela não vacila em cortar o mal pela raiz. É intervencionista, como diria o grande amigo Cottard. No

entanto, confesso que a idéia de que o pobre ignora ainda o golpe que vai sofrer me causa uma grande

pena. Ele está completamente louco pelo rapaz. Se a Sra. Verdurin conseguir o seu intento, o barão

ficara muito infeliz. Além disso, não é certo que ela não fracasse. Receio que não mais que semear

discórdias entre eles, que finalmente, sem separá-los, farão que rompam com ela.-

Isso ocorrera diversas vezes à Sra. Verdurin com seus fiéis. Mas era visível que, nela, a

necessidade de conservar a amizade deles era cada vez mais subordinada à de que essa amizade nunca

fosse posta em xeque pela qual poderiam ter uns pelos outros. O homossexualismo não lhe desagradava,

que não tocasse na ortodoxia, mas, como a Igreja, ela preferia todos os sacrifícios a uma concessão

quanto à ortodoxia. Comecei a temer que sua irritação a mim não se originasse do fato de ela ter sabido

que eu impedira Albertine de ir à casa de tarde, e que não empreendesse junto a ela, se é que já não

havia iniciado o mesmo trabalho para separá-la de mim que seu marido iria, quanto a Charlus elaborar

junto ao violinista.

- Vamos, vá procurar Charlus, arranje um pretexto já é tempo - disse a Sra. Verdurin -; sobretudo

dê um jeito de não o deixar sem um aviso meu. Ah, que sarau! - acrescentou ela, que assim desvende o

verdadeiro motivo de sua raiva. -Ter feito executar essas obras-primas para minhas idiotas! Não digo a

rainha de Nápoles, ela é inteligente, uma mulher agradável (leia-se: ela foi muito gentil comigo). Mas as

outras! Ah, é de enfurecer a gente! Que quer, já não tenho mais vinte anos. Quando eu era moça, diziam-

me para saber enfadar-se, eu me forçava. Mas agora! Ah, não! É mais forte que eu, já tenho idade para

fazer o que bem entendo, a vida é bem curta; aborrecer-me, freqüentemente os imbecis, fingir, dar a

entender que os considero inteligentes, ah não! Não! Vamos, Brichot, não há tempo a perder.

- Já vou, Madame, já vou - acabou por responder Brichot no momento em que o general Deltour

se afastava. Mas primeiro o universitário me chamou à parte por um instante:

- O dever moral - disse ele – é-me claramente imperativo do que o ensinam as nossas éticas. Que

os cafés e as cervejarias kantianas se conformem; o fato é que ignoramos deploravelmente a natureza do

Bem. Eu mesmo, que sem qualquer presunção comentei para alunos, com toda a inocência, a filosofia do

sobredito Emmanuel Kant, não nenhuma indicação precisa para o caso de casuística mundana diante de

que estou posto, nessa *Crítica da Razão Prática* onde o grande renegado do proselitismo platonizou, à

maneira da Germânia, para uma Alemanha pré-histórica, áulica e sentimental, objetivando todos os fins

úteis de um misticismo. É ainda *O Banquete*, mas dessa vez dado em Konigsberg, à moda de lá, indigno,

temperado, com *chucrute* e sem gigolôs. É evidente, por um lado, que não, recusar à nossa excelente

anfitriã o pequeno obséquio que ela me pede, em conformidade plenamente ortodoxa com a Moral

tradicional. Antes de mais nada, é preciso evitar, pois não são muitas as que nos façam dizer mais tolices,

que nos logrem com palavras. Mas enfim, não hesitemos em confessar que, se as mães de família

tivessem direito a voto, o barão corria o risco de ser lamentavelmente vetado como professor de virtude.

Infelizmente, é com o temperamento de um libertino que ele segue sua vocação de pedagogo; repare que

não estou falando mal do barão; este homem gentil, que sabe como ninguém trinchar um assado, possui,

juntamente com o gênio do anátema, tesouros de bondade. Pode ser divertido como um palhaço de

categoria, ao passo que com determinado confrade meu, acadêmico, eu me aborreço, como diria

Xenofonte, a cem *dracmas* a hora. Porém receio que ele não esteja gastando com Morel um pouco mais

do que recomenda a sã moral, e, sem saber até que ponto o jovem penitente se mostra dócil ou rebelde

aos exercícios especiais que seu catequista lhe impõe em matéria de

mortificação, não é preciso ser um

grande erudito para ter certeza de que pecaríamos, como diz o outro, por mansuetude para com esse

rosa-cruz, que nos parece vir de Petrônio depois de ter passado por Saint-Simon, se lhe concedêssemos

de olhos fechados, em boa e devida forma, licença de satanizar. E no entanto, ocupando esse homem

enquanto a Sra. Verdurin, para o bem do pecador e muito justamente tentada por essa cura, vai ao falar

sem rodeios ao jovem estouvado privar esse velho de tudo o que ele ama, dar-lhe talvez um golpe fatal,

não posso dizer que fui solícito, parece-me que o estou atraindo para uma cilada, e vacilo como diante de

uma forma de indignidade. - Dito isto, não vacilou em cometê-la e, pegando-me do braço:

- Vamos, barão, e se fôssemos fumar um cigarro? Este rapaz ainda não conhece todas as

maravilhas da casa. - Desculpei-me, dizendo que era obrigado a ir embora. - Espere ainda um pouco

-disse Brichot. -Você sabe que tem de me levar de volta e não esqueço a sua promessa. - Não quer

mesmo que lhe mande mostrar a prataria?

- Nada seria mais simples - me disse o Sr. de Charlus. - Como você me prometeu, não diga

palavra alguma acerca da condecoração à Morel. Pretendo fazer a surpresa de dizer-lhe daqui a pouco,

quando estivermos de partida. Embora lhe diga que isso não é importante para um artista, mas que seu

tio o deseja (enrubesci, pois, pelo meu avô, os Verdurin sabiam quem era o tio de Morel). Então, não quer

mesmo que lhe mande mostrar as peças mais bonitas? - indagou o Sr. de Charlus. - Contudo, já as

conhece, viu-as dezenas de vezes na Raspeliere. - Não tive coragem de lhe dizer que o que poderia me

interessar não eram os medíocres talheres de uma prataria burguesa, ainda a mais rica, mas algum

espécime, mesmo que fosse apenas uma bela gravura, da Sra. Du Barry. Estava em demasia

preocupado, e sempre como não estaria depois daquela revelação sobre a vinda da Srta. Vinteuil? -, em

sociedade, muito distraído e agitado para deter minha atenção sobre objetos mais ou menos bonitos.

Minha atenção só poderia fixar-se diante do apelo de alguma realidade que se dirigisse à minha

imaginação, como o teria podido fazer, naquela noite, uma visita de Veneza em que eu tanto havia

pensado de tarde, ou algum elemento comum à diversas aparências e mais verdadeiro que elas, que por

si mesmo despertava em mim um espírito interior e habitualmente sonolento, mas subida à superfície da

minha consciência dava-me uma grande alegria. Ora, quando saísse do salão, chamado sala de teatro, e

atravessasse os outros salões, Brichot e o Sr. de Charlus, deparei-me com certos

móveis, no meio de

outros, como vira em La Raspeliere e aos quais não prestara atenção alguma, e percebi entre a casa e o

castelo um certo ar de família, uma identidade permanente, e compreendi Brichot quando ele me disse

sorrindo:

- Escute, veja este fundo de salão, isto ao menos pode a rigor lhe dar a idéia da rua Montalivet, há

vinte e cinco *a grande mortalís aeví spatíum.* ["Uma grande parte da vida de um mortal." Citação latina:

frase tirada à *Vida de Agrícola*, de Tácito, e em "quinze anos" e não em vinte e cinco. (N. do T)]

Ao seu sorriso, dedicado ao salão defunto que estava revivendo, compreendi o que Brichot, talvez

sem o perceber, preferia o antigo salão; mais do que os janelões, mais do que a alegre juventude dos

donos da casa e de seus fiéis, era essa parte irreal (que eu mesmo deduzia de algumas semelhanças

entre La Raspeliere e o cais Conti) da qual num salão, como em todas as coisas, a parte externa atual,

que todos podem verificar, não passa do prolongamento, era aquela parte que se tornou puramente

moral, de um colorido que existia para o meu velho interlocutor, e que ele não podia fazer que eu visse; a

parte que se destacou do mundo exterior para se refugiar na nossa alma, a quem confere uma mais-valia,

onde ela se assimilou à sua substância habitual, transmudando-se ali: casas destruídas, pessoas de

outrora, compoteiras de frutas das ceias de que nos lembramos - nesse translúcido alabastro de nossas

lembranças, do qual somos incapazes de mostrar a cor que somente nós é que vemos que nos permite

dizer veridicamente aos outros, quanto à essas coisas passadas eles não podem fazer idéia daquilo, que

elas não se assemelham em nada ao que viram, e que não podemos considerá-las em nós mesmos sem

uma certeza; imaginando que é da existência do nosso pensamento que depende a sobrevivência delas

por algum tempo, o reflexo das lâmpadas que se apagaram e o aroma das alamedas ensombradas de

árvores que não mais hão de florescer. E sem dúvida, por esse motivo, o salão da rua Montalivet

desmerecia, para Brichot, a casa dos Verdurin. Mas, por outro lado, acrescentava à esta, para os olhos

do professor uma beleza que ela não podia ter para as amizades recentes. Alguns dos móveis que tinham

sido recolocados aqui, na mesma disposição às vezes, que eu próprio já reconhecia da Raspeliere,

integravam no salão atual do antigo, que, por momentos, evocavam-no até à alucinação e a seguir

pareciam quase irreais por evocar, no seio da realidade ambiente, fragmentos de um mundo destruído

que pensávamos ver alhures. Um canapé surgido do sonho por entre as poltronas

novas e bem reais,

cadeirinhas revestidas de seda rósea, um tecido de brocado para mesa de jogo, elevado à dignidade de

pessoa, desde que, feito uma pessoa, tinha um passado e uma memória, conservando na sombra fria do

salão do cais Conti o halo de ensolaramento pelas janelas da rua Montalivet (do qual conhecia tão bem a

hora como a própria Sra. Verdurin) e pelos vãos das portas envidraçadas de Douville, aonde o tinham

levado e onde ele contemplava o dia inteiro, para além do jardim florido, o vale profundo de ***,

esperando a hora em que Cottard e o violinista jogariam a sua partida; um ramalhete de violetas e

amores-perfeitos, pastel presenteado por um grande artista, já falecido, único fragmento sobrevivido de

uma vida que desapareceu sem deixar traços, resumindo um grande talento e uma longa amizade.

Relembrando seu olhar atento e suave, sua bela mão gorda e triste enquanto pintava; alegre e

desordenado estorvo dos presentes de fiéis, que por toda parte acompanharam a dona da casa e

acabaram por assumir o cunho e a fixidez de um traço de caráter, de uma linha do destino; profusão de

buquês de flores, de caixas de chocolate que sistematizava, aqui como lá, o seu desabrochar seguindo

um modo idêntico de floração: curiosa interpolação de objetos singulares e supérfluos que ainda parecem

estar saindo da caixa em que foram oferecidos e que permanecem a vida inteira o que foram no começo,

presentes de Ano-Novo; todos esses objetos que não saberíamos isolar dos outros, mas que para

Brichot, velho freqüentador das festas dos Verdurin, possuíam aquela pátina, aquele tom aveludado das

coisas às quais, dando-lhes uma espécie de profundidade, vem ajuntar-se o seu "duplo" espiritual; tudo

isso, disseminado, fazia cantar diante dele, como outras tantas teclas sonoras que despertavam em seu

coração semelhanças amadas, reminiscências confusas e que, como no salão inteiramente atual que elas

marchetavam aqui e ali, recortavam, delimitavam, como faz num lindo dia um quadro de sol seccionando

a atmosfera, os móveis e os tapetes; e, prosseguindo de uma almofada a um jarro, de um tamborete ao

relento de um perfume, de um modo de iluminação a uma predominância de cores, esculpiam, evocavam,

espiritualizavam, faziam viver uma forma que era como a figura ideal, imanente a seus vários domicílios,

do salão dos Verdurin.

- Vamos tentar - disse-me Brichot ao ouvido - levar o barão a conversar sobre seu assunto

predileto. Nisso ele é prodigioso. -

Por um lado, eu desejava tentar obter do Sr. de Charlus as informações relativas à vinda da Srta.

Vinteuil e de sua amiga, informações pelas quais decidira-me a abandonar Albertine. Por outro lado, não

queria deixar Albertine sozinha por muito tempo, não que ela pudesse (na incerteza do instante do meu

regresso e, além do mais, a uma hora em que, se recebesse uma visita ou se saísse, daria muito na

vista) fazer mau uso da minha ausência, mas para que não a achasse prolongada demais. Assim, disse a

Brichot e ao Sr. de Charlus que só ia com eles por pouco tempo.

- Venha assim mesmo - disse o barão, cuja excitação mundana principiava a decair, mas que

sentia a necessidade de prolongar, de fazer durarem as conversas, coisa que eu já havia notado na casa

da duquesa de Guermantes tanto como na sua, e que, muito própria daquela família, estende-se mais

geralmente a todos os que, não oferecendo à sua inteligência outra realização do que a conversa, quer

dizer, uma realização imperfeita, permanecem insatisfeitos mesmo depois das horas passadas em

conjunto e se agarram cada vez mais avidamente ao interlocutor esgotado, do qual exigem, erradamente,

uma saciedade que os prazeres sociais são impotentes de fornecer.

- Venha - continuou este - é mesmo o momento agradável das festas, o momento em que todos os

convidados já saíram, a hora de Dona Sol; esperemos que esta acabe de modo menos triste. Infelizmente

você está com pressa, com pressa provavelmente para fazer coisas que faria melhor se não fizesse.

Todo mundo sempre está apressado, e sai no momento em que deveria chegar. Estamos aqui como os

filósofos de Couture, seria este o momento de recapitular o sarau, de fazer o que se chama, em estilo

militar, a crítica das operações. Pedir-se-ia à Sra. Verdurin que nos mandasse trazer uma ceiazinha a que

teríamos o cuidado de não convidá-la e pediríamos a Charlie - sempre Hernani - que tocasse de novo, só

para nós, o sublime adágio. É excelente, esse adágio! Mas onde está o jovem violinista? Eu queria

felicitá-lo, é o momento dos carinhos e abraços. Confesse, Brichot, que eles tocaram como deuses,

especialmente Morel. Repararam na ocasião em que a mecha de cabelos cai? Ah, então, meu caro, você

não viu nada. Tivemos um fá sustenido de fazer morrer de inveja Enesco, Capet e Thibaud; apesar de

toda a minha calma, confesso que diante daquela sonoridade, sentia o coração de tal modo apertado que

me custava conter os soluços. A sala arquejava; Brichot, meu caro! - exclamou o barão, sacudindo

violentamente o universitário pelo braço era sublime. Somente o jovem Charlie mantinha uma imobilidade

de pedra, não o viam sequer respirar. Dava a impressão de ser como essas coisas do mundo inanimado

de que fala Theodore Rousseau, que fazem pensar mas não pensam. E então, de

repente gritou o Sr. de

Charlus com ênfase e imitando um lance teatral - então... a Mecha! Enquanto isso, pequena contradança

graciosa do *al egro vivace*. Sabe, aquela mecha foi o sinal da revelação, mesmo para os mais tapados. A

princesa de Taormina, até então surda, pois não há pior surdo que aquele que tem orelhas para não

ouvir, a princesa de Taormina, diante da evidência da mecha miraculosa, compreendeu que se tratava de

música e que não se jogaria pôquer. Ah! Foi um momento bem solene!

[Aqui como pouco antes na referência à *Dona Sol,* Proust alude ao drama *Hernani,* de Victor Hugo.

Convém notar a relação onomástica entre Charlie e o personagem *Dom Carlos do Hernani*. (N. do T)]

- Perdoe-me, senhor, por interrompê-lo - disse eu ao Sr. de Charlus para conduzi-lo ao assunto

que me interessava-, o senhor me dizia que a filha do autor devia comparecer. Isto muito me interessaria.

Tem certeza de que contavam com ela?

- Ah, não sei. -

Assim, o Sr. de Charlus obedecia, talvez sem o querer, àquela senha universal de não fornecer

informações aos ciumentos, seja para se mostrar absurdamente "camarada" por questão de honra,

mesmo que a detestasse, em relação à pessoa que é objeto do ciúme, seja por maldade para com ela,

prevendo que o ciúme não faria mais que redobrar o amor; seja pela necessidade de ser desagradável

aos outros, que consiste em dizer a verdade à maioria dos homens mas escondê-la aos ciumentos, visto

que a ignorância lhes aumenta o sofrer, pelo menos é o que se imagina; e para magoar os outros,

guiamo-nos pelo que nós mesmos pensamos, talvez erradamente, ser mais doloroso.

- Você sabe - continuou ele -, isto aqui é um tanto a casa dos exageros, são pessoas

encantadoras, mas enfim gostam muito de anunciar celebridades de um ou outro gênero. Mas parece que

você não está passando bem e vai pegar um resfriado nesta peça tão úmida - disse ele, empurrando uma

cadeira para junto de mim. - Já que está doente, é preciso tomar cuidado, vou buscar seu agasalho. Não,

não vá você mesmo, seria perigoso, vai se resfriar. É assim que se fazem imprudências, afinal você não é

nenhuma criança, será que precisaria de uma velha ama como eu para cuidar de você?

- Não se incomode, barão, eu vou - disse Brichot, que se afastou logo. Não se dando talvez bem

conta da amizade muito verdadeira que o Sr. de Charlus sentia por mim e das remissões encantadoras

de simplicidade e devotamento que comportavam suas crises delirantes de grandeza e perseguição,

havia receado que o barão, que a Sra. Verdurin confiara à sua vigilância como

um prisioneiro, estivesse

procurando, a pretexto de ir buscar meu sobretudo, juntar-se à Morel e, assim, fazer fracassar o plano da

Patroa.

Nesse meio tempo Ski sentara-se ao piano, sem que ninguém lhe pedisse, e, compondo com um

franzir risonho de sobrancelhas, um olhar distante e um leve esgar da boca o que julgava ser um ar de

artista, insistia com Morel para que tocasse alguma coisa de Bizet.

- Como, não gosta daquele lado garoto da música de Bizet? Mas meu caro - disse ele carregando

os *rr* à sua maneira particular -, é encantador. -

Morel, que não apreciava Bizet, declarou-o com exagero, e Ski (que passava por espirituoso no

pequeno clã, o que era verdadeiramente inacreditável), fingindo tomar as diatribes do violinista por

paradoxos, pôs-se a rir. Seu riso não era, como o do Sr. Verdurin, a sufocação de um fumante. Primeiro,

Ski assumiu um ar finório; depois deixava escapar, como que sem querer, um único som de riso, como

um primeiro toque de sinos, seguido de um silêncio em que o olhar sabido parecia examinar, com

conhecimento de causa, a graça do que fora dito; depois vinha um novo toque de sinos e em breve era

tudo um risonho *ângelus*.

Externei ao Sr. de Charlus a pena de que o Sr. Brichot se incomodasse por minha

causa.

- Nada disso, ele está bem contente, gosta muito de você, todo mundo gosta. Diziam outro dia:

mas a gente não o vê mais, ele se isola! Aliás o Brichot é uma ótima pessoa - continuou o Sr. de Charlus,

com ar atarefado: - Siga-me, barão, encontrará seu lugar e depois, sem mais ocupar dele, para fazer a

sua entrada, alegremente avançava sozinho pelo corredor. De cada lado cumprimentava-o uma dupla fila

de professores; Brichot, desejoso não parecer posudo para aqueles rapazes a cujos olhos sabia que era

um grau pontífice, dirigia-lhes mil piscadelas, mil inclinações de cabeça, sinais aos quais o seu cuidado

de permanecer marcial e bom francês, dava o ar de espécie de encorajamento cordial de *sursum corda*

[*Sursum corda* (latim): "Corações ao alto" (N. do T)]; de um velho soldado que - Com os diabos,

saberemos combater. - Depois, estrugiam os aplausos. Por vezes, Brichot extraía dessa presença do Sr.

de Charlus a oportunidade proporcionar um prazer, quase para retribuir amabilidades. Dizia a algum

parente ou a algum de seus amigos burgueses:

- Se isso puder divertir sua mulher ou filha, aviso-lhe que o barão de Charlus, príncipe de

Agrigento, descendente Condé, assistirá à minha aula. Para uma criança, é uma recordação a aguardar o

visto um dos últimos descendentes da nossa aristocracia dotados de personalidade. Se vierem,

reconhecê-lo-ão, pois estará ao lado da minha cátedra. Além disso, será o único, um homem corpulento,

de cabelos brancos, bigode preto e medalha militar.

- Ah, agradeço-lhe - dizia o pai.

E, embora a mulher tivesse que fazer, para não ser indelicado com Brichot, ele a obrigava a ir

àquela aula, ao passo que a filhinha, incomodada pelo calor e pela multidão, todavia de ver curiosamente

com os olhos o descendente de Condé, espantando-se de que; não usasse gola pregueada e se

assemelhasse aos homens dos nossos dias. No entanto, não olhava para ela, porém mais de um

estudante, que não sabia de quem se tratava, admirava-se com sua amabilidade, tornava-se importante e

o barão saía cheio de sonhos e melancolia.

- Perdoe-me por voltar à fala - disse eu rapidamente ao Sr. de Charlus, ao ouvir os passos de

Brichot -, o senhor poderia me avisar por um telegrama, se soubesse que a Srta. Vinteuil ou sua amiga

devessem vir à Paris, dizendo-me exatamente a duração de sua estadia e sem dizer a pessoa alguma

que eu lhe pedi isto? -

Eu já não acreditava que ela devia vir, mas desse modo queria garantir-me para o futuro.

- Sim, farei isto. Primeiro, porque devo-lhe um grande reconhecimento. E, não aceitando outro que

eu lhe propusera, o senhor, sem querer, prestou-me um imenso serviço, deu-me a minha liberdade. É

certo que abdiquei dela por outra forma - acrescentou num tom melancólico onde transparecia o desejo

de fazer confidências -; há nisso o que eu considero sempre o fato maior, toda uma reunião de

circunstâncias que deixou de utilizar em seu proveito, talvez porque o destino lhe tenha advertido naquele

preciso momento, para não contrariar o meu caminho. É sempre "O homem se agita e Deus o conduz".

Quem sabe se, no dia em que saímos juntos da casa da Sra. de Vil eparisis, você tivesse aceito, talvez

muitas coisas que se passaram desde então não houvessem ocorrido.- Embaraçado, fiz a conversa

desviar-se apoderando-me do nome da Sra. de Vil eparisis, confessando a tristeza que me causara a sua

morte. - Ah, sim - murmurou secamente o Sr. de Charlus com a mais insolente entonação, recebendo

minhas condolências sem por um segundo parecer acreditar na sinceridade delas. Vendo que, em todo

caso, o assunto Sra. de Vil eparisis não lhe era doloroso, quis saber dele, tão qualificado a todos os

respeitos, por que motivo a Sra. de Vil eparisis fora tão rejeitada pelo mundo aristocrático. Não apenas ele

não me deu a solução desse probleminha mundano, mas nem sequer pareceu

conhecê-lo. Compreendi

então que a posição da Sra. de Vil eparisis, se mais tarde devia parecer grande à posteridade, e mesmo

quando vivia a marquesa, à plebe ignorante, não parecera menor à outra extremidade da escala social, a

que se ligava a Sra. de Vil eparisis, aos Guermantes. Ela era tia deles, e eles valorizavam sobretudo o

seu nascimento, as alianças conjugais, a importância conservada na família pela ascendência sobre esta

ou aquela cunhada. Valorizavam isto menos pelo seu lado mundano que pelo lado da família. Ora, esta

era mais brilhante para a Sra. de Villeparisis do que eu havia julgado. Ficara impressionado ao saber que

o nome de Vil eparisis era falso. Porém há outros exemplos de grandes damas que fizeram um

casamento desigual e mantiveram uma situação preponderante. O Sr. de Charlus começou por me

informar que a Sra. de Vil eparisis era sobrinha da famosa duquesa de ***, a mais célebre mulher da alta

aristocracia durante a monarquia de Julho, mas que não quisera freqüentar o Rei-Cidadão e sua família.

Eu desejara tanto conhecer histórias sobre essa duquesa! E a Sra. de Vil eparisis; a boa Sra. de

Vil eparisis, de faces que se me afiguravam faces de burguesa; a Sra. de Vil eparisis que me mandava

tantos presentes e que eu facilmente poderia ter visto todos os dias; a Sra. de Vil eparisis era a sua

sobrinha, educada por ela, em sua casa, no palácio de ***.

- Ela perguntava ao duque de Doudeauvil e - disse-me o Sr. de Charlus, falando das três irmãs: -

Qual das três lhe agrada mais? E, tendo Doudeauvil e respondido: - Sra. de Vil eparisis -, a duquesa de

*** retrucou: - Porco! pois a duquesa era muito espirituosa - disse o Sr. de Charlus, dando à palavra a

importância e a pronúncia de costume entre os Guermantes. Aliás, eu não me espantava que ele achasse

tão espirituosa a palavra, já que havia reparado em muitas outras ocasiões na tendência centrífuga,

objetiva, dos homens, que os impele a abdicar, quando apreciam o espírito dos outros, das severidades

que para com o próprio; e a observar, a registrar cuidadosamente o que desdenhariam criar.

- Mas o que há? É o meu sobretudo que ele está trazendo - disse vendo que Brichot se demorara

tanto tempo para acabar se enganando – era preferível que eu mesmo o tivesse ido buscar. Afinal, você

vai pô-lo sobre os ombros. Sabe que isso é bastante comprometedor, meu caro? É como beber no

mesmo copo, saberei os seus pensamentos. Mas não, não é assim, olhe, deixe ponha em você - e, ao

enfiar-me o sobretudo, assentava-o nos meus ombros; ajeitava-o no pescoço, erguia a gola e com a mão

esfregava-me o queixo, desculpando-se: - Na sua idade não se sabe pôr um agasalho, é preciso mimá-lo

segui a minha vocação, Brichot, nasci para babá de crianças.-

Eu queria ir embora mas, tendo o Sr. de Charlus manifestado a intenção de ir procurar Morel,

Brichot nos reteve a ambos. Além disso, a certeza de que em casa reencontraria Albertine; certeza igual à

da tarde, quando sabia que Albertine voltaria do Trocadero. Naquele momento tão pouca impaciência de

vê-la como tivera nesse mesmo, enquanto estava sentado ao piano, depois que Françoise me telefonara.

E foi tranqüilidade que me permitiu, cada vez que, no decurso daquela conversa, desejei levantar-me,

obedecer à injunção de Brichot, que temia que minha saída impedisse Charlus de ficar até o momento em

que a Sra. Verdurin viesse.

- Olhe - disse ele ao barão-, fique um pouco em nossa companhia, em breve poderá lhe dar a

accolade - acrescentou Brichot fixando em mim o seu olho morto, ao qual as numerosas operações que

sofrera tinham feito recobrar um pouco de vida, mas que, no entanto, já não possuía a mobilidade

necessária, à pressão oblíqua da malignidade.

- A *accolade*, como é tolo! - exclamou o barão num tom agudo e deliciado. - Meu caro, ele se julga

estar sempre numa direção de prêmios, sonha com seus alunozinhos. Pergunto-me se não dorme com

eles.

- Você deseja ver a Srta. Vinteuil - disse-me Brichot, que ouvira o final da conversa. - Prometo-lhe

que o avisarei se ela vier, saberei pela Sra. Verdurin - ele sem dúvida previa que o barão estava na

iminência de ser excluído do pequeno clã.

- Pois bem, acha que está em melhores relações do que eu com a Sra. Verdurin - disse o Sr. de

Charlus - para ser informado sobre a vinda dessas pessoas de terrível fama? Você sabe que é coisa

super conhecida. A Sra. Verdurin errou em deixar que elas viessem, é gente que só se admite em

ambientes suspeitos. Elas são de toda uma turma horrível, que deve reunir-se em lugares pavorosos. -

A cada uma dessas palavras meu sofrimento se acrescia de um sofrimento novo, mudando de

forma. De súbito, lembrando-me de certos movimentos de impaciência de Albertine, que de resto ela

reprimia logo, tive medo de que formasse o projeto de me deixar. Tal suspeita me tornava mais

necessário fazer durar nossa vida em comum; chegar uma época em que eu tivesse recobrado o meu

sossego. E para Albertine, se é que ela a possuía, a idéia de antecipar-se ao meu projeto de rompimento,

para lhe fazer parecer mais leve os seus grilhões; até o momento em pudesse provocar o rompimento

sem mágoas, o mais hábil (talvez eu contagiado pela presença do Sr. de Charlus, pela inconsciente

lembrança das comédias que ele gostava de interpretar), o mais hábil pareceu-me fazer Albertine

acreditar que eu próprio tinha intenção de deixá-la e, tão logo voltasse para casa, ia simular despedidas,

fingir um rompimento.

- É claro que não me julgo em melhores relações que o senhor com a Sra. Verdurin - declarou

Brichot acentuando as palavras, pois receava ter despertado as suspeitas do barão. E, como visse que eu

queria despedir-me, desejando me reter com a isca do divertimento prometido: - Há uma coisa em que o

barão parece não ter pensado quando fala da reputação dessas duas senhoras, é que uma reputação

pode ser ao mesmo tempo péssima e imerecida. Assim, por exemplo, na série mais notória, que eu

chamarei paralela, é certo que os erros judiciários são numerosos e que a História registrou sentenças de

condenação por sodomia que desonraram homens ilustres inteiramente inocentes. A recente descoberta

de um grande amor de Michelangelo por uma mulher é um fato novo que merecia ao amigo de Leão X o

benefício de uma instância de revisão póstuma. O caso Michelangelo parece-me perfeitamente indicado

para apaixonar os esnobes e mobilizar *La Vilette*, quando outro caso que conheço, em que a anarquia foi

bem recebida e tornou-se o pecado da moda de nossos bons diletantes, mas cujo nome não é permitido

pronunciar por temor a provocar brigas, estiver enfim enterrado. -

Desde que Brichot começara a falar das reputações masculinas, o Sr. de Charlus havia traído em

todo o rosto o gênero especial de impaciência que se nota num perito médico ou militar quando pessoas

da sociedade, que não conhecem nada, metem-se a dizer tolices sobre pontos de terapêutica ou de

estratégia.

- Não sabe coisa nenhuma do que está falando - acabou ele por dizer a Brichot. - Cite-me uma só

reputação imerecida. Diga os nomes. Sim, eu conheço tudo - retrucou violentamente o Sr. de Charlus a

uma tímida interrupção de Brichot-, as pessoas que fizeram isso outrora por curiosidade, ou por afeição

única por um amigo morto, e aquele que, receando ter-se adiantado demais, se lhe falam da beleza de

um homem, responde que isso para ele é chinês, que já não sabe distinguir um homem bonito de um feio,

assim como entre dois motores de automóvel, visto que a mecânica não é o seu forte. Tudo isso não

passa de mentiras. Meu Deus, veja bem; não quero dizer que uma reputação má (ou o que se

convencionou chamar assim) e injustificada seja algo absolutamente impossível. É de tal modo

excepcional, de tal modo rara, que praticamente não existe. Todavia, eu, que sou um curioso, um

bisbilhoteiro, cheguei a saber da existência de casos assim, e que não eram mitos. Sim, no decurso da

minha vida tenho constatado (constatado cientificamente, pois não me contento com palavras) duas

reputações imerecidas. De hábito, elas se estabelecem graças a uma semelhança de nomes ou, então,

de acordo com certos sinais exteriores, o excesso de anéis por exemplo, que as pessoas incompetentes

julgam ser características daquilo que está dizendo, assim como acreditam que um camponês não diz

duas palavras sem acrescentar *jamig* ou em inglês, *goddam*. Faz parte da convenção para o teatro dos

bulevares: entre os invertidos.

Sr. de Charlus me impressionou bastante ao citar, “amigo da atriz" que eu vira em Balbec e que

era o chefe da pequena sociedade de quatro amigos.

- Mas então essa atriz? - Ela lhe serve de biombo, e aliás eles têm relações sexuais com ela, mais

talvez do que com os homens, com quem não se relaciona quase. - E tem relações com os outros três? -

De jeito nenhum! Amigos mas não para isso! Dois deles só querem saber de mulheres. Um é invertido, do

caso eles se ocultam. Mas não é certo que seu amigo o seja, e em que os deixará assombrados é que

essas reputações injustificadas outras mais sólidas aos olhos do público. Você mesmo, Brichot, que põe a

mão a virtude desse ou daquele homem que vem aqui e que as pessoas bem informam que conhecem

como o lobo com pele de carneiro, você, como todo mundo, deve ditar no que dizem de certo homem em

evidência, quando a verdade é que, se lhes pudessem diriam que jamais pecou por apenas dois tostões.

Digo dois tostões porque, na mão vinte e cinco luíses, veríamos o número de santinhos diminuir até

mesmo a taxa dos santos, se você vê santidade nisso costuma em regra como por três ou quatro em dez.

Se Brichot havia transposto para o sexo masculino a questão das más reputações, de minha

parte, inversamente, era ao sexo feminino as palavras do Sr. de Charlus. Eu pensando em Albertine que

relacionava as partes, estava impressionado com a sua estatística, mesmo levando em conta que ele

devia impor, ou gerar as cifras ao sabor do que desejava, e também conforme os relatos de maldizentes,

talvez mentirosas, em todo caso enganadas pelo próprio desejo; os cálculos do Sr. de Charlus, falseava

sem dúvida.

- Três em dez! - exclamou Brichot. - Invertendo a proporção, eu ainda podia multiplicar por cem o

número de culpados. Se isto é o que o senhor diz, barão - não está enganado, então confessemos que o

senhor é um desses raros videntes de uma verdade que fez, assim que ninguém desconfiava em torno

deles. Assim foi sobre a corrupção parlamentar, descobertas que foram comprovadas as pessoas; como

a existência do planeta de Leverrier. A Sra. Verdurin citaria certos homens que acho melhor não nomear

e que descobriram no Serviço de Informações do Estado-Maior atividades, inspiradas, segundo creio, por

um patético que afinal eu não imaginava! Três em dez! - repetiu Brichot estupefato.-

Convém dizer que o Sr. de Charlus considerava os invertidos a maior parte de seus

contemporâneos, excetuando contudo os homens com quem tivera relações e cujo caso, por pouco que a

elas se mesclasse um tanto de romanesco, parecia-lhe mais complexo. É assim que certos homens

devassos, não acreditando na honra das mulheres, só atribuem alguma virtude àquela que foi sua amante

e a respeito de quem protestam sinceramente e com ar misterioso:

- Mas não, o senhor está enganado, ela não é uma mulher à-toa. - Essa inesperada estima lhes é

ditada em parte pelo amor-próprio, porque é mais lisonjeiro que tais favores tenham sido reservados

exclusivamente para eles, em parte por sua ingenuidade, que aceita facilmente tudo o que sua amante

quis impingir-lhes, e em parte por aquele sentimento da vida que faz com que, desde que nos

aproximamos das criaturas, das existências, as etiquetas e compartimentos previamente preparados

pareçam simples demais. -Três em dez! Tome cuidado, barão; menos feliz que esses historiadores que o

futuro há de ratificar, se o senhor quiser apresentar à posteridade o quadro que está pintando, ela poderá

achar ruim o negócio. Ela só julga baseada em documentos e desejaria tomar conhecimento do seu

dossiê. Ora, se nenhum documento vier autenticar esse gênero de fenômenos coletivos, já que as únicas

pessoas informadas a respeito têm grande interesse em mantê-los na sombra, haveria muita indignação

entre as almas caridosas, e o senhor passaria simplesmente por um caluniador ou um louco. Depois de

ter obtido o máximo e o principado, no concurso de elegância deste mundo, o senhor conheceria as

tristezas de uma rejeição póstuma. Não vale a pena, como diz, Deus me perdoe, o nosso Bossuet.

- Não trabalho para a História - respondeu o Sr. de Charlus-, basta-me a vida, ela é muito

interessante, como dizia o pobre Swann.

- Como? O senhor conheceu Swann, barão? Não sabia. Ele também era dado a esses vícios?

-indagou Brichot com ar inquieto.

- Que grosseirão que você é! Então acha que só conheço pessoas assim? Não, não creio - disse

Charlus de olhos baixos e procurando pesar os prós e os contras. E, pensando que, visto que se tratava

de Swann, cujas tendências tão contrárias sempre foram muito conhecidas, uma meia confissão só podia

ser inofensiva para aquele a quem ela visava e lisonjeira para quem a deixava escapar numa insinuação:-

Não digo que outrora no colégio, uma vez casualmente - disse o barão, como que involuntariamente e

como se estivesse pensando em voz alta, e logo se corrigindo: - Mas isto já faz duzentos anos, como

quer que me lembre? O senhor me aborrece - concluiu, rindo.

- Em todo caso, ele não era lá muito bonito - disse Brichot, que, sendo horroroso, achava-se

razoável e sem dificuldade julgava os outros feios.

- Cale-se disse o barão -, não sabe o que está dizendo; naquele tempo Swann tinha uma pele de

pêssego - e acrescentou, pronunciando cada sílaba num tom diverso - era belo como os amores. Aliás,

sempre se manteve tentador. Foi amado loucamente pelas mulheres.

- Mas o senhor conheceu a mulher dele?

- Ora se não! Foi por meu intermédio que ele a conheceu. Achei-a encantadora em seu meio

travesti, numa noite em que representava o papel de *Miss Sacripanta* eu estava com alguns

companheiros de clube, tínhamos voltado para casa com uma mulher, e, conquanto eu só tivesse

vontade do que as más línguas afirmaram, pois é terrível como o mundo é maldoso, com Odette. Apenas,

ela se aproveitou disso para vir me aborrecer, e eu tive de livrar dessa amolação apresentando-a à

Swann. A partir desse dia ela não mais veio me importunar, pois não sabia uma só palavra de ortografia,

e era eu encarregado de passear com que escrevia as cartas dela. E depois, eu é que fui encarregado o

que significa ter uma boa reputação. De resto, só está, meu menino, pela metade. Ela me obrigava a

arrumar tremendas farras com cinco ou seis pessoas. - E os amantes que Odette havia tido

sucessivamente -andara encoberto pelo pobre Swann - e nenhum desses casos foi descoberto. Depois

com aquele, cego pelo ciúme e pelo amor, computando as probabilidades e acreditando nas afirmativas

do que uma contradição que escapa à culpada, contra juras, bem mais difícil de perceber e no entanto

bem mais significativa, e da qual o poder prevalecer-se, mais logicamente, do que de informações que

pretende ter obtido, para inquietar a sua amante; esses amantes; falsamente, se o Sr. de Charlus

enumera-los com tamanha certeza como se recitasse a lista dos contemporâneos perto do ciumento está,

como os reis da França. E, de fato, ele não sabe nada, e é para os estranhos que a crônica dos adultérios

passa à decisão da História e se alonga em listas, aliás indiferentes, tristes para um outro ciumento, como

eu era, que não pode evitar comparar; e não existe uma lista tão real de que ouve

falar e que se pergunta

caso àquele, quanto aquela para a mulher de quem duvida. Mas ele não pode saber nada; uma

brincadeira cruel de que isso, é como que uma conspiração universal, isso, enquanto sua amiga passa de

um para outro, em que consiste, os olhos do iludido com uma venda que ele se esforça permanentemente

os bons resultados para arrancar sem consegui-lo, pois todos mantêm cego o infeliz. Prazer das pessoas

de mau; as criaturas grosseiras, pelo preço dos maus por malvadez, os bem-educados por polidez e boa

educação, e todos por uma dessas como soube que o senhor requer que se denominam princípios.

- Odette quando ela não queria ver Charles. Isso me aborrecia tanto ainda mais que eu tenho um

parente próximo chamado Crécy, sem ter naturalmente direito a isso, mas a quem afinal a coisa não

agradava. Pois ela se fazia chamar Odette de Crécy, e o podia perfeitamente, estando apenas separada

de um Crécy de quem era a mulher, este bem autêntico, um cavalheiro muito distinto a quem ela

arruinara até o último centavo. Mas para que me fazer falar desse Crécy, eu o vi conversando com ele no

trenzinho de Balbec, e lá você lhe oferecia jantares. O pobre andava precisado disso: vivia de uma

pensãozinha que lhe dava Swann e imagino que desde a morte do meu amigo ela não lhe tenha mais

sido paga. O que não entendo - disse-me o Sr. de Charlus - é que você, que tantas vezes esteve na casa

de Charles, não tenha querido há pouco que eu o apresentasse à rainha de Nápoles. Em suma, vejo que

você não se interessa pelas pessoas como curiosidades, e isto sempre me surpreende da parte de

alguém que conheceu Swann, em quem esse tipo de interesse era tão aprofundado que não se pode

dizer qual de nós iniciou o outro no assunto. Surpreende-me tanto como ver alguém que conheceu

Whistler e não sabe o que é bom gosto. Mas era principalmente a Morel que importava conhecê-la. Ele o

desejava, aliás, de todo o coração, pois Morel é o que há de mais inteligente. É uma pena que ela tenha

ido embora. Mas, enfim, hei de promover o encontro dos dois um dia desses. É indispensável que ele a

conheça. O único obstáculo possível seria ela morrer amanhã. Ora, é de esperar que ela não chegue a

tanto. -

De súbito, como ficara paralisado pela proporção de "três em dez" que lhe revelara o Sr. de

Charlus, Brichot, que não deixara de insistir na sua idéia, com uma rudeza que lembrava a de um juiz que

quer obrigar um acusado à confissão, mas que na realidade era o resultado do desejo que tinha o

professor de parecer perspicaz, e da perturbação que sentia ao lançar uma acusação tão grave:

- Será que Ski é desse tipo?-perguntou ao Sr. de Charlus com ar sombrio. Para fazer admirar seus

pretensos dotes de intuição, havia escolhido Ski, pessoa que lhe parecia um tanto esquisita, sofria de

insônia, perfumava-se, enfim, estava fora do normal.

- De jeito nenhum - gritou o barão com amarga ironia, dogmática e exasperada. - O que você diz é

tão falso, tão absurdo e despropositado! Ski é justamente isso para as pessoas que não entendem do

assunto. Se o fosse, não pareceria tanto sê-lo, digo-o sem qualquer intenção de crítica, pois ele possui

um certo encanto, e eu acho-lhe até algo de muito cativante. -

- Vivas, diga então alguns nomes - insistiu Brichot.

O Sr. de Charlus empertigou-se e respondeu com ar arrogante:

- Ah, meu caro, por mim, você sabe; vivo no abstrato, tudo isso me interessa apenas de um ponto

de vista transcendental -,demonstrando a suscetibilidade desconfiada, própria dos de sua laia, e a

afetação de grandiloqüência que caracterizava a sua conversa. - Para mim, você compreende,existem só

as generalidades que me interessam, eu lhe falo disso como da lei da faravidade.

Naqueles momentos de reação irritada, em que o barão cuidava de admirar sua vida eram bem

poucos diante das horas de progressão contínua em que a deixava adivinhar-se, e exibia com uma

complacência irritada; visto que nele a necessidade de confidência era mais forte

que o receio da

divulgação.

- O que eu queria dizer – continuou - é que, para uma má reputação injustificada existem centenas

de boas reputações que não são menos imerecidas. Evidentemente, o número dos que não as merecem

varia segundo você se baseie nas palavras dos que são como eles ou nas de outros. E é certo que, se a

maldade destes últimos está limitada pela excessiva dificuldade, que teriam em acreditar num vício tão

horrível para eles, quanto o roubo ou o assassinato praticado por pessoas de quem conhecem a

delicadeza e o bom coração, a maldade dos primeiros é exageradamente estimulada pelo desejo de

acreditar serem, como direi - acessíveis, pessoas que lhes agradam, por informações que lhes deram os

outros enganados por igual desejo. Enfim devido à distância em que geralmente são mantidos. Já vi um

homem, bem malvisto por causa desse vício, dizer que supunha que certo homem da sociedade também

era viciado. E o único motivo de sua desconfiança era o fato de que esse homem fora gentil com ele! São

outras tantas razões otimistas - disse ingenuamente o barão no cálculo da quantidade. Mas o verdadeiro

motivo da enorme diferença entre o número calculado pelos profanos e calculado pelos iniciados provém

do mistério de que estes envolvem seus atos a fim de escondê-los dos outros, que, desprovidos de

quaisquer meios de informação, ficariam literalmente estupefatos se soubessem apenas um quarto da ver

dade.

-Então, na nossa época, é como no tempo dos gregos - disse Brichot.

- Mas como no tempo dos gregos? Acha que isso não continuou desde então? Olhe, no reinado

de Luís XIV, havia Monsieur, o pequeno Vermandois, Moliere, o príncipe Louis Baden, Brunswick,

Charolais, Boufflers, o grande Condé, o duque de Brisse -

- Espere um momento, eu sabia de Monsieur, sabia de Brissac por Saint-Simon! Vendôme

naturalmente e aliás de muitos outros, mas essa velha peste de Sau Simon fala muitas vezes do Grande

Condé e do príncipe Louis de Baden e jamais faz menção ao fato.

- É mesmo deplorável que eu tenha de ensinar História à um professor da Sorbonne. Mas, meu

caro mestre, você é ignorante como uma tora.

- O senhor é duro, barão, mas justo. E olhe, vou lhe dar um prazer. Estava lembrando agora de

uma canção da época, que fizeram em latim *macarri* sobre certa tempestade que surpreendeu o Grande

Condé enquanto descia o *R* em companhia de seu amigo, o marquês de La Moussaye. Condé diz:

Carus Amicus Mussaeus,

Ah! Deus bonus! quod tempos! Landerirette,

Imbre Sumus perituri.

E La Moussaye o tranqüiliza, respondendo:

Securae Bunt nostrae vitae, Sumus enfim Sodomitae, igne tantum perituri, Landeriri.

[“Caro amigo, La Moussaye, Ah! meu Deus, que tempo! / Landerirette, / Nesta chuva morreremos. / -

Estão - nossas vidas, / ambos somos sodomitas / Só pelo fogo morreremos, Landeriri." - era a esposa de

Monsieur, o irmão do rei Luís XIV. (N. do T)]

- Retiro o que disse - observou Charlus com voz aguda e afetada-, você é um poço de ciência; vai

escrever isso para mim, não é? Desejo guardar essa canção nos meus arquivos de família, pois minha

bisavó em terceiro grau era irmã do Senhor príncipe.

- Sim, mas, barão, acerca do príncipe Louis de Baden não li nada. De resto, creio que em geral a

arte militar...

- Que bobagem! Naquele tempo, Vendôme, Vil ars, o príncipe Eugênio, o príncipe de Conti, e se

lhe citasse todos os heróis de Tonquim, do Marrocos; mas falo apenas dos verdadeiramente sublimes e

piedosos e "nova geração" -, eu o deixaria muito espantado. Ah, eu teria muito que ensinar às pessoas

que fazem pesquisas sobre a nova geração que rejeitou as vãs complicações de seus antepassados, diz

o Sr. Bourget! Tenho um amiguinho nessa geração, de que falam muito, que realizou coisas admiráveis;

mas enfim, não quero ser maldoso, voltemos ao século XVII; sabe que Saint-Simon diz do marechal

d'Huxelles - entre muitos outros: "... voluptuoso em devassidões gregas que não cuidava de esconder,

atraía jovens oficiais a quem submetia, além de jovens criados de muito boa aparência, e isto sem

disfarce, no exército e em Estrasburgo." Você provavelmente leu as cartas de Madame, só o chamavam

de Putana. Ela fala disso bem claramente. - E tinha no marido uma boa fonte de informações. - Que

personagem interessante era Madame - disse o Sr. de Charlus. - Poderia servir de modelo para uma

síntese lírica da "Mulher de um Veado". Em primeiro lugar, era machona; geralmente a mulher de um

Veado é um homem, é o que lhes torna tão fácil fazer filhos. Além disso, Madame não fala dos vícios de

Monsieur, mas alude sem cessar a esse mesmo vício nos outros, como pessoa informada e por esse

hábito que temos de gostar de encontrar nas famílias dos outros as mesmas taras - que sofremos na

nossa, para provar a nós próprios que isso nada tem de excepcional ou desonroso. Eu lhe dizia que isto

foi sempre assim. Entretanto, o nosso povo distingue-se particularmente sob tal aspecto. E, apesar dos

exemplos que tirei do século XVII, se o meu grande antepassado François de La

Rochefoucauld vivesse

atualmente, poderia dizer deste século, e com maior razão ainda; vamos, Brichot, ajude-me: "Os vícios

são de todos os tempos; mas, se certas famas que todo mundo conhece tivessem vivido nos primeiros

séculos, será que hoje se falaria das prostituições de Heliogábalo?" Este que todo mundo comenta,

agrada muito. Vejo que o meu sagaz parente conhecia "os podres" de seus célebres contemporâneos,

assim como eu conheço os dos meus. Mas homem dessa espécie, não só aumentaram em número hoje,

como também possuem de particular. -

Vi que o Sr. de Charlus ia nos dizer de que maneira esse gênero de costumes havia evoluído. E

nem por um instante, enquanto ele falava, ou enquanto Brichot falava, a imagem mais ou menos

consciente da minha casa, onde esperava Albertine, esteve, associada ao motivo meigo e íntimo de

Vinteuil, ai de mim. Eu retornava sem cessar à Albertine, assim como seria preciso voltar para junto dela

dali a pouco, feito uma grilheta à qual estivesse preso de um jeito ou outro, e que me impedisse de deixar

Paris e que, naquele momento - quanto que do salão Verdurin eu evocava minha casa, fazia-me sentir,

não com espaço vazio, exaltante para a personalidade e um tanto triste, mas repleto semelhante nisso ao

hotel de Balbec numa certa noite-dessa presa que dali não se movia, que permanecia ali para mim, e

que, quando eu queria estaria seguro de encontrar. A insistência com que o Sr. de Charlus voltava-se ao

assunto para o qual ademais a sua inteligência, orientada sempre no mesmo sentido, possuía uma certa

penetração mostrava algo de muito complexo, penoso. Ele era enfadonho como um sábio que não

enxerga nada além da especialidade, irritante feito uma pessoa bem informada que se envaidece dos

segredos que detém e arde por divulgar, antipático como os que, quando dos próprios defeitos,

desabafam sem perceber que estão desagradando, ou de como um maníaco e irresistivelmente

imprudente como um culpado. Tais características, que em certos momentos se tornavam tão

surpreendentes como distinguem um louco ou um criminoso, traziam-me aliás algum sossego

submetendo-as à transposição necessária para delas poder tirar deduções reais de Albertine e

lembrando-me da atitude desta para com Saint-Loup e como concluía, por mais penosa me fosse uma

dessas lembranças, e melancolia outra, concluía que elas pareciam excluir o tipo de deformação tão

acusada especialização forçosamente exclusiva, ao que parecia, que se destacava com força da

conversação e da pessoa do Sr. de Charlus. Mas, infelizmente, apressou em

arruinar esses motivos de

esperança, da mesma forma como havia fornecido, isto é, sem o saber.

- Sim - disse ele -, não tenho mais vinte anos e já vi muita coisa mudar a meu redor; não

reconheço mais nem a sociedade onde as barreiras foram rompidas, onde uma chusma sem elegância

nem se dança o tango até na minha família, nem as modas, nem a política, nem a religião, nem nada.

Confesso, porém, que o que mais mudou foi o que os alemães chamam de homossexualidade. Deus

meu, no meu tempo, de um lado os homens que detestavam mulheres e os que, gostando só delas, outra

coisa apenas por interesse, os homossexuais eram bons pais de família que possuíam amantes para

disfarçar. Se eu tivesse uma filha para casar, seria no meio deles que iria procurar um genro, se quisesse

estar seguro de que ela não seria infeliz. Ai de mim! Tudo está mudado. Agora, eles também se recrutam

entre os homens mais loucos por mulheres. Eu imaginava ter um certo faro, e, quando dizia comigo: "este

certamente não", julgava não poder enganar-me. Pois bem, hoje desisto de acertar. Um de meus amigos,

muito conhecido como tal, tinha um cocheiro que minha cunhada Oriane lhe arrumara, um rapaz de

Combray que trabalhara um pouco em todos os ofícios, mas sobretudo no de fornicar com mulheres, e

que eu teria jurado ser o mais hostil possível a esses hábitos. Ele fazia a desgraça da amante,

enganando-a com duas mulheres a quem adorava, sem contar as outras, uma atriz e uma caixeira de

cervejaria. Meu primo, o príncipe de Guermantes, que tem precisamente a inteligência irritante das

pessoas que acreditam em tudo com muita facilidade, disse-me um dia: "Mas por que será que X não se

deita com seu cocheiro? Quem sabe isto não daria prazer a Théodore" (é o nome do cocheiro) "e se este

não está mesmo bastante aborrecido por ver que o patrão não tenta dar os primeiros passos nesse

sentido?" Não pude deixar de impor silêncio a Gilbert; sentia-me, a um tempo, enervado diante daquela

pretensa perspicácia, que, quando se exerce indistintamente, é uma falta de perspicácia, mas também

pela malícia manifestado meu primo, que desejaria que o nosso amigo X tentasse arriscar-se e, caso o

negócio fosse viável, entrar ele por sua vez no jogo.

- Quer dizer que o príncipe de Guermantes também se entrega a esse vício? - indagou Brichot

com um misto de assombro e mal-estar.

- Meu Deus - exclamou o Sr. de Charlus encantado-, é coisa tão conhecida que não creio cometer

uma indiscrição dizendo-lhe que sim. Pois bem, no ano seguinte fui a Balbec, onde soube por um

marinheiro que às vezes me levava para pescar, que o meu Théodore (que, entre parênteses, tem como

irmã a camareira de uma amiga da Sra. Verdurin, a baronesa Putbus) costuma ir ao cais para buscar ora

um ora outro marinheiro, com um topete diabólico, a fim de dar uma volta de barco e "outras coisinhas

mais". - Foi a minha vez de perguntar se o patrão de Théodore, em quem eu reconhecera o senhor que

jogava cartas o dia inteiro com a amante, era como o príncipe de Guermantes. - Mas ora, todo mundo

sabe disso, ele não esconde de ninguém.

- Mas ele estava com a amante...

- E daí? Esses meninos são tão ingênuos! - retrucou o Sr. de Charlus com ar paternal, sem

desconfiar do sofrimento que eu tirava de suas palavras pensando em Albertine. - É encantadora a sua

amante.

- Mas então os seus três amigos serão como ele?

- De jeito nenhum! - exclamou o Sr. de Charlus, tapando os ouvidos como se tocando um

instrumento, eu tivesse dado uma nota em falso. - Aí está ele. Ora no extremo oposto. Então não se tem

mais o direito de ter amigos? Ah, a juventude. Ela confunde tudo. Precisa refazer toda a sua educação,

meu jovem. Ora, confesso que nesse caso, conheço muitos outros, por mais que ore manter o meu

espírito aberto a todas as audácias, sinto-me embaraçado. Sou bem antiquado, mas não compreendo

-disse no tom de um velho falando de certas formas de ultramontanismo, ou de um realista liberal que

contasse a Ação Francesa, ou de um discípulo de Claude Monet falando dos cubos - Não censuro esses

inovadores, ou melhor, invejo-os, procuro entendê-los; não consigo. Se gostam tanto da mulher, por que

motivo, e principalmente o mundo operário onde se é tão malvisto, onde se ocultam por amor-próprio,

eles necessidade do que denominam um mome (garoto)? É que isso representa para eles outra coisa.

- O quê? - "Que outra coisa a mulher pode representar Albertine' pensei, e esse era de fato o

motivo do meu sofrimento.

- Decidido, barão - disse Brichot -, se alguma vez o Conselho das faculdades propuserem a

criação de uma cátedra de Homossexualismo, irei indicá-lo em primeiro lugar antes, um Instituto de

Psicofisiologia especial lhe seria mais adequado. E sobretudo nomeado para uma cátedra do Col ege de

France, o que lhe permite entregar-se à estudos pessoais, cujos resultados revelaria, como faz o

professor tâmul ou de sânscrito, diante de um número bem pequeno de pessoas que se interessam por

isso. O senhor teria dois ouvintes, além do bedel, diga-se nenhuma intenção de lançar a menor dúvida

quanto ao nosso corpo de bedéia - julgo acima de qualquer suspeita.

- O senhor não sabe nada - replicou o barão tom duro e cortante. - Além disso, engana-se ao crer

que isso interessa a tão pouca gente. É exatamente o contrário o que ocorre - e, sem se dar conta da

existente entre a direção que sua conversa invariavelmente tomava e a censura que ia endereçar aos

outros: - Pelo contrário, é impressionante - disse ele ao Brichot com ar escandalizado e contrito-, não se

fala noutra coisa. É uma vergonha, como lhe digo, meu caro! Parece que anteontem, na casa da duquesa

d'Ayen; não falaram noutra coisa durante duas horas. Imaginem se agora as mulheres tem a falar nisso,

será um verdadeiro escândalo! O que há de mais ignóbil é que são informadas - ajuntou com um ardor e

uma energia extraordinários - por pestes, uns sujos como o pequeno Châtel erault, de quem há mais o

que dizer que de qualquer outro, e que lhes contam as histórias alheias. Já me avisaram ele diz cobras e

lagartos de mim, mas não ligo; acho que a lama e as imundícies atiradas por um indivíduo que escapou

de ser expulso do Jockey por ter trapaçado num jogo de cartas, só podem recair sobre ele. Sei

perfeitamente fosse Jane d'Ayen, respeitaria bastante o meu salão para não permitir que se discutissem

tais assuntos, nem que emporcalhassem na minha casa os próprios parentes. Mas já não existe

sociedade, não existem regras convenientes tanto para a conversação como para a forma de trajar. Ah,

meu caro! É o mundo. Toda gente se tornou tão maldosa. Cada um que diga é mais maldoso. É um

horror!

Covarde como já era na minha infância em Combray, quando fugia para não ver oferecerem

conhaque à meu avô, e os vãos esforços de minha avó para suplicar-lhe que não bebesse, eu só tinha

uma idéia: sair da casa dos Verdurin antes que ocorresse a "execução" de Charlus.

- É absolutamente necessário que eu parta - disse a Brichot.

- Vou com você - respondeu ele -, mas não podemos sair à inglesa. Vamos nos despedir da Sra.

Verdurin - concluiu o professor, dirigindo-se para o salão com o ar de quem, nos jogos de sociedade, vai

ver "se já pode voltar".

Enquanto conversávamos, o Sr. Verdurin, a um sinal da mulher, afastara-se com Morel. Aliás,

mesmo que a Sra. Verdurin, depois de muito refletir, concluísse que seria mais sábio adiar as revelações

a Morel, não mais teria podido fazê-lo. Há certos desejos que, às vezes circunscritos à boca, uma vez que

os deixamos tomar corpo, exigem ser saciados sejam quais forem as conseqüências; não se pode mais

resistir à tentação de beijar um ombro decotado que se observa desde há muito e

sobre o qual os lábios

caem como sobre o pássaro a serpente, de comer um doce com os dentes que a fome fascina, de se

recusar ao espanto, à perturbação, à dor ou à alegria que se vai desencadear numa alma com palavras

imprevistas. Assim, ébria de melodrama, a Sra. Verdurin havia imposto ao marido que chamasse Morel à

parte e falasse ao violinista, custasse o que custasse. Este começara por deplorar que a rainha de

Nápoles tivesse ido embora sem que ele lhe pudesse ter sido apresentado. O Sr. de Charlus tanto lhe

repetira que ela era irmã da imperatriz Élisabeth e da duquesa d'Alençon, que a soberana assumira aos

olhos de Morel uma importância extraordinária. Mas o Patrão lhe explicara que não estavam ali para falar

da rainha de Nápoles, e fora direto ao assunto.

- Veja bem - concluíra após algum tempo -, veja bem; se quiser, vamos consultar minha mulher.

Palavra de honra que não disse coisa alguma a ela. Vamos ver o que ela acha. Minha opinião talvez não

seja a boa, mas você sabe como é seguro o juízo dela; e depois, ela sente uma enorme estima por você,

vamos submeter-lhe a causa. -

E, enquanto a Sra. Verdurin esperava com impaciência as emoções que ia saborear falando ao

virtuoso, e logo que este saísse, ao receber um sumário exato do diálogo trocado

entre ele e seu marido,

não deixava de repetir:

- Mas o que é que eles podem fazer? Pelo menos, espero que Gustave, durante esse tempo todo,

tenha sabido industriá-lo. O Sr. Verdurin voltara com Morel, que parecia grandemente emocionado.

[Adiante o Sr. Verdurin,será chamado de "Gustave". (N. do T)]

- Ele gostaria de te pedir um conselho - disse o Sr. Verdurin à mulher, com o ar de alguém que

não sabe se seu pedido será aceito. Em vez de responder ao Sr. Verdurin, afogueada pela paixão, foi a

Morel que a Sra. Verdurin se dirigiu:

- Sou absolutamente da mesma opinião que meu marido, acho que você não pode tolerar isso por

mais tempo! - gritou ela com violência e esquecendo, como ficção fútil, que fora combinado com o marido

que ela fingiria ignorar o que o Sr. Verdurin dissera ao violinista.

- Como? Tolerar o quê? - balbuciou o Sr. Verdurin, que tentava aparentar assombro e procurava,

com uma falta de jeito que sua perturbação explicava, fender sua mentira.

- Adivinhei o que lhe disseste - respondeu a Sra. Verdurin, sem se incomodar com a maior ou

menor verossimilhança da explicação, e pouco para que o violinista pudesse pensar da veracidade da

sua Patroa, recordasse aquela cena. - Não - continuou a Sra. Verdurin -, acho que você deve suportar

mais essa promiscuidade vergonhosa com uma pessoa imoral da que já não é recebida em parte alguma-

acrescentou, não se importando que aquilo não fosse verdade e esquecendo que ela o recebia quase

diariamente, - é o alvo da troça de todo o Conservatório - acrescentou, sentindo que esse argumento era

de maior efeito -; mais um mês dessa vida e seu futuro artístico liqüidado, ao passo que sem o Charlus

você ganharia mais de cem mil francos anuais.

- Mais eu nunca ouvi dizer coisa nenhuma, estou impressionado, sou todo grato à vocês

-murmurou Morel com lágrimas nos olhos. - Mas, obrigado! - a tempo de fingir assombro e dissimular a

vergonha, estava mais rubro e suava do que se tivesse tocado todas as sonatas de Beethoven uma após

outra. À seus olhos subiam prantos que o mestre de Bonn certamente não lhe teria arrancado do escultor,

interessado nessas lágrimas, sorriu e me assinalou Charlie com o canto do olho.

- Se não ouviu nada, é o único. Pois ele tem uma péssima reputação e diz coisas horríveis a seu

respeito. Sei que a polícia está de olho nele e, aliás, é o que pode acontecer de mais feliz, para não

acabar como todos os de sua igualha, assassinado por apaches - acrescentou a Sra. Verdurin, pois, ao

pensar em Charlus, voltava-lhe a lembrança da Sra. de Duras e, no ódio de que se embriagava, fazia

agravar ainda mais os golpes que desferia no desgraçado do Charlie e se vingando que ela própria

recebera naquela noite. - Além disso, mesmo do ponto de vista material, ele não lhe pode servir para

nada: está inteiramente arruinado, desde que é vítima de pessoas que o exploram e já não poderão

aproveitar-se dele, e menos você, pois tudo o que ele possui está hipotecado; casa, castelo, etc.

Facilmente acreditou nessa mentira, tanto mais que o Sr. de Charlus gostava de tomá-lo por

confidente de suas relações com os apaches, raça pela qual o filho de um lacaio, por mais crapuloso que

seja, professa um horror igual ao seu apego às idéias bonapartistas. No espírito ardiloso de Morel já havia

germinado uma combinação ao que se denominou, no século XVIII, uma inversão de alianças. Decidido

mais falar ao Sr. de Charlus, faria as pazes na noite seguinte com a sobrinha de Jupien, encarregando-se

de ajeitar tudo. Infelizmente para ele, tal projeto fracassara, pois, nessa mesma noite, teve o Sr. de

Charlus um encontro ao qual o antigo coleteiro não ousou faltar, apesar do que acontecera. Como

pessoas, como veremos, se precipitassem a favor de Morel, quando Jupien, rindo, contou as suas

desditas ao barão, este, não menos infeliz, declarou-lhe que adotava a pequena abandonada, que a ela

daria um dos títulos de que dispunha provavelmente o de Srta. D' Oloron, que

lhe proporcionaria um

perfeito complemento de instrução e lhe arranjaria um belo casamento. Promessas que alegraram

profundamente Jupien e deixaram indiferente a sua sobrinha, pois ela continuava a amar Morel, o qual,

por cinismo ou estupidez, entrou gracejando na loja quando Jupien estava ausente.

- Que significam essas olheiras? -perguntou rindo. - Desgostos amorosos? Diabo, os anos se

sucedem e não se parecem. Afinal, somos livres para experimentar um sapato, e com maior razão uma

mulher, e se não nos serve... -

Só se aborreceu uma vez, porque ela chorou, o que ele achou uma covardia, um procedimento

indigno. Nem sempre suportamos bem as lágrimas que fazemos correr.

Porém antecipamos demais, pois tudo isto só se passou depois da reunião dos Verdurin, que

interrompemos e que é preciso retomar no ponto em que a deixamos.

- Eu jamais teria desconfiado - suspirou Morel, em resposta à Sra. Verdurin.

- Naturalmente não lhe dizem nada na cara, o que não impede que você se torne motivo de troça

no Conservatório - repetiu maldosamente a Sra. Verdurin, querendo mostrar à Morel que não se tratava

unicamente do Sr. de Charlus, mas também dele. - Acredito que você não saiba de coisa alguma; todos,

no entanto, comentam sem a menor cerimônia. Pergunte à Ski o que estavam dizendo outro dia no

concerto de Chevil ard, a dois passos de nós, quando você entrou no meu camarote. Quer dizer, você já é

apontado com o dedo. Direi que, por mim, isto pouco me importa, mas acho que tal situação torna um

homem terrivelmente ridículo e fá-lo ser riso de todos para o resto da vida.

- Não sei como lhe agradecer. - disse Charlie, no tom que o dizemos a um dentista que acaba de

nos fazer sofrer horrivelmente sem que lhe tivéssemos dado a perceber, ou a uma testemunha

excessivamente sangüinária que nos forçou a um duelo devido a uma insignificância, pretextando: - Você

não pode engolir isto.

- Acho que você tem caráter, que é um homem - respondeu a Sra. Verdurin - e que saberá falar

alto e bom som, embora ele diga a todo mundo que você não se atreveria, que o tem em suas mãos.

Charlie, buscando uma dignidade de empréstimo para encobrir a sua em farrapos, encontrou na

memória, por a ter lido ou ouvido dizer, e logo proclamou:

- Não fui educado para agüentar isto. Hoje mesmo, romperei com o Sr. de Charlus. A rainha de

Nápoles foi mesmo embora, não é? Senão, antes de romper com ele, eu lhe teria pedido...

- Não é necessário romper de todo com ele - disse a Sra. Verdurin, empenhada em não

desorganizar o seu pequeno clã. - Não há inconveniente em que o veja aqui no nosso grupinho, onde

você é apreciado, onde ninguém falará mal de você. Mas exija a sua liberdade e, além disso, não se

deixe arrastar por ele à casa de todas essas espevitadas que só são amáveis na sua frente; gostaria que

ouviste o que elas dizem de você pelas costas. Aliás, não se lastime; não só não o de nada e tira de si

uma mancha que lhe ficaria por toda a vida, como, do ponto artístico, mesmo se não houvesse esta

vergonhosa apresentação por Charlus, eu diria que o fato de você estar se desclassificando desse jeito

nesse ambiente de mundanismo falso lhe daria um ar que não é sério, uma reputação de musicozinho de

salão, que é terrível na sua idade. Compreendo que, para essas damas elegantes, é bem cômodo

retribuir gentilezas das amigas convidando você para tocar de graça, porém à custa de seu futuro de

artista. Não digo que vá à casa de uma ou duas. Você falava da rainha de Nápoles que realmente foi

embora, pois tinha outra recepção-, ela é uma excelente mulher, e eu lhe diria acho que pouco se importa

com Charlus. Direi que foi sobretudo por minha pessoa que ela veio. É claro, sei que ela tinha vontade de

nos conhecer, ao Sr. Verdurin e a mim. Está certo que vá tocar na casa dela. E depois, direi que, levado

por mim, os artistas conhecem, você sabe, com quem sempre foram muito amáveis, a quem consideram

um pouco como um dos seus, como a sua Patrona, é bom dizer. Mas sobretudo, evite a casa da Sra. de

Duras como se fosse fogo em brasa! Não caia nessa! Sei de artistas que vieram fazer-me confidências

sobre ela. Sabem podem confiar em mim - disse ela num tom meigo e simples que sabia assumir repente,

dando à suas feições um ar de modéstia, e aos olhos um sortilégio próprio - Eles vêm muito naturalmente

contar-me seus pequenos casos; ainda os passam por ser os mais silenciosos, às

vezes conversam

horas a fio comigo, e nem imagina como são interessantes. O pobre Chabrier sempre dizia: "Não como a

Sra. Verdurin para fazê-los falar." Pois bem, sabe de uma coisa? Todos, todos sem exceção, já os vi

chorar por terem tocado na casa da Sra. de Duras; se tratava apenas das humilhações que recebiam dos

criados por ordem e divertimento dela; mas depois eles não conseguiam obter contrato em parte alguma.

Os diretores diziam: "Ah, sim! É um que toca na casa da Sra. de Duras." E acabado. Não há nada como

isso para liquidar o futuro de um artista. Veja, gente da sociedade não dá seriedade às pessoas; você

pode possuir todo o talento do mundo e basta uma Sra. de Duras, é triste dizê-lo, para lhe dar a

reputação amador. E para os artistas, você compreende que os conheço bem, há anos que os freqüento,

que os lanço, que me interesso por eles; pois bem! eles, quando dizem de alguém que é "um amador",

tudo está dito. E, no fundo, que já se começava a dizer de você. Quantas vezes fui obrigada a me

assegurar que você não haveria de tocar num dado salão ridículo! Sabe o quê respondiam? "Mas ele

será forçado, Charlus nem sequer o consultará, ele não pede sua opinião." Alguém achou que daria

prazer no barão dizendo-lhe: "Admiramos muito o seu amigo Morel." Sabe o que ele respondeu, com

aquele ar insosso que você lhe conhece? "Amigo? Mas como quer que ele seja meu amigo, se nem

mesmo pertencemos à mesma classe. Diga que ele é minha criatura, meu produto."

Nesse momento agitava-se, sob a fronte arqueada da deusa musicista, a única coisa que certas

pessoas não podem guardar para si mesmas, uma palavra que só é abjeta, mas imprudente de repetir.

Mas a necessidade de repeti-la é mais que a honra, que a prudência. Foi para satisfazer essa

necessidade que, após alguns leves movimentos convulsivos da fronte esférica e desgostosa, a Patroa

cedeu:

- Até repetiram ao meu marido que ele havia dito: "meu criado", mas isso eu não posso afirmar-

acrescentou.

Foi uma necessidade igual que levara o Sr. de Charlus, pouco depois de ter jurado à Morel que

ninguém jamais saberia do meio em que este saíra, a dizer à Sra. Verdurin:

- É filho de um lacaio. -

Uma necessidade parecida, agora que a palavra fora pronunciada, iria fazê-la circular de pessoa

em pessoa, que a divulgariam pedindo segredo, que seria jurado mas não cumprido, como elas próprias o

haviam feito. Essas palavras, como no jogo do anel, acabariam por retornar à Sra. Verdurin, fazendo-a

brigar com o interessado, que afinal soubera de onde vinha a indiscrição. Ela o sabia, mas não podia reter

a palavra que lhe queimava língua. "Criado", aliás, não podia deixar de ofender Morel. No entanto ela

disse "criado" e, se acrescentou que não podia afirmar, foi, a um tempo, para parecer estar certa do resto,

graças a essa restrição, e para mostrar-se imparcial. A imparcialidade que exibia, tocava-a de tal modo

que ela principiou a falar carinhosamente com Charlie:

- Pois veja só - disse -, não censuro o barão; se ele o arrasta para um abismo, não é culpa dele,

pois é o abismo em que ele próprio se precipita; ele próprio se precipita-repetiu com força, maravilhada

pela exatidão da imagem, que lhe saíra tão rapidamente que só agora a atenção a alcançava e cuidava

realçá-la. - Não, o que lhe censuro - disse num tom carinhoso, como uma mulher ébria do seu êxito - é a

indelicadeza para com você. Há coisas que não se dizem a toda a gente. Assim, ainda há pouco, ele

apostou que ia fazê-lo enrubescer de alegria, ao anunciar-lhe (por pilhéria, é claro, pois a recomendação

dele bastava para impedir você de obtê-la) que você conseguiria a cruz da Legião de Honra. Isso ainda

passa - continuou ela com ar digno e delicado -, embora eu nunca tenha gostado que os amigos sejam

enganados, mas você sabe, há ninharias que nos magoam. É o caso, por exemplo, quando ele nos conta,

torcendo-se de riso, que, se você deseja a Legião de Honra, é por causa do seu tio e que seu tio era um

lacaio.

- Ele lhe disse isto? - gritou Charlie, acreditando, graças a essas palavras habilmente citadas, na

verdade de tudo quanto a Sra. Verdurin dissera. Esta sentiu-se inundada por uma alegria parecida à de

uma velha amante que, a ponto de ser abandonada pelo amante jovem, consegue acabar com o

casamento deste. E talvez ela mesma não tivesse calculado a mentira e nem sequer havia mentido

conscientemente. Uma espécie de lógica sentimental, talvez ainda mais elementar, uma espécie de

reflexo nervoso, que a impelia, para contentar sua vida e preservar sua felicidade, a semear a discórdia

no pequeno clã, fazia-lhe subir impulsivamente aos lábios, sem que ela tivesse tempo de lhes verificar a

verdade, essas asserções diabolicamente úteis, senão rigorosamente exatas.

- Se ele tivesse falado nisso apenas para nós dois - continuou a Patroa-, não teria importância;

sabemos qual o desconto que se deve dar a tudo o que ele nos diz, e depois, não há profissões ridículas,

você tem o seu valor pessoal, você é o que você vale; mas que ele tenha feito a Sra. de Portefin dar

risada (a Sra. Verdurin citou-a expressamente, pois sabia que Charlie gostava da Sra. Portefin), isso é o

que nos entristece. Meu marido me dizia, ao ouvi-lo: "Eu preferia ter levado uma bofetada." Pois Gustave

gosta tanto de você como eu, sabe? (Sabe-se desse modo que o Sr. Verdurin se chamava Gustave.)" No

fundo, é um sensível.

- Mas eu nunca te disse que gostava dele - murmurou o Sr. Verdurin fingindo uma brusquidão

amistosa. - Charlus é quem gosta.

- Ah, não; agora é que percebo a diferença, estava sendo traído por um miserável, ao passo que o

senhor é bom - exclamou Charlie com sinceridade.

- Não, não - murmurou a Sra. Verdurin para manter sua vitória (pois sentia que as quartas-feiras

estavam garantidas) dela abusar-, miserável é demais; ele pratica o mal, muito até, inconscientemente.

Você sabe, essa história de Legião de Honra não durou muito. E me seria desagradável repetir-lhe tudo o

que afirmou sobre sua família - disse a Sra. Verdurin, que ficaria bastante embaraçada caso tivesse de

fazê-lo.

- Oh! Mesmo que durasse apenas um instante, prova a traição dele! - exclamou Morel.

Foi nesse momento que regressamos à sala.

- Ah! - exclamou o Sr. Charlus ao ver que Morel ali se achava; e caminhando para o músico com

aquela satisfação dos homens que organizaram cuidadosamente toda a sua

recepção noturna com vistas

a um encontro com uma mulher e que, ébrios de paixão, suspeitam que eles próprios andaram armando a

citada onde os asseclas vão agarrá-los e espancá-los diante de todos: - Até que enfim, e não é tempo;

então, está contente, jovem celebridade e dentro em pouco jovem cavaleiro da Legião de Honra? Pois em

breve poderá mostrar sua condecoração - disse o Sr. de Charlus com ar afetuoso e triunfal, mas

ratificando com aquelas mesmas palavras de condecoração as mentiras da Sra. Verdurin, que assim se

afigurara à Morel como uma verdade indiscutível.

- Deixe-me, proíbo-o de se aproximar mim! - gritou Morel ao barão. - Não deve ser a primeira vez

que procede desse modo, não sou o primeiro a quem tentou perverter! -

Meu único alívio era pensar que veria Morel e os Verdurin reduzidos a pó pelo Sr. de Charlus. Por

mil vezes menos do que isso eu havia incorrido em suas cóleras de louco, ninguém estava salvo delas,

um rei não o teria intimidado. Ora, deu-se esta coisa extraordinária. O Sr. de Charlus mudo, estupefato,

avaliando a sua desgraça sem compreender-lhe o motivo, nem achando uma palavra, erguendo os olhos

sucessivamente para todas as pessoas presentes, com ar interrogador, indignado, suplicante, e queria

perguntar-lhes ao menos o que se passara do que o que deveria responder. Tal o

que o tornasse mudo

fosse vendo que o casal Verdurin desviava os olhos e ninguém lhe acudia ao sofrimento presente e

sobretudo o terror dos sofrimentos vindouros; ou então, porque, não tendo previamente pela imaginação

esquentado a cabeça e forjado uma cólera, e nem tendo uma raiva pronta nas mãos (pois, sensitivo,

nervoso, histérico, era um verdadeiro impulsivo, mas um falso bravo, e até, como eu sempre o acreditara,

e o que o fazia simpático a meus olhos, um falso mau, e não possuía as reações normais do homem de

honra ultrajado), fora surpreendido e agredido bruscamente no momento em que se achava inerme; ou

ainda porque, num ambiente que não era o seu, sentia-se menos à vontade e menos corajoso do que no

Faubourg. O fato é que neste salão, por ele desdenhado, esse grão-senhor (a que não era mais

essencialmente inerente a superioridade sobre os plebeus do que a de seus ancestrais angustiados

diante do Tribunal revolucionário) não soube, numa paralisia de todos os membros e da língua, senão

lançar para todos os lados olhares de pavor, indignados pela violência que praticavam contra ele, tão

suplicantes quanto indagadores. No entanto, o Sr. de Charlus possuía todos os recursos não só da

eloqüência mas da audácia, quando, tomado de uma raiva há muito fervilhante contra alguém, fazia-o

calar-se de desespero com as palavras mais atrozes diante das pessoas mundanas, escandalizadas, e

que jamais haviam pensado que se pudesse ir tão longe. Nesses casos, o Sr. de Charlus se inflamava,

agitava-se em verdadeiros ataques de nervos, que faziam tremer todo o mundo. Mas é que em tais casos

o barão tinha a iniciativa, atacava, dizia o que queria (como Bloch sabia gracejar dos judeus, mas

enrubescia quando lhes pronunciavam os nomes diante dele). Essas pessoas a quem odiava, odiava-as

por julgar-se desprezado por elas. Fossem amáveis com ele e, em vez de avermelhar de cólera, ele as

teria beijado. Numa circunstância tão cruelmente imprevista, esse grande argumentador não soube mais

que balbuciar:

- Que significa isto? O que é que há?-

Nem sequer o ouviam. E a eterna pantomima do terror pânico mudou tão pouco, que este velho

senhor, a quem acontecia uma aventura desagradável num salão parisiense, repetia, malgrado seu, as

atitudes esquemáticas nas quais a escultura grega dos primeiros tempos estilizava o terror das ninfas

perseguidas pelo deus Pã. O embaixador caído em desgraça, o chefe de repartição aposentado

inesperadamente, o mundano que é tratado com frieza e o amante despedido examinam às vezes

durante meses a fio o acontecimento que lhes destruiu as esperanças; viram-no, reviram-no como a um

projétil atirado não se sabe de onde e nem por quem, um pouco feito um aerólito. Bem que gostariam de

conhecer os elementos constitutivos daquele estranho engenho desabado sobre eles, saber que

vontades malignas pode haver nisso. Os químicos ao menos dispõem da análise; os doentes que sofrem

de um mal cuja origem lhes é desconhecida podem mandar vir um médico. E os casos criminais são mais

ou menos solucionados pelo juiz de instruções. Porém as ações perturbadoras de nossos semelhantes,

raramente lhes descobrimos os motivos. Assim, o Sr. de Charlus (para antecipar os dias que se seguiram

a essa reunião, a que voltaremos) só viu na atitude de Charlie uma única clara. Charlie, que muitas vezes

ameaçara o barão de espalhar a paixão que inspirava, devia ter se aproveitado, para fazê-lo, de fato de

que já se julgava diretamente "lançado" para voar com as próprias asas. E devia ter contado tudo, pura

ingratidão à Sra. Verdurin. Mas como se deixara esta enganar, pois decidido a negar tudo, já estava ele

próprio convencido de que os sentimentos que lhe censurariam eram imaginários? Amigos da Sra.

Verdurin, talvez igualmente apaixonados por Charlie, tinham já preparado o terreno. O resultado é que,

nos dias seguintes, o Sr. de Charlus escreveu cartas terríveis à vários "fiéis"

inteiramente inocentes e que

o julgaram doido; depois, o barão foi contar à Sra. Verdurin a narrativa de enternecer, que aliás não

logrou de todo alcançar o efeito que esperava. Pois, de um lado, a Sra. Verdurin repetia ao barão:

- Não precisa mais se preocupar com ele, deixe-o de parte, é uma criança. -

Ora, o barão só suspirava fazer as pazes. Por outro lado, para dar oportunidade a estas, privando

Charlie de tudo quanto este se julgava seguro, pedia à Sra. Verdurin que não o recebesse ao que ela

opôs uma recusa que lhe valeu cartas irritadas e sarcásticas do Charlus. Indo de uma a outra suposição,

este nunca chegou à verdadeira, ou que o golpe de modo algum partira de Morel. É verdade que o barão

poderá ter sabido disso, se tivesse pedido a Morel alguns minutos de entrevistas. Mas a isso era contrário

à sua dignidade e aos interesses de seu amor. Fora ofendido, esperava explicações. Existe aliás, quase

sempre, ligada à idéia de uma entrevista; poderia esclarecer um mal-entendido, uma outra idéia que, por

alguma razão, de que nos prestemos a essa entrevista. Aquele que se rebaixou, mostrando fraqueza em

vinte oportunidades, dará prova de orgulho na vigésima primeira a única em que seria útil não teimar

numa atitude arrogante e dissipar um erro vai enraizar-se no adversário por falta de desmentido. Quanto

ao aspecto mundano do incidente, espalhou-se o rumor de que o Sr. de Charlus fora expulso da casa

Verdurin no momento em que tentava violentar um jovem músico. Tal rumor com que ninguém se

espantasse de não ver mais o Sr. de Charlus reaparecer em casa dos Verdurin, e quando por acaso ele

encontrava em alguma parte um dos fiéis de quem suspeitara e que havia insultado, como este guardava

rancor do barão, o qual por sua vez não o cumprimentava, as pessoas não se surpreendiam,

compreendendo que ninguém no pequeno clã quisesse mais cumprimentar o Sr. de Charlus.

Enquanto o barão, aturdido de imediato pelas palavras que Morel achou de pronunciar e pela

atitude da Patroa, assumia a postura de uma ninfa presa no terror do pânico, o Sr. e a Sra. Verdurin se

haviam retirado para o primeiro salão, em sinal de rompimento diplomático, deixando o Sr. de Charlus

sozinho, ao que no estrado Morel guardava o seu violino.

- Vais nos contar agora como isto aconteceu - disse a Sra. Verdurin com avidez a seu marido. -

- Não sei o que a senhora lhe disse, ele parecia muito perturbado - observou Ski. - Estava com

lágrimas nos olhos. -

Fingindo não haver compreendido, a Sra. Verdurin comentou:

- Creio que o que lhe disse lhe foi de todo indiferente - por uma dessas manobras

que não iludem,

aliás, a todo mundo, e para obrigar o escultor a repetir que Charlie chorava, lágrimas que enchiam a

Patroa de tanta vaidade que ela não queria arriscar que um ou outro fiel, que podia ter ouvido mal, as

ignorasse.

- Indiferente? Não, não, pelo contrário, eu via grossas lágrimas brilhando nos seus olhos -, disse o

escultor em tom baixo e risonho de confidência maldosa, olhando de lado para assegurar-se de que Morel

ainda estava sobre o estrado e não podia escutar a conversa. Mas havia uma pessoa que a escutou e

cuja presença, logo que fosse notada, ia devolver à Morel uma das esperanças que ele tinha perdido. Era

a rainha de Nápoles que, tendo esquecido seu leque, achara mais amável, ao deixar a outra reunião a

que havia comparecido, vir buscá-lo em pessoa. Entrara de mansinho, como que confusa, pronta para

desculpar-se e fazer uma curta visita agora que não havia mais ninguém. Porém não a tinham ouvido

entrar, no calor do incidente que ela compreendera logo e que a encheu de indignação.

- Ski está dizendo que viu lágrimas nos seus olhos, reparou nisso? Não vi lágrimas. Ah, sim, é

verdade, estou me lembrando - corrigiu ela, no receio de que sua contestação fosse aceita. - Quanto a

Charlus, está inteiramente aniquilado, devia sentar-se, está de pernas trêmulas, vai cair no chão – disse

ela com um riso de escárnio impiedoso.

Naquele momento, Morel correu para ela:

- Esta senhora não é a rainha de Nápoles? - perguntou (embora soubesse perfeitamente de quem

se tratava) mostrando a soberana que se dirigia para Charlus. - Depois do que se passou, infelizmente

não posso mais pedir ao barão que me apresente a ela.

- Espere, vou lhe fazer isto - replicou a Sra. Verdurin, e, acompanhada de alguns fiéis, menos

Brichot e eu, que nos apressamos em ir pedir nossos agasalhos e sair, aproximou-se da rainha, que

conversava com o Sr. de Charlus. Este julgara que a realização de seu grande desejo de que Morel fosse

apresentado à rainha de Nápoles só poderia ser impedido pela improvável morte da soberana. Mas nós

nos afiguramos o futuro como um reflexo do presente projetado no espaço vazio, ao passo que ele é com

freqüência o resultado bem próximo de causas que na maioria nos escapam. Ainda não decorrera uma

hora e o Sr. de Charlus agora já daria tudo para que Morel não fosse apresentado à rainha. A Sra.

Verdurin fez uma reverência à soberana. Vendo que esta parecia não reconhecê-la:

- Sou a Sra. Verdurin. Vossa Majestade não me reconhece?

- Perfeitamente - respondeu a rainha, continuando tão naturalmente a falar ao Sr. de Charlus, e

com um ar tão completamente distraído, que a Sra. Verdurin duvidou se era a ela que se dirigia aquele

"perfeitamente" pronunciado num tom admiravelmente distraído, que arrancou ao Sr. de Charlus, em

meio à sua mágoa de amante, um sorriso de reconhecimento, sorriso entendido e saboroso em matéria

de impermanência. Morel, vendo de longe os preparativos da apresentação, havia se aproximado. A

rainha estendeu o braço ao Sr. de Charlus. Também se achava zangada com ele, mas apenas porque o

barão não enfrentava mais energicamente os mesmos lugares que o insultaram. Estava rubra de

vergonha por ele, visto que os Verdurin ousavam tratá-lo daquele modo. A simpatia cheia de simplicidade

que lhes testemunhara horas antes, e a insolente sobrancearia com que agora se mostrava diante deles

originavam-se no mesmo ponto de seu coração. A rainha era mulher cheia de bondade, mas ela concebia

a bondade primeiro sob forma de inabalável afeto à pessoas a quem amava, aos seus, a todos os

príncipes de sua família, nos quais se contava o Sr. de Charlus, e depois a todas as pessoas da

burguesia ou camadas mais humildes do povo que sabiam respeitar os que ela amava, os bons

sentimentos por eles. Era como a uma mulher dotada desses bons instintos, que

havia manifestado

simpatia pela Sra. Verdurin. Sem dúvida, trata-se de concepção estreita, um pouco forte e cada vez mais

antiquada da bondade: isso não quer dizer que a bondade da rainha fosse menos sincera ou menor. Os

antigos não amavam com menos intensidade o agrupamento humano, se devotavam porque este não

excedia os limites da cidade, nem os homens de hoje amam menos a sua pátria do que aqueles que hão

de amar os Estados de toda a terra. Bem perto de mim, tive o exemplo de minha mãe, que a Cambremer

e a Sra. de Guermantes nunca puderam resolver que tomasse parte em nenhuma obra filantrópica, em

nenhuma instituição patriótica de beneficência; de ser vendedora, ou patrocinadora em festas de

caridade.

- Longe de mim - disse ela. Tivesse razão de só agir quando seu coração falasse, e de reservar à

família criados, aos infelizes que o acaso pusera em seu caminho, seus tesouros de generosidade, porém

sei que estes, como os de minha avó, foram inesgotáveis. Ultrapassaram em muito tudo o que puderam e

fizeram as Sras. de Guermantes de Cambremer. O caso da rainha de Nápoles era completamente

diverso; afinal, é preciso reconhecer que as criaturas simpáticas não eram concebidas ao todo por ela

como o são nos romances de Dostoievski que Albertine pegara em minha biblioteca e monopolizara, isto

é sob os traços de parasitas bajula ladrões, bêbados, ora humildes, ora insolentes, devassos e até

mesmo assassinos. Além disso, os extremos se tocam, visto que o homem nobre, o próximo, o ultrajado

que a rainha queria defender era o Sr. de Charlus, ou seja, suas origens; e de todo o parentesco que

possuía com a rainha, alguém cuja vida era cercava de muitos vícios.

- Parece que você não está se sentindo bem, meu primo - disse ela a Charlus. - Apóie-se no meu

braço. Esteja certo de que o será sempre. É bastante sólido para isso. -

Depois, erguendo altivamente os de sua frente (diante dela, contou-me Ski, achavam-se então a

Sra. Verdurin) - Você sabe que já uma vez, em Gaeta, ele impôs respeito à canalha. Sabes que agora lhe

amparo. -

E foi assim, conduzindo o barão pelo braço e sem ter deixado que lhe apresentassem Morel, que

saiu a gloriosa irmã da imperatriz Élisabeth.

Podia-se imaginar, dado o terrível caráter do Sr. de Charlus e as perseguições com que mantinha

sob regime de terror até mesmo os próprios parentes que, logo após essa reunião, iria ele desencadear o

seu furor e exercer represálias contra os Verdurin. Nada disso ocorreu, e o motivo principal foi certamente

o fato de que o barão, tendo apanhado uma gripe depois, e contraído uma dessas pneumonias

infecciosas muito freqüentes à época, foi considerado por seus médicos (e ele mesmo assim se julgava) a

dois passos da morte, e depois ficou vários meses entre a morte e a vida. Teria ocorrido apenas uma

metástase física, e a substituição por um mal diferente da nevrose que até então o fazia ficar fora de si

mesmo nas orgias de cólera? Pois seria simples demais acreditar que, nunca tendo levado a sério, do

ponto de vista social, os Verdurin, não podia lhes querer mal como a seus pares, e simples demais

também recordar que os nervosos, irritados por qualquer coisa contra inimigos imaginários e inofensivos,

tornam-se ao contrário inofensivos desde que alguém tome a ofensiva contra eles, e que é mais fácil

acalmá-los atirando-lhes água fria ao rosto do que tentando demonstrar-lhes a inutilidade de suas

queixas. Mas provavelmente não é numa metástase que se deve procurar a explicação dessa ausência

de rancor, e muito mais na própria doença. Causava ela tão grandes fadigas ao barão que lhe restava

pouco lazer para pensar nos Verdurin. Estava meio agonizante. Falávamos de ofensiva; mesmo as que

só terão um efeito póstumo exigem, se as quisermos "montar" adequadamente, o sacrifício de uma parte

de nossas forças. Restavam muito poucas ao Sr. de Charlus para essa atividade

de preparação. Fala-se

amiúde de inimigos mortais que abrem os olhos para se reconciliarem à beira da morte e voltam a fechá-

los felizes. Esses casos devem ser raros, a não ser quando a morte nos surpreende em plena vida. É,

pelo contrário, no momento em que não temos mais nada a perder, que não mais desejamos arcar com

os riscos que, quando cheios de vida, teríamos assumido levianamente. O espírito de vingança faz parte

da vida; o mais freqüente apesar das exceções que, no íntimo de um mesmo caráter, como veremos, são

contradições humanas - é que nos abandone na hora da morte. Depois de ter pensado um instante nos

Verdurin, o Sr. de Charlus sentia-se cansado demais, virava-se para a parede e já não pensava em nada.

Não que houvesse perdido a sua eloqüência, mas ela pedia-lhe menos esforços. Ainda fluía

naturalmente, porém mudara. Desligada das violências que tantas vezes exornara, era agora uma

eloqüência quase mística, embelezada. Palavras de doçura, parábolas do Evangelho, uma aparente

resignação à morte. Falava sobretudo nos dias em que se julgava salvo. Uma recaída fazia-o calar-se.

Uma doçura cristã, em que se havia transposto sua magnífica violência (como o gênio tão diferente de

Andrômaca), causava a admiração dos que o cercavam. Teria causado até a dos Verdurin, que não

poderiam deixar de adorar homem, cujos defeitos lhe haviam provocado tanto ódio. Certamente flutuavam

pensamentos que de cristãos só possuíam a aparência. Implorava ao arcanjo Gabriel - para que viesse

lhe anunciar, como ao profeta, dentro de quanto tempo chegaria o Messias. E interrompendo-se com um

suave sorriso doloroso, acrescentava:

- Não é preciso que o arcanjo me peça, como a Daniel, que tenha paciência por "sete semanas e

sessenta e duas semanas", pois estarei morto antes disso.- Quem ele assim esperava era Morel. Por

isso, pedia ao arcanjo Rafael que lhe restituísse como o jovem Tobias. E misturando métodos mais

humanos (como os papas temos que, mandando rezar missas, não se descuidam de chamar o médico)

insinuava às suas visitas que, se Brichot lhe trouxesse logo o seu jovem talvez o arcanjo Rafael

consentisse em devolver-lhe a vista como ao pai de Tobias - ou como na piscina probática de Betsaida.

Mas, apesar desses regressos humanos não se tornara menos deliciosa a pureza moral das frases do Sr.

de Charlus. A maledicência, o frenesi de maldade e orgulho, tudo isso desaparecera. Moralmente, o Sr.

de Charlus se elevara muito acima do nível em que vivia até há pouco. Esse aperfeiçoamento moral,

sobre cuja realidade a sua arte oratória era de ser capaz de enganar um tanto, os seus ouvintes

comovidos, esses aperfeiçoam, sumiu com a doença que trabalhara para ele. O Sr. de Charlus voltou ao

abismo com uma velocidade que veremos crescer progressivamente. Mas a atitude dos Verdurin quanto

a ele já não era mais que uma lembrança um pouco distante outras cóleras mais imediatas impediram se

reavivasse.

Voltando atrás, à reunião na casa dos Verdurin, naquela noite, quando os donos da casa ficaram

sozinhos, o Sr. Verdurin disse à esposa:

- Sabes por que Cottard não veio? Foi para junto de Saniette, que jogou na Bolsa para se

recuperar e perdeu. Sabendo que estava sem tostão e que tinha perto de um milhão em dívidas, Saniette

teve um derrame.

- Mas também, porque jogou? É idiotice, o menos indicado para isso. Sujeitos mais espertos que

ele ficam depenados, é o tipo que se deixa embrulhar por todos.

- Mas é claro que há muito nós sabemos que ele é idiota - disse o Sr. Verdurin. - Mas enfim, aí

está o resultado. Eis o homem que amanhã será posto no olho da rua pelo senhorio, e que vai ficar na

miséria extrema; os parentes não gostam dele, e não será Forchevil e que falara em seu favor. Então,

pensei, não quero fazer nada que te desagrade, mas se pudéssemos conseguir-lhe uma pequena renda

para que ele não sinta muito a ruína, e possa tratar-se em casa.

- Estou de pleno acordo contigo, fazes muito bem em pensar nisso. Mas dizes "em casa"; esse

imbecil mora num apartamento pequeno demais, não é possível, seria necessário alugar-lhe algum outro.

Acho que atualmente ele paga pelo apartamento seis a sete mil francos e quinhentos. Mas ele é muito

apegado ao apartamento em que mora. Em que teve um primeiro ataque, não poderá durar mais que dois

ou três anos. Supomos que gastemos dez mil francos com ele durante três anos. Creio que poderíamos

fazê-lo. Poderíamos, por exemplo, este ano, em vez de realugar a Raspeliere, tomar uma casa mais

modesta. Com os nossos rendimentos, parece-me que não é impossível sacrificar dez mil francos anuais

durante três anos.

- Seja, mas o caso é que ficarão sabendo disso, o que nos obrigará a fazer o mesmo por outras

pessoas. Acredita que já pensei nisso. Só o farei com a condição expressa de que ninguém o saiba.

Tinha graça que nos transformássemos em benfeitores do gênero humano contra nossa vontade. Nada

de filantropia! O que se poderia fazer era dizer-lhe que se trata de um legado da princesa Sherbatoff.-

Será que ele acredita? Ela consultou Cottard para o seu testamento. - Em último caso, pode-se pôr

Cottard a par do assunto; ele tem o hábito do segredo profissional, ganha muito dinheiro, nunca será um

desses prestativos que nos obrigam a soltar a nota. Talvez ele mesmo queira encarregar-se de dizer que

foi designado pela princesa de ser seu intermediário. Assim, nós nem sequer apareceríamos. O que

evitaria o aborrecimento das cenas de gratidão, das manifestações, das frases.-

O Sr. Verdurin acrescentou uma palavra que certamente significava esse gênero de cenas

comoventes e de frases, que eles desejavam evitar. Mas tal palavra não me pôde ser dita com exatidão,

pois não era uma palavra francesa, e sim um desses termos como os há em certas famílias para nomear

determinadas coisas, sobretudo coisas irritantes, provavelmente porque se deseja poder assinalar diante

dos interessados sem ser compreendido. Esse tipo de expressão é geralmente um resíduo

contemporâneo de um estado anterior da família. Numa família judia, por exemplo, será um termo ritual

desviado de seu sentido e talvez a única palavra do hebreu que a família, agora afrancesada, ainda

conheça. Numa família muito acentuadamente provinciana, será um termo do jargão da província,

conquanto a família já não fale e nem sequer compreenda esse jargão. Numa família vinda da América do

Sul e que não fala mais senão o francês, será um termo espanhol. E, para a geração seguinte, a palavra

só existirá como lembrança da meninice. Todos se lembrarão perfeitamente que os pais, à mesa, aludiam

aos criados que serviam, sem serem compreendidos por eles, empregando tal palavra, mas os filhos

ignoram o que significa precisamente esse termo, se provinha do espanhol, do hebraico, do alemão, do

jargão provinciano, e até se chegara a pertencer a uma língua qualquer e não era um nome próprio ou

uma palavra completamente inventada. A dúvida só pode ser esclarecida se se tem um tio-avô, um velho

primo ainda vivo e que deve ter empregado o mesmo. Como não conheci nenhum parente dos Verdurin,

não pude reconstituir fielmente essa palavra. A verdade é que ela fez a Sra. Verdurin sorrir, pois o nome

dessa língua menos geral, mais pessoal, mais secreta do que a língua habitual, confere aos que dela

ainda se utilizam entre si um sentimento egoísta, ajunta sempre uma certa satisfação. Passado esse

momento de prazer:

- Para mais tarde abrir o bico? - objetou a Sra. Verdurin.

- Não vai se abrir.

Abriu-se pelo menos comigo, pois foi por intermédio dele que fiquei sabendo desse caso depois,

no próprio enterro de Saniette. Lamentei não tê-lo sabido mais cedo. Em primeiro lugar, isso me teria

levado mais rapidamente à idéia de que jamais é só querer mal aos homens,

jamais se deve julgá-los

conforme a recordação de maldade, pois não sabemos tudo o que, em outros momentos, pôde a alma

querer sinceramente e realizar de bom. E assim, mesmo do simples ponto de vista da previsão, a gente

se engana. Pois com certeza a forma ruim, que verifica uma vez por todas, voltará. A alma, porém, é mais

rica, possui muitas outras formas que voltarão também à esses homens, e cuja doçura recusamos por

causa do procedimento que tiveram. Mas, de um ponto de vista mais pessoal, essa revelação não

deixaria de ter efeito sobre mim. Pois, mudando minha opinião sobre Verdurin, que cada vez mais eu

julgava ser o mais malvado dos homens, a revelação de Cottard, se ele a tivesse feito antes, dissiparia as

minhas suspeitas em relação ao papel que os Verdurin podiam desempenhar entre mim e Albertine: elas

iam dissipando, aliás sem fundamento, pois, se o Sr. Verdurin possuía virtude, nem por isso deixava de

ser implicante até a mais feroz perseguição; e zeloso na dominação no pequeno clã, a ponto de não

recuar diante das piores mentiras; diante da fomentação de ódios os mais injustificados, para romper,

entre os fiéis os laços que não tivessem por objeto exclusivo o reforço do pequeno grupo. Era: homem

capaz de desinteresse, de generosidade sem ostentação; o que não quer dizer, obrigatoriamente, um

homem sensível, nem simpático, nem escrupuloso, nem verídico, e nem sempre bom. Uma bondade

parcial onde talvez subsiste um pouco da família amiga da minha tia-avó - existia provavelmente nele

antes - eu a conhecesse, como a América ou o Pólo Norte antes de Colombo. Todavia, no momento da

minha descoberta, a natureza do Sr. Verdurin me apontou uma nova face insuspeita; e daí concluí a

dificuldade de apresentar, imagem fixa tanto de um caráter como das sociedades e das paixões. Pois

aquele é que muda tanto quanto estas, e, se quisermos fazer um clichê do que nele mente imutável,

vemo-lo apresentar sucessivamente aspectos diversos à obediência desconcertada, o que implica não

saber ele conservar a imobilidade e se mexer.

Olhando as horas e receando que Albertine se aborrecesse por estar sozinha, pedi a Brichot,

quando saímos da reunião dos Verdurin, que fizesse o fiacre me deixar primeiro em casa. A seguir o meu

carro o levaria à sua casa. Feliz por eu voltar desse modo diretamente para casa, sem saber que ali uma

mulher me esperava, e por acabar tão cedo e comportadamente uma noitada, cujo começo eu na

realidade não fizera mais que retardar. Depois, falou-me do Charlus. Este, sem dúvida, teria ficado

estupefato ao ouvir o professor, falar tão mal dele, o professor que lhe dizia sempre:

- Eu nunca repito nada do que falar dele e de sua vida particular sem a menor cerimônia. E o

assombro de Brichot não teria talvez sido menos sincero se o Sr. de Charlus lhe houvesse dito:

- Asseguraram-me que você falava mal de mim. -

De fato, Brichot nutria certa afeição pelo Sr. de Charlus e, se tivesse de se reportar a alguma

conversa a respeito dele, teria antes se lembrado dos sentimentos de simpatia que o barão lhe inspirara,

enquanto ele dizia do amigo as mesmas coisas que todos diziam, do que dessas coisas. Não teria julgado

estar mentindo ao dizer:

- Eu, que falo de você com tanta amizade-, pois é certo que sentia alguma amizade quando falava

do Sr. de Charlus. Este, para Brichot, possuía sobretudo o encanto que o universitário procurava na vida

mundana, e que era oferecer-lhe espécimes reais daquilo que ele por muito tempo pensara ser uma

invenção dos poetas. Brichot, que muitas vezes tinha explicado a segunda écloga de Virgílio sem saber

ao certo se aquela ficção continha algum fundo de realidade, encontrava, no fim da vida, ao conversar

com o Sr. de Charlus, um pouco do prazer que sabia que seus mestres, o Sr. Mérimée e o Sr. Renan, e

seu colega, o Sr. Maspéro, tinham experimentado ao viajar pela Espanha, Palestina e Egito, em

reconhecer nas paisagens e populações atuais da Espanha, da Palestina e do Egito, o ambiente e os

atores invariáveis das cenas antigas que eles próprios haviam estudado nos livros.

- Seja dito sem ofender esse valente de alta estirpe - declarou Brichot no carro que nos

transportava: - ele é simplesmente prodigioso quando inicia o seu catecismo satânico com uma verve um

tantinho adoidada e uma obstinação, quase diria inocência, de gesso e de emigrado. Asseguro-lhe que,

se ouso expressar-me como Monsenhor d'Hulst, não me aborreço nos dias em que recebo a visita desse

feudal que, desejando defender Adônis contra esta nossa época de descrentes, seguiu os instintos de

sua raça e, com toda a inocência sodomita, cruzou-se.-

Eu escutava Brichot e não me sentia sozinho na companhia dele. Aliás, como desde que saíra de

casa, sentia-me, por mais obscuramente que fosse, ligado à moça que naquele momento estava em seu

quarto. Mesmo quando conversava com um ou outro dos convivas na casa dos Verdurin, eu a sentia

confusamente a meu lado, tinha dela essa noção vaga que se tem dos próprios membros e, se me

acontecia pensar nela, era como se pensa, com o tédio de estar preso por uma total escravidão, no

próprio corpo.

- E que usina de mexericos - continuou Brichot - para alimentar todos os apêndices das *Causeries*

du lundi [*hospital charentonesq -'carentonesco', adjetivo derivado da cidade de Charenton-le-Pont, onde*

existe em Cilebre hospital para doentes mentais. (N. do T)] é a conversa desse apóstolo! Imagine que

soube por ele que o tratado de ética em que sempre venerei a mais faustosa construção moral de nossa

época, fora inspirada ao nosso venerável colega X por um jovem estafeta. Não hesitamos em reconhecer

que meu eminente amigo descuidou de nos revelar o nome desse efebo durante suas demonstrações.

Com isso, testemunhou mais respeito humano ou, se prefere, menos gratidão que Fídias, que inscreveu o

nome do atleta a quem amava no do seu *Júpiter Olímpico*. O barão ignorava este último caso. Será inútil

lhe dizer que isto encantou especialmente a sua ortodoxia. Você imagina facilmente que as vezes que

argumento com meu colega sobre uma tese de doutorado, encerra em sua dialética, aliás bastante sutil,

aquele sabor a mais que algumas delas revelam picantes; acrescentaram para Sainte-Beuve à obra

escassamente confidencial de Chateubriand. De nosso colega, cuja sabedoria é de ouro mas que possuía

por dinheiro, o telegrafista passou às mãos do barão, com a melhor das intenções, (preciso ouvir o tom

com que ele diz isto). E como esse Satã é o mais serviçal dos homens, obteve

para seu protegido um

emprego nas colônias, de onde estas tem a alma agradecida, envia-lhe de vez em quando frutos

excelentes. O barão oferece às suas altas relações; ananases do rapaz figuraram ultimamente na do cais.

Conti, fazendo com que a Sra. Verdurin dissesse, sem malícia: "Esse senhor tem um tio ou um sobrinho

na América, Sr. de Charlus, para receber senhores como estes!" Confesso que os comi com certa alegria,

recitando o começo de uma ode de Horácio, que Diderot gostava de recordar. Em suma, o meu colega

Boissier, perambulando do Palatino ao Tíbur, obtenho pela conversa do barão uma idéia singularmente

mais viva e mais saborosa dos escritos do século de Augusto. Não falemos sequer dos da Decadência, e

não remontemos aos gregos, embora eu tenha dito uma vez ao excelente Sr. de Charlus que, junto eu me

sentia como Platão na casa de Aspásia. Na verdade, eu aumentaria somente a escala dos dois

personagens e, como diz La Fontaine, meu exercício não é tirado "de bichos menores". Seja como for,

espero que não imagine que o tenha ficado sentido. Nunca o vi tão ingenuamente feliz. Um entusiasmo

juvenil é deixar de lado a fleuma aristocrática. "Como são lisonjeadores todos sorbonistas!", exclamou ele

deslumbrado. "E dizer que tive de chegar à minha idade para ser comparado a Aspásia! Um velho traste

feito eu! ó minha juventude! Gostaria que o visse dizendo essas coisas, escandalosamente empoado e de

hábito, e, na sua idade, perfumado como um casquilho. Além disso, sob idéias fixas de genealogia, o

melhor homem do mundo. Por todas essas razões ficaria desolado se essa ruptura de hoje à noite fosse

definitiva. O que foi a maneira como o rapaz se revoltou. No entanto, desde algum tempo, ele festoava ao

barão maneiras de sectário, modos de *leude*, que não faziam essa insurreição. Em todo caso, espero,

mesmo se (*Dü omen avertant*)' não deva retornar aos cais Conti, que este cisma não se estenda até mim.

[*Leude*: vassalo de rei merovíngio que era ligado a este por laços de fidelidade pessoal. (N. do T)]

[" *Dü omen avertant* (latim): "Que os deuses afastem esse presságio." Cícero, fifipicas, III, XXXV.(N. Do T)]

- Tiramos bastante proveito da troca que fazemos do meu fraco saber pela experiência dele,

(Veremos, de fato, que, se o Sr. de Charlus não demonstrou rancor violento contra Brichot, ao menos a

sua simpatia pelo universitário caiu totalmente a ponto de lhe permitir julgá-lo sem qualquer indulgência.)

E juro-lhe que a troca é tão desigual que, quando o barão me confia o que lhe ensinou a sua existência,

eu não poderia concordar com Sylvestre Bonnard, para o qual é ainda numa biblioteca que melhor

realizamos o sonho da vida.

Tínhamos chegado em frente à minha porta. Desci do carro para dar ao cocheiro o endereço de

Brichot. Da calçada eu via a janela do quarto de Albertine, aquela janela sempre escura outrora nas

noites em que ela não morava na minha casa, e que a luz elétrica do interior, segmentada pelas grades

dos postigos, estriava de alto a baixo de barras de ouro paralelas. Esse sinal mágico, desenhando diante

do meu espírito sossegado imagens precisas, todas próximas, e em cuja posse eu ia entrar dali a pouco,

era tão claro para mim quanto invisível para Brichot, que permanecera no carro, quase cego, e teria sido,

aliás, incompreensível para ele, visto que, como os amigos que me vinham visitar antes do jantar, quando

Albertine já voltara do seu passeio, o professor ignorava que uma moça, totalmente minha, esperava-me

num quarto colado ao meu. O carro partiu. Fiquei sozinho por um instante na calçada. Certo, aquelas

estrias luminosas que eu avistava de baixo e que a um outro teriam parecido inteiramente superficiais, eu

lhes dava uma consistência, uma plenitude e uma solidez enormes, por causa de toda o significado que

punha atrás delas, um tesouro se quiserem, um tesouro insuspeitado dos outros, que eu escondera ali e

do qual emanavam aqueles raios horizontais; mas um tesouro em troca do qual eu alienara a minha

liberdade, a solidão, o pensamento. Se Albertine não estivesse lá em cima, e até

se eu não quisesse

senão prazer, teria ido solicitá-lo à mulheres desconhecidas, em cuja vida teria tentado penetrar, a

Veneza talvez, ou pelo menos a qualquer recanto da Paris noturna. Porém agora, o que eu precisava

fazer quando me chegava a hora das carícias, não era sair em viagem, não era nem sequer sair, era

voltar para casa. E voltar não para ficar sozinho ao menos, e, depois de ter deixado a companhia dos

outros que forneciam de fora o alimento do espírito, me ver ao menos forçado a encontrá-lo por mim

mesmo -, mas, pelo contrário, menos só do que quando estava na casa dos Verdurin, recebido que seria

pela pessoa em quem abdicava, em quem entregava o mais completamente possível a minha, sem que

tivesse um instante de lazer para pensar em mim mesmo, nem sequer o trabalho de pensar nela, pois ela

estaria junto a mim. De modo que, erguendo uma última vez os olhos para a janela do quarto onde estaria

dali a pouco, Pareceu-me ver as grades luminosas que se iam fechar atrás de mim e cujos varões de

ouro inflexíveis eu próprio havia forjado para uma eterna servidão.

Albertine jamais me dissera que suspeitava de meus ciúmes, de minha preocupação com tudo o

que ela fazia. As únicas palavras que havíamos trocado do ciúme, é verdade que bem antigas, pareciam

provar o contrário. Lembrava-me que, numa bela noite de luar, no começo das nossas relações, numa

das primeiras vezes em que a levara de volta para casa, e em que teria preferido não deixá-la para correr

atrás de outras, eu lhe havia dito:

- Sabe, se me ofereço trazê-la não é por ciúme; se você tem algum programa, eu me afasto

discretamente - e ela me respondera:

- Oh, sei muito bem que você não é ciumento e que pouco lhe importa, mas nada tenho a fazer

senão estar na sua companhia.

Outra feita, foi na Raspeliere, onde o Sr. de Charlus, lançando às escondidas um olhar para Morel,

fizera ostentação de galante amabilidade para com Albertine; dissera a ela:

- E então ele lhe fez uma corte assídua, suponho. - E, como acrescentara, meio irônico: - Sofri

todas as torturas do ciúme -

Albertine, usando uma linguagem própria; ou do meio vulgar de onde saíra, ou de um ambiente

mais vulgar ainda, que ela freqüentava:

- Está querendo gozar com a minha cara, muito bem que você não é ciumento. Primeiro, porque

me disse, depois, estou vendo, ora! -

Desde aí, nunca me dissera ter mudado de opinião; é possível, que se formassem nela, a tal

respeito, muitas idéias novas, que ela me ocultava; mas, que um acaso poderia, contra sua vontade,

revelar, pois naquela noite, em casa, quando depois de ir buscá-la em seu quarto, e de trazê-la para o

meu, ela disse (com algum constrangimento que eu mesmo não entendi, pois vi que Albertine iria sair e

não sabia para onde, talvez fosse à casa da Sra. Vil eparisis, talvez visitasse a Sra. de Guermantes,

talvez a Sra. de Cambreme; verdade que não falara justamente na casa dos Verdurin):

- Adivinhe de onde estou chegando?

- Da casa dos Verdurin -, mal tive tempo de pronunciar essas palavras já Albertine, a fisionomia

transtornada, respondia-me com estas, que pareciam explodir por si mesmas com uma força que ela não

pôde conter:

- Bem que desconfiava.

- Não sabia que você ficaria tão aborrecida pelo fato de ir à casa dos Verdurin.-

(É verdade que ela não me dizia que aquilo a deixava aborrecida, mas era visível. Também é

verdade que eu não imaginara que aquilo a aborreceria. No entanto, diante da sua explosão de cólera,

como diante desses acontecimentos; uma espécie de dupla visão retrospectiva, faz com que pareçam já

terem sido conhecidos no passado julguei que nunca deveria ter esperado outra coisa.)

- Aborreço-me? Isso pouco me importa! É-me indiferente! Eles não iam receber a Srta. Vinteuil -

Fora de mim ao ouvir essas palavras:

- Você não me disse que esteve com os Verdurin outro dia -, retruquei, para lhe mostrar que

estava mais informado do que ela pensava.

- Encontrei-me com ela? - indagou Albertine com ar sonhador, dando tempo a si mesma, como se

procurasse reunir suas lembranças, e a mim, como eu é que tivesse de informá-la; e, sem dúvida, com

efeito, para que eu dissesse que sabia; e talvez também, para ganhar tempo antes de dar uma resposta.

Mas eu estava bem menos preocupado com a Srta. Vinteuil do que com uma que já me passara pela

cabeça, e que se apossava de mim com mais força.

Agora, ao voltar para casa, eu achava que a Sra. Verdurin inventara pura e simplesmente, por

glória, a vinda da Srta. Vinteuil e de sua amiga, de forma que já me sentia tranqüilo. Unicamente

Albertine, ao me dizer:

- Eles não iam receber a Srta. Vinteuil?-, havia-me mostrado que eu não me enganara em minha

primeira suspeita; mas enfim eu estava tranqüilo quanto a isso para o futuro, visto que, renunciando a ir à

casa dos Verdurin, Albertine me sacrificara a Srta. Vinteuil.

- Além disso - continuei, encolerizado -, há muitas outras coisas que você me

oculta, mesmo as

mais insignificantes, como, por exemplo, a sua viagem de três dias à Balbec, digo-o de passagem. -

Acrescentara essas palavras: "digo-o de passagem", como complemento de: "mesmo as coisas mais

insignificantes", de modo que, se Albertine retrucasse: "O que há de incorreto em minha ida à Balbec?",

eu pudesse responder: "Nem me recordo mais. O que me contam se embaralha na minha cabeça, dou

tão pouca importância a isso." De fato, se eu falava daquela excursão de três dias que ela fizera com o

motorista até Balbec, de onde seus cartões postais só me chegaram com grande atraso, fazia-o

absolutamente ao acaso, e eu lamentava ter escolhido tão mal o meu exemplo, pois na verdade, mal

tendo ela tido tempo de ir e voltar, era com certeza de todos os seus passeios aquele em que não tivera

mesmo ocasião de um encontro mais prolongado fosse com quem fosse. Mas Albertine pensou, conforme

o que eu acabava de dizer, que eu conhecia a verdade verdadeira, e apenas lhe ocultara que o sabia.

Ficara então convencida de que, de um forma ou outra, mandando segui-la, ou enfim de um modo

qualquer, estava, como na semana anterior ela dissera à Andrée, "mais informado que ela própria" acerca

de sua vida. Assim, interrompeu-me com uma confissão bastante inútil, pois é certo que eu não

suspeitava coisa alguma do que ela me disse e, em compensação, fiquei abatido, tão grande pode ser o

afastamento entre a verdade distorcida por uma mentirosa e a idéia que, segundo essas mentiras, fez-se

dessa verdade aquele que ama a mentirosa. Apenas pronunciara eu aquela frase: "Sua viagem de três

dias à Balbec, digo-o de passagem", Albertine, cortando-me a palavra, declarou como se fosse uma coisa

muito natural:

- Você quer dizer que não houve a excursão à Balbec?

- Claro que não!

- E sempre indaguei a mim mesma por que você fingia que acreditava. Contudo, foi algo bem

inofensivo. O motorista tinha de tratar de assuntos particulares durante três dias. Não se animava a lhe

pedir uma folga. Então, por bondade para com ele (é bem coisa minha! e depois é sempre sobre mim que

recaem as conseqüências), inventei uma pretensa viagem à Balbec. Ele simplesmente me deixou em

Auteuil, na casa de minha amiga da rua da Assunção, onde passei os três dias chateando-me demais.

Bem que principiei a achar que você talvez soubesse de tudo, quando vi que se punha a rir com a

chegada dos cartões postais, com oito dias de atraso. Reconheço que era ridículo e que teria sido melhor

não mandar cartão nenhum. Mas não foi culpa minha. Tinha-os comprado de

antemão, entregado ao

motorista antes que me deixasse em Auteuil, e depois esse idiota os esqueceu no bolso em vez de

mandá-los num envelope a um amigo perto de Balbec e que deveria reenviá-los a você. Eu estava

sempre imaginando que eles iam chegar. Só cinco dias depois é que ele se lembrou, e, em vez de avisar,

o pateta os mandou logo para Balbec. Quando me contou, fiquei exasperada, droga! Ficar inutilmente

preocupada por causa daquele imbecil, como pensei de passar três dias enclausurada para que ele

pudesse tratar dos seus probleminhas de família! Eu nem sequer me animava a sair à rua em Auteuil de

medo de ser vista. Na única vez em que saí, disfarcei-me de homem, antes para me divertir; a minha

sorte, que me acompanha por toda parte, quis a primeira pessoa quem topasse fosse o seu amigo judeu,

Bloch. Mas não creio que tenha sido através dele que você soube que a viagem a Balbec nunca existiu

senão na imaginação, pois ele pareceu não me reconhecer.

Eu não sabia o que dizer, não desejando parecer assombrado, esmagado por tantas mentiras. A

um sentimento de horror, que não me dava o desejo de expulsar Albertine, pelo contrário, ajuntava-se

uma enorme vontade de chorar, era causada não pela mentira em si e pelo aniquilamento de tudo o que

eu havia julgado de tal modo verdadeiro, que me sentia como à uma cidade arrasada, onde casa

nenhuma permanece de pé, onde o chão nu só apresenta ruínas-, mas percebi melancolia de pensar que,

durante os três dias passados a se aborrecer na casa da amiga de Auteuil, Albertine não tivesse tido uma

vez sequer o desejo, talvez mesmo a idéia, de vir passar às escondidas um dia na minha casa ou, por

bilhetinho, pedir-me que fosse vê-la em Auteuil. Mas eu não tinha tempo de me entregar à esses

pensamentos. Sobretudo, não queria parecer espantado. Só com o ar de alguém que sabe bem mais do

que diz:

- Mas isso é uma coisa entre tantas outras. Olhe, antes desta noite em casa dos Verdurin, fiquei

sabendo que você me havia dito acerca da Srta. Vinteuil...-

Albertine me olhava fixamente com aspecto atormentado, buscando ler em meus olhos aquilo que

eu sabia. Ora, o que sabia e ia dizer-lhe era sobre de quem se tratava a Srta. Vinteuil. É verdade que fora

na casa dos Verdurin que eu o soubera, mas antigamente em Montjouvain. Apenas, como nunca falara

expressamente à Albertine sobre isso, podia dar a impressão de tê-lo sabido somente nesta noite. E

quase tive alegria - depois de trazer os sofrimentos no trenzinho, por causa disso, por haver guardado

aquela recordação de Montjouvain, que eu pós-dataria, mas que nem por isso deixaria de ser uma prova

esmagadora, uma bordoada em Albertine. Desta vez, ao menos, eu não precisava "fingir saber" e fazê-la

confessar: sabia, tinha visto pela janela iluminada Montjouvain. Por mais que Albertine me dissesse que

suas relações com a Sra. Vinteuil e sua amiga tinham sido muito puras, como poderia ela, quando eu

jurasse (e juraria sem mentir) que sabia dos costumes dessas duas mulheres; como poderia ela sustentar

que, tendo vivido numa intimidade cotidiana chamando-as de "minhas irmãs mais velhas", não tivesse

sido objeto de prova" que a teriam feito romper com elas caso, pelo contrário, não as tivesse aceito? Não

tive tempo de dizer a verdade. Achando Albertine, como no caso da falsa viagem a Balbec, que eu

soubera daquilo, ou pela Srta. Vinteuil, se esta havia comparecido à casa dos Verdurin, ou muito

simplesmente pela Sra. Verdurin, que poderia ter falado a seu respeito à Srta. Vinteuil, não me deixou

tomar a palavra e me fez uma confissão exatamente o oposto do que eu havia acreditado, mas que,

demonstrando que ela jamais deixara de mentir para mim, magoou-me talvez tanto como magoaria a

outra (sobretudo porque, como disse há pouco, já não sentia ciúmes da Srta. Vinteuil). Portanto,

antecipando-se, Albertine falou deste modo:

- Quer dizer que você soube esta noite que eu lhe menti quando fingi ter sido meio educada pela

amiga da Srta. Vinteuil. É verdade que lhe menti um pouco. Mas eu me sentia tão desprezada por você,

via-o tão apaixonado pela música desse Vinteuil que, como uma de minhas companheiras - é verdade,

juro-lhe fora amiga da amiga da Srta. Vinteuil, pensei bobamente em me tornar interessante a seus olhos

inventando que conhecera muito essas moças. Eu percebia que você se entediava na minha companhia,

que me achava tola; pensei que, dizendo conhecer essa gente, e que podia lhe fornecer detalhes sobre

as obras de Vinteuil, ganharia um pouco mais de prestígio à seus olhos, que isso nos reaproximaria.

Quando lhe minto, é sempre por amizade a você. E foi preciso haver essa fatal reunião dos Verdurin para

que você soubesse da verdade, que aliás talvez tenham exagerado. Aposto que a amiga da Srta. Vinteuil

lhe terá dito que não me conhecia. Ela me viu pelo menos duas vezes na casa da minha companheira.

Mas naturalmente não sou muito chique para as pessoas que se tornaram tão célebres. Elas preferem

dizer que nunca me viram.

Pobre Albertine; quando pensara que, por me dizer que fora tão ligada à amiga da Srta. Vinteuil,

retardaria o nosso rompimento e a reaproximaria de mim, atingira a verdade, como ocorre tantas vezes,

por um caminho diverso daquele que desejara tomar. Mostrar-se mais informada sobre a música do que a

imaginara não me teria impedido de forma alguma de romper com ela nessa noite, no trenzinho; e todavia

fora exatamente essa frase, dita por ela com aquele objetivo, que causara de imediato muito mais que a

impossibilidade de romper. Apenas, ela cometia um erro de interpretação, não sobre o efeito que devia ter

essa frase, mas sobre a causa em virtude da qual ela devia produzir esse efeito, causa que era, não a de

conhecer a sua cultura musical, porém suas más relações. O que me reaproximara bruscamente dela, e

bem mais, dissolvera-me nela, não fora a expectativa de um prazer-e dizer prazer é um exagero, um

simples divertimento-, mas a opressão de uma dor. Desta vez ainda, eu não tinha tempo de manter um

sigilo prolongado que poderia deixá-la supor para espanto de minha parte. Assim, comovido com sua

modéstia e que se julgasse desprezada no meio dos convivas dos Verdurin, disse-lhe com ternura:

- Mas, minha querida, eu teria prazer em lhe dar algumas centenas de *Vincos* para que você fosse

bancar uma senhora chique onde quisesse e convidado o Sr. e a Sra. Verdurin para um belo jantar. -

Ai de mim! Albertine era várias pessoas numa só. A mais misteriosa, a mais simples, a mais atroz

se mostra na resposta que me deu com ar de nojo e cujas palavras, para falar a

verdade, percebi muito

bem (até as palavras do princípio, já que ela não terminou), restabeleci um pouco depois, quando

adivinhei seu pensamento. Ouve-se respectivamente, quando se compreendeu.

- Muito obrigada! Gastar um tostão, aqueles velhos; prefiro bem mais que você me dê liberdade

para eu ir visitar moças -

Tão logo falou, seu rosto enrubesceu e ela se mostrou envergonhada; pôs ar na boca, tal como se

pudesse engolir as palavras que acabava de dizer e que eu não entendera bem.

- Que está dizendo, Albertine?

- Nada, nada, estava meio dormindo.

- De jeito nenhum, você está bem desperta.

- Eu pensava no jantar para os Verdurin muito gentil de sua parte.

- Não, estou me referindo ao que você disse.-

Ela intentou mil versões, mas que de modo algum se encaixavam, já não digo nas suas palavras

que, interrompidas, permaneciam vagas mas na própria interrupção e no rubor que a acompanhara.

- Vamos, querida, não foi nada disso que você pretendia dizer; senão, por que se interromperia?

- Porque achei que meu pedido era indigno.

- Que pedido?

- De dar um jantar.

- Não, não é isso, não temos discrição para manter entre nós.

- Pelo contrário, temos sim, convém não abusar das pessoas a quem amamos. Em todo caso,

juro-lhe que é apenas isso. -

Por um lado, era sempre impossível duvidar de um juramento dela; por outro lado, suas

explicações não contentavam minha razão. Não deixei de insistir.

- Afinal, tenha ao menos coragem de acabar essa frase, você se interrompeu em *casser*...

- Oh, não! Deixe-me!

- Mas por quê?

- Porque é horrivelmente vulgar, eu teria vergonha de dizer na sua frente. Não sei em que estava

pensando, são dessas palavras de que nem mesmo conheço o sentido; e que ouvi um dia na rua, ditas

por gente muito pobre; que me vieram à boca sem motivo ou razão. Isso não diz respeito nem a mim nem

a ninguém, eu estava sonhando em voz alta.-

Senti que não conseguiria tira nada de Albertine. Ela me havia mentido ao jurar há pouco que se

interrompeu um receio mundano de indiscrição, agora transformado na vergonha de repetir na minha

frente uma palavra muito vulgar. Portanto, tratava-se agora de uma mentira. Pois, quando Albertine e eu

estávamos juntos, não havia frases devassas, nem expressões; por mais grosseiras, que não

pronunciássemos quanto nos acariciávamos. Em todo caso, era inútil insistir naquele momento minha

memória continuava obcecada por aquele termo "casser". Muitas Albertine dizia "casser du bois

surquelqu'un, casser du sucre", ou, simples "ah, ce que je lui en ai cassé!", para significar "como o

injuriei!".

[*Me casser* - na gíria da época, era um termo chulo mais ou menos equivalente a "foder-se". Deixamos

em francês visto que, a seguir, o Narrador o repete várias vezes, tentando entender o que Albertine teria

dito; e as expressões em que esse termo aparece têm significado bem diverso, dispensando o uso em

português, o que não faria sentido na tradução. (N. do T)]

Mas ela normalmente diante de mim e, se era isso o que tinha querido dizer, por que calara

bruscamente, porque enrubescera tanto e pusera a mão na boca, modificara totalmente a frase e, quando

percebera que eu tinha ouvido claramente *casser*, dera uma falsa explicação? Mas, no momento em que

eu renunciava a prosseguir um interrogatório ao qual não teria resposta, o melhor era parecer não pensar

mais naquilo; e, voltando pelo pensamento às censuras que Albertine me fizera por ter ido à casa da

Patroa, disse-lhe muito sem jeito, o que era uma espécie de desculpa estúpida:

- Eu justamente tinha querido convidá-la para vir comigo à reunião dos Verdurin

esta noite -, frase

duplamente desajeitada, pois se o quisera, e a vira o tempo todo, por que não o havia proposto? Furiosa

com a minha mentira e animada pela minha timidez, ela retrucou:

- Você poderia me convidar durante mil anos, que eu jamais teria aceito. Trata-se de pessoas que

sempre foram contra mim, fizeram de tudo para me contrariar. Não houve gentileza que eu não fizesse à

Sra. Verdurin em Balbec, e que bela recompensa tive! Mas ela pode me mandar chamar na hora da

morte, que não irei. Há coisas que não se perdoam. Quanto a você, é a primeira indelicadeza que me faz.

Quando Françoise me disse que você saíra (e veja, ela estava bem contente por me dizer isso), eu teria

preferido que me partissem a cabeça ao meio. Cuidei para que ninguém reparasse nada, mas, em toda a

minha vida, nunca senti afronta igual.

Mas, enquanto ela me falava, continuava em mim, no sono grandemente vivo e criador do

inconsciente (sono onde acabam de se gravar as coisas que apenas roçaram por nós, onde as mãos

adormecidas se apoderam da chave que abre, inutilmente procurada até então), a procura do que ela

tinha querido expressar com a frase interrompida e cujo final eu desejaria saber qual fosse. E de repente,

duas palavras atrozes, em que eu de modo algum pensara, vieram-me à memória:

le pot. Não posso

dizer que vieram de uma só vez, como quando, numa longa submissão passiva a uma recordação

incompleta, ao mesmo tempo que se busca grave e prudentemente ampliá-la, fica-se dobrado, colado

nela. Não, contrariamente à minha maneira habitual de recordar, creio, dois caminhos paralelos de

procura: um levava em conta não somente a frase de Albertine, mas o seu olhar atormentado quando eu

lhe propusera dar dinheiro para que oferecesse um belo jantar, um olhar que parecia dizer: "Obrigada,

gastar dinheiro com coisas que me aborrecem, quando sem dinheiro eu poderia fazer aquilo que me

agradasse!" E foi talvez a lembrança daquele seu olhar que me fez mudar de método para achar o fim do

que ela quisera dizer. Ate então eu estava como que hipnotizado pela última palavra: "casser"; teria ela

querido dizer quebrar o quê? *Casser du bois*? Não. *Du sucre*? Não. *Casser, cilil casser*. E de súbito, o

retorno àquele olhar acompanhado de um erguer de um sentido como de um quebrar. [*casser du bois* é

"rachar lenha" e *casser du sucre*, "caluniar, maldizer”(N. Do T.)]

Dera de ombros no momento em que lhe propusera que desse um jantar; fez-me reter também

nas palavras de sua frase. Assim, vi que ela não dissera " *casser; faire casser*". Que horror! Era isso o que

ela teria preferido. Duplo horror! Última das meretrizes, que consente nisso ou que o deseja, não emprega

homem que para tal se presta essa horrorosa expressão. Ela se sentiria demais. Só para outra mulher, se

gosta delas, é que diz aquilo para se desculpar de se entregar dali a pouco a um homem. Albertine não

havia mentido quando dissera que estava meio sonhando. Distraída, impulsiva, sem se lembrar que

estava gostando, dera de ombros e começara a falar como o faria a uma dessas mulheres, a uma das

minhas moças em flor. E bruscamente chamada à realidade, vermelha de vergonha, recalcando o que ia

dizer, desesperada, não quisera mais pronunciar uma só palavra. Eu não tinha um segundo a perder se

não quisesse dar a impressão de desespero que me avassalava. Mas, após o sobressalto da cólera, já as

lágrimas vinham aos olhos.

Como em Balbec, na noite que se seguira à revelação da amizade com os Vinteuil, era-me preciso

inventar imediatamente um motivo possível para a minha tristeza, motivo que ao mesmo tempo fosse

capaz de um efeito tão profundo em Albertine que me desse um prazo de alguns dias para tomar uma

decisão. Assim, no momento em que ela me dizia que nunca uma afronta semelhante à que lhe infligira

ao sair, que teria preferido morrer àquilo de Françoise; como, irritado pela suscetibilidade ridícula, eu ia

lhe dizer o que havia feito era bem insignificante, que não havia o menor insulto para o fato de eu ter

saído; e como, no decorrer desses minutos, paralelamente, procura inconsciente daquilo que ela quisera

dizer após a palavra "casser" terminado, e que o desespero em que me lançara a minha descoberta não

fosse de todo escondido, em vez de me defender, acusei-me:

- Albertine, meu bem - disse em tom carinhoso, de mistura com as primeiras lágrimas-, eu poderia

dizer que você procedeu mal, que o que eu fiz não significa nada, mas mentindo; é que há seis meses, há

três meses, quando ainda sentia tanto por você, jamais teria feito isso. É um nada, e é enorme, devido à

imensa mudança que houve no meu coração, de que isto é o sinal. E já que você adivinhou; mudança

que eu esperava lhe ocultar, isso me leva a lhe dizer o seguinte: - Querida Albertine - disse-lhe com uma

doçura e uma tristeza profundas – a vida que leva aqui é muito aborrecida para você, é preferível deixar-

nos; e como as melhores separações são aquelas que mais rapidamente se efetuam, peço-lhe, abreviar a

grande mágoa que vou sentir, que se despeça de mim esta noite - parta amanhã de manhã sem que a

tenha visto de novo, enquanto eu estiver dormindo.-

Ela pareceu estupefata, ainda incrédula e já desolada:

- Como, amanhã o que você quer?-

E, apesar do sofrimento que eu experimentava em falar da separação como se já estivesse no

passado - talvez em parte devido a esse sofrimento-, passei a dirigir à Albertine os conselhos mais

adequados relativamente a certas coisas que ela teria de fazer depois de me deixar. E de recomendações

em recomendações, cheguei logo a entrar em detalhes minuciosos.

- Tenha a bondade - disse-lhe com tristeza infinita - de me devolver o livro de Bergotte que está

com sua tia. Isto não tem pressa, em três dias ou em oito dias, quando você quiser, mas não se esqueça

disso, para que eu não tenha de mandar pedi-lo, isto me doeria demais. Temos sido felizes, sentimos

agora que seríamos infelizes.

- Não diga que sentimos que seríamos infelizes - interrompeu Albertine-, não diga "nós", pois só

você é que acha isso!

- Está bem; enfim, você ou eu, como quiser, por um motivo ou outro; mas já é bem tarde, vá se

deitar; decidimos separar-nos esta noite.

- Perdão, você decidiu e eu lhe obedeço porque não quero causar aborrecimentos.

- Seja, fui eu que decidi, mas nem por isso é menos doloroso para mim. Não digo que será

doloroso por muito tempo, você sabe que não tenho condições de me lembrar por muito tempo, mas nos

primeiros dias vou sentir tantas saudades suas! Assim, acho inútil reavivar com cartas, é preciso acabar

logo.

- Sim, você tem razão - disse ela com ar profundamente magoado, a que se ajuntavam ainda as

feições abatidas pelo cansaço da hora avançada -, em vez de cortar um dedo e depois outro, prefiro que

me cortem logo a cabeça.

- Meu Deus, estou apavorado de pensar a que horas você vai dormir por minha culpa; é uma

loucura. Enfim, como é a última noite! Você terá tempo para dormir todo o resto da sua vida. -

E assim, dizendo que era necessário que nos despedíssemos, eu buscava retardar o momento em

que ela o faria.

- Para se distrair nos primeiros dias, você quer que eu diga a Bloch para lhe enviar a prima dele,

Esther, onde quer que você esteja? Ele fará isto por mim.

- Não sei por que você diz isso (eu o dizia para tentar arrancar uma confissão de Albertine), pois

só uma pessoa me interessa: você - disse Albertine, cujas palavras me encheram de doçura.

Mas, logo a seguir, que mal ela me fez:

- Lembro-me perfeitamente que dei minha fotografia a essa Esther porque ela insistia muito, e eu

percebia que aquilo lhe dava prazer; mas quanto a ter tido amizade por ela ou a

ter vontade de vê-la,

nunca! -

E contudo Albertine era de natureza tão leviana, que acrescentou:

- Se ela quiser me ver, para mim tanto faz; ela é muito amável, mas não faço nenhuma questão.

Assim, quando eu lhe falara da foto de Esther que Bloch me havia mandado (e que eu ainda nem

sequer recebera ao falar dela a Albertine), minha amiga entendera que Bloch me havia mostrado uma

fotografia dela, dada por ela a Esther. Nas minhas piores suposições, jamais imaginara que uma tal

intimidade pudesse ter existido entre Albertine e Esther. Albertine não achara coisa alguma para me

responder quando lhe falara da fotografia. E agora, julgando, erradamente, que eu estivesse a par do

assunto, achava mais hábil confessar. Eu me sentia acabrunhado.

- E além disso, Albertine, peço-lhe uma coisa: é que nunca procure me rever. Se algum dia, o que

poderá acontecer dentro de um, dois ou três anos, nós nos encontrarmos na mesma cidade, evite-me. - E

vendo que ela respondia afirmativamente ao pedido: - Minha Albertine, não faça tal coisa, me apavorava,

essa idéia me viera à cabeça por um instante durante a reunião dos Verdurin. Mas ela se dissipara, aliás

contradita pela lembrança de tudo o que Albertine me dizia sem cessar acerca de sua felicidade na minha

casa. A intenção de deixar, se existia em Albertine, só se manifestava de um modo obscuro, por olhares

tristes, certas impaciências, frases que não queriam absolutamente isso, mas, se a gente raciocinasse (e

nem havia necessidade de raciocinar adivinha-se de imediato essa linguagem da paixão, mesmo a gente

do povo compreende essas frases que só podem se explicar pela vaidade, pelo rancor, ciúme, aliás não

expressos, mas que logo despista no interlocutor uma faculdade intuitiva que, como aquele "bom senso"

de que fala Descartes, é a "coisa disseminada do mundo"), só podia explicar pela presença, nela, de um

sentimento que ela ocultasse e que podia levá-la a fazer planos para uma outra vida. Assim como essa

intenção não se exprimia em suas palavras de uma forma; assim também, o pressentimento dessa

intenção que eu tinha desde essa permanecia dentro de mim igualmente vago. Eu continuava a viver na

hipótese; admitia como verdadeiro tudo o que Albertine me dizia. Mas poderia dar-se, durante esse

tempo, que ocorresse uma hipótese inteiramente contrária, e na qual eu não queria pensar e nem me

abandonava; o que é tanto mais provável; a não ser isso, eu não me sentiria constrangido de dizer a

Albertine que fosse à casa dos Verdurin, nem que, sem isso, não teria sido compreensível o pouco que

me causou a sua cólera. De modo que o que vivia provavelmente em mim era a

idéia de uma Albertine

inteiramente oposta à que minha razão fazia dela; também àquela que suas próprias palavras figuravam,

uma Albertine contudo completamente inventada, pois era como um espelho interior de certos

movimentos nela se produziam, como o seu mau humor pelo fato de eu ter ido à casa dos Verdurin. Aliás,

fazia muito tempo que minhas angústias freqüentes, meu medo de dizer a Albertine que a amava, tudo

isso correspondia a uma outra hipótese que explicava muito mais coisas e tinha também isto a seu favor:

que, se adorava a primeira, a segunda se tornava mais provável, pois, deixando-me arrastara imbuída de

carinho com Albertine, dela só alcançava irritação (que, aliás, ela outra causa).

Devo dizer que o que me parecera mais grave, que mais me causou impressão como sintoma de

que ela se antecipava às minhas acusações, era o que me foi dito:

- Creio que eles receberão a Srta. Vinteuil esta noite - a que eu respondi mais cruelmente

possível:

- Você não me havia dito que estivera com a Sra. Verdurin.

Desde que eu não achava que Albertine fosse amável, em vez de lhe dizer que estava triste fazia-

me cruel. Analisando as coisas desse modo, de acordo com o sistema invariável de respostas que

expressavam exatamente o contrário do que sentia, posso estar seguro de que, se

aquela noite eu lhe

disse que iria deixa-la, mesmo antes de me tornar consciente daquilo porque temia que ela desejava uma

liberdade (não saberia dizer qual fosse essa liberdade que me fazia estremecer, mas enfim uma liberdade

tal que lhe permitisse trair-me ou, pelo menos, uma liberdade em que eu não mais teria certeza se ela

não me enganava) e queria mostrar-lhe por orgulho, por habilidade, que muito longe estava de temer

aquilo, como já em Balbec, quando eu desejava que ela tivesse uma excelente idéia de mim e, mais

tarde, quando queria que ela não tivesse tempo de se aborrecer comigo. Enfim, quanto à objeção que se

poderia opor a esta segunda hipótese informulada - de que tudo o que Albertine me dizia sempre

significava, ao contrário, que sua vida preferida era a vida em minha casa, o repouso, a leitura, a solidão,

o ódio aos amores sádicos, etc., seria inútil perder tempo com ela. Pois se, por seu lado, Albertine tivesse

querido avaliar o que eu sentia pelo que lhe dizia, chegaria exatamente ao contrário da verdade, já que eu

nunca manifestava o desejo de deixá-la senão quando não podia passar sem ela, e em Balbec lhe

confessara duas vezes amar outra mulher, uma vez Andrée, outra vez uma pessoa misteriosa, nas duas

vezes em que o ciúme reanimara o meu amor por Albertine. Portanto, de modo algum minhas palavras

refletiam meu pensamento. Se o leitor não tem disso senão uma idéia bastante fraca, é que, enquanto

narrador, eu lhe exponho meus sentimentos e, ao mesmo tempo, repito-lhe minhas palavras. Mas, se lhe

ocultasse os primeiros, e ele conhecesse apenas estas, os meus atos, que têm tão pouca relação com

elas, dar-lhe-iam tantas vezes a impressão de estranhas reviravoltas que ele me julgaria mais ou menos

louco. Procedimento, aliás, que não seria muito mais falso do que o que adotei, pois as imagens que me

faziam agir, tão opostas às que se desenhavam em minhas palavras, eram nesse momento grandemente

obscuras; só imperfeitamente eu conhecia a natureza segundo a qual agia; hoje, conheço claramente a

sua verdade subjetiva. Quanto à verdade objetiva, quer dizer, se as intuições dessa natureza alcançavam

mais precisamente que meu raciocínio as verdadeiras intenções de Albertine, se tive razão em me confiar

a essa natureza ou se, pelo contrário, ela não alterou as intenções de Albertine em vez de esclarecê-las,

é o que me é difícil dizer.

Esse vago receio que senti na casa dos Verdurin, de que Albertine me abandonasse a princípio se

dissipara. Quando cheguei em casa, foi com o sentimento de ser um prisioneiro, e não de ir encontrar-me

com uma prisioneira. Mas o receio dissipado voltara a apoderar-se de mim com maior intensidade

quando, no momento em que anunciara a Albertine que havia ido à casa dos Verdurin, eu havia visto

sobrepor-se em seu rosto uma aparência de enigmática irritação, que de resto não lhe aflorava pela

primeira vez. Eu bem sabia que aquilo não passava da cristalização na carne, de queixas racionais, de

idéias claras para a criatura que as forma tendo-as, síntese tornada visível mas não mais racional, e que

aquele que lhe olhe o precioso resíduo nas feições da criatura amada tenta, por sua vez, para

compreender o que nelas se passa reduzir pela análise a seus elementos obscuros.

A equação aproximativa daquela incógnita que era para mim o pensamento de Albertine resultara

em pouco mais ou menos isto: "Eu conhecia as suspeitas tinha certeza de que ele tentaria verificá-las, e

para que eu não compreendesse, fez ele todo o seu trabalho às ocultas." Mas, se era com tais idéias, e

que ela já me externara, que vivia Albertine, não deveria ela ter horror a mim, não mais, não poderia, de

um dia para o outro, decidir terminar com uma existência que, se era, ao menos em desejo, culpada,

sentia-se adivinhada, perseguida, iludida de se entregar alguma vez à seus gostos, sem que meu ciúme

por si desarmasse; uma existência em que, se ela era inocente de intenção e de fato, tinha o direito,

desde algum tempo, de se sentir desencorajada ao ver que, desde onde fora tão

perseverante em evitar

ficar sozinha com Andrée, até hoje, que renunciara a ir aos Verdurin e a permanecer no Trocadero, não

lograra obter a minha confiança? Tanto mais que eu não podia dizer que seu comportamento fosse

perfeito. Se em Balbec, quando se falava das moças que tinham má fama muitas vezes dava risadas,

espreguiçava-se, imitava-lhes os modos, o que trazia torturas devido ao que eu supunha que isto

significava para suas amigas depois que ela soube de minha opinião a esse respeito, logo que aludiam a

tipo de coisa ela deixava de tomar parte na conversa, não só com a palavra, também com a expressão

fisionômica. Seja para não contribuir às maledicências, que se diziam sobre esta ou aquela moça; seja

por um motivo inteiramente diferente; a única coisa que impressionava nela então, em suas feições tão

móveis, era a partir do momento em que se tocava no assunto, revelavam elas a sua diferença

conservando precisamente a expressão que tinham tido um minuto antes. E imobilidade de uma

expressão mesmo leve pesava como um silêncio; seria impossível dizer se ela censurava, se ela

aprovava, se ela conhecia ou não as coisas. Cada um de seus traços não se relacionava senão com

outro desses: seu nariz, sua boca, seus olhos; formavam uma harmonia perfeita, isolada ela assumia o ar

de um desenho a pastel; e era como se falar daquilo diante de um retrato de La Tour desse no mesmo.

[La Tour - Maurice Quentin de La Tour (1704-1788), retratista francês (N.do T)]

Meu cativeiro, ainda percebido por mim, quando, ao dar ao cocheiro o endereço de Brichot,

divisara a luz da janela, deixara de me pesar pouco quando eu tinha percebido que Albertine parecia

sentir tão cruelmente para que ele lhe parecesse menos pesado, e para que ela não tivesse de rompê-lo

por conta própria, o mais hábil seria não lhe dar a impressão de que eu fingia em definitivo, e que eu

mesmo desejava que acabasse. Vendo que dera resultado poderia eu sentir-me feliz, primeiro porque

aquilo que tanto a vontade que eu atribuía a Albertine de ir-se embora, estava afastada; porque fora

mesmo o efeito visado, em si mesmo o sucesso do meu artifício, provando que eu absolutamente não era

para Albertine um amante desdenhado, um ciumento escarnecido, cujas manhas são previamente

descobertas, devolvia ao nosso amor uma espécie de virgindade, fazia renascer para ele o tempo em que

ela ainda podia, em Balbec, acreditar tão facilmente que eu amava a outra. Sem dúvida, ela não mais

teria acreditado nisso, mas acreditava na minha intenção simulada de nos separarmos para sempre

aquela noite. Parecia desconfiar que a causa dessa minha intenção fosse alguma coisa ouvida na casa

dos Verdurin. Disse-lhe que vira um autor teatral, Bloch, muito amigo de Léa, a quem ela dissera coisas

estranhas (pensava deste modo fazê-la acreditar que eu sabia muito mais coisas do que dizia acerca das

primas de Bloch). Mas, por uma necessidade de apaziguar a perturbação em que me punha aquela

simulação de rompimento, disse-lhe:

- Albertine, você pode jurar que nunca me mentiu?-

Ela encarou fixamente o vago, e depois respondeu:

- Sim, quer dizer, não. Fiz mal em lhe dizer que Andrée andara muito caída por Bloch, nós não o

tínhamos visto.

- Mas então, por quê?

- Porque eu tinha medo que você pensasse outras coisas dela.

- É tudo?

Olhou de novo, fixamente, o vazio e disse:

- Fiz mal em lhe esconder uma viagem de três semanas com Léa. Mas eu conhecia você tão

pouco.

- Foi antes de Balbec?

- Antes da segunda vez, sim. -

E nessa mesma manhã ela me havia dito que não conhecia Léa! Era como se eu visse uma

chama queimar instantaneamente um romance que eu levara milhões de minutos

a escrever. Para quê?

Para quê? Claro, eu compreendia perfeitamente que Albertine só revelava esses dois fatos por achar que

eu soubera indiretamente deles por Léa, e não havia motivo nenhum para que não houvesse mais uma

centena de fatos semelhantes. Compreendia também que as palavras de Albertine, quando a interrogava,

não continham jamais um átomo de verdade, que a verdade, ela só a deixava escapar sem querer, como

uma súbita mistura que nela se fazia entre os fatos que até então estava decidida a ocultar e a crença de

que já fossem conhecidos.

- Mas duas coisas, isto não é nada - disse eu a Albertine. - Vamos ver um pouco mais, para que

você me deixe algumas recordações. Que outra coisa pode me revelar?-

Ela voltou a encarar um ponto fixo no vago. A que crenças na vida futura adaptaria ela a mentira;

com que deuses menos indulgentes do que pensara tentaria acomodar-se? Não deve ter sido fácil, pois

seu silêncio e a fixidez do seu olhar duraram muito tempo.

- Nada, nada mais - acabou por dizer.

E, apesar da minha insistência, teimou, facilmente agora, nesse "nada". E que mentira, pois, já

que ela possuía aquele vício, quantas vezes, em quantos lugares e passeios ela teria podido satisfazê-lo,

até o dia em que se vira enclausurada na minha casa! As gomorrianas são a um

tempo bem raras e bem

numerosas para que, em qualquer multidão uma não passe despercebida à outra. Daí então o

entendimento é fácil.

Lembrei-me horrorizado de uma que na ocasião só me parecera ridícula. Um de meus amigos me

convidara para jantar no restaurante com sua amada e um outro de seus amigos, que trouxera a sua.

Elas não demoraram a entender-se, mas ficaram de tal modo cientes por se possuírem que, desde a

sopa, os pés se buscavam, com freqüência encontrando os meus. Em breve as pernas se entrelaçaram.

Meus dois a nada viam; eu pisava em brasas. Uma das mulheres, que não podia conseguir agachou-se

embaixo da mesa, dizendo que havia deixado cair alguma coisa; depois, uma teve enxaqueca,

desculpou-se e foi ao lavabo. A outra percebeu estava na hora de ir encontrar-se com uma amiga no

teatro. Afinal fiquei sozinho com meus amigos, que não desconfiavam de nada. A que estava com

enxaqueca desceu, mas pediu para sair sozinha, e esperar seu amante na casa dele para tomar um

pouco de antipirina. Elas se fizeram muito amigas, passeavam; uma que se vestia de homem, seduzia as

meninas, levava-as para a casa e iniciava-as. A outra tinha um garoto, de quem parecia estar

descontente, de ser corrigido pela amiga, que o surrava à beça. Pode-se dizer que não existe por mais

público que seja, onde não fizessem o que há de mais secreto.

- Mas Léa sempre foi correta comigo, durante essa viagem - disse Albertine. - Ela era até mais

reservada que muitas mulheres da boa sociedade.

- Quer dizer que houve mulheres da boa sociedade que não foram reservadas com Albertine?

- Nunca.

- Então, o que é que você quer dizer?

- Ora, quero dizer que era menos livre em suas expressões.

- Exemplo?-

Ela não teria empregado, tantas mulheres que são recebidas em sociedade, a palavra

"paulificante" como expressão de "mandar para o raio que o parta".

Pareceu-me que uma parte do ramo que ainda não havia queimado reduzia-se afinal a cinzas.

Meu desânimo era pelas palavras de Albertine, quando pensava nelas, faziam mudar-se o desânimo em

cólera insana. Esta cedia a uma espécie de enternecimento. Eu também; que entrara em casa e havia

declarado a intenção de romper, também mentia. A vontade de separação que eu fingia com

perseverança, infundia-me aos poucos algo da tristeza que teria sentido se de fato quisesse deixar

Albertine. Além disso, mesmo pensando de novo, intermitentemente, por acaso, como se diz das outras

dores físicas, nessa vida orgiástica de Albertine antes me conhecesse, ainda mais admirava a docilidade

da minha cativa e deixar de querer mal. É claro que nunca, durante a nossa vida em comum, eu deixara a

entender a Albertine que semelhante vida não seria provavelmente mais provisória, de forma que

Albertine continuasse a achar nela algum encanto. Porém nessa noite eu fora mais longe, tendo receado

que vagas ameaças de separação não fossem bastantes, desmentidas que seriam certamente, no

espírito de Albertine pela sua idéia de um grande amor ciumento por ela, o qual, parecia ela dizer, ter

levado a fazer indagações na casa dos Verdurin. Naquela noite pensei as outras causas que poderiam ter

me decidido subitamente, sem mesmo me dar conta de que, à medida que representava essa comédia de

ruptura, havia sobre esta: quando eu, num daqueles impulsos como os de meu pai, ameaçava alguém em

sua segurança, como não tinha, feito meu pai, a coragem de realizar uma ameaça, para não deixar crer

que se tratava de palavras no ar, ia bem longe nas aparências da realização e só recuava quando o

adversário, verdadeiramente convencido da minha sinceridade, apavorava-se de fato. Aliás, nessas

mentiras, sentimos muito bem o que existe de verdade, sentimos que, se a vida

não traz mudanças em

nossos amores, nós mesmos é que nos encarregamos de causá-las ou fingi-las, e falar de separação, de

tal maneira sentimos que todos os amores e todas as coisas evoluem rapidamente para o adeus.

Desejamos chorar as lágrimas que ele nos fará derramar muito antes que sobrevenha o momento. Sem

dúvida, havia dessa vez, na cena que eu representara, uma razão de utilidade. De repente eu fizera

questão de guardá-la, pois sentia-a esparsa em outras criaturas às quais eu não podia impedi-la de se

juntar. Mas, se ela renunciasse a todos para sempre, por minha causa, talvez eu tivesse mais firmemente

ainda resolvido não deixá-la jamais, pois a separação se torna cruel devido ao ciúme, mas impossível por

causa da gratidão. Em todo caso, eu sentia que travava a grande batalha em que devia vencer ou

sucumbir. Teria oferecido a Albertine em uma hora tudo quanto possuísse, porque dizia comigo: "Tudo

depende dessa batalha." Porém tais batalhas se parecem menos àquelas de antigamente, que duravam

poucas horas, do que a uma batalha contemporânea que não se acaba nem no dia seguinte, nem no

outro, nem na semana posterior. Damos todas as nossas forças, porque imaginamos sempre que são as

últimas de que precisaremos. E mais de um ano se passa sem trazer a "decisão". Talvez se houvesse

acrescido a isso uma reminiscência inconsciente de cenas mentirosas feitas pelo Sr. de Charlus, junto a

quem me achava quando o temor de ser abandonado por Albertine se apossara de mim. Porém mais

tarde, ouvi minha mãe contar o seguinte, que então eu ignorava e que me fez crer que eu tivesse

encontrado todos os elementos desta cena em mim mesmo, numa dessas reservas obscuras da

hereditariedade que determinadas emoções, operando nisso como, na economia de nossas forças

armazenadas, os medicamentos análogos ao álcool e ao café põem à nossa disposição: quando minha

tia Léonie sabia por Eulalie que Françoise, certa de que sua patroa não sairia nunca mais, tinha tramado

uma saída que minha tia devia ignorar, esta, na véspera, fingia decidir que tentaria dar um passeio no dia

seguinte. A Françoise, a princípio incrédula, ela ordenava não apenas que preparasse as coisas com

antecedência, arejasse aquelas que estavam guardadas há muito, mas até que reservasse o carro e

determinasse, com aproximações de um quarto de hora, todos os detalhes do dia. Somente quando

Françoise, convencida ou ao menos abalada, via-se forçada a contar a minha tia os projetos que fizera, é

que esta renunciava publicamente aos seus, para, conforme dizia, não armar os de Françoise. Da mesma

forma, para que Albertine não pudesse acreditar que eu exagerava e para fazê-la

ir o mais longe possível

na idéia de que iríamos nos separar, tirando eu próprio as deduções do que acabava de dizer, pudesse

antecipar o tempo que ia começar no dia seguinte e que duraria para sem tempo em que estaríamos

separados, dirigindo a Albertine as mesmas recordações como se não fôssemos nos reconciliar dali a

pouco. Como os generais julgam que para que um estratagema consiga enganar o inimigo, é preciso ir

fundo, tinha empenhado no meu quase tanto de minhas forças de sensibilidade que ele fosse verdadeiro.

Esta cena de separação fictícia acabava por me dar quase mágoa como se fosse real, talvez porque um

dos atores, Albertine, julgando-a aumentava a ilusão para o outro. Vivíamos um cotidiano que, mesmo

penoso, suportável, preservado como estava no terra-a-terra pelo lastro do hábito e certeza de que o dia

seguinte, ainda que fosse cruel, conteria a presença da criatura amada. E então, eis que loucamente eu

destruía essa vida incômoda. É verdade que não a destruía senão de um modo fictício, mas aquilo

bastava para me sentir desolado; talvez porque as palavras tristes que pronunciamos, ainda que com

razão, trazem em si a sua tristeza e no-la injetam profundamente; talvez porque ao simular um adeus,

evocamos por antecipação uma hora que fatalmente virá mais tarde; depois, não temos bem certeza de

que não acionamos o que fará soar essa hora. Em todo blefe existe, por menor que seja, uma parada de

incerteza acerca do que vai fazer aquele que enganamos. E se essa comédia de separação fosse

terminar numa separação de verdade! Não podemos evitar a possibilidade, mesmo que improvável, sem

um aperto no coração. Ficamos ansiosos, pois a separação, nesse caso, iria ocorrer no momento em que

seria insuportável; em que sofremos pela mulher que vai nos deixar antes de ter curado, ou ao menos

acalmado. Enfim, não temos mais nem o ponto de apoio do hábito, em que pudéssemos repousar,

mesmo na dor. Acabamos voluntariamente de nos privar dele, demos ao dia presente uma importância

extraordinária, desta dos dias vizinhos, ele flutua sem raízes como um dia de partida; nossa emoção,

deixando de estar paralisada pelo hábito, acaba de despertar, e de repente acrescentamos ao nosso

amor cotidiano devaneios sentimentais que o engrandece enormemente, tornando-nos indispensável uma

presença com a qual, todavia estamos mais absolutamente seguros de poder contar. Sem dúvida, foi

justamente para assegurar no futuro essa presença, que nos entregamos ao jogo de dispensá-la. Porém

nós mesmos nos tornamos vítimas desse jogo, recomeçamos a sofrer porque fizemos algo de novo, de

inusitado, e que assim sucede com essas curas que devem sanar mais tarde o mal

de que sofremos, mas

os primeiros efeitos fazem-no agravar-se.

Eu tinha lágrimas nos olhos como aqueles que, sozinhos imaginando a morte de um ente amado

conforme os desvios caprichosos devaneios, representam para si mesmos tão minuciosamente a dor que

acabam por senti-la. Assim, multiplicando as recomendações a Albertine acerca da conduta que ela

deveria ter para comigo quando nos separássemos, parecia-me sentir quase tanta mágoa como se não

fôssemos nos reconciliar dentro em breve. E, além disso, estava eu tão certo assim de consegui-lo, de

fazer Albertine voltar à idéia de uma vida em comum? E, caso eu o conseguisse aquela noite, não poderia

acontecer que o estado de espírito, que esta cena havia dissipado, renascesse ainda? Eu me sentia, mas

não me acreditava, senhor do futuro, pois compreendia que esta sensação provinha exclusivamente

daquilo que ainda não existia e que, desse modo, eu não estava acabrunhado pela sua necessidade.

Afinal, sempre mentindo, eu punha talvez mais verdade nas minhas palavras do que pensava. Acabava

de ter um exemplo disso quando dissera a Albertine que a esqueceria depressa. Fora o que, de fato,

acontecera-me com Gilberte, a quem agora eu me abstinha de ir visitar, para evitar não um sofrimento,

mas uma chatice. E certamente havia sofrido ao escrever a Gilberte dizendo que não a veria mais. Pois

só de vez em quando ia a sua casa. Todas as horas de Albertine me pertenciam. E, no amor, é mais fácil

renunciar a um sentimento do que perder um hábito. Mas todas essas palavras dolorosas sobre nossa

separação, se me fora dado a força de pronunciá-Ias porque as sabia mentirosas, em compensação eram

sinceras na boca de Albertine quando a ouvi exclamar:

- Ah, está combinado, não o verei jamais. Tudo menos vê-lo chorar desse modo, meu querido.

Não quero magoá-lo. Já que é preciso, não nos veremos mais.-

Elas eram sinceras, o que não poderiam ser de minha parte, pois, como Albertine só sentia

amizade por mim, por um lado a renúncia que elas prometiam custava menos; por outro lado, porque

minhas lágrimas, que significariam tão pouco num grande amor, pareciam-lhe quase extraordinárias,

deixando-a enleada, transpostas para o domínio dessa amizade em que ela se fixava, dessa amizade

maior que a minha, pelo que acabava de dizer; porque numa separação aquele que não ama é que diz

coisas carinhosas, pois o amor não se exprime diretamente-, pelo que acabava de dizer, e que talvez não

fosse de todo inexato, pois as mil bondades do amor podem acabar por despertar na pessoa que o

inspirava sem senti-lo uma afeição, uma gratidão, menos egoísta que o sentimento que as causou e que,

talvez, depois de anos de separação, quando nada mais restar dele no antigo amante, subsistirão sempre

na amada.

Houve apenas um momento em que senti por Albertine uma espécie de ódio que só fez tornar

mais viva a minha necessidade de retê-la. Como pensava com a maior indiferença no Trocadero

unicamente ciumento, naquela noite, da Srta. Vinteuil-, não só porque a enviara para ali a fim de evitar os

Verdurin, mas também por ver ali essa Léa, por causa de quem eu mandara buscar Albertine de volta,

para que ela não a conhecesse, eu disse o nome de Léa sem pensar naquilo, e ela, desconfiada e

julgando que talvez me tivessem contado mais coisas, antecipou-se com volubilidade, não sem ocultar

um pouco o rosto:

- Conheço-a muito bem, fui vê-la representar no ano passado, com algumas amigas; depois do

espetáculo, fomos até seu camarim, ela se vestiu na nossa frente. Foi muito interessante -

Então meu pensamento foi obrigado a abandonar a Srta. Vinteuil e, num desespero, nessa queda

no abismo das reconstituições impossíveis, perder à atriz, àquela noite em que Albertine havia ido a seu

camarim. Por um lado, de todos os juramentos que ela me fizera e num tom tão verídico, depois do

artifício tão completo de sua liberdade, como acreditar que houvesse maldade tudo aquilo? E no entanto

minhas suspeitas, não eram elas umas antenas dirigidas para a verdade, visto que, se ela me sacrificara

os Verdurin para ir ao Trocadero ainda assim, nos Verdurin, deveria ter estado a Srta. Vinteuil? E, visto

que no Trocadero, que aliás ela sacrificara para passear comigo, houvera, como razão fazê-la regressar,

essa Léa que parecia inquietar-me sem motivo, e que, toda numa frase que eu não lhe pedira, ela

declarava ter conhecido numa escala maior do que a que atingiriam meus temores, em circunstâncias

bem suspeitas, pois o que a pudera levar a subir daquele jeito ao camarim? Eu deixava a causa da Srta.

Vinteuil, quando sofria por causa de Léa, as duas algozes do meu padecer, ou porque o meu espírito era

enfermo e não podia imaginar ao mesmo tempo cenas demais, ou devido à interferência de minhas

emoções nervosas das quais meu ciúme não passava de um reflexo. Daí eu podia inferir que Albertine

estivera mais com Léa do que com a Srta. Vinteuil, e que eu só acreditava porque ainda sofria por causa

dela. Mas porque meus ciúmes se dissipavam, despertavam às vezes, um após outro-isto tampouco

significava o contrário, que correspondessem a alguma verdade pressentida, pois

dessas mulheres não

preciso que me dissesse nenhuma, mas todas. Digo pressentidas, pois não ocupam todos os pontos do

espaço e do tempo que seriam precisos, e, ainda qual o instinto que me teria fornecido a conjunção de

uns e outros, para surpreender Albertine aqui em tal hora com Léa; ou com as moças de Balbec; com a

amiga da Sra. Bontemps em quem roçara; ou com a moça do tênis que tocara com o cotovelo, ou com a

Srta. Vinteuil?

- Minha querida Albertine, você é muito amável em me prometer. Aliás, nos primeiros anos pelo

menos, eu hei de evitar os lugares; onde, você sabe, se irá este ano a Balbec? Porque nesse caso, vou

arranjar as coisas para ir até lá. -

Agora, se eu continuava a proceder assim, adiantando os tempos seriam invenção mentirosa, era

menos para atemorizar Albertine do que para fazer a mim mesmo. Como um homem que não tinha a

princípio senão motivos importantes para se aborrecer, exalta-se de todo com os efeitos da própria

deixando-se levar por uma fúria engendrada não por suas razões de queixa, mas pela própria cólera em

vias de crescimento; assim eu rolava cada vez mais, pelo declive da minha tristeza, na direção de um

desespero cada vez mais intenso; e com a inércia de um homem que sente o frio

assaltá-lo, não tenta

reagir e uma espécie de prazer em tiritar. E por fim, se eu tivesse dali a pouco, como esperava, a força de

me recobrar, de reagir e de voltar atrás, o beijo de Albertine, no momento de me dar boa-noite, teria hoje

de me consolar, muito mais que do desgosto que ela me dera acolhendo tão mal o meu regresso, da

tristeza que eu experimentara ao tramar, por fingir determiná-las, as formalidades de uma separação

imaginária, a lhe prever as conseqüências. Em todo caso, não era preciso que ela tomasse a iniciativa de

me dar esse boa-noite, o que me tornaria mais difícil a reviravolta pela qual eu lhe proporia desistir da

nossa separação. Assim, não cessava de lembrar-lhe que a hora de nos despedirmos já chegara há

muito, o que, se me deixava a iniciativa, permitia-me retardar esse boa-noite por um instante ainda.

Desse modo, ia eu semeando de alusões a noite já avançada, à nossa fadiga, as perguntas que fazia a

Albertine.

- Não sei para onde vou - respondeu ela à última, com ar preocupado. - Talvez vá para a casa da

minha tia na Touraine. -

E esse primeiro projeto que ela esboçou, deixou-me gelado, como se ele começasse a realizar de

fato a nossa separação definitiva. Ela olhou o quarto, a pianola, as poltronas de

cetim azul.

- Ainda não posso me acostumar com a idéia de não ver mais tudo isto amanhã, nem depois de

amanhã, nem nunca mais. Pobre quartinho! Parece impossível; isto não consegue entrar na minha

cabeça.

- Vai ser preciso, você era muito infeliz aqui.

- Mas não, eu não era infeliz, de agora em diante é que o serei.

- Não, eu lhe asseguro, é melhor para você.

- Para você, talvez!

Pus-me a encarar fixamente o espaço, como se, preso de grande hesitação, debatesse-me contra

uma idéia que me ocorrera ao espírito. Afinal, de repente:

- Escute, Albertine, você diz que é mais feliz aqui, que seria infeliz lá fora.

- Certo.

- Isto me perturba; deseja que tentemos prolongar isto por algumas semanas?

- Quem sabe? Semana após semana, pode-se chegar talvez bem longe, você sabe que há

situações provisórias que podem acabar durando para sempre. - Oh, como seria gentil de sua parte! -

- Mas então foi uma loucura a gente se ter torturado desse modo para nada, durante horas; foi

como uma viagem para a qual nos preparássemos e depois desistíssemos de fazer. Estou moído de

desgosto.

Sentei-a nos meus joelhos, peguei o manuscrito de Bergotte que ela tanto desejava e escrevi na

capa: "À minha querida Albertine, como lembrança da renovação de um contrato."

- Agora – disse-lhe - vá dormir até tarde amanhã, minha querida, você deve estar esgotada.

- Sobretudo estou bem contente.

- Gosta um pouquinho de mim?

- Cem vezes mais do que antes.

Andaria eu mal em me sentir feliz com a pequena comédia, ainda que não tivesse ela chegado à

forma de verdadeira encenação a que a levara. Se apenas tivéssemos falado de separação, já teria sido

grave. Em conversas desse gênero, julgamos falar não apenas sem sinceridade, o que acontece de fato,

mas livremente. Ora, em geral elas são, sem o sabermos, o primeiro murmúrio sussurrado, hino ingrato

nosso, de uma tempestade de que não desconfiamos. Na realidade, o que então expressamos é o

contrário do nosso desejo (que é o de viver sempre aquela a quem amamos), mas é também essa

impossibilidade de viver com que se forma o nosso sofrimento diário, sofrimento que preferimos ao da

separação; mas que terminará, contra nossa vontade, por nos separar. Pelo hábito, entretanto não de um

golpe. A maioria das vezes ocorre, veremos como este não foi o caso com Albertine, que, algum tempo

depois das palavras em que não acreditávamos, põe-se em ação uma tentativa informe de separação

intencional, não temporária. Pede-se à mulher, para que depois ela se sinta melhor em companhia, para

que, por outro lado, possamos fugir momentaneamente às tristezas e fadigas contínuas, que faça sem

nós, ou que nos deixe fazer sem ela, uma viagem de alguns dias, os primeiros desde muito tempo

passados sem, que nos teria parecido impossível. Bem depressa ela volta para retomar o seu a nosso

lado. Unicamente essa separação, curta mas realizada, não é tão arbitrariamente decidida e nem tão

certamente a única, como pensamos. As mesmas tristezas recomeçam, a mesma dificuldade de vida em

comum se acentua, e só a sensação já não é coisa tão difícil; principiou-se por falar nela, e a seguir

realizamo-la de uma forma amigável. Mas isso são apenas os pródromos que não reconhecemos. Em

breve, à separação risonha e momentânea sucederá a separação atroz e definitiva que preparamos sem

o saber.

- Venha a meu quarto daqui a cinco minutos, para que eu possa vê-lo um pouco, meu queridinho.

Você vai ser muito carinhoso. Mas eu vou dormir depois, pois estou quase morta.-

Foi de fato uma morta que eu vi quando entrei em seguida no seu quarto. Adormecera logo que se

deitara; e os lençóis, enrolados como um sudário em torno de seu corpo, haviam assumido, com suas

belas dobras uma rigidez de pedra. Dir-se-ia, como em certos Juízos Finais da Idade Média; só a cabeça

aparecia fora do túmulo, esperando em seu sono a trombeta do Arcanjo. Essa cabeça fora surpreendida

pelo sono quase caída, os cabelos soltos. Vendo aquele corpo insignificante ali deitado, eu me indagava

que espécie de tábua de logaritmos ele constituía, para que todos os atos a que pudesse estar ligado;

desde uma cotovelada até um roçar de vestido, fossem capazes de me provocar estendidas ao infinito de

todos os pontos que ele havia ocupado no espaço tempo, e de vez em quando bruscamente revivificadas

em minha lembrança, angústias tão dolorosas, e que no entanto eu sabia serem determinadas por

momentos e desejos dela que me teriam sido noutra mulher, nela mesma cinco antes, cinco anos depois,

tão indiferentes.

Era uma mentira, porém mentira na qual eu não me animava a procurar outras soluções que não a

minha morte. Assim permanecia eu, envolto ainda na peliça que não havia tirado desde a minha volta da

casa dos Verdurin, diante daquele corpo retorcido, daquela figura alegórica de minha morte? Do meu

amor? E logo comecei a ouvir sua respiração igual sentar-me à beira de sua cama para fazer essa cura

calmante de brisa e de contemplação. Depois retirei-me suavemente para não acordá-la.

Era tão tarde que desde manhãzinha recomendei a Françoise que caminhasse bem devagarinho

sempre que tivesse de passar diante do quarto de Albertine. Assim Françoise, convencida de que

tínhamos passado a noite no que ela chamava “orgias", recomendou aos demais criados, com ironia, que

não "despertassem a princesa". E uma das coisas que eu temia era que Françoise não pudesse mais se

conter e tratasse Albertine de maneira insolente, e que isso acarretasse complicações em nossa vida.

Françoise, então, já não estava, como na época em que sofria por ver Eulalie bem tratada por

minha tia, em idade de suportar valentemente o seu ciúme. Este alterava, paralisava a fisionomia da

nossa empregada a tal ponto que, por momentos, eu me perguntava se ela não teria tido, como resultado

de alguma crise de cólera, um pequeno insulto cerebral que me tivesse passado despercebido. Tendo

desse modo pedido que preservassem o sono de Albertine, eu mesmo não pude conciliá-lo. Tentava

compreender qual seria o verdadeiro estado de espírito de Albertine. Com a triste comédia que eu havia

representado, teria eu conseguido evitar um perigo real, e apesar de ela dizer que

se sentia tão feliz

naquele casa, tivera ela de fato, em certos momentos, a idéia de querer a liberdade, ou, ao contrário, era

preciso acreditar nas suas palavras? Qual das duas hipóteses era a verdadeira? Se me ocorria muitas

vezes, se devia me ocorrer sobretudo estender um caso de minha vida passada até às dimensões da

história, quando queria tentar compreender um acontecimento político, inversamente naquela manhã não

deixei de identificar, apesar de tantas diferenças e para esforçar-me por compreender-lhe o alcance, a

nossa cena da véspera com um incidente diplomático que ocorrera há pouco. Talvez tivesse o direito de

raciocinar assim. Pois era bem provável que, contra a minha vontade, o exemplo do Sr. de Charlus me

tivesse guiado naquela cena mentirosa que eu tantas vezes o vira representar com tamanha autoridade;

e, por outro lado, não seria ela, de sua parte, senão uma importação inconsciente, no domínio da vida

privada, da tendência profunda de sua raça alemã, provocadora por astúcia e, por orgulho, guerreira se

necessário?

Diversas pessoas, entre as quais o príncipe de Mônaco, tendo sugerido ao governo francês a idéia

de que, se ele não afastasse o Sr. Delcassé, a Alemanha, ameaçadora, efetivamente iria declarar guerra,

o ministro das Relações Exteriores fora convidado a demitir-se. Portanto, o governo francês admitira a

hipótese de nos declararem guerra caso não cedêssemos. Mas outras pessoas pensavam tratar-se de

um simples blefe e que, se a França tivesse mostrado firmeza, a Alemanha não teria desembainhado a

espada. Sem dúvida a situação era não só diferente, mas quase oposta, já que a ameaça de rompimento

comigo jamais fora proferida por Albertine; mas um conjunto de impressões me trouxera a crença de que

ela assim pensava, como o governo francês tivera essa crença quanto à Alemanha. Por outro lado se a

Alemanha desejava a paz, o fato de haver provocado no governo francês de que desejava a guerra era

de uma habilidade contestável e perigosa. Certamente a minha conduta fora bastante esperta, se era a

idéia de que eu me decidiria a romper com Albertine o que provocava nela súbitos de independência. E

não seria difícil acreditar que ela não a tivesse, recusar nela toda uma vida secreta, dirigida para

satisfação do seu vício, a julgar pela, que ela mostrara ao saber da minha ida à casa dos Verdurin,

gritando:

"É certeza!", e acabando por desvelar tudo ao dizer: "Devem ter recebido Vinteuil'

Tudo isso corroborado pelo encontro de Albertine com a Sra. Verdurin que me fora contado por

Andrée. Talvez, no entanto, esses bruscos de independência - dizia eu comigo quando tentava ir contra

meu instinto - foram causados - supondo que existissem - ou acabassem por sê-lo pela idéia de saber,

que eu jamais pensara em desposá-la, que era quando aludia, involuntariamente, à nossa próxima

separação que eu falava a verdade, qualquer modo a deixaria um dia ou outro, crença que minha cena

daquela não fizera mais que fortalecer e que podia engendrar nela essa resolução: " deve acontecer

fatalmente um dia ou outro, então o melhor é terminar os preparativos de guerra, que o mais falso dos

adágios preconiza para trazer vontade de paz, ao contrário, criam, em cada um dos dois adversários;

primeiro a crença de que o outro deseja o rompimento, crença que leva ao rompimento depois quando ele

ocorre esta outra crença em ambos, de que foi o outro o quis. Mesmo que a ameaça não fosse sincera,

seu êxito anima a repeti-la no ponto exato até onde o blefe pode ter sucesso é difícil de determinar; se

longe demais, o outro, que até então havia cedido, por sua vez avança; o primeiro não sabendo mais

mudar de método, habituado à idéia de que dar a impressão de não temer o rompimento é a melhor

maneira de evitá-lo (o que eu fizer a noite com Albertine), e, além disso, levado a preferir, por altivez,

sucumbir ao de ceder, persevera em sua ameaça até o momento em que ninguém

mais recuar. O blefe

também pode estar misturado à sinceridade, alternar-se com aquilo que era um jogo hoje, torna-se uma

realidade amanhã. Enfim, também ocorrer que um dos adversários esteja de fato resolvido a guerrear,

que Albertine, por exemplo, mais cedo ou mais tarde, tenha a intenção de não continuar aquela vida, ou,

pelo contrário, que essa idéia jamais lhe ocorra ao espírito, minha imaginação a tenha inventado nos

mínimos detalhes. Tais foram as hipóteses que eu considerei enquanto ela dormia, àquela manhã.

Entretanto, no que diz respeito à última, posso dizer que, nos dias que se seguiram, jamais observei em

Albertine idéia de abandono senão para responder a uma idéia de má liberdade - ela tivesse, idéia que

ela não expressava, mas que me parecia estar implícita em certos descontentamentos misteriosos, certas

palavras, certos gestos, dos quais essa idéia era a única explicação possível, e pelos quais ela se

recusava a alguma. Ainda com maior freqüência, eu os constatava sem fazer nenhuma a uma separação

possível, achando-os provenientes de um mau humor que desapareceria nesse mesmo dia. Mas seu mau

humor durava às vezes, sem qualquer alívio, semanas inteiras. Quando Albertine parecia querer provocar

um conflito, como se houvesse naquele momento, numa região mais ou menos afastada, prazeres que

ela conhecia, dos quais a sua clausura em minha casa a privava, e que a influenciavam até que tais

prazeres tivessem terminado, como essas mudanças atmosféricas que, mesmo ao pé da nossa lareira,

agem sobre os nossos nervos ainda que se originem a tão longa distância como as ilhas Baleares.

Naquela manhã, enquanto Albertine dormia e eu tentava adivinhar o que se achava oculto nela,

recebi uma carta de minha mãe em que ela me expressava a sua inquietação de nada conhecer das

minhas decisões, por meio desta frase da Sra. de Sévigné: "Por mim, estou persuadida de que ele não se

casará; mas então por que perturbar essa menina que ele não desposará nunca? Porque fazê-la correr o

risco de recusar outros partidos que ela só olhará com desprezo? Por que tirar a paz de espírito de uma

pessoa que seria tão fácil evitar?" Esta carta de minha mãe me fez voltar à realidade. Por que hei de

procurar uma alma misteriosa, interpretar umas feições e sentir-me rodeado de pressentimentos que não

tenho coragem de aprofundar? Indaguei a mim mesmo. A coisa é bem simples, eu devaneava. Sou um

rapaz indeciso; trata-se de um desses casamentos sobre os quais ficamos durante algum tempo sem

saber se se realizam ou não. Não existe nada de especial em Albertine. Essa idéia me deu um sossego

profundo, porém curto. Bem depressa disse comigo: "De fato, pode-se reduzir tudo, se considerarmos o

aspecto social, à mais comum das ocorrências diárias; de fora, seria talvez desse modo que eu veria a

coisa. Mas sei perfeitamente que o que é verdadeiro, que pelo menos o que também é verdadeiro, foi

tudo o que li nos olhos de Albertine, são os medos que me torturam, é o problema que me coloco sem

cessar em relação a Albertine. A história do noivo hesitante e do casamento desfeito pode corresponder a

isso, como a apreciação de um crítico teatral de bom senso pode dar idéia de uma peça de Ibsen. Mas há

outra coisa além dos fatos que se narram. É verdade que essa coisa existe talvez, caso se saiba vê-la,

em todos os noivos hesitantes e em todos os casamentos que demoram, porque talvez haja mistério na

vida de todos os dias. Era-me possível desprezá-lo no que dizia respeito à vida dos outros, mas a minha

e a de Albertine eu a vivia por dentro.

A partir daquela noite, Albertine não me contou mais o que ela havia feito no passado:

- Sei que você não tem confiança em mim, vou tentar dissipar suas suspeitas.

Mas esta idéia, que ela nunca exprimiu, poderia servir de explicação para seus menores atos. Não

só ela manobrava no sentido de jamais estar um momento sozinha, de modo que eu não pudesse ignorar

o que havia feito, caso não acreditasse em suas próprias declarações, mas até quando precisava

telefonar para Andrée ou para a garagem, ou para o picadeiro, ou para qualquer outra parte, alegava

muito aborrecida ficar sozinha telefonando, devido ao tempo que as telefonistas levavam para fazer a

ligação, e achava um meio para que eu estivesse perto dela naquele momento ou, na minha ausência,

Françoise, como se temesse que pudesse imaginar ligações censuráveis e que servissem para marcar os

misteriosos. Ai de mim, tudo aquilo não me tranqüilizava.

Aimé havia me dado a fotografia de Esther, dizendo que não se tratava dela.

Então havia outras

muitas ainda? Quais? Devolvi essa fotografia à Bloch. A que eu queria ver era a que havia dado à Esther.

Como estaria nela? Talvez decotada; quem sabe se elas teriam tirado fotografias juntas? Mas não me

animava a falar nisso, nem à Albertine; (pois teria dado a impressão de não ter visto a fotografia), nem a

Bloch, para quem eu não desejava parecer que me interessava por Albertine. E essa vida, de achar tão

cruel para mim e para Albertine quem quer que soubesse das minhas suspeitas e do seu cativeiro, vista

de fora, como para Françoise, passava pela vida de prazeres imerecidos que sabia me proporcionar com

habilidade "engambeladora" e, como dizia Françoise, que empregava muito mais esse termo no

masculino, invejando mais as mulheres, aquela "charlatã". [No original *charlatante*, forma feminina de

charlatant, charlatão. (N. do T.)]

E até, Françoise, na minha convivência, enriquecera o seu vocabulário com novos termos, mas

arranjando-os a seu modo, ela dizia de Albertine que jamais conhecia pessoa de semelhante perfididade

[Em francês *perfidité*, no lugar de *perfidie, perfídia*. (N. do T)]; que sabia arrancar-me os tostões,

representando tão bem a comédia (Françoise, que tão facilmente usava o particular pelo geral como o

geral pelo particular, e que só possuía idéias muito vagas à distinção de gêneros na arte dramática,

chamava "saber representar a pantomina"). Talvez eu próprio fosse um tanto responsável por esse erro

acerca da vida verdadeira, minha e de Albertine; por causa das vagas confirmações, ao conversar com

Françoise, habilmente deixava escapar; fosse por vontade de falar com ela; fosse para parecer, não

sendo amado, ao menos feliz. No entanto, o ciúme, a vigilância que exercia sobre Albertine, e dos quais

tanto desejava que não desconfiasse, esta não demorou a adivinhá-los, como o espírita de olhos

vendados, consegue encontrar um objeto, por aquela intuição que possuía das coisas que me podiam ser

penosas, não se deixando desnortear por mentiras que eu pudesse lhe dizer a fim de despistá-la, e

também por Albertine que a levava mais ainda a imaginar serem suas inimigas farsantes mais bem-

sucedidas e mais devassas do que eram; descobrir que poderia perdê-las e precipitar sua queda. É claro

que Françoise nunca fizera escândalos com Albertine. Eu me indagava se esta, sentindo-se vigiada, não

efetuaria por conta própria aquela separação de que eu a havia ameaçado, pois a vida, alterna-se,

transforma em realidade as nossas fábulas. Cada vez que ouvia abrir a porta experimentava aquele

sobressalto que minha avó tivera na agonia todas as vezes que eu tocava a

campainha. Eu não

imaginava que ela saísse sem me avisar, mas era o meu inconsciente que pensava assim, como era o

inconsciente de minha avó que palpitava aos toques da campainha, ainda que ela não tivesse

consciência disso.

Certa manhã mesmo, senti de repente a súbita inquietação de que ela não apenas saíra, mas

partira em definitivo. Eu acabava de ouvir bater uma porta que me parecia de seu quarto. Com passos de

lã fui até esse quarto, entrei, permaneci no limiar. Na penumbra, os lençóis estavam erguidos em

semicírculo; devia ser Albertine que, o corpo recurvado, dormia com os pés e a cabeça voltados para a

parede. Somente, ultrapassando os limites da cama, os cabelos dessa cabeça, negros e abundantes,

fizeram-me compreender que se tratava dela, que ela não tinha aberto a porta, não se mexera, e senti

aquele semicírculo imóvel e vivo, onde se abrigava toda uma vida humana, e que era a única coisa à qual

eu dava importância; senti que ali ele se achava, sob a minha posse dominadora.

Mas eu conhecia a arte da insinuação de Françoise, o partido que ela sabia tirar de um cenário

significativo, e não posso acreditar que ela tenha resistido a dar a entender, diariamente, a Albertine o

papel humilhante que esta fazia na casa, a transtorná-la pelo retrato, sabiamente

exagerado, da clausura

a que minha amiga estava submetida.

Certa ocasião encontrei Françoise, com óculos de lentes grossas, remexendo nos meus papéis e

recolocando entre eles um outro onde eu anotara uma narrativa concernente à Swann e à impossibilidade

em que este se achava de viver sem Odette. Teria ela levado esse papel por descuido ao quarto de

Albertine? Além disso, acima de todos os subentendidos de Françoise, que não tinham sido mais que, em

registro abaixo, uma orquestração sussurrante e pérfida, é provável que se devia ter elevado mais alta,

mais nítida, mais premente, a voz acusadora e caluniosa dos Verdurin, irritados por verem que Albertine

me retinha involuntariamente, e eu a ela voluntariamente, longe do pequeno clã.

Quanto ao dinheiro que eu gastava com Albertine, era-me quase impossível escondê-lo de

Françoise, pois não podia ocultar-lhe despesa alguma. Françoise tinha poucos defeitos, mas estes

haviam criado nela, para servi-los, verdadeiros dons, que muitas vezes lhe faltavam quando não exercia

tais defeitos. O principal era a curiosidade aplicada ao dinheiro que gastávamos com outras pessoas que

não ela. Se eu tinha de pagar uma conta, dar uma gorjeta, por mais que me afastasse ela achava sempre

um prato para guardar, um guardanapo para apanhar, alguma coisa que lhe

permitisse aproximar-se. E

por menos tempo que lhe desse, mandando-a de volta, enfurecido, essa mulher, que já enxergava com

muita dificuldade, que mal sabia fazer contas, guiada pelo mesmo instinto que faz com que um alfaiate,

ao nos ver, compute de imediato a fazenda da nossa roupa sem mesmo impedir-se de apalpá-la; ou faz

com que um pintor seja sensível a um efeito de cores. Françoise, via e calculava instantaneamente a

quantia que eu dava. Se, para que ela não pudesse dizer a Albertine que eu corrompia o seu motorista,

eu mentia, desculpando-me pela gorjeta, assim dizia:

- Quis ser amável com o rapaz; dez francos -

Françoise, impiedosa e para quem o seu olhar de águia velha e cega fora o bastante, respondia-

me:

- Não, o senhor lhe deu quarenta e três de gorjeta. Ele disse ao senhor que eram quarenta e cinco

francos, o senhor deu cem francos e ele só lhe devolveu doze. -

Françoise tivera tempo de ver o total da gorjeta que eu mesmo ignorava.

Se o objetivo de Albertine era restituir-me o sossego, alcançou-o; aliás, minha razão só desejava

provar-me que me enganara acerca dos maus tratos de Albertine, como talvez eu me houvesse

enganado sobre seus instintos preciosos. Sem dúvida eu levava em conta, no valor dos argumentos que

me oferecia, o desejo que eu tinha de achá-los bons. Mas, para ser justo, na ocasião de ver a verdade, a

menos que se admita que esta jamais seja convincente; a não ser pelo pressentimento, por uma

emanação telepática, não me seria preciso afirmar que, se minha razão, buscando alcançar a minha cura,

deixa conduzir pelo meu desejo, em compensação, no que dizia respeito à Srta. Vinteuil os vícios de

Albertine, suas intenções de ter uma outra vida, seu projeto de ação, os quais eram corolários de seus

vícios, tinha podido o meu instinto, fazer adoecer, deixar-se transviar pelo ciúme? Aliás, o seqüestro de

Albertine ela própria se incumbia tão engenhosamente de tornar absoluto, eliminando o sofrimento,

afastou-me aos poucos a suspeita e voltei a achar na presença de Albertine, quando a noite me trazia de

novo as inquietações, o sossego dos outros dias. Sentada ao lado da minha cama, ela me falava de um

daqueles vestidos, objetos que eu não cessava de lhe dar para procurar tornar mais suave, a sua mais

bela, a sua prisão, receando às vezes que ela não fosse da opinião daquele de La Rochefoucauld, que

respondera a alguém que lhe indagava se não estava contente por encontrar-se numa vivenda tão bonita

como Liancourt, que conhecia a prisão mais bela.

Assim, se eu interrogara o Sr. de Charlus sobre a velha prataria francesa; quando tínhamos feito o

projeto de possuir um iate, projeto considerado irrealizável por Albertine e por mim mesmo, cada vez que,

principiando a acreditar; em virtude do meu ciúme, declinando, já não comprimia outros desejos em que

tinha parte alguma e que também demandavam dinheiro para serem satisfeitos; tínhamos, a qualquer

risco, e aliás sem que ela acreditasse que algum dia viesse possuir um, pedindo conselhos à Elstir. Ora,

tanto quanto para as roupas femininas, o gosto do pintor era requintado e difícil para o mobiliário dos

iates. Nele admitia móveis ingleses e prataria antiga. A princípio, Albertine só pensava em vestidos e

móveis. Agora a prata a interessava, e isso a levara, desde que voltamos de Balbec, a ler obras sobre a

arte de trabalhos em prata, sobre os bustos antigos cinzeladores. Mas tendo sido a prata antiga fundida

duas vezes, por tratados de Utrecht, quando o próprio rei, nisso imitado pelos grãos-senhores, doou sua

baixela, e em 1789, é raríssima hoje. Por outro lado, por mais que os ourives modernos reproduzam toda

essa prataria segundo os desenhos do Pontaux-Choux, Elstir considerava essa antigualha nova indigna

de entrar na casa de uma mulher de gosto, ainda que se tratasse de uma casa flutuante. Eu sabia que

Albertine havia lido a descrição das maravilhas que Roettiers fizera para a Sra. Du Barry. Morria de

vontade de ver algumas dessas peças, caso ainda existissem, e eu de dar-lhes. Ela

chegara a iniciar

bonitas coleções que instalava numa vitrina com encantador bom gosto, e que eu não podia contemplar

sem ternura e receio, pois a arte com que ela as dispunha era feita da paciência, engenhosidade,

nostalgia e necessidade de esquecer a que se entregam os cativos.

Quanto às toaletes, o que principalmente lhe agradava naquele momento era tudo o que fazia

Fortuny. Esses chambres de Fortuny, um dos quais eu vira na Sra. de Guermantes, eram aqueles que

Elstir, quando nos falava dos vestidos magníficos das contemporâneas de Carpaccio e Ticiano,

anunciara-nos para lançamento em breve, renascendo suntuosos das cinzas, pois tudo deve retornar,

como está escrito nas abóbadas de São Marcos, e como o proclamam, bebendo nas águas umas de

mármore e de jaspe dos capitéis bizantinos, os pássaros que indicam ao mesmo tempo a morte e a

ressurreição. Desde que as mulheres começaram a usá-los, Albertine se lembrara das promessas de

Elstir e desejara ter um deles; nós devíamos ir escolhê-lo. Ora, esses chambres, se não eram antigos de

verdade, dentro dos quais as mulheres de hoje parecem um tanto fantasiadas em excesso e que é melhor

conservar como peças de coleção (aliás, eu também procurava dessas para Albertine), igualmente não

possuíam a frieza do *pastiche*, do falso antigo. Tais chambres eram confeccionados antes à maneira dos

cenários de *Sert, de Baskt e de Benois*, que por essa época evocavam, nos balés russos, os momentos

de arte mais apreciados, com o auxílio de obras de arte impregnadas de seu espírito e todavia originais;

assim, os chambres de Fortuny, fielmente antigos mas poderosamente originais, faziam surgir como um

cenário, e até com maior força de evocação do que um cenário, pois que o cenário ficava por imaginar, a

Veneza toda atulhada de Oriente, onde teriam sido usados, e da qual eram, mais do que uma relíquia no

relicário de São Marcos, evocadores do sol e dos turbantes circunvizinhos, a cor fragmentada, misteriosa

e complementar. Desse tempo havia tudo perecido, porém tudo renascia, evocado, para voltar a ligá-los

uns aos outros pelo esplendor da paisagem e a efervescência da vida, pelo surto parcelar e sobrevivente

dos tecidos das *dogaresas*.

Uma ou duas vezes eu desejara pedir conselho sobre isso à Sra. de Guermantes. Mas a duquesa

não gostava de toaletes que têm ar de fantasia. Ela mesma nunca ficava tão bem como quando vestia

preto com diamantes. E, para mais como as de Fortuny, o seu conselho não era muito útil. Além disso, eu

sentia escrúpulos, ao pedir-lhe, de parecer que ia procurá-la apenas quando precisava dela, mesmo

porque vinha recusando há muito tempo vários de seus convites por semana. Aliás, somente da parte

dela é que eu recebia convites e profusão. Certo, ela e muitas outras mulheres sempre tinham se

mostrado tão gentis comigo. Mas a minha clausura certamente decuplicara essa gente. Parece que na

vida mundana, insignificante reflexo do que se passa na melhor maneira de fazer com que sejamos

convidados é recusar-nos.

Um que calcula tudo o que pode citar no terreno de feitos gloriosos para ele impressionar uma

mulher; varia constantemente de roupas, cuida da sua aparência, e contudo ela não lhe dá uma só das

atenções que ele recebe de outra, atraindo-a; apesar de lhe surgir sem asseio e sem qualquer artifício

para aquela que conquistou para sempre. Da mesma forma, se um homem se lamentasse ser bastante

requisitado pela sociedade, eu não lhe diria que fizesse ainda maior número de visitas, ou que comprasse

uma carruagem mais bonita; diria que não fizesse visita nenhuma, que vivesse trancado em seu quarto,

no qual não deixasse entrar ninguém, e que, desse modo, todos fariam fila diante de sua pessoa. Ou

melhor, não diria. Pois trata-se de um modo seguro para ser procurado e obtém êxito como a maneira

igual de ser amado, ou seja, se não for intencionalmente; se, por exemplo, não se sai do quarto porque se

está gravemente enfermo, ou porque se acha estar, ou porque ali se mantenha trancada uma mulher que

se prefere à sociedade (ou por estes três motivos, a um tempo), sociedade a qual será um motivo, sem

saber da existência dessa mulher, e simples porque a gente se recusa a freqüentá-la, de nos preferir a

todos os que se oficiam e de se interessar por nós.

- A propósito de chambre - disse eu à Albertine -, será preciso em breve que nos ocupemos de

seu chambre de Fortuny. -

E certamente, para ela desejar há tanto tempo, que os escolhera longamente comigo, que antes

lhes reservara um lugar não só em seus armários mas na sua imaginação, esses chambres, cada detalhe

dos quais considerava longamente, para se por um dentre tantos outros, seria algo mais do que para uma

mulher extremamente rica que possui mais robes do que deseja e nem sequer os olha. E apesar do

sorriso com que Albertine me agradeceu, dizendo:

- Você é muito gentil - notei como parecia cansada e até triste. Às vezes, mesmo, enquanto

esperava que se aprontassem os que ela queria, eu pedia emprestados alguns, por vezes, e os

experimentava em Albertine, envolvia-a neles; ela passeava pelo quarto como a majestade de uma

dogaresa e de um manequim. Apenas, o cativeiro em Paris se me tornara mais

pesado à vista desses

tecidos que me levam à Veneza. Evidente que Albertine era mais prisioneira que eu. E era curiosa

através das paredes de sua prisão, o destino que transforma os seres; pude mudá-la em sua própria

essência e, da moça de Balbec, fazer uma outra. Sim, os muros da prisão não tinham impedido que essa

influência os atravessasse; talvez eles próprios a houvessem produzido. Já não se tratava da mesma

Albertine, porque ela não estava, como em Balbec, incessantemente em fuga em sua bicicleta, não

encontrada por causa do grande número das pequenas praias aonde ia dormir em casa de amigas e

onde, aliás, suas mentiras faziam-na mais difícil de achá-la; porque, fechada em minha casa, solitária e

dócil, já não era nem mesmo o que em Balbec, ainda quando eu podia encontrá-la, fora na praia, aquela

criatura fugidia, prudente e astuta; cuja presença se prolongava de tantos encontros que ela era hábil em

dissimular; que a faziam amar porque faziam sofrer; em quem, sob sua frieza para com os outros e suas

respostas banais, sentia-se o encontro da véspera e o do dia seguinte, e, para mim, um pensamento

ardiloso, cheio de desdém. Porque o vento marinho não mais inflava seus vestidos, porque,

principalmente, eu lhe cortara as asas, ela deixara de ser uma Vitória, era uma escrava incômoda de

quem eu desejava livrar-me.

Então, para mudar o curso de meus pensamentos, em vez de começar com Albertine um jogo de

cartas ou de damas, pedi-lhe que tocasse um pouco de música. Fiquei deitado na cama, e ela foi sentar-

se na extremidade do quarto, diante da pianola, entre os suportes da biblioteca. Albertine escolhia trechos

ou totalmente novos, ou que me havia tocado apenas uma ou duas vezes, pois, começando a me

conhecer, sabia que eu não gostava de propor à minha atenção aquilo que me era ainda obscuro, e

poder, no decurso dessas audições sucessivas, reunir umas às outras, graças ao entendimento crescente

mas, ai de mim, desnaturado e estranho à minha inteligência, as linhas fragmentárias e interrompidas da

construção, a princípio quase submersa na bruma. Ela sabia, e creio que compreendia, a satisfação que,

nas primeiras vezes, dava ao meu espírito esse trabalho de modelagem de uma nebulosa ainda informe.

E, enquanto ela tocava, eu só podia ver, da múltipla cabeleira de Albertine, um tufo de cabelos negros em

forma de coração, aplicado ao longo da orelha como numa infanta de Velásquez. Do mesmo modo que o

volume daquele anjo músico era constituído pelos trajetos múltiplos entre os diversos pontos do passado

que sua lembrança ocupava em mim e as diferentes sedes, desde a vista até as sensações mais internas

do meu ser, que me ajudavam a descer até a intimidade do seu, a melodia que ela tocava também

possuía um volume. Produzido pela desigual visibilidade das diversas frases, conforme eu tivesse mais

ou menos conseguido iluminá-las e juntar umas às outras as linhas de uma construção que a princípio me

havia parecido quase inteiramente submergida no nevoeiro. Albertine sabia que me agradava ao propor

ao meu pensamento apenas as coisas ainda obscuras e a modelagem dessas nebulosas. Adivinhava

que, era ou quarta audição, tendo a minha inteligência alcançado e, por constituição posto à mesma

distância todas as partes, e, já não havendo atividade a dele quanto a elas, as estendera e imobilizara

reciprocamente sobre um plano único. Entretanto, não passava ainda a um novo trecho, pois, sem talvez

perceber na mente o trabalho que se produzia em mim, sabia que, no momento esse trabalho da minha

inteligência chegasse a dissipar o mistério de uma obra, raro que, em compensação, no decurso de sua

tarefa nefasta, não tivesse a esta ou aquela reflexão proveitosa. E, no dia em que Albertine dizia:

- Eis aquele rolo que vamos dar a Françoise para que ela mande trocá-lo por outro.

Às vezes existia para mim, sem dúvida, um trecho de música a menos; porém uma verdade a

mais. Compreendera eu tão perfeitamente que seria absurdo sentir ciúmes da

Srta. Vinteuil e de sua

amiga, já que Albertine de modo nenhum procurava de todos os projetos de férias que tínhamos formado

ela própria afastara. Como tão próxima a Montjouvain, que muitas vezes o que eu pedia a Albertine e sem

que isso me fizesse sofrer, era a música de Vinteuil. Apenas uma música de Vinteuil fora causa indireta

de ciúme para mim. De fato, Albertine sabia que eu a ouvira tocar na casa da Sra. Verdurin por Morel,

falou-me de noite, manifestando-me um vivo desejo de ir ouvi-lo tocar, de conhecê-lo. Deu-se justamente

dois dias depois que eu soubera da carta de Léa à Morel, involuntariamente interceptada pelo Sr. de

Charlus. Perguntei-me se Léa por acaso falara dele a Albertine. As expressões "grande porcalhona" e

"grande viciada" vieram-me à lembrança com horror. Mas, justamente por ter a música de Vinteuil ficado

assim dolorosamente ligada à Léa e não à Srta. Vinteuil e à sua amiga, logo que se acalmou a dor que

Léa causara já pude ouvir essa música sem um mal que me havia curado da possibilidade de ter outros.

Dessa música ouvida na casa da Sra. Verdurin, frases despercebidas, larvas obscuras, então tornavam-

se arquiteturas deslumbrantes; e algumas delas faziam-se amigas, mas que a princípio eu mal notara, ou,

se as notara, achara feias, e das quais teria pensado que fossem como essas pessoas antipáticas no

começo e que revelam como são quando as conhecemos bem. Entre os dois estados havia verdadeira

transmutação. Por outro lado, as frases, distintas desde a primeira; mas que na ocasião eu não havia

reconhecido, identificava-as com frases de obras, como aquela frase da *Variação Religiosa* para órgão

que, na casa dos Verdurin, passara-me despercebida no *septeto*, onde todavia, santa que de degraus do

santuário, achava-se reunida às fadas familiares do músico. Por lado, a frase que me parecera tão pouco

melódica, tão mecanicamente ritmada; alegria titubeante dos sinos do meio-dia, era desta que eu mais

gostava agora, porque me tivesse habituado à sua feiúra, ou porque houvesse descoberto beleza. Esta

reação contra a decepção causada a princípio pelas obras-primas, é possível com efeito atribuí-la a um

enfraquecimento da impressão inicial, ou ao esforço necessário para distinguir a verdade. Duas hipóteses

que se apresentam para todas as questões importantes, as questões relativas à realidade da Arte, e à

realidade da Eternidade da alma: é preciso fazer uma escolha entre ambas. E, quanto à música de

Vinteuil, essa escolha se apresentava a todo momento sob muitas formas. Por exemplo: essa música me

parecia algo de mais verdadeiro que todos os livros conhecidos. Por alguns instantes, eu pensava que

isso tinha a ver com o que sentimos na vida, não o sendo sob a forma de idéias,

sua tradução literária,

quer dizer, intelectual, que, ao expô-lo, explica-o, analisa-o, mas não o recompõe feito a música, onde os

sons parecem assumir a inflexão da criatura, reproduzir esse pico interno e extremo das sensações que é

a parte que nos dá essa embriaguez específica que reencontramos de vez em quando e que, ao

exclamarmos:

- Que dia lindo! Que belo sol! - não se dá a conhecer de todo ao próximo, em quem o mesmo sol e

o mesmo dia despertam vibrações completamente diversas. Assim, na música de Vinteuil existiam dessas

visões que é impossível exprimir e quase proibido contemplar, pois, quando, no instante de adormecer,

recebemos a carícia e seu encantamento irreal, nesse mesmo instante, quando a razão já nos

abandonou, os olhos se fecham e, antes de termos tido tempo de conhecer não apenas o inefável mas o

invisível, adormecemos. Quando me entregava a essa hipótese em que a arte seria real, parecia-me até

que era mais do que a simples alegria nervosa de um dia lindo ou de uma noite de ópio o que a música

pode exprimir; era uma embriaguez mais real, mas fecunda, pelo menos ao que eu pressentia. Mas não é

possível que uma escultura, uma melodia que confere uma emoção que sentimos ser mais elevada, mais

pura, mais verdadeira, não corresponda a uma certa realidade espiritual; ou então a vida não teria

qualquer sentido. Assim, nada se assemelhava mais do que uma bela frase de Vinteuil a esse prazer

especial que às vezes eu sentira na vida, por exemplo, diante dos campanários de Martinvil e, de certas

árvores de uma estrada de Balbec ou, mais simplesmente, no começo desta obra, ao beber uma taça de

chá. Como essa taça de chá, tantas sensações de luz, os ruídos nítidos, as cores estridentes, que Vinteuil

nos enviava do mundo em que compunha, passeavam pela minha imaginação com insistência, porém

rápidas demais para que ela pudesse apreendê-las, algo que eu pudesse comparar à seda balsâmica de

um gerânio. Apenas, ao passo que, na lembrança, esse vago pode ser, se não aprofundado, ao menos

tornado mais nítido graças a um ajuste de circunstâncias que explicam por que um determinado sabor

despertou-nos sensações luminosas, as vagas sensações dadas por Vinteuil, pois que vindas não de

uma lembrança mas de uma impressão (como a dos campanários de Martinville), exigiriam que se

encontrasse, a fragrância de gerânio de sua música, não uma explicação material, mas o alento profundo,

a festa ignorada e colorida (de que as suas obras pareciam os fragmentos dispersos, os estilhaços de

escarlates fraturas), a maneira confinada na qual ele "ouvia" e lançava para fora

de si o universo. Essa

qualidade descoberta de um mundo único, e que nenhum outro músico jamais nos fizera ver, talvez;

resida, dizia eu a Albertine, a prova mais autêntica do gênio, bem mais conteúdo da própria obra.

- Mesmo na literatura? - perguntava Albertine.

Na literatura. - E, repensando na monotonia das obras de Vinteuil, explicava à Albertine que os

grandes literatos nunca fizeram mais que uma única obra melhor, refrataram através dos mais diferentes

meios uma mesma beleza que trazem ao mundo.

- Se não fosse tão tarde, minha pequena - dizia-lhe-, mostraria isso em todos os escritores que

você lê enquanto estou dormindo, trar-lhe-ia a mesma identidade que existe em Vinteuil. Essas frases-

tipos, que principia a reconhecer como eu, minha querida Albertine, e são as mesmas sonatas, no

septeto, nas outras obras, seriam, por exemplo, em Barbey d'Au uma realidade oculta revelada por um

traço material, o rubor fisiológico. *Enfeitiçada, de Aimée de Spens, da Clotte, a mão do Rideau Cramoisi*,

os costumes, os velhos usos, as velhas palavras, os ofícios antigos e singular atrás dos quais existe o

passado, a história oral composta pelos pastores; as nobres cidades normandas recendendo a Inglaterra,

bonitas como a aldeia da Escócia; lançadores de maldições contra as quais não

há remédio. Vel ini, o

pastor, uma mesma sensação de ansiedade numa paisagem, seja em busca do marido em uma velha

amante, ou o marido de *A Enfeitiçada* parecendo o matagal, e a própria *Enfeitiçada* ao sair da missa.

Semelhante ainda frases-tipos as de Vinteuil é aquela geometria do talhador de pedras nos romances de

Thomas Hardy. As frases de Vinteuil me fizeram pensar na "pequena frase", e Albertine que essa fora

como que o hino nacional do amor de Swann e de Odette.

[Aqui Marcel Proust alude a uma cena de magia, no romance *A Enfeitiçada,* em que um pastor tem a

visão terrível com a ajuda de seu espelho. (N. do T)]

- Os pais de Gilberte, que suponho você conheça. Você me disse que ela tinha fama. Não terá

procurado relacionar-se com você? Ela me falou a seu respeito.

- Sim; como os seus pais a mandavam de carro ao curso, quando o tempo muito ruim, creio que

ela me levou um dia até em casa e me beijou - disse eu.

De um instante, rindo, e como se se tratasse de uma confidência divertida me perguntou se eu

gostava de mulheres.- (Mas, se ela apenas julgava ler as cartas que Gilberte levara em casa, como

poderia afirmar com tanta precisão que lhe fizera essa pergunta esquisita?) - E até me veio não sei que

idéia mal de Gilberte mistificá-la, e respondi que sim. - (Dir-se-ia que Albertine

receava que houvesse

contado aquilo e não quisesse que eu verificasse que ela mentia) - não fizemos absolutamente nada. -

(Se haviam trocado essas confidências, era estranho que não tivessem feito nada, sobretudo se antes

disso tinham se beijado no carro, segundo dizia Albertine.) - Ela me levou do mesmo modo umas quatro

ou cinco vezes, talvez um pouco mais, e foi tudo. -

Tive de fazer muito esforço para não indagar coisa alguma, mas, dominando-me, para não parecer

atribuir àquilo qualquer importância, retornei aos talhadores de pedra de Thomas Hardy.

- Lembre-se bem dos talhadores de pedra de *Judas, o obscuro*; viu, em *A Bem-amada*, os blocos

de pedra que o pai retira da ilha, e que, transportados em navios, acumulam-se na oficina do filho, onde

se tornam estátuas; em *Olhos Azuis*, o paralelismo das tumbas, e também a linha paralela do barco, e os

vagões contíguos onde estão os dois apaixonados e a morta; o paralelismo entre *A Bem-amada*, onde o

homem ama três mulheres, e *Olhos Azuis*, em que a mulher ama três homens, etc., e por fim todos esses

romances super disponíveis uns aos outros, como as casas verticalmente amontoadas no chão

pedregoso da ilha? Não posso lhe falar desse jeito dos maiores num só minuto, mas você veria em

Stendhal um certo sentimento de altitude unindo-se à vida espiritual, o local elevado em que Julien Sorel

está prisioneiro, a torre em cujo cimo está encerrado Fabrice, o campanário no qual o abade Blanes se

ocupa de astrologia e de onde Fabrice lança um olhar tão belo. Você me disse que tinha visto certos

quadros de Vermeer; notou bem que são fragmentos de um mesmo mundo, que é sempre, seja qual for o

gênio com que foram recriadas, a mesma mesa, a mesma toalha, a mesma mulher, a mesma nova e

única beleza, enigma para aquela época em que nada se lhe assemelha nem o explica, se buscamos não

aparentá-lo pelos assuntos, mas distinguir a impressão particular que a cor produz. Pois bem, essa

beleza nova permanece idêntica em todas as obras de Dostoievski: a mulher em Dostoievski (tão

particular como uma mulher de Rembrandt), com sua fisionomia misteriosa cuja beleza agradável se

transforma bruscamente, como se ela tivesse representado a comédia da bondade, numa terrível

insolência (apesar de que no fundo pareça ser sobretudo bondosa), não será sempre a mesma, trate-se

de Nastassia Filipovna escrevendo cartas de amor a Aglaé e lhe confessando que a odeia, ou, numa

visita inteiramente idêntica a essa aquela também em que Nastassia Filipovna insulta os pais de Gania-

Gruchenka, tão gentil em casa de Catarina Ivanovna quanto esta a imaginara

terrível, e depois

subitamente revelando a sua malvadez, insultando Catarina Ivanovna (embora Gruchenka no fundo seja

boa). Gruchenka, Natassia, figuras tão originais, tão misteriosas, não só como as cortesãs de Carpaccio

mas como a Betsabé de Rembrandt. Repare como ele certamente só conheceu essa fisionomia brilhante,

dúbia, de súbitas expansões de orgulho que fazem a mulher parecer diversa do que é "Tu não é a

mesma", diz Muichkine a Nastassia na visita aos pais de Gania, e Aliocha veria dizê-la Gruchenka na

visita a Catarina Ivanovna. E, em compensação, do desejo ter "idéias de quadros", elas são sempre

estúpidas e dariam quando muito os quadros em que Munkacsy" gostaria que representassem um como

à morte no momento em que etc., a Virgem Santa no momento em que... Mas, para voltar à beleza nova

que Dostoievski trouxe ao mundo, assim como Vermeer existe a criação de uma certa alma, de uma certa

cor de tecido, lugares, em Dostoievski não existe apenas criação de seres, mas de morada, casa do

Assassinato, no Crime e Castigo, com seu *dvornik* (porteiro), não maravilhosa quanto a obra-prima das

casas do *Assassinato* na obra de Dostoievski essa sombria, e tão comprida e tão alta e tão vasta casa do

Assassinato de Rog onde ele mata Nastassia Filipovna. Essa beleza nova e terrível de uma casa, beleza

nova e mista de um rosto de mulher, eis o que Dostoievski trouxe de único no mundo, e as aproximações

que os críticos literários podem fazer entre ele e entre ele e Paul de Kock, não têm qualquer interesse,

sendo exteriores a essa secreta. Aliás, se eu te disse que de romance em romance se descreve a cena, é

no seio de um mesmo romance que as mesmas cenas e os mesmos personagens se reproduzem caso o

romance seja muito longo. Eu poderia facilmente mostrar-te isso em *Guerra e Paz*, e determinada cena

numa carruagem...

- Não queria interrompê-lo, mas já que vejo que você está abandonando Dostoievski tenho medo

de esquecer. Meu querido, que foi que você quis dizer outro dia, quando falou: "É como o lado

Dostoievski da Sra. de Sévigné"? Confesso que compreendi. Parece-me tão diferente.

- Venha cá, minha pequena, deixe-me dar um beijo em agradecimento por ter lembrado tão bem o

que eu disse, e depois: para a pianola. E confesso que o que havia dito era uma asneira. Mas dissera por

dois motivos. O primeiro é um motivo particular. Sucede que a Sra. de Sévigné como Elstir, como

Dostoievski, em vez de apresentar as coisas em ordem isto é, começando pela causa, mostra-nos

primeiro o efeito, a ilusão que impressiona. É deste modo que Dostoievski apresenta seus personagens

antes destes surgem-nos tão enganadoras como aqueles efeitos de Elstir em quero parece estar no céu.

Ficamos admirados ao saber que um certo homem solta no fundo uma pessoa excelente, ou vice-versa.

- Sim, mas dê um exemplo, da Sra. de Sévigné.

- Confesso - respondi rindo - que é muito forçado, mas eu poderia achar exemplos.

- Mas Dostoievski chegou a assassinar alguém? Todos os romances que conheço dele poderiam

denominar-se História de um Crime. É uma obsessão não é natural que fale sempre disso.

- Não creio, minha Albertine, conheço sua vida. É certo que, como todo mundo, ele conheceu o

pecado sob uma forma ou outra, e provavelmente sob uma forma que as leis proibem. Neste sentido ele

era um tanto criminoso, como seus heróis, que aliás não o são completamente, que são condenados com

circunstâncias atenuantes. E talvez não valesse mesmo a pena que ele fosse criminoso. Não sou

romancista, é possível que os criadores sejam tentados por determinadas formas de vida que não

experimentaram pessoalmente. Se formos juntos a Versalhes, conforme combinamos, eu lhe mostrarei o

retrato de um homem honesto por excelência, homem que foi o melhor dos maridos, Choderlos de Laclos,

que escreveu o mais horrivelmente perverso dos livros, e justo à sua frente o da Sra. de Genlis, que

escreveu contos morais e não se contentou em trair a duquesa de Orléans, mas supliciou-a, dela

afastando os filhos. Mesmo assim, reconheço que em Dostoievski essa preocupação com o assassinato

possui algo de extraordinário e que o faz muito estranho para mim. Já fico estupefato quando ouço

Baudelaire dizer: *Se le voil, le poison, le poignard, Pincendie.../C'est que notre âme, hélas! West pas*

assez hardie. [“Se o estupro, o veneno, o punhal a paixão./ É que, nossa alma infelizmente não é

bastante ousada." Prefácio do mal, de Baudelaire. Há dois versos intercalados entre estes no poema. (N.

do T)]

- Mas pelo menos posso acreditar que Baudelaire não seja sincero. Ao passo que Dostoievski...

Tudo isso me parece tão distante quanto possível, a menos que eu carregue dentro de mim porções que

desconheço, pois não nos realizamos senão sucessivamente. Em Dostoievski encontro poços

extremamente profundos, mas em alguns pontos isolados da alma humana. Mas trata-se de um grande

criador. Primeiro, o mundo que ele retrata tem verdadeiramente o aspecto de ter sido criado por ele.

Todos esses bufões que retornam sem cessar, todos esses Lebedev, Karamázov, Ivolguine, Segrev, esse

cortejo inacreditável, compõem uma humanidade mais fantástica do que a que povoa *A Ronda da noite*,

de Rembrandt. E, contudo, ela talvez só seja fantástica, do mesmo modo, por causa da iluminação e das

roupas, e, no fundo, seja habitual. Em todo caso, ao mesmo tempo ela está cheia de verdades, é

profunda e única, pertencendo unicamente a Dostoievski. Tais bufões dão quase a impressão de um

emprego que não existe mais, como certos personagens da comédia antiga; e, todavia, como revelam

aspectos verdadeiros da alma humana! O que me irrita é a maneira solene com que se fala e escreve

sobre Dostoievski. Já reparou no papel que desempenham o orgulho e o amor-próprio nos seus

personagens? Dir-se-ia que para ele o amor e o ódio mais extremado, a bondade e a traição, a timidez e

a insolência, não passam de dois estados de uma só natureza; o amor-próprio e o orgulho impedem

Aglaé, Nastassia, o capitão de quem Mítia puxa a barba, Krassotkine, o inimigo-amigo de Aliocha, de se

mostrarem como são na realidade. Mas ainda há muitas outras grandezas. Conheço bem pouco os livros

de Dostoievski. Mas não será um motivo escultural e simples, arte mais antiga, uma frisa interrompida e

retomada onde se desenrolaria gança e a Expiação, o crime do pai Karamázov engravidando a pobre;

movimento misterioso, animal, inexplicado, pelo qual a mãe, sendo contra de o instrumento das

vinganças do destino, obedecendo assim obscura seu instinto de mãe, talvez a

um misto de

ressentimento e gratidão física, estuprador, vai dar à luz na casa do pai Karamázov? Este é o primeiro

episódio grande, misterioso, augusto, como uma criação da Mulher nas esculturas e como compensação,

o segundo episódio, mais de vinte anos depois, o neto do pai Karamázov, a infâmia sobre a família

Karamázov porque aquele fica louco, Smerdiákov, seguido pouco após de um mesmo ato tão misteriosa

escultural e inexplicado, de uma beleza tão obscura e natural como o jardim do pai Karamázov, quando

Smerdiákov se enforca depois de praticar o genocídio. Quanto a Dostoievski, eu não o abandonava tanto

como você pensa ao de Tolstoi, que o imitou muito. E existe em Dostoievski, concentrado, ainda

rabugento, muito daquilo que se expandirá em Tolstoi. Existe em Dostoievsky esse mau humor

antecipado dos primitivos que os discípulos irão desanuviar.

- Meu querido. É uma pena que você seja tão preguiçoso. Repare como conheci literatura de um

modo mais interessante do que como nos era ensinada; os que nos mandavam fazer sobre Esther.

"Senhor", você se lembra? - disse ela menos para zombar dos mestres e de si mesma do que pelo prazer

de reencontrar em sua memória, na nossa memória comum, uma lembrança já um tanto anterior.

Mas, enquanto ela me falava, e como eu estivesse pensando em Vinteuil era por sua vez a outra

hipótese, a hipótese materialista, a do Nada, que se arrastava a mim. Então, punha-me a duvidar, dizia

comigo que, afinal de contas; podia ser que se as frases de Vinteuil pareciam a expressão de certos

estados de alma análogos ao que eu experimentara ao provar a *madeleine* mergulhada na xícara de chá-,

nada me garantia que a vagueza de tais estados fosse um sinal de sua profundidade, mas apenas do fato

de ainda não termos sabido analisá-los; portanto, não haveria nada que fosse mais real neles que em

outros. Como bebia aquela felicidade, aquele sentimento de certeza na felicidade, enquanto de chá,

quando respirava nos Champs-Élysées um cheiro de madeira velha, não é nenhuma ilusão. De qualquer

maneira, dizia-me o espírito da dúvida, ainda estados sejam na vida mais profundos que outros, e por

isso mesmo não-analiso, visto que põem em jogo forças demasiadamente numerosas de que ainda não

percebemos, o encanto de certas frases de Vinteuil fez pensar neles por ser não-analisável. Porém isto

não prova que possua a mesma profundidade. A beleza de uma frase de música pura parece facilmente a

imagem, ou pelo menos aparenta-a, de uma impressão inintelectual que tenhamos tido, mas unicamente

porque não é intelectual. E por que então julgamos particularmente profundas

essas frases misteriosas

que freqüentam certos quartetos e aquele "concerto" de Vinteuil? Aliás, não era só a música dele o que

me tocava Albertine; por instantes, a pianola valia para nós como uma lanterna mágica científica (história

e geografia), e, nas paredes daquele quarto de Paris dotado de invenções mais modernas que o de

Combray, eu via, conforme Albertine tocasse Rameau ou Borodine, estender-se ora uma tapeçaria do

século XVIII semeada de Cupidos sobre um fundo de rosas, ora a estepe oriental onde as sonoridades se

abafam no ilimitado das distâncias, e na feltragem da neve. E essas decorações fugitivas eram, de resto,

as únicas do meu quarto, pois se, no momento em que havia herdado da minha tia Léonie, resolvera

possuir coleções como Swann, comprar quadros, estátuas, meu dinheiro era gasto em comprar cavalos,

um automóvel, vestidos para Albertine. Mas não continha o meu quarto uma obra de arte mais preciosa

que essas? Era a própria Albertine. Eu a contemplava. Era-me estranho pensar que se tratava dela, a

quem eu julgara por tanto tempo ser impossível até de conhecer, e que hoje, fera selvagem domesticada,

roseira a quem eu havia fornecido o tutor, a moldura, a latada da sua vida, estava assim assentada, todos

os dias, como se em casa, perto de mim, diante da pianola, encostada à minha estante. Seus ombros,

que eu vira arqueados e sorrateiros quando ela carregava os tacos de golfe, apoiavam-se nos meus

livros. Suas lindas pernas, que no primeiro dia eu imaginara com razão terem pedalado uma bicicleta

durante toda a sua adolescência, faziam subir e descer alternativamente os pedais da pianola, onde

Albertine, hoje com uma elegância que me fazia senti-la mais minha, pois era eu quem lhe proporcionava,

pousava seus sapatos em tecido de ouro. Seus dedos, outrora familiares ao guidom, descansavam agora

sobre as teclas como os de uma santa Cecília; seu pescoço, cujo contorno, visto de minha cama, era

cheio e forte e, àquela distância e sob a luz da lâmpada, parecia no entanto mais róseo do que seu rosto

inclinado de perfil, ao qual meus olhares, vindo das profundezas de mim mesmo, carregados de

lembranças e ardentes de desejo, acrescentavam tamanho brilho, tamanha intensidade de vida, que seu

relevo parecia desprender-se e voltear, com a mesma energia quase mágica que a do dia, no hotel de

Balbec, em que a minha vida se turvou pelo imenso desejo que tive de beijá-la; eu prolongava cada

superfície para além do que podia ver e sob aquela que a ocultava de mim e só me fazia senti-la melhor

as pálpebras que cerravam os olhos a meio, cabeleira que escondia o alto das faces -o relevo desses

planos superpostos. Os olhos, como, num minério onde a opala ainda estivesse

encravada, as duas

únicas plaquetas já polidas, mais resistentes que o metal, brilhando mais que a luz, iam aparecer, no

meio da matéria cega que as desapruma, como que umas asas de borboleta que houvessem colocado

sob um vidro; e os cabelos negros, mostrando outros conjuntos conforme ela se virava para mim para o

que deveria tocar, ora uma asa magnífica, aguda na ponta, larga na base empenada e triangular, ora

condensando o relevo de seus cachos numa variada e robusta, cheia de cristas, de linhas divisórias, de

precipícios, ondulado tão rico e tão múltiplo parecendo ultrapassar a variedade que a natureza

habitualmente elabora, e corresponder mais ao desejo de um escultor que as dificuldades para fazer

ressaltar a flexibilidade, o impulso, o modelado, aí sua realização, e faziam realçar mais, interrompendo-

as para as recobrir animada e com ela a rotação do rosto liso e róseo, do fosco envernizado de madeira

pintada. E, para contraste com tanto relevo, também pela harmonia ligava aos objetos, que adaptara sua

atitude à forma e a utilização deles; que meio a escondia como uma caixa de órgão, a estante -, todo

aquele quarto parecia reduzido a não ser mais que o santuário iluminado, o presente daquele anjo

músico, obra de arte que, dali a pouco, por uma doce magia, ia de seu nicho e oferecer a meus beijos sua

rosada e preciosa substância. Albertine de modo algum era para mim uma obra de arte. Eu sabia o que

era uma mulher do ponto de vista da arte pois conhecera Swann. Por mim aliás, de qualquer mulher que

se tratasse, era incapaz de fazê-lo, visto não em nenhum espírito de observação exterior, não sabendo

jamais aquilo que via, e maravilhado quando Swann acrescentava retrospectivamente para mim

naturalidade artística - comparando-a, ao conversar comigo, assim como se comporta ao fazê-lo

galantemente diante dela, a algum retrato assinado por Luini, fazendo na sua toalete o vestido ou as jóias

de um quadro de Giorgione-a uma mulher que me parecera insignificante. Nada disso ocorria comigo. E

até, para falar ave quando começava a encarar Albertine como um anjo músico maravilhoso patinado,

que eu me felicitava de possuir, ela não demorava a se tornar aparente, eu logo me aborrecia junto dela,

mas esses instantes pouco duram; a gente só ama aquilo em que persegue algo de inacessível, só

amamos o que possuímos, e bem depressa eu voltava a sentir que não possuía Albertine. Nos olhos eu

via passando, ora a esperança, ora a recordação, talvez suas alegrias que não adivinhamos, às quais

neste caso ela preferia renunciar à confessá-las, e que eu, captando-lhes apenas esse lampejo nas

pupilas, negava mais do que o espectador a quem não deixavam entrar na sala, e

que, à vidraça da

porta, não pode distinguir coisa alguma do que se passa no passeio se era este o caso dela, mas é

estranha, como nos mais incrédulos um pouco de crença no Bem, essa perseverança na mentira que têm

todos os traem. Seria escusado dizer-lhes que sua mentira causa mais mágoa que são, escusado que

eles mesmos o percebessem, pois voltariam a mentir logo após, para ficarem de acordo com o que nos

disseram primeiro como o que nos disseram que éramos para eles. É desse modo que um ateu, que se

aferra à vida, deixa-se matar para não desmentir a idéia que fazem sobre sua bravura.

Durante aquelas horas, por vezes eu via flutuar sobre ela, nos seus olhares, no seu sorriso,

quando fazia beicinho, o reflexo desses espetáculos interiores cuja contemplação tornava-a naquelas

noites diferente, distanciada de mim, a quem eram recusados.

- Em que está pensando, minha querida?

- Em nada, ora. -

Às vezes, para responder à censura que lhe fazia por não me dizer nada, ou dizia-me coisas que

não ignorava que eu sabia tão bem como todos (como esses estadistas que não nos anunciariam a mais

ínfima das notícias, mas, em compensação, nos contam o que todos puderam ler nos jornais da véspera),

ou me contava sem qualquer exatidão, numa espécie de falsas confidências, os passeios de bicicleta que

dava em Balbec, um ano antes de me conhecer. E, como se eu tivesse corretamente adivinhado outrora,

inferindo deles que ela deveria ser uma jovem muito livre, realizando longas excursões; a evocação que

ela fazia desses passeios insinuava entre os lábios de Albertine aquele mesmo sorriso misterioso que me

havia seduzido nos primeiros dias, no molhe de Balbec. Também me falava daqueles passeios que dera

com amigos pelos campos da Holanda, de seus regressos a Amsterdã à noite, em horas tardias, quando

uma compacta multidão jovial de pessoas a quem conhecia quase todas, enchia as ruas, as margens dos

canais, cujas luzes inumeráveis e fugidias eu julgava ver se refletindo nos olhos brilhantes de Albertine,

como nas janelas incertas de um carro que passa depressa.

Como a suposta curiosidade estética merecia antes o nome de indiferença junto da curiosidade

dolorosa, infatigável, que eu sentia pelos lugares em que Albertine vivera, pelo que pudesse ter feito em

tal noite, pelos sorrisos e olhares que tivera, pelas palavras que havia dito, pelos beijos que recebera!

Não, nunca o ciúme que um dia tivera de Saint-Loup, caso houvesse persistido, ter-me-ia dado esta

imensa inquietação. Esse amor entre mulheres era algo por demais desconhecido, cujos prazeres e

qualidade nada me permitia imaginar com certeza, com exatidão. Quantas pessoas, quantos lugares

(mesmo os que não se relacionam diretamente a ela, vagos lugares de prazer onde ela o tivesse podido

gozar, lugares onde há muita gente, onde somos bolinados) Albertine como uma pessoa que consegue

fazer passar seus companheiros, toda uma comitiva, pelo porteiro e os introduzir no teatro fizera passar

da entrada da minha imaginação ou da minha lembrança, onde absolutamente não me importavam,

introduzira em meu coração! Agora o conhecimento que eu tinha deles era interno, imediato,

espasmódico, doloroso. O amor é o espaço e o tempo tornados sensíveis ao coração.

No entanto, se eu fosse inteiramente fiel, talvez não tivesse sofrido infidelidades, que seria incapaz

de conceber. Mas o que me torturava imaginar em Albertine, era o meu próprio desejo permanente de

agradar novas mulheres; esboçar novos romances; era de lhe supor aquele olhar que eu outro dia não

pude, mesmo a seu lado, evitar de lançar sobre as jovens ciclistas sentadas às mesas do Bois de

Boulogne. Assim como só se tem conhecimento de si mesmo, quase se pode dizer que só temos ciúmes

de nós mesmos. A observação vale pouco, somente do prazer sentido por nós mesmos é que podemos

extrair conhecimento e dor.

Por momentos, nos olhos de Albertine, no súbito rubor de sua face sentia passar furtivamente

como que um raio de calor nas regiões mais inacessíveis para mim e onde evoluíam as lembranças de

Albertine, para mim desconhecidas. Então aquela beleza que, ao pensar nos anos sucessivos em que

havia conhecido Albertine, seja na praia de Balbec, seja em Paris, eu achara nela ainda há pouco; e que

consistia no fato de que minha amiga se desenvolvia em tantos planos; continha em si tantos dias

transcorridos; aquela beleza adquiria para mim algo dilacerante. Então, sob aquele rosto ruborizado, eu

sentia cavar-se, como um abismo, o inexaurível espaço das noites em que não conhecera ainda

Albertine; que eu podia sentar Albertine em meus joelhos; segurar seu rosto em minhas mãos; podia

acariciá-la, passar longamente as mãos por ela; mas, como se se manuseando uma pedra que a

salinidade de oceanos imemoriais; ou o raio de uma estrela, percebia que apenas tocava o envoltório

fechado de uma criatura que pelo interior alcançava o infinito. Quanto sofria eu nessa posição a que

reduziu o esquecimento da natureza que, instituindo a divisão dos corpos, pensou em vão, tornar possível

a interpenetração das almas! Eu não me dava conta que Albertine não era sequer para mim (pois, se o

seu corpo estava em meu seu pensamento fugia ao domínio do meu) a

maravilhosa cativa com quem

pensara enriquecer a minha casa, escondendo tão perfeitamente a sua presença, mesmo aos que

vinham me visitar; que não desconfiavam estivesse na extremidade do corredor, no quarto vizinho-como

aquele personagem que todos imaginavam mantivesse fechada numa garrafa a princesa da China;

convidando-me de modo insistente, cruel e sem saída, à procura do passado, ela era antes como uma

grande deusa do Tempo. Se foi necessário que eu perdesse com ela muito da minha fortuna - e, contanto

que eu possa dizer, o que infelizmente não é certo, ela nada perdeu -, não tenho nada a lamentar. É claro

que a solidão teria valido, seria mais fecunda e menos dolorosa. Mas a vida de colecionador que me

aconselhava Swann, que o Sr. de Charlus me censurava não conhecer, quando, num misto de espírito,

gosto e insolência, me dizia: "Como tudo é feio em sua casal"-, estátuas, que quadros longamente

desejados, por fim possuídos, ou até, na melhor das hipóteses, contemplados com desinteresse, me

teriam dado, como a ferida; que cicatrizava bem depressa, mas que a falta de jeito inconsciente de

Albertine; de pessoas indiferentes, ou de meus próprios pensamentos, não tardava a reabrir, o acesso

àquela saída para fora de mim mesmo; esse caminho de comunicação privado, mas que leva à estrada

real por onde passa o que só conhecemos do dia em que sofremos por causa dela a vida dos outros?

Às vezes fazia um luar tão lindo, que mais ou menos uma hora depois de Albertine ter se deitado,

eu ia até sua cama para lhe dizer que olhasse pela janela. Tenho certeza de que era para isso que eu ia

ao seu quarto, e não para me certificar de que lá estivesse mesmo. Aparentemente, como poderia e

desejaria fugir? Teria sido necessário um conluio inverossímil com Françoise. Na escuridão do quarto eu

só via, na brancura do travesseiro, um fino diadema de cabelos negros. Porém ouvia a respiração de

Albertine. Seu sono era tão profundo que hesitei em chegar ao pé da cama; depois, sentei-me na beirada;

o sono continuava a decorrer no mesmo murmúrio. Era impossível dizer até que ponto seus despertares

eram alegres. Eu beijava-a, sacudia-a. E logo ela deixava de dormir e, sem o intervalo de um só

momento, estalava o riso e dizia-me, passando os braços em torno ao meu pescoço:

- Estava justamente imaginando se você vinha ou não - e ria cada vez mais, carinhosamente.

Dir-se-ia que sua cabeça encantadora, quando ela dormia, só estivesse cheia de alegria, de

ternura e riso. E, despertando-a, eu só fizera, como quando se abre uma fruta, espremer o sumo que

escorre e que mata a sede.

Todavia, o inverno findava; voltou o bom tempo, e muitas vezes, logo que Albertine se despedia,

estando ainda no meu quarto, as cortinas e a parede acima delas inteiramente escuros, eu ouvia no

jardim das religiosas vizinhas, rica e preciosa no silêncio com um harmônio de igreja, a modulação de um

pássaro desconhecido que, ao modo lídio, já cantava matinas e, no meio de minhas trevas, introduzia a

rica nota deslumbrante do sol que estava vendo.

[Lídio: modo (escala) religioso da Idade Média, que vai de fá a fá. (N. do T.)]

Em breve as noites diminuíram e antes das horas antigas da manhã eu já via atravessar as

cortinas da minha janela a brancura diariamente aumentada do dia. Se me resignava a deixar que

Albertine continuasse levando aquela vida em que, apesar de suas negativas, eu sentia que ela se

julgava uma prisioneira, era somente porque cada dia estava certo de que no dia seguinte poderia, ao

mesmo tempo que começar a trabalhar, levantar-me, sair, preparar uma viagem à alguma propriedade

que compraríamos e onde Albertine poderia levar mais livremente, e sem inquietação para mim, a vida do

campo ou do mar, de navegação ou de caça, que lhe agradava.

Porém no dia seguinte, naquele tempo passado que eu alternadamente amava e detestava em

Albertine (como, quando ele é o presente, e, entre ele e nós, todos ou por

interesse, ou por polidez ou

piedade, cuidam de tecer uma cortina de mentiras que julgamos ser a realidade), acontecia que uma das

horas que o compunham e até daquelas que eu acreditava conhecer, apresentava-me de súbito,

respectivamente, um aspecto que já não tentavam ocultar-me e que era bem diferente daquele sob o qual

me havia aparecido antes. Por detrás de um certo olhar, do bom pensamento que eu imaginara ver nele

antigamente, estava um até então insuspeitado, que se revelava, alienando-me uma nova parte daquele e

de Albertine que eu julgara ter assimilado ao meu. Por exemplo, quando deixara Balbec, no mês de julho,

Albertine nunca me dissera que deveria vê-la em breve; e eu pensava que iria tornar a vê-la mais cedo

até do que imaginara; devido à grande tristeza que eu tivera em Balbec naquela noite de 14 de setembro

ela me fizera o sacrifício de não ficar e de voltar imediatamente à Paris. Quando chegara, no dia 15, eu

lhe pedira que fosse ver Andrée e lhe havia dito:

- Ela ficara contente em rever você? - Pois agora a Sra. Bontemps tinha vindo trazer alguma coisa

para Albertine; esteve com ela por um minuto e disse que Albertine ia sair com Andrée:

- Foram passear no campo?

- Sim - respondeu a Sra. Bontemps. - Albertine não é exigente em matéria de

passeios no campo.

Assim, há três anos tinha ido todos os dias aos Buttes-Chaumont. - A esse nome de Buttes-Chaumont,

Albertine me havia dito que nunca fora, perdi o fôlego por um instante. A realidade é o mais hábil dos

inimigos. Desfecha seus ataques sobre o ponto do coração, não os esperávamos e onde não tínhamos

estabelecido uma defesa. Teria Albertine mentido à tia, dizendo-lhe que ia todos os dias aos Buttes-

Chaumont, e à mim, ao me confessar que não os conhecia? - Felizmente - acrescentou Bontemps - essa

pobre Andrée vai partir em breve para uma região mais saudável, para o verdadeiro campo, e ela bem

que precisa disso, anda tão abatida. É verdade que este ano ela não teve tempo de desfrutar do ar livre

no verão que precisava. Imagine que deixou Balbec em fins de julho tencionando voltar em setembro;

mas, como o irmão destroncou o joelho, ela não pôde voltar.-

Albertine a esperava em Balbec e me ocultou isso! É certo que fora tão amável em ter-me

proposto voltar. A menos que...

- Sim, lembro-me que Albertine falou disso... (o que não era verdade). Quando então ocorreu o tal

acidente? Tudo isto anda um tanto confuso na minha cabeça.

Mas sob um aspecto veio na certa, pois um dia mais tarde o aluguel da vivenda teria começado a

correr e Andrée teria sido obrigada a pagar um mês inutilmente. Ele quebrou a perna em 14 de setembro,

ela teve tempo de telegrafar à Albertine no dia 15 de manhã dizendo que não viria, e Albertine pôde

avisar a agência. Um dia depois, e o aluguel corria até 15 de outubro.

Assim, sem dúvida, quando Albertine, mudando de opinião, dissera-me:

- Partimos esta noite - o que ela tinha em vista era um apartamento que não conhecia, o da avó de

Andrée, onde desde o nosso regresso iria poder entrar com a amiga, que, sem que eu desconfiasse, ela

pensara rever brevemente em Balbec. As palavras tão amáveis que tivera, para voltar comigo, em

contraste, sua teimosa recusa de pouco antes, buscara eu atribuí-las a uma reviravolta de bom coração.

Mas eram simplesmente o reflexo de uma mudança ocorrida numa situação que não conhecemos, e que

significa todo o segredo da variação da conduta das mulheres que não nos amam. Elas nos recusam

obstinadamente um encontro para o dia seguinte porque se acham cansadas, porque o avô exige que

jantem na casa dele.

- Mas venha depois insistimos.

- Ele me prende até bem tarde. Poderá querer me acompanhar. -

Simplesmente elas têm um encontro com alguém que lhes agrada. De repente, este já não está

livre. E elas vêm dizer-nos que lamentam nos ter magoado, que se livraram do

avô, que ficarão conosco,

pouco se importando com o resto. Eu deveria ter reconhecido estas frases na linguagem com que se

expressara Albertine no dia da minha partida, em Balbec. Entretanto, talvez só devesse reconhecê-la,

mas, para interpretar essa linguagem, precisaria lembrar-me de dois traços particulares do caráter de

Albertine. Dois traços do caráter de Albertine me voltaram ao espírito naquele momento, um para me

consolar e o outro para me desolar, pois encontramos de tudo na nossa memória: ela é uma espécie de

farmácia, de laboratório de química, onde pomos a mão ao acaso, ora numa droga calmante, ora num

veneno perigoso. O primeiro traço, o consolador, foi aquele hábito de fazer uma mesma ação servir para

o agrado de várias pessoas, aquele emprego múltiplo do que ela fazia, bem característico de Albertine.

Era bem próprio do seu caráter. Voltando à Paris (o fato de que Andrée não voltaria à Balbec podia

tornar-lhe incômoda a sua permanência lá sem que isso significasse que não podia passar sem Andrée),

tirar de uma só viagem a ocasião para sensibilizar duas pessoas a quem amava com sinceridade: a mim,

fazendo-me acreditar que assim agia para não me deixar sozinho, para que eu não sofresse, por

devotamento para comigo; e a Andrée, convencendo-a de que, desde o momento em que esta não

voltava a Balbec, não desejava ficar ali nem mais um só momento, que só havia prolongado a sua estada

para vê-la e que no mesmo instante corria para junto dela. Ora, a partida de Albertine em minha

companhia ocorrera, com efeito, de modo tão imediato, de um lado, à tristeza porque eu passara, ao meu

desejo de voltar a Paris, e portanto, ao telegrama de Andrée, que era bem natural que Andrée e eu,

ignorando respectivamente, ela o meu desgosto, eu o seu telegrama, tivéssemos acreditado que a partida

de Albertine era a conseqüência da causa única que cada um conhecia e que a ela se seguia com tão

poucas horas de intervalo e tão repentinamente. E nesse caso eu ainda podia crer que acompanhar-me

fora o objetivo real de Albertine, que todavia não quisera desprezar uma oportunidade de granjear o

reconhecimento de Andrée. Mas infelizmente lembrei-me logo de outro aspecto do caráter de Albertine, e

que era a vivacidade com que se deixava empolgar pela tentação irresistível de um prazer. Ora, eu me

lembrava, quando ela decidiu partir, da impaciência que tinha de chegar ao trem, como empurrara o

gerente do hotel, que, tentando nos reter, poderia nos fazer perder o trem; o dar de ombros cúmplice que

me fazia e com que eu ficara tão comovido; quando, no "tortinho", o Sr. de Cambremer nos perguntara se

não podíamos ir para a semana seguinte. Sim, o que ela via ante os olhos naquele

momento a tornava

tão impaciente por ir-se embora, o que estava impaciente por rever; o apartamento desabitado que eu

vira uma vez, e que pertencia à avó, de um apartamento luxuoso aos cuidados de um velho lacaio, virado

para o sul tão vazio, tão silencioso, que o sol parecia pôr capas no canapé, nas poltronas; os quartos em

que Albertine e Andrée pediam ao guardião respeitoso, talvez um cúmplice, que as deixasse repousar.

Agora eu via o tempo todo esse apartamento, vazio, com uma cama canapé, uma criada simplória ou

cúmplice, e para onde, cada vez que Albertine parecia apressada e séria, partia para encontrar-se com a

amiga, que chegara antes dela, pois era mais livre. Até então, eu jamais pensara naquele momento, que

para mim assumia agora uma beleza horrível. O desconhecido das criaturas é como o da natureza, que

cada descoberta não só faz recuar, mas elimina. Um ciumento exaspera aquela a quem ama, privando-a

de mil prazeres sem importância. Mas aqueles que representam a base da vida da amada, resguarda

num lugar onde, nos momentos em que a inteligência dele julgam de grande perspicácia e onde os

terceiros melhores o informam, o que não imagina. Afinal, pelo menos, Andrée ia partir. Mas eu não

queria que Albertine pudesse me desprezar por ter feito papel de tolo diante dela e de Andrée. E um dia

ou outro haveria de dizer-lhe. E assim talvez a forçaria a me falar com mais franqueza coisas que me

ocultava. Mas não queria lhe falar daquilo ainda, primeiro que, sendo muito recente a visita de sua tia, ela

teria compreendido de onde viera a informação, teria calado essa fonte e não recearia outras

desconhecidas. Depois, porque eu não queria, enquanto não estivesse absolutamente guardado de

Albertine pelo tempo que desejasse, arriscar-me a lhe causar cóleras incisivas que poderiam ter como

resultado fazê-la desejar abandonar-me. É verdade que se eu raciocinava, buscava a verdade e

prognosticava o futuro segundo suas palavras, que aprovavam sempre todos os meus projetos e

exprimiam o que amava nessa vida, quanto a sua clausura a privava de pouco, era porque não desejava

que ela permanecesse para sempre a meu lado. E me sentia até bastante aborrecido, sentia que a vida, o

universo, de que jamais havia desfrutado, escapava; em troca de uma mulher em que eu já não podia

encontrar nada de novo, podia sequer ir à Veneza onde, enquanto eu estivesse na cama, seria torturado

pelo temor das propostas que lhe poderiam fazer o gondoleiro, os gados do hotel, as venezianas. Mas se,

pelo contrário, eu raciocinava conforme outra hipótese, a que se apoiava não nas palavras de Albertine,

mas nos sim nos olhares, nos rubores, nos amuados, e até nas cóleras, de que me

teria sido melhor fingir

que não os percebia, então eu dizia comigo que essa vida insuportável, que durante o tempo inteiro ela

se via privada do que gostava, fatalmente me abandonaria um dia. Tudo o que eu desejava, se ela me

deixasse, era poder escolher o momento, um momento em que aquilo já não me fosse penoso, e depois

numa época em que ela não pudesse ir a nenhum dos lugares onde eu imaginava suas devassidões,

nem à Amsterdã, nem à casa de Andrée, nem à da Srta. Vinteuil que, é bem verdade, ela iria encontrar

alguns meses mais tarde. Mas até lá eu me teria acalmado e aquilo me seria indiferente. Em todo caso,

era preciso esperar, para pensar nisso, que eu me curasse da pequena recaída provocada pela

descoberta dos motivos pelos quais Albertine, com poucas horas de intervalo, não quisera e depois

quisera imediatamente deixar Balbec; era preciso deixar o tempo fazer desaparecer os sintomas, que não

podiam deixar de ir se atenuando se eu não soubesse de nada novo, mas ainda demasiado agudos para

não tornar mais dolorosa, mais difícil, uma operação de ruptura que agora reconhecia como inevitável,

mas de modo algum urgente, e que era preferível realizar "a frio". Dessa escolha, no momento, era eu o

senhor; pois, se ela queria partir antes que eu o tivesse decidido, no momento em que me anunciasse

que estava farta daquela vida sempre haveria tempo para tomar providências visando a combater suas

razões, para lhe dar mais liberdade, prometer-lhe um grande prazer próximo que ela mesma desejaria

ficar aguardando, e até, se eu só achasse recursos em seu coração, confessar-lhe meu desgosto.

Portanto, estava bem sossegado sob esse aspecto, não sendo nisso, aliás, muito lógico comigo mesmo.

Pois, numa hipótese em que eu não levava precisamente em conta certas coisas que ela me dizia e

anunciava, supunha que, quando se tratasse de sua partida, ela me daria previamente seus motivos,

deixando-me combatê-los e liquidá-los.

Sentia que minha vida com Albertine não era, por um lado, quando não estava enciumado, senão

aborrecimento; por outro, quando me enciumava, era apenas sofrer. Supondo que existisse felicidade,

esta não poderia durar. No mesmo espírito de sensatez que me inspirava em Balbec na noite em que

tínhamos sido felizes após a visita da Sra. de Cambremer, eu queria deixá-la porque não ganharia nada

em prolongar aquela situação. Apenas, ainda agora, imaginava que a lembrança que guardaria dela seria

como uma espécie de vibração prolongada por um pedal do último minuto da nossa separação. Assim,

fazia questão de escolher um minuto suave, para que fosse ele quem continuasse a vibrar em mim. Não

convinha ser muito exigente, esperar muito; era preciso ser ajuizado. E, todavia, tendo esperado tanto,

seria loucura não saber aguardar alguns dias a mais, até que se oferecesse um minuto aceitável, em vez

de me arriscar a vê-la partir com essa mesma revolta que eu tinha outrora quando mamãe se afastava da

minha cama sem me dar boa noite de novo, ou quando me dizia adeus na estação. Multiplicava ao acaso

as gentilezas que podia lhe fazer. Quanto aos chambres de Fortuny, nós nos decidimos afinal por um azul

e dourado com forro cor-de-rosa, terminado há pouco. E mesmo assim eu encomendara aos outros cinco

a que ela havia renunciado em ter, por dar preferência àquele.

No entanto, com a chegada da primavera, passados dois meses que me dissera a sua tia, certa

noite deixei-me levar pela cólera. Foi exatamente quando Albertine pusera pela primeira vez o chambre

azul e dourado de Fortuny; recordando-me Veneza, fazia-me sentir mais ainda o que eu sacrificava por

não se mostrava agradecida de modo algum. Se nunca fora a Veneza, sonhava com ela sem cessar

desde aquelas férias da Páscoa, quando, ainda criança, devia ter passado lá, e desde antes ainda,

através das gravuras de Ticiano e das de Giotto que Swann me dera outrora em Combray. O chambre de

Fortuny que Albertine usava naquela noite me parecia como a sombra tentadora dessa Veneza invisível.

Era todo cheio de ornamentação árabe como Veneza, como os palácios de dissimulados à maneira de

sultanas por detrás de um véu de pedra coberto, como as encadernações da Biblioteca Ambrosiana,

como as colunas de pássaros orientais que significam alternativamente morte e vida se repetindo na

cintilação do tecido, de um azul profundo que, à medida que meu olhar nele alcançava, transmudava-se

em ouro maleável por essas mesmas transmutações, diante da gôndola que avança, mudam em metal

flamejante o azul do Grande Canal. E as mangas eram forradas de um róseo cereja que é tão

particularmente veneziano que se denominava rosa Tiepolo. [Referência ao pintor veneziano Giambattista

Tiepolo (1696-1770). (N. do T)]

De dia, Françoise deixara escapar diante de mim que Albertine estava contente de tudo; que,

quando eu lhe mandava dizer que sairia com ela, ou que sairia, que o automóvel viria buscá-la, ou não

viria, ela quase que dava de ombros; mal respondia com polidez. Àquela noite, em que me sentia de mau

humor, primeiro o calor me havia enervado, não pude sofrear minha cólera e censurar-lhe a ingratidão:

- Sim, você pode perguntar a todo mundo - berrei com todas as minhas forças, fora de mim -, pode

perguntar a Françoise, é do conhecimento geral. -

Mas logo me lembrei que certa vez Albertine me dissera o quanto era terrível nos momentos de

cólera, e aplicara a mim os versos de Esther: *Jugez combien ce front irrité contre moi/ Dans non âme*

troublée a dû jeter d'émoi.../Hélas! Sans frissonner quel coeur audacieux/ Soutiendrait les éclairs qui

partent de vos yeux?

[“*Pensei o quanto essa fronte irritada contra mim / Deve ter lançado o medo em minha alma assustada-,*

de mim! Que coração animoso / sustentaria sem tremer os raios despedidos pelo vosso olhar? " (Esther,

ato VII, com pequenas alterações). (N. do T)]

Envergonhei-me da minha violência. E, para desfazer o que fizera, contudo me dar por vencido, de

forma que minha paz fosse uma paz armada e temível ao mesmo tempo que me parecia útil mostrar que

eu não receava um rompimento, a fim de que ela não tivesse tal idéia:

- Perdoe-me, minha querida Albertine, estou envergonhado da minha violência, estou

desesperado. Se já não podemos nos entender, se devemos nos separar, não é preciso ser deste modo,

isso não seria digno de nós. Nós nos separaremos, se for necessário, mas antes de tudo, faço questão de

lhe pedir humildemente que me perdoe, de todo o meu coração. -

Imaginei que, para reparar aquilo e me assegurar de seus projetos de se ir embora nos dias

próximos e pelo menos até que Andrée partisse, o que se daria dentro de três semanas, seria bom que

logo no dia seguinte eu procurasse algum prazer melhor dos que ela tivera até agora, e de bem remota

realização. Assim, já que eu ia desfazer o aborrecimento que lhe causara, talvez procedesse

acertadamente em aproveitar aquela ocasião para lhe mostrar que conhecia sua vida melhor do que ela

pensava. O mau humor que ela sentisse se desfaria amanhã diante das minhas amabilidades, mas o

aviso permaneceria em seu espírito.

- Sim, minha pequena Albertine, perdoe-me se fui violento. Não sou inteiramente culpado como

pensa. Há pessoas malvadas que procuram nos intrigar, eu jamais quis falar nisso para não atormentá-la

e às vezes acabo ficando desatinado com algumas denúncias. - E, querendo me valer do fato de que ia

poder mostrar como estava ciente do que respeitava à partida de Balbec: - Escute, você sabia que a Srta.

Vinteuil devia ir à casa da Sra. Verdurin na tarde em que você tinha ido ao Trocadero. -

Ela enrubesceu.

- Sim, sabia.

- Pode me jurar que não era para reatar relações com ela?

- Mas é claro que posso lhe jurar. Porque "reatar"? Nunca tive relações com ela, juro-lhe.-

Eu me sentia magoado por ouvir Albertine mentir-me desse modo, negar-me a evidência que seu

rubor já confessara demais. Sua falsidade me afligia. E no entanto, como abrangia um protesto de

inocência no qual, sem o perceber, estava prestes a acreditar, fez-me menos mal que sua sinceridade

quando, tendo-lhe perguntado:

- Pode ao menos me jurar que o prazer de rever a Srta. Vinteuil não pesaria em nada no seu

desejo de ir àquela vesperal na casa da Sra. Verdurin? -

Ela respondeu:

- Não, isso eu não posso jurar. Eu tinha grande prazer em rever a Srta. Vinteuil. -

Um momento antes, eu lhe queria mal por dissimular suas relações com a Srta. Vinteuil; e agora, a

confissão do prazer que ela teria em vê-la me partia braços e pernas. Sem dúvida, quando Albertine me

dissera, logo que eu regressara da casa dos Verdurin:

- Não deveriam receber a Srta. Vinteuil? - fizera renascer todo o meu sofrimento ao me provar que

sabia da sua vinda. Mas é claro que desde então eu raciocinara assim: "Ela sabia da sua vinda, que não

lhe dava nenhum tipo de prazer, mas como deve ter compreendido de imediato que fora a revelação de

que ela conhecia uma pessoa de tão má reputação como a Srta. Vinteuil o que de tal modo me havia

desesperado em Balbec, a ponto de me fazer pensar em suicídio, não quis me

falar dela." E depois, eis

que ela era obrigada a me confessar que aquela vinda lhe dava prazer disso o seu jeito misterioso de

querer ir aos Verdurin deveria ter sido prova bastante para mim. Mas eu não pensara muito mais naquilo.

Assim, como dissesse a mim mesmo agora: "Por que será que ela só confessa pela metade, é ainda mais

idiota do que mau ou triste", sentia-me de tal maneira esmagado e não tive coragem de insistir no

assunto, no qual não me saíra bem, pois não tinha nenhum documento revelador e, para recuperar minha

ascendência diante ela, apressei-me a passar ao tema de Andrée, que me permitiria levar Albertine na

parede mediante a esmagadora revelação do telegrama de Andrée.

- Escute eu -, agora mesmo me atormentam e me perseguem falando de novo dessas relações,

mas com Andrée.

- Com Andrée?! - exclamou ela.

O mau humor lhe molhava o rosto. E o espanto, ou a vontade de parecer espantada, lhe

esbugalhou os olhos.

- Essa é ótima! E pode-se saber quem lhe disse estas belas mentiras. Poderei falar com tais

pessoas, saber em que baseiam suas infâmias?

- Pequena Albertine, não sei, são cartas anônimas, mas de pessoas que você descubra facilmente

(para lhe mostrar que não receava que ela procurasse), devem conhecê-la muito bem. Confesso-lhe que

a última (cito-lhe essa justamente porque se trata de uma ninharia e por não conter nada de penoso para

dizer), de tudo, deixou-me exasperado. Dizia que, se no dia em que deixamos Balbec primeiro quis ficar e

logo desejou partir, foi porque nesse intervalo havia recebido uma carta de Andrée dizendo que não ia a

Balbec.

- Sei muito bem que Andrée, escreveu que não ia, chegou mesmo a telegrafar; não posso lhe

mostrar o telegrama pois não o guardei, mas não era naquele dia; aliás, mesmo que tivesse sido nesse

dia, que interesse você queria que houvesse para mim que Andrée fosse ou não à Balbec?

Aquele "que interesse você queria que houvesse" era uma demonstração de cólera e de que

"havia interesse", mas não necessariamente uma prova que Albertine voltara unicamente movida pelo

desejo de rever Andrée. Todas as vezes que Albertine via que um dos motivos reais ou pretensos de um

de seus era descoberto por uma pessoa a quem dera um motivo diverso para esse ato se encolerizava,

ainda que a pessoa fosse aquela para a qual na verdade finalizasse aquele ato. Que Albertine

acreditasse que essas informações sobre o que ela fazia: provinham de anônimos que as enviavam por

conta própria, mas que eu me solicitava com avidez, isso não se poderia de forma alguma deduzir das

palavras que me disse em seguida, em que parecia aceitar minha versão das cartas; porém de seu ar de

cólera contra mim, cólera que só parecia ser a explicada por seus maus humores precedentes,

exatamente como a espionagem que ela, na hipótese, teria acreditado que eu praticara, só teria sido a

conseqüência de vigilância de todos os seus atos, vigilância de que já devia ter certeza havia tempo. Sua

cólera chegou a estender-se à Andrée, e sem dúvida pensando agora eu não mais ficaria tranqüilo

mesmo quando ela saísse com Andrée:-

- Andrée me exaspera. É cansativa. Ela volta amanhã. Não quero mais sair com ela. Pode

anunciar às pessoas que lhe disseram ter eu voltado a Paris por causa dela. Se eu lhe dissesse que faz

tantos anos que conheço Andrée, e não saberia lhe dizer como é a cara dela, tão poucas vezes que a

tenho olhado! -

Ora, em Balbec, no primeiro ano, ela me dissera:

- Andrée é encantadora. -

É verdade que isto não queria dizer que Albertine tivesse relações amorosas com Andrée, e eu

até, naquele tempo nunca a ouvira falar a não ser com indignação de todas as relações desse tipo. Mas

não poderia ela ter mudado, mesmo sem perceber que mudara, não considerando que seus brinquedos

com uma amiga fossem a mesma coisa que as relações imorais, bem pouco precisas em seu espírito,

que ela condenava nos outros? Não seria possível tal coisa, visto que essa mesma mudança e a mesma

inconsciência da mudança se haviam produzido em suas relações comigo, cujos beijos ela repelira com

tanta indignação, beijos que ela própria devia me dar em seguida, diariamente, e que, conforme eu

esperava, dar-me-ia ainda por muito tempo, bem como iria dar-me dentro de alguns instantes?

- Mas, minha querida, como quer que lhes anuncie, já que não os conheço?-

Esta resposta era tão decisiva que deveria ter dissipado as dúvidas e objeções que eu via

cristalizadas nas pupilas de Albertine. Porém deixou-as intactas; eu me calara e, no entanto, ela

continuava a me encarar com essa atenção persistente que prestamos a alguém que não acabou de

falar. Pedi-lhe perdão de novo. Respondeu que nada tinha a me perdoar. Voltara a mostrar-se muito

meiga. Mas, sob a sua fisionomia triste e abatida, pareceu-me que se formara um segredo. Sabia muito

bem que ela não podia abandonar-me sem aviso; além do mais, não podia sequer desejá-lo (dentro de

oito dias deveria experimentar os novos vestidos do Fortuny), nem fazê-lo com decência, pois minha mãe

regressaria no fim de semana, e a tia de Albertine também. Por que, visto ser impossível a sua partida,

repeti-lhe várias vezes que sairíamos juntos no dia seguinte para ir ver uns cristais de Veneza que eu

queria lhe dar, e fiquei aliviado ao ouvi-la dizer que sim, que estava combinado? Quando ela veio me dar

boa-noite e a beijei, ela não fez como de hábito, virou a cara - e foi apenas alguns instantes depois do

momento em que pensei naquela doçura que ela me dava todas as noites o que havia recusado em

Balbec - não retribuiu o meu beijo. Dir-se-ia que, zangada comigo, não queria me dar um sinal de ternura

que mais tarde pudesse me parecer uma falsidade que desmentisse aquela zanga. Dir-se-ia que

adequava seus atos a essa zanga e contudo com cautela, seja para não proclamá-la, seja porque,

rompendo as relações carnais comigo, desejasse todavia continuar minha amiga. Beijei-a então pela

segunda vez, apertando de encontro ao coração o azul faiscante e dourado do Grande Canal e os

pássaros acasalados, símbolos de morte e ressurreição. Mas uma segunda vez, em lugar de me

conceder um beijo, ela se afastou com o tipo de obstinação instintiva e nefasta dos animais que

pressentem a morte. Tal pressentimento que ela parecia traduzir também me atingiu, enchendo-me de

um temor tão magoado que, quando Albertine chegou à porta, não tive coragem

de deixá-la ir-se.

Chamei-a de volta:

- Albertine – disse -, não tenho sono. Se você também não tiver vontade de dormir, poderia ficar

ainda um pouco, se quiser; mas não quiser, não a impeço, principalmente não quero que se canse.-

Julgava que se pudesse fazê-la deitar e tê-la em sua camisola branca, na qual ela parecia mais

rósea, mais quente, irritava mais os meus sentidos, a reconciliação teria sido mais completa; vacilei um

momento, pois a orla azul do chambre acrescentava-lhe ao rosto uma beleza, uma iluminação, um céu,

sem os quais teria me parecido mais duro. Voltou lentamente e me disse com muita doçura e sempre com

o mesmo triste e abatido:

- Posso ficar o tempo que você quiser, não estou com sono.

A resposta me acalmou, pois, enquanto ela estivesse ali, eu sentia poder refletir o futuro e nela

havia também amizade e obediência, mas de uma certa natureza que me parecia ter por limite aquele

segredo que eu sentia por trás do seu tristonho, de suas maneiras mudadas, um tanto sem ela querer, um

tanto de dúvida, para pô-los previamente de harmonia com alguma coisa que eu ignorava. Ainda assim,

pareceu-me que só tendo-a toda de branco, o colo nu, diante de mim - como a tinha visto em Balbec em

seu leito, me sentiria com suficiente audácia obrigá-la a ceder.

- Já que você é tão gentil em ficar mais um pouco para me consolar, deveria tirar a roupa, ela é

muito quente, muito retesada, não me deixa chegar mais perto para não amarrotar este belo tecido; e há

entre nós esses rostos fatídicos. Dispa-se, minha querida.

- Não, não seria cômodo tirar a roupa. Vou despir-me no meu quarto, daqui a pouco.

- Então nem mesmo quer sentar-se na minha cama?

- Claro que sim.-

Mas ela permaneceu um pouco distante aos meus pés. Conversamos. De repente ouvimos a

cadência regular de um chiado queixoso. Eram os pombos que principiavam a arrulhar.

- Isto prova que já é dia - disse Albertine; e de cenho franzido, como se deixasse de lado, vivendo

em minha casa, sem os prazeres da bela estação: - A primavera começou, já que os pombos voltaram. -

A semelhança entre aquele arrulho e o canto do galo era tão profundo, tão obscura quanto, no

septeto de Vinteuil, a existente entre o tema do adágio erguido sobre o mesmo tema-chave do primeiro e

do último trecho, mas de modo transformado pelas diferenças de tonalidade, de medida, etc., que o

público profano, se por acaso abre uma obra acerca de Vinteuil, fica espantado ao ver todos os três são

erguidos sobre as mesmas quatro notas, que aliás pode com um só dedo ao piano sem topar com

nenhum dos três trechos. Assim, o trecho melancólico executado pelos pombos era uma espécie de

canto de galo em tom menor, que não subia para o céu nem se erguia verticalmente, mas, regia como o

zurro do asno, envolto em doçura, ia de um pombo a outro numa linha horizontal, e jamais se aprumava,

não mudava o seu queixume lateral, radioso apelo que tantas vezes o *al egro* da introdução e o final

haviam lançado. Sei que na ocasião pronunciei a palavra "morte", como se Albertine fosse morrer. Parece

que os acontecimentos são mais vastos do que o momento em que ocorrem, não podendo caber

completamente nele. Certo, que transbordam para o futuro devido à memória que deles guardamos, mas

também pedem um espaço ao Tempo que os antecede. Certo, dir-se-á que não os vemos então como

virão a ser, mas não são eles igualmente modificados na lembrança?

Quando vi que por si mesma ela não me beijaria, compreendendo que tudo aquilo era tempo

perdido e que somente a partir do beijo é que principiariam os minutos calmantes e verdadeiros, disse-

lhe:

- Boa-noite, é bem tarde -, pois isso a faria beijar-me e continuaríamos juntos a seguir. Mas depois

de me ter dito:

- Boa-noite, trate de dormir bem - exatamente como das duas primeiras vezes, ela se contentou

com um beijo no rosto. Desta vez não me animei a chamá-la. Mas meu coração batia com tanta força que

não pude deitar de novo. Como um pássaro que vai de uma extremidade a outra da gaiola, eu passava

incessantemente da inquietação que Albertine pudesse partir a uma relativa calma. Essa calma era

produzida pelo raciocínio que eu recomeçava diversas vezes por minuto: "Em todo caso, ela não pode

partir sem me avisar, de maneira nenhuma ela me disse que partiria", e me sentia mais ou menos

sossegado.

Mas logo me repetia: "Contudo, e se amanhã descobrir que ela foi embora? Minha inquietação é

causada por alguma coisa; por que será que ela não me beijou?" Aí sentia o coração horrivelmente

apertado. Depois, ele sossegava um pouco por causa do raciocínio que eu recomeçava, mas eu acabava

por ter dor de cabeça, pois esse vai-e-vem do pensamento era por demais incessante e monótono.

Assim, há certos estados morais, notadamente a inquietação, que, apresentando-nos apenas duas

alternativas, têm algo de tão atrozmente limitado quanto um simples sofrimento físico. Eu refazia

perpetuamente o raciocínio que dava razão à minha inquietude e também aquele que não lhe dava e me

tranqüilizava, como o doente que, num espaço tão exíguo, apalpa sem cessar, com um movimento

interno, o órgão que o faz sofrer, afasta-se por um instante do ponto doloroso para voltar a ele um

momento após. De súbito, no silêncio da noite, feriu-me um ruído de aparência insignificante mas que me

encheu de terror, o ruído da janela de Albertine que se abria violentamente. Quando não ouvi mais nada,

indaguei a mim mesmo por que esse ruído me causara tanto pavor. Em si mesmo, nada tinha de tão

extraordinário; mas provavelmente eu lhe atribuía dois sentidos que igualmente me aterrorizavam.

Primeiro, era uma convenção de nossa vida comum, já que eu receava as correntes de ar, que jamais se

abrisse a janela à noite. Tinham-no explicado a Albertine quando ela veio morar em nossa casa, e,

embora estivesse convencida que aquilo era uma mania de minha parte, mania aliás malsã, prometera-

me que nunca haveria de infringir essa defesa. E ela se mostrava tão receosa com todas essas minhas

vontades, conquanto as censurasse, que seria mais fácil que dormisse com o cheiro do fogo na lareira do

que abrisse a janela, assim como mesmo para o fato mais importante não teria me mandado acordar de

manhã. Não passava aquilo de uma das pequenas convenções da nossa vida,

mas, no momento em que

ela violava aquela sem me haver prevenido, não quereria isto dizer que ela nada mais trataria com

deferência a meu respeito e violaria todas as outras da mesma forma? Além disso, o ruído fora violento,

quase mal-educado, como rubra de cólera, tivesse aberto e dito: "Esta vida me sufoca, tanto pior, que ar!"

Não disse comigo exatamente tudo isto, mas continuei a pensar, como presságio mais misterioso e mais

fúnebre que um pio de coruja, naquele janela que Albertine abrira. Numa agitação como talvez não tivera

desde noite em Combray, quando Swann jantara em nossa casa, caminhei a noite inteira pelo corredor,

esperando, pelo barulho que fazia, atrair a atenção de Albertine que ela tivesse pena de mim e me

chamasse, mas não ouvia rumor algum vindo de seu quarto. Em Combray, pedira a minha mãe que

voltasse. Mas, no caso de mãe eu só temia a sua cólera, sabia que seu afeto não diminuiria se lhe

testemunhasse o meu. Isto me fez demorar a chamar Albertine. Pouco a pouco sentia que estava ficando

tarde demais. Ela devia estar dormindo há muito. Voltei a deitar.

No dia seguinte, logo que acordei, como nunca entravam no meu quarto, houvesse o que

houvesse, sem que eu tivesse chamado, toquei a campainha para chamar Françoise. E ao mesmo

tempo, pensei: "Vou falar a Albertine de um iate que vou encomendar para ela." Apanhando minhas

cartas, disse a Françoise sem encará-la:

- Daqui a pouco tenho uma coisa a dizer à Srta. Albertine; ela já se levantou?

- Levantou cedo.-

Senti erguerem-se em mim, como num vendaval, mil inquietações que eu não podia sufocar no

peito. O tumulto era nele tão grande que eu estava a ponto de perder o fôlego como numa tempestade.

- Ah, mas onde está ela no momento?

- Deve estar no quarto.

- Muito bem; vou vê-la daqui a pouco. -

Respirei, ela estava em casa, minha agitação cessou. Era-me quase indiferente que estive. Além

disso, não fora absurdo supor que poderia não estar? Adormeci, mas, a segurança da minha certeza de

que ela não me deixaria, com um sono leve e de uma fé somente a ela relativa. Pois os ruídos que só se

podiam atribuir a trabalhos no ouvindo vagamente enquanto dormia, deixavam-me tranqüilo; ao passo

mais leve frêmito que proviesse do seu quarto ou quando ela saía à rua ou sem ruído, apertando tão de

leve o botão da campainha, sobressaltava-me, fazia-me estremecer da cabeça aos pés, deixava-me o

coração batendo, embora tinha o ouvido numa sonolência profunda, assim como a minha avó nos últimos

dias precederam a sua morte, quando, estando ela mergulhada numa imobilidade que nada perturbava e

que os médicos denominam coma, punha-se, pelo que disseram, a tremer por um instante como uma

folha ao ouvir os três toques da campainha com que eu me acostumara a chamar Françoise, e que,

mesmo o mais de leve naquela semana, para não perturbar o silêncio da câmara mortuária ninguém,

afirmava Françoise, podia confundir-devido a um modo que eu ignorava, de apertar a campainha-com os

toques de qualquer outra pessoa, eu também estava entrado em agonia? Seria isso a aproximação da

morte?

Nesse dia e no dia seguinte saímos juntos, visto que Albertine já queria sair com Andrée. Não

cheguei sequer a lhe falar do iate; aqueles passeios haviam me tranqüilizado inteiramente. Porém ela

continuara à noite a me beijar da mesma forma nova, de modo que eu andava furioso. Só podia ver nisso

uma forma de mostrar que estava amuada comigo, o que me parecia extremamente ridículo depois das

amabilidades que eu não cessava de lhe fazer. Assim, não tendo dela nem mesmo as satisfações carnais

de que fazia tanto empenho, achando-a feia no seu mau humor, senti mais vivamente a privação de todas

as mulheres e das viagens, cujo desejo aqueles primeiros dias de primavera despertavam em mim. Sem

dúvida, graças às recordações esparsas de encontros esquecidos que tivera, ainda no colégio, com

mulheres, sob a folhagem já espessa, aquela zona da primavera em que a viagem de nossa morada

errante através das estações acabara por se interromper havia três dias, sob um céu clemente, e cujas

estradas fugiam todas para almoços no campo, passeios de bote, excursões de recreio, parecia-me o

país das mulheres tanto quanto era o das árvores, e onde o prazer ofertado em todas as partes se

tornava permitido às minhas forças convalescentes. A resignação à preguiça, a resignação à castidade, a

conhecer o gozo unicamente com uma mulher que eu não amava, a resignação de permanecer no meu

quarto, de não viajar, tudo isso era possível no mundo antigo, onde ainda estávamos na véspera, no

mundo vazio do inverno, porém não mais naquele universo novo, cheio de folhagens, onde eu havia

despertado como um novo Adão para o qual se coloca pela primeira vez a questão da existência, da

felicidade, e sobre quem não pesa a acumulação das soluções negativas anteriores. A presença de

Albertine era um peso; eu a olhava, doce e enfadonha, sentindo que era uma pena que não tivéssemos

rompido. Desejava ir a Veneza, desejava, enquanto isso, ir ao Louvre para ver quadros venezianos e ao

Luxemburgo para ver os dois Elstir que, conforme acabava de saber, a princesa

de Guermantes vendera

recentemente àquele museu, os dois que eu tanto admirara na casa da duquesa de Guermantes: *Os*

prazeres da dança e Retrato da família X. Mas receava que, no primeiro, certas poses lascivas dessem a

Albertine um desejo, uma nostalgia de festividades populares, fazendo-a dizer consigo que talvez uma

certa vida que não levara, uma vida de fogos de artifício e de tabernas, tivesse os seus encantos. Já de

antemão, receava eu que no dia 14 de julho ela me pedisse para ir a um baile popular e sonhava com um

acontecimento impossível que suprimisse tal festa. E depois, havia também nos Elstirs nudezas de

mulheres nas paisagens frondosas do Sul que podiam fazer Albertine pensar em certos prazeres, se bem

que Elstir (mas não rebaixaria Albertine a obra?) pretendesse apenas a beleza escultural, ou melhor, a

beleza de brancos monumentos que assumem os corpos de mulheres quando sentados na relva. Assim,

resignei-me a desistir de tudo isso e senti vontade de ir a Versalhes. Albertine, que não quisera sair com

Andrée, ficara lendo no quarto, vestida com um *peignoir* de Fortuny. Perguntei se queria ir a Versalhes.

Ela tinha isto de encantador: Estava sempre disposta a tudo, talvez devido ao seu hábito antigo de viver

metade do tempo na casa dos outros, e, como em dois minutos resolvera voltar e ir à Paris, disse:

- Posso ir deste jeito se não descermos do carro. -

Hesitou um entre dois casacos de Fortuny para pôr sobre o *peignoir*-como teria feito e amigos

diversos a levar-, escolheu um azul-escuro, admirável, pregou um no chapéu. Aprontou-se num minuto,

antes que eu tivesse tido tempo de por o paletó, e fomos para Versalhes. Essa mesma rapidez, essa

docilidade absoluta me deixaram mais tranqüilo, como se eu, sem ter nenhum motivo preciso de

distração, necessitasse ficar preocupado. "Afinal não tenho nada a temer, ela faz o que lhe peço, apesar

do barulho da janela a noite passada. Logo que falei em sair colocou esse casaco azul sobre o *peignoir* e

veio, não é o que teria feito revoltada, uma pessoa que não se sentisse bem comigo" era o que dizia

mesmo enquanto íamos a caminho de Versalhes. Ficamos por lá muito tempo. O céu inteiro mostrava o

azul radioso e um tanto pálido, como o vê por vezes de sua cabeça, o passeante deitado no campo, mas

de tal modo uniforme, de modo profundo, que se sente que o azul que o compõe foi empregado sem

qualquer mistura e com tão inesgotável riqueza que seria possível lhe aprofundasse uma vez mais a

substância sem encontrar um só átomo de outra coisa que não aquele mesmo azul. Eu pensava em

minha avó, que, na arte humana, na natureza, apreciava a grandiosidade e se comprazia em contemplar,

naquele mesmo céu, a subida do campanário de Saint-Hilaire. De repente, senti de novo a volta de minha

liberdade perdida ao ouvir um rumor que a princípio não reconheci que minha avó teria apreciado tanto.

Era como o zumbido de uma vespa.

- Veja, Albertine-, é um aeroplano, está muito alto, bem alto.-

Eu olhava a meu redor como o passeante deitado num campo, só via a palidez intacta do azul

sem qualquer mancha preta. Contudo ouvia sempre o zumbido de asas que de súbito entraram no meu

campo de visão. Lá no alto, minúsculas e brilhantes castanhas franziam o azul uniforme do céu

inalterável. Por fim consegui ver zumbido à sua causa, àquele pequeno inseto que trepidava lá em cima,

a uns bons dois mil metros de altura; via-o zunir. Talvez quando as distâncias da terra, não havia muito

tempo, ainda não estavam encurtadas pela velocidade como estão agora, o silvo de um trem que

passasse a dois quilômetros fosse dotado de beleza que hoje, e por algum tempo ainda, emociona-nos

no zumbido de aeroplano a dois mil metros de altura, à idéia de que as distâncias percorridas em viagem

verticais, são as mesmas que sobre o solo, e que nesta nova direção, essas medidas nos parecem

diferentes porque o acesso se nos afigurava inacessível ao aeroplano a dois mil metros não está mais

longe que um trem a dois quilômetros- está mais perto até, pois o trajeto idêntico se efetua num meio

mais puro, separação entre o viajante e seu ponto de partida, do mesmo modo que sobre as planícies,

num tempo calmo, a esteira de um navio já distante ou o sopro de uma só brisa riscam o oceano das

águas e dos trigais.

Eu tinha vontade de merendar. Paramos numa grande confeitaria situada se fora da cidade e que,

àquela época, gozava de certa fama. Vi sair uma senhora que fizera suas encomendas à pasteleira. E,

logo que a tal senhora partiu, Albertine olhou a pasteleira diversas vezes como se quisesse atrair a sua

atenção, enquanto a pasteleira arrumava taças, pratos e sequilhos, pois já era tarde. A moça só chegava

à nossa mesa quando eu pedia alguma coisa. E acontecia então que, como ela era muito alta, ficava de

pé para nos servir e Albertine, sentada ao meu lado, cada vez que, para tentar atrair a atenção da moça,

erguia verticalmente para ela um olhar que era forçado a elevar tanto mais alto a pupila quanto, estando a

pasteleira juntinho de nós, não tinha o recurso de suavizar o declive pela obliqüidade do olhar. Era

obrigada, sem erguer demais a cabeça, a fazer seus olhares subirem até àquela altura desmesurada

onde ficavam os olhos da pasteleira. Por amabilidade para comigo, Albertine voltava a abaixar vivamente

os olhares e, não tendo a pasteleira prestado nenhuma atenção nela, recomeçava. Isto resultava numa

série de inúteis elevações imploradas para uma divindade inacessível. Depois, a moça só precisou

arrumar uma grande mesa vizinha. Para lá, bastava o olhar de Albertine ser apenas lateral. Mas nenhuma

vez o olhar da pasteleira pousou sobre a minha amiga. Aquilo não me espantava, pois sabia que essa

moça, a quem conhecia um pouco, tinha amantes, embora fosse casada, mas ocultava perfeitamente os

seus casos, o que me assombrava bastante devido à sua enorme estupidez. Observei-a enquanto

acabávamos de comer. Ocupada com seus arranjos, ela se tornava quase descortês para com Albertine

de tanto não ter um olhar que correspondesse aos olhares de minha amiga, os quais, de resto, nada

tinham de inconvenientes. A outra arrumava sem cessar, sem qualquer distração. Se a colocação em

ordem das colherzinhas, das facas de frutas, fosse confiada, não a essa mulher alta e bonita, mas, por

economia de trabalho humano, a uma simples máquina, não se poderia ter visto isolamento tão completo

em relação à atenção de Albertine; e no entanto ela não baixava os olhos, não se absorvia, deixava

brilhar seus olhos, seus encantos, prestando atenção apenas ao seu trabalho. É verdade que se essa

moça não fosse uma mulher tão particularmente estúpida (não só era essa a sua

reputação, como eu

sabia por experiência própria), aquele desprendimento poderia ser tido como o cúmulo da habilidade. E

eu bem sabia que a criatura mais estúpida, se estiver em 1090 o seu desejo ou interesse, pode, neste

caso único, em meio à nulidade de sua vida nada inteligente, adaptar-se de imediato às rodas da mais

complicada engrenagem; de qualquer modo, seria uma suposição por demais sutil para uma mulher tão

néscia como a pasteleira. Tal necessidade assumia até um contorno incrível de grosseria. Nem uma só

vez olhou para Albertine, a quem no entanto não podia deixar de ver era pouco amável para minha

amiga, mas no fundo fiquei encantado que Albertine recebesse aquela liçãozinha e visse que muitas

vezes as mulheres não lhe chamara a atenção.

Deixamos a confeitaria, subimos para o carro e já tínhamos retomado o caminho de casa quando

de súbito percebi que me esquecera de chamar à parte aquela moça e pedir-lhe, como que por acaso,

que não dissesse à senhora que havia saído quando chegáramos, o meu nome e endereço da pasteleira,

devido às constantes encomendas que lhe fazia, deveria conhecer certamente. De fato, era dispensável

que, desse modo, a senhora soubesse em mente do endereço de Albertine. Porém, achei que seria

demora demais tão pequena, e que isso pareceria lhe dar excessiva importância aos olhos da pasteleira

mentirosa e imbecil. Pensei apenas que seria necessário merendar ali uma semana, a fim de fazer essa

recomendação, e como é bem aborrecido conhecermos sempre a metade das coisas que temos a dizer,

assim como não coisas mais simples de uma só vez.

Chegamos em casa bem tarde, numa noite onde, aqui e ali, à beira do caminho, uma calça rubra

ao lado de uma saia, revelava casais de namorados. Pelo carro passou pela porta Maillot para entrar na

cidade. Aos monumentos que substituíra, puro, linear, sem espessura, o desenho dos monumentos como

se teria feito para uma cidade destruída cuja planta se quisesse elevar. Em torno dela se erguia com tanta

suavidade a orla azul pálido sobre a qual se destacava, que os olhos sequiosos buscavam ainda por

todos os lados daquele matiz delicioso que lhes era muito avaramente medido: fazia luar. Albertine

admirou. Não me animei a dizer-lhe que o teria desfrutado melhor sozinho ou à procura de uma

desconhecida. Recitei-lhe versos ou frases e sobre o luar, mostrando-lhe como, de prateado que fora

antigamente, ficou com Chateaubriand, com o Victor Hugo de *Éviradnus* e de *A festa em Thérese*, para

tornar-se amarelo e metálico em Baudelaire e Leconte depois, recordando-lhe a imagem que representa o

crescente lunar no fim adormecido, recitei-lhe todo o poema.

Quando volto a pensar nisso, não sei dizer o quanto a vida de Albertine, recoberta de desejos

alternados, fugidios, muitas vezes contraditórios. Sem a mentira complicava-a ainda mais, pois não mais

se lembrando com exatidão nossas conversas, quando me dizia:

- Ah, ali está uma bonita moça e que golfe muito bem - e eu lhe perguntava o nome da moça, ela

respondia com ar distraído, universal, superior, que, é claro, sempre tem partes disponíveis; pois o

mentiroso dessa categoria o toma de empréstimo por um instante todas que não deseja responder a uma

pergunta, e nunca lhe faz falta:

- Ah, (lamentando não poder informar-me), nunca soube o seu nome, via-a no golfe, não sabia

como se chamava-; se um mês depois eu lhe dizia:

- Albertine aquela moça de que me falaste, que jogava golfe tão bem.

- Ah, sim - respondia sem refletir -, Émilie Daltier, não sei que fim levou.-

E a mentira, como um *cação* de campanha, passava da defesa do nome, agora conquistado, para

a de possibilidades de tornar a encontrá-la.

- Ah, não sei, nunca soube do seu endereço.

Como se não soubesse de ninguém que pudesse lhe informar.

- Oh não, Andrée não a conheceu. Ela não era do nosso pequeno grupo, hoje tão dividido. -

De outras vezes, a mentira era feito uma confissão vil:

- Ah, se eu tivesse trezentos mil francos de renda... -

Mordia os lábios.

- Muito bem, o que farias?

- Pediria licença - dizia ela beijando-me - para ficar em tua casa. Onde poderia ser mais feliz?-

Porém, mesmo levando em conta as mentiras, era incrível a que ponto sua vida era sucessiva, e

fugidios os seus maiores desejos. Mostrava-se louca por uma pessoa e, três dias depois, não queria mais

receber sua visita. Era incapaz de esperar uma hora que eu mandasse lhe comprar telas e tintas, pois

desejava recomeçar a pintar. Durante dois dias ficava impaciente, chegava às lágrimas, logo enxutas, de

criança a quem tiraram a ama. E essa instabilidade de sentimentos em relação às pessoas, às coisas, às

ocupações, às artes e às regiões, era na verdade tão universal que, se ela amou o dinheiro, o que não

acredito, não pôde amá-lo por mais tempo que o resto. Quando dizia:

- Ah, se eu tivesse trezentos mil francos de renda! -, mesmo que expressasse um pensamento

mau, mas bem pouco duradouro, não teria podido persistir nele por mais tempo que no desejo de ir aos

Rochers, cuja imagem lhe fora mostrada numa edição da Sra. de Sévigné que pertencera à minha avó,

no de reencontrar uma amiga do golfe, de subir num aeroplano, de ir passar o

Natal com a tia, ou de

recomeçar a pintar.

- No fundo, nenhum de nós tem fome, poderíamos passar na casa dos Verdurin propôs Albertine. -

É a hora e o dia deles.

- Mas você não anda zangada com eles? -

- Oh, fazem muita intriga contra eles, mas no fundo não são tão maus assim. A Sra. Verdurin

sempre foi muito gentil comigo. E além disso, a gente não pode estar brigada sempre com todo mundo.

Eles têm defeitos, mas quem é que não têm?

- Você não está bem vestida. Precisa chegar em casa para se vestir, ficaria muito tarde.

- Sim, tem razão, voltemos simplesmente para casa - respondeu Albertine, com aquela admirável

docilidade que me assombrava sempre.

O bom tempo, nessa noite, deu um salto para diante, como um termômetro que sobe com o calor.

Quando acordei, de minha cama, nessas manhãs de primavera cedo nascidas, ouvia os bondes andando,

através dos odores, no ar em que o calor se misturava cada vez mais até atingir a solidificação e a

densidade do meio-dia. Mais fresco, ao contrário, no meu quarto, quando o ar untuoso acabara de nele

envernizar e isolar o cheiro do lavabo, o cheiro do armário, o cheiro do canapé, às simples nitidez com

que, verticais e aprumados, todos esses cheiros se mantinham em camadas justapostas e distintas, num

claro-escuro nacarado que acrescentava um polimento mais suave ao reflexo das cortinas e das

poltronas de cetim azul, eu me via, não por um simples capricho de minha imaginação, mas porque era

de fato possível, seguindo em algum bairro novo do arrabalde, igual àquele onde em Balbec morava

Bloch, as ruas ofuscadas pelo sol, e vendo não os açougues sem a branca pedra de cantaria, mas a sala

de jantar do campo onde poderia chegar em breve, e os odores que iria encontrar ali, o odor da

compoteira de damascos, da cidra, do queijo *gruyere*, mantidos em suspensão na congelação da sombra

que eles delicadamente cobriam de veios, como o de uma ágata, ao passo que os descansa-talheres de

vidro prismático matiz arco-íris os põem aqui e ali, no oleado da toalha de mesa.

Como o vento que refresca em progressão regular, ouvi um ronco de um automóvel debaixo da

minha janela. Senti seu cheiro de gasolina. Cheiro que pode parecer lastimável aos delicados (que são

sempre materialistas para quem ele estraga o campo) e a certos pensadores, também materialistas de

maneira, que, acreditando na importância do fato, imaginam que o homem mais feliz, capaz de mais

elevada poesia, se seus olhos fossem suscetíveis à mais cores, suas narinas de identificar mais aroma,

travesti filosófico da idéia; daqueles que crêem que a vida era mais bela quando se usava, em casaca

preta, roupas suntuosas. Mas para mim (assim como um cheiro de naftalina ou de *vetiver*, talvez

desagradável em si mesmo, ter-me-ia exalado o azul pureza do mar no dia de minha chegada a Balbec),

esse cheiro, com a fumaça que se escapava da máquina, tantas vezes se dissipara no azul do céu,

nesses dias ardentes em que eu ia de Saint-Jean-de-la-Haise à Gourvil e; assim como me acompanhara

nos meus passeios, enquanto Albertine ficara pintando, fazia florir agora, pelos meus dois lados, embora

eu estivesse no meu quarto em penumbra, os acianos, as papoulas e os trevos vermelhos, embriagava-

me como um aroma campestre, não circunscrito e fixo, como o que sentimos dos espinheiros-alvares e,

retido por seus elementos untuosos e densos, com certa estabilidade diante da sebe, mas um cheiro em

cuja presença fluía estradas, mudava o aspecto do solo, acorriam os castelos, empalidecia o céu,

multiplicavam-se as forças; um cheiro que era como um símbolo de vigor da cidade, e que renovava o

desejo que eu tivera em Balbec de subir à jaula de aço, mas desta vez não para fazer visitas em casas

familiares com uma mulher; a quem conhecia demais, mas de fazer amor em lugares novos com uma

mulher desconhecida. Cheiro que a todo instante acompanhava o apelo das

buzinas dos automóveis que

passavam, ao qual eu adaptava palavras com um toque militar: “Parisiense, ergue-te, ergue-te, vem

almoçar no campo e passear de bote no sombra das árvores, com uma jovem bonita; ergue-te, ergue-te."

E todos devaneios eram-me tão agradáveis que me felicitei pela "lei severa" que faz que, enquanto eu

não apertasse o botão da campainha, nenhum "tímido mortal”, fosse Françoise, fosse Albertine, se

lembraria de vir perturbar-me "no fundo do palácio", onde: “*une majesté terrible/ Affecte à mes sujets de*

me rendre invisible.”

[Racine ato I, cena III (*uma terrível majestade / impressiona meus súditos para me tornar invisível*.)]

Mas de repente o cenário mudou; não foi mais a lembrança de impressões antigas, mas de um

velho desejo, recentemente desperto de novo pelo chambre azul e dourado de Fortuny, que estendeu à

minha frente uma outra primavera, uma primavera já de modo algum folhuda mas subitamente despojada,

ao contrário de suas árvores e de suas flores, por aquele nome que eu acabava de dizer para mim

mesmo: "Veneza", uma primavera decantada, reduzida à sua essência, e traduzindo o alongamento, o

aquecimento e o desabrochar de seus dias pela fermentação progressiva, não mais de uma terra impura

mas de uma água azul e virgem, primaveril sem trazer corolas, e que não poderia responder ao mês de

maio senão por reflexos, trabalhada por ele, concordando exatamente com ele na nudez radiosa e fixa de

sua safira escura. Afinal, assim como as estações de braços de mar enflorescíveis, os anos modernos

não trazem qualquer mudança à cidade gótica; eu o sabia, não podia imaginá-lo, ou, imaginando-o, eis o

que eu queria com o mesmo desejo que outrora, quando era criança, no próprio ardor da partida,

quebrara em mim a força de partir: encontrar-me face a face com minhas imaginações venezianas,

contemplar de que modo aquele mar dividido estreitava nos seus meandros, como as ondulações do mar

Oceano, uma civilização urbana e requintada, mas que, isolada por sua cinta cerúlea, desenvolvera-se à

parte, tivera à parte suas escolas de pintura e de arquitetura fabuloso jardim de frutas e pássaros de

pedra de cor, florescido em meio ao mar que vinha refrescá-lo, batia com seu fluxo no fuste das colunas

e, sobre o vigoroso relevo dos capitéis, como um olhar de azul profundo que vigia na sombra, pousava

que nem manchas e fazia revolver perpetuamente a luz.

Sim, era necessário partir, era aquele o momento. Desde que Albertine já não parecia zangada

comigo, sua posse não mais se me afigurava um bem em troca do qual estamos a ponto de doar todos os

outros. Talvez porque o teríamos feito para livrar-nos de uma pena, de uma ansiedade, que agora já se

acalmaram. Conseguimos transpor o arco de pano através do qual tínhamos pensado por um instante

jamais poder passar. Aclaramos a tempestade, restauramos a serenidade do sorriso. O mistério

angustiante de um ódio sem causa conhecida, e talvez sem fim, já se dissipou. Daí então nos

encontramos face a face com o problema, provisoriamente afastado, de uma felicidade que sabemos

impossível. Agora que a vida com Albertine voltara a ser possível, senti que dela só me poderiam vir

aborrecimentos, pois Albertine não me amava; seria preferível abandoná-la com a doçura do seu

consentimento, que eu haveria de prolongar nas recordações. Sim, era o momento; faltava informar-me

com exatidão sobre a data em que Andrée deixaria Paris, energicamente com a Sra. Bontemps de modo

a ficar bem certo de que ocasião Albertine não poderia ir nem à Holanda nem a Montjouvain. Se melhor

analisássemos os nossos amores, veríamos que muitas vezes as mulheres nos agradam por causa da

concorrência de homens com quem tivemos de duelar; suprimida essa concorrência, decai o encanto da

mulher. Tem-se do exemplo doloroso e prévio na predileção dos homens pelas mulheres que, a conhecê-

los, cometeram faltas, pelas mulheres que eles sentem que estão do perigo e que

lhes é necessário

reconquistar por todo o tempo que lhes sintam amor; ou, ao contrário, o exemplo posterior e de modo

algum dramático homem que, sentindo diminuir seu afeto pela mulher amada, aplica esporadicamente as

regras que descobriu e, para se assegurar de que não deixa de mulher, a introduz num ambiente

perigoso onde é necessário protegê-la por alguns dias. (O contrário dos homens que exigem que uma

mulher renuncie conquanto fosse por ter ela trabalhado no teatro que vieram a amá-la.)

E quando, desse modo, a partida de Albertine já não oferecesse inconvenientes, convinha

escolher um dia bonito como este- íamos ter muitos e ela me seria indiferente, em que eu ficaria tentado

por mil desejos; seria deixá-la partir sem vê-la, e depois, levantando-me e vestindo-me depressa, e lhe

escrevesse um bilhete, aproveitando-me do fato de que, não podendo ela por sua vez ir a nenhum lugar

que me preocupasse, poderia eu conseguir, durante a viagem imaginar os maus atos que pudesse

cometer, e que nesse momento me pareciam, aliás, bem indiferentes e, sem tornar a vê-la, partir para

Veneza.

Toquei a campainha chamando Françoise, para lhe pedir que me fosse comprar um guia e um

indicador, como fizera em criança quando já desejara preparar uma viagem à Veneza; sensação de um

desejo tão violento como o que tinha naquele instante; esqueci desde então, havia um desejo que

satisfizera sem nenhum prazer, o desejo, Balbec, e que Veneza, sendo também um fenômeno visível,

provavelmente poderia realizar, mais que Balbec, um sonho inefável, o do tempo gótico atulhado de um

mar primaveril e que a todo instante vinha roçar o meu espírito com a imagem encantada, acariciante,

inapreensível, misteriosa e confusa.

Tendo o meu toque, Françoise entrou, bastante inquieta de como eu receberia suas palavras e

atitude.

- Estava muito preocupada - disse ela - porque o senhor me chamou tão tarde hoje. Não sabia o

que deveria fazer. Esta manhã, às oito horas, Albertine me pediu suas malas, não ousei recusar, tive

medo de que o senhor brigasse comigo se fosse acordá-lo. Tentei catequizá-la, dizer que esperasse a

hora, pois pensava sempre que o senhor ia me chamar. Ela não quis, deixou uma carta para o senhor, e

às nove horas foi embora. -

E então até que ponto podemos ignorar o que se passa em nós, pois estava persuadido de minha

indiferença por Albertine... Perdi o fôlego, apertei o coração com ambas as

mãos, subitamente

umedecidas com um certo suor que jamais tivera desde a revelação que minha amiga me fizera no

trenzinho quanto à amiga da Srta. Vinteuil, sem poder dizer mais que:

- Ah, pois bem, Françoise, obrigado; é claro que fez bem em não me acordar, deixe-me por um

momento, daqui a pouco tocarei a campainha.

F I M